



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA**

Marcio José Rosa de Carvalho

**MAX WEBER NO BRASIL E NO MUNDO:**

Sociologia da circulação internacional (1889–1920) e  
da recepção nacional brasileira (1925–2015) das obras weberianas

Florianópolis  
2022

Marcio José Rosa de Carvalho

**MAX WEBER NO BRASIL E NO MUNDO:**  
Sociologia da circulação internacional (1889–1920) e  
da recepção nacional brasileira (1925–2015) das obras weberianas

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação  
em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.  
**Orientador:** Prof. Carlos Eduardo Sell, Dr.

Florianópolis  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Carvalho, Marcio José Rosa de  
Max Weber no Brasil e no mundo: : Sociologia da  
circulação internacional (1889-1920) e da recepção nacional  
brasileira (1925-2015) das obras weberianas / Marcio José  
Rosa de Carvalho ; orientador, Carlos Eduardo Sell, 2022.  
360 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa  
de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política,  
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Sociologia e Ciência Política. 2. Max Weber. 3.  
Sociologia da Recepção. 4. Sociologia da circulação de  
ideias. 5. Recepção brasileira. I. Sell, Carlos Eduardo .  
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação em Sociologia e Ciência Política. III. Título.

Marcio José Rosa de Carvalho

**MAX WEBER NO BRASIL E NO MUNDO:**  
Sociologia da circulação internacional (1889–1920) e  
da recepção nacional brasileira (1925–2015) das obras weberianas

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca  
examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Glaucia Kruse Villas Bôas, Dra.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Ulisses do Valle, Dr.  
Universidade Federal de Goiás

Prof. Luiz Gustavo da Cunha de Souza, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi  
julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Sociologia e Ciências  
Políticas.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof. Carlos Eduardo Sell, Dr.  
Orientador

Florianópolis, 2022.

*À minha pequena, esperta e linda filha:*

*Íris, que o mundo seja para você  
um parque, um laboratório e uma promessa!*

## AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer publicamente é um rito ambivalente. É justo, na medida em que reconhece a importância de pessoas e instituições na trajetória pessoal. É injusto, na medida em que sempre omite, apaga, esquece e falha em estender o benefício do reconhecimento a alguém que o mereça.

Quero começar por agradecer ao CNPq e à Capes, duas instituições indispensáveis ao apoio à pesquisa nacional, sem as quais, não conseguiria ter realizado a pesquisa de Mestrado e esta pesquisa de Doutorado. A ciência brasileira precisa continuar viva e ativa. Novas demandas em todas as áreas surgem a cada dia e estas duas agências representam não apenas o fomento econômico, mas o estímulo, a vanguarda e a defesa da ciência com compromisso público. Nesta linha, agradeço à educação *pública, gratuita e de qualidade* que recebi pela Universidade Federal de Santa Catarina e ao corpo docente da Graduação em Ciências Sociais e Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP), com os quais tanto aprendi em uma longa jornada desde 2007. Um agradecimento a cada membro do PPGSP, docentes, técnicos e colegas estudantes. A trajetória no PPGSP foi rica, tanto no Grupo de Estudos sobre o Pensamento de Weber, quanto na gestão da Revista Em Tese. Além de outras valiosas experiências de trocas e aprendizados.

Destes Professores e Professoras, um agradecimento mais do que especial ao meu orientador, Professor Carlos Eduardo Sell. Sempre generoso ao partilhar conhecimento e elegante ao nos mostrar a direção do acerto.

Agradeço a minha Mãe, Antônia de Fátima Rosa e a meus irmãos e irmãs. A torcida e o incentivo de vocês são indispensáveis para o meu crescimento contínuo.

Agradeço a minha esposa, mãe de minha filha, a socióloga Neivânia S. Theodoro, parceira de reflexões cotidianas e conversas intermináveis. Agradeço, também, a sua família, que me acolheu com amor, cuidado e afeto.

Agradeço a minha filha, Íris Theodoro de Carvalho, minha professora mais importante na jornada da vida. Com ela, aprendo como expressar melhor a minha humanidade, a importância do legado e a beleza do amadurecimento típico da paternidade.

Agradeço aos amigos e amigas, companheiros de jornada. É tanto o bem que recebi nesta vida que não poderia listar todos os nomes aqui. Espero que consiga agradecer a cada um e cada uma pessoalmente.

Manifesto, também, minha gratidão em forma de homenagem póstuma ao meu pai, Joaquim Afonso de Carvalho, que fundou as bases do meu caráter; ao divulgador científico Carl Sagan, que assentou as bases do meu amor pela ciência; e, finalmente, ao próprio Max Weber, que fundou as bases da minha paixão pela sociologia.

A todos os sociólogos e sociólogas que vieram antes de mim, abrindo caminho para as novas gerações, muito obrigado!

*“Que coisa espantosa é um livro. É um objeto achatado feito a partir de uma árvore, com partes flexíveis em que são impressos montes de rabiscos escuros engraçados. Mas basta um olhar para ele e você está dentro da mente de outra pessoa, talvez alguém morto há milhares de anos. Através dos milênios, um autor está falando claramente e em silêncio dentro de sua cabeça, diretamente para você. A escrita é talvez a maior das invenções humanas, unindo pessoas que nunca se conheceram, cidadãos de épocas distantes. Livros rompem as amarras do tempo. Um livro é a prova de que os seres humanos são capazes de fazer magia.”*

— Carl Sagan, no episódio *A Persistência da Memória*,  
(Série *Cosmos: A Personal Voyage*, de 1980).

*“Honrar um pensador não é elogiá-lo, nem mesmo interpretá-lo, mas discutir sua obra, mantendo-o, desta forma, vivo, e demonstrando em ato, que ele desafia o tempo e mantém a sua relevância.”*

— Castoriadis sobre Hannah Arendt, em 1981.  
(*Os destinos do totalitarismo*, 1985, p. 07).



## RESUMO

A sociologia da recepção das ideias é um subcampo da sociologia que tem ganhado fôlego expressivo desde o último quarto do século passado. Surgida como uma extensão da sociologia da literatura, a sociologia da recepção oferece ferramentas heurísticas e empíricas para o exame dos componentes externos às obras analisadas, para além de seus elementos textuais (iminentes) ou contextuais (transcendentes). A sociologia da recepção se interessa, sobretudo, pela força dos elementos sociais que consagram ou obliteram uma obra ou seu autor, observando os agentes sociais, os mediadores, as redes, o mercado literário, as traduções, as instituições e as estruturas sociais que se entrelaçam ao processo de circulação global ou recepção local das ideias. Esta metodologia tem servido à compreensão e à explicação dos fenômenos de importação e recepção de Max Weber (e outros autores). Contudo, no Brasil há um *gap* de trabalhos de maior fôlego que se coloquem a questão de como se deu a recepção e permanência de Weber no campo intelectual local e de como a circulação internacional deste autor afeta e é afetada pela recepção local. A discussão proposta visa à compreensão destes problemas, investigando as similaridades e peculiaridades entre o processo global e o local sem, contudo, buscar por uma hierarquização axiológica territorial ou um essencialismo regional. Os resultados demonstram que: 1) Weber encontrou alguma resistência de recepção mesmo em sua terra natal, entrando em processo de consolidação “doméstica” apenas a partir dos anos de 1980, após uma lenta reimportação iniciada nos anos de 1960; 2) A circulação internacional de Weber não foi/é harmoniosa ou homogênea, ocorrendo com diferentes tipos de mediações locais, inclusive de tipo crítica; 3) A recepção local de Weber no Brasil é bastante marcada por tendências gerais da circulação global em seus aspectos formais, como o interesse na modernização das instituições, e substantivos como a ideia de interposição teórica a um suposto atraso no desenvolvimento local. Mas recepção local também oferece contribuições originais à compreensão do conjunto da circulação global. Por fim, a análise socioestrutural das fontes e mediadores e o balanço geral da literatura weberiana importada para Brasil apontam para um cenário de iminente defasagem de materiais e de fontes primárias e secundárias utilizadas no meio acadêmico nacional.

**Palavras-chave:** Sociologia da Recepção. Max Weber. Sociologia da circulação de ideias. Recepção brasileira.

## ABSTRACT

The sociology of the reception of ideas is a subfield of sociology which has gained considerable traction since the last quarter of the past century. Emerging as an extension of the sociology of literature, the sociology of reception offers heuristic and empiric tools for examining elements extrinsic to the analyzed works, beyond their textual (immanent) or contextual (transcendent) elements. The sociology of reception is above all interested in the strength of the social elements that enshrine or annihilate a work or its author, considering social agents, mediators, networks, the literary market, translations, institutions and social structures interwoven in the global circulation or local reception of the ideas. This methodology has been put to use for understanding and explaining the import and reception of Max Weber (and other authors). In Brazil, however, there is a lack of works of major significance questioning how Weber was received in the local intellectual field and how he stayed in it, as well as how the international circulation of this author affects and is affected by the local reception. The discussion proposed in this thesis aims at understanding these issues, investigating the similarities and peculiarities between the global and the local processes, without, however, searching for a territorial axiological ranking or a regional essentialism. It is shown that: 1) Weber found some resistance in terms of reception even in his homeland, entering a process of “domestic” consolidation only from the 1980s onward, after a slow repatriation beginning in the 1960s; 2) The international circulation of Weber was/is not harmonious or homogeneous, occurring with different kinds of local mediation, critical ones included; 3) Local reception of Weber in Brazil is strongly marked by general trends of his global circulation in its formal aspects, such as the interest in the modernization of institutions, and in its substantial aspects, such as the idea of theoretical interposition in face of a supposed backwardness in local development. But local reception also offers original contributions to understanding the whole of global circulation. Finally, a sociostructural analysis of sources and mediators, along with a general balance of Weberian literature imported into Brazil, points to a scenario of an imminent lag in primary and secondary sources used by national academics.

**Keywords:** Sociology of reception. Max Weber. Sociology of the circulation of ideas. Brazilian reception.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> — As assinaturas da tríplice sociedade no contrato de publicação da <b>MWG</b> , em 1975.....	76
<b>Figura 2</b> — Lideranças da linhagem editorial das obras de Max Weber na Alemanha .....	104
<b>Figura 3</b> — Traduções mundiais das obras de Max Weber entre 1925 e 2012 .....	114
<b>Figura 4</b> — Max Weber traduzido para o inglês: os principais livros e artigos, 1927–1960 .....	163
<b>Figura 5</b> — Max Weber traduzido para o inglês: os principais livros e artigos, 1960–1912 .....	165
<b>Figura 6</b> — Fontes originais de <b>GAW</b> , em <i>Metodologia das Ciências Sociais</i> , vol. 1 e 2.....	239
<b>Figura 7</b> — Mapa do fluxo editorial de <i>Grundriss der Sozialökonomik (GdS)</i> .....	317
<b>Figura 8</b> — Página de rosto original da “Seção III” de <b>GdS</b> (1922).....	318
<b>Figura 9</b> — Simulacro da divisão de subseções da “Seção III” de GdS .....	319

## LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** — Distribuição por idioma das fontes importadas, traduzidas e publicadas no Brasil .....215
- Gráfico 2** — Fontes-base originais em publicações na recepção brasileira de Weber (1967–2020).222
- Gráfico 3** — Distribuição quantitativa de Fontes-base da recepção de Weber (1967–2020) .....223
- Gráfico 4** — Distribuição temporal de obras de Weber traduzidas e publicadas no Brasil (%) .....254
- Gráfico 5** — Distribuição temporal de obras de Weber traduzidas e publicadas no Brasil (N.ºs) .....254

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> — Publicações de “Auto-organização”, por Max Weber, entre 1889 e 1909.....	67
<b>Quadro 2</b> — Publicações de “Auto-organização”, por Max Weber, entre 1910 e 1920.....	68
<b>Quadro 3</b> — Publicações dos “Ensaio Reunidos”, por Marianne Weber, entre 1921 e 1924 .....	71
<b>Quadro 4</b> — Coletâneas de “Outros escritos”, editadas por Marianne Weber, entre 1921 e 1923.....	72
<b>Quadro 5</b> — Rol dos Membros Fundadores do Projeto MWG .....	86
<b>Quadro 6</b> — Rol dos Membros Fundadores que são Editores de Volumes da MWG.....	87
<b>Quadro 7</b> — Rol dos Editores dos Volumes da MWG .....	88
<b>Quadro 8</b> — Rol dos Editores dos Volumes da MWG (Continuação) .....	89
<b>Quadro 9</b> — Rol dos Membros assistentes da MWG (Funcionários da BADW).....	90
<b>Quadro 10</b> — Rol dos Ex-Membros assistentes da MWG (Funcionários da BADW).....	91
<b>Quadro 11</b> — A MWG: Seção de “Escritos e Discursos” .....	93
<b>Quadro 12</b> — A MWG: Seção de “Escritos e Discursos” (continuação).....	94
<b>Quadro 13</b> — A MWG: Seção de “Escritos e Discursos” (continuação) .....	95
<b>Quadro 14</b> — A MWG: Seção de “Escritos e Discursos” (continuação) .....	96
<b>Quadro 15</b> — A MWG: Seção de “Cartas” .....	97
<b>Quadro 16</b> — A MWG: Seção de “Transcrições de Palestras e Notas de Aulas” .....	98
<b>Quadro 17</b> — Publicação da produção weberiana na França 1959–1992 .....	124
<b>Quadro 18</b> — Grandes eventos editoriais em torno da obra de Max Weber .....	215
<b>Quadro 19</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1960.01).....	226
<b>Quadro 20</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1960.02).....	227
<b>Quadro 21</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1960.03).....	228
<b>Quadro 22</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1970.01).....	229
<b>Quadro 23</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1970.02).....	230
<b>Quadro 24</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1970.03).....	231
<b>Quadro 25</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1970.04).....	232
<b>Quadro 26</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1980.04).....	234
<b>Quadro 27</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1980.02).....	234
<b>Quadro 28</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1980.03).....	235
<b>Quadro 29</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.01).....	236
<b>Quadro 30</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.02).....	237
<b>Quadro 31</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.03).....	238
<b>Quadro 32</b> — Partes de GAW em <i>Metodologia das Ciências Sociais</i> , vol. 1 e 2.....	239
<b>Quadro 33</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.04).....	240
<b>Quadro 34</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.05).....	241
<b>Quadro 35</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.06).....	241
<b>Quadro 36</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.07).....	242
<b>Quadro 37</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.01).....	243
<b>Quadro 38</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.02).....	244

<b>Quadro 39</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.03).....	244
<b>Quadro 40</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.04).....	245
<b>Quadro 41</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.05).....	245
<b>Quadro 42</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.06).....	246
<b>Quadro 43</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.07).....	246
<b>Quadro 44</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.08).....	247
<b>Quadro 45</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.09).....	247
<b>Quadro 46</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.10).....	248
<b>Quadro 47</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.01).....	248
<b>Quadro 48</b> — Apresentação da coletânea <i>O direito na economia e na sociedade</i> .....	249
<b>Quadro 49</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2010.02).....	250
<b>Quadro 50</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2010.03).....	251
<b>Quadro 51</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2010.04).....	252
<b>Quadro 52</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2010.05).....	252
<b>Quadro 53</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2010.06).....	253
<b>Quadro 54</b> — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2010.07).....	253
<b>Quadro 55</b> — A <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> ( <b>WuG</b> ) diluída na <b>MWG</b> .....	321

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> — Partes que compõem a <b>MWG</b> .....	77
<b>Tabela 2</b> — Classificação da MWG em dados de Ordem Editorial e Ordem Temporal .....	99
<b>Tabela 3</b> — Rol dos Membros assistentes da MWG com destaque para os lançamentos.....	101
<b>Tabela 4</b> — Rol dos Ex-Membros assistentes da MWG com destaque para os lançamentos.....	101
<b>Tabela 5</b> — Diferenciação de períodos: Gênese e exportação.....	109
<b>Tabela 6</b> — Análise descritiva dos tipos de recepção: Europa.....	209
<b>Tabela 7</b> — Análise descritiva dos tipos de recepção: Américas .....	210
<b>Tabela 8</b> — Análise descritiva dos tipos de recepção: Oriente Médio e “Mundo Arabe” .....	211
<b>Tabela 9</b> — Análise descritiva dos tipos de recepção: Ásia .....	212
<b>Tabela 10</b> — Três ciclos gerais de exportação/importação de Weber.....	269
<b>Tabela 11</b> — Três ciclos gerais de exportação/importação de Weber.....	270
<b>Tabela 12</b> — Três ciclos editoriais de Weber e as três fases da recepção brasileira (1) .....	304
<b>Tabela 13</b> — Três ciclos editoriais de Weber e as três fases da recepção brasileira (2) .....	305
<b>Tabela 14</b> — Três ciclos editoriais de Weber e as três fases da recepção brasileira (3) .....	306
<b>Tabela 15</b> — Diferenciação de períodos: Gênese e exportação .....	331

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

### Em Alemão<sup>1</sup>:

- Archiv** — *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik.*
- BADW** — *Bayerische Akademie der Wissenschaften.*
- GARS I** — *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie, Band I.*
- GARS II** — *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie, Band II.*
- GARS III** — *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie, Band III.*
- GASS** — *Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik.*
- GASW** — *Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte.*
- GAW** — *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre.*
- GdS**; Grundriss — *Grundriss der Sozialökonomik.*
- GPS** — *Gesammelte Politische Schriften.*
- MWG** — *Max Weber-Gesamtausgabe.*
- PE** — *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus.*
- PE II** — *Die Protestantische Ethik II. Kritiken und Antikritiken.*
- WG** — *Wirtschaftsgeschichte. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte.*
- WuG** — *Wirtschaft und Gesellschaft.*
- WW2** — *World War II.*

### Em português:

- ACB** — *Academia de Ciências da Baviera.*
- CcP** — *Ciência como Profissão/Vocação.*
- EeS** — *Economia e Sociedade.*
- EP**; *A Ética Protestante...* — *A ética protestante e o espírito do capitalismo.*
- ERF** — *Ética religiosa de fraternidade.*
- ES** — *Ensaio de Sociologia.*
- PcP** — *Política como Profissão/Vocação.*

---

<sup>1</sup> Segue-se “o padrão já estabelecido na weberologia”, como indicado por Waizbort (2012, p. 13).



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO I — A RECEPÇÃO DE MAX WEBER NA ALEMANHA</b> .....	<b>45</b>
1.1 MAX WEBER ENTRE OS “MANDARINS ALEMÃES” .....	47
1.2 DEFINIÇÃO DOS TRÊS GRANDES CICLOS EDITORIAIS DE MAX WEBER.....	65
1.2.1 O Primeiro Grande Ciclo Editorial: “Auto-Organização” (1889–1920).....	66
1.2.2 O Segundo Grande Ciclo Editorial: “Publicações Póstumas” (1920–54–70) .....	69
1.2.3 O Terceiro Grande Ciclo Editorial: Max Weber-Gesamtausgabe (1970–2020) .....	73
1.3 MWG: ORGANIZAÇÃO DETALHADA .....	85
1.3.1 MWG I: <i>Schriften und Reden</i> [Escritos e Discursos].....	92
1.3.2 MWG II: <i>Briefe</i> [Cartas] .....	96
1.3.3 MWG III: <i>Vorlesungen</i> [Transcrições de Palestras e Notas de Aulas] .....	98
<b>CAPÍTULO II — A RECEPÇÃO DE MAX WEBER NO MUNDO</b> .....	<b>111</b>
2.1 A RECEPÇÃO INTERNACIONAL: VISÃO GERAL.....	111
2.2 RECEPÇÃO NA EUROPA.....	117
2.3 RECEPÇÃO NAS AMÉRICAS .....	151
2.4 RECEPÇÃO NA ÁSIA.....	176
2.5 RECEPÇÃO NO MÉDIO-ORIENTE E “MUNDO ÁRABE” .....	193
2.6 BALANÇO GERAL .....	206
<b>CAPÍTULO III — A RECEPÇÃO DE MAX WEBER NO BRASIL</b> .....	<b>213</b>
3.1 TENDÊNCIAS GERAIS .....	214
3.2 ANÁLISE SOCIOESTRUTURAL: FONTES E MEDIADORES SOCIAIS.....	216
3.2.1 Fontes-base, idiomas e interesses em publicações brasileiras .....	216
3.2.2 Análise por ordem cronológica das publicações nacionais .....	224
3.2.3 Mediadores Sociais da recepção de Weber no Brasil .....	257
3.3 ANÁLISE HISTÓRICO–DIACRÔNICA: RECEPÇÃO DAS OBRAS E DO PENSAMENTO DE MAX WEBER NO BRASIL.....	267
3.3.1 A primeira onda: o “atraso” brasileiro e o trânsito dos exilados (1925– 1951).....	273
3.3.2 A segunda onda: a consolidação das ciências sociais no Brasil (1951– 1980) .....	288
3.3.3 A terceira onda: a reinterpretação analítica e crítica e a retomada da sociologia weberiana da religião no Brasil (1980– 2010).....	295
3.3.4 Uma perspectiva histórico-sociológica .....	298
3.4 WEBER NO BRASIL E NO MUNDO: UMA RECEPÇÃO COMPARADA.....	303
3.5 “ECONOMIA E SOCIEDADE”: UM ESTUDO DE CASO .....	309
3.5.1 A natureza editorial de WuG.....	312
3.5.2 A diluição da WuG na MWG.....	320
<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>326</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>341</b>



## INTRODUÇÃO

A relação de pesquisa com a recepção de Max Weber que se almeja consolidar neste trabalho não é nova. Primeiramente — embora em um esforço de pesquisador iniciante, candidato ao título de Bacharel em Ciências Sociais — pesquisou-se a repercussão temática das ideias de Weber em artigos de periódicos internacionais hospedados no Portal de Periódicos EBSCOhost (CARVALHO, 2013; 2015). O conjunto dos dados coletados entre os anos de 2009 e 2012 serviu para se elaborar um retrato do debate em torno do pensamento de Max Weber na produção intelectual internacional, abordando apenas autores que lidam diretamente sua obra. Dentre cerca de dois mil resultados obtidos, foram selecionados 458 artigos publicados em periódicos internacionais, cobrindo o fluxo de tempo entre 1934 e 2012. Este material, posteriormente, foi classificado em eixos, dos quais se obtêm três categorias, a saber: 1) grupo temático, conforme as áreas da produção weberiana (Política, Direito, Modernidade, etc.); 2) ano de publicação; 3) idioma em que o trabalho foi publicado. O trabalho conclui que Weber exerce sua vocação de “clássico” — em consonância com a acepção de Jeffrey Alexander (1999) — que renasce na contemporaneidade, e que a reflexão crítica em torno do pensamento de Max Weber (metarreflexão) cresce de maneira considerável tanto pela nova propulsão dada pelo movimento conhecido como *Weber-Renaissance*<sup>2</sup>, quanto pela ampliação das possibilidades de se estabelecerem redes e publicações na “era digital”. No avanço do tempo, a produção e o debate em torno da obra de Weber ganham força renovada e se estendem para além da esperada aplicação teórico-metodológica. Novos exegetas e especialistas na interpretação de Weber surgem em diversos países, debruçando-se sobre as minúcias e aprofundando a interpretação do arcabouço weberiano.

Mais tarde, em um trabalho relativamente mais maduro de Dissertação de Mestrado (CARVALHO, 2016, 2019a, 2019b), realinhou-se o foco de observação para o “local” e iniciou-se uma investigação acerca das condicionantes

---

<sup>2</sup> Cf. Hanke (2012; 2014; 2016).

sociointelectuais da recepção das obras de Max Weber no Brasil. Tratava-se de uma primeira incursão a uma sociologia da recepção das ideias weberianas. No centro da discussão estava a problemática da compreensão dos processos de importação e de recepção das ideias fora de seu contexto (*campo* de origem), conforme Bourdieu (2002a; 2002b; 2002c) <sup>3</sup>. Para a realização daquele trabalho, deu-se atenção aos escritos de Weber traduzidos no Brasil e aos pesquisadores que leram/leem Weber no cenário nacional. Como ponto de partida, foi considerada a própria problemática da difusão internacional do pensamento de Weber a partir de seu *campo* origem editorial e as características do nosso *campo* de recepção. Dentre as conclusões do trabalho, há a percepção pouco estimulante de que parte da produção weberiana que se lê e se aplica no Brasil foi baseada em traduções de fontes descontextualizadas e desatualizadas, sujeitadas a alguns “*mindsets* que nortearam a importação das ideias de Max Weber” (CARVALHO, 2019a) e que esta importação se deu de maneira “seccionada” (CARVALHO, 2019b)<sup>4</sup>, de modo que a própria relação de Weber com certos problemas e conceitos, reinterpretados pelo autor ao longo de sua produção intelectual, aparecem, em algumas ocasiões, subutilizados de forma parcial, descontextualizada ou diacrônica<sup>5</sup>.

De posse destes levantamentos preliminares, o que se propõe com este trabalho é o seguinte problema: *Quais os itinerários de circulação da obra weberiana pelo mundo (percepção global) e quais são as estratégias de recepção percebidas em outros campos de importação desta obra e, ainda, em que medida a experiência*

---

<sup>3</sup> Bourdieu (2002a; 2002b; 2002c) faz uma notável aplicação da sua teoria dos campos à circulação e recepção da produção científica.

<sup>4</sup> Nota do Autor: Em outras ocasiões, isso foi chamado por mim recepção “fragmentada” e/ou “seccionada” de Weber no Brasil (p. ex., em Carvalho (2016, 2018; 2019a, 2019b; 2019c)). O conceito de “fragmentação” da obra de Weber já foi usado por Strazzeri (2016) e Schwinn (2020). Mesmo que o conceito seja usado em acepção semântica e taxinômica familiar ao primeiro, *piecemeal* (STRAZZERI, 2016), e em articulação analítica idêntica ao segundo, *fragmentiert* (SCHWINN, 2020), esta pesquisa – iniciada em 2012, continuada em 2014 e em fase atual de conclusão – chegou a estes conceitos por conclusões e caminhos próprios. Esta questão será mais bem desenvolvida no Capítulo III, Seção 3.2.

<sup>5</sup> Essa conclusão inicial, sobre a defasagem da recepção brasileira de Weber, é testada com mais vigor nesta Tese. Ver, por exemplo, a Seção 3.2 (Análise socioestrutural: fontes e mediadores sociais), que discute alguns dos eventos editoriais e condicionantes bibliográficas que balizaram a recepção da obra de Weber no Brasil; e o estudo de caso em torno de *Economia e Sociedade* apresentado na Seção 3.5.

*de recepção brasileira (percepção local) das obras de Max Weber se aproxima (similaridades) ou se distancia (particularidades) dos itinerários e estratégias de circulação da obra de Weber pelo mundo?*

Atualmente, a recepção de Weber pelo mundo não é mais uma problemática exclusiva dos “especialistas profissionais” na obra de Weber, como os intelectuais do Círculo de Heidelberg <sup>6</sup>. O que, de fato, é visto com positividade por este grupo de intelectuais na Alemanha, dado que a ampliação das leituras localizadas trazem novas perspectivas à *Weberforschung* sobre a circulação do autor (HANKE, 2014).

A literatura internacional tem apresentado perfis locais elaborados acerca da recepção weberiana (HANKE, 2012, 2014, 2016). O mesmo se passa no Brasil, com intérpretes e metateóricos que discutem a recepção local de Weber e a apropriação/adaptação de suas ideias no país estudado. Contudo, a literatura local brasileira apresenta um *gap* quando o assunto é estabelecer a importação das obras intelectuais de Weber à luz de uma sociologia da recepção, isto é, o tratamento do fenômeno como um *fato social*, de modo a comparar a maneira que as ideias de Weber penetram no cenário nacional em relação com outras importações intelectuais.

Ao tratar a recepção de Weber no Brasil como um *fato social*, expande-se a percepção sobre a realidade local de importação deste autor, e pode-se desenvolver uma abordagem que traga a leitura comparada da realidade local com outros processos de circulação global e os níveis micro e macro (por ações individuais ou macroinstitucionalizadas), e evidencie as peculiaridades e generalidades, as igualdades e diferenças, entre estes processos e alguns de seus desdobramentos.

Em se tratando das abordagens escolhidas para se confrontar o problema de pesquisa, convém, antes, explicar do ponto de vista teórico–metodológico o que este trabalho não é. Ainda assim, embora esta pesquisa não se inscreva estrita ou

---

<sup>6</sup> Grupo de intelectuais especialistas no pensamento e obra de Max Weber. Os pioneiros são Mario Rainer Lepsius (1928-2014), Horst Baier, Gangolf Hübinger, Wolfgang J. Mommsen (1930-2004), Wolfgang Schluchter e Johannes Winkelmann (1900-1985). Este grupo deu início e liderou o projeto *Max Weber-Gesamtausgabe* (1970-2020) e agregou em seu entorno outros estudiosos alemães, expandindo a rede de tal forma que hoje conecta dezenas de outros pesquisadores em todo o mundo (HANKE, 2012, 2014, 2016; STRAZZERI, 2016).

exclusivamente nos campos abaixo descritos, compreende-se que seus elementos propedêuticos podem (e precisam) ser acionados ao longo do desenvolvimento deste trabalho atendendo à compreensão de problemas específicos.

### **I. Este trabalho não é um trabalho sobre a “história dos conceitos”**

Um dos pontos centrais que estruturam os objetos teóricos e metodológicos da história dos conceitos é o seu interesse em problemas de tradução “e do transporte de conceitos políticos de um contexto a outro” (FERES JÚNIOR; JASMIM, 2007). Neste sentido, Richter (2007) propõe que se note este problema em comum entre a história conceitual e os estudos de tradução e a possível síntese que pode emergir de uma colaboração entre estes dois campos de estudos. Richter utiliza como exemplo de complexidade do ato de tradução a circulação de certos conceitos entre a Europa e a Ásia, discutindo o conceito de “o poder do povo” transposto para o mandarim como *min ch’uan* pelo tradutor chinês do século XIX, Yan Fu. Richter (2007) faz uma autocrítica ao rever seus primeiros anos analisando a importação chinesa dos conceitos europeus, argumentando que seu erro foi “avaliar se a transposição do texto europeu para a outra língua, ou conjunto de línguas, é ou não uma transcrição fiel ao original”, o que levou à conclusão de que o pensador político chinês Sun Yat Sen “tinha produzido uma versão defeituosa da formulação original [do conceito de ‘poder do povo’] que Jean-Jacques Rousseau articula no Contrato Social” (RICHTER, 2007, p. 22). A partir desta autocrítica, Richter (2007) esmiúça as proposições de Joaquim Kurts (2001, apud RICHTER, 2007), que propõe um olhar sobre o contexto colonial de transposição dos conceitos em jogo (como a China do século XIX em relação à Europa imperialista daquele período), valorizando não a transliteração, mas a forma com que o conceito, vivo, encontra cunho e vulgata nos novos significados que adquire, ampliando e até alterando criativamente as ideias europeias transpostas. Em contraposição, Richter (2007) retorna às convicções de Reinhardt Kosellec (apud RICHTER, 2007, p. 23) de que alguns conceitos carregam uma formulação basilar inexorável: são os “conceitos políticos básicos” (*Grundbegriffe*), como os conceitos de “revolução”, “democracia”, “liberdade”, que não aceitariam relativizações. Este é um dos pilares da *Begriffsgeschichte*, uma

teorização de Kosellec (1992) bastante sofisticada sobre a história dos conceitos. Pode-se definir *Begriffsgeschichte*, conforme a própria indicação de Kosellec (1992, p. 136), como a busca do ponto a partir do qual “um conceito tornou-se fruto de uma teorização” e de “quanto tempo levou para que isso acontecesse”. Tranquilamente, Richter (2007) conclui que estas proposições aparentemente opostas de Kurts e Kosellec podem ser conciliadas em uma atualização da *Begriffsgeschichte*. A aplicação de Quentin Skinner (apud RICHTER, 2007, p. 29) seria indispensável para tratar os conceitos como objetos que não escapam à crítica e têm papéis e funções retóricas e políticas, ao que cabe a comparação — “não a comparação de versões originais com versões traduzidas, mas através da comparação do uso de conjuntos de conceitos”. Esta alternativa, nas proposições de Richter (2007), lida tanto com os problemas típicos dos estudos pós-coloniais — como o enfrentamento do monopólio de significados —, quanto com problemas de teoria clássica, como a validação da universalização de um conceito. É aí que esta atualização da história dos conceitos [*Begriffsgeschichte*] pode dar sua contribuição, a partir de uma perspectiva comparativa em contexto específico de origem de um conceito e em arranjo com outros contextos nos quais ele é transposto.

I. a) Organizado em torno da complexa recepção brasileira de um autor estrangeiro e sua obra, este trabalho não adentra a trama das multicausalidades tecidas por este ou aquele conceito de Max Weber, em especial. Por exemplo, rastrear o conceito de „*sozialen Handelns*” [ou “Ação social”] nos moldes propostos pela *Begriffsgeschichte* (KOSELLEC, 1992; RICHTER, 2007) implicaria no desmembramento deste substantivo–adjetivo e na busca arqueológica vernácula das duas ideias, além da aplicação semântica individual de cada termo, para, somente depois, entendê-las em seus usos na língua alemã, caminhando dos usos individuais para o uso associativo das duas ideias e, finalmente, encontrar a acepção do uso que Weber fez do conceito. Rastreadas e relatadas as histórias por trás dos conceitos, chegaria a hora de compreendê-lo em relação a sua história própria em língua portuguesa, para, por fim, fazer um balanço crítico entre as várias vias idiomáticas em que o conceito se consagrou e projetar uma percepção que bem serviria à linguística, mas que está gestada na historiografia.

Ainda que certas categorias e conceitos elaborados por Weber — como “patrimonialismo” — possam ser rastreados com maestria<sup>7</sup>, a capacidade de esmiuçar a história da tradução e transliteração dos conceitos weberianos para o léxico local dentre a interconexão dos seus aspectos linguísticos, vernáculos, semânticos e literários com as demandas da mentalidade local torna-se praticamente objeto de toda uma pesquisa a parte desta, portanto, impossibilitada de coexistir no interior deste trabalho com limitações próprias.

## **II. Este trabalho não é um trabalho de “história das ideias sociológicas”**

A sociologia é uma ciência relativamente jovem, gestada no século XIX e consolidada, apenas, no século XX. Em alguns países, mais cedo — como em seu berço francês ou na sua infância alemã —, já em outros, mais tarde, como o Brasil dos anos de 1960. Lallement (2003; 2004) se colocou a questão se, de fato, há uma “crise” na sociologia? E se, em caso positivo, a sua “juventude” é mesmo um ponto de apoio para justificar sua crise?

O que Lallement (2003; 2004) está colocando em questão é se as multiplicidades de correntes teóricas e metodológicas da sociologia são de fato um retrato de “crise” de seu estatuto epistemológico enquanto ciência. E, em seu ver, a história das ideias tem as ferramentas adequadas para enfrentar a questão. De maneira bastante elegante — sem ceder à tentação de uma leitura histórica contextualista pura — Lallement compreende a impossibilidade de se tratar a sociologia de uma maneira linear, com desenvolvimento unidirecional, que precise descartar suas ideias que já estão fora de seus contextos originários — como Marx no cenário da revolução de maquinaria em pleno clímax da revolução industrial, ou Weber, no apogeu do culto ao moderno como fruto dos processos da racionalização ocidental — e, também, porque a história das ideias também são frutos do meio e não podem receber a idealização de possuírem um caráter fixo, pois também estão sujeitas ao tempo no qual escolhem seus objetos.

---

<sup>7</sup> Ver Sell (2021) e Mata (2016).



Cuidadosamente, Lallement (2003; 2004) orienta esta questão exemplificando como Weber, embora reconhecido como canônico na sociologia universal, foi relativamente comum em seu próprio tempo (ponto a que se voltará no Capítulo II); ou como a obra de Durkheim, *O Suicídio*, atualmente leitura obrigatória entre os cientistas sociais em formação, não encontrou eco entre os pares do sociólogo francês no seu tempo de atividade, ficando às margens de outras obras do autor. Reconstruir a história das ideias sociológicas é remeter ao contexto da origem da disciplina e também de seu desenvolvimento, às fontes e saberes utilizadas por seu *cânon*, aos embates entre correntes teóricas e/ou metodológicas.

II. a) E também é saber que o êxito de histórias de autores e obras — como a transição de Weber para se tornar uma referência obrigatória e de *O Suicídio* para se tornar uma leitura obrigatória — é criado e fomentado por circunstâncias inscritas no próprio processo social. Este é um processo que Lallement (2003; 2004) não pode negar e aceita incorporá-lo a sua análise tanto quanto possível.

A presente pesquisa de doutorado, como um trabalho sociológico faz a via inversa do que Lallement (2003; 2004) se propôs ao analisar a história das ideias sociológicas: não se furta ao uso de ferramentas historiográficas no apoio às suas interpretações. Contudo, não se trata de fazer uma “sociologia da história” da recepção de Weber. Os marcadores historiográficos estão presentes. A atenção a contextos específicos, também. Porém, sempre enquanto contribuam para a interpretação dos fatos sociais, ou, mais precisamente em uma abordagem Weberiana, enquanto as ações sociais sejam passíveis de *compreensão e explicação*.

### **III. Este trabalho não é um trabalho “puro” de “sociologia da tradução” ou de “sociologia da literatura”**

Como sintetizado por Qingguang Wei (2014) — da Foreign Languages College, Southwest University for Nationalities de Chengdu, China —, uma sociologia da tradução não é uma pesquisa teórica pura nem uma dedução lógica, mas uma pesquisa aplicada voltada para o mundo da vida e exige um novo tema, metodologia e conceitos que a cumpram, para poder ultrapassar o mundo do texto e

se fundamentar na natureza social da tradução, para promover a reciprocidade entre a tradução e a sociedade. A sociologia da tradução, assim como a sociologia da literatura, reconhece seu objeto de estudo como uma “prática social” (WEI, 2014, p. 88). Bastante tributária das teorias de circulação das ideias de Bourdieu (2002a; 2002b) <sup>8</sup> e seus conceitos de campo, *habitus* e ilusão biográfica, a sociologia da tradução repensa as práticas de transição de um texto de seu campo de origem ao campo de chegada, cujo processo de tradução seria apenas uma entre as várias operações de mediação social.

A partir de uma perspectiva crítica, Wei (2014) interpreta que, embora a sociologia da tradução acrescentasse uma dimensão importante aos estudos da tradução — observando a prática da tradução como uma prática social — os pesquisadores ocidentais simplesmente não estudam a fundo os contextos sociais das atividades de tradução, limitando-se a adotar alguns métodos de pesquisa sociológica ou referenciais teóricos sociologia para estudar as atividades de tradução. Tomando esta perspectiva como um ponto forte, Wei (2014) assevera que “Since translation is acknowledged as a social practice, we should investigate translation activities against the broad social context and interpret the social conditions behind translation activities” (WEI, 2014, p. 89).

Como solução do problema, Wei (2014) recomenda que se parta do reconhecimento das limitações do método e da teoria. Primeiramente, trata de que teóricos como Bourdieu, Luhmann e Latour têm uma visão bastante social construtivista entrelaçada a uma perspectiva fenomenológica ou, colocado de outra forma, trata-se de uma perspectiva em que a realidade social não seria representada por meio da realidade objetiva, mas por meio da realidade interpretada (em uma lógica em que a própria interpretação da realidade social construiria novas realidades sociais). Wei (2014) entende que no construtivismo, o problema social

---

<sup>8</sup> Wei reconhece que os estudiosos do Ocidente adotam, para além de Bourdieu, muito fortemente as teorias de sociólogos como Luhmann e Latour na sociologia da tradução. Embora a informação seja válida, nesta ocasião não se desenvolverá uma análise destes dois outros autores. Simplesmente porque, por questões de afinidades teóricas, este trabalho tem maior aproximação às ideias propostas por Bourdieu (2002a; 2002b) e desenvolvidas por Gisèle Sapiro (2019).

não existe como uma realidade ou condição objetiva, mas como uma atividade ou processo, já que a própria realidade social seria fruto da construção social. Deste modo, a compreensão das coisas pelas pessoas varia devido à história, região, situação e experiências diferentes e objetivo da pesquisa não é controlar, prever ou transformar a realidade objetiva, mas interpretar e construir a realidade. Legando as conclusões da pesquisa à realidade local.

Em se tratando dos métodos de pesquisa, Wei (2014) também observa alguns pontos de tensão. A começar pelos conceitos de *translation field* e *translation as a social system* propostos, respectivamente, por Gouanvic e Hermans (GOUANVIC, 2007; HERMANS, 2007 apud WEI, 2014, p. 89) que isolariam a tradução do resto da estrutura social, como uma espécie de entidade fora da estrutura social. Embora reconheça que a abordagem tem méritos na epistemologia, propícia à compreensão das características aparentemente isoladas da tradução, ela acaba por negligenciar as sobreposições entre o mundo real em que se desenvolve esta ou aquela tradução e as suas conexões complexas com as estruturas sociais em que se desenrolam. Neste sentido, ao tomar a tradução como um “subsistema” — separado do sistema social em sua totalidade — os estudos da tradução acabam por se limitar apenas ao critério teórico, separado da realidade.

III. a) Aqui, enfrenta-se um problema bastante parecido com aquele sobre o qual se discorreu com base na história dos conceitos (Item I): a dificuldade de se rastrear a genealogia social de “tradutor” e “tradução” em uma *práxis* que apreenda o sentido dos conceitos em sua intercontextualidade social pode ser uma tarefa tão hercúlea quanto rastrear a genealogia da história de formação semântica de conceitos e suas variadas transposições e transliterações significantes para léxicos totalmente diversos do vernáculo no qual foram gestados.

III. b) A sociologia da literatura não caminha sozinha, nem pelos seus objetos empíricos, nem pelos seus objetos teórico-metodológicos. Pelos seus objetos empíricos, a sociologia da literatura dialoga com os mais variados tipos e gêneros literários: do romance ao realismo fantástico, do artigo jornalístico aos arquivos epistolares, da ficção científica à literatura de comunicação científica. Já pelos seus objetos teórico-metodológicos, a sociologia da literatura experimenta um entrecruzamento dos mais variados campos: estatísticas mercadológicas, teoria

literária, psicologia social e de massas, teorias da tradução, história das ideias, psicanálise, historiografia documental, reconstrução conceitual genealógica, etc.

Com este entendimento, torna-se mais clara a alegação de Gisèle Sapiro (2019) sobre aquele aparente truísmo sobre a que se dedica a sociologia da literatura: ao “fazer literário” (SAPIRO, 2019, p. 11). Para Sapiro (2019), abrir-se-iam duas portas de entrada (e saída) para a sociologia da literatura. Uma, focada na literatura como um fenômeno social típico a ser estudado, desde as relações entre indivíduos, instituições, produção, consumo e julgamento (por pares ou por críticos). A outra porta levaria ao espírito do tempo das condições de produção da obra em análise, por seu contexto e representações externas que influenciam o texto; e pelo teor imanente do texto com suas representações do seu tempo e das questões sociais que nele se inscrevem. Neste sentido, nem os objetos empíricos da sociologia da literatura e nem os seus objetos teórico-metodológicos estariam *harmonizados*, posto que na própria relação entre sociologia e literatura “sempre houve relações de conflito, de concorrência, mas também de trocas e impregnação recíprocas” SAPIRO, 2019, p. 17). Sapiro da continuidade e amplia a abordagem que Bourdieu (2002a; 2002b) deu ao problema ao tratar das condições de produção (econômica de capital e econômica simbólica) e circulação internacional das obras e das ideias.

De acordo com Sapiro (2019) estas condições são determinadas em um primeiro momento pelas disposições e relações de poderes políticos, econômicos e religiosos com o campo da literatura e o papel social que cada um destes poderes atribui a ele <sup>9</sup>, e em um segundo momento, do “recrutamento social dos escritores”, das suas condições para o exercício profissional e dos “modos de funcionamento do mundo das letras” SAPIRO, 2019, p. 49).

---

<sup>9</sup> Emblemático o caso do discurso público proferido pelo Gen. Başbuğ, o então Chefe do Estado-Maior Turco, no encontro anual do Comando das Academias de Guerra em Istambul, em 2009. Ali, junto a outras referências bibliográficas orientadas pela OTAN e pelo Pentágono, aparece o nome de Max Weber e sua *Sociology of Religion*. Weber é apresentado pelo General como "one of the thinkers of modernity" (TOUMARKINE, 2014, p. 34). Ver Capítulo II, Seção 2.2.

III. c) Em apresentação de *Sociologia da Literatura* (SAPIRO, 2019), Sérgio Miceli indica que a sociologia da recepção dá tratamento à literatura como “um fato social total”, e traz novo fôlego às pesquisas no campo literário, para além do escrutínio do “balanço literário” e das abordagens do “senso comum erudito” (MICELI, 2019, p. 07). São esmiuçadas as condições do campo literário como um universo dotado de leis próprias de funcionamento, na melhor pista da tradição bourdieusiana, identificando divergências, adaptações e operações sociais de mediação entre o *campo de origem* e o *campo de recepção* (BOURDIEU, 2002a; 2002b, 2002c). Mas, eventualmente, outras tradições teóricas podem ser mobilizadas nas leituras da recepção. Como citados por Miceli, além de Bourdieu, as tradições das “linhagens marxistas de Gramsci, Adorno, Eagleton, os estudos culturais de Hoggart e Williams, [...] o interacionismo de Howard Becker, a história social do livro e da leitura [...]” são empreendimentos teóricos que sempre buscaram lidar com “mediações entre a literatura e a sociedade” (MICELI, 2019, p. 08).

E é sobre as mediações entre literatura e sociedade que os estudos de Gisèle Sapiro vêm se destacando<sup>10</sup>. Na definição de Miceli, Sapiro se alinha “aos estudos empenhados em conferir *status* heurístico e causal, em especial, a teoria do campo de Bourdieu às condições derivadas do universo literário” e, ainda, ao atribuir mais peso à autonomia dos elementos conflitantes que envolvem os agentes do campo literário, “garante uma esfera própria de experiência ao objeto visado pela sociologia da literatura” (MICELI, 2019, p. 08).

Estas são disposições que, de modo propedêutico, têm muito a oferecer ao trabalho que se propõe apresentar aqui. Mesmo que não se trate de uma pesquisa especificamente de sociologia da literatura, compreender as disposições sociais que situam a literatura em determinado meio é indispensável, também, a uma sociologia da recepção: isto é, compreender se há controle ideológico ou censura, por exemplo, quais os interesses de importação de determinadas ideias e não de outras, se há um interesse liberal ou de estado, qual o papel social do escritor em

---

<sup>10</sup> Cf. Sapiro (2018a; 2018b; 2019a; 2019b) e Sapiro e Leperlier (2021).

determinado contexto, como se opera a divisão do trabalho intelectual e como se dá a diferenciação/distinção social deste trabalho, qual a lógica do mercado produtor/distribuidor/consumidor, como se dá o recrutamento social de um escritor (como representante da ideia de um tempo ou como representante do novo diante da crise e esgotamento das ideias de um tempo), as instituições que organizam a vida e o campo literário, como operam e se desdobram suas estruturas e correspondências institucionais, as redes, as avaliações e premiações por críticos e pares, os meios de reconhecimento e distribuição de prestígio, as agregações simbólicas (comendas, homenagens, troféus, certificações), etc.

#### **4) Este trabalho não é um trabalho restrito de “teoria sociológica”.**

Este trabalho se alinha à crescente abordagem feita pela sociologia da recepção, um subcampo da sociologia que investiga as condições sociais de origem, criação, editoração, apresentação, distribuição, importação e exportação, tradução e a recepção de obras do campo literário, (incluindo a literatura científica).

A este respeito destes embates de ordem social, Miceli acrescenta:

Os processos judiciais, a recensão crítica, os altos e baixos da consagração autoral, os efeitos da circulação internacional das obras, as feiras e festivais do livro, escancaram as contingências inarredáveis de determinantes de toda ordem e sucessivas conjunturas históricas. A recepção instila na matéria literária o sopro de energia e de sentido derivados das relações de força e competição, por prestígio, anuência e legitimidade, envolvendo os agentes protagonistas do campo literário (MICELI, 2019, p. 09).

Assim, este trabalho é, sobretudo, um trabalho de sociologia e, mais especificamente, da sociologia da circulação e da recepção de obras intelectuais. Por envolver a entrada uma trama de nichos e redes, a sociologia da recepção precisa estar aberta à compreensão de fatores que não são puramente sociais. Estão em foco, também, fatores econômicos, culturais, políticos e históricos. Embora possa guardar interesse e diálogo amplo com estes outros campos — por exemplo, a história (dos conceitos e das ideias sociológicas) a cultura (sociologia da literatura e da tradução) —, estes campos são tomados sempre na medida em que apresentarem ferramentas heurísticas úteis para a compreensão sociológica de seus próprios problemas ou de determinado cenário de recepção, não sendo

componentes essenciais ou contínuos e aplicáveis a toda e qualquer situação observável nesta pesquisa.

Assim, o tratamento dado às fontes que relatam a chegada dos escritos de Weber aos EUA, via Talcott Parsons, ou à França, via Julien Freund e Raymond Aron, não necessariamente vai interrogá-las sobre os caminhos deste ou aquele conceito desde sua genealogia vernácula arcaica até a contemporaneidade local, ou sobre as possíveis vicissitudes de conceitos “distorcidos” por tradutores, intencionalmente ou não, ou se, ao se basear nestas fontes secundárias o Brasil teria sofrido um “enviesamento parsoniano” ou “freundiano”. Isto significa que este trabalho de sociologia da recepção é menos interessado, propriamente, nas questões internas da obra (exegese e imanência) do que nas suas condições externas: história da obra; seleção de fontes originais e secundárias; redes de agentes; vínculos entre instituições; circuitos e redes sociais; importação, exportação, mediação, recepção e permanência; tradutores, editores, comentadores e especialistas; institucionalização e consolidação acadêmica; mercado livreiro; etc.

Investigações semelhantes, feitas pela abordagem da sociologia da recepção, são abundantes na literatura internacional. Para ficar apenas no caso da recepção weberiana, citam-se: Pollak (1988); Bruhns (1995); Roth (1999); Grossein (2005); Schmitt (2007); La Fuente (2007); Morcillo (2008); Marra (2009); Ouédraogo (2010); Escobar (2011); Schögler (2011); Rijks (2012); Schwentker (2012); Hübingler (2012); Dahlmann (2014); Oßwald–Bargende (2014); Leder (2014); Bucholc (2014). Toumarkine (2014); Schwentker (2014); Scaff (2014); Ali (2014); Hanke (2016); Morales Martín (2016); Brisson (2016); Tsai (2016); Morcillo Laiz e Weisz (2016); Fölster (2020) e Schwinn (2020).

No Brasil há um *gap* de investigações deste tipo em maior profundidade, principalmente em relação à circulação e recepção da literatura weberiana. Citam-se os trabalhos pioneiros de Glaucia Villas Boas, como *De Berlim a Brusque, de São Paulo a Nashville: a sociologia de Emilio Willems entre fronteiras* (2010 [2000]), *A recepção da sociologia alemã no Brasil*, de 2006, *A Recepção controversa de Max Weber no Brasil (1940–1980)* (2014); Também as apresentações de Gabriel Cohn, *Alguns problemas conceituais de tradução em Economia e Sociedade* (COHN, 2012 [1991], p. xiii–xiv.), e *O sentido da ciência*, para o livro *A “objetividade” do*

*conhecimento nas ciências sociais*, (COHN, 2010. p. 7–12); Ainda sobre Economia e Sociedade, de Antônio Flávio Pierucci, *Economia e sociedade: últimos achados sobre a “grande obra” de Max Weber*, de 2008, e *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*, de 2004; de Carlos. E. Sell, *Leituras de Weber e do Brasil: da política à religião, do atraso à modernidade*, de 2007, *Imagens de Weber: esboço de uma tipologia das interpretações do pensamento weberiano*, de 2009, *Max Weber no Brasil: a interpretação do pensamento weberiano na pesquisa brasileira*, de 2014, e *Max Weber’s Rezeption im Brasilien: Entwicklungsgeschichte und Beiträge zum Weber-Paradigma*, de 2021 (no prelo); Fora da área da sociologia, mas indispensável para a formulação de um retrato da recepção de Weber no Brasil, citam-se os trabalhos do historiador Sérgio da Mata: *A fascinação weberiana: As origens da obra de Max Weber*, de 2013, e *Modernity as fate or as utopia: Max Weber’s reception in Brazil*, de 2016. São poucos os trabalhos que empreendem uma pesquisa mais madura e profunda sobre a recepção de Weber no Brasil e em menor número os que se dispõem a fazê-lo por uma abordagem da sociologia da recepção.

Para se realizar este trabalho, como é comum em qualquer pesquisa acadêmica, delimitações, critérios e métodos foram elaborados para compreender e explicar a recepção de Weber primeiramente na própria Alemanha, depois, no “mundo” e, finalmente, no Brasil. Entenda-se, contudo, que não se dispõe de acesso (e, provavelmente, nem exista tal objeto) a uma “biblioteca mundial” da recepção de Weber<sup>11</sup>. É consoante o critério de disponibilidade da literatura (amostra) que se obtém um retrato internacional que — de forma autoconsciente — não pretende representar a totalidade da circulação internacional.

Como procedimentos, em primeiro lugar, estabeleceu-se uma base de informantes confiáveis (fontes), ligados diretamente à weberologia. Citam-se: i) a

---

<sup>11</sup> O conceito de “mundo” é articulado, aqui, com equivalência à ideia de “global” em contraposição à ideia de “local”, ou no sentido “macro” em oposição ao sentido “micro”. O que se intenta é oferecer um “retrato global” da recepção de Weber à medida que uma literatura transcontinental se mostra disponível e acessível (v. Capítulo II). A partir deste entendimento, as próximas ocorrências que tratem de Weber de uma forma global apresentarão o substantivo “mundo” sem as aspas.



editora Mohr Siebeck, que remete ao século XIX, contando cerca de 150 anos de história, a primeira parceira editorial de Max Weber enquanto ele mesmo era responsável pela organização de seus manuscritos publicados — e, conseqüentemente, a editora do Espólio organizado por Marianne Weber; *ii*) Relatos dos editores de Weber (localizados de forma dispersa em várias fontes) que apresentam históricos de publicações e particularidades das obras, destacando-se o nome do próprio Weber — que em vida estabeleceu uma “auto-organização” editorial, junto à Mohr Siebeck —; Marianne Weber, bem como Melchior Palyi e Siegmund Hellmann, que assessoraram a viúva Weber na organização e publicação do Espólio; Johannes Winckelmann, que trabalhou junto à fase editorial orientada por Marianne e também trabalhou junto ao grupo editorial — por vezes também chamado Círculo de Heidelberg — da *Max Weber-Gesamtausgabe*, a **MWG**; e, dentro do contexto de edição da MWG, citam-se os nomes de seus principais editores: Horst Baier, Gangolf Hübinger, Mario Rainer Lepsius, Wolfgang J. Mommsen, Wolfgang Schluchter e Johannes Winckelmann; Além de outros pesquisadores ligados direta ou indiretamente a MWG ou à Academia de Ciências da Baviera — ACB (Bayerische Akademie der Wissenschaften — BADW), como Wolfgang Schwentker ou Edith Hanke; também os membros da rede de pesquisadores do pensamento de Weber, a *Young Weber Scholars*, lançada em 2015, que conta entre os seus *leadings* com Victor Strazzeri (brasileiro, doutorado pela Freie Universität Berlin) (STRAZZERI, 2016); Michael Kaiser e Harald Rosenbach (organizadores do indispensável volume *Max Weber in der Welt*, de 2014) que, sobre a recepção internacional de Weber, apresenta as notórias contribuições de Stefan Leder, Alexandre Toumarkine, Haggag Ali, Sam Whimster, Marta Bucholc (Polônia), Dittmar Dahlmann (Rússia), Wolfgang Schwenker, Peter Hersche, Lawrence Scaff, Guenter Roth, Hinnerk Bruhns, além dos já citados Edith Hanke e Wolfgang Schwenker, entre outros.

Em que se questione a unicidade destas fontes institucionalizadas, importa ressaltar que estas vozes não são uníssonas e, muito menos, consonantes. Há diversos elementos inarmônicos dentre as importações de Weber e suas interpretações, incluindo perspectivas críticas que podem ser moderadas,

contundentes, incompatíveis, refratárias ou divergentes, que serão abordadas no momento oportuno.

Em seguida, mapearam-se as estratégias e circuitos de recepção, bem como agentes e *experts* ligados à introdução do pensamento de Weber dentro do *campo* de recepção estudado — seja no Japão ou no Brasil — e modo a se obter um retrato das estruturas básicas de mediadores da distribuição dos escritos weberianos. No caso internacional, o levantamento se deu a partir das fontes acima elencadas, tomando a literatura disponível como principal referente. No caso nacional, optou-se por uma abordagem histórica e sociológica da literatura secundária em torno da entrada de Weber e sua obra no Brasil, mobilizando os intérpretes do autor alemão.

Em terceiro lugar, elencaram-se os limites e as condicionantes bibliográficas e editoriais que balizaram a recepção da obra de Weber no Brasil. Para esta arrolagem, tomou-se como base disponível a importação de partes traduzidas de Weber no mercado livreiro de obras dedicadas exclusivamente ao seu pensamento. Não se considerando artigos publicados individualmente em revistas ou coletâneas genéricas. As fontes originais destas publicações foram contabilizadas, comparadas e descritas para se fazer um balanço das partes traduzidas para o português e, sobretudo, aquelas publicadas no editorial brasileiro, organizado por ordem cronológica. O recorte temporal para esta seção da pesquisa cobre das primeiras importações, na década de 1960, até as mais atuais, até o final a década de 2010.

Por fim, uma palavra sobre os métodos de tradução instrumental se faz necessária. O acesso ao material internacional demandou uma metodologia de traduções própria. O material disponível sobre a recepção de Weber no mundo apresentava-se nos seguintes idiomas: inglês, alemão, italiano, francês, espanhol, japonês e mandarim. Outras ocorrências idiomáticas não se apresentaram na literatura.

Visto que se tenha encontrado a dificuldade de se traduzir as ocorrências idiomáticas e se estabelecer uma transliteração acadêmica do japonês e do mandarim — os quais não são acessíveis às limitações deste trabalho —, nem sempre foi possível tomar fontes “nativas”. Esta situação impactou muito no que poderia ter sido uma compreensão mais ampla dos casos asiáticos, interpretados

quase sempre — exceto por Po-Fang Tsai (2016) — por fontes intermediárias, como Brisson (2016), Roth (1999), Fölster (2020).

Problema semelhante ocorreu com a grafia original dos nomes de pessoas, locais e obras que entrecruzam os eventos de recepção. Sempre que possível, optou-se por apresentar os substantivos próprios a partir de sua forma gráfica regional, como Fukuda Tokuzō, Shūichi Katō, Gen. Başbuğ, Şerif Mardin. Eventualmente, no caso de grafias não ocidentais, quando possível, procurou-se apresentar, também, suas formas originais, como no caso do nome do intelectual egípcio **Abdelwahab Elmessiri** [Abdel-Wahab El-Messiri, *عبد الوهاب المسيري*], ou a obra da obra de Ying-shih Yü, 中國近世宗教倫理與商人精神 [*Religious Ethics and Trade Spirit in Modern China*], ou da instituição Ağaç-İş — uma repartição do Türk İş Workers Trade Union [Sindicato Turco dos trabalhadores do comércio/empresas].

Assumindo-se, assim, a seleção pelos idiomas “ocidentais” na divulgação científica, os artigos em inglês e espanhol foram traduzidos diretamente do material e revisados com auxílio de dicionários específicos sempre que necessário. Já os idiomas alemão, italiano e francês foram traduzidos de modo instrumental e precisaram passar por tradutores eletrônicos, revisados com auxílio de dicionários e, eventualmente, consultas a especialistas.

As interpretações, focadas nos aspectos instrumentais dos textos, privilegiam a proposta de tipologia funcional da tradução feita por Nord (2016), segundo a qual, “na tradução instrumental, o translato atua, em uma nova ação comunicativa na cultura de chegada, como ‘instrumento’ para alcançar um objetivo comunicativo” entre a língua e o “texto de partida” para a língua e o “texto de chegada” sem que os receptores do texto de chegada “precisem ter consciência de que têm diante de si um texto ‘novíssimo’, mas um texto que, em outra ação comunicativa e de outra forma, já tenha servido de instrumento” (NORD, 2016, p. 19). Neste sentido, ainda conforme Nord (2016), os receptores desconheceriam se a função do texto nessa “ação comunicativa anterior era a mesma esperada para o texto que têm diante de si” (*idem*) e, mesmo assim, consideram o texto funcional da perspectiva

comunicativa. Neste caso, a lealdade deve primar sobre fidelidade textual, isto é, o contexto deve prevalecer sobre o texto<sup>12</sup>.

\*\*\*\*

Para elaborar uma compreensão detalhada dos caminhos históricos, econômicos, políticos, culturais e sociais da obra de Weber, este trabalho está dividido em três Capítulos. No Capítulo I, tornou-se pertinente enfrentar a tarefa de compreender o contexto em que Weber surge como Intelectual, em meio à transição do Império Alemão (1871–1918) para a República de Weimar (1919–1933). Evitando-se caminhar pelo contextualismo, por um lado, e pelo essencialismo monumentalizador, por outro, a observação de elementos bibliográficos de Weber é acionada como complemento à compreensão do meio intelectual alemão do período, o qual Ringer (2000) chamou de *a era dos mandarins alemães*, em referência à elite intelectual e administrativa alemã que gozava de certos privilégios em seu tempo — mesmo não alcançando o mesmo grau de autoridade dos mandarins chineses descritos pelo próprio Weber (2010). Mas Weber não foi um mandarim. Enquanto ele ascendia no universo acadêmico alemão, os ventos mudaram no Império Alemão e a burguesia, na qual Weber cresceu e se desenvolveu, estava em ampla expansão na participação da vida política, intelectual e administrativa do Estado. As forças liberais alemãs se levantavam contra o que os privilegiados burocratas representavam. Uma era de intensos debates e ações frente aos problemas internos do Império, mas também frente às tensões externas, como a “orientalização da Alemanha”, “a Questão Polonesa” ou a sombra das Revoluções Russas. Todo este cenário pleno de questões complexas abordadas no Capítulo I anuncia o entrelaçamento dos

---

<sup>12</sup> Nota do Autor: O pioneirismo assumido e registrado do uso de tecnologias para enfrentar barreiras linguísticas é uma espada de duas lâminas que oferece a possibilidade de inovação esperada em uma pesquisa de caráter global. Contudo, por outro lado, não pode se fugir à responsabilidade autoral em eventuais equívocos de tradução ou interpretação de línguas que não são de seu domínio.

ciclos de recepção de Weber em seu próprio país com a própria dinâmica do contexto local.

A observação da genealogia e da disposição editorial-literária das obras de Weber no contexto particular de seu *campo intelectual* de origem é processo não se limitou a elaborar apenas uma “genealogia editorial” dos escritos do autor, no sentido de se estabelecer uma coletânea descritiva e enciclopédica para arrolar a produção weberiana. Estabeleceu-se o critério de compreender, delimitar e explicar as fases, ou “ciclos”, de produção editorial e contextualizá-las sincrônica e diacrônicamente. Intentou-se apresentar uma descrição detalhada desse processo de publicização, para se criar uma referência-base de uma explicação da “gênese editorial weberiana”<sup>13</sup>. A compreensão desta “gênese” proporciona transitar da recepção internacional para a recepção nacional dos textos e do autor.

O *Primeiro Grande Ciclo Editorial* (1889–1920) foi coordenado pelo próprio Weber e traz artigos acadêmicos, relatórios de pesquisa, palestras e muitos outros materiais por desenvolver, além de suas ideias políticas, geralmente publicadas na forma de artigos em jornais diários, nos quais Weber costumava se apresentar como cidadão e não como cientista (WEBER, 2015).

O *Segundo Grande Ciclo Editorial* (1920–1954–1970) é liderado pela força pessoal de Marianne Weber. Após o falecimento de Max Weber, Marianne assume a editoria dos materiais deixados. Inicia-se, aí, o ciclo de Publicações Póstumas. Entre seus feitos notórios, Marianne Weber organizou os manuscritos já publicados e os textos de espólio em coletâneas temáticas, finalizou os *Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião [GARS]*, coordenou a edição final e as reedições de *Economia e Sociedade (WuG)*, além de formar importantes alianças que garantiriam a sobrevivência de Weber ao século XX e o seu fôlego renovado no século XXI. Uma destas importantes alianças foi firmada com a Editora JCB Mohr, da cidade de Tübingen (anteriormente JCB Mohr (Paul Siebeck) e, atualmente, Mohr Siebeck GmbH & Co. KG.), a editora bicentenária que ainda é a principal detentora dos direitos de publicação dos escritos de Weber. A outra importante aliança feita por

---

<sup>13</sup> V. Capítulo I.

Marianne Weber foi com Johannes Winckelmann, que assumiu a coordenação editorial do espólio após a morte de Marianne, em 1954, e foi o elo da primeira geração com a atual, ao se unir ao projeto *Max Weber-Gesamtausgabe* (**MWG**), nos anos de 1970.

E é aí que tem início o *Terceiro Grande Ciclo Editorial*, a *Max Weber-Gesamtausgabe* (1970–2020). Que descreve união entre um corpo de especialistas sobre as ideias de Max Weber — os já citados Horst Baier, Gangolf Hübinger, Mario Rainer Lepsius, Wolfgang J. Mommsen, Wolfgang Schluchter e Johannes Winckelmann — à Bayerische Akademie der Wissenschaften (BADW) e à editora Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. O projeto — iniciado nos anos de 1970 e finalizado em 2020 — é entendido como o grande catalisador da contemporânea *Weber-Renaissance*. Um impulso que provocou o redescobrimto de Weber em sua própria terra natal e aqueceu o debate em torno de suas ideias em publicações, palestras e eventos por todo o mundo e reapresentou o conjunto da obra de Weber em uma releitura crítica e contextualizada.

Estes três ciclos estão interdependentemente ligados à própria história da Alemanha. O primeiro ciclo, como já destacado, está diretamente ligado às questões da transição do Império Alemão para a República de Weimar, e às complexidades geopolíticas locais que desembocaram na Primeira Guerra Mundial. Questões sobre as quais Weber teve a oportunidade de se debruçar. O segundo ciclo está imbricado no cenário que atravessa da Segunda Guerra Mundial — com dispersão de Intelectuais judeus e judeu-alemães em fuga para o exílio — ao mundo Pós-guerras e à divisão da Alemanha entre Ocidente e Oriente. A partida dos intelectuais para o mundo levou Max Weber aos lugares mais longínquos, dos EUA ao Japão, mas os anos da Guerra Fria mantiveram Max Weber em arquivo em seu próprio país. Já o terceiro ciclo, reimporta Max Weber para a Alemanha (ainda que timidamente, nos primeiros sinais de baixa no paradigma marxista). A MWG nasce como um projeto modesto de revisão exegética e contextual da obra do autor. O frisson em torno do projeto reacendeu o interesse da audiência e reverberou nas fronteiras nas quais Weber se instalou institucionalmente, como no caso dos EUA. Nos anos de 1970, Weber já era uma grande referência nas Américas como uma alternativa ao marxismo e como método para a consolidação das ciências sociais, na Ásia, Weber

já era lido como o grande intérprete da modernidade. Estas duas ondas, de *reimportação* e *reapropriação* de Weber pela Alemanha e de reorientação dos estudos weberianos pelo globo, geraram uma retroalimentação provocou comoção nas próprias bases da sociologia e das ciências sociais que vinha passando por um processo lânguido de internacionalização institucional desde os anos de 1960.

Estes movimentos de convoluções e expansões envolvendo a circulação internacional do pensamento de Weber e as mudanças no mundo hodierno são exploradas no segundo momento da exposição, no Capítulo II.

Se na primeira parte trata-se do surgimento de Weber como intelectual e da disposição de sua obra em relação a si mesma e em relação às condições internas e externas da Alemanha, na segunda parte deste trabalho esta percepção é expandida e a recepção de Weber pelo mundo se entrelaça às condições internas e externas de cada *campo* de recepção.

Diante da envergadura do cenário internacional, este trabalho precisou estabelecer alguns recortes que delimitam um quadro de pesquisa coeso, compreensível e explicável. O critério principal de delimitação desta etapa foi estabelecer um rol de fontes (informantes especializados) na recepção de Weber em seus países. Para tanto, a literatura internacional foi abordada priorizando trabalhos acadêmicos internacionais sobre a recepção de Weber (SCHÖGLER, 2011, p. ex.), bem como artigos científicos sobre o tema (RIJKS, 2012, p. ex.) e os arquivos disponibilizados pelo Círculo de Heidelberg (HANKE, 2016, p. ex.)<sup>14</sup>.

O Capítulo II inicia-se com um panorâma da distribuição mundial dos escritos de Weber, abordando as estruturas básicas e os mediadores desta distribuição. Por fim, a circulação internacional de Weber é abordada de forma empírica, indagando o campo da literatura a respeito dos processos de exportação, importação e recepção das obras de Weber em países divididos em quatro categorias territoriais<sup>15</sup>: Europa, Américas, Oriente Médio e Mundo Árabe e Ásia e Sudoeste Asiático. Apesar de se usar como referência a ideia de “categorias territoriais”, não se trata de explorar

---

<sup>14</sup> V. Capítulo II.

<sup>15</sup> Conforme a literatura internacional disponível sobre o tema (amostra).

geograficamente a distribuição. As categorizações seguem o critério de disponibilidade da literatura (amostra) e não representam a totalidade da circulação distribuída em territórios geográficos.

Ao final do Capítulo II, os dados levantados são tabulados, sistematizados e analisados, indicando padrões e peculiaridades correlatas e/ou causais. Podem-se observar, pelo menos, três linhas de interpretação de Weber que predominam na recepção estrangeira: aqueles aqui chamados os “Intérpretes”, que intentam aprofundar seus conhecimentos na epistemologia weberiana, sobretudo na diligência de “modernizar”, ou ampliar, os processos teórico-metodológicos das ciências sociais em seus países<sup>16</sup>; os “Metateóricos”, que discutem o contexto de elaboração e publicação das ideias de Weber e a transposição destas ideias para o seu próprio campo intelectual, pensando discrepâncias, idiosincrasias e verossimilhanças entre as ideias originais e as adaptações concedidas à importação de Weber<sup>17</sup>; e os debatedores sob “Tensão Crítica” que, em uma virada exegética, empreendem algum grau de repreensão sobre a interpretação que Weber fez de seus sistemas culturais<sup>18</sup>.

Seguindo-se uma lógica dedutiva, parte-se do macro para o micro. Logo, intenta-se compreender primeiramente como Weber chega a outras partes do mundo e, só depois, compreender como ele se ancora no panorama local. Portanto, é somente no momento posterior que se faz cotejar estes dados historico-sociológicos com a própria recepção de Weber no mercado editorial brasileiro (*campo de chegada*). É no Capítulo III que se apresentam características da recepção de Weber no Brasil.

No Capítulo III, intenta-se o processo de explicar algumas das generalidades (correlações históricas com os quadros mundiais) e as especificidades da recepção local, sem, contudo, provocar uma hierarquização dos processos de recepção lá ou cá<sup>19</sup>. Primeiramente, são organizadas as tendências gerais da circulação

---

<sup>16</sup> Por Exemplo, Morcillo Laiz e Weisz (2016); Freund (2010 [1966]).

<sup>17</sup> P. ex., Grossein (2005); Tsai, 2016

<sup>18</sup> P. ex., Dahlmann (2014); Bucholc (2014).

<sup>19</sup> V. Capítulo III.



internacional de Weber de modo a se obter parâmetros analíticos do quadro global que possam ser articulados com a recepção local. Contudo, não se trata de buscar por padrões de normativos e, sim, de compreender e explicar se há peculiaridades em nosso processo e, em havendo, em que ela se diferencia ou se assemelha a outras “peculiaridades” observadas na circulação global. Em suma, trata-se de uma agenda de pesquisa de fundo tipicamente weberiano: compreender para explicar.

Trata-se, também, como sugerido por Sell (2021), de superar “uma visão difusionista e unidirecional para adotar uma hermenêutica global e multi-direcional (*sic*)”, pois, dado que se adota esta perspectiva sobre “a seleção, adaptação e modificação de conceitos de Weber”, quando analisados no contexto da realidade local, “não são entendidas apenas como aplicações: tais processos representam também um desenvolvimento teórico rico, criativo e original da sociologia weberiana” (SELL, 2021, p. 02).

Colocando de outra forma e em correlação com esta pesquisa, pode-se dizer que, em aplicação, embora cada recepção local siga tendências gerais em relação à circulação global, a realidade brasileira traz, em si, elementos próprios e peculiares o bastante para obterem relevância e, em uma inversão de vias, dar a sua própria contribuição para a sociologia da circulação global de Weber.

Por outro lado, recepção brasileira também apresenta algumas operações de mediação das ideias de Weber que soam originais, mas acabam passando por chaves interpretativas correlatas a outras experiências de circulação global e recepção local. Citam-se as chaves de leitura do “atraso” local diante dos processos de modernização e a chave da atualização teórica e metodológica para o desenvolvimento e a institucionalização das ciências sociais locais, ou seja, como se demonstrará no Capítulo III, mesmo a emergência de Weber no Brasil entre os anos de 1960 e 2000 acompanha uma tendência geral de recepção.

É possível verificar, também, que há diferenças significativas em sincronia entre a circulação global e a recepção local. Isso não quer dizer, *necessariamente*, que há atrasos ou antecipações no cenário da importação local de Weber.

Villas Bôas (2014, p. 09), sugere em seu mapeamento da recepção nacional de Weber no Brasil<sup>20</sup>, que esta importação não se deu de forma contínua, mas em “ondas” intermitentes. Não há um consenso na literatura brasileira sobre as principais fases de recepção da obra de Max Weber no Brasil ou a dimensão exata quanto à forma (institucionalidade), volume (publicização) ou durabilidade (temporalidade) destas fases<sup>21</sup>, ainda assim, pode-se identificar com base na literatura um tênue entendimento acerca dos conteúdos e também das demandas teóricas mobilizadas no *mindset* de cada tempo.

Mesclando-se elementos encontrados na literatura temática (estado da arte) e elementos encontrados na pesquisa (fontes do campo literário) — diferentemente do recorte tomado para contabilizar o balanço de produções literárias que traduzem o pensamento as obras de Weber —, opta-se, neste trabalho, por um recorte específico que contempla uma seleção longitudinal tipificada em três fases de recepção<sup>22</sup> de Weber no Brasil, limitando-se ao corte temporal que vai de meados da década de 1920 até meados da década de 2010<sup>23, 24</sup>.

Finalmente, fechando o Capítulo III, propõe-se um “estudo de caso” em torno da recepção da obra *Economia e Sociedade*, trata-se de uma avaliação empírica das condições de recepção da obra de Weber no Brasil, a partir da análise da história de uma de suas mais prestigiadas obras quanto à origem, ao amadurecimento e ao vaticínio de uma de trágica e inevitável “morte” que se apronta no horizonte após o seu desmantelamento pela MWG. O caso é emblemático e muito ilustrativo sobre o tipo de leitura que se faz no Brasil tanto sobre as fontes weberianas com que estamos lidando — sejam elas originais ou secundárias —

---

<sup>20</sup> Ver o célebre artigo *A Recepção controversa de Max Weber no Brasil (1940-1980)*, publicado no volume 57 da revista *Dados* (VILLAS BÔAS, 2014).

<sup>21</sup> Ver, p. ex., Vianna, (1999); Waizbort (2012); Mata (2013; 2016); Villas Bôas (2014); e Sell (2014).

<sup>22</sup> Embora estas fases se conectem diacrônica e indiretamente às fases propostas por Schwin (2020) ao analisar a recepção de Weber na Alemanha, o caso brasileiro tem suas peculiaridades e temporalidades próprias.

<sup>23</sup> Esta tipologia equivale a um valor conceitual e heurístico, a própria maneira do “tipo ideal” weberiano, já que esta divisão não é encontrada de forma rígida e estanque na linha do tempo.

<sup>24</sup> Note-se, porém, que a recepção de Weber remeta ao Brasil da década de 1920, mas o período de importação efetiva da literatura weberiana inicia-se, somente, na década de 1960. No Capítulo III é possível confrontar os dados de importação daquele período até o ano de 2020.

quanto pela atualidade de nossas traduções a obra de Weber: fragmentada, seccionada e, sobretudo, defasada.



## CAPÍTULO I — A RECEPÇÃO DE MAX WEBER NA ALEMANHA <sup>25</sup>

Neste capítulo, abordam-se alguns elementos marcadores dos caminhos percorridos por Weber em seu *campo intelectual* de origem, desde suas influências de base na sociabilidade do entorno familiar, passando por sua trajetória intelectual–acadêmica e desvelando o destino e a organização dados ao legado de seus escritos.

Na Seção 1.1, coloca-se em análise o contexto de mudança no *campo intelectual* em que emerge o acadêmico Max Weber. Para contextualizar o quadro social desta mudança, recorre-se a alguns elementos biográficos relativos ao entorno familiar e às relações sociais mais ligadas ao seu desenvolvimento intelectual. Assumindo-se que toda abordagem de biografia parte de um recorte arbitrário, indica-se que esta contextualização da história de Weber não pretende ser uma revisão biográfica. A vida de Weber é abordada, aqui, apenas enquanto contextualiza sua origem em um momento em que a classe intelectual burguesa e liberal alemã se desprende da burocracia estatal e seu sentido de locupletação acadêmica e se levanta frente aos chamados “mandarins alemães”, conceito formulado por Ringer (2000).

Já nas Seções 1.2 e 1.3, aborda-se a temática da gênese editorial do *opus weberiano* e as estratégias de organização e publicização de seus trabalhos. São descritas as organizações temáticas das obras, a temporalidade entre as publicações, arranjos editoriais, acordos institucionais, lideranças envolvidas e redes de agentes à frente da história de origem, continuidade e permanência do arcabouço weberiano de 1889 até os dias de hoje. Estas seções — organizadas a partir de uma abordagem mais “descritiva” do que “analítica” — organizam elementos compreensivos que serão elos–chave para o entendimento da disseminação das

---

<sup>25</sup> Partes deste capítulo foram apresentadas no 19.º Congresso Brasileiro de Sociologia - SBS (CARVALHO, 2019b) e em versões resumidas e/ou simplificadas em (CARVALHO, 2019b; 2019c). A presente versão complementa, atualiza e amplia as versões anteriores.

ideias de Weber pelo mundo (Capítulo II), incluindo a importação de seus trabalhos para o Brasil (Capítulo III).

A abordagem desta gênese editorial é organizada em três chaves de compreensão, contingentemente cindidas pela temporalidade, o que não deve prevalecer acima do caráter factual e substantivo de cada uma destas divisões. Além disso, embora sejam considerados os elementos temporais (como datas e marcos de passagem) estes três ciclos são tipologias e podem ser analisados separadamente como fatos sociais, mas não devem ser entendidos como estanques, pois, historicamente, são interpenetrados e interdependentes. Esta tipologia é parte do processo de compreensão e explicação — como em um típico programa de pesquisa weberiano — da origem, continuidade e permanência das ideias de Weber, sendo que para se compreender a permanência é preciso compreender os elementos de ligação e transição entre um ciclo e o outro. Ou seja, cada fase pode ser compreendida por si ou em relação com as outras.

Neste sentido, evidencia-se que na Seção 1.2 abordam-se elementos dos “Três grandes ciclos editoriais de Max Weber”, partindo-se da fase de “Auto-organização”, cuja obra foi levada ao público a partir da supervisão editorial do próprio autor; em seguida, definindo-se a organização póstuma do Espólio weberiano pelas mãos de Marianne Weber, quem legou as ideias do autor à posteridade, dando especial atenção a elaboração dos *Ensaio Reunidos (Gesammelte)*; em um terceiro momento, apresenta-se a reorganização contemporânea dos escritos de Weber e seu respectivo detalhamento, um projeto iniciado há cinco décadas, aproximadamente, e que escrutina e reposiciona a produção weberiana, apresentando-a como a *Max Weber-Gesamtausgabe (MWG — As Obras Completas de Max Weber)*, projetando o nome do autor para as próximas gerações. Na seção 1.3 realiza-se uma imersão detalhada na MWG, atentando-se à sua organização interna e às redes externas de especialistas e colaboradores e às suas relações institucionais. Ao final do capítulo por fim, são revisadas as linhas de conexão que garantiram a “persistência” das ideias weberianas no mundo editorial e acadêmico e Listam-se os principais momentos e agentes que legaram a produção weberiana de uma geração à outra.

## 1.1 MAX WEBER ENTRE OS “MANDARINS ALEMÃES”<sup>26</sup>

Esta Seção aborda a era de transição moderna na ordem social alemã, definida por Ringer (2000) pelo recorte do período entre 1890 e 1933. Este corte é justificado pelo autor pela expansão econômica tipificada na última década do século XIX, resultado da política desenvolvimentista adotada nos anos de 1860. Tal vento de prosperidade cessou em uma “sensação resultante de mudança e instabilidade [que] intensificou-se com a revolução política e a inflação desastrosa que se seguiram à Primeira Guerra Mundial” (RINGER, 2000, p. 19). Também é colocado em análise o contexto de mudança no *campo intelectual* em que emerge o acadêmico Max Weber. Assumindo-se que toda abordagem biográfica parte de um recorte arbitrário, indica-se que esta contextualização da história de Weber não pretende ser uma revisão biográfica. A vida de Weber é abordada, aqui, apenas enquanto contextualiza um momento em que a classe intelectual burguesa e liberal alemã se desprende dos chamados “Mandarins Alemães” — conceito formulado por Ringer (2000) — e se levanta frente à burocracia estatal e seu sentido de locupletação acadêmica.

As transformações da Alemanha em processo de industrialização trouxeram mudanças abruptas e profundas à organização e à condução do modo vida naquele país. Há um período de maior intensidade nestas mudanças, concentrado entre o final do século XIX e o início do século XX, alterando a estrutura da economia alemã de, praticamente, uma sociedade de aristocracia agrária àquela nação altamente bélico-industrializada que lançou um potente bombardeiro monomotor, o Ju 87 *Junkers “Stuka”*, fabricado pela Junkers Construções Aeronáuticas S.A., em 1935, deu o subsequente salto de engenharia com a fabricação do primeiro caça a jato de interceptação de que se tem história, o Me 262 *Schwalbe*, fabricado pela Industrial Messerschmitt, em 1941. Contudo, como se tem ampla notícia, esta transição impôs

---

<sup>26</sup> Como alertado na introdução deste Capítulo, esta contextualização da história de Weber não pretende ser uma revisão biográfica. Para aqueles que desejam se aprofundar mais sobre a biografia de Weber, pode-se recorrer a seus biógrafos aclamados, como Joachim Radkau, Jürgen Kaube, Dirk Käsler e Lawrence A. Scaff.

seus custos pesados com a emergência de um Estado totalitário e imperialista, capitaneado pelo *Nationalsozialismus* (NS).

O cenário acadêmico, evidentemente, não ficou de fora destas convulsões. Ringer (2000) nota que para os acadêmicos alemães havia uma sensação de descontinuidade da ordem e de desgastantes reviravoltas que se tornavam em “uma apresentação particularmente desagradável aos problemas da civilização tecnológica” (RINGER, 2000, *ibidem*), um sentimento que, argumenta Ringer, era passível de se encontrar — não raramente — também em outros em ambientes acadêmicos da Europa por conta da nova era dos eventos de massa e de máquinas, como uma aura de ceticismo e apreensão no ar, acompanhados de uma sensação de desabrigo permanente. Este processo despertou uma reação “contra a civilização democrática” na classe letrada alemã e, mais amplamente, em todas as nações modernas, mas não se tratando de uma reação puramente conservadora “na defesa de uma aristocracia rural ou de uma elite empresarial” (RINGER, 2000, p. 20), mas no papel pleno de intelectuais, retornando ao tema exaustivamente a cada oportunidade, sobretudo nas duas primeiras décadas do século XX. Mesmo que os intelectuais alemães se considerassem “parte de uma elite ameaçada [...], membros de um seguimento instruído distinto da nação” o *status*, ali, era de pertencimento a “uma comunidade intelectual extremamente integrada e relativamente homogênea” (RINGER, 2000, p. 21), unidos por uma formação letrada, pelas posições sociais inerentes aos papéis desempenhados, pela posição intelectual frente à situação e, principalmente, pelo sentimento de ameaça contínua às suas posições.

Diante desta relativa coesão na *intelligentsia* acadêmica alemã, Ringer (2000) recorre a um modelo heurístico, de tipo ideal, para caracterizar o intelectual deste grupo: o tipo ideal dos “mandarins”. A figura do funcionário letrado, elite tradicional da antiga China, não é de todo estranha ao leitor de Weber<sup>27</sup> e é a inspiração para Ringer, em si mesma. Adaptando o conceito ao cenário intelectual europeu, a definição arrolada por Ringer (2000) retrata os mandarins “como a elite social e cultural que deve seu *status* muito mais às qualificações educacionais do que à

---

<sup>27</sup> Em português, ver, p. ex., “Os letrados chineses” (WEBER, 2010. p. 288-306).



riqueza ou aos direitos hereditários” (RINGER, 2000, p. 22). De porte desta definição, Ringer (2000) escrutina as opiniões públicas emitidas por um tipo muito específico de mandarim: os humanistas e cientistas sociais acadêmicos da Alemanha entre, 1890 e 1933.

Embora o tipo “mandarins alemães” elaborado por Ringer (2000) não se compare com seu correlato original sino-asiático quanto à raiz direta no funcionalismo burocrático, há aproximação entre a formação da burocracia de Estado e o papel do intelectual acadêmico desenvolvido na linha histórica alemã que se desenrolou entre os séculos XVIII e XX. A transição de “um Estado essencialmente feudal numa monarquia altamente burocrática” favoreceu “o desenvolvimento de elite mandarim forte e autoconsciente” (RINGER, 2000, p. 24). Os primeiros mandarins, segundo Ringer (2000), estariam fortemente atrelados à administração pública — seja no papel de peritos jurídicos ou professores — muito por conta da necessidade governamental de se restringir o poder das forças aristocráticas tradicionais e implantar um sistema organizacional baseado em práticas racionais e da demanda do monarca em cercar-se de funcionários cultos, burgueses independentes não oriundos das camadas da aristocracia feudal e da nobreza palaciana.

O monarca reformador deve apressar-se a associar-se aos mais cultos de seus súditos em proveito mútuo. Deve dar apoio financeiro às instituições de ensino superior e sanção oficial a um sistema cada vez mais completo e rigoroso de exames de admissão aos serviços públicos. O prestígio e a influência dos professores universitários, que controlam todo o esquema de padrões de qualificação, devem aumentar, assim como de todos os que têm seus certificados de conclusão de curso superior. Aos poucos, uma elite mandarim reconhecida e bem definida chegará assim a assumir uma posição de real importância na vida de seu país (RINGER, 2000, p. 24).

No começo da atividade mandarim, por não haver condições de rivalizar com a classe dos nobres, as expectativas sociais e econômicas eram reduzidas, de modo que os funcionários públicos do meio mandarim “contentavam-se com o papel de escribas nas camadas inferiores da administração, satisfeitos em proclamar sua lealdade à pessoa do príncipe e em mostrar a deferência por seus superiores aristocráticos” (RINGER, 2000, p. 24), na medida em que seu papel passa a protagonizar o desenvolvimento do sistema burocrático, e a relevância mandarim torna-se incontestável para o monarca, começou a se desenhar um esboço do que viria

a ser uma elite de funcionários, conferindo a si mesmos, inclusive, titulações e honrarias públicas, galgando posições de prestígio, tornando-se possíveis “os contatos com a classe dominante tradicional, chegando ao ponto dos casamentos mistos” (RINGER, 2000, p. 25). Preso a utilidade letrada e erudita dos servos outrora humildes, não há alternativa para o governante senão curvar-se à necessidade.

A força dos mandarins se consolida através da legalidade, seja em seus papéis de funcionários públicos ou de “cidadãos privados” (RINGER, 2000, p. 26). A defesa teórica das liberdades individuais interessa aos mandarins, pois confronta diretamente o poder monárquico e aristocrático. Nesta linha, Ringer argumenta que “juntas, as doutrinas da legalidade e do conteúdo cultural constituem a ideologia de uma elite mandarim que alcançou a maturidade” (RINGER, 2000, p. 27). No controle do sistema educacional e no domínio da linguagem vernácula, argumenta Ringer, os mandarins se sentem muito à vontade com os “padrões políticos e sociais e reservam-se o direito de proclamar os objetivos culturais do Estado [...], um perigo potencial para o governante” (RINGER, 2000, *ibidem*). Cioso de sua posição, o governante está nas mãos dos mandarins, a quem patrocina com zelo e concórdia, provendo ofícios, titulações e relativa segurança, e recebendo em troca fidelidade e competência por parte do funcionalismo.

Não fosse a avassaladora mudança no mundo da produção econômica, os mandarins alemães continuariam neste círculo de beneplácito, envolvendo-se em rusgas pontuais com a nobreza.

O ensino tradicional da elite, destinado a formar verdadeiros mandarins, heróis e símbolos de uma cultura abrangente e moderadamente esotérica, já não parecerá suficientemente prático para os modernistas, todos os tipos de considerações utilitaristas serão apresentados em defesa da causa da tecnologia. Até mesmo alguns intelectuais mandarins podem, sem perceber, começar a abandonar o ensino espiritualmente significativo em favor de compensações mais seguras de especialização e pesquisa de rotina (RINGER, 2000, p. 24).

Ringer (2000) observa na emergência de uma nova burguesia industrial e urbana a crescente contestação da liderança da elite culta. Empresários e trabalhadores de indústria, líderes partidários e técnicos se apropriam da participação pública gradualmente, enfraquecendo a influência dos mandarins. Os burgueses chegam às universidades com novos anseios, e pouca predileção pelo

clássico e canônico e menor deferência pela burocracia e o funcionalismo. Por esta direção, de acordo com Ringer (2000) os perigos para os mandarins são altos, a começar pelo risco fracassarem e de serem ignorados.

É neste cenário que surge o acadêmico Max Weber.

Nascido em Erfurt, Turíngia, em 1864, Weber cresceu em uma família provinda das classes burguesas ligadas à indústria e ao comércio têxtil e seu pai, Max Weber sênior, desempenhou papel público como “jurista e conselheiro municipal” (GERTH; WRIGTH-MILLS, 2010). Pelo lado materno, a família de Weber vinha de uma tradição protestante, crença continuada na figura da Sra. Helene Fallenstein Weber — descrita por Gerth e Wrigth–Mills como uma senhora “cultu e liberal”, provinda de uma família de “professores e pequenas autoridades”, cujo pai, “ele mesmo um funcionário se retirou para Heidelberg às vésperas da revolução de 1848” (GERTH; WRIGTH-MILLS, 2010, p. 03).

Sobre as origens de Weber, Roth (2002) sugere que a dimensão cosmopolita de Weber — como um “cosmopolitan nationalist” (ROTH, 2002, p. 64) que apoiava integração pacífica da Alemanha na economia mundial —, sua visão de mundo, seu trabalho e produção acadêmica estão diretamente associados à história e aos negócios de sua família. Por sua origem, Weber é situado por Roth (2002) como um descendente direto da burguesia cosmopolita que formou as vias da economia mundial capitalista do século XIX. O ponto central da tese de Roth<sup>28</sup> é que os principais trabalhos de Weber, incluindo seus estudos sobre os trabalhadores a Leste do Rio Elba ou sobre a bolsa de valores, não podem ser vistos apartados de sua biografia e de sua fortuna de ascendência familiar.

Em 1969, aos cinco anos do pequeno Max, a família Weber mudou-se para Berlin, cidade que se tornaria o centro alemão bismarckiano e que garantiria ao Weber pai uma ativa vida política. Uma intensa atividade político-intelectual se desenvolveu no lar da família. Gerth e Wrigth-Mills lembram que ali, o “o jovem Weber conheceu homens como Dilthey, Mommsen, Julian Schmidt, Sybel,

---

<sup>28</sup> Que não será desenvolvido aqui, apenas tangenciado.

Treitschke e Friedrich Kapp” (WEBER, [MARIANNE], p. 71 apud GERTH; WRIGTH–MILLS, 2010, p. 03).

Crescendo em um ambiente próspero de ideias e sendo um jovem pouco dado a atividades físicas por conta de uma meningite aos quatro anos, Weber encontrou nos livros e no pensamento a sua preferência de autoaperfeiçoamento, produzindo experiências bastante precoces em seu período escolar e sendo o tipo de adolescente que “quando mandaram preparar-se para a crisma, aprendeu hebraico suficiente para ler o texto original do Velho Testamento” [!] (WEBER, [MARIANNE], p. 75 apud GERTH; WRIGTH–MILLS, 2010, p. 03).

Por ambos os lados familiares, Weber descendia de comerciantes com negócios ativos pelo mundo. Pelo lado materno, sua ascendência está ligada aos Frankfurt Souchay, “was one of the wealthiest Anglo-German families in the middle of the 19th century” (ROTH, 2002, p. 64), comerciantes internacionais baseados em Manchester e Londres. Além de uma ligação dos Fallenstein na Antuérpia e na América do Sul com a Família Bunge, cujas empresas de mesmo nome estão no centro do mercado internacional de produção e transporte de cereais. Do lado paterno, os Bielefeld Weber fizeram fortuna com negócios de importação e transportes comerciais em Hamburgo.

Roth (2002) situa Weber como alguém que cresceu familiarizado com a dinâmica das atitudes cosmopolitas de sua família, “including the English and Dutch-Belgian lines” (ROTH, 2002, p. 65), como quando aos 15 anos recebeu de presente o tradicional Calendário Goethe, cuja edição daquele ano trazia a biografia de seu avô G. F. Fallenstein. Ocupado desde cedo com a árvore genealógica da família, Weber, de acordo com Roth (2002), percebeu logo cedo que estava ligado a uma linhagem de figuras importantes, em posições de destaque no meio comercial e político. Assim, o jovem Max

[...] realized early that his Heidelberg grandmother, Frau Geheime Finanzrat (Privy Councilor) Emilie Souchay Fallenstein was the daughter of the Anglo-German business founder Carl Cornelius Souchay; the sister of the Frankfurt senator and mayor Eduard Souchay und of the two English “patrician merchants” (*Handelsherren*) Charles and John Souchay in Manchester; the sister-in-law of Friedrich Wilhelm Benecke, head of Benecke, Souchay & Co. in London; and the mother-in-law of the Baden prime minister Julius Jolly, the political writer and historian Hermann Baumgarten, the politically active theologian and novelist Adolf Hausrath, the Alsatian geologist Ernst Wilhelm Benecke, the leading Antwerp businessman Karl Gustav Bunge, as

well as of his own father, the Berlin city councillor in charge of public construction and member of the Reichstag and Prussian diet (ROTH, 2002, p. 65).

É no entrelace da vida acadêmica com a vida militar que Weber descobre o cuidado físico-esportivo. Os treinos de duelos como herança aristocrática, mas à maneira burguesa, era prática nos anos de Heidelberg, três semestres depois, transferiu-se para Estrasburgo para dedicar um ano ao serviço militar, período em que quase se consumiu no tédio de legar as atividades intelectuais ao segundo plano, sentimento desastroso que entorpecia numa nuvem leve de ressaca, até que a rotina de treinos da educação militar o colocasse em uma espécie de torpor do qual não deixou de tirar certa compreensão:

[...] incrível desperdício de tempo exigido para domesticar seres pensantes e transformá-los em máquinas que atendem ordens com precisão automática... Espera-se aprendamos a paciência observando, durante uma hora diária, toda sorte de coisas absurdas que são chamadas de educação militar. Como se, Deus meu!, depois de três meses do manual de armas (*sic*), durante horas diárias, e dos numerosos insultos dos mais miseráveis canalhas, alguém pudesse sofrer de falta de paciência! O candidato a oficial deve ser privado da possibilidade de usar sua mente durante o período de instrução militar (WEBER, [MARIANNE], p. 77 apud GERTH; WRIGTH-MILLS, 2010, p. 03).

Já como oficial, como narrado por Gerth e Wrigth-Mills (2010), Weber compreendeu os rendimentos precisos de um corpo plenamente entregue as suas tarefas físicas desenvolvimento do pensamento. No período que esteve em Estrasburgo, circulou socialmente pelas residências de duas tias maternas, casadas com professores da cidade. Gerth e Wrigth-Mills (2010) descrevem a experiência como um conforto afetivo e intelectual para o período, no qual o jovem Weber exercitava dotes diplomáticos mediando situações pitorescas. Durante os tempos do curso de direito, o oficial Weber precisou dividir os últimos semestres de formação com trânsitos intermitentes para exercícios militares.

Ao final dos estudos, em 1886, começou a trabalhar nos tribunais de Berlim, ainda residindo com os pais, na mesma cidade. De volta à academia, “concentrou-se em um campo em que a história econômica e a jurídica se confundiam” (GERTH; WRIGTH-MILLS, 2010, p. 07), desenvolvendo uma tese sobre a história das companhias de comércio na Idade Média, defendida em 1889.

A própria natureza da opção acadêmica de Weber, constata Roth (2002) estaria ligada a esta ascendência, dado que o sociólogo escolheu a habilitação em direito comercial planejando uma carreira prática, ligada ao comércio de importação e exportação, planos que abandonou após o agravamento do seu quadro de saúde. A partir daí, e isto é frisado por Roth (2002), Weber toma a opção de viver como “a capitalist rentier and gentleman scholar” (ROTH, 2002, p. 65), o que lhe permitia ser livre e indisciplinado tanto em termos dos compromissos acadêmicos, os quais podia aceitar ou recusar conforme seu estado de espírito, quanto em produção, já que sua condição desestruturada [*unstructured situation*] lhe deu certa autonomia para compor sua sociologia e abordagem histórica “largely in the Heidelberg family mansion that had been built with profits from world trade” (ROTH, 2002, p. 66).

O interesse e a compreensão de Weber sobre os EUA também seriam frutos de uma precoce vivência familiar. Segundo narra Roth (2002), no natal de 1875, Friedrich Kapp — amigo da família Weber ativo na política republicana de Nova York, identificado por Roth como um *paternal mentor* do jovem Max —, deu de presente ao garoto de onze anos uma cópia alemã da autobiografia de Benjamin Franklin, aconselhando na introdução:

May every German father put Franklin's autobiography into his son's hands as a textbook we lag behind the materially more developed peoples, especially the Americans, in appreciating the proper role of money-making and material means in achieving spiritual and moral purposes (KAPP, apud Roth, 2002, p. 67).

De acordo com Roth (2002), a tutoria de Kapp foi fundamental para que Weber conhecesse em primeira mão “the darker sides of American democracy [...], from the the predatory wars by the democratic Union against Mexico to the rule of the bosses and machines in the cities” (Jugendbriefe, 1885, 192, apud ROTH, 2002, p. 67)<sup>29</sup>.

Além deste evento em particular e este laço com Friedrich Kapp, outro fator pode ter estimulado o interesse de Weber nos EUA. Roth (2002) nos relata que Max

---

<sup>29</sup> Aqui uma referência às “Cartas de juventude” [*Jugendbriefe*] de Weber, em especial a de n.º 192 (*Jugendbriefe*, 192, Dec. 6, 1885).

Weber Sênior, que representou por algum tempo os interesses ferroviários privados no Parlamento Prussiano, aceitou um convite para assistir à inauguração da linha transcontinental Northern Pacific Railroad, por parte do magnata das German–American Railroad, Henry Villard (nascido Heinrich Hilgard). Nesta viagem de um mês no trem particular de Villard, Max Weber Sênior conheceu figuras peculiarmente interessantes, como Georg Siemens, diretor do Deutsche Bank, e também o ex–aluno de Heidelberg, James Bryce, que mais tarde relatou aquela viagem no livro *American Commonwealth*. Em sua viagem à Feira Mundial de St. Louis de 1904, Max Weber Jr. visitou a família Villard em Nova York.

Roth (2002) sustenta, ainda, que Na primeira versão de *Economia e Sociedade*, Henry Villard aparece no fragmento de carisma (EeS 1118)<sup>30</sup> — em uma referência ao “capitalismo de butim” [*robber capitalism*]<sup>31</sup> e uma das poucas ligações diretamente visíveis entre as ligações íntimas da família Weber e o trabalho acadêmico:

The antagonism between charisma and everyday life arises also in the capitalist economy, with the difference that charisma does not confront the household but the enterprise. An instance of grandiose robber capitalism and of a spoils-oriented following is provided by Henry Villard's exploits. [In 1881] he organized the famous 'blind pool' in order to stage a stock exchange raid on the shares of the Northern Pacific Railroad; he asked the public for a loan of fifty million pounds without revealing his goal, and received it without security by virtue of his reputation. The structure and spirit of this robber capitalism differs radically from the rational management of an

---

<sup>30</sup> Referência ao “fragmento 1118” do “Espólio”. Parte destes textos viria a compor a coletânea *Economia e Sociedade*. Cf. Capítulo III, Seção 3.5.

<sup>31</sup> Em uma nota de rodapé sobre o assunto, Roth (2002, p. 77) faz menção a um equívoco de Weber quanto à memória dos fatos narrados, uma vez que o caso Villard não é o melhor representativo de carisma empresarial. A própria ideia de um “capitalismo de butim” é trazida por Ringer como oposição a o capitalismo burocratizado moderno [*Alltagskapitalismus*], colocando em dúvida se a empresa de Villard era realmente uma “empresa racional e eficientemente organizada”, ou se os investidores do “*blind pool*” agiram, de fato “cegamente”, uma vez que Ringer pressupõe que o “*blind pool*” era passível de ser desvendado por dedução lógica: “The facts, which Weber no longer remembered correctly, do not make Villard's 'blind pool' a convincing example of entrepreneurial charisma. The dichotomy of modern bureaucratized capitalism [*Alltagskapitalismus*] and grandiose booty capitalism makes it hard to recognize that Villard's railroad firm was a rational and efficiently organized enterprise that still could not be profitable – no English or American railroad company ever was in the long run. It is intriguing to notice that the event stayed magnified in Weber's mind and that He exaggerated the number. Only eight million dollars were raised 'blindly'; fifty million dollars (*not pounds*) was the final pool. Investors did not act irrationally. Villard's Oregon Railroad and Navigation Company paid good dividends and the purpose of his "blind pool" could be guessed. Nota nº 12, em Roth (2002, p. 77).

ordinary capitalist large-scale enterprise and is most similar to some age-old phenomena (ROTH, 2002, p. 77).

Tomando as proposições de Roth (2002), mesmo alguns dos interesses temáticos de Weber estariam ligados diretamente a questões de econômicas de família, como a situação dos trabalhadores e do capitalismo agrário a Leste do Rio Elba<sup>32</sup> ou a questão da bolsa de valores<sup>33</sup>. Durante o *Reichstag*, relata Roth (2002), o pai de Weber, Max Weber Sênior, teria lutado contra o movimento dos conservadores em defesa do aumento de impostos sobre o capital financeiro e do impedimento dos mercados de capital e de *commodities*. No Regime Prussiano, Weber Sênior foi membro da comissão que redigiu a Lei que visava reverter o “declínio” da população alemã no Leste, o *homesteading act*, de 1866. Roth relata, que, pela parte do governo, a execução da Lei cabia ao ministro da agricultura, Robert Lucius von Ballhausen, casado com Juliet Souchay, cuja família estava a frente da “Schunck, Souchay & Co.” — a principal fonte da fortuna dos Weber —, e cuja prima era ninguém menos do que Helene Fallenstein, a mãe de Max Weber. Roth descreve que mesmo uma inusitada seção no artigo de Weber sobre os trabalhadores do Elba que abordava a situação dos trabalhadores argentinos (e que um ano mais tarde seria publicada como um artigo sobre os colonos argentinos) é fruto da demanda por compreensão e da rede dos negócios familiares, sendo o principal informante de Weber seu primo Julius Fallenstein, que trabalhou para a Bunge a mando de Ernest Bunge, outro primo de Weber, residente na Antuérpia (ROTH, 2002, p. 66–67).

Sobre a bolsa, por exemplo, Roth declara que Weber era cômico que a maior parte da fortuna de sua mãe estava acumulada na bolsa de algodão de Manchester e no banco mercantil de Londres. Porém, todo o ramo da família Hamburgo era

---

<sup>32</sup> *Die Verhältnisse der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland. Die Verhältnisse der Landarbeiter in Deutschland, geschildert auf Grund der vom Verein für Socialpolitik veranstalteten Erhebungen (1891-1892)*. [As condições dos trabalhadores agrários na Alemanha a Leste Elba. As condições dos trabalhadores agrários na Alemanha, descritas com base nas pesquisas organizadas pela Verein für Socialpolitik], Vol. 3, Leipzig 1892.

<sup>33</sup> *Börsenwesen (1893). O sistema da Bolsa [de valores]*. Band II/5,1: Schriften und Reden [Escritos e discursos] 1893-1898. MWG. Hrsg. v. Knut Borchardt, in Zus.-Arb. m. Cornelia Meyer-Stoll. XVIII, 530 pgs. ISBN 978-3-16-146952-7



negociado na bolsa local. Quando se envolveu nos debates sobre a reforma do câmbio alemão, ele assumiu a posição de que, em princípio, apenas pessoas com posses — como seus próprios parentes — deveriam negociar na bolsa. A bolsa de Londres era um clube exclusivo. A bolsa de Hamburgo, embora aberta, estava inserida nas tradições patricias. Ambos serviram de modelo a Weber. Em 1896, ele não hesitou em declarar uma posição plutocrática à elite comercial e agrária reunida na comissão governamental de câmbio, defendendo a necessidade de um mercado de capitais forte e de bolsas de *commodities* eficientes para fortalecer a economia alemã no mercado mundial. De acordo com Roth 2002, Weber previu corretamente, por exemplo, que proibir o comércio de futuros de grãos em Berlim significaria simplesmente que as cotações na Bolsa de Comércio de Chicago estabeleceriam as diretrizes e, ainda, ao empregar uma retórica nacionalista provocadora, contra a direita e a esquerda, em defesa do mercado internacional, ele se tornou o mais jovem especialista em intercâmbio e sua reforma (ROTH, 2002, p. 69-70).

Esta possível influência da vida privada de Weber na formação da sua vida acadêmica, alegada por Roth (2002) não significaria uma perda ou seria obstáculo para a “objetividade” defendida pelo sistema weberiano. Afinal, a objetividade frente a valores diz respeito à abordagem metodológica do problema e não à escolha em si. Neste sentido, Ringer (2000) contextualiza a Alemanha do início do século XX como um ambiente de tensão entre a normatividade e a objetividade. Neste cenário, Weber defendeu contundentemente “banir todos os juízos de valor da *Wissenschaft* da economia” (RINGER, 2000, p. 158), uma solução, conforme Ringer (2000), encabeçada pelos intelectuais modernistas da comunidade acadêmica.

### *A sociologia alemã emergente*

A sociologia alemã é situada por Ringer (2000, p. 159): “uma filha legítima do modernismo mandarim; [que] não pode ser entendida separada dessa ascendência”, e reflete as condições sociais modernas: uma sociologia que teve de lidar com uma era de transição e os avanços do capitalismo sobre as “formas pré-capitalistas de organização social”, interpretando “os resultados desagradáveis desse processo na

vida política e cultural” e levantando “algumas questões inquietantes sobre as relações entre os homens na sociedade moderna”.

Na leitura de Ringer (2000, p. 159), essa sociologia alemã emergente também refletiu a atitude de pessimismo dos mandarins diante do cenário posto, bem como as mentalidades “fundamentais das teorias políticas e sociais do conservadorismo romântico”. Contudo, esta sociologia nascida no seio do academicismo mandarim buscou distinguir-se do pensamento escolástico dominante e

[...] diferiu dessas filosofias mais antigas em vários aspectos importantes. Não satisfez quaisquer sonhos da terra. Não era agrária nem feudal na orientação, porque não tinha ligação social com a aristocracia rural. Também não tinha raízes na classe média capitalista. Se os sociólogos alemães tinham alguma dívida intelectual, era com Marx; mas nem sempre reconheciam inteiramente essa dívida e não tinham nenhum compromisso com o socialismo proletário. **Eram mandarins e falavam em seu próprio nome** [...] A resignação foi um sentimento típico de toda a teoria social acomodacionista. Os modernistas, ao contrário de seus colegas ortodoxos, perceberam que não havia como escapar totalmente da modernidade. Propuseram-se encarar os fatos, aceitar que algumas facetas da vida moderna são inevitáveis ou mesmo desejáveis, procurando ao mesmo tempo abrandar seus aspectos mais acidentais e menos toleráveis. Essa atitude levou-os a controlar sua reação emocional ao novo ambiente, a manter um ideal heroico de clareza racional perante a tragédia. Preferiram a análise à hipocrisia e ao desespero destrutivo: tornaram-se científicos (RINGER, 2000, p. 159, **grifo meu**).

Estas transformações no *campo intelectual* alemão foram os alicerces nos quais foram assentes tanto os elementos de cisão entre os intelectuais liberais e os mandarins, quanto foram os pilares de criação da moderna disciplina da sociologia, salvaguardando-a, de acordo com Ringer (2000), “das críticas mais sentimentais e reacionárias da modernidade”, ditando os métodos, o isolamento conceitual dos vínculos sociais como “objetos de cognição”, para estudar os problemas sociais modernos “em sua essência”, dito de outro modo, “separados — ou abstraídos — tanto de Marx quanto da crítica romântica à situação moderna” (RINGER, 2000, p. 159).

Cabia à sociologia a manutenção da sua dimensão analítica e crítica e, pondera Roth (2002), precisou cindir-se da filosofia da história, e aos sociólogos coube o enfrentamento de querelas e controvérsias com representantes da teoria social de “visão política ortodoxa”, inclusive demarcando espaços conceituais, uma vez que “os achados e os termos descritivos da nova disciplina tivessem sido

extensivamente popularizados para serem usados em polêmicas políticas”, ainda assim, “o âmbito e os métodos da sociologia continuaram a ser veementemente contestados da década de 1880 à de 1920 e mesmo depois desta época”, sentencia Roth (2002, p.160).

No começo do século XX, Weber surge como um intelectual burguês economicamente emancipado, que podia se permitir certo grau de liberdade e indisciplina<sup>34</sup> frente aos mandarins e seu ortodoxismo. Weber — lembra Ringer — empreendeu vários de seus trabalhos mais famosos sobre a metodologia das ciências sociais, abordando, entre outras questões, uma parte do conflito interno, ainda sem solução definitiva, entre os economistas históricos e os teóricos. Mesmo que, como enunciado por Ringer (2000, p. 158), “a tentativa de Weber de traçar uma linha divisória entre *Wissenschaft* e juízo de valor tinha a clara intenção de intervir no debate sobre o futuro da reforma social”, isso não significava que Weber queria banir a política entre os economistas! O que estava em jogo era a crítica de Weber à mistura entre a ética e a teoria econômica. Weber reconhecia a importância da política, contudo, estava solicitando aos economistas abrirem mão da normatividade e, de acordo com Ringer (2000, p. 158) concentrarem-se no “esclarecimento de relações factuais e lógicas relevantes”, apelando à dedução metodológica do caráter normativo das discussões, dando passagem à “reflexão consciente e a análise crítica”.

Em outra perspectiva, Schwinn (2020) evidencia que a história da recepção de Weber também reflete a história da sociologia, de modo que o autor não pode ser tomado como um clássico imediato, nem mesmo em sua terra, nem em sua época. Questão que também foi levantada por Lallement (2003; 2004), exemplificando como Weber, embora reconhecido como canônico na sociologia universal, foi relativamente comum em seu próprio tempo e espaço. Para Schwinn (2020), mesmo nas décadas imediatamente após o falecimento de Weber não havia sinais que ele

---

<sup>34</sup> “Taking the option of living as a capitalist rentier and gentleman scholar, he could henceforth afford to be ‘undisciplined’ in both senses of the word: he was free to ignore academic boundary lines and to indulge in a pattern of ‘stop and go’ scholarship” (ROTH, 2002, p. 65).

se tornaria um dos autores mais importantes desta disciplina e, no fim das contas, a propagação e a recepção de Weber estariam ligadas diretamente à história da consolidação e da expansão da sociologia.

Dentre o conjunto das premissas de Schwinn (2020), duas são particularmente importantes. Primeiramente, Schwinn (2020) argumenta que a sobrevivência das ideias de Weber tempo suficiente para que elas se tornassem um arcabouço clássico não seria possível senão por um encontro entre pessoas e eventos-chave. Neste sentido, é preciso contabilizar alguns fatores para a recepção de Weber, principalmente em seu país natal. O outro ponto a se considerar é que Schwinn (2020) correlaciona o crescimento do interesse mundial em Weber, após os anos de 1960, ao crescimento no interesse internacional em sociologia, juntamente ao desenvolvimento transcontinental da institucionalização da disciplina.

#### *Encontro entre pessoas e eventos-chave*

Nos termos de Schwinn (2020), a celebridade e o prestígio gozado por Weber na atualidade não podem sequer ser garantidos em retrospecto e mesmo no ambiente intelectual da República de Weimar ele não gerou grandes expectativas e não recebeu nenhuma atenção mais sistemática e tampouco gerou qualquer tradição, até depois da Segunda Guerra e, ainda na década de 1960, não era de forma alguma previsível que Weber se tornaria parte integrante do ensino e pesquisa.

Os anos imediatamente seguidos à morte de Weber apresentavam a sociologia como um campo com baixo grau de institucionalidade no Período de Weimar. Conforme Schwinn (2020), existiu “uma resistência considerável por parte dos representantes das humanidades tradicionais”, como o direito e as ciências políticas, “para estabelecer a sociologia como uma nova disciplina com suas

próprias cátedras e institutos” (SCHWINN, 2020, p. 357)<sup>35</sup>. A esta época, relata Schwinn (2020), institutos departamentais e disciplinas não possuíam o mesmo sentido de espaço comum de cooperação científica. Os professores viam a si mesmos como cientistas individuais, “mônadas criativas” [*schöpferische Monaden*] em permanente rivalidade com os colegas e os sociólogos acadêmicos, após a formação, acabavam por se envolver nos espaços das disciplinas tradicionais importando para ali seus temas e controvérsias — às vezes, mesclando-os aos temas dominantes —, pois encontravam um fraco desenvolvimento da sociologia como uma “ordem intelectual” [*intellektuellen Ordnung*] (SCHWINN, 2020, p. 358).

Este clima acadêmico não favorecia a sociologia na República de Weimar, destaca Schwinn (2020), como um assunto de interesse permanente, muito menos o desenvolvimento de uma comunidade em torno desta ciência, e muito mais ao papel da disciplina como uma orientação científica individual para o trabalho acadêmico, do qual o nome de Weber era estranho e inexistente<sup>36</sup>. Em sua primeira infância em Weimar, a sociologia refletia a atenção que captava de todas as áreas das humanidades, o que dificultava a elaboração de um “perfil” homogêneo do que este campo representava. Na percepção de Schwinn (2020), esta heterogeneidade — que atraía ideias holísticas, historicistas, idealistas, materialistas e biólogos — não era um cenário propício ao nascimento de um clássico, já que, diferentemente do que Durkheim fez em seu país, Weber não fundou uma “escola” [*Schule*] que garantisse a posteridade de seu trabalho como um programa de sociologia institucionalizado, “Além disso, a própria obra de Weber era fragmentada, partes essenciais dela só eram acessíveis depois de 1925 e seu caráter não era facilmente acessível. Uma recepção sistemática não era esperada antes dos anos 1930”

---

<sup>35</sup> No original: „Es gibt erheblichen Widerstand der Vertreter der traditionellen Geistes, Rechts- und Staatswissenschaften, die Soziologie als neue Disziplin mit eigenen Professuren und Instituten zu etablieren“ (SCHWINN, 2020, p. 357).

<sup>36</sup> Este não era um problema particular de Max Weber, de acordo com Schwinn (2020), apoiado em Fogt (1981), “Em termos de formação disciplinar e consenso acadêmico, todos os sociólogos alemães da época eram ‘outsiders’” [„Von der disziplinären Herkunft wie von der akademischen Konsensfähigkeit her gesehen, waren alle deutschen Soziologen zu jener Zeit ‚Außenseiter‘“](FOGT, 1981, p. 246 apud Schwinn, 2020, p. 358).

(SCHWINN, 2020, p. 358) <sup>37</sup> e, lembra Schwinn (2020), o ensaio de Karl Löwith, *Max Weber und Karl Marx*, de 1932 e o estudo de Alexander von Schelting, *Max Webers Wissenschaftslehre*, 1934, são os trabalhos importantes do período.

Ainda que identificado com o pensamento liberal, os escritos de Weber escaparam à Grande Queima de Livros [*Bücherverbrennung*], de 1933, ação promovida na Alemanha pelo *Nationalsozialismus*, liderada pela *Nationalsozialistischen Deutschen Studentenbundes* (NSDStB), a Liga dos Estudantes Alemães Nacional-Socialistas. Schwinn (2020) avalia que a sobrevivência de Weber ao *reich* Nacional-Socialista se deve uma interpretação ambivalente que pesou sobre o trabalho e a pessoa de Weber durante o período e persistiu durante Pós-guerra em um intrincado equilíbrio entre suas posições liberais e um nacionalismo não pragmático. A contenda, segundo Schwinn (2020), seria resolvida a partir da interpretação dada ao trabalho de Weber pelos próprios intelectuais emigrantes e exilados que o mantiveram em suas bagagens. Mas na interpretação de Schwinn, as propagações da sociologia weberiana e das próprias ciências sociais alemãs não dependam exclusivamente destes intelectuais, já que nomes como os de Talcott Parsons e Edward Shils estão numa espécie de vanguarda de importação nesta linha. Mesmo que não se superestime o papel dos emigrantes, como recomenda Schwinn, citam-se, interpretes oficiais da obra weberiana, como Reinhard Bendix e Hans H. Gerth que propagaram os trabalhos de Weber no mundo liberal anglófono que o acolheu com relativa simpatia. Neste sentido, “com seu antiutopismo político e realismo sóbrio, Max Weber teve uma interpretação adequada para a experiência de vida no exílio” <sup>38</sup> e *A Ética Protestante* teria sido uma ferramenta útil para “lidar mentalmente com o choque cultural que a

---

<sup>37</sup> No original: „Zudem war das Werk Webers selbst fragmentiert, erst nach 1925 in wesentlichen Teilen gut zugänglich und von seinem Charakter her nicht leicht erschließbar. Eine systematische Rezeption war nicht vor den 1930er-Jahren erwartbar.“ (SCHWINN, 2020, p. 358).

<sup>38</sup> No original: „Für die Lebenserfahrung im Exil hatte Max Weber mit seinem politischen Antiutopismus und seinem nüchternen Realismus ein passendes Deutungsangebot.“ (SCHWINN, 2020, p. 359).

burguesia educada alemã experimentou quando confrontada com a vida cotidiana americana.”<sup>39</sup> (SCHWINN, 2020, p. 358).

Após o fim da Segunda Guerra, a tradição clássica perdeu fôlego para os novos debates e a pouca atenção dada a Weber em Weimar e a sobrevivência quase despercebida ao *reich* Nacional-Socialista, persistiram. É aí que entra o papel das figuras-chave que garantiram a sua sobrevivência de Weber e fundamentaram a possibilidade de sua recepção pelo mundo. A começar pelos esforços de Marianne Weber que garantiu a continuidade pública dos trabalhos de seu falecido marido. Como se demonstrará adiante (Tópico 1.2.1), Marianne Weber com todo o seu esforço formulou o escopo inicial sobre os trabalhos deixados pelo autor sem uma organização prévia, a continuidade de seu trabalho foi assumida por Johannes Winckelmann que, nos anos da década de 1970, encorpou o quadro de especialistas que editaram a coletânea completa e definitiva dos escritos do sociólogo de Heidelberg, a *Max Weber-Gesamtausgabe (MWG)*<sup>40</sup>. Na mesma classe de esforços individuais, Schwinn (2020) contabiliza alguns personagens estrangeiros simpáticos e entusiasmados que contribuíram para a difusão das ideias de Weber, como os já citados Talcott Parsons e Edward Shils junto a Reinhard Bendix nos EUA, e Raymond Aron na França<sup>41</sup>.

Além de pessoas-chave, Schwinn (2020) também avalia a importância de alguns eventos nos primeiros ciclos de recepção de Weber, como os eventos em celebração de seu centésimo aniversário, no ano de 1964, ano considerado por Schwinn como um notório ponto de virada na história da recepção weberiana, no enalço de uma série de conferências realizadas na Europa e na América, ampliando e expandindo as referências e citações a Weber.

---

<sup>39</sup> „Zudem bot seine Protestantische Ethik Hilfe bei der geistigen Bewältigung des Kulturschocks, den das deutsche Bildungsbürgertum in der Konfrontation mit dem amerikanischen Alltag erlebte.“ (SCHWINN, 2020, p. 359).

<sup>40</sup> A este respeito, v. Figura 2 (*Lideranças da linhagem editorial das obras de Max Weber na Alemanha*).

<sup>41</sup> Uma análise mais detalhada sobre a recepção internacional e transcontinental de Weber será apresentada no Capítulo II.

### *Recepção institucionalizada*

É a partir dos anos de 1970 que se inaugura um segundo momento na recepção de Weber, mais precisamente, desde 1973, coma sistematização da MWG. Schwinn (2020) reputa a esta ação o elemento catalizador de inéditos “carisma e atenção internacional”<sup>42</sup>, assentados em um sólido e sistemático fundamento teórico de bases sociológicas coerentes, com impacto refletido pelo número de citações, monografias e artigos publicados desde então<sup>43</sup>. Muito deste sucesso, reforça Schwinn, está no fato de figuras-chave apresentarem o sociólogo ao mundo, além da força de credibilidade institucional aplicada ao projeto MWG<sup>44</sup>. Schwinn (2020) destaca que a recepção de Weber demanda algumas condições para que seu pleno desenvolvimento, desde a formação de redes profissionais, grupos de pesquisadores interessados na *Weber-Interpretationen*, traduções e publicações de partes importantes de sua obra e a institucionalização de seus léxicos e problemas de pesquisa em um programa weberiano.

Outros dois fatores importantes são indicados por Schwinn (2020) para que se compreenda a institucionalização de Weber. O primeiro seria a própria expansão da universidade desde a década de 1960 e, o segundo, o vácuo deixado pelo enfraquecimento do marxismo no mesmo período, o que abriu espaço para outras variantes intelectuais. Apesar de Weber ter trânsito no Japão desde sua primeira hora e ser, ainda, uma novidade no “mundo árabe”<sup>45</sup>, as nuances destas formas de recepção serão demonstradas nas próximas Seções.

---

<sup>42</sup> No original: „Ausstrahlungskraft und eine internationale Aufmerksamkeit“ (SCHWINN, 2020, p. 362).

<sup>43</sup> Como no caso dos indicadores da International Sociological Association, que qualifica Max Weber, atualmente, como o sociólogo de maior recepção do mundo dentro da disciplina (SCHWINN, 2020, p. 362).

<sup>44</sup> Como se demonstrará na Seção 1.3 (Subseção 1.3.1) deste Capítulo, a MWG está ancorada em um sólido acordo institucional que envolve a Academia de Ciências da Baviera (BADW), a centenária editora Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. e um quadro renomado de acadêmicos especialistas na obra de Max Weber.

<sup>45</sup> V. Capítulo II, “Weber fora da Alemanha: recepção internacional”.



## 1.2 DEFINIÇÃO DOS TRÊS GRANDES CICLOS EDITORIAIS DE MAX WEBER

Nesta Seção (1.2), detalham-se as fontes bibliográficas originais (*campo de origem*). O ponto de partida foi compreender *como* as obras de Weber foram organizadas na Alemanha.

A condição que aqui se define como dos “Três Grandes Ciclos Editoriais de Max Weber” não se alia diretamente aos critérios estabelecidos por Schwinn (2020) demonstrados no Tópico anterior (1.1), a lembrar: Schwinn define os ciclos de **recepção** de Weber, como ciclos temporais associados ao que Bourdieu (2002a; 2002b; 2002c) chamaria “campo de chegada”, ou seja, os grandes ciclos em que as ideias de Weber circularam e foram acolhidas (ou não), de maneira suficiente para que sobrevivessem e permanecessem, até atingirem o *status* de “clássico”. Como se demonstrará no Capítulo II (Tabelas 6 a 9), esta forma de classificação proposta por Schwinn (2020) é de grande importância para se compreender, ao cruzar os dados, as lógicas de circulação temporal pelo espaço geográfico (exportação), determinando, inclusive, subetapas de importação estrangeira.

As próximas seções apresentam a disposição editorial-literária das obras de Weber no seu contexto particular de *campo intelectual origem*. Contudo, não se trata de elaborar apenas uma “genealogia editorial” dos escritos de Weber, no sentido de se estabelecer mera relatoria enciclopédica. Trata-se, sim, de apresentar uma descrição detalhada desse processo, para se criar uma referência-base para, adiante, fazer-se cotejar estes dados histórico-sociológicos com a própria recepção de Weber em outros *campos de importação* pelo mundo (Capítulo II) e no meio editorial e intelectual-acadêmico brasileiro (Capítulo III).

O conjunto de seus escritos abarca ensaios publicados e não publicados, rascunhos, artigos, cartas, anotações de aula e outros tipos de documentos. Uma vez que a maioria de seus materiais foi deixada sem uma tabulação prévia, coube a sua viúva, Marianne Weber, herdeira de seu Espólio, a tarefa de estabelecer uma organização para o material. Esta organização será tema da Seção 1.2.2.

O material tratado aqui é aquele que teve o cuidado e atenção do próprio Weber. Do extenso o volume de manuscritos deixados pelo autor, poucos de seus trabalhos foram ordenados em vida e, destes poucos, a maioria foi publicada pelo

próprio Weber. Em razão deste fato, opta-se por classificar este período editorial como “Ciclo de Auto-organização”.

### 1.2.1 O Primeiro Grande Ciclo Editorial: “Auto-Organização” (1889–1920)

Esta fase — inaugurada a partir da monografia que Weber compôs para obtenção da habilitação em direito comercial, *Zur Geschichte der Handelsgesellschaften im Mittelalter*<sup>46</sup>, publicada em Stuttgart, 1889. As publicações do ciclo de “Auto-organização” (Quadros 1 e 2) correspondem a acordos editoriais tratados diretamente com a editora Mohr Siebeck<sup>47</sup>, e é encerrada em 1920, com a publicação do primeiro de três volumes de *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* [**GARS**] [*Ensaio reunidos de Sociologia da Religião*].

Este primeiro de volume **GARS** já contou a supervisão final de Marianne Weber, em decorrência do falecimento do autor, marcando um ponto de transição quanto à gestão editorial do Espólio de Weber. Os outros dois volumes, **GARS I** e **GARS II**, como se verá (Quadro 3), foram publicados postumamente, em 1921, apesar de parcialmente encaminhados por Weber ainda em vida.

---

<sup>46</sup> Nota do Autor: *Sobre a história das sociedades [empresas] comerciais, na Idade Média*. Tradução livre minha, assim como as demais notas de tradução para títulos de obras em alemão que não estão publicadas em português.

<sup>47</sup> Será comum encontrar grafias diferentes para o nome desta editora bicentenária no referencial bibliográfico weberiano. Como se verá adiante (Seção 1.2.3), Georg Siebeck (nascido em 1946) se juntou à JCB Mohr (de Paul Siebeck) em 1972, e assumiu os negócios em 1976. Desde 1996, a editora passou a se chamar apenas Mohr Siebeck. Em 2003, pelo caráter jurídico adotado, tornou-se Mohr Siebeck eK e, em 2005, Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. Forma utilizada até os dias atuais (CARVALHO, 2016). A editora é a responsável pela publicação da coleção MWG.

**Quadro 1** — Publicações de “Auto-organização”, por Max Weber, entre 1889 e 1909

<b>Ano: Obras (ou seleções)</b>
<p><b>1889:</b> <i>Zur Geschichte der Handelsgesellschaften im Mittelalter</i>, Stuttgart 1889. Habilitationsschrift in Handelsrecht, [GASW] 312–443, daraus das 3. Kapitel <i>Die Familien- und Arbeitsgemeinschaften</i> separat veröffentlicht: <i>Entwicklung des Solidarhaftprinzips und des Sondervermögens der offenen Handelsgesellschaft aus den Haushalts- und Gewerbegemeinschaften in den italienischen Städten</i>, Stuttgart 1889, Inauguraldissertation.</p> <p>“<i>Sobre a história das sociedades [empresas] comerciais, na Idade Média</i>”, Stuttgart, 1889. Hab. em Direito Comercial ([GASW], p. 312–443), com o 3.º capítulo, “<i>A família e as comunidades de trabalhadores</i>”, publicado separadamente: “<i>Desenvolvimento do princípio da solidariedade e do fundo especial da empresa de comércio aberto nas famílias e nas comunidades comerciais em as cidades italianas</i>”, Stuttgart 1889, dissertação inaugural.</p>
<p><b>1891:</b> <i>Die römische Agrargeschichte in ihrer Bedeutung für das Staats- und Privatrecht</i>, Stuttgart 1891. Habilitationsschrift in Römischem Recht, Reprint, Amsterdam 1962.</p> <p>“<i>A história agrária romana e sua importância para o direito público [constitucional] e privado</i>”, Stuttgart 1891. Habilitação em Direito Romano, Reprint, Amsterdam 1962.</p>
<p><b>1891–1892:</b> <i>Die Verhältnisse der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland. Die Verhältnisse der Landarbeiter in Deutschland, geschildert auf Grund der vom Verein für Socialpolitik veranstalteten Erhebungen</i>, Band 3, Leipzig 1892.</p> <p>“<i>As condições dos trabalhadores agrários na Alemanha a Leste Elba</i>”. “<i>As condições dos trabalhadores agrários na Alemanha</i>, descritas com base nas pesquisas organizadas pela Verein für Socialpolitik [Política Social]”, Vol. 3, Leipzig 1892.</p>
<p><b>1893:</b> <i>Börsenwesen. Die Börse.</i> O sistema da Bolsa de valores. Sem informações adicionais.</p>
<p><b>1895:</b> Freiburger Antrittsvorlesung <i>Der Nationalstaat und die Volkswirtschaftspolitik</i>. Akademische Verlagsbuchhandlung JCB Mohr, Freiburg i. Br. und Leipzig 1895, [GPS] 1–25.</p> <p>Palestra Inaugural em Friburgo: “<i>O Estado Nacional e a Política Econômica</i>”. Publicado por <i>Livraria acadêmica JCB Mohr</i>, Freiburg e Leipzig 1895, [GPS] 1–25.</p>
<p><b>1896:</b> <i>Die sozialen Gründe des Untergangs der antiken Kultur</i>. In: <i>Die Wahrheit</i>. Band 3, H. 63, Fr. Frommanns Verlag, Stuttgart 1896, S. 57–77, [GASW] 289–311.</p> <p>“<i>As razões sociais do declínio da cultura antiga</i>”. In: <i>Die Wahrheit</i>. Vol. 3, p. 63, Frommanns Verlag, Stuttgart 1896, pp. 57–77, [GASW] 289–311</p>
<p><b>1904: Lançamentos:</b> * <i>Die 'Objektivität' sozialwissenschaftlicher und sozialpolitischer Erkenntnis</i>. In: <i>Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik</i> 19 (1904), 22–87, [GAW] 146–214/** <i>Die protestantische Ethik und der 'Geist' des Kapitalismus</i>. In: <i>Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik</i> 20, (1904), 1–54 und 21 (1905), 1–110, überarbeitet in [GARS I] 1–206.</p> <p>* “<i>A 'objetividade' do conhecimento sociológico e sociopolítico</i>”. In: <i>Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik</i> 19, (1904), 22–87, [GAW] 146–214./** “<i>A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo</i>”. In: <i>Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik</i>, 20, (1904), 1–54 e 21 (1905), 1–110, revisado em [GARS I] 1–206.</p>
<p><b>1909:</b> <i>Agrarverhältnisse im Altertum</i> [3. Fassung], in: <i>Handwörterbuch der Staatswissenschaften</i> Band 1, Jena 1909 3. Auflage. 52–188, [GASW] 1–288.</p> <p>“<i>Condições agrárias na antiguidade</i>” [3. Vers.], in: <i>Dicionário de Ciência Política</i>, Vol. 1, Jena 1909, 3.ª edição. 52–188, [GASW] 1–288.</p>

**Fonte:** elaborado pelo autor, com base em Mohr Siebeck<sup>48</sup>.

<sup>48</sup> Mohr Siebeck (editora), seção “Name das Autoren” / “Max Weber”, em alemão. <<https://www.mohr.de/>>. Nov 2015.

**Quadro 2** — Publicações de “Auto-organização”, por Max Weber, entre 1910 e 1920

<b>Ano:</b> Obras (ou seleções)
<p><b>1910:</b> <i>Enquete über das Zeitungswesen</i> (Rede auf dem 1. Deutschen Soziologentag vor der neugegründeten Deutschen Gesellschaft für Soziologie, 20. Oktober, 1910).</p> <p>“<i>Estudo sobre [a administração dos] jornais</i>” [em tradução livre] (Discurso no 1.ºDia da Sociologia Alemã, dirigido à recém-fundada <i>Deutschen Gesellschaft für Soziologie</i> [Sociedade Alemã de Sociologia], em 20 de outubro de 1910).</p>
<p><b>1913:</b> Weber, Max, <i>Über einige Kategorien der verstehenden Soziologie</i>, Erschienen in: <i>Logos, Internationale Zeitschrift für Philosophie der Kultur</i> 4 (1913). S. 253—294 („Logos IV”)</p> <p>Weber, Max, Sobre algumas categorias de sociologia compreensiva, publicado em: <i>Logos, Revista Internacional de Filosofia da Cultura</i>. 4. pp. 253—294 (<i>Logos IV</i>)</p>
<p><b>1915–1919:</b> <i>Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen</i>, [GARS I] 237—573, II—III.</p> <p>“<i>A ética econômica das religiões mundiais</i>”, publicação que aparece na forma composta de onze artigos individuais [GARS I] 237–573 II–III.</p>
<p><b>1918:</b> <i>Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland. Zur politischen Kritik des Beamtentums und Parteiwesens</i> ([GPS] 306—443).</p> <p>“<i>Parlamento e governo na Alemanha reordenada: Para uma crítica política da burocracia e dos partidos políticos</i>” ([GPS] 306–443).</p>
<p><b>1919:</b> “<b>Notas da aula</b>”: *<i>Wissenschaft als Beruf</i>. München/ Leipzig 1919, [GAW] 582—613 (Separatveröffentlichungen: Stuttgart 1995 (Reclam) ISBN 3–15–009388–0 und Schutterwald/Baden 1994, ISBN 3–928640–05–4).../**<i>Politik als Beruf</i>. München/ Leipzig 1919, GPS 505—560 (Separatveröffentlichungen: Stuttgart 1992 (Reclam) ISBN 3–15–008833–X und Schutterwald/Baden 1994, ISBN 3–928640–06–2).</p> <p>Ano de aparecimento público das “Notas da aula”: * “<i>Ciência como profissão</i>”. Munich/Leipzig 1919, [GAW] 582–613 (publicações individuais: Stuttgart 1995, ISBN 3–15–009388–0 e Schutterwald/Baden 1994, ISBN 3–928640–05–4).../** “<i>Política como profissão</i>”. Munich/Leipzig em 1919, GPS 505–560 (publicações individuais: Stuttgart, 1992, ISBN 3–15–008833–X e Schutterwald/Baden 1994, ISBN 3–928640–06–2).</p>
<p><b>1920–1921:</b> <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i>. (Três volumes): *<b>Band 1:</b> Vorbemerkung, <i>Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus</i>, <i>Die protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus</i> sowie <i>Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen</i> (Einleitung; Teil 1: Konfuzianismus und Taoismus); Tübingen 1920, 9. Auflage. 1988, ISBN 3–8252–1488–5 [GARS I]</p> <p>Coletânea de “<i>Ensaio reunidos de sociologia da religião</i>”. (Revisão de ensaios publicados anteriormente e de forma parcial): * <b>Vol. 1:</b> “<i>Nota introdutória</i>”; “<i>A ética protestante e o espírito do capitalismo</i>”; “<i>As seitas protestantes e o espírito do capitalismo</i>”; e “<i>A ética econômica das religiões mundiais</i>” (“<i>Introdução</i>”; Parte 1: “<i>Confucionismo e Taoísmo</i>”); <i>Zwischenbetrachtung</i>, Tübingen 1920, 9.ª edição. 1988. ISBN 3–8252–1488–5 [GARS I]</p>

**Fonte:** elaborado pelo autor, com base em Mohr Siebeck.

Como já citado, os trabalhos desta fase — descritos nos quadros a cima (Quadros 1 e 2) — são publicados a partir da própria iniciativa e coordenação de Weber. Estes materiais também receberiam reedições de publicações de antes de 1920, reeditados outras vezes, pós 1921, como a coletânea de artigos políticos *Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland* [*Parlamento e governo na Alemanha reordenada*, de 1918] e as conhecidas conferências *Wissenschaft als Beruf e Politik als Beruf* [*Ciência como Profissão e Política como Profissão*, 1919].

Outros textos de Weber foram publicados de forma avulsa no período. Weber era um escritor voraz e, como retratado por Waizbort (2012), em seus últimos vinte anos de vida “escreveu bastante e publicou consideravelmente, mas não livros: somente textos avulsos, veiculados em publicações e de tipo variado (revistas, jornais, enciclopédias, manuais, plaquetes)” (WAIZBORT, 2012, p. 09).

Mais tarde, a **MWG** amplia a organização do número de publicações relativas ao período, contemplando a variedade de textos de avulsos de Weber, adicionando ao número de publicações, inclusive, diversos artigos publicados em jornais e revistas, textos de opinião política e seguimentos dedicados a suas cartas e palestras que não foram relatados aqui <sup>49</sup>.

### 1.2.2 O Segundo Grande Ciclo Editorial: “Publicações Póstumas” (1920–54–70)

Diferentemente da fase anterior, este ciclo de publicações não contaria mais com a supervisão de Weber, ficando a cargo de editores secundários e terciários — após seu falecimento, em 1920 — a missão de propagar seus manuscritos e apontamentos teóricos avulsos. Como visto na Seção anterior (1.2.1), Weber editou e acompanhou pessoalmente a publicação de boa parte de seus trabalhos, entre 1889 e 1920, entretanto, deixou poucos materiais relativamente prontos para publicação em 1921.

A liderança editorial para publicar postumamente os escritos do sociólogo foi acolhida por sua viúva, Marianne Weber. Inaugurada em 1921, esta fase tem como marco inicial a continuidade da publicação dos outros dois volumes de *Ensaio reunidos de Sociologia da Religião* [*Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* [**GARS II e III**]]. Diante do massivo volume de material deixado por Weber (aprox. 5.000 páginas de manuscritos) sem indicações de um projeto editorial, Marianne Weber assume — assessorada por Siegmund Hellmann e Melchior Palyi — a administração e a editoria dos manuscritos do escritor falecido, garantindo a sobrevivência teórica e a “consagração intelectual” de Weber (WAIZBORT, 2012, p.

---

<sup>49</sup> Cf. Seção 1.3

09). De modo pragmático, Marianne Weber optou por organizar o espólio em grupos de eixos temáticos, emulando a lógica aplicada por Weber nos, já citados, volumes de *Ensaio reunidos de Sociologia da Religião* [*Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* **[GARS]**], como se demonstra a seguir (Quadro 3).

#### Os “Ensaio Reunidos” e outros escritos

Como colocado por Leopoldo Waizbort (2012), o processo empreendido por Marianne Weber de edição póstuma destas obras foi decisivo tanto para a sobrevivência intelectual de Weber, quanto para sua consagração, uma vez que Weber não havia publicado livros em seus últimos 20 anos de vida (o que equivale a dizer que Weber não publicou livros inéditos no século XX). A esse respeito, Waizbort (2012) nos dá indicações preciosas:

A almejada edição dos “Escritos reunidos de sociologia da religião” **[GARS]** estava em marcha, mas o autor não chegou a ver nem o primeiro volume pronto. Sua viúva levou ao cabo o projeto da reunião dos escritos sobre religião [...], mas fez muito mais: ordenou a publicação de uma série de volumes que reuniu quase todos os textos dispersos de seu marido, tais como os escritos “metodológicos” [...], os políticos [...], os de sociologia e política social [...], os de história social e econômica [...], a sociologia da música [...], as aulas sobre história social e econômica [...] *Economia e sociedade* [...]. Tudo isso — publicado em uma sequência avassaladora entre 1920, após a morte de Weber, e 1924 — configurou um *corpus* organizado e acessível, até então inexistente (e, para muitos, surpreendente), de enorme visibilidade [...]. (WAIZBORT, 2012, p. 9–17).

Em consequência, Waizbort (2012) pondera que a mão de Marianne Weber tornou-se uma baliza pela qual Max Weber seria apresentado à sociologia alemã e à mundial<sup>50</sup>, de modo que ele viria a ser conhecido e lido mais “através das edições de Marianne, e não das publicações originais, dispersas em jornais e revistas científicas, muitas delas de acesso difícil já naqueles anos” (WAIZBORT, 2012, p. 10). Assim, junto aos textos de 1920, somaram-se aqueles agrupamentos temáticos que deram origem às coletâneas que ficaram conhecidas como “Ensaio Reunidos” [*Gesammelte*], publicadas entre 1921 e 1924. Abaixo (Quadros 3 e 4), apresentam-

---

<sup>50</sup> Este tema será tratado em um tópico à parte (Seção 3.5, do Capítulo III), no qual, apresenta-se um estudo de caso detalhado baseado na constituição de *Wirtschaft und Gesellschaft* [WuG])

se de maneira esquemática todos os dez volumes organizados e publicados sob a liderança de Marianne Weber a partir de 1921 e até 1924.

**Quadro 3** — Publicações dos “Ensaio Reunidos”, por Marianne Weber, entre 1921 e 1924

<b>Continuação das coletâneas de “Ensaio Reunidos” [Gesammelte] 1921–1924</b>
<b>1921:</b> <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [ <b>GARS II e III</b> ] / <b>**Band 2:</b> (Teil 2: <i>Hinduismus und Buddhismus</i> ), Tübingen 1921, 7. Auflage. 1988, ISBN 3–8252–1489–3 [ <b>GARS II</b> ]/ <b>***Band 3:</b> (Teil 3: <i>Das antike Judentum</i> ), Tübingen 1921, 8. Auflage. 1988, ISBN 3–8252–1490–7 [ <b>GARS III</b> ].
Continuação da coletânea de “ <i>Ensaio reunidos de sociologia da religião</i> ” (Vols II e III). (Revisão de ensaios publicados anteriormente e de forma parcial): <b>** Vol. 2:</b> (Parte 2: “ <i>Hinduismo e Budismo</i> ”), Tübingen 1921, 7. <sup>a</sup> ed. 1988. ISBN 3–8252–1489–3 [ <b>GARS II</b> ]/ <b>*** Vol. 3:</b> (Parte 3: “ <i>Judaísmo Antigo</i> ”), Tübingen 1921, 8. <sup>a</sup> ed. 1988. ISBN 3–8252–1490–7 [ <b>GARS III</b> ].
<b>1921:</b> <i>Gesammelte Politische Schriften</i> [ <b>GPS</b> ], München 1921, 5. Auflage. Tübingen 1988, ISBN 3–8252–1491–5.
“ <i>Escritos políticos</i> ”, Munique 1921, 5. <sup>a</sup> ed. Tübingen 1988, ISBN 3–8252–1491–5
<b>1922:</b> <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [ <b>GAW</b> ], Tübingen 1922, 7. Auflage. 1988, ISBN 3–8252–1492–3.
“ <i>Ensaio Reunidos de ‘doutrina’ da ciência</i> ” [GAW], Tübingen 1922, 7. <sup>a</sup> ed. 1988, ISBN 3–8252–1492–3.
<b>1924:</b> <i>Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte</i> [ <b>GASW</b> ], Tübingen 1924, 2. Auflage. 1988, ISBN 3–8252–1493–1.
“ <i>Ens. Reun. de história social e econômica</i> ”, Tübingen 1924, 2. <sup>a</sup> ed. 1988, ISBN 3–8252–1493–1.
<b>1924:</b> <i>Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik</i> [ <b>GASS</b> ], Tübingen 1924, 2. Auflage. 1988, ISBN 3–8252–1494–X.
“ <i>Ens. Reun. de sociologia e política social</i> ”, Tübingen 1924, 2. <sup>a</sup> ed. 1988, ISBN 3–8252–1494–X.

**Fonte:** Elaborado pelo autor, com base em Mohr Siebeck (edit.)<sup>51</sup>; Zeno.org<sup>52</sup>; e Wikipedia.org<sup>53</sup>.

Enumeram-se no período as seguintes coletâneas: *Gesammelte Politische Schriften* [**GPS**] [*Escritos políticos*], de 1921; *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre* [**GAW**] [*Ensaio Reunidos da ‘doutrina’ da ciência*], de 1922; *Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte* [**GASW**] [*Ensaio Reunidos de história social e econômica*], de 1924; *Gesammelte Aufsätze zur*

<sup>51</sup> Mohr Siebeck (editora), seção “Name das Autoren” / “Max Weber”, em alemão. Disponível em: <<https://www.mohr.de/>>. Acesso em: nov. 2015.

<sup>52</sup> Zeno.org. Busca “Max Weber”, em alemão. Disponível em: <<http://www.zeno.org/Soziologie/M/Weber,+Max>>. Acesso em: nov. 2015.

<sup>53</sup> Verbete “Max Weber”, em alemão. Disponível em: [https://de.wikipedia.org/wiki/Max\\_Weber](https://de.wikipedia.org/wiki/Max_Weber)>. Acesso em: jun. 2020.

*Soziologie und Sozialpolitik* [GASS] [*Ensaio Reunidos de sociologia e política social*], de 1924.

**Quadro 4** — Coletâneas de “Outros escritos”, editadas por Marianne Weber, entre 1921 e 1923

<b>Outros escritos</b>
<p><b>1921:</b> <i>Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik</i>, München 1921. Dann in <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> von der 2. Auflage 1925 bis zur 4. Auflage 1956 enthalten. Erneute Separatveröffentlichung: Tübingen 1972, ISBN 3–16–533351–3.</p> <p>“<i>Fundamentos sociológicos e racionais da música</i>”. Munique, 1921. Apêndice incluído à [WuG] (<i>Economia e Sociedade</i>), desde a 2.<sup>a</sup> edição, em 1925, até a 4.<sup>a</sup> edição, em 1956. Com mais uma publicação separada, em 1972, Tübingen, ISBN 3–16–533351–3.</p>
<p><b>1921–2:</b> <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i>, 1922: erscheint sein kompiliertes Hauptwerk <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> [WuG], Tübingen 1921/22, 5. Auflage. 1972, ISBN 3–16–533631–8 (diverse Nachdrucke, zuletzt Studienausgaben 1980, ISBN 3–16–538521–1 und 2002, ISBN 3–16–147749–9).</p> <p>“<i>Economia e Sociedade</i>”. Compilado e publicado em Tübingen, entre 1921–22, chega a sua principal versão com a 5.<sup>a</sup> edição, atingindo diversas reimpressões.</p>
<p><b>1922:</b> <i>Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft</i> In: <i>Preußische Jahrbücher</i> 187 (1922), 1–12, [GAW], 475–488 (ab 3. Aufl. 1968).</p> <p>“<i>Os três tipos puros de dominação legítima</i>”. In: “<i>Anuários da Prússia</i>”, 187 (1922), 1–12, também em [GAW], 475–488 (da 3.<sup>a</sup> ed. 1968).</p>
<p><b>1923:</b> <i>Wirtschaftsgeschichte</i>. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte, Berlin 1923, 5. Auflage. 1991, ISBN 3–428–07215–4, 6. Auflage. 2011, ISBN 978–3–428–13511–0 (von Siegmund Hellmann und Melchior Palyi zusammengestelltes Werk aus Webers Notizen und den Mitschriften seiner Studenten zu seiner letzten vollständig gehaltenen Vorlesung 1919/1920).</p> <p>“<i>História econômica: Esboço da história social e econômica universal</i>”, Berlim 1923, 5.<sup>a</sup> edição. 1991, ISBN 3–428–07215–4, 6.<sup>a</sup> edição. 2011, ISBN 978–3–428–13511–0 (trabalho compilado por Siegmund Hellmann e Melchior Palyi a partir das anotações de Weber e das transcrições de seus alunos para sua última palestra completa 1919/1920).</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor, com base em Mohr Siebeck (edit.); Zeno.org; e Wikipedia.org.

No período, também são apresentados outros textos inéditos que alcançariam grande renome no arcabouço weberiano, como a primeira edição da famosa obra *Wirtschaft und Gesellschaft* [WuG] [*Economia e Sociedade*], publicada por Marianne Weber e Melchior Palyi, após edição entre 1921–22. Além de outros títulos, como *Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik* [*Fundamentos sociológicos e racionais da música*], de 1921, apresentado como “Apêndice” incluído à [WuG]; Esta relação entre construção e desconstrução de WuG não escapa de críticas e será abordada tangencialmente na próxima Subseção e aprofundada no Capítulo III, Seção 3.5.



### 1.2.3 O Terceiro Grande Ciclo Editorial: Max Weber-Gesamtausgabe (1970–2020)

Nesta Seção, aborda-se o terceiro ciclo editorial das obras de Weber. Diferentemente dos outros dois ciclos, visto que é um processo que se desenrola na atualidade, há mais informações disponíveis a respeito destas organizações editoriais, além de vasto material público para consulta e atualização acerca dos processos de tomadas de decisão e dos agentes envolvidos.

Há quase cinco décadas (desde os anos de 1970), o espólio intelectual do sociólogo alemão, resguardado inicialmente sob a curadoria de sua viúva, tem passado por uma intensa reorganização exegética e bibliotécnica, seguida pela renovação editorial que reposiciona Max Weber no mercado editorial alemão. Um processo que provocou um verdadeiro renascimento<sup>54</sup> de Max Weber como intelectual relevante para o século XXI, mas, como se mostrará adiante (Capítulo III), é pouco acompanhado no Brasil, de modo que quase nada se sabe ou se tem explorado dessa reestruturação interpretativa de Weber entre a *intelligentsia* brasileira. Tampouco, seus frutos têm sido importados para atualização do nosso conhecimento sobre as ideias de Weber.

A terceira fase de organização e republicação do legado editorial weberiano inicia-se com a concepção de um ousado projeto em torno da reorganização das *Obras Completas de Max Weber*. Arquitetada no final dos anos de 1970, consolidando sua primeira publicação no ano de 1984, A *Max Weber-Gesamtausgabe* (doravante, apenas **MWG**) elevou o conjunto de escritos de Weber *status* de *magnum opus* e reinaugurou o modo pelo qual se lê Max Weber não só pela audiência internacional como, inclusive, em sua própria língua vernácula.

O reordenamento formal e substantivo do *corpus* weberiano reestabelece uma nova percepção interpretativa da coerência interna dos escritos de Weber, partindo de leituras comparadas entre a redação do autor e documentos adicionais, como correspondências, registros, anotações de aulas, escritos inacabados e textos

---

<sup>54</sup> V. Hanke (2012; 2014; 2016).

avulsos. Tudo colocado em perspectiva com um amplo cotejamento desta produção em relação temporal sincrônica e diacrônica com os contextos diferentemente peculiares de sua criação.

Pensada para ser finalizada entre os anos de 1980 e 2015, a **MGW** foi projetada para ser uma edição crítica submetida ao crivo analítico interno (coerência epistemológica) e externo (contexto histórico–institucional–editorial), e acabou por tornar-se é uma obra colossal e monumentalizadora que condensa “230 anos de trabalho científico” (HANKE, 2012).

A **MWG**, coletânea das obras completas de Weber, é uma compilação revista e contextualizada — em princípios histórico-críticos — de uma enorme massa de obras completas e incompletas, manuscritos, cartas, anotações, palestras e cursos produzidos por Weber ao longo de sua vida (HANKE, 2012). Muitos desses trabalhos são de conhecimento do grande público internacional interessado na produção intelectual de Weber — como a já citada *Economia e Sociedade* —, tratam-se, também, de materiais desconhecidos — mesmo do próprio público alemão — e até de mostras de manuscritos e correspondências inéditas, como as cartas da juventude de Weber.

#### *A MWG por sua origem, institucionalidade e forma*

Como nos informa Edith Hanke (2012), o projeto da **MWG** está fundado sobre um tripé protocolar envolvendo três instituições, com papéis organizacionais distintos.

Primeiramente, a MWG está vinculada à Bayerische Akademie der Wissenschaften (BADW), “por intermédio da Comissão de História Social e Econômica”; além da Academia, há uma comissão científica especializada permanente, encarregada das análises filológicas, revisão técnica e edição, cuja liderança, “desde a reunião inaugural, em dezembro de 1975”, esteve a cargo do Professor M. Rainer Lepsius, da ACB, como “editor-gestor da **MWG**” (HANKE, 2012, p. 100); e, como terceiro ator associativo, conta-se a Editora JCB Mohr, da cidade de Tübingen (anteriormente JCB Mohr (Paul Siebeck) e, atualmente Mohr Siebeck GmbH & Co. KG.), “tendo o direito exclusivo de impressão e distribuição da **MWG**,

que ela financia com seus próprios recursos” (HANKE, 2012, p. 100). E, aqui, torna-se pertinente um aparte para esclarecimento sobre esta variação de nominata da editora, que é histórica e remete ao início do século XIX. Primeiramente, os proprietários da livraria H. Laupp'schen — Paul Siebeck (1855–1920) e seu irmão J. Gustav Kötze (1840–1900) — adquiriram, em 1878, a editora JCB Mohr, de 1801. Paul Siebeck administrava a editora JCB Mohr de Freiburg, enquanto Kötze permanecia com a livraria H. Laupp'schen, em Tübingen. Paul Siebeck nomeou sua empresa *Academic Verlagsbuchhandlung von JCB Mohr, Inhaber Paul Siebeck* (Editora acadêmica de JCB Mohr, Proprietário Paul Siebeck), conforme o estilo da época. Com o uso cotidiano, foi adotada a forma abreviada JCB Mohr (Paul Siebeck), até 1906. Naquele ano, o filho de Paul Siebeck, Oskar Siebeck (1880–1936), levou uma filial da companhia de seu pai temporariamente (1913–1920) para Berlim. A empresa chegou a sofrer fortes restrições e embargos censores, durante as Grandes Guerras, que causaram quase sua falência. Oskar e seu filho, Hans Georg Siebeck, estiveram à frente da editora até 1972. O filho de Hans, Georg Siebeck (nascido em 1946) se juntou à JCB Mohr (Paul Siebeck) em 1972, e assumiu os negócios em 1976. Desde 1996, a editora passou a se chamar apenas Mohr Siebeck. Em 2003, pelo caráter jurídico adotado, tornou-se Mohr Siebeck eK e, em 2005, Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. Forma utilizada até os dias atuais (CARVALHO, 2016)<sup>55</sup>.

Este acordo relatado por Hanke (2002) teve início ainda em 1973, sob a liderança de Horst Baier, Wolfgang J. Mommsen e Johannes Winckelmann. Mais tarde, Mario Rainer Lepsius e Wolfgang Schluchter também se juntaram à equipe.

A Academia administra a maior parte dos recursos financeiros e é, ao mesmo tempo, a empregadora da maioria dos colaboradores científicos da MWG (no momento, nove) [em 2012]. A plena responsabilidade científica e organizadora cabe aos editores nominalmente mencionados<sup>56</sup>. Estes são cientistas de diferentes áreas que tomaram a tarefa para si e comprometeram-se, por meio de um contrato, com a Academia e a editora. Os editores encontram-se regularmente nas chamadas reuniões editoriais,

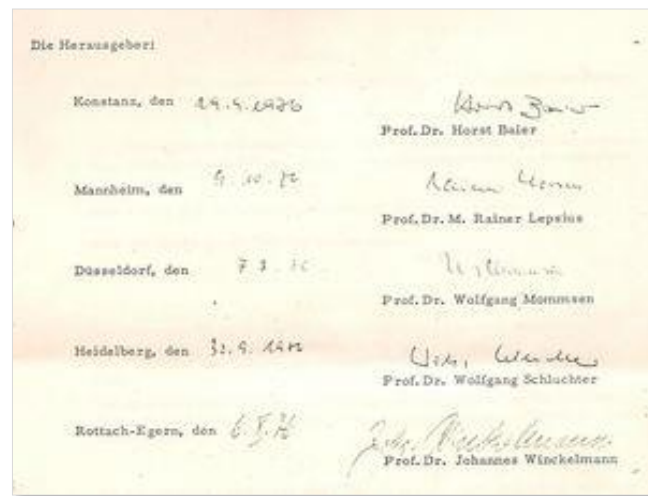
---

<sup>55</sup> Cf. <https://www.mohr.de> (em alemão).

<sup>56</sup> São eles: Mario Rainer Lepsius (1928–2014), Horst Baier, Gangolf Hübinger, M. Rainer Lepsius, Wolfgang J. Mommsen (1930–2004), Wolfgang Schluchter e Johannes Winckelmann (1900–1985) (cf. HANKE, 2012).

que servem para consultas e tomadas de decisões por consenso. Essas reuniões são registradas em atas e têm caráter deliberativo [...] há diferentes características estruturais: a Academia, enquanto instituição estatal, que se encarrega das tarefas administrativas; em seguida, a agremiação de cientistas voluntários, dotados de competência especializada e, finalmente, a editora, que assume os riscos e a responsabilidade econômica. Cada um dos três tem competências e tarefas distintas, mas estão ligados por meio de um contrato e são mutuamente comprometidos. Na realidade, trata-se de um modelo civil de cooperação assumida voluntariamente, que se tem conservado há mais de 35 anos (HANKE, 2012, p. 102).

**Figura 1** — As assinaturas da tríplice sociedade no contrato de publicação da **MWG**, em 1975.



Fonte: Max Weber–Arbeitsstelle Munich<sup>57</sup>

Segundo Edith Hanke (2012), o projeto editorial foi definido em 1981 e estavam previstos, ou planejados, 33 volumes, com publicação prevista para ter encerramento em 2015. O primeiro volume contou com sua primeira publicação em 1984 e o último em 2020. A obra completa terminou por conter 43 volumes, organizados em três seções, a conhecer: **MWG I: Schriften und Reden** [Escritos e Discursos]; **MWG II: Briefe** [Cartas]; **MWG III: Vorlesungen und Vorlesungsnachschriften** [Transcrições de Palestras e Notas de Aulas], conforme a Tabela a seguir (Tabela 1):

<sup>57</sup> Disponível em: <https://mwg.badw.de/en/about-the-edition/history.html> (em alemão).

Tabela 1 — Partes que compõem a MWG

SEÇÃO	DIVISÃO EM CONTEÚDO	DIVISÃO EM VOLUMES	DIVISÃO EM TOMOS
MWG I	Escritos e Discursos	25 volumes	34 tomos
MWG II	Cartas	11 volumes	13 tomos
MWG III	Palestras e Notas de Aulas	7 volumes	7 tomos
<b>TOTAIS</b>	<b>Três Seções</b>	43 volumes	54 tomos

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. (2020).

A seguir, apresenta-se uma breve descrição de algumas das publicações que compõem o conjunto da **MWG**, conforme a época de seu lançamento editorial. Para uma consulta mais detalhada — e de modo a proporcionar um panorama sobre a **MWG** — apresenta-se um esquema geral de suas seções, em que estão inclusas, também, as referências originais completas de cada item (Quadros 11 a 16).

Como não se teve acesso integral às publicações, a fonte mais organizada de que se dispõe são as versões *fac-similadas* das folhas de rosto e resumos, dispostas no *site* alemão da editora de **MWG**, Mohr Siebeck GmbH & Co. KG <sup>58</sup>. Além de a editora dispor de uma boa ferramenta de busca, traz uma apresentação geral da obra e, ainda, é possível acessar um breve resumo de cada volume da **MWG** separadamente, de modo que esta seção “descritiva” estará baseada naquele material, exceto quando alguma informação mais pontual for necessária à complementação.

#### *A MWG por sua temporalidade*

Após a assinatura do convênio MWG, os primeiros dez anos do grupo de trabalho editorial dividiram-se entre solucionar o portentoso *puzzle* formado por mais de 5000 páginas e definir a ordem mais coerente para o material, de modo a organizar as primeiras publicações a serem lançadas. À medida que o material era

---

<sup>58</sup> V. Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. Disponível em: <<https://www.mohr.de/>> (em alemão).

classificado, tornou-se claro para o grupo que a ordem cronológica do conjunto da produção não poderia ficar atada à leitura sincrônica, de modo que os editores optaram por editar a maioria dos escritos em ordem cronológica, porém, dentro de contextos temáticos (observando suas pertinências). Os volumes tiveram de ser definidos e selecionados consoante com os temas principais e, cada tema apresentado com sua coerência temporal própria, o que viria a afetar dramaticamente a compreensão sobre a construção anterior de edições consagradas, como *Wirtschaft und Gesellschaft* [WuG]<sup>59</sup>. Portanto, se do ponto de vista da sincronia temporal a totalidade **MWG** da possa aparentar uma coleção não linear, é na coerência interna das obras que o elemento sincrônico pode ser observado<sup>60</sup>. Esta abordagem sincrônica também é representada pelos comentários analíticos que os editores trazem como recurso heurístico estabelecido nas publicações, contextualizando datas, oferecendo documentos adicionais para a compreensão dos fatos e estabelecendo correlações relevantes para a compreensão do texto para além da exegese em si.

É apenas nos anos da década de 1980, mais precisamente em 1984, que foram lançados os primeiros volumes da coleção A conclusão da publicação da **MWG** se deu em 2020. A seguir, desenvolve-se uma descrição detalhada sobre o desenvolvimento e evolução temática destas publicações dentro do ordenamento temporal.

#### A) A década de 80

A **década de 80** (1984–1990) foi a época de lançamento dos primeiros volumes da **MWG**. Apesar de a reunião inaugural do projeto datar de 1975 (HANKE, 2012), é apenas nove anos depois que chegam ao público os primeiros frutos do empreendimento.

---

59 Cf. Capítulo III, Seção 3.5.

60 Cf. MWG Project's history: <https://mwg.badw.de/en/about-the-edition/history.html> (em Inglês).

Os volumes inaugurais da **MWG** são os volumes I/3 e I/15, ambos publicados em 1984. O **MWG I/3**, editado por Martin Riesebrodt sob o título *Die Lage der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland* [A situação dos trabalhadores agrários da Alemanha a leste do Elba (1984 [1892])], conta com mais de 1500 páginas e está dividido em dois tomos, sendo que o primeiro incorpora dois terços do total. O volume trata da situação dos trabalhadores rurais da Alemanha, na região ao leste do Rio Elba. Trata-se de uma pesquisa em larga escala, encomendada, à época, em nome da Associação para Política Social [Verein für Sozialpolitik], interessada na situação dos trabalhadores rurais na região de Ostelbien. Neste trabalho de juventude, com características muito empíricas, Max Weber aplica uma série de questionários que viabilizam análises metodológicas para pesquisa social. Já os textos do **MWG I/15**, *Zur Politik im Weltkrieg. Schriften und Reden 1914–1918* [Sobre a política durante a Guerra Mundial. Escritos e discursos, 1914–1918], editados por Wolfgang J. Mommsen, estes escritos são parte da coletânea de “Escritos e discursos” de Max Weber. Aqui, tornou-se possível conhecer, de modo organizado em um único tomo, uma série de ensaios e palestras de Weber a respeito da situação da Alemanha durante a I Guerra Mundial. Weber incorpora suas concepções científicas às suas próprias vivências como oficial de reserva do exército alemão.

Na década de 80 foram publicados ainda outros quatro volumes: **MWG I/2** *Die römische Agrargeschichte in ihrer Bedeutung für das Staats- und Privatrecht*, de 1986 [1891], editado por Jürgen Deininger; **MWG I/16** *Zur Neuordnung Deutschlands. Schriften und Reden 1918|1920*, de 1988 [1888], editado por Wolfgang J. Mommsen; **MWG I/10** *Zur Russischen Revolution von 1905. Schriften und Reden 1905–1912*, de 1989 [1905–1912], também editado por Wolfgang J. Mommsen; e **MWG I/19** *Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Konfuzianismus und Taoismus. Schriften 1915–1920*, de 1989 [1915–1920], editado por Helwig Schmidt-Glintzer (Respectivamente, *História agrária romana em sua significação para o direito do Estado e privado, 1881*; *Sobre a reorganização da Alemanha. Escritos e discursos, 1918–1920*; *Sobre a revolução russa de 1905. Escritos e discursos, 1905–1912*; e *A ética econômica das religiões universais: Escritos sobre Confucionismo e taoísmo, 1915–1920*). Neste ciclo, além de publicações da “Seção

l”, foram lançados volumes, também, da “Seção II”, que apresenta as cartas de Weber. O **MWG II/5 Briefe 1906–1908**, de 1990 — editado por M. Rainer Lepsius e Wolfgang J. Mommsen — compreende parte das correspondências de Weber naquele período, inaugurando a publicação desse material. Segundo seus editores<sup>61</sup>, o volume dá uma visão abrangente do amadurecimento metodológico de Weber, além de apresentar o delineamento da construção de suas posições ante o cenário político da Alemanha de seu tempo — principalmente exposto nas correspondências trocadas com Robert Michels — e mostrar como Weber via o papel da universidade nesse cenário.

### B) A década de 90

O período compreendido entre **1991** e **2000** foi bastante profícuo para o projeto **MWG**. Neste ciclo, foram publicados nove volumes, divididos em 12 tomos. Logo em 1992, publicou-se o **MWG I/17**, contendo as duas célebres palestras de Weber *Wissenschaft als Beruf 1917–1919 / Politik als Beruf 1919 (1917–1919)*, editadas por Wolfgang J. Mommsen e Wolfgang Schluchter [*Ciência como profissão, 1917–1919/Política como profissão, 1919*]. Esses textos que, ao serem editados pela primeira vez em 1919, “nasceram clássicos” são transcrições revisadas de duas palestras proferidas por Weber, em 1917 e 1919, tendo como foco o lado interno e ético das profissões política, científica e docente. Por seu entrelaçamento teórico, os dois textos aparecem editados em um único volume.

É durante a década de 90 que é republicado o segundo volume da série de escritos de Weber sobre a “ética econômica das religiões mundiais”, os *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* [ou, *Ensaio reunidos de sociologia da Religião*, publicados em três volumes, no período entre 1920 e 1921. V. Seção 1.1]. Este volume, submetido a uma revisão crítica, é apresentado por seus editores como parte da coleção de “Escritos 1916–1920”, o **MWG I/20 Die Wirtschaftsethik der**

---

<sup>61</sup> Ver Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. Disponível em: <<https://www.mohr.de/buch/max-weber-gesamtausgabe-9783168453277>>. Acesso em: nov. 2015.



*Weltreligionen. Hinduismus und Buddhismus. Schriften 1916–1920* [A ética econômica das religiões universais: Hinduísmo e budismo. Escritos, 1916–1920], de 1996, editado por Helwig Schmidt–Glintzer. A obra traz um apêndice com informações detalhadas sobre a história dos textos e do tempo de trabalho e contexto histórico.

Já no final da década de 90, mais precisamente nos anos de 1999 e 2000, são lançados, consecutivamente, os dois tomos do volume **MWG I/5** *Börsenwesen. Schriften und Reden 1893–1898* (**MWG I/5,1** e **5,2**) [O sistema da Bolsa [de valores]. Escritos e discursos, 1893–1898 (1999–2000)]. Editados por Knut Borchardt, os volumes apresentam os resultados do trabalho de Max Weber em torno da reforma do sistema de bolsa de valores alemã e o cenário de modernização política e econômica da Alemanha. O ano de 1999 foi, também, o ano em que se publicou o primeiro volume (de cinco) da nova organização de Economia e Sociedade. Neste volume, **MWG I/22,5**: *Wirtschaft und Gesellschaft. Die Stadt* [Economia e sociedade: a Economia e as ordens e poderes sociais. Espólio, A cidade], de 1999, editado por Wilfried Nippe, obteve-se acesso à versão revisada do texto póstumo de Weber — editado pela primeira vez em 1921. Além de um esboço geral de seus estudos sobre o tema, Weber apresenta uma tipologia aplicável da formação e organização das cidades, pontos que diferem a formação de cidades do tipo ocidental e do tipo oriental. São tratadas as formações das cidades ocidentais na Idade Média Europeia, diferenciando-se as características de Itália, Alemanha e Inglaterra, mas também incluindo as cidades-estados greco-romanas e a Rússia. Para o Oriente, são citadas Índia e China; e as especificidades das cidades do Oriente antigo, Israel e o Islã.

### C) Anos entre 2001 e 2010

Com uma metodologia de trabalho consolidada, a equipe editorial da MWG teve nesse período, entre **2001** e **2010**, o maior fluxo de publicações de até então. São concluídas as publicações dos outros quatro volumes da reedição de *Wirtschaft und Gesellschaft* [Economia e Sociedade], a saber: **MWG I/22,1**: *Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächt*, de

2001 [*Economia e sociedade: a Economia e as ordens e poderes sociais. Espólio, Comunidades*], editado por Wolfgang J. Mommsen; **MWG I/22,2: *Wirtschaft und Gesellschaft. Religiöse Gemeinschaften*** [*Economia e sociedade: a economia e as ordens e poderes sociais. Espólio, Comunidades religiosas*], de 2001, editado por Hans G. Kippenberg; **MWG I/22,3: *Wirtschaft und Gesellschaft. Recht***, [*Economia e sociedade: a Economia e as ordens e poderes sociais. Espólio, Direito*] [*Economia e sociedade: a Economia e as ordens e poderes sociais. Espólio, Dominação*] de 2010, editado por Werner Gephart e Siegfried Hermes; e **MWG I/22,4: *Wirtschaft und Gesellschaft. Herrschaft***, de 2005, editado por Edith Hanke. Além dos volumes reeditados, neste íterim, um volume suplementar foi adicionado ao conjunto: o **MWG I/24 *Wirtschaft und Gesellschaft. Entstehungsgeschichte und Dokumente*** [*Economia e sociedade. História da Gênese e documentos*], de 2009, editado por Wolfgang Schluchter. Este volume apresenta os aspectos filológicos histórico-documentais da reedição de *Wirtschaft und Gesellschaft*, incluindo análises críticas sobre as duas versões da obra no período Entre Guerras <sup>62</sup>.

É nos anos entre 2001 e 2010 que são apresentados os primeiros quatro volumes (de sete totais) da Seção III do **MWG**, a *Abteilung III: Vorlesungen und Vorlesungsnachschriften*, ou “Divisão III: Palestras e transcrições de palestras”.

De 2008, **MWG III/5 *Agrarrecht, Agrargeschichte, Agrarpolitik. Vorlesungen 1894–1899*** [*Direito agrário, história agrária, política agrária. Cursos, 1894–1899*], de 2008, editado por Rita Aldenhoff-Hübinger, uma coletânea de manuscritos de Weber não publicados de palestras sobre direito, história e políticas agrárias, realizados no período entre 1894 e 1899 nas Universidades de Berlim, Freiburg e Heidelberg.

Do ano de 2009, outros três volumes: i) o **MWG III/1 *Allgemeine (“theoretische”) Nationalökonomie. Vorlesungen 1894–1898*** [*Economia política geral (“teórica”). Cursos, 1894–1898*], de 2009, editado por Wolfgang J. Mommsen. O volume remete aos manuscritos e palestras de um Max Weber professor de “Economia política e Finanças Públicas” [*Nationalökonomie und Finanzwissenschaft*]; ii) o **MWG III/4 *Arbeiterfrage und Arbeiterbewegung***.

---

<sup>62</sup> Cf. Quadro 14, Seção 1.3.1, neste Capítulo.

*Vorlesungen 1895–1898* [A questão operária e o movimento operário. Cursos, 1895–1898], de 2009, editado por Rita Aldenhoff–Hübinger. A publicação apresenta manuscritos inéditos de palestras Max Weber sobre a questão do trabalho e do movimento operário. Weber analisa a história do trabalho desde os tempos antigos e aborda a questão da mão de obra escrava e a da emergência do trabalho moderno livre e assalariado, sobretudo nos setores comercial e industrial, além da história organizacional do movimento operário e sua fundamentação teórica; iii) o **MWG III/7** *Allgemeine Staatslehre und Politik (Staatssoziologie) – unvollendet. Mit- und Nachschriften 1920* [Teoria geral do Estado e política (sociologia do Estado). Inacabados. Aparentamentos, 1920], de 2009, editado por Gangolf Hübinger, material que tem como base duas palestras cujas transcrições estiveram inacabadas, em consequência da morte prematura de Weber. As preleções eram motivadas por questões relativas a uma sociologia e a uma teoria do Estado. Para a edição final do volume, tomam-se como base registros estenográficos das duas palestras, que serviram ao próprio Weber no processo não findado de transcrevê-las e editá-las.

#### D) Anos entre 2011 e 2020

Quarenta anos após o início do projeto *Max Weber-Gesamtausgabe*, em 1975 (HANKE, 2012), o **atual ciclo de publicações** da MWG começa a encaminhar a sua conclusão editorial. Neste período, foram publicados mais quatro volumes da Seção II, com correspondências de Weber. São eles: **MWG II/10** (dois tomos) *Briefe 1918–1920* (2012), editado por Gerd Krumeich e M. Rainer Lepsius; o volume recentemente lançado **MWG II/3** *Briefe 1895–1902* (2015), editado por Rita Aldenhoff–Hübinger; e o volume, também de 2015, **MWG II/4** *Briefe 1903–1905* (2015), editado por Gangolf Hübinger e M. Rainer Lepsius.

É neste período, também, que se encerram as publicações da reedição crítica de *Economia e Sociedade*, com os volumes **MWG I/23** *Wirtschaft und Gesellschaft. Soziologie. Unvollendet. 1919–1920* [Economia e sociedade. Sociologia. Inacabados, 1919–1920], de 2013, editado por Edith Hanke e Wolfgang Schluchter, e **MWG I/25** *Wirtschaft und Gesellschaft. Gesamtregister* [Economia e sociedade. Índices], de 2015, os índices gerais de **WuG**. O primeiro é uma releitura crítica da

versão Pós-guerra (1919–1920) de *Economia e Sociedade*, sugerindo abertamente que o livro não é um todo coeso, como se tem acreditado (HANKE, 2012; LEPSIUS, 2012), enquanto o segundo volume é um registro completo [*Gesamtregister*] que oferece uma visão geral de todos os volumes da reedição histórico-crítica de *Economia e Sociedade*.

Outro volume publicado recentemente é **MWG I/9** *Asketischer Protestantismus und Kapitalismus. Schriften und Reden 1904–1911* [*Protestantismo ascético e o espírito do capitalismo. Escritos e discursos 1904–1911*], de 2014, editado por Wolfgang Schluchter e U. Bube. Antes da edição de 1920, o famoso artigo *Die protestantische Ethik und der 'Geist' des Kapitalismus*<sup>63</sup> foi editado em duas partes, publicadas nos anos de 1904 e 1905, no *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*. Este volume apresenta não apenas a redação original das primeiras publicações, como também inclui as réplicas *anticríticas* de Weber às controvérsias geradas publicamente no debate científico da época, permitindo acompanhar a evolução da querela em torno da questão.

No ano de 2016, ocorre a publicação do volume **MWG I/18**, *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. Die protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus. Schriften 1904–1920* [*A ética protestante e o espírito do capitalismo. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. Escritos, 1904–1920*]. Editado por Wolfgang Schluchter, o lançamento do volume foi cercado de grande expectativa, por conta da revisão histórico-crítica sobre o material.

Em 2017, dois volumes da seção **MWG II** *Briefe* [*Cartas*] foram publicados. São relativos às correspondências do período de juventude de Weber: **MWG II/1** e **MWG II/2**, respectivamente, de 1875 até 1886, e de 1887 até 1894. Em 2017, publicou-se **MWG III/3** *Finanzwissenschaft. Vorlesungen 1894–1897* [*Finanças. Cursos, 1894–1897*], estes volumes são transcrições de cursos ministrados por Weber, centrados no tema “Finanças”.

---

<sup>63</sup>“A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo”, quando de sua primeira publicação, em duas partes (1904-1905), aparecia assim, grafado com sinal de aspas, grafia que caiu em desuso na edição de 1920, por escolha do próprio Weber (cf. PIERUCCI, 2004).

Recentemente, em 2018, lançou-se o volume **MWG I/12**, *Verstehende Soziologie und Werturteilsfreiheit. Schriften und Reden 1908–1917* [Sociologia compreensiva e liberdade em face do juízo de valor. Escritos e discursos 1908–1917], texto voltado à metodologia de sociologia compreensiva e a discussão sobre axiologia. Em 2018, foram lançados os dois últimos volumes da seção, ambos de teor teórico-metodológico: **MWG I/12**, *Verstehende Soziologie und Werturteilsfreiheit. Schriften und Reden 1908–1917* [Sociologia compreensiva e liberdade em face do juízo de valor. Escritos e discursos, 1908–1917] e **MWG I/7**, *Zur Logik und Methodik der Sozialwissenschaften* [Sobre a lógica e o método das Ciências Sociais. Escritos e discursos, 1900–1907].

Os dois últimos volumes, já citados anteriormente, foram publicados em 2019 e 2020: Da seção **MWG II** [Cartas] o volume final foi publicado em 2019, **MWG II/11** *Briefe. Nachträge und Gesamtregister* [Cartas: Complementos e índices Gerais], um índice geral lançado como de fechamento da seção. E, respectivamente, da seção **MWG III** [Palestras e transcrições de palestras], o segundo volume fora publicado já em 2020. Trata-se de **MWG III/2** *Praktische Nationalökonomie. 1895–1899* [Economia política prática, 1895–1899].

### 1.3 MWG: ORGANIZAÇÃO DETALHADA

Nesta seção, propõem-se uma “incursão” pela **MWG**, desde a apresentação de sua rede de colaboradores até o esmiuçamento do seu índice, de modo a se recuperar a localização dos escritos weberianos elencados em cada volume.

#### *A rede de parceiros e colaboradores da MWG*

A história de origem da **MWG** remete ao ano de 1970, com a criação de um projeto de reorganização dos arquivos weberianos, sob a liderança de Horst Baier. Bayer contactou pesquisadores alemães sobre as possibilidades de editar os escritos, aulas e cartas de Max Weber. Uma conversa preliminar ocorreu com Wolfgang J. Mommsen em 1972. Por Niklas Luhmann, em 1973, um encontro foi agendado com Konrad Müller, anteriormente Secretário de Estado no Home Office of Lower Saxony

e na época diretor da Werner Reimers Foundation. Dois meses depois, em uma nova visita à Fundação, Baier delineou seus planos para a *Max Weber-Gesamtausgabe*. Dois meses depois, o comitê aprovou fundos de apoio para as reuniões preparatórias. Wolfgang J. Mommsen e Johannes Winckelmann iniciaram os trabalhos, Mario Rainer Lepsius e Wolfgang Schluchter, encontrando afinidades de pesquisa, juntaram-se ao grupo e, pouco depois contou com a participação de Gangolf Hübinger, dando a constituição final do grupo fundador (Quadro 5).

**Quadro 5 — Rol dos Membros Fundadores do Projeto MWG**

<b>MEMBROS FUNDADORES</b>	
Horst Baier (* 1933)	<b>Médico e Sociólogo</b> Professor Emérito de Sociologia da Universidade de Konstanz.
Gangolf Hübinger (* 1950)	<b>Historiador</b> Professor Emérito de História Cultural Comparada da Era Moderna na Europa— Universität Viadrina, Frankfurt Membro do Conselho Editorial desde 2005 Membro da Comissão de História Social e Econômica da Bayerische Akademie der Wissenschaften desde 2005
M. Rainer Lepsius (1928–2014)	<b>Sociólogo</b> 1975–2014 Editor gerente 1975–2014 Membro da Commission for Social and Economic History of the Bayerische Akademie der Wissenschaften e membro correspondente da BADW desde 1992
Wolfgang J. Mommsen (1930–2004)	<b>Historiador</b>
Johannes Winckelmann (1900–1985)	<b>Jurista</b> 1975–1985 Membro da Commission for Social and Economic History of the Bavarian Academy of Sciences and Humanities.
Wolfgang Schluchter (* 1938)	<b>Sociólogo</b> Professor emérito de Sociologia na Universidade de Heidelberg, Editor–chefe desde 2014

**Fonte:** Adaptado de BADW (2021).

**Quadro 6 — Rol dos Membros Fundadores que são Editores de Volumes da MWG**

EDITORES	VOLUME	T
Hübinger, Gangolf. Editor e Coeditor.	II/1: „Briefe 1875–1886” II/4: „Briefe 1903–1905” III/7: „Allgemeine Staatslehre und Politik (Staatssoziologie). Mit- und Nachschriften 1920”	3
Lepsius, M. Rainer. Coeditor.	I/13: „Hochschulwesen und Wissenschaftspolitik Schriften und Reden 1895–1920” II/4: „Briefe 1903–1905” II/5: „Briefe 1906–1908” II/6: „Briefe 1909–1910” II/7: „Briefe 1911–1912” II/8: „Briefe 1913–1914” II/9: „Briefe 1915–1917” II/10: „Briefe 1918–1920”	8
Mommesen, Wolfgang J. Editor e Coeditor.	I/4: „Landarbeiterfrage, Nationalstaat und Volkswirtschaftspolitik. Schriften und Reden 1892–1899” I/10: Zur Russischen Revolution von 1905. Schriften und Reden 1905–1912” I/15: Zur Politik im Weltkrieg. Schriften und Reden 1914–1918” I/16: Zur Neuordnung Deutschlands. Schriften und Reden 1918–1920” I/17: Wissenschaft als Beruf 1917/1919 – Politik als Beruf 1919” I/22–1: Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte Nachlaß. Teilband 1: Gemeinschaften” II/5: Briefe 1906–1908” II/6: Briefe 1909–1910” II/7: Briefe 1911–1912” II/8: Briefe 1913–1914” III/1: „Allgemeine (Theoretische”) Nationalökonomie. Vorlesungen 1894– 1898”	11
Schluchter, Wolfgang. Editor e Coeditor.	I/8: „Wirtschaft, Staat und Sozialpolitik Schriften und Reden 1900–1912” + Ergänzungsheft I/9: „Asketischer Protestantismus und Kapitalismus. Schriften und Reden 1904–1911” I/11: Zur Psychophysik der industriellen Arbeit. Schriften und Reden 1908– 1912” I/13: Hochschulwesen und Wissenschaftspolitik. Schriften und Reden 1895– 1920” I/17: Wissenschaft als Beruf 1917/1919 – Politik als Beruf 1919” I/18: Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. Die protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus. Schriften 1904– 1920” I/23: Wirtschaft und Gesellschaft. Soziologie. Unvollendet 1919–1920” I/24: „Wirtschaft und Gesellschaft. Entstehungsgeschichte und Dokumente” III/6: Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte. Mit- und Nachschriften 1919/20	9

Fonte: Adaptado de BADW (2021).

E, em 1975, um convênio é assinado com o apoio de Hans Maier, então Ministro da Educação e Assuntos Culturais da Baviera, Hans Raupach, presidente da Bayerische Akademie der Wissenschaften (BADW), e Karl Bosl, presidente da

Comissão de História Social e Econômica. De acordo com a BADW, o arranjo finalizado em 1975 serviu bem ao projeto até hoje (BADW, 2021). As decisões foram tomadas em conjunto com o Conselho Editorial e dependeram tanto do respeito mútuo quanto da continuidade de longos anos de serviço dos membros do Conselho. No Quadro 6, apresenta-se a lista dos Membros Fundadores que se ocuparam como Editores de Volumes da **MWG**. A seguir (Quadros 7 e 8), os demais editores da MWG. Muitos deles editaram mais de um volume.

**Quadro 7 — Rol dos Editores dos Volumes da MWG**

EDITORES	VOLUME	T
Aldenhoff– Hübinger, Rita. Editora	II/2 „Briefe 1887–1894” II/3: „Briefe 1895–1902” III/4: „Arbeiterfrage und Arbeiterbewegung. Vorlesungen 1895–1898” III/5: Agrarrecht, Agrargeschichte, Agrarpolitik. Vorlesungen 1894–1899”	4
Borchardt, Knut. Editor Resp. Coeditor.	I/5: „Börsenwesen Schriften und Reden 1893–1898” I/23: „Wirtschaft und Gesellschaft. Soziologie. Unvollendet 1919–1920”	2
Braun, Christoph. Coeditor.	I/14: „Zur Musiksoziologie Nachlaß 1921”	1
Deininger, Jürgen. Editor.	I/2: „Die römische Agrargeschichte in ihrer Bedeutung für das Staats– und Privatrecht 1891” I/6: „Zur Sozial– und Wirtschaftsgeschichte des Altertums. Schriften und Reden 1893–1909”	2
Dilcher, Gerhard. Coeditor.	I/1: „Zur Geschichte der Handelsgesellschaften im Mittelalter. Schriften 1889–1894”	1
Finscher, Ludwig. Coeditor.	I/14: „Zur Musiksoziologie Nachlaß 1921”	1
Gephart, Werner. Coeditor.	I/22–3: „Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte Nachlaß. Teilband 3: Recht”	1
Hanke, Edith. Editor e Coeditor.	I/22–4: „Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte Nachlaß. Teilband 4: Herrschaft” I/23: Wirtschaft und Gesellschaft. Soziologie. Unvollendet 1919–1920”	1

**Fonte:** Adaptado de BADW (2021).



**Quadro 8** — Rol dos Editores dos Volumes da **MWG** (Continuação)

EDITORES	VOLUME	T
Heilmann, Martin. Editor.	III/3: „Finanzwissenschaft. Vorlesungen 1894–1897”	1
Hermes, Siegfried. Coeditor.	I/22–3: „Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte Nachlaß. Teilband 3: Recht”	1
Janssen, Hauke. Editor.	III/2: „Praktische Nationalökonomie. Vorlesungen 1895–1899”	1
Krumeich, Gerd. Coeditor.	II/9: „Briefe 1915–1917” II/10: „Briefe 1918–1920”	2
Lepsius, Susanne. Coeditor.	I/1: „Zur Geschichte der Handelsgesellschaften im Mittelalter. Schriften 1889–1894”	1
Nippel, Wilfried. Editor.	I/22–5: „Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte Nachlaß. Teilband 5: Die Stadt”	1
Otto, Eckart. Editor.	I/21: „Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Das antike Judentum. Schriften und Reden 1911–1920”	1
Riesebrodt, Martin. Editor.	I/3: „Die Lage der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland 1892”	1
Schmidt– Glintzer, Helwig. Editor.	I/19: „Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Konfuzianismus und Taoismus. Schriften und Reden 1915–1920” I/20: Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Hinduismus und Buddhismus. 1916–1920”	2
Wagner, Gerhard. Editor.	I/7: „Zur Logik und Methodik der Sozialwissenschaften. Schriften und Reden 1900–1907”	1
Weiß, Johannes. Editor.	I/12: „Verstehende Soziologie und Werturteilsfreiheit. Schriften und Reden 1908–1920”	1

Fonte: Adaptado de BADW (2021).

Em 1975, M. Rainer Lepsius, o editor-chefe, foi cooptado para a Comissão de História Social e Econômica da Academia. Knut Borchardt, presidente da Comissão de 1974 a 2013, fez um grande esforço para conseguir a aceitação da Edição no Programa das Academias e se tornou, ele próprio, um editor dos volumes. Por

muitos anos, Edith Hanke, desde 2005, gerencia a chefia de edição. O editor Georg Siebeck se comprometeu com a Edição Completa do Max Weber desde o início.

Além dos Editores que são Membros Fundadores, existe também o grupo dos “Editores Assistentes”, como Martin Riesebrodt, 1976–1981; Karl-Ludwig, Ay 1981–2004, Editor geral; Gangolf Hübinger (fundador), 1982–1984; Rita Aldenhoff, 1985–1991; Edith Hanke 1992–2005 (desde 2005, Editora Geral); Ursula Bube, desde 2005; e Anne Munding, desde 2009. A seguir, a lista completa de “Editores Assistentes” da MWG que são funcionários da BADW (Quadro 9) e de Ex-Membros “Editores Assistentes” (Quadro 10).

**Quadro 9 — Rol dos Membros assistentes da MWG (Funcionários da BADW)**

MEMBROS	VOLUME	T
Aldenhoff-Hübinger, Rita (Funcionário Até 31 De Dezembro De 2015)	I/4: „Landarbeiterfrage, Nationalstaat und Volkswirtschaftspolitik. Schriften und Reden 1892–1899” <b>(1993)</b>	1
Bube-Wirag, Ursula	I/9: „Asketischer Protestantismus und Kapitalismus. Schriften und Reden 1904–1911” <b>(2014)</b> ; I/18: Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. Die protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus. Schriften 1904 1920” <b>(2016)</b> .	2
Gerhards, Thomas (membro da equipe até 31 de dezembro de 2015)	II/1: „Briefe 1871–1886” <b>(2017)</b> ; II/2: „Briefe 1887–1894” <b>(2017)</b> ; II/4: „Briefe 1903–1905” <b>(2015)</b> .	3
Hanke, Edith Hinz, Uta (Membro Da Equipe Até 31 De Dezembro De 2015)	I/25: „Wirtschaft und Gesellschaft. Gesamtregister” <b>(2015)</b>  II/1: „Briefe 1871–1886” <b>(2017)</b> ; II/3: „Briefe 1895–1902” <b>(2015)</b> ; II/10: „Briefe 1918–1920” <b>(2012)</b> .	3
Meyer-Stoll, Cornelia	I/5: „Börsenwesen Schriften und Reden 1893–1898” <b>(1999)</b> ; III/2: „Praktische Nationalökonomie. Vorlesungen 1895–1899” <b>(2020)</b> ; III/3: „Finanzwissenschaft. Vorlesungen 1894–1897” <b>(2017)</b> .	3
Munding, Anne	I/13: „Hochschulwesen und Wissenschaftspolitik. Schriften und Reden 1895–1920” (2016)	1
Oßwald-Bargende, Sybille (Membro Da Equipe Até 31 De Dezembro De 2015)	II/2: „Briefe 1887–1894” <b>(2017)</b> ; II/4: „Briefe 1903 1905” <b>(2015)</b> ; II/10: „Briefe 191–1920” <b>(2012)</b> .	3
Rummel, Ulrich (Funcionário Até 31 De Dezembro De 2015)	III/2: „Praktische Nationalökonomie. Vorlesungen 1895–1899” <b>(2020)</b> .	1

Fonte: Adaptado de BADW (2021).

**Quadro 10** — Rol dos Ex-Membros assistentes da **MWG** (Funcionários da BADW)

	EX-MEMBROS	T
DAHLMANN, Dittmar	I/10: „Zur Russischen Revolution von 1905. Schriften und Reden 1905–1912” <b>(1989)</b>	1
FEHLEMANN, SILKE	III/4: „Arbeiterfrage und Arbeiterbewegung. Vorlesungen 1895–1898” <b>(2015)</b>	1
FROMMER, Sabine	I/11: „Zur Psychophysik der industriellen Arbeit. Schriften und Reden 1908–1912” <b>(1995)</b> I/12: „Verstehende Soziologie und Werturteilsfreiheit. Schriften und Reden 1908–1917” <b>(2018)</b>	2
GOLZIO, Karl-Heinz	I/20: „Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Hinduismus und Buddhismus. 1916–1920” <b>(1996)</b>	1
HÜBINGER, Gangolf	I/15: „Zur Politik im Weltkrieg. Schriften und Reden 1914–1918” <b>(1984)</b>	1
JUDENAU, Cristof	III/1 „Allgemeine („teoretische”) Nationalökonomie. Vorlesungen 1894–1898” <b>(2009)</b>	1
KOLONKO, Petra	I/19: „Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Konfuzianismus und Taoismus. Schriften und Reden 1915–1920” <b>(1989)</b>	1
KROLL, Thomas	I/22–4: „Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte Nachlaß. Teilband 4: Herrschaft. <b>(2005)</b>	1
KURTH, Peter	I/8: „Wirtschaft, Staat und Sozialpolitik Schriften und Reden 1900–1912” <b>(1998)</b>	1
LAUTERER, Heide-Marie	I/13: „Hochschulwesen und Wissenschaftspolitik. Schriften und Reden 1895–1920” <b>(2016)</b>	1
MEYER, Michael	I/22 „Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte Nachlaß. Teilband 1: Gemeinschaften” <b>(2001)</b>	1
MORGENBROD , Birgitt	I/8: „Wirtschaft, Staat und Sozialpolitik. Schriften und Reden 1900–1912” <b>(1998)</b> – I/17: „Wissenschaft als Beruf 1917/1919 – Politik als Beruf 1919” <b>(1992)</b>	2
MORLOK, Christoph	I/25: „Wirtschaft und Gesellschaft. Gesamtregister” <b>(2015)</b>	1
NAU, Heino H.	III/1 „Allgemeine (teoretische”) Nationalökonomie. Vorlesungen 1894–1898” <b>(2009)</b>	1
NIEMEIER, Jutta	I/22–2: „Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte Nachlaß. Teilband 2: Religiöse Gemeinschaften” <b>(2001)</b>	1
OFFERMANN, Julia	I/21: „Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Das antike Judentum. Schriften und Reden 1911–1920” <b>(2005)</b>	1
RUDHARD, Birgit	II/5: „Briefe 1906–1908” <b>(1990)</b> ; II/6: „Briefe 1909–1910” <b>(1994)</b> ; II/7: „Briefe 1911–1912” (1998); II/8: „Briefe 1913–1914” <b>(2003)</b> ; II/9: „Briefe 1915–1917” <b>(2008)</b> .	5
SCHARFEN, Klaus	III/1: „Allgemeine (teoretische”) Nationalökonomie. Vorlesungen 1894–1898” <b>(2009)</b>	1
SCHILM, Petra	I/22–2: „Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte Nachlaß. Teilband 2: Religiöse Gemeinschaften” <b>(2001)</b>	1
SCHÖN, Manfred	II/5: „Briefe 1906–1908” <b>(1990)</b> ; II/6: „Briefe 1909–1910” <b>(1994)</b> ; II/7: „Briefe 1911–1912” <b>(1998)</b> ; II/8: „Briefe 1913–1914” <b>(2003)</b> ; II/9: „Briefe 1915–1917” <b>(2008)</b> ; II/10: „Briefe 1918–1920” <b>(2012)</b> .	6
SCHRÖDER, Joachim	III/6: „Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte. Mit- und Nachschriften 1919/20” <b>(2011)</b>	1
SCHWENTKER, Wolfgang	I/16: „Zur Neuordnung Deutschlands. Schriften und Reden 1918–1920” <b>(1988)</b>	1
TERWEY, Andreas	III/7: „Allgemeine Staatslehre und Politik (Staatssoziologie). Mit- und Nachschriften 1920” <b>(2009)</b>	1
TIEFEL, Marcus	III/1 „Allgemeine (teoretische”) Nationalökonomie. Vorlesungen III/1 1894–1898” <b>(2009)</b>	1

Fonte: Adaptado de BADW (2021).

O terceiro grupo de colaboradores é o grupo de “Membros Assistentes”, que são Funcionários da BADW. É possível notar neste grupo, nomes que figuraram no grupo de “Membros Fundadores”, como Gangolf Hübinger, que assistiu o volume **MWG I/15**, *Zur Politik im Weltkrieg*, da Seção *Schriften und Reden* [Escritos e Discursos], ou do grupo de “Editores Assistentes”, como Edith Hanke, que assistiu o volume **MWG I/25** *Wirtschaft und Gesellschaft. Gesamtregister* [Economia e Sociedade: índices].

Nesta Seção, evidenciou-se o tamanho da operação editorial em torno da MWG. É quase como se fosse uma editora em si, contando, inclusive, com um corpo fixo de funcionários (Quadros 9 e 10) que colaboraram (e ainda colaboram) massivamente na assistência do projeto. Não há comparação possível com o trabalho realizado por editores anteriores. Marianne Weber, por exemplo, teve o auxílio de M. Palyi e Siegmund Hellmann junto à Mohr Siebeck, uma empresa familiar de pequeno porte que contava com poucos funcionários, à época dos anos de 1920. Na Seção a seguir, finalmente, apresenta-se uma elaboração detalhada dos resultados desta operação editorial, e apresentam-se conteúdos que compõem a MWG. A seguir, apresenta-se a produção desta equipe: A MWG em si.

A apresentação se dá conforme a própria divisão temática da coleção em três seções. A Seção **MWG I**, *Schriften und Reden* [Escritos e Discursos] é a maior das três — contando com 25 volumes, divididos por 34 tomos. Recentemente, em 2018, foram lançados os dois últimos volumes da seção, ambos de teor teórico–metodológico: **MWG I/12**, *Verstehende Soziologie und Werturteilsfreiheit. Schriften und Reden [1908–1917]* [Sociologia compreensiva e liberdade em face do juízo de valor. Escritos e discursos [1908–1917]] e **MWG I/7**, *Zur Logik und Methodik der Sozialwissenschaften* [Sobre a lógica e o método das Ciências Sociais. Escritos e discursos [1900–1907]]. A seguir (Quadros 11 a 16), apresentam-se os volumes que compõem a Seção **MWG I**, *Schriften und Reden* [Escritos e Discursos].

A MWG em Volumes e detalhes

### 1.3.1 MWG I: *Schriften und Reden* [Escritos e Discursos]

Quadro 11 — A MWG: Seção de “Escritos e Discursos”

	Descrição	Título em tradução livre	
	Max Weber–Gesamtausgabe (título + seção + ano do original + editor + paginas)	Obras Completas de Max Weber	
V.	(I)SCHRIFTEN UND REDEN	(I) Escritos e Discursos	Ano
I/1	<b>Zur Geschichte der Handelsgesellschaften im Mittelalter.</b> Schriften 1889–1894. Hrsg. v. Gerhard Dilcher u. Susanne Lepsius. XVIII, 661 pgs. ISBN 978–3–16–149494–9	Sobre a história das sociedades comerciais na Idade Média. Escritos [1889–1894].	2008
I/2	<b>Die römische Agrargeschichte in ihrer Bedeutung für das Staats– und Privatrecht.</b> 1891. Hrsg. v. Jürgen Deininger.. XIII, 444 pgs. ISBN 978–3–16–844982–9	História agrária romana em sua significação para o direito do Estado e privado. [1891].	1986
I/3	<b>Band I/3,1: Die Lage der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland</b> 1892. Hrsg. v. Martin Riesebrodt. XIII, 1065 pgs. ISBN 978–3–16–344813–1	A situação dos trabalhadores agrários da Alemanha a leste do Elba [1892].	1984
...	Band I/3,2: <b>Die Lage der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland</b> 1892. Hrsg. v. Martin Riesebrodt. XI, 474 pgs. ISBN 978–3–16–544858–0	[...]	1984
I/4	<b>Landarbeiterfrage, Nationalstaat und Volkswirtschaftspolitik.</b> Schriften und Reden 1892–1899. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen, in Zus.–Arb. m. Rita Aldenhoff. XXI, 534 pgs. ISBN 978–3–16–145733–3	Questão dos trabalhadores agrários, o Estado nacional e a política econômica [1892–1899].	1993
...	Band I/4,2: <b>Landarbeiterfrage, Nationalstaat und Volkswirtschaftspolitik.</b> Schriften und Reden 1892–1899. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen, in Zus.–Arb. m. Rita Aldenhoff. XVII, 476 pgs. XVII. ISBN 978–3–16–145808–8	[...]	1993
I/5	<b>Band I/5,1: Börsenwesen. Schriften und Reden</b> 1893–1898. Hrsg. v. Knut Borchardt, in Zus.–Arb. m. Cornelia Meyer–Stoll. XVIII, 530 pgs. ISBN 978–3–16–146952–7	O sistema da Bolsa [de valores]. Escritos e discursos. [1893–1898].	1999
...	Band I/5,2: <b>Börsenwesen.</b> Schriften und Reden 1893–1898. Hrsg. v. Knut Borchardt, in Zus.–Arb. m. Cornelia Meyer–Stoll, XIV, 551 pgs. ISBN 978–3–16–147256–5	[...]	2000
I/6	<b>Zur Sozial– und Wirtschaftsgeschichte des Altertums.</b> Schriften und Reden 1893–1908. Hrsg. v. Jürgen Deininger, XVIII, 977 pgs. ISBN 978–3–16–148800–9	Sobre a história social e econômica da Antiguidade [1893–1908].	2006

Fonte: Mohr Siebeck GmbH &amp; Co. KG. (2020)

Quadro 12 — A MWG: Seção de “Escritos e Discursos” (continuação)

	<b>Descrição</b>	<b>Título em tradução livre</b>	
	<b>Max Weber–Gesamtausgabe</b> (título + seção + ano do original + editor + páginas)	<b>Obras Completas de Max Weber</b>	
<b>V.</b>	<b>(I)SCHRIFTEN UND REDEN</b>	<b>(I) Escritos e Discursos</b>	<b>Ano</b>
I/7	<b>Zur Logik und Methodik der Sozialwissenschaften.</b> Schriften und Reden 1900–1907. Hrsg. v. G. A. Wagner., in Zus.–Arb. m. Claudius Härpfer, Tom Kaden, Kai Müller u. Angelika Zahn, XV, 774 pages. ISBN 978–3–16–153774–5	Sobre a lógica e o método das Ciências Sociais. Escritos e discursos [1900–1907].	<b>2018</b>
I/8	<b>Band I/8: Wirtschaft, Staat und Sozialpolitik. Schriften und Reden 1900–1912.</b> Hrsg. v. Wolfgang Schluchter, in Zus.–Arb. m. Peter Kurth u. Birgitt Morgenbrod, XVII, 546 pgs. ISBN 978–3–16–146779–0	Economia, Estado e política social. Escritos e discursos [1900–1912].	<b>1998</b>
...	<b>Band I/8: Wirtschaft, Staat und Sozialpolitik. Schriften und Reden 1900–1912.</b> Ergänzungsheft. Hrsg. v. Wolfgang Schluchter. 2005. VIII, 59 pgs. ISBN 978–3–16–148767–5	[...]	<b>2005</b>
I/9	<b>Asketischer Protestantismus und Kapitalismus.</b> Schriften und Reden 1904–1911. Hrsg. v. Wolfgang Schluchter u. U. Bube, XIX, 994 pgs (+ 7 KD–Tafeln). ISBN 978–3–16–153133–0	Protestantismo ascético e o “espírito” do capitalismo. Escritos e discursos. 2014 [1904–1911].	<b>2014</b>
I/10	<b>Zur Russischen Revolution von 1905.</b> Schriften und Reden 1905–1912. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen, in Zus.–Arb. m. Dittmar Dahmann, XV, 855 pgs. ISBN 978–3–16–845378–9	Sobre a revolução russa de 1905. Escritos e discursos [1905–1912].	<b>1989</b>
I/11	<b>Zur Psychophysik der industriellen Arbeit.</b> Schriften und Reden 1908–1912. Hrsg. v. Wolfgang Schluchter, in Zus.–Arb. m. Sabine Frommer, XII, 470 pgs. ISBN 978–3–16–146356–3	Sobre a psicofísica do trabalho industrial. Escritos e discursos [1905–1912].	<b>1995</b>
I/12	<b>Band I/12: Verstehende Soziologie und Werturteilsfreiheit.</b> Schriften und Reden 1908–1917. Hrsg. v. Johannes Weiß in Zus.–Arb. m. Sabine Frommer 2016. 680 pgs. ISBN 978–3–16–150296–5	Sociologia compreensiva e liberdade em face do juízo de valor. Escritos e discursos [1908–1917].	<b>2018</b>
I/13	<b>Hochschulwesen und Wissenschaftspolitik.</b> Schriften und Reden 1895–1920. Hrsg. v. M. Rainer Lepsius u. Wolfgang Schluchter in Zus.–Arb. m. Heide–Marie Lauterer u. Anne Munding, XXXIII, 971 pgs. ISBN 978–3–16–153432–4	Ensino superior e política científica. Escritos e discursos [1895–1920].	<b>2016</b>
I/14	<b>Zur Musiksoziologie.</b> Nachlaß 1921. Hrsg. v. Christoph Braun u. Ludwig Finscher. 2004. XIV, 446 pgs. ISBN 978–3–16–146956–5	Sobre a Sociologia da música. Espólio [1921].	<b>2004</b>
I/15	<b>Zur Politik im Weltkrieg.</b> Schriften und Reden 1914–1918. Hrsg. von Wolfgang J. Mommsen, in Zus.–Arb. m. Gangolf Hübinger, XVIII, 864 pgs. ISBN 978–3–16–844752–8	Sobre a política durante a Guerra Mundial. Escritos e discursos [1914–1918].	<b>1984</b>

Fonte: Mohr Siebeck GmbH &amp; Co. KG. (2020)

Quadro 13 — A MWG: Seção de “Escritos e Discursos” (continuação)

	<b>Descrição</b>	<b>Título em tradução livre</b>	
	<b>Max Weber–Gesamtausgabe</b> (título + seção + ano do original + editor + páginas)	<b>Obras Completas de Max Weber</b>	
<b>V.</b>	<b>(I)SCHRIFTEN UND REDEN</b>	<b>(I) Escritos e Discursos</b>	<b>Ano</b>
I/16	<b>Zur Neuordnung Deutschlands.</b> Schriften und Reden 1918–1920. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen, in Zus.–Arb. m. Wolfgang Schwentker, XIX, 643 pgs. ISBN 978–3–16–845053–5	Sobre a reorganização da Alemanha. Escritos e discursos [1918–1920].	<b>1988</b>
I/17	<b>Wissenschaft als Beruf 1917–1919/Politik als Beruf 1919.</b> Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen, Wolfgang Schluchter, in Zus.–Arb. m. Birgitt Morgenbrod, XIII, 296 pgs. ISBN 978–3–16–145765–4	Ciência como profissão 1917–1919/Política como profissão 1919.	<b>1992</b>
I/18	<b>Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. Die protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus. Schriften 1904–1920.</b> Hrsg. v. Wolfgang Schluchter in Zus.–Arb. m. Ursula Bube, 763 pgs. ISBN 978–3–16–153269–6	A ética protestante e o espírito do capitalismo. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. Escritos [1904–1920]	<b>2016</b>
I/19	<b>Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Konfuzianismus und Taoismus.</b> Schriften 1915–1920. Hrsg. v. Helwig Schmidt–Glntzer, in Zus.–Arb. m. Petra Kolonko, XIII, 621 pgs. ISBN 978–3–16–845382–6	A ética econômica das religiões universais: Confucionismo e taoismo Escritos [1915–1920].	<b>1989</b>
I/20	<b>Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Hinduismus und Buddhismus.</b> Schriften 1916–1920. Hrsg. v. Helwig Schmidt–Glntzer, in Zus.–Arb. m. Karl–Heinz Golzio, XIII, 740 pgs. ISBN 978–3–16–146483–6	A ética econômica das religiões universais: Hinduísmo e budismo. Escritos [1916–1920].	<b>1996</b>
I/21	<b>Band I/21,1: Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Das antike Judentum.</b> Schriften und Reden 1911–1920. Hrsg. v. Eckart Otto u. Mitw. v. Julia Offermann, XXVII, 606 pgs. ISBN 978–3–16–148487–2	A ética econômica das religiões universais: O judaísmo antigo. Escritos e discursos [1911–1920].	<b>2005</b>
...	<b>Band I/21,2: Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen. Das antike Judentum.</b> Schriften und Reden 1911–1920. Hrsg. v. Eckart Otto u. Mitw. v. Julia Offermann, XIX, 552 pgs. ISBN 978–3–16–148529–9	[...]	<b>2005</b>

Fonte: Mohr Siebeck GmbH &amp; Co. KG. (2020)

**Quadro 14** — A MWG: Seção de “Escritos e Discursos” (continuação)

	<b>Descrição</b>	<b>Título em tradução livre</b>	
	<b>Max Weber–Gesamtausgabe</b> (título + seção + ano do original + editor + páginas)	<b>Obras Completas de Max Weber</b>	<b>Publicação</b>
<b>V.</b>	<b>(I)SCHRIFTEN UND REDEN</b>	<b>(I) Escritos e Discursos</b>	<b>Ano</b>
I/22	Band I/22,1: <b>Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte</b> Nachlaß. Gemeinschaften. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen in Zus.–Arb. m. Michael Meyer, XXVI, 401 pgs. ISBN 978–3–16–147558–0	<b>Economia e sociedade (EeS).</b> A Economia e as ordens e poderes sociais. <b>Espólio. Comunidades.</b>	<b>2001</b>
...	Band I/22,2: <b>Wirtschaft und Gesellschaft. Religiöse Gemeinschaften.</b> Hrsg. v. Hans G. Kippenberg in Zus.–Arb. m. Petra Schilm, unter Mitw. v. Jutta Niemeier, XXV, 584 pgs. ISBN 978–3–16–147562–7	<b>(EeS).</b> A Economia e as ordens e poderes sociais. <b>Espólio. Comunidades religiosas.</b>	<b>2001</b>
...	Band I/22,3: <b>Wirtschaft und Gesellschaft.</b> Recht. Hrsg. v. Werner Gephart u. Siegfried Hermes, XXIX, 813 pgs. ISBN 978–3–16–150356–6	<b>(EeS).</b> A Economia e as ordens e poderes sociais. <b>Espólio. Direito.</b>	<b>2010</b>
...	Band I/22,4: <b>Wirtschaft und Gesellschaft. Herrschaft.</b> Hrsg. v. Edith Hanke in Zus.–Arb. m. Thomas Kroll, XXX, 944 pgs. ISBN 978–3–16–148694–4	<b>(EeS).</b> A Economia e as ordens e poderes sociais. <b>Espólio. Dominação.</b>	<b>2005</b>
...	Band I/22,5: <b>Wirtschaft und Gesellschaft. Die Stadt</b> Hrsg. v. Wilfried Nippel, XXVI, 390 pgs. ISBN 978–3–16–146821–6	<b>(EeS).</b> A Economia e as ordens e poderes sociais. <b>Espólio. A cidade.</b>	<b>1999</b>
I/23	<b>Wirtschaft und Gesellschaft. Soziologie.</b> Unvollendet. 1919—1920. Hrsg. v. Knut Borchardt, Edith Hanke u. Wolfgang Schluchter, XXVI, 847 pgs. ISBN 978–3–16–150292–7	<b>(EeS). Sociologia.</b> Inacabados. [1919—1920].	<b>2013</b>
I/24	<b>Wirtschaft und Gesellschaft. Entstehungsgeschichte und Dokumente.</b> Hrsg. v. Wolfgang Schluchter, XI, 285 pgs. ISBN 978–3–16–150058–9	<b>(EeS). História da Gênese e documentos.</b>	<b>2009</b>
I/25	<b>Wirtschaft und Gesellschaft. Gesamtregister.</b> Bearb. v. Edith Hanke u. Christoph Morlok, XXIV, 479 pgs. ISBN 978–3–16–152997–9	Economia e sociedade. <b>Índices.</b>	<b>2015</b>

Fonte: Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. (2020)

### 1.3.2 MWG II: *Briefe* [Cartas]

A Seção **MWG II** [*Cartas*] conta com 11 volumes, dos quais, o volume final foi publicado em 2019. Trata-se de um índice geral lançado como de fechamento da seção, **MWG III/11 Briefe. Nachträge und Gesamtregister** [*Cartas: Complementos e índices Gerais*]. Há um destaque para dois volumes desta seção publicados em 2017: **MWG II/1** e **MWG II/2**, ambos relativos às correspondências do período de juventude de Weber [*Jugendbriefe*], entre de 1875 até 1886 e entre 1887 até 1894, respectivamente. A seguir, o detalhamento da Seção **MWG II** (Quadro 15).



Quadro 15 — A MWG: Seção de “Cartas”

	Descrição	Títulos em tradução livre	
	Max Weber–Gesamtausgabe (título + seção + ano do original + editor + páginas)	Obras Completas de Max Weber	
V.	(II) BRIEFE	(II) Cartas	Ano
II/1	<b>Briefe 1875—1886.</b> Hrsg. v. G.Hübinger in Zus.–Arb. m. Thomas Gerhards u. Uta Hinz ISBN 978–3–16–154153–7	Cartas da juventude 1875 até 1886.	2017
II/2	<b>Briefe 1887–1894.</b> Hrsg. v. Rita Aldenhoff–Hübinger in Zus.arb. m. Thomas Gerhards u. Sybille Oßwald–Bargende, XX, 683 pgs. ISBN 978–3–16–154927–4	Cartas da juventude Cartas 1887–1894.	2017
II/3	<b>Briefe 1895—1902.</b> Hrsg. v. Rita Aldenhoff–Hübinger, in Zus.–Arb. m. Uta Hinz, LIX, 1031 pgs. ISBN 978–3–16–153753–0	Cartas 1895—1902.	2015
II/4	<b>Briefe 1903—1905.</b> Hrsg. v. Gangolf Hübinger u. M. Rainer Lepsius in Zus.–Arb. m. Thomas Gerhards u. Sybille Oßwald–Bargende, XXIV, 751 pgs. ISBN 978–3–16–153428–7	Cartas 1903—1905	2015
II/5	<b>Briefe 1906–1908.</b> Hrsg. v. M. Rainer Lepsius u. Wolfgang J. Mommsen, unter Mitarb. v. Birgit Rudhard u. Manfred Schön, XXVI, 796 pgs. ISBN 978–3–16–845327–7	Cartas 1906–1908.	1990
II/6	<b>Briefe 1909–1910.</b> Hrsg. v. M. Rainer Lepsius u. Wolfgang J. Mommsen, unter Mitarb. v. Birgit Rudhard u. Manfred Schön, XXIV, 854 pgs. ISBN 978–3–16–146308–2	Cartas 1909–1910.	1994
II/7	<b>Band II/7,1: Briefe 1911–1912.</b> Hrsg. v. M. Rainer Lepsius u. Wolfgang J. Mommsen, unter Mitarb. v. Birgit Rudhard u. Manfred Schön, XXVIII, 500 pgs. ISBN 978–3–16–146799–8	Cartas 1911–1912.	1998
...	Band II/7,2: <b>Briefe 1911–1912.</b> Hrsg. v. M. Rainer Lepsius u. W. J. Mommsen, unter Mitarb. v. Birgit Rudhard u. Manfred Schön, XXV, 580 pgs. ISBN 978–3–16–146925–1	[...]	1998
II/8	<b>Briefe 1913–1914.</b> Hrsg. v. M. Rainer Lepsius u. Wolfgang J. Mommsen, in Zus.–Arb. m. Birgit Rudhard u. Manfred Schön, XXX, 902 pgs. ISBN 978–3–16–147920–5	Cartas 1913–1914	2003
II/9	<b>Briefe 1915–1917.</b> Hrsg. v. Gerd Krumeich u. M. Rainer Lepsius in Zus.–Arb. m. Birgit Rudhard u. Manfred Schön, XXXI, 948 pgs. ISBN 978–3–16–149481–9	Cartas 1915–1917	2008
II/10	II/10,1: <b>Briefe 1918—1920.</b> Hrsg. v. Gerd Krumeich u. M. Rainer Lepsius, in Zus.–Arb. m. Uta Hinz, Sybille Oßwald–Bargende u. Manfred Schön, XXXIII, 627 pgs. ISBN 978–3–16–150895–0	Cartas 1918–1920	2012
...	II/10,2 <b>Briefe 1918—1920.</b> Hrsg. v. Gerd Krumeich u. M. Rainer Lepsius, in Zus.–Arb. m. Uta Hinz, Sybille Oßwald–Bargende u. Manfred Schön, XXIX, 601 pgs. ISBN 978–3–16–151847–8	[...]	2012
II/11	<b>Briefe. Nachträge und Gesamtregister.</b> Herausgegeben von Rita Aldenhoff–Hübinger und Edith Hanke, XXVI, 707 pgs. ISBN 978–3–16–155603–6	Cartas: Complementos e índices Gerais.	2019

Fonte: Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. (2020).

### 1.3.3 MWG III: *Vorlesungen* [Transcrições de Palestras e Notas de Aulas]

A Seção **MWG III** [Transcrições de Palestras e Notas de Aulas] conta sete volumes, dos quais, o segundo fora publicado como o último tomo da coleção a ser lançado, já em 2020. Trata-se de **MWG III/2 *Praktische Nationalökonomie. 1895–1899*** [*Economia política prática, 1895–1899*]. Em 2017, publicou-se **MWG III/3 *Finanzwissenschaft. Vorlesungen 1894–1897*** [*Finanças. Cursos, 1894–1897*], estes volumes são transcrições de cursos ministrados por Weber. Abaixo, o detalhamento da Seção **MWG III** (Quadro 16).

**Quadro 16** — A MWG: Seção de “Transcrições de Palestras e Notas de Aulas”

Descrição		Títulos em tradução livre	
Max Weber–Gesamtausgabe (título + seção + ano do original + editor + páginas)		Obras Completas de Max Weber	
V.	(III) VORLESUNGEN	(III) Transcrições de Palestras e Notas de Aulas	Ano
III/1	<b>Allgemeine (“theoretische”) Nationalökonomie. Vorlesungen 1894–1898.</b> Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen in Zus.–Arb. m. Cristof Judenau, Heino H. Nau, Klaus Scharfen u. Marcus Tiefel, XVI, 814 pgs. ISBN 978–3–16–149765–0	Economia política geral (“teórica”). <b>Cursos.</b> [1894–1898].	2009
III/2	<b>Praktische Nationalökonomie.</b> Vorlesungen 1895–1899. Herausgegeben von Hauke Janssen in Zusammenarbeit mit Cornelia Meyer–Stoll und Ulrich Rummel, XIV, 793 pgs. ISBN	Economia política prática. <b>Cursos.</b> [1895–1899].	2020
III/3	<b>Finanzwissenschaft.</b> Vorlesungen 1894–1897. Hrsg. v. Martin Heilmann in Zus.arb. m. Cornelia Meyer–Stoll, XIII, 443 pgs. ISBN 978–3–16–153076–0	Finanças. <b>Cursos.</b> [1894–1897].	2017
III/4	<b>Arbeiterfrage und Arbeiterbewegung.</b> Vorlesungen 1895–1898. Hrsg. v. Rita Aldenhoff–Hübinger in Zus.–Arb. m. Silke Fehleman, XII, 394 pgs. ISBN 978–3–16–150133–3	A questão operária e o movimento operário. <b>Cursos.</b> [1895–1898].	2009
III/5	<b>Agrarrecht, Agrargeschichte, Agrarpolitik. Vorlesungen 1894–1899.</b> Hrsg. v. Rita Aldenhoff–Hübinger, XII, 524 pgs. ISBN 978–3–16–149485–7	Direito agrário, história agrária, política agrária. <b>Cursos.</b> [1894–1899].	2008
III/6	<b>Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte. Mit- und Nachschriften 1919–1920</b> Hrsg. v. Wolfgang Schluchter in Zus.–Arb. m. Joachim Schröder, XIII, 664 pgs. ISBN 978–3–16–151036–6	Compêndio de história universal social e econômica. <b>Apontamentos.</b> [1919–1920].	2011
III/7	<b>Allgemeine Staatslehre und Politik (Staatssoziologie) – unvollendet. Mit- und Nachschriften 1920.</b> Hrsg. v. Gangolf Hübinger in Zus.–Arb. m. Andreas Terwey, XI, 136 pgs. ISBN 978–3–16–149932–6	Teoria geral do Estado e política (sociologia do Estado). Inacabados. <b>Apontamentos.</b> [1920].	2009

Fonte: Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. (2020).

\*\*\*

Para que se obtenha uma o percepção global da **MWG**, é possível comparar através da tabela abaixo (Tabela 2) os seguintes dados quantitativos e qualitativos, divididos em dois tipos de ordens: i) Divisão de Ordem Editorial: “n.º de Seção”; “Tipo de Conteúdo”; “n.º de Volumes”; “n.º de Tomos”; e ii) Divisão de Ordem Temporal: “n.º de Publicações por Décadas”.

**Tabela 2** — Classificação da MWG em dados de Ordem Editorial e Ordem Temporal

ORDEM DE “TIPO 1: DIVISÃO EDITORIAL				ORDEM DE “TIPO 2”: DIVISÃO TEMPORAL			
SEÇÃO	CONTEÚDO	VOLUMES	TOMOS	1981 1990	1991 2000	2001 2010	2010 2020
<b>MWG I</b>	Escritos e Discursos	25 Volumes	34 Tomos	07	09	11	07
<b>MWG II</b>	Cartas	11 Volumes	13 Tomos	01	03	02	07
<b>MWG III</b>	Palestras e Notas de Aulas	07 Volumes	07 Tomos	—	—	04	03
<b>TOTAIS</b>	<b>Três Seções</b>	<b>43 Volumes</b>	<b>54 Tomos</b>	<b>08</b>	<b>12</b>	<b>17</b>	<b>17</b>

**Fonte:** Elaborado pelo autor, com base em Mohr Siebeck GmbH & Co. KG (2020).

A seção com maior volume de tomos (34) é a Seção **MWG I**, *Escritos e Discursos*, e recebeu uma atenção regular por parte dos editores, com uma média de 8,5 tomos por década, com maior concentração entre 2001 e 2010. A Seção **MWG II**, *Cartas*, a segunda maior com 13 tomos, recebeu uma atenção maior na última década, tendo sete tomos publicados entre 2010 e 2020. Já a Seção **MWG III**, *Palestras e Notas de Aulas*, a menor das três, recebeu mais atenção depois da virada do século, seus sete tomos foram publicados na seguinte sequência, quatro tomos entre 2001 e 2010 e os três tomos finais entre 2011 e 2020.

Também é possível notar um aumento gradativo na produção total em relação ao fator tempo. Têm-se oito tomos publicados na década de 1980, 12 tomos na década de 1990, 17 tomos na década de 2000 e, novamente, 17 tomos na década de 2010.

Através dos quadros, apresentados na Seção (1.3), percebe-se que a carga de edição de volumes por pessoa é maior entre os Membros Fundadores que também se ocuparam da tarefa (Quadro 7) do que entre os Editores de Volume (Quadros 8 e 9) — no máximo dois volumes por membro, à exceção de Rita Aldenhoff–Hübinger, que trabalhou em quatro volumes.

Pode-se observar, portanto, que os Membros Fundadores se ocuparam do maior volume de edições, sendo que Hübinger foi responsável pela edição de três volumes [MWG II/1, II/4 e III/7]; Lepsius ocupou-se de oito volumes, [MWG I/13, II/4, II/5, II/6, II/7, II/8, II/9, e II/10], sendo a maioria da Seção *Briefe* [Cartas]; Schluchter, um dos que teve mais edições, trabalhou editando nove volumes, [MWG I/8, I/9, I/11, I/13, I/17, I/18, I/23, I/24, e III/6], concentrando-se majoritariamente na Seção *Schriften und Reden* [Escritos e discursos]; Mommsen, o que mais volumes editou esteve à frente de onze tomos, [MWG I/4, I/10, I/15, I/16, I/17, I/22–1, II/5, II/6, II/7, II/8, e III/1], cuja maioria dividiu-se entre a Seção *Schriften und Reden* [Escritos e discursos] e a Seção *Briefe* [Cartas], com seis volumes quatro volumes, respectivamente. Este “desequilíbrio” na divisão de tarefas pode ser explicado em função de alguns fatores.

Primeiramente, porque o grupo original iniciou a produção a partir de sua própria *expertise*, sobretudo frente à onda de crise das ciências sociais e históricas pós-1968 e a “exagerada polarização” que levou muitos a pensarem que a MWG era uma resposta à MEGA [*Marx–Engels–Gesamtausgabe*], de modo que os Membros Fundadores passaram os primeiros anos debatendo a abordagem teórica mais adequada ao projeto, optando pelas abordagens sociológica e histórico-crítica (HANKE; HÜBINGER; SCHWENTKER, 2012).

Em segundo lugar, estas abordagens podem ter ocorrido *em consequência* e, também, *por causa* das competências dos Membros Fundadores, sintonizados com o debate sobre o estatuto geral da filosofia da história que norteava a época (HANKE; HÜBINGER; SCHWENTKER, 2012): Gangolf Hübinger, Historiador; Wolfgang J. Mommsen, Historiador; Horst Baier, Médico e Sociólogo; M. Rainer Lepsius, Sociólogo; Wolfgang Schluchter, Sociólogo; e o membro convidado, Johannes Winckelmann, Jurista.

**Tabela 3 — Rol dos Membros assistentes da MWG com destaque para os lançamentos**

<b>MEMBROS</b>	<b>VOLUME</b>	<b>ANO DE LANÇAMENTO</b>	<b>T</b>
ALDENHOFF–HÜBINGER, Rita	I/4	(1993)	1
BUBE–WIRAG, Ursula	I/9; I/18	(2014) (2016)	2
GERHARDS, Thomas	II/1; II/2; II/4.	(2017) (2017) (2015).	3
HANKE, Edith	I/25;	(2015).	
HINZ, Uta	II/1; II/3; II/10.	(2017) (2015) (2012)	3
MEYER–STOLL, Cornelia	I/5; III/2; III/3	(1999) (2020) (2017)	3
MUNDING, Anne	I/13	(2016)	1
OßWALD–BARGENDE, Sybille	II/2; II/4; II/10.	(2017) (2015) (2012)	3
RUMMEL, Ulrich	III/2	(2020)	1

Fonte: Adaptado de BADW (2021).

**Tabela 4 — Rol dos Ex-Membros assistentes da MWG com destaque para os lançamentos**

<b>EX-MEMBROS</b>	<b>VOLUME</b>	<b>ANO DE LANÇAMENTO</b>	<b>T</b>
DAHLMANN, Dittmar	I/10	(1989)	1
FEHLEMANN, SILKE	III/4	(2015)	1
FROMMER, Sabine	I/11 I/12	(1995) (2018)	2
GOLZIO, Karl–Heinz	I/20	(1996)	1
HÜBINGER, Gangolf	I/15	(1984)	1
JUDENAU, Cristof	III/1	(2009)	1
KOLONKO, Petra	I/19	(1989)	1
KROLL, Thomas	I/22–4	(2005)	1
KURTH, Peter	I/8	(1998)	1
LAUTERER, Heide–Marie	I/13	(2016)	1
MEYER, Michael	I/22	(2001)	1
MORGENBROD, Birgitt	I/8	(1992)	2
MORLOK, Christoph	I/25	(2015)	1
NAU, Heino H.	III/1	(2009)	1
NIEMEIER, Jutta	I/22–2	(2001)	1
OFFERMANN, Julia	I/21	(2005)	1
RUDHARD, Birgit	II/5 II/6 II/7 II/8 II/9	(1990) (1994) (1998) (2003); (2008)	5
SCHARFEN, Klaus	III/1	(2009)	1
SCHILM, Petra	I/22–2:	(2001)	1
SCHÖN, Manfred	II/5 II/6 II/7 II/8 II/9 II/10	(1990) (1994) (1998) (2003) (2008) (2012)	6
SCHRÖDER, Joachim	III/6	(2011)	1
SCHWENTKER, Wolfgang	I/16	(1988)	1
TERWEY, Andreas	III/7	(2009)	1
TIEFEL, Marcus	III/1	(2009)	1

Fonte: Adaptado de BADW (2021).

Outro fator que pode ter levado a esta concentração de esforços com o grupo principal é a escalada lenta do recrutamento de pessoal especializado. Embora não

se tenha acesso à data exata do ingresso de cada membro assistente, é possível conferir nas Tabelas 03 e 04, acima, as datas de lançamento dos volumes em que eles participaram.

A partir das Tabelas 03 e 04, é possível perceber que pouquíssimos trabalhos (apenas oito) foram publicados na primeira década de produção, a década de 1980<sup>64</sup>. Mesmo que se considere os ajustes na metodologia, para justificar uma produção mais baixa no período, é preciso considerar que as regras de edição da **MWG** foram publicadas pela primeira vez no “*Grüner Prospekt*” (*Prospecto Verde*)<sup>65</sup> em maio de 1981 (BADW, 2021).

Embora nesta ocasião não haja meios para se verificar os recursos humanos disponíveis à época, pode-se deduzir que a primeira década de edição da MWG careceu de assistência técnica de especialistas, o que, possivelmente, sobrecarregou os Membros Fundadores na função de supervisionar o andamento técnico da produção. Os seguintes Editores de volume estavam presentes na década de 1980: Martin Riesebrodt, que editou os volumes **I/3,1** e **I/3,2** em 1984; Jürgen Deininger, que editou o volume **I/2** em 1986; o Membro Fundador e Editor de Volume Wolfgang J. Mommsen, que editou o volume **I/15**, com a assistência de outro Membro Fundador Gangolf Hübinger, em 1984; outro volume editado pelo Membro Fundador e Editor de Volume Wolfgang J. Mommsen, que editou o volume **I/10** em 1989, com a assistência de Dittmar Dahlmann; outro volume editado pelo Membro Fundador e Editor de Volume Wolfgang J. Mommsen, o volume **I/16**, com a assistência de outro Membro Wolfgang Schwentker, em 1988; Helwig Schmidt-Glitzner, que editou o volume **I/19** com a assistência de Petra Kolonko em 1989; volume editado pelos Membros Fundadores e Editores de Volume M. Rainer Lepsius e Wolfgang J. Mommsen, **II/5** em 1990.

---

<sup>64</sup> Cf. Tabela 2.

<sup>65</sup> Um conjunto de regras apresentadas, atualmente, no final de cada volume MWG. Essas regras foram baseadas nos debates da literatura alemã do final dos anos 1970 em torno do *Deutsche Literaturarchiv*, em Marbach. Seguindo a estrutura estabelecida na edição de clássicos da literatura, a MWG estabeleceu um novo padrão para os clássicos das ciências sociais (BADW, 2021).

Se, por um lado, aventa-se a possibilidade de sobrecarga dos Membros Fundadores na supervisão e revisão técnica das edições, por outro lado, estes supervisores também capitalizaram maior conhecimento sobre a obra, uma vez que se especializaram em cruzar referências e verificar a coerências das edições. Tal expertise ampliada pode ter favorecido a produtividade destes membros nas décadas seguintes, pois a visão global destes especialistas sobre o conjunto da obra de Weber tornou-se maior do que a daqueles membros que trabalharam em um ou outro seguimento isoladamente.

\*\*\*

### *Considerações ao Capítulo I*

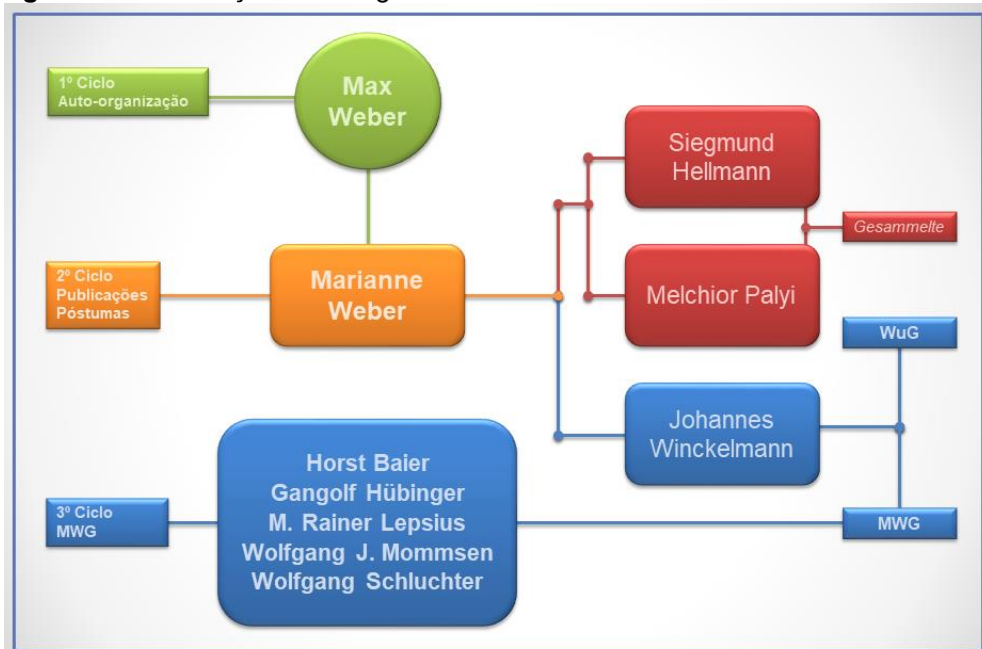
Max Weber foi um filho do seu tempo. Levantou-se contra o estamento burocrático como um pensador liberal que nasce à luz da emancipação dos intelectuais alemães contra a ordem dos “mandarins” (RINGER, 2000) na virada do século XX. Juntamente a esta circunstância fortuita, a condição economicamente confortável de Weber proporcionou-lhe certo grau de liberdade para trabalhar de acordo com seus interesses e, como relatado por Roth (2002), eventualmente cruzar temas particulares com temas de interesse geral, sem prescindir da objetividade que lhe foi característica. Weber refletiu as demandas da sociologia emergente na Alemanha de seu tempo e, ainda assim, colocou-se o desafio de organizar teoria e método para esta ciência em maturação.

Quando se fala em condição economicamente confortável — no sentido em que a vida burguesa lhe proporcionava longos períodos sem vínculo laboral, muitas vezes com a oportunidade de viajar com frequência por dias incontáveis — não significa que Weber não era dado ao trabalho. Ao contrário, como um observador treinado estava atento a tudo a sua volta, mesmo em suas viagens de tratamento terapêutico pelos balneários idílicos da Europa. Analista incansável, o autor deitou em milhares de páginas suas ideias e conclusões. A maioria deste material, ele próprio teve oportunidade de publicar em vida, até o ano de 1920. Em seguida, seus materiais tiveram de ser organizados por terceiros. Coube à audaz Marianne Weber,

sua viúva, trazer para si a missão de editar pessoalmente e publicar os manuscritos weberianos. Embora haja críticas e questionamentos sobre os critérios adotados por Marianne Weber — como sobre a aglutinação temática dos Ensaios Reunidos ou sobre a construção errática de *Economia e Sociedade* —, é graças ao seu fôlego de Ártemis que a obra de Weber foi legada à posteridade.

Em continuidade, as lideranças editoriais que estiveram à frente das publicações dos trabalhos de Weber seguiram um fluxo praticamente ininterrupto, com certos agentes colaborando na transição entre um ciclo e outro. Como é possível observar no quadro a seguir (Figura 2), em cada ciclo editorial sempre houve um ponto da rede conectado ao ciclo anterior.

**Figura 2** — Lideranças da linhagem editorial das obras de Max Weber na Alemanha



**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em Hanke (2012; 2014; 2016), Hübinger (2012), Schwentker (2012) e Schwinn (2020).

Se no primeiro ciclo há o protagonismo de Weber que, após 1920, teve seu Espólio transferido diretamente à Marianne, no segundo ciclo, a viúva Weber conta com o apoio e a continuidade de Siegmund Hellmann e Melchior Palyi nos *Gesammelte* e Johannes Winckelmann em **WuG**, atuando até 1954 (quando falece de Marianne Weber). Por sua vez, Winckelmann se tornaria o próximo ponto de conexão, assumindo a editoração de textos do Espólio e a reedição de trabalhos já organizados por Marianne, como a própria **WuG**; e, na década de 1970, ingressando



ao corpo editorial fundador da **MWG** (onde atuou até 1985), ligando o segundo ciclo ao terceiro.

**Siegmund Hellmann** nasceu em Munique, em 1872, era filho do banqueiro Heinrich Hellmann e Zerlina Karl, sua irmã era a escritora Carry Brachvogel. Ele passou parte de sua juventude em Munique, onde frequentou o *Maximiliansgymnasium*. Estudou direito e história na Universidade de Munique. Desenvolveu forte influência por fontes literárias do início da Idade Média, temas de seu doutorado, no ano 1896, e de sua habilitação, em 1899, ambos continuados na Universidade de Munique, onde também lecionou de 1899 a 1909, ano em que recebeu o título de Professor Adjunto [*außerordentlicher Professors*], permanecendo em Munique até 1923. Naquele ano, Hellmann foi nomeado para uma Cátedra em Leipzig, onde encontrou um ambiente hostil às suas posições políticas de esquerda [*linkssozialistischen*] e à sua ascendência judaica. Ainda assim, permaneceu em Leipzig até 1933, como professor titular de História da Idade Média. Naquele ano, por ser judeu, Hellmann foi cortado do cargo pela Lei de Restauração da Função Pública [*Gesetz zur Wiederherstellung des Berufsbeamtentums*]. Em 1933, Hellmann volta a Munique, vivendo com sua irmã, oportunidade em que escreveu um volume sobre a *História Alemã* [*Deutschen Geschichte*]. A partir de 1936, Hellmann e a irmã passam a viver em estado de total reclusão diante do quadro político alemão. Em Julho 1942 foram capturados e deportados ao campo de concentração de Theresienstadt (mesmo com Hellmann tendo se convertido ao protestantismo quando se casou com Emma Richter, com quem teve uma filha), onde morreram em condição de detenção (DUNCKER & HUMBLLOT; DEUTSCHE BIOGRAPHIE, 2020).

**Melchior Palyi** nasceu em Budapeste, na Húngria, em 1892, onde finalizou o *Gymnasium*. Já em Munique, estudou Economia e Direito Privado. Em 1916, finalizou seu doutorado com o trabalho *Die romantische Geldtheorie* [*A teoria romântica do dinheiro*]. Entre 1918 e 1922 ocupou cargo de professor na faculdade de Munique. Em 1929, foi nomeado professor honorário da Escola de Administração de Berlim. Ocupou a função de diretor do Institute for Currency Research de Berlim, fundado em 1931. De 1928 a 1933, ele foi membro do conselho consultivo científico do Deutsche Bank. Em 1933, por ser judeu, Palyi emigrou, via Inglaterra, para os EUA, onde lecionou em várias universidades e desenvolveu pesquisas sobre

mercados de crédito. Tornando-se cidadão americano, conquistou estabilidade legal para desenvolver suas pesquisas e diversificações profissionais, atuando, inclusive, como consultor independente. Depois de 1945, ele acompanhou o desenvolvimento de sistemas monetários a partir de uma posição crítica, alertando constantemente sobre a ameaça às liberdades individuais, representada pelo Estado moderno, e sobre as tendências inflacionárias (DUNCKER & HUMBLOT, 2019). Em 2010, o jornal de finanças norte-americano *The Wall Street Journal* publicou um artigo dedicado a Melchior Palyi, assinado por Jason Zweig (ZWEIG, 2010), cujo título é *The Man Who Called the Financial Crisis — 70 Years Early*, o qual atribui a Palyi a previsão precisa da crise financeira de 2008–2009.

**Johannes Winckelmann** foi um jurista nascido em Hamburgo, em 1900. Exerceu a profissão de 1927 a 1938, em seguida, ocupou alguns cargos no Ministério da Economia do Reich, até 1946, quando ingressou ao Banco Central do Estado de Hessian, ocupando funções até 1951. Após sua aposentadoria, se tornou Professor Honorário [*Honorarprofessor*] do Institut für Soziologie der Universität München. Ali mesmo, em Munique, ele veio a chefiar o Max Weber Archiv, a Max Weber Society, o Max Weber Office — na Bavarian Academy of Sciences —, e o Max Weber Institut. Por sua *expertise* na obra de Weber, foi convidado a ingressar no projeto MWG, no qual, é considerado um dos Membros Fundadores (v. Subseção 1.3.1).

Siegmund Hellmann e Melchior Palyi trabalharam na edição de *Wirtschaftsgeschichte* [*História econômica*] <sup>66</sup>, o material original de 1919–1920, corresponde às transcrições de cursos e aulas que se encontravam avulsos no Espólio. Mais tarde, a publicação foi revista por Johannes Winckelmann, em 1958 (HANKE, 2012). Atualmente, o texto compõe o volume **MWG III/6**, editado por Wolfgang Schluchter com a assistência de Joachim Schröder, *Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte. Mit- und Nachschriften, 1919—1920*, da Seção

---

<sup>66</sup> *Wirtschaftsgeschichte. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*, Berlin 1923, 5. Auflage. 1991, ISBN 3-428-07215-4, 6. Auflage. 2011, ISBN 978-3-428-13511-0 (von Siegmund Hellmann und Melchior Palyi zusammengestelltes Werk aus Webers Notizen und den Mitschriften seiner Studenten zu seiner letzten vollständig gehaltenen Vorlesung 1919/1920).

*Vorlesungen*<sup>67</sup> [*Transcrições de Palestras e Notas de Aulas*], volume publicado em de 2006 (Mohr Siebeck GmbH & Co. KG, 2020).

Johannes Winckelmann também foi responsável pelas “novas edições de *Economia e sociedade*, de *Escritos políticos reunidos*, de *Escritos reunidos de teoria da ciência*, de *História econômica*, assim como a edição de *A ética protestante* e de *Anticríticas*” (HANKE, 2012, p. 105). Algumas destas edições não escapam a críticas, como no caso de *Economia e Sociedade*, assunto que será abordado detalhadamente na Seção 3.5 deste trabalho.

Em genealogia, nota-se (Figura 2) que não há ruptura, perda ou corrupção da “identidade” editorial de Weber. Mesmo as decisões tomadas por Marianne Weber e Johannes Winckelmann tivessem seus passos marcados, estas trilhas foram recuperadas dentro do conjunto da **MWG**. Estas decisões são importantes registros editoriais e históricos não só não foram apagadas como foram explicadas e contextualizadas, enriquecendo o mapa para aqueles que ensejam seguir os caminhos da *Weberforschung*. A presença de Winckelmann na equipe de Membros fundadores da **MWG** — ele não trabalhou como editor de textos, mas trouxe memória e elucidação para uma série de problemas encontrados pela equipe no momento de reestruturar a compreensão de títulos como **WuG** (HANKE, 2012).

A **MWG** é um projeto da década de 1970, concluído em 2020. A coleção lança um olhar histórico-crítico sobre o conjunto da obra de Weber, reinterpretando-a sob a luz dos fatos históricos, sociais, econômicos e políticos de seu tempo. Um trabalho de exegese e, também, de filologia. Um esforço de interpretação sincrônica e diacrônica da coerência entre os escritos do sociólogo. A **MWG** ampliou o acesso público à obra weberiana, até então, parcialmente conhecida. Textos inéditos, artigos de jornais, palestras, aulas, cartas, anotações e esboços, textos públicos de posicionamento político, entre outras variedades de produção, tornam-se disponíveis em uma organização definitiva.

---

<sup>67</sup> Não confundir com o volume MWG I/6, *Zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte des Altertums, 1893-1908*, da Seção *Schriften und Reden* [*Escritos e discursos*], editado Jürgen Deininger e publicado em 2006 (Mohr Siebeck GmbH & Co. KG, 2020).

A operação editorial em torno da MWG é muito bem assentada em bases público–privadas. O arranjo jurídico entre o conselho editorial de intelectuais ligados a instituições acadêmicas e cientificamente muito produtivos; a estrutura econômica e funcional oferecida pela Bayerische Akademie der Wissenschaften (BADW); e a iniciativa comercial e logística (distribuição) oferecida pela Mohr Siebeck GmbH & Co. KG., um acordo consistente que perdura no tempo e se mostra satisfatório, de acordo com a Bayerische Akademie der Wissenschaften (BADW, 2021).

A **MWG** já é bem conhecida dos pesquisadores weberianos e já começa a transitar pelo mundo (HANKE, 2016) como se perceberá em várias passagens do capítulo a seguir. Contudo, o custo oneroso da coleção em si e as despesas de importação e exportação (HANKE, 2012) ainda são um obstáculo para um alcance maior. Por enquanto, a obra ainda está restrita a poucos especialistas pelo mundo. Uma conclusão que pesa diante da necessidade de uma rápida atualização do que se compreende sobre o autor e suas ideias.

No Brasil, por exemplo, Weber é lido por uma grande quantidade de especialistas, e nem todos têm acesso à **MWG**. O que dizer dos inúmeros “não iniciados” que precisam estar em contato com a obra weberiana no dia a dia de cursos como Direito, Administração, Serviço Social, Relações Internacionais, Teologia, entre outros? Por enquanto, cabe a eles tomarem como referência absoluta textos arranjados de maneira equivocada — como a montagem de *Economia e Sociedade* por Winckelmann, ou a fatídica “Introdução do Autor” [*Vorbemerkung*] redigida por Weber para abrir o primeiro volume dos *Ensaio reunidos de sociologia da religião*, **GARS I**, que, ainda hoje, tragicamente, continua sendo publicada como uma introdução à *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*<sup>68</sup>.

---

<sup>68</sup> *Vorbemerkung*, ou “Observação preliminar”. A inserção deste texto em “*A Ética Protestante...*” é um equívoco que se repete de tempos em tempos no Brasil, desde a década de 1960 (WEBER, 1967), em edição de publicada pela Pioneira (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. Sociologia), que trazia, também, as notas acrescentadas pelo autor na edição coligida de 1920, GARS I. Embora a edição traga como referência dos textos em alemão “Band I: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck). Tüsdedsbingen, 1947. [GARS I]” (v. Quadro 54, Subseção 3.2.2), este problema, provavelmente, deriva de uma consulta à publicação norte-americana editada por Parsons em

Quanto à divisão da genealogia em três ciclos, o que se demonstra neste Tópico são os “ciclos genealógicos” (editoriais) de publicação weberiana que se distinguem dos “ciclos de recepção” (importação / exportação), pois arrolam unicamente a aparição pública dos escritos de Weber. Estes dois conjuntos de ciclos (editoriais e de importação / exportação) não se harmonizam diretamente entre si, entretanto, como se demonstrará a seguir (Tabela 5), têm pontos de contato em alguns momentos no tempo.

**Tabela 5** – Diferenciação de períodos: Gênese e exportação

<b>CICLO EDITORIAL</b> (Gênese)	<b>EDITORIA</b>
Auto-Organização	<b>Weber</b> (1889–1920)
Publicações Póstumas	<b>Marianne Weber</b> (1920–1954–1970)
MWG	<b>Especialistas</b> (Pós 1970)
<b>CICLO DE RECEPÇÃO</b> <sup>69</sup> (exportação)	<b>IMPULSO</b> <sup>70</sup>
Império Alemão e República de Weimar	<b>Max e Marianne Weber</b> (1889–1924)
Pós-Segunda Guerra	<b>Intelectuais alemães exilados</b> (Décadas de 1940 a 60)
Baixa do paradigma marxista; <i>Renascimento Weberiano</i>	<b>Institucionalização global da sociologia</b> (Pós 1970–)

**Fonte:** tipologias elaboradas pelo autor (CARVALHO, 2018) em leitura de Schwinn (2020).

Como se pode notar na Tabela 5, os “ciclos genealógicos” de “Max e Marianne Weber” tangenciam o período proposto por Schwinn (2020) como aquele em que a recepção acontece nos ciclos de exportação do “Império Alemão” e da “República de Weimar”. Já o ciclo dos “Intelectuais alemães exilados”, tangencia a fase de organização de Marianne Weber (1920 a 1954), enquanto o ciclo de recepção associado à queda do paradigma marxista e ao *Renascimento Weberiano* está diretamente ligado à movimentação provocada pelo vetor científico de criação

---

1930, uma vez que foi o autor americano o primeiro a usar *Vorbemerkung* a como uma “Introdução do autor”.

<sup>69</sup> Tipologias elaboradas com base em pesquisa própria (Cf. CARVALHO, 2018).

<sup>70</sup> Tipologias elaboradas por Schwinn (2020).

da MWG, o que não contradiz o ponto defendido por Schwinn (2020) de que a propagação das ideias de Weber no período foi diretamente impulsionada pela institucionalização global da sociologia como disciplina acadêmica.

## CAPÍTULO II — A RECEPÇÃO DE MAX WEBER NO MUNDO

Neste Capítulo, apresenta-se uma leitura detalhada dos casos descritos pela literatura sobre a irradiação e recepção de Weber em diversos países e regiões do mundo.

A literatura especializada na recepção internacional das ideias de Weber ainda é bastante limitada e apresenta muitas lacunas. Alguns países têm abundância de referências sobre o tema, como os EUA ou o Japão, enquanto outros dispõem de apenas poucas referências mais especializadas, como no caso do Egito. Os fatos ficam restringidos à descrição dos pesquisadores, embora, quase sempre, possam ser cotejados com os levantamentos do Círculo de Heidelberg, que tem se mantido atendo e estreitando conexões com a *Weberforschung* internacional.

E é por este caminho que se abre este Capítulo, a partir do que nos informa as notícias dispostas por Hanke (2014; 2016), que nos oferece um balanço da circulação internacional dos escritos weberianos em traduções disponíveis pelo mundo (Figura 3).

A seguir, na Seção 2.1, desenvolve-se uma sequência de analítico–descritiva dos casos de recepção encontrados na literatura internacional, orientando as bases de entendimento para a compreensão das peculiaridades de suas recepções e estabelecendo correlações entre as semelhanças.

Em detalhes, na Seção 2.2, os casos estão divididos em quatro macrorregiões políticas, a saber: Europa (incluindo Espanha e casos da hispanofonia internacional e o Reino Unido e casos da anglofonia), Américas, Oriente Médio (incluindo o “Mundo Árabe”, e casos da arabofonia), Japão, China e Sudoeste Asiático (incluindo Hong Kong, Cingapura, Coreia do Sul e Taiwan).

Ao final do Capítulo, apresenta-se um balanço comparativo entre os tipos de circulação e recepção de Weber nos países relatados. Os dados são tabulados e sistematizados de modo a facilitar a compreensão e aquisição por parte dos leitores.

### 2.1 A RECEPÇÃO INTERNACIONAL: VISÃO GERAL

Em 2020, mesmo de forma remota, em função da grande pandemia do início desta década, foram lembrados os cem anos da passagem de Max Weber (1864–1920), em uma série de eventos ocorridos pelo mundo para celebrar a sua obra e sua memória. Nestes cem anos, o nome de Weber passou por diversos “renascimentos”, sendo que a cada novo ciclo, aparenta renovar seu folego e aumentar sua longevidade.

A história da expansão do pensamento de Weber pelo mundo entrelaça-se ao próprio avanço do *ethos* da modernidade no âmbito global e onde quer que o racionalismo ocidental ancore, o nome de Weber é evocado<sup>71</sup>. Onde quer que as relações urbanas industriais se desenvolvam superando o modo de vida agrário<sup>72</sup>, o pensamento de Weber será tomado por referência e, ainda que a modernidade exerça reflexividade sobre si mesma, é lembrado que Weber antecipou a discussão sobre sua natureza multifacetada (CARVALHO, 2021)<sup>73</sup>.

Mesmo que o destaque de Weber como intelectual ocidental seja indiscutível, convém perguntar-se como o nome de Weber se mantém relevante e como sua importância tem apresentado progressão e expansão contínuas? Supor que a comunicação global e a expansão digital são o platô deste fenômeno pode ser um tanto apressado, uma vez que poucos autores têm gozado da experiência de sobreviver às forças do escrutínio da globalização digital e da metarreflexão analítica que ela aplica, também, ao mundo da teoria. São os “metateóricos” (SELL, 2021) os intelectuais que dobram autores e teorias sobre si mesmas, com a vantagem contemporânea de amplo acesso a documentos e ideias.

Neste capítulo, tem-se no valor heurístico dos pressupostos de Edith Hanke (2014), um conjunto de teses auxiliares a nossa investigação. Hanke (2014)

---

<sup>71</sup> Como se demonstrará adiante, isso serve tanto para o Japão, país que acolheu as ideias de Weber já na aurora de seu pensamento, na virada do século XX, quanto para o Egito, que acolheu as ideias originais de Weber apenas às vésperas da Revolução de 25 de Janeiro, em 2011.

<sup>72</sup> Mais uma vez, cita-se o caso do Japão. Após a transição da Era Edo (1603-1868) para a Era Meiji (1867-1912), o país toma a Alemanha como exemplo de superação das relações agrárias e ingresso no processo de modernização da indústria, o que explica, em parte, a adoção de Weber como teórico da modernidade (cf. BRISSON, 2016; SCHWENTKER, 2014).

<sup>73</sup> Cf. a ideia de “modernidade múltipla”, qual seja a trajetória ocidental é apenas uma das formas possíveis de desenvolvimento (BRISSON, 2016, p. 313).



considera a pluralidade e parte da ideia de que o pensamento de Weber é exportado e recepcionado com vigor em *tempos de turbulência* [*Zeiten des Umbruchs*], quais sejam cenários de convulsão e mudanças nos ordenamentos políticos, sociais e econômicos, nos quais intelectuais são chamados a explicar estes fenômenos.

A recepção de Max Weber não ocorreu simultaneamente nos diferentes países e culturas, nem com a mesma intensidade em todos os lugares. Estou, portanto, fazendo uma seleção e partindo da tese de que Max Weber pode ganhar especial atenção e importância nas fases de uma profunda reviravolta na ordem econômica, social e política. Quanto mais fundamentais são as mudanças e as crises de legitimidade que muitas vezes as acompanham, mais forte é a necessidade — especialmente dos intelectuais — de explicar essa convulsão e de acompanhá-la crítica e reflexivamente (HANKE, 2014, p. 02, em tradução livre minha).

[Die Rezeption Max Webers fand in verschiedenen Ländern und Kulturen nicht zeitgleich statt und sie vollzog sich auch nicht überall in der gleichen Intensität. Ich treffe daher eine Auswahl und gehe von der These aus, dass Max Weber in Phasen eines tiefgreifenden Umbruchs der ökonomischen, sozialen und politischen Ordnung eine besondere Aufmerksamkeit und Bedeutung erlangen kann. Je grundlegender der Wandel und die damit oft einhergehenden Legitimitätskrisen sind, umso stärker ist das Bedürfnis – vor allem von Intellektuellen – diesen Umbruch zu erklären und auch kritisch reflektierend zu begleiten.]

Hanke (2014) empreende sua análise em três frentes: a) a distribuição mundial dos escritos de Max Weber; b) as estruturas básicas e os mediadores da distribuição mundial e; c) os casos da Rússia e da União Soviética, da China e do “mundo islâmico” para ilustrar a importância de Max Weber em tempos de turbulência política. Estes itens serão desdobrados a seguir, contemplados no próprio desenvolvimento e exposição dos contextos de recepção weberiana internacional, nas Seções 2.1 a 2.6.

### *A distribuição mundial dos escritos de Max Weber*

As traduções de Weber pelo mundo têm alcançado grande espectro transcontinental. Traduzido para o chinês, japonês, russo, hebraico, búlgaro, hindi, árabe, entre outras línguas, o pensamento de Weber há muito não está confinado às línguas de matrizes europeias.

**Figura 3** — Traduções mundiais das obras de Max Weber entre 1925 e 2012

País	Número	Período	País	Número	Período
<b>Ásia</b>			Polen	15	1961–2011
China	40	1933–2010	Rumänien	6	1975–2007
Indien (engl.)	3	1986–2006	Rußland/SU	44	1897–2007
Indien (Hindi)	1	2008	Serbien	1	1969
Japan	190	1925–2012	Slowenien	2	1983–1999
Korea	17	1953–2010	Tschechien	8	1929–2009
Taiwan	20	1937–2007	Ukraine	1	1998
Vietnam	1	2008	Ungarn	6	1923–1998
	<b>272</b>			<b>115</b>	
<b>Europa</b>			<b>América do Norte</b>		
England	52	1927–2012	Hawaii	1	1979
Frankreich	46	1959–2010	Kanada	2	1963, 2005
Griechenland	21	1929–2011	USA	118	1906–2011
Italien	52	1907–2012		<b>121</b>	
Portugal	9	1973–2006	<b>América Latina</b>		
Spanien	38	1926–2010	Argentinien	17	1959–2012
Katalanisch	1	1984	Brasilien	45	1946–2011
	<b>219</b>		Guatemala	1	2006
<b>Norte Europeu</b>			Kolumbien	10	1980–2008
Dänemark	4	1964–2003	Mexiko	19	1942–2011
Finnland	5	1980–2009		<b>92</b>	
Island	1	1973	<b>Oriente Médio</b>		
Niederlande	7	1970–2003	Ägypten	1	2011
Norwegen	3	1936–2001	Libanon	3	??–2011
Schweden	7	1971–2001	Israel	3	1961–1984
	<b>27</b>		Iran	10	1989–2006
<b>Europa Oriental e Central</b>			Kurdisch	1	o.J.
Albanien	3	2004–2008	Türkei	21	1986–2011
Bosnien-Herzegowina	1	1968		<b>39</b>	
Bulgarien	19	1984–2006	<b>Outros</b>		
Estland	2	2002–2007	Australien	1	1945
Kroatien	6	1964–2006	Südafrika	1	1967
Lettland	1	1929		<b>2</b>	

**Fonte:** Retirado e adaptado de Edith Hanke (2014, p. 03).

É bastante claro que o foco principal de irradiação e influência de Weber ainda seja a Europa, onde se encontram os principais *think tanks* e *researchers* em torno de sua obra. Surpreende que, como apontado por Hanke (2014), o Sudeste Asiático faça paralelo com a América do Norte em empenho nas traduções atuais de Weber. Se, por um lado, as traduções asiáticas são mais numerosas (cerca de 190

títulos, em 2012) e consistentes, por outro lado, as traduções as americanas (em torno 118, em 2011) são mais decisivas e influentes.

Edith Hanke (2014) demonstra que há mesmo uma querela em torno do tema, uma vez que, já em 1981, o sociólogo japonês **Yoshiaki Uchida** chamou a atenção para a vantagem dos números de trabalhos publicados em torno do pensamento de Weber em seu país se tomados em relação às publicações americanas: mais de 2000 títulos no Japão, ainda por volta do ano de 1978! Contudo, por conta da barreira idiomática, a gama das traduções weberianas praticadas no Japão “difícilmente é percebida pelas pesquisas weberianas internacionais” (HANKE, 2014, p. 04, em tradução livre do autor) <sup>74</sup>.

Quanto à língua inglesa, Hanke (2014) não atribui sua relevância no universo editorial weberiano apenas por ser o principal idioma de comunicação acadêmica contemporânea, também assinala o fato de ter sido via língua inglesa e sociologia americana que Weber foi apresentado ao mundo e colocado no mapa como sociólogo. Outro ponto de vantagem indicado pela pesquisadora weberóloga (HANKE, 2014) é o fato de as publicações americanas oferecerem maiores opções de seleções [*readers*] de cortes temáticos transversais, como a famosa coletânea *From Max Weber: Essays in Sociology*, compilada por Gerth e Mills, cuja primeira edição, datada de 1946, ganhou mundo, recebendo traduções em português, chinês e turco, vantagem que amplia a relevância das publicações em língua inglesa, sobretudo as americanas, por conta do potencial multiplicador de suas edições, entretanto, isto também contribui para uma leitura de um weber americanizado, ao invés de um clássico alemão, conclui Hanke (2014) <sup>75</sup>.

Uma tradução não se dá apenas no âmbito da linguagem. Como sustentado por Hanke (2014), para que uma tradução se realize de modo efetivo no meio

---

<sup>74</sup> „Aber die japanische weberforschung befindet sich in einer Insellage' wegen der sprachbàrriere wird sie kaum von der internationalen weberforschung wahrgenommen”./ Mas a pesquisa weberiana japonesa está em uma situação insular, por causa da barreira do idioma, difícilmente é percebida pela pesquisa weberiana internacional (HANKE, 2014, p. 04, em tradução livre nossa).

<sup>75</sup> „So erklärt es sich auch, dass Weber in vielen Ländern als ‚amerikanisierter‘ und weniger als deutscher Klassiker wahrgenommen worden ist”/Isso também explica por que Weber era visto em muitos países como um ‘americanizado’ e menos do que um clássico alemão (HANKE, 2014, p. 05, em tradução livre nossa).

editorial, ela precisa apoiar-se em uma rede de editores, autores, financiadores, além de uma via institucionalizada que garanta o sucesso da recepção, sobretudo no meio acadêmico-universitário. Nesta linha, é ressaltado por Hanke (2014) o papel de mediadores desempenhado pelos intelectuais que moldam a recepção internacional, não sendo diferente o caso de Max Weber:

Para mim, o que é empolgante sobre a recepção mundial de Weber é o ponto em que o respectivo debate de Weber deixa o estreito contexto acadêmico e se torna um debate público e socialmente relevante. É aqui que os intelectuais entram em jogo como mediadores essenciais, não apenas entre sua própria cultura e a cultura alemã, mas também entre o discurso acadêmico e o público. A recepção mundial de Weber é moldada em um grau extraordinário por intelectuais. Via de regra, são os *intelectuais*, *les intellectuelles*, os “intelectuais de partido”, a *Intelligentsia* ou os “intelectuais reformistas” que lidam com Max Weber (HANKE, 2014, p. 05, em tradução livre minha).

[Das Spannende an der weltweiten Weber–Rezeption ist für mich der Punkt, an dem die jeweilige Weber–Debatte den engen akademischen Diskurszusammenhang verlässt und zu einer öffentlichen, gesellschaftsrelevanten Debatte wird. Hier kommen die Intellektuellen als tragende Vermittler ins Spiel, nicht nur zwischen ihrer eigenen und der deutschen Kultur, sondern auch zwischen akademischem und öffentlichem Diskurs. Die weltweite Weber–Rezeption ist in außerordentlichem Maße durch Intellektuelle geprägt. Es sind in der Regel die „intellectuals“, „les intellectuelles“, die Parteiintellektuellen, die Intelligentsia oder die „Reformintellektuellen“, die sich mit Max Weber befassen.]

Em sua leitura do fenômeno de recepção intelectual, Hanke (2014) elenca algumas características que se revelam no processo. Primeiramente, nem sempre a recepção de um autor se dá no esteio de uma validação, ocorrendo diversas operações críticas no campo do debate de ideias. Em outra mão, a recepção intelectual não se vincula em uma direção política *a priori*. Hanke (2014) ilustra este ponto citando o caso espanhol, cuja recepção weberiana se deu tanto da parte dos liberais–europeus, quanto da parte dos nacionais-conservadores católicos. Em um terceiro plano, a recepção intelectual não se limita a fronteiras disciplinares menores, podendo ser notada por entre sociólogos, historiadores, economistas, filósofos, acadêmicos políticos e religiosos.

A seguir, apresenta-se de forma minuciosa a expressão do estado da arte em torno da questão da recepção de Weber pelo mundo, fora da Alemanha. Serão abordadas as principais importações regionais descritas pela literatura e, sempre que possível, o processo de interação entre os campos de origem e o campo de

chegada. É relatada a situação disposta pela literatura em alguns países da Europa: França, Itália, UK, Espanha, Rússia, Polônia; das Américas: EUA, México e Argentina (o Brasil será tratado em capítulo próprio); do “Mundo Árabe”, ou de arabofonia, e inclui mais detalhes sobre a Turquia e o Egito em particular; e alguns países da Ásia, incluindo o Sudoeste asiático (Hong Kong, Taiwan, Cingapura e Coreia do Sul) e o Japão e a China, em particular.

## 2.2 RECEPÇÃO NA EUROPA

### *As fontes*

Ao longo deste Capítulo, apresentam-se as principais fontes descritivas disponíveis na literatura internacional quanto à recepção não alemã dos trabalhos de Weber. Em alguns casos, os relatos partiram de fontes que compartilhavam a mesma nacionalidade com o cenário que descreviam (fontes nativas), como Po-Fang Tsai (TSAI, 2016) que, nascido no Estado Insular de Taiwan, transcorreu sobre a recepção de Weber no território de Taiwan e na própria China continental. Em outros casos, a recepção era analisada por especialistas que não são nativos do país ou região que descrevem, porém, guardam interesse no tema (fontes alternativas), como no caso de Schwentker (2014) e seu relato sobre a recepção japonesa.

Totalizaram-se 30 fontes consultadas. Citam-se: Pollak (1988); Ouédraogo (2010); Bruhns (1995); Grossein (2005); Oßwald–Bargende (2014); Marra (2009); Schmitt (2007); Schögler (2011); Morcillo Laiz e Weisz (2016); La Fuente (2007); Dahlmann (2014); Bucholc (2014); Scaff (2014); Morcillo (2008); Scaff (2014); Rijks (2012); Morcillo (2008); La Fuente (2007); Morcillo Laiz e Weisz (2016); Escobar (2011); Morales Martín (2016); Leder (2014); Toumarkine (2014); Ali (2014); Brisson (2016); Roth (1999); Schwentker (2014); Tsai (2016); e Fölster (2020).

### *Os idiomas, as traduções e as interpretações*

O material disponível apresentava-se nos seguintes idiomas: inglês, alemão, italiano, francês, espanhol e português. Outras ocorrências idiomáticas não se apresentaram na literatura, assumindo-se, assim, a preferência por estes idiomas na divulgação científica ocidental, salvo algumas ocorrências idiomáticas na transliteração acadêmica do japonês e do mandarim, os quais não se apresentam acessíveis às limitações deste trabalho.

Os artigos em inglês, italiano e espanhol foram traduzidos diretamente do material e revisados com auxílio de dicionários específicos. Já os idiomas alemão e francês foram traduzidos de modo instrumental e precisaram passar por tradutores eletrônicos, revisados com auxílio de dicionários e, eventualmente, consultas a especialistas.

As interpretações, focadas nos aspectos instrumentais dos textos, privilegiam a proposta de tipologia funcional da tradução feita por Nord (2016), segundo a qual, “na tradução instrumental, o *translato* atua, em uma nova ação comunicativa na cultura de chegada, como ‘instrumento’ para alcançar um objetivo comunicativo” entre a língua e o texto “de partida” para a língua e o texto “de chegada” sem que os receptores do texto “de chegada” precisem ter consciência de que têm diante de si um texto ‘novíssimo’, mas um texto que, em outra ação comunicativa e de outra forma, já tenha servido de instrumento” (NORD, 2016, p. 19). Neste sentido, ainda conforme Nord (2016), os receptores desconheceriam se a função do texto nessa “ação comunicativa anterior era a mesma esperada para o texto que têm diante de si” (*idem*) e, mesmo assim, consideram o texto funcional da perspectiva comunicativa. Neste caso, a lealdade deve primar sobre fidelidade textual, isto é, o contexto deve prevalecer sobre o texto.

### *Reflexões formais*

É fato que as barreiras do domínio linguístico dos idiomas em uma tradução instrumentalizada podem apresentar limitações a compreensão global das ideias. Optou-se, tanto por finalidade, quanto por praticidade, explorar as filigranas teóricas envolvidas em cada recepção, além disso, a intenção deste mapeamento está

diretamente associada aos elementos heurísticos e epistemológicos da sociologia da recepção e não à sociologia da tradução literária.

Embora estes dois campos da disciplina dialoguem com frequência, intentou-se muito mais estabelecer relações sociais e institucionais nesta sistematização do que explorar o valor das traduções e adaptações conceituais da transposição e transliteração dos trabalhos de Weber para outras línguas. Assim, as traduções que se utilizou neste trabalho tiveram como escopo técnico as características formais da recepção weberiana, de modo que questões mais substantivas — do ponto de vista da recepção das teorias e das ideias — foram exploradas em menor grau de apreciação.

Ao final do capítulo, apresenta-se uma sistematização detalhada do processo de recepção relatado na literatura e arrolado abaixo, e um balanço formal dos dados captados. A seguir, inicia-se a análise pelo território europeu.

#### *A) França*

##### *Problemas de ordem editorial*

O processo de recepção de Max Weber na França passa pelo filtro da baixa comunicabilidade, ao longo do século XX, entre os círculos de cientistas que praticavam as ciências sociais francesas e aqueles que as praticavam na Alemanha (v. BRUHNS, 1995).

Já no final da década de 1980, Pollak (1988) indicava que a recepção de Weber na França encontrou forte resistência em sua alvorada. Um traço forte de incompatibilidade entre as ideias de Weber e o positivismo francês tornou-se naquele país uma barreira à maior expansão do autor alemão antes da década de 1930. Esta barreira só seria superada mais tarde, pós 1930, com a crise da tradição positivista. É aí que Pollak (1988) destaca o entrelace entre a entrada e permanência de Weber na França e a própria trajetória intelectual de **Raymond Aron**, com sua capacidade de redefinir as grandes questões sociológicas, tanto do ponto de vista de seus referenciais teóricos quanto de sua função social, até o

momento da institucionalização final e da expansão da disciplina, na virada dos anos de 1960.

Por outro lado, sublinha Ouédraogo (2010) esta recepção se dá em torno de uma peculiaridade que marcaria a recepção francesa de Weber: uma forte assimilação ancoragem de historiográfica. Tal força acentuada de assimilação, no exame de Ouédraogo (2010), verte a ponto de configurar uma tradição particular <sup>76</sup>, nutrida pelo mesmo modelo de interpretação manifestado em dois planos: uma disjunção entre sociologia e história nas entrelinhas de Max Weber e uma preeminência [*prééminence*] de aporte dado às reflexões epistemológicas de Weber. O gérmen deste fio teórico específico seria um texto de Raymond Aron, publicação de 1938, *The Critical Philosophy of History*.

Na assertiva de Ouédraogo (2010), a cada leitura na qual os pesquisadores aceitam a relevância teórica da análise assumida pro Aron em *The Critical Philosophy of History* em, eles são levados a dissociar a história e a sociologia em Max Weber, podendo, ainda, conceder valor central à sua epistemologia em comparação com os outros escritos e seu pensamento político em particular, cuja consequência, seria produzir certos tipos de reflexões muito características da abordagem de Weber na França. Embora não seja objeto desta exposição adentrar à filigrana epistemológica das hipóteses de Ouédraogo (2010), convém abordar alguns pontos que são relevantes a uma teoria da recepção.

### *i) Fundamento*

Ouédraogo (2010) sustenta que a abordagem de Aron em *Théories de l'histoire dans l'Allemagne Contemporaine*, primeiramente, apresenta não um compêndio das teorias da história na Alemanha contemporânea, de fato, mas

---

<sup>76</sup>“[...] Existe, en France, une réception de l'historiographie weberienne et une forme d'assimilation de son oeuvre qui sont constitutives d'une tradition particulière” [“Há, na França, uma recepção da historiografia weberiana e uma forma de assimilação de sua obra que constituem uma tradição particular”] (OUÉDRAOGO, 2010, p. 30, em tradução livre minha).



apenas as linhas de Dilthey, Rickert, Simmel e Weber, que são apresentados como filósofos da história, lidando com problemas que se apresentam a todos.

### *ii) Referência*

Os *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre* [GAW] ocupam um espaço central Aron como referências weberianas. O que, de acordo com Ouédraogo (2010), pode ter levado Aron a uma percepção equivocada da totalidade e continuidade editorial das ideias de Weber apresentadas no interior de [GAW]. Primeiramente, a edição de [GAW] acessada por Aron, relembra Ouédraogo (2010), seria a edição de 1922, que não incluía detalhadamente os seus dados editoriais, bem como um prefácio indicando a gênese editorial dos textos ali reunidos, os critérios de organização e disposição destes textos, tampouco uma descrição contextual das circunstâncias de sua produção de cada ensaio, e sequer uma justificativa para o título atribuído ao livro. Em segundo lugar, enfatiza Ouédraogo (2010), Aron levaria à risca a proposta do título, assumindo a ideia de que existiria em Weber uma *doutrina* da ciência, escapando a ele a informação de que o título da coletânea de ensaios de Weber foi dado, arbitrariamente, por seu editor, J. Winckelmann, de cuja expressão apropriou-se de Fichte. Em terceiro lugar, Ouédraogo (2010) assume que Aron pressupôs lidar com uma obra bem acabada, com interconexão lógica entre seus capítulos, estruturados em função da disposição do argumento elencados e construídos em ordem cronológica, o que seriam conclusões equivocadas, que se expressariam na própria interpretação de Aron, cindindo GAW em três momentos: o primeiro momento atribuído à história e metodologia da sociologia; o segundo, atribuído à neutralidade axiológica (ponto de junção e refração do primeiro e do terceiro momento); e, por último, o terceiro momento que pauta a “filosofia política” ou a “filosofia da escolha”, (ponto de reflexão sobre a ação).

### *iii) Disjunção entre sociologia e história*

A hipótese de uma “disjunção” [*disjonction*] empreendida por Ouédraogo (2010) deve ser tomada como a emergência de uma linha teórica que está em oposição à perspectiva teórica de uma sociologia histórica comparada de Weber e a emergência de uma abordagem de filosofia crítica da história [*la philosophie critique de l’histoire*], encampada, primeiramente, pelos historiadores profissionais [*historiens de métier*] e, mais tarde, encontrando lugar na academia entre a historiografia de um lado e o *durkheimianismo* do outro, ambos como dificuldades em assimilar uma sociologia histórico-comparada weberiana, bem mais interdisciplinar. Muito desta dificuldade de se relacionar Durkheim e Weber se daria por conta do fato de Weber ser percebido como economista e não como sociólogo (o que fortaleceria uma interpretação durkheimiana por **M. Halbwachs** e **F. Simiand**), conforme Steiner (1992).

Ainda como reforço, convém demarcar que as hipóteses de Ouédraogo (2010) estão centradas na linha genética de recepção de Weber na França, via Aron, em seu *The Critical Philosophy of History*, de 1938. Ainda há uma sobrevivência desta cisão entre sociologia e historiografia no Weber “francês”, Ouédraogo (2010) alerta para o fato que o próprio Aron abandonou estas perspectivas no período Pós-guerra.

#### *Problemas de ordem de tradução*

Em uma perspectiva diferente — e abordando mais especificamente o problema da tradução —, Grossein (2005) contesta a limitação de acesso à obra de Weber na França por problemas de tradução e também não endossa que problemas de tradução tenham criado um Max Weber exclusivamente *à la française*. Para Grossein (2005), é preciso ir além de subestimar o papel das tradições na recepção do autor. No caso de Weber, é preciso levar em conta que sua recepção teve uma primeira fase aguda, prolongando-se da década de 1930 até o final da década de 1960, década na qual as traduções de obras de Weber na França passam a ganhar mais fôlego. Para este analista, não há indícios que acusem um enviesamento francês de Weber, o que seria uma particularidade francesa obtusa dentro do grande tema da recepção weberiana pelo mundo, uma pecha por demais pesada. Grossein

(2005) leva em conta que apenas após os anos de 1960 iniciou-se, de fato, um movimento de releitura de Weber na França e, entendendo que de algum modo isso ainda constitui ecos da primeira onda, concorda que a tradução da obra weberiana requer habilidade em dupla via: um domínio perfeito da língua alemã, obviamente, mas também um domínio perito de sua obra e de seu léxico e raciocínio próprio — muito mais necessário e precioso ao exercício da tradução do que a mera tradução de palavras, uma vez que o léxico weberiano dá sustentação a todo um sistema conceitual.

Sobre o volume de traduções deste período de releituras e republicações, Bruhns (1995) já chamava a atenção para o fato de que poucas obras de Weber estavam disponíveis em francês na década de 1990, quando mesmo obras como mesmo suas duas principais obras, *Wirtschaft und Gesellschaft* e *Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen* foram apenas parcialmente publicadas. No quadro a seguir (Quadro 17) é possível ter uma visualização das obras traduzidas no período<sup>77</sup>.

Bruhns (1995) considera que o fenômeno mais marcante — não apenas da recepção alemã, mas da própria recepção internacional de Weber entre os anos da década de 1960 e os anos da década de 1980 — é a recepção de Max Weber por historiadores. Diferentemente de Ouédraogo (2010), Bruhns (1995) entendia que esta era uma tendência internacional (não uma peculiaridade dentro da weberologia francesa, como viria a supor Ouédraogo), fenômeno alavancado pelo próprio desenvolvimento da historiografia alemã, no final da década de 1960, uma nova história social que se afirmava baseada na sociologia de Weber, *Historische Sozialwissenschaft*.

---

<sup>77</sup> Este estudo não encontrou publicações com dados atualizados. Também não havia a intenção de se publicar detalhadamente quais as obras foram publicadas, em cada país pesquisado. Os dados aqui apresentados são expostos na medida em que se encontram disponíveis e podem enriquecer a compreensão de certos fenômenos da recepção.

**Quadro 17** — Publicação da produção weberiana na França 1959–1992

1959 – <i>Le savant et le politique</i> . Trad. Julien Freund. Introduction de Raymond Aron. Plon, Paris, 1959
1960 – <i>La morale économique des grandes religions</i> . Essais de sociologie religieuse comparée. Introduction. Trad. M. Rubel. Archives de Sociologie des Religions, 5, 1960, pp. 5–30. [Traduction incomplète: le texte est amputé e la dernière partie traitant la typologie de la domination.]
1964 – <i>L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme, suivi d'un autre essai</i> . Traduit de l'allemand par Jacques Chavy. Plon, Paris, 1964, 2 <sup>e</sup> édition corrigée 1967 [plusieurs rééditions; en 1994 en édition de poche (Plon Pocket Agora) reproduisant le texte dans son intégralité mais ne donnant qu'une partie des notes)].
1965 – <i>Essais sur la théorie de la science</i> . Traduit par Julien Freund. Plon, Paris, 1965.
1970 – <i>Le Judaïsme antique</i> . Traduit par Freddy Raphael. Plon, Paris, 1970.
1971 – <i>Economie et société</i> . Traduit de l'allemand par Julien Freund, Pierre Kamnitzer, Pierre Bertrand, Eric de Dampierre, Jean Maillard et Jacques Chavy sous la direction de Jacques Chavy et d'Eric de Dampierre. Tome premier. Plon, Paris, 1971.
1973 – <i>Les causes sociales de la décadence du monde antique</i> . Traduit par Jean Baechler. Contrepoints 9, 1973, pp. 43–63.
1974 – <i>Commentaire de Max Weber à l'exposé du Dr Ploetz sur 'Les notions de race et de société', (1910)</i> . Texte traduit par Léon Poliakov. Cahiers Internationaux de Sociologie 56, 1974, pp. 115–126, avec une introduction de Léon Poliakov et un commentaire de Colette Guillaumin, «Max Weber et les théories bioraciales du XX <sup>e</sup> siècle». [Max Weber, <i>Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik</i> , Tübingen 1924, pp. 456–462.]
1982 – <i>La ville</i> . Traduit par Philippe Fritsch. Préfacé de Julien Freund. Aubier Montaigne, Collection Champ urbain, Paris.
1983 – De la liberté intellectuelle et de la dignité de l'avocation universitaire. Ecrits de Max Weber. Edités et traduits par M. L. Martin. Presses de l'Institut d'Etudes Politiques, Toulouse.
1986 – « <i>Enquête sur la situation des ouvriers agricoles à l'est de l'Elbe. Conclusions. Prospectives</i> ». Traduit de l'allemand par Denis Vidal-Naquet, Actes de la Recherche en sciences sociales, 65, 1986, pp. 65–69.
1986 – « <i>Parenthèse théorique: Le refus religieux du monde, ses orientations et ses degrés</i> ». Traduit par Philippe Fritsch. Archives de Sciences Sociales des Religions, 61, 1986, 7–34. [Republié dans: Enquête. Cahiers du CERCOR, n.° 7, juin 1992, pp.127–170.]
1986 – <i>Sociologie du droit</i> . Préface de Philippe Raynaud. Introduction et traduction par Jacques Grosclaude. P. U. F., Paris, 1986.
1989 – « <i>La Russie en marche vers la pseudo-démocratie</i> ». Avant-propos, annotation et traduction par Isabelle Niehus-Jeuffroy. Revue Française de Sociologie, XXX, 1989, pp. 617–637.
1989 – « <i>L'Etat National et la politique économique</i> ». Traduit par R. Kleinschmager. La Revue du MAUSS, 3, 1989, pp. 35–59. [Précédé de: Richard Kleinschmager, «Max Weber en 1895», <i>ibid.</i> , pp. 24–34.]
1990 – « <i>L'Etat National et la politique de l'économie politique. Leçon inaugurale à l'Université de Fribourg</i> ». Texte traduit par Daniel Argeles, Isabelle Roussel, Evelyne Jacquelin-Marchand, Marie-Odile Lauxe-rois, Valérie Martin-Lefèvre de Daran, Christiane Flacelière, Elisabeth Kauffmann. In: «Philosophie et Politique en Allemagne (XVIII <sup>e</sup> –XX <sup>e</sup> siècles)». <i>Les Cahiers de Fontenay</i> , n.° 58/59, juin 1990, pp. 123–153.
1991 – Histoire économique. Esquisse d'une histoire universelle de l'économie et de la société. Traduit par Christian Bouchindhomme, préface de Philippe Raynaud. Editions Gallimard, Paris.
1992 – Essais de sociologie des religions I. Traduction de l'allemand et présentation par Jean Pierre Grossein. Editions à Die.
1992 <i>Max Weber. Sur le socialisme et le marxisme</i> . Textes présentés par Enzo Traverso et traduits par Jacques Bidet. In: Actuel Marx, n°11, 1992, pp. 41–65. [Il s'agit de neuf extraits de différents textes de Weber, dont notamment dix pages de la conférence sur « <i>Der Sozialismus</i> ».]

**Fonte:** Adaptado pelo autor, extraído de Bruhns (1995).

Por fim, Bruhns (1995) conclui afirmando que a comunicação entre os estudos de Weber na França e na Alemanha não se restringe aos círculos de exegetas *professionnels* na obra de Weber, ou à própria sociologia, sendo algo usual nos mais variados circuitos de pesquisadores nas ciências sociais.

### B) Itália

Max Weber teve uma relação muito pessoal com a Itália, principalmente em se tratando da região Sul daquele país. Os balneários italianos serviram a Weber em muito mais do que uma ocasião. Fosse viajando só, ou com a esposa e família, o destino do sociólogo de Heidelberg esteve ligado à Itália, sobretudo, por um vínculo de devaneio idílico e alívio terapêutico e distrativo, necessários a diversas ocasiões em que a estafa o cobrava pelo repouso, particularmente no pós-colapso de 1898. Dos roteiros de viagem, Oßwald-Bargende (2014) indica a passagem de Weber pelos balneários dos mares Mediterrâneo e Adriático, Florença e Perugia, Umbria e Campânia, Roma e Nápoles, Veneza e Sicília, detalhes registrados das cartas gerais do autor e também nas correspondências entre Marianne Weber e sua sogra Helene Fallenstein.

Max e Marianne chegaram mesmo a estabelecer residência em Roma, na “Via Cicerone, 35” (OSSWALD-BARGENDE, 2014, p. 26), estada dividida em dois períodos, em 1901 e 1903, ano que — relembra Oßwald-Bargende (2014) — Weber renuncia oficialmente à carreira acadêmica representada no cargo de Professor Titular de Economia e Finanças, na Universidade de Heidelberg, contentando-se com a posição de Professor Honorário, que limitava sua participação no núcleo docente o retirava das orientações de doutorado (tarefa que o desagradava), o que, por consequência, também demandava menos compromissos. Nestas estadas pela Itália, Weber não se entregou aos caprichos sabáticos ou ao pleno diletantismo. Como relatado por Oßwald-Bargende (2014), Weber chegou, por exemplo, a participar como ouvinte do *Internationale Historikerkongress* (Congresso Internacional de Historiadores), que se reuniu em Roma de 2 a 9 de abril de 1903, além de encontros ocasionais com intelectuais residentes ou de passagem pela cidade, e suas cartas sugerem que o cenário cotidianamente católico de Roma

ofereceu um importante espelho de contraste para suas ideias do que viria a ser *A Ética Protestante*.

Também na Itália, revela Marra (2009) o historicismo alemão foi um marco de entrada de Weber, principalmente, desde 1956, pelas mãos do filósofo de Turim, **Pietro Rossi**, que contribui efetivamente para os debates sobre a consolidação da sociologia naquele país, por publicações e estudos da obra weberiana. Marra (2009) salienta as contribuições de Rossi: primeiramente como o principal curador e tradutor italiano das mais importantes obras weberianas, estando à frente, por exemplo, da publicação em italiano de todos os ensaios metodológicos weberianos e todos os ensaios de sociologia da religião — incluindo-se, mesmo, as Anticríticas (*Antikritiken*) que Weber dirigiu aos questionamentos levantados por *A Ética Protestante...*; destacando-se como tradutor e curador de Weber, Rossi aprofunda na Itália os estudos sobre o sociólogo alemão, principalmente colocando-o como uma alternativa ao idealismo e como uma referência teórico-metodológica consistente e fundamental para o desenvolvimento da disciplina sociológica (Rossi publicou, também, obras de Tönnies, Durkheim, Simmel, Parsons entre outros); além destes dois pontos, destaca Marra (2009), o próprio *status* internacional que a relevância de Rossi atinge o permite circular no centro intelectual da *Weberforschung*, sobretudo em estreitamento de laços com o núcleo editorial da MWG, e no desenvolvimento de atividades acadêmicas em Heidelberg.

Por outro lado, atenta Marra (2009), mesmo com a penetração de uma sociologia alemã na Itália dos anos de 1960 (além de Weber, Tönnies, Simmel, Mannheim), não se originou na sociologia italiana um interesse em se relacionar com a sociedade e, tampouco, com a comunidade intelectual-acadêmica da Alemanha e vice-versa (com exceção a certo interesse na escola de Frankfurt, por ocasião dos 1968), o que amplifica a relevância de Rossi como um intelectual mediador entre estes dois campos acadêmicos, mas também entre duas culturas.

No Relatório da *conferência Max Weber in Italien. Die Rezeption seines Werks nach 1945* [*Max Weber na Itália: A recepção de sua obra após 1945*], Schmitt

(2007) observa que, apesar de Max Weber estar ligado a Itália já em seus primeiros dias de grande produção <sup>78</sup>, no evento Pietro Rossi (apud SCHMITT, 2007) esclareceu a questão a ausência de Max Weber no campo da filosofia italiana até a década de 1950: a questão estaria ligada a uma disputa filosófica interna à recepção. Duas tendências eram características da filosofia alemã do final do século XVIII até a Primeira Guerra Mundial: a rejeição do positivismo, especialmente no campo sociológico, e a disseminação do neocriticismo. Embora Weber estivesse claramente ligado à discussão sobre *normas* e *valores*, estas tendências não receberam muito engajamento imediato (tanto na Alemanha, quanto na Itália).

Fato curioso, de acordo com Schmitt (2007) como um leitor de Rossi, é a avaliação de que a própria crise do idealismo na Itália do período imediato ao Pós-guerra poderia ter possibilitado uma recepção ampla a Weber no país, contudo, só depois da interpretação de Talcott Parsons, em *The structure of social action*, traduzida para o italiano em 1962, a recepção de Max Weber começou a decolar.

Outro conferencista relatado por Schmitt (2007), Alessandro Cavalli (comuna de Pavia, Lombardia), destacou a recepção de Weber na Itália em três níveis: i) A presença de Max Weber na sociologia italiana pode ser vista na obra de autores italianos, que lidaram diretamente com a obra de Max Weber, destacando-se os nomes de **Francesco Tuccari**, que tratou dos termos poder e dominação e de Sandro Segre, que examinou os mercados financeiros e os grupos econômicos na obra de Weber; em segundo lugar estão os estudos que tratam explicitamente dos fundamentos teóricos e das hipóteses de Max Weber, na ocasião, Alessandro Cavalli (apud SCHMITT, 2007) refletia sobre a ausência de weberianos na Itália, rótulo que caberia ao acima citado Sandro Segre e, nas palavras de Schmitt (2007), também ao próprio Alessandro Cavalli; e, em terceiro lugar, estão os ramos de pesquisa, que já não se referem explicitamente às ideias de Max Weber, mas que têm o seu DNA teórico. Nestes casos, a influência de Weber não é direta, como no

---

<sup>78</sup> Como lembrado por Schmitt (2007), Weber fez uma passagem por Roma, com estadia de 1901 a 1903 e, mesmo que estivesse em elevado estado de sua condição nervosa, não deixou de travar contato com a *intelligentsia* residente.

primeiro nível, mas bastante indireta e difusa. Cavalli (apud SCHMITT, 2007) destacou os estudos sobre movimentos sociais, produzidos por **Francesco Alberoni** e **Alberto Melucci**; **Alessandro Pizzorno** e sua contribuição para a investigação sociológica da política; e **Arnaldo Bagnasco** e **Carlo Trigilia** em suas investigações sociológicas sobre espaço e desenvolvimento.

Outra contribuição à conferência foi de (apud SCHMITT, 2007) Innocenzo Cervelli (Veneza), que fez um balanço do período entre 1906–1948, localizando a recepção de Weber em meio a um panorama complexo de posições ideológicas, com destaque para a penetração de *A Ética Protestante* que, traduzida em um meio antifascista, acabou por aparecer em uma das revistas mais representativas do fascismo, no ano de 1931.

Outros nomes, ainda, circularam pela conferência *Max Weber in Italien. Die Rezeption seines Werks nach 1945*, relata Schmitt (2007): Christoph Cornelißen (Kiel, Alemanha) que tratou do legado acadêmico e científico de um dos grandes nomes da weberologia, Wolfgang Mommsen, também um dos principais editores da MWG; Gian Enrico Rusconi (Torino), que trabalhou o conceito de “Ocidente” em Weber; Paolo Pombeni (Bolonha), que analisou a recepção de Weber em um dos centros universitários mais antigos da Europa; Wolfgang Schieder (Colônia, Alemanha) que estabeleceu usos possíveis do conceito weberiano de “carisma” para interpretações sobre o fascismo.

### C) Grã-Bretanha (e mundo anglófono)

Embora a tradução de Weber para a cultura de sistema anglófono seja bastante tardia, como relata Schögler (2011), a recepção de Weber na Grã-Bretanha tem sido relativamente profícua. Um parâmetro temporal indica que a primeira tradução de Weber na Grã-Bretanha (GB) remonta a 1927, por outro lado, como indicado por Oakes e Vidich (1999 apud SCHÖGLER, 2011), até 1934 nenhum trabalho de Weber havia sido revisado no *American Journal of Sociology*. Caso que não foi diferente na GB dos anos de vida de Weber. Schögler (2011) aponta que, em pesquisas nos bancos de dados da GB, verificou-se que nenhuma revisão dos trabalhos em alemão foi feita em importantes periódicos de ciências sociais durante



a vida de Weber. Apenas mais tarde, em 1924 e 1925 surgem duas revisões de Weber: em 1924, Schwiedland (apud SCHÖGLER, 2011) comentou os *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre* [**GAW**] e os *Wirtschaftsgeschichte* [**WG**] para o *Economic Journal*, já em 1925, também para o *Economic Journal*, Reynard (apud SCHÖGLER, 2011) também publicou uma resenha crítica dos *Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik* [**GASS**].

Conforme Schögler (2011), as décadas de 1930 e 1940, mantiveram uma seleção restrita de obras de Weber para tradução, o que só permitiu uma recepção parcial de suas obras por um longo período.

As primeiras traduções de Weber se dão por **Frank H. Knight**, *General Economic History*, em 1927, e **Talcott Parsons** *The Protestant Ethic*, em 1930, textos que também foram debatidos no *Economic Journal* (PLUMMER, 1928; ROWSE, 1931 apud SCHÖGLER, 2011) e orientaram as discussões sobre Weber até a década de 1940, diante da ausência de novas traduções. Somente em 1947 há uma renovação em traduções com a chegada da tradução do primeiro volume de *Wirtschaft und Gesellschaft* [*Max Weber: The Theory of Social and Economic Organization*] traduzido e publicado por Talcott Parsons e A.M. Henderson. Em 1948 há uma renovação em traduções com a chegada da coletânea *From Max Weber* (1948), de **Hans H. Gerth** e **C. Wright Mills**. No ano seguinte, é publicada por **Edward Shils** e **Henry A. Finch** a tradução de três ensaios — dois dos quais foram publicados pela primeira vez em *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* em 1904 e 1905, e o terceiro em *Logos*, em 1917 — sobre objetividade, “neutralidade” ética e liberdade de valores com o título de *The Methodology of the Social Sciences*, de 1949.

A recepção acadêmica de Weber na GB também se pronuncia cedo. Como relata Schögler (2011), a força da influência acadêmica de Weber na GB se dá tanto no curso de nomes de cientistas imigrantes quanto no esforço de cientistas sociais do Instituto de Sociologia da *London School of Economics and Political Science* (LSE). Logo no início da década de 1930, **Morris Ginsberg** — professor na LSE — já lidava com o pensamento de Weber em suas publicações e atividades de ensino. Como o primeiro instituto de Sociologia britânico, o departamento pioneiro da LSE foi um importante espaço de propagação [*Verbreitung*] das ideias weberianas no

território da GB. Nomes como o de **Thomas Humphrey Marshall**, que trabalhou a metodologia e a teoria weberianas; do sociólogo americano Edward Shils, que tentou combinar tradições de pensamento americanas e europeias, enquanto lecionava na LSE, nos anos de 1940; **Richard Tawney**, quem apresentou *A Ética Protestante* à GB, tanto como editor e redator da introdução ao volume editado por Talcott Parsons, quanto como pesquisador das relações entre religião e capitalismo; os nomes de Lionel Robbins, Karl Mannheim e Jacob-Peter Mayer também são lembrados nos laços acadêmicos com a GB nos anos de 1940.

#### *D) Espanha (e mundo hispânico)*

Sobre o processo de recepção de Weber no meio acadêmico de língua espanhola Morcillo Laiz e Weisz (2016) pontuam que este foi parcial e frequentemente tendencioso e isso valeria tanto para a sequência de traduções, para a recepção precoce combinada com a ausência de uma institucionalização nos programas de estudo mexicanos em uma ou mais escolas de sociólogos e cientistas políticos — ausência tomada em comparação à presença weberiana nos EUA, como em Harvard, via Talcott Parsons, ou nos estudos sobre Burocracia em Colúmbia, por Robert Merton.

A recepção de Weber em língua espanhola está bastante associada a intelectuais que migraram para a Península Ibérica, contudo, aqui aparece um elemento de variação no circuito de transnacionalização de Weber: o pensamento do autor é trasladado da Alemanha por intelectuais exilados não alemães.

Neste tópico, além de se abordar este tema, exploram-se as particularidades da recepção de Max Weber em língua espanhola, relacionando a exposição de La Fuente (2007). Esta abordagem nos serve, também, como um ponto de ancoragem introdutório para adentrarmos mais especificamente às recepções weberianas pela América Latina.

Para esta pesquisadora (LA FUENTE, 2007), a recepção de Weber em no mundo de língua espanhola passa por um filtro, compreendido em duas linhas interpretativas que seguem separadas e também opostas. Estes circuitos formados

por intelectuais espanhóis seguiriam — no esquema interpretativo proposto por La Fuente (2007) — em uma linha *conservadora* e outra *liberal*.

### *A perspectiva conservadora*

O ano de 1898 foi decisivo na trajetória do imperialismo colonial espanhol. Naquele ano, a Guerra Hispano-Americana (entre a Espanha e os EUA, durando menos de dois meses) selou o destino das últimas colônias espanholas: Cuba, Filipinas e Porto Rico. Ao final do conflito, do qual os EUA saíram vencedores, fora negociado o Tratado de Paris, de 1898, segundo o qual, os EUA adquiriram controle parcial e temporário sobre Cuba e autoridade temporária indeterminada sobre Porto Rico e Filipinas, colônias que, internamente, já se levantavam contra o domínio espanhol mesmo antes da Guerra Hispano-Americana e, durante a disputa, levantaram-se, agora, contra as duas partes em contenda. Posteriormente ao Tratado de Paris, uma série de conflitos civis e militares estourou em formas e proporções diferentes contra o domínio e ocupação dos EUA naqueles países, pondo em conflito direto três frentes: os partidários pela independência das regiões em territórios nacionais; os simpatizantes da presença Norte-americana; e os aliados fiéis do regime espanhol capitulado.

Para o lado da Espanha, resultado deste prélio abalou o moral do país. Os intelectuais não ficaram de fora desta mudança no “espírito” nacional, sentindo o impacto de maneira muito diversa. Um intenso debate emergiu no meio intelectual em torno de uma compreensão crítica sobre a ascensão e decadência do Império Espanhol “*no sólo en términos políticos y económicos sino morales*” (LA FUENTE, 2007, p. 545). Alguns destes intelectuais propunham, a partir desta reação crítica, o renascimento de uma nova Espanha. Este grupo — cuja maioria dos membros estava na casa dos 25 aos 30 anos na ocasião da Guerra Hispano-Americana — ficou conhecido como *La generación del 98* [A Geração de 98].

Das diferentes perspectivas da Geração de 98, La Fuente (2007) destaca o nome do ensaísta e crítico literário, **Ramiro de Maeztu**, que olhava para a Espanha como um país com dificuldades para se livrar de sua condição pré-moderna. Maeztu observa que a modernização da Espanha no início do século XX — diante da

herança do seu próprio declínio como império — entrava e choque com emergente imperialismo econômico dos Estados Unidos, que ameaçava a independência dos povos de língua espanhola.

O conceito de “modernização” abordado por Maeztu, de acordo com a leitura de La Fuente (2007), é pensado a partir de fundamentos econômicos, sobretudo com o modelo norte-americano tomado como referência de hegemonia econômica a ser emulada, mas Maeztu não deixava de fora a necessidade de um *renacimiento* intelectual e consolidação da identidade nacional, abalada internamente pela relação com bascos e catalães. Neste sentido, o Weber de *A Ética Protestante* aparece como uma referência para Maeztu sustentar sua tese de uma superioridade anglo-saxônica que Maeztu expressa principalmente em duas obras *North America from inside* e *The reverential sense of Money*, das quais, La Fuente (2007) comenta:

El primero recoge una serie de artículos de periódico en *El Sol*, de Madrid, *La Prensa*, de Buenos Aires, y en *El País*, de La Habana. Tras 15 años en Londres, viaja en 1925 a EEUU donde confirma esa “superioridad de los anglosajones” y a remite a la conexión entre sentimientos religiosos y deberes mundanos. Durante su estancia da un curso de verano en Middlebury, Vermont, sobre “Don Quijote, Don Juan y la Celestina”, repleto también de referencias a *La Ética protestante y el espíritu del capitalismo*. El segundo escrito agrupa una serie de artículos de periódico de la década de los 20 redactados para *El Sol* y *El Mundo*, así como una conferencia “El espíritu de la economía iberoamericana” publicada originariamente en la *Revista de las Españas*, 4 (1926) Madrid (LA FUENTE, 2007, p. 560).

Para La Fuente (2007), as teses de Maeztu são tomadas sempre desde uma perspectiva economicista de desenvolvimento fundado no capitalismo de iniciativa privada irrestrita e que reduz o papel do Estado a garantia da ordem e da propriedade, uma postura que deveria ser imitada pela Espanha, mas havia ali, também a necessidade do desenvolvimento de um *ethos* burguês, qual estruturas de consciência prático-moral, seriam a chave para a modernização espanhola <sup>79</sup>. Esta reação de Maeztu junto a sua interpretação de que a 1.ª Grande Guerra significou a

---

<sup>79</sup> “Según esta interpretación, 1898 mostraba que el desastre español no fue debido a cuestiones políticas, sino económicas y morales, y que la sociedad española no precisaba, por tanto, de reformas de carácter político, sino de transformaciones económicas posibilitadas por un cambio profundo del *ethos* económico, de las estructuras de conciencia prático-morales de los españoles” (LA FUENTE, 2007, p. 546).

ruptura dos alicerces da tradição e das certezas morais, como analisa La Fuente (2007), acabou por vinculá-lo a posições conservadoras e tradicionalistas, adeptas de uma restauração do passado.

### *A perspectiva liberal*

A derrota para os EUA na Guerra Hispano-Americana de 1898 abriu caminho para a crítica espanhola interna de intelectuais descontentes com o desenrolar do elo histórico. As organizações pré-modernas estavam em foco: o mundo rural, a industrialização precária e pouco desenvolvida, a baixa expressividade em investigação científica, baixo desenvolvimento técnico, dogmatismo religioso permeando a educação civil e hostilizando o pragmatismo científico que avançava sobre a Europa moderna, entre outros problemas. Se, por um lado, a mentalidade intelectual espanhola da época se vincula ao pensamento conservador que imaginava uma Espanha renascendo a partir de um novo *ethos* econômico, mas resgatando de uma antiga moral <sup>80</sup>, por outro lado, outras perspectivas buscavam por alternativas ao *declive español* por nova perspectiva liberal: a modernização da Espanha, o que implicaria em aumento da presença técnico-científica na educação e o desenvolvendo do renascimento intelectual, alinhando-se à mentalidade europeia racional e progressista da época.

A estas duas perspectivas, conservadora e liberal, La Fuente (2007) chama mentalidade isolacionista *antieuropeia* e mentalidade de aberta [*mentalidad aislacionista y aperturista*]. No âmago de cada uma destas linhas, residia o conflito entre um fechamento ou uma abertura às ideias que povoavam o espírito europeu da virada do XIX para o XX. Do início dos 1900 até aproximadamente a década de 1930, uma série de medidas liberalizantes garantiram a criação institutos técnicos secundaristas e de novas universidades, movimento brutalmente interrompido pela

---

<sup>80</sup> “[...] una modernización económica y técnica fuerte pero sin modificar los fundamentos ideológicos tradicionales, preservadores de una supuesta identidad nacional-católica” (LA FUENTE, 2007, p. 552).

Guerra Civil Espanhola (1936 a 1939) e a emergência do regime conhecido como a Ditadura Franquista (de 1939 até 1975).

Desta fase de abertura de pensamento, ou europeização (*europización de España*), La Fuente (2007) destaca dois nomes da recepção *temprana* de Weber: **Fernando de los Ríos**, intelectual republicano e ativista político liberdades sociais no período da Ditadura de Primo de Rivera (1923–1930); e **José Medina Echavarría**, outro intelectual republicano da mesma geração que — apesar de olvidado no círculo de intelectualidade da Espanha — tem enorme peso para a recepção de Weber tanto no pensamento espanhol quanto no de língua espanhola, figurando o seu nome junto aos de outros intelectuais espanhóis exilados à América Latina pela ascensão da Ditadura Franquista.

Fernando de los Ríos não realizou uma imersão profunda na vertente weberiana, indica La Fuente (2007), contudo, acionou Weber em sua crítica a “subordinação do político ao econômico, concebida por alguns setores do socialismo” (LA FUENTE, 2007, p. 552) e destacou a sociologia weberiana da religião, via *A Ética Protestante*, como a obra para se compreender “a influência do espírito protestante na formação do capitalismo moderno” (RÍOS, 1920 apud LA FUENTE, 2007, p. 552).

O nome de **Francisco Ayala**, como informa Morales Martín (2016), também figura entre os exilados espanhóis que partiram para a América Latina. Ayala esteve ligado ao Instituto de Sociología de la Universidad de Buenos Aires, Argentina. Ayala também esteve uma temporada de dois anos em Berlim, deixando a Alemanha em 1931.

Dos anos de 1940 até meados dos anos de 1970, conforme La Fuente (2007) o pensamento weberiano fica em relativa dormência, ressurgindo com força renovada nos anos de 1980 e permanecendo até os dias atuais e, curiosamente, é a recepção weberiana La Fuente (2007) reivindica lugar dos filósofos, uma vez que a recepção de Weber na Espanha se deu “desde claves no sólo sociológicas, sino filosóficas” (LA FUENTE, 2007, p. 559).

Os trabalhos de José Medina Echavarría e de Francisco Ayala serão tratados novamente adiante, quando da abordagem da recepção de Weber nas Américas.

## E) Rússia

A recepção de Weber na Rússia padece de uma tensão crítica, associada aos escritos do sociólogo alemão sobre aquele país no início do século XX. Sobre o tema, Dittmar Dahlmann — especialista que assistiu Wolfgang J. Mommsen na edição do volume sobre a Revolução Russa, **MWG I/10**, de 1989,<sup>81</sup> — indica que, apesar de as preocupações de Weber com a Rússia seja um dos pontos de desenvolvimento da tese do racionalismo, há uma lacuna de pesquisas de abrangência e escopo ou amplas revisões literárias sobre o envolvimento de Weber com a Rússia (DAHLMANN, 2014).

### *Max Weber e os Escritos Russos [Russlandschriften]*<sup>82</sup>

Os primeiros artigos de Weber sobre a Rússia remetem ao início do século XX, mais precisamente aos meses de fevereiro e agosto de 1906. Tratam-se de *Zur Lage der bürgerlichen Demokratie in Rußland* [Sobre a situação da democracia burguesa na Rússia] e *Rußlands Übergang zum Scheinkonstitutionalismus* [Transição da Rússia para o pseudo-constitucionalismo]. O tema foi abordado de forma extensa nos *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, no qual Weber publicava regularmente com Werner Sombart e Edgar Jaffé. Weber ainda não havia lidado de forma aprofundada com questões do Império Russo e, em geral, os interesses de Weber se colocavam em outros tópicos, de modo que seu contato com a Rússia se deu, até então, apenas por ocasião da sua pesquisa para Verein für Sozialpolitik [Associação para Política Social], que almejava compreender a situação dos trabalhadores na porção oriental do Império Alemão, *Die Verhältnisse der*

<sup>81</sup> MWG I/10: Zur Russischen Revolution von 1905. Schriften und Reden 1905-1912. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen, in Zus.-Arb. m. Dittmar Dahlmann, XV, 855 pgs. ISBN 978-3-16-845378-9 [Sobre a Revolução Russa de 1905. Escritos e discursos 1905-1912], Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. 1989.

<sup>82</sup> Não se intenciona esgotar a percepção de Weber sobre as Revoluções Russas ou sobre aquele país, tampouco se estima aprofundar-se em filigranas delicadas, como alguns posicionamentos de Weber considerados “antirrussos”. Para uma leitura mais aprofundada sobre estes e outros temas ligados aos estudos de Weber sobre a Rússia, ver Dahlmann (2014, p. 81-102).

*Landarbeiter im ostelbischen Deutschland, de 1891–92*<sup>83</sup> [As condições dos trabalhadores agrários na Alemanha a Leste Elba<sup>84</sup>]. À época, o teor da abordagem russa no trabalho sobre os imigrantes poloneses a Leste do Rio Elba era, de acordo com Dahlmann (2014, p. 92), “abrangentes e superficiais” [*pauschal und oberflächlich*].

A análise de Weber sobre os atos revolucionários na Rússia exigiu que ele fizesse um aprofundamento intensivo sobre a cultura russa. Dahlmann estima que seu primeiro contato com a questão se teria dado por colegas russos em Heidelberg, na Sala de Leitura Pirogovsche [*Russische Lesehalle Pirogovsche*], citam-se **Bogdan Kistjakovskij**, membro da *Sojuz Osvoboždenija* [União de Libertação] que estudou com Wilhelm Windelband e Georg Simmel e era amigo de **Petr Struves**, também amigo de Weber e provável mediador entre Weber e os russos; **Fedor Stepun**; **Nikolaj Bubnov**; **Sergei I. Gessen**, filho de um dos editores do principal jornal jurídico “Pravo” [direito], **Iosif Gessen** e **Sergei I. Živago**. Por este círculo, sustenta Dahlmann (2014), Weber teria conhecido as condições da Rússia as obras do filósofo religioso **Vladimir S. Solov'ev** e do historiador **Michail Dragomanov**.

Conforme Weber aprimorava seus conhecimentos no idioma russo, passou a usar fontes de primeira mão, o que incluiria dados divulgados na imprensa do país, estatísticas e textos jurídicos. E também passou a se corresponder com informantes nativos, como **Michail Gerčenstejn**, especialista em agricultura, a quem solicitava materiais de leitura e instrução sobre a condição russa; o já citado Kistjakovskij que, como membro da organização *Sojuz Osvoboždenija* pode ter oferecido a Weber uma narrativa de primeira mão sobre o estado do liberalismo russo e seu projeto constitucional. Weber, Dahlmann (2014) relata, era bastante incrédulo com as chances de o czarismo russo vir a se tornar uma constituição liberal, ideia que expressou em um evento organizado pela *Nationalsozialen Vereins*, em Heidelberg, no ano de 1905. Kistjakovskij, mantendo correspondências com Heidelberg mesmo

---

<sup>83</sup> 1891-1892: *Die Verhältnisse der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland. Die Verhältnisse der Landarbeiter in Deutschland, geschildert auf Grund der vom Verein für Socialpolitik veranstalteten Erhebungen*, Band 3, Leipzig 1892, v. Quadro 1.

<sup>84</sup> Este trabalho será abordado no próximo subtópico, “Polônia”.



depois de seu retorno à Rússia em 1905 foi um importante elo entre Weber e outros cientistas e políticos russos, com os quais trocou correspondências nos anos seguintes. Cita-se o próprio Michail Gerčenstein; e **Aleksandr Kaufman** outro especialista agrícola; **V.V. Svjatlovskij**, estatístico; o historiador **Ivan Grevs**; e o economista **Sergej Bulgakov**.

Como informa Dahlmann (2014), ao fazer um balanço da literatura mais importante da recepção de Weber na Rússia, há uma carência significativa de relatórios ou pesquisas amplas sobre o autor alemão. A pouca informação sistematizada divide-se entre Rússia ao Oriente e ao Ocidente e não advém com exclusividade de analistas russos, além de também apresentar características de recepção sob uma tensão crítica.

A leitura de Weber sobre os eventos revolucionários no Império Russo entre 1905 e 1906 traz uma visão de uma última oportunidade para o crescimento da democracia liberal “após seu avanço triunfante na Europa Ocidental e Central, e especialmente nos Estados Unidos” [„nach ihrem Siegeszug in West- und Mitteleuropa und besonders in den Vereinigten Staaten“]. Nos anos posteriores, antes e após a Primeira Grande Guerra, Weber fez uma crítica aguerrida a estados liderados por “diletantes perigosos” [gefährliche Dilettanten], interessados ávidos pelo poder de Estado, crítica designada tanto ao caso da Rússia como no caso da própria Prússia e, posteriormente, a Alemanha (DAHLMANN, 2014, p. 96).

A primeira referência de exame da relação entre Weber e a Rússia, apresentada por Dahlmann (2014) é o historiador polonês-americano, **Richard Pipes**. Sua análise, publicada em alemão e inglês em 1955, via mérito no reconhecimento de Weber das deficiências no projeto constitucional russo de 1906 e, por outro lado, percebe que Weber teria superestimado a força do liberalismo russo, embora tenha enxergado um *gap* entre os dois grupos que eram a base do liberalismo russo: a intelectualidade liberal de um lado e a burguesia empresarial de outro. Ele também colocou ênfase de que o erro de julgamento dos eventos revolucionários de 1917 foi baseado no choque entre o nacionalismo de Weber e os fundamentos do projeto de sua bolsa de estudos. Em 1959, **Wolfgang J. Mommsen** publicou a dissertação *Max Weber und die Deutsche Politik, 1890–1920* [*Max Weber e Política Alemã: 1890–1920*], mas, foi apenas na segunda edição revisada e

ampliada, de 1974, que ele incluiu os artigos relacionados à Rússia de 1905–1906, que mudaram a percepção de Weber sobre as “minorias nacionais” russas [*nationaler Minderheiten*] e sobre a conexão entre o desenvolvimento capitalista e as oportunidades de liberdade e democracia; e os artigos de 1917 e 1918, essenciais para a compreensão e posição de Weber diante da política interna do Reich Alemão durante o envolvimento na Primeira Guerra Mundial (DAHLMANN, 2014, p. 83).

Também em 1974, o sociólogo **David Beetham** publicou seu estudo sobre a teoria política de Weber, *Max Weber and the Theory of Modern Politics*, colocando em questão as discussões propostas por Weber sobre as possibilidades de um parlamento liberal em sociedades autoritárias, em tempos de políticas para as massas e organização burocrática densa. Neste trabalho, Beetham direcionou um capítulo próprio às questões de Weber com a Rússia. Dahlmann (2014) destaca dois pontos fundamentais na leitura de Beetham sobre a teoria weberiana: i) como seria possível a existência de um governo parlamentar em um sistema autoritário e quais forças sociais podem conseguir isso; e ii) e como as liberdades civis podem sobreviver e se estabelecer sob as condições de um capitalismo já desenvolvido e uma burocracia moderna. Estas são questões sobre liberdades em choque com tradições políticas que, conforme Dahlmann (2014), Weber não teria respondido completamente nestes trabalhos.

Em 1984, o ensaio de **Vatro Murvar**, *Max Weber and the Two Non-Revolutionary Events in Russia 1917*, colocou destaque na interpretação de Weber sobre o Império Russo como um sistema patrimonial de governo. Dahlmann vê na análise de Murvar uma espécie de dogmatismo, ao considerar o artigo de Weber sobre a Rússia de 1917–1918 como irretocável, entendendo-o como correto em todos os aspectos, e que a Rússia tinha certas semelhanças com a China e deveria, portanto, ser considerada despotismo oriental.

Em 1991, **Wolfgang Schluchter** avalia os escritos russos em reconstrução da história do trabalho, e “tratou do problema da diferenciação entre a ética da convicção e a ética da responsabilidade” [„den Unterscheidungsproblemen von

Gesinnungs– und Verantwortungsethik behandelte”] em seu *Religion und Lebensführung* [*Religião e conduta de vida*<sup>85</sup>], de (DAHLMANN, 2014, p. 85) no capítulo *Die bürgerliche Revolution in Rußland und die sexuelle Revolution In Deutschland* [*A revolução burguesa na Rússia e a revolução sexual na Alemanha*] junto com algumas concepções de Otto Gross sobre a libertação sexual da humanidade. Há, ali, conforme Dahlmann (2014), a tensão entre política e ética como o aspecto mais importante da preocupação de Weber com uma revolução política, que também teve uma influência decisiva em seu pensamento posterior. Weber usou seu conceito de “ética do sucesso” [Erfolgsethik] pela primeira vez nos escritos russos, que ele contrastou acima de tudo com as convicções de Lev Nikolaevitch Tolstoi. Dahlmann (2014) destaca que o problema também foi enfrentado, mais tarde, por **Edith Hanke**, que tratou da recepção de Tolstoi como crítico cultural no Império Alemão na virada dos séculos XIX e XX; e se dedicou à leitura de Tolstoi por Weber, inspirada nos escritos russos de 1906, e seu significado para o desenvolvimento de sua distinção entre ética da convicção e ética da responsabilidade.

A introdução [Einleitung] ao volume **MWG I/10**, escrita por Wolfgang J. Mommsen e Dittmar Dahlmann<sup>86</sup> serviu de base para o ensaio *Max Weber und der russische Liberalismus* [*Max Weber e o liberalismo russo*], publicado em 1993, pelo sociólogo americano **Edward Shils**; além deste ensaio, a *Einleitung* também serviu de base para o artigo publicado no *Journal of Modern History* em 1997, assinado por pelo próprio **Wolfgang J. Mommsen**.

Já em 2005, o biógrafo de Weber **Joachim Radkau** também examinou os escritos russos. Contudo, Dahlmann (2014) critica a interpretação do biógrafo por entender

---

<sup>85</sup> Alguns tradutores optam por traduzir a expressão *Lebensführung* como “modo de vida” e, do ponto de vista semântico, não é incorreto. Contudo, o substantivo feminino *führung* pode assumir o efeito de “comando”, “condução”, “gerência”, “conduta” (v. o *Das Langenscheidt Deutsch-Portugiesisch Wörterbuch* [Dicionário Langenscheidt Alemão-Português *on line*], por exemplo). Em português, assume-se, aqui, o substantivo feminino “conduta” tanto por ser um equivalente geral do significado em alemão: (v. Dicionário Houaiss (2009), p. ex. “1. modo de agir, de se portar, de viver; procedimento”); quanto por ser uma forma já bastante utilizada entre os pesquisadores lusófonos de Weber.

<sup>86</sup> (cf. DAHLMANN, 2014, p. 85).

que há um excesso de conexão e demasiada centralidade na condição de saúde de Weber e suas “paixões reprimidas” [*unterdrückten Leidenschaften*] <sup>87</sup>, cujo interesse de Weber na Rússia era justificado, supostamente, porque “nas condições russas, Weber [...] era fascinado pela ‘natureza selvagem dos humanos’” [*In den russischen Verhältnissen sei Weber [...], von der ‚wilden Natur im Menschen‘ fasziniert gewesen*], atração ao exterior que, aos olhos de Radkau, só encontraria paralelos com a atração de Weber sentiu pela América (DAHLMANN, 2014, p. 86)

### *A recepção de Weber na Rússia e URSS*

A recepção inicial de Weber na Rússia se dá entre os sociólogos, mas também entre os historiadores, como indicado por Dahlmann (2014), através do texto *Die Börse* [*A bolsa de Valores*], de 1893, traduzido em duas partes, em 1884 e 1887. Mais tarde, o medievalista **Dmitrij M. Petruševskij** publicou o artigo de Weber *Die sozialen Gründe des Untergangs der antiken Kultur* [*As razões sociais do declínio da cultura antiga*] <sup>88</sup>. Dahlmann (2014) indica que Petruševski foi o primeiro historiador russo que tratou com mais intensidade a obra de Weber e, em particular, usou o constructo do “tipo ideal” [*Idealtypus*] para uma apresentação da história econômica europeia.

Ainda nos primeiros dias de URSS, Dahlmann (2014) relata, podiam-se publicar algumas traduções russas das obras de Weber. Citam-se os trabalhos do historiador agrícola e especialista em França **Nikolaj I. Kareev**, que publicou uma tradução de *Die Stadt*, em 1923; também no contexto da pesquisa sociológica de Weber sobre “A cidade” [*Die Stadt*], **Aleksandr I. Neusychin**, aluno de Petruševsky, que publicou um artigo em torno do tema; No mesmo ano, 1923, o já citado historiador **Ivan M. Grevs**, que desenvolvia pesquisas sobre a história da agricultura

---

<sup>87</sup> Um tipo de biografia historicizante e hipercontextualismos – que por vezes, instiga reducionismos (DAHLMANN, 2014) –, que também recebeu a crítica de Schwinn (2020).

<sup>88</sup> Texto original de 1896: *Die sozialen Gründe des Untergangs der antiken Kultur*. In: *Die Wahrheit*. Band 3, H. 63, Fr. Frommanns Verlag, Stuttgart 1896, S. 57–77; Mais tarde adicionado aos *Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte* [GASW], Tübingen, Mohr Siebeck. 1. ed., de 1924, páginas 289-311..

de Roma e se correspondia esporadicamente com Weber desde 1906, publicou uma versão de *Wirtschaftsgeschichte*; e, ainda em 1923, uma versão de *Römische Agrargeschichte* foi publicada em russo, da qual não se tem maiores referências; no ano de 1928, a revista *Ateist*, publicada em Moscou introduziu três traduções mais curtas dos escritos de Max Weber: um trecho de *Wirtschaftsethik der Weltreligionen* [Ética econômica das religiões mundiais], parte do ensaio *Die protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus* [As seitas protestantes e o espírito do capitalismo], e de *Protestantischen Ethik und der Geist des Kapitalismus* [Ética protestante e o espírito do capitalismo]. Se após a unificação das Repúblicas Socialistas Soviéticas sob a URSS em 1922, ainda havia alguma discussão em torno do pensamento de Weber, após a ascensão de Josef Stálin à liderança da União Soviética, em 1924, isso não foi se tornando menos possível.

No período, esclarece Dahlmann (2014), Aleksandr I. Neusychin continuou a lidar com a sociologia de Weber e a importância de seu método para a pesquisa histórica, contudo, seus trabalhos ficaram silenciados só foram publicados mais tarde, após sua morte, por seu aluno **M.L. Levina**. Dahlmann (2014) cita um trabalho de Neusychin que também continha uma tradução de *A Ética Protestante...* e que ficou represado até 1972, quando apareceu com uma nota que dizia: “Apenas para uso oficial interno” [*Nur für den internen Dienstgebrauch*] (DAHLMANN, 2014, p. 87), publicado apenas em 1980, com um prefácio de Piama P. Gajdenko e, apenas nos tempos da abertura, nos anos de 1990, com as políticas da *Perestroika* e da *Glasnost*<sup>89</sup> chega ao maior alcance em uma versão modificada. Após a morte de Stálin, em 1953, Weber volta a ser estudado na URSS, contudo, no contexto hipermarxista, a leitura dos tópicos weberianos, como colocado por Dahlmann (2014, p. 87) só poderia ocorrer “no contexto do debate ideológico com a ciência burguesa” [*bürgerlichen Wissenschaft*], fora disso, a linguagem hermética era quase sempre aplicada para escapar à censura, o que dificultava o entendimento, mais

---

<sup>89</sup> Políticas internas de “reestruturação” e “transparência” (literalmente, “*Perestroika*” e “*Glasnost*”) desenvolvidas e aplicadas na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas por Mikhail Gorbachev, em 1986, a fim de reestabelecer no território da URSS o equilíbrio econômico, político e social.

tarde nos anos de 1970, relata Dahlmann, há um renascimento weberiano na URSS no contexto de embate com o neomarxismo da escola de Frankfurt, levando Weber a duas direções distintas, por um lado, **Piama P. Gajdenko** evocando Kant e Heidegger e, por outro lado, o sociólogo **Igor' Kon**, encampando pistas sobre uma “sociologia burguesa” [*bürgerliche Soziologie*] (DAHLMANN, 2014, p. 88). Nos anos de 1980, já num cenário de *Perestroika* e da *Glasnost*, a pesquisa weberiana retoma o fôlego, com as abordagens de **A. Kustarev** (que assinava sob o pseudônimo de **A.S. Donde**); **Jurij N. Davydov** e sua esposa **Piama P. Gajdenko**; e **Andrej N. Meduševskij**, cujas contribuições sobre Weber e Rússia são particularmente importantes nas últimas duas décadas. Já em 2010, o filósofo finlandês **Vesa Oittinen** publica em Helsinque uma coletânea de ensaios baseando-se em conceitos elaborados por Max Weber para análise da Rússia/URSS. Citam-se, ainda, **Arthur Zijlstra**, que abordou os pensamentos de Weber e Luhmann na Rússia; **Gregory Sandstorm**, que tratou da modernização do Ensino Superior na Rússia com *The Calling to Modernize Russian Higher Education and Modern Russia: A Weberian Re-Enchantment*; **Elena Ostrovskaja**, socióloga de Petersburgo, que fez uma revisão “breve, mas precisa” [*knapp, aber präzise*], da recepção de Weber na sociologia russa desde os anos 1980 (DAHLMANN, 2014, p. 90).

Por fim, Dahlmann (2014) faz menção à ideia sustentada por intelectuais russos de que a mentalidade ocidental enfrentaria um óbice de compreensão frente à mentalidade russa, apresentando-se a Rússia como uma forma especial de racionalidade, cuja racionalidade ocidental não funcionaria adequadamente. Neste contexto, Dahlmann (2014) cita como exemplo ao mal-entendido [*Missverständnis*] que ocorreria repetidamente entre historiadores e sociólogos russos ao comparar as crenças antigas da Rússia ao protestantismo estudado por Weber, principalmente porque Weber não estudou a fundo o sistema religioso antigo da Rússia, muito menos em relação a uma imposição do capitalismo ao Império Russo e, além disso, reforça Dahlmann, os empresários/comerciantes ligados à religião cismática da Rússia, estavam concentrados na área de Moscou sob condições muito específicas para sua ascensão, sendo que, muitos deles se converteram à antiga religião apenas na virada dos séculos XVIII para XIX, um tipo de desenvolvimento oposto ao protestantismo.

## F) Polônia

Entre 1891 e 1892, Max Weber publicou uma monografia sob o título *Die Verhältnisse der Landarbeiter in Deutschland, geschildert auf Grund der vom Verein für Socialpolitik veranstalteten Erhebungen*<sup>90</sup> [As condições dos trabalhadores agrários na Alemanha a Leste Elba: As condições dos trabalhadores agrários na Alemanha, descritas com base nas pesquisas organizadas pela Verein für Socialpolitik]. No trabalho, Weber expõe a relatoria que fez para uma pesquisa encomendada pela Verein für Sozialpolitik [Associação para Política Social], visando compreender a situação dos trabalhadores na porção oriental do Império Alemão. É um trabalho do “jovem Weber”, com características bastante empíricas e em larga escala, no qual aplica uma série de questionários para viabilizar análises metodológicas para pesquisa social para compreensão da situação dos trabalhadores rurais na região de Ostelbien. Dentro da **MWG**, a atualização do texto corresponde ao volume **MWG I/3**, *Die Lage der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland* [A situação dos trabalhadores agrários da Alemanha a leste do Elba], que se divide em dois tomos: **I/3,1** e **I/3,2**, ambos editados por Martin Riesebrödt. O tomo **I/3,1** contabiliza 1065 páginas e o tomo **I/3,2**, 474 páginas somando o total de 1539 páginas. Parte da discussão empreendida por Weber também foi aproveitada em *Landarbeiterfrage, Nationalstaat und Volkswirtschaftspolitik – 1892–1899* [Questão dos trabalhadores agrários, o Estado nacional e a política econômica – 1892–1899], que corresponde ao volume **MWG I/4**, também dividido em dois tomos: **I/4,1** e **I/4,2**, como 534 e 476 páginas, respectivamente. Os volumes **MWG I/3** e **MWG I/4** são parte da Seção *Schriften und Reden* [Escritos e Discursos]<sup>91</sup>. Já em 1895, Weber publica o discurso inaugural que realizou em Freiburg, *Freiburger*

---

<sup>90</sup> 1891-1892: *Die Verhältnisse der Landarbeiter im ostelbischen Deutschland. Die Verhältnisse der Landarbeiter in Deutschland, geschildert auf Grund der vom Verein für Socialpolitik veranstalteten Erhebungen*, Band 3, Leipzig 1892, v. Quadro 1.

<sup>91</sup> Ver Quadro 12.

*Antrittsvorlesung Der Nationalstaat und die Volkswirtschaftspolitik [Palestra inaugural em Freiburg: O Estado-nação e a política econômica]*<sup>92</sup>, mais tarde, na quinta edição de 1921, a palestra seria incluída por Marianne Weber nos *Gesammelte Politische Schriften* [GPS]<sup>93</sup>. Na **MWG**, o texto também está inserido no volume **I/4,1**.

Estes trabalhos de juventude de Weber dividem os interesses e as interpretações em pelo menos três linhas: os que veem ali a oportunidade para a realização de interesses pessoais de Weber<sup>94</sup>; aqueles que veem o embrião de sua preocupação com a questão dos valores nas ciências sociais<sup>95</sup>; e, finalmente, aqueles que veem estes textos como uma parte de um conjunto maior, ligados à “Questão Polonesa”, ou “Questão da Polônia” [*der polnischen Frage; die Polenfrage*], a qual trata da luta pela Polônia por sua independência ao longo do século XIX, frente às *Partições*, que dividiram o território da Primeira República da Polônia entre Prússia, Rússia e Áustria, no último quarto do século XVIII. Esta terceira linha de interesse é o tema deste tópico que se relaciona com as interpretações classificadas, aqui, como “Tensão Crítica”.

A “Questão Polonesa” em Weber é um tópico pouco discutido cientificamente, não apenas no Brasil<sup>96</sup>. A escassez de abordagens “desapaixonadas”<sup>97</sup> sobre o

---

<sup>92</sup> *Freiburger Antrittsvorlesung Der Nationalstaat und die Volkswirtschaftspolitik. Akademische Verlagsbuchhandlung*, JCB Mohr, Freiburg i. Br. und Leipzig 1895.

<sup>93</sup> *Freiburger Antrittsvorlesung Der Nationalstaat und die Volkswirtschaftspolitik. Akademische Verlagsbuchhandlung Gesammelte Politische Schriften* [GPS] 1–25., München 1921, 5. Auflage. Tübingen 1988, ISBN 3-8252-1491-5. tübingen 1988, isbn 3-8252-1491-5.

<sup>94</sup> Cf. Roth (2002).

<sup>95</sup> Cf. Mommsen (1974 [1959]).

<sup>96</sup> Uma busca simples com o cruzamento de conceitos “Questão Polonesa” e “Max Weber” não apresenta alguma ocorrência no Portal *Scielo.org*, por exemplo. No *Google Scholar*, 11 resultados decorrem da pesquisa, oferecendo uma ocorrência ensaística básica e uma resenha, que margeiam perifericamente o tema. Os demais resultados, na maioria, citam Weber tangencialmente, criticando-o em defesa de uma leitura marxista do problema.

<sup>97</sup> A “Questão Polonesa”, como se pode imaginar, é um tema caro ao povo polonês. Piotr S. Wandycz, historiador polonês-americano, assinala: “What to the Poles was the Polish cause, to the outside world was the Polish question. At various times it elicited sympathy, commiseration or even support on the part of individuals, whether liberals, radicals, socialists, or even conservatives. To their governments the Polish question had a nuisance value to be used to embarrass the partitioning powers. At other times it was ignored for the sake of the Concert of Europe. Generally it served to strengthen the solidarity of Prussia, Austria, and Russia, but there were moments when one exploited it against the others. West European politicians often found Polish efforts to reopen the question of their independence irritating and unrealistic.” (WANDYCZ, 1980, p. 60).



tema também ocorre na própria Polônia. Para Marta Bucholc (2014), tanto o significado dos escritos quanto das atitudes de Weber perante o polonês e perante a Polônia são temas colocados sobre tensão naquele país.

Contextualizando as posições do autor, Bucholc (2014) posiciona os argumentos de Weber dentro da realidade de sua época, um tipo de olhar que, em sua interpretação, nem sempre é levantado na direção dos clássicos, e pode dar as chaves para aprofundar a interpretação sobre o clássico em si. A reação dos sociólogos poloneses na atualidade, Bucholc (2014) pondera, vai em direção de proteger o legado acadêmico de Weber, bem como a integridade de sua imagem como cientista e clássico, reduzindo o atrito entre a reputação de Weber e a postura antipolonesa [*antipolnische Einstellung*] por ele emitidas. Se, por um lado, a recepção de Weber na Polônia é feita sob uma perspectiva de *tensão crítica*, encarar o problema a partir do cotejamento com a totalidade do pensamento do autor alemão, sustenta Bucholc (2014), é, por outro lado, fonte de um considerável “potencial heurístico”, [*heuristisches Potential*] (BUCHOLC, 2014, p. 104).

A tese central de Bucholc (2014) é de que alguns conceitos e ideias basilares no sistema de Weber (como “desencantamento do mundo”, “racionalidade” e “modernização”) [*Entzauberung der Welt, Rationalität und Modernisierung*] derivam diretamente da preocupação do autor com a *polnischen Frage* (BUCHOLC, 2014, p. 104). Partindo desta hipótese, Bucholc descarta parte da recepção crítica a Weber pela sociologia polonesa porque lê nesta crítica um forte enviesamento político que obstrui — sobretudo em relação ao tema da “germanização” da Polônia [*Germanisierung*] — a compreensão do papel que Weber pode desempenhar naquela sociologia. Esta obstrução, segundo a pesquisadora, fez com que “o conhecimento sobre a relação de Weber com a Polônia fosse completamente suprimido no discurso público, e especialmente no discurso acadêmico” <sup>98</sup> (BUCHOLC, 2014, p. 105). Neste cenário, conclui Bucholc (2014), para se construir

---

<sup>98</sup> No original: „[...]die Tatsache, dass das Wissen über das Verhältnis Webers zu Polen im öffentlichen Diskurs, und vor allem im akademischen Diskurs, vollständig verdrängt wurde“ (BUCHOLC, 2014, p. 105).

uma interpretação moderna e abrangente da teoria social de Weber é preciso considerar os escritos poloneses do sociólogo, *sine ira et studio*, ponderando o contexto dos escritos e a relação destes problemas com o arcabouço de sua teoria, não de maneira genética ou biográfica, mas heurística.

### *Weber e os “escritos poloneses”*

Os “escritos poloneses” de Weber [*Polenschriften*] se enquadram em uma variedade de textos que lidam com as relações alemão–polonesas e, nesta categoria, Bucholc (2014) vincula textos mais diretos (como os citados anteriormente: *Die Verhältnisse der Landarbeiter in Deutschland, geschildert auf Grund der vom Verein für Socialpolitik veranstalteten Erhebungen; Freiburger Antrittsvorlesung Der Nationalstaat und die Volkswirtschaftspolitik; Landarbeiterfrage, Nationalstaat und Volkswirtschaftspolitik*) e, também, textos indiretos, que não lidariam propriamente com a *Polenfrage* (como *A Ética Protestante...*; conteúdo de cartas, privadas ou profissionais; e temas públicos, como palestras e artigos em jornais). A palestra inaugural, em Freiburg<sup>99</sup>, por exemplo, é discutida por Bucholc (2014, p. 106) como um exemplo de “caso limítrofe”, no qual, as fronteiras entre o cientista e o político estariam turvadas:

Declarações políticas e conhecimento científico estão obviamente misturados neste discurso inaugural, mesmo que Weber se esforce muito para apontar as linhas divisórias entre eles. O texto é claramente antipolonês. Por outro lado, esses elementos e afirmações antipolonesas são colocadas em um contexto teórico no qual servem como argumentos para afirmações científicas, embora talvez não inteiramente convincentes (BUCHOLC, 2014, p. 105 em tradução livre nossa).

[Politische Aussagen und wissenschaftliche Erkenntnisse sind in dieser Antrittsrede offensichtlich miteinander vermischt, auch wenn sich Weber große Mühe macht, die Trennlinien zwischen ihnen genau aufzuzeigen. Der Text wirkt eindeutig polenfeindlich. Andererseits sind diese polenfeindlichen Elemente und Äußerungen in einern theoretischen Zusammenhang platziert, in dem sie als Argumente für wissenschaftliche Aussagen dienen, wenn auch vielleicht nicht ganz überzeugend].

---

<sup>99</sup> *Freiburger Antrittsvorlesung Der Nationalstaat und die Volkswirtschaftspolitik. Akademische Verlagsbuchhandlung Gesammelte Politische Schriften [GPS] 1–25., München 1921, 5. Auflage. Tübingen 1988, ISBN 3-8252-1491-5.*

Embora haja esta relação de ambivalência (científica — política) na posição de Weber em seus escritos sobre a Polônia, Bucholc (2014) resgata a tensão da época da segunda metade do século XIX em torno das relações germano-polonesas, principalmente pela política de germanização [*Germanisierungspolitik*] tanto na fase do Governo Prussiano quanto no Império Alemão, fato que desencadeou a reação da população polonesa, das classes estudantis aos meios intelectuais, formando uma mentalidade de “causa nacional”, ao mesmo tempo, as lutas polonesas pela independência floresciam e provocavam diferentes reações nos intelectuais prussianos e alemães, que Bucholc (2014) aponta como “não de todo negativas” [*nicht ausschließlich negative*], povoando até mesmo o tradicional dilema entre o idealismo e o realismo (BUCHOLC, 2014, p. 107).

Para uma abordagem crítica dos *Polenschriften* e da *Polenfrage* na obra de Weber, Bucholc (2014, p. 108) propõe compreendê-los em três chaves importantes: i) a imigração de trabalhadores agrícolas poloneses para a Alemanha a leste do Elba [*ostelbische*]; ii) o motivo do “perigo cultural” [*kulturellen Gefahr*]; e iii) o motivo do medo do Oriente [*Ostfurcht*]. O primeiro ponto é considerado por Bucholc como o que mais favoreceu a carreira do jovem Weber, recém-habilitado, uma vez que se posicionou com bastante firmeza em relação à imigração dos poloneses e, além disto, teve uma ótima oportunidade de atacar diretamente os *Junkers*, a aristocracia agrária conservadora, por provocar uma política de esvaziamento dos alemães no território do Elba oriental, abrindo uma oportunidade para a mão de obra polonesa, contudo, a pesquisa de Weber sobre os trabalhadores poloneses não adotaria, internamente, um tom político, devido ao rigor aplicado pelo cientista; externamente, teria aberto uma ótima oportunidade para Weber demonstrar a eficácia da ciência a serviço dos interesses nacionais e de reafirmar a posição liberal nacional. O ponto seguinte, da “ameaça cultural”, estaria conectado à percepção de Weber crescente de uma “polonização” dos territórios orientais da Alemanha, sobretudo através da identidade católica no modo de vida dos poloneses. Bucholc (2014) indica que Weber tratava os poloneses como um grau de hostilidade e desdém e, embora os percebesse como cultural e civilizacionalmente inferiores aos alemães, via este fenômeno como uma ameaça real pelo número de indivíduos da comunidade

polonesa e o seu senso gregário devido à solidariedade religiosa, entretanto, Bucholc (2014) chama atenção para o fato de que as comparações que Weber fez entre protestantes e católicos, na *Ética protestante...* e em outros trabalhos, foram amplamente inspiradas por suas experiências na Grande Polônia e por seus estudos sobre trabalhadores poloneses no campo, temas tão importantes para o cientista Weber que ele chegou a tentar aprender polonês, não tendo muito sucesso; O último ponto, o medo do Oriente, estaria associado, de acordo com Bucholc (2014) não exatamente à Polônia, mas, principalmente à Rússia e ao Czar russo, grande “Homem de armas da Europa” [*Gendarmen Europas*], desprezados pelos que se proclamavam liberais (BUCHOLC, 2014, p. 110). Neste sentido, Bucholc não deixa escapar que há certa contradição na hostilidade alemã em relação à Polônia, opositora declarada ao regime czarista, e resistência continua na preservação de sua língua, cultura e religião ante a perseguição sofrida desde a própria Rússia. Esta resistência polonesa à força cultural russa teria conquistado Weber, mas isto não foi o suficiente para que ele mudasse sua convicção da superioridade Alemã sobre a Polônia ou — ao final da Primeira Guerra Mundial — para que ele se colocasse a favor da devolução dos antigos territórios poloneses ao recém-criado Estado da Polônia.

#### *As reações dos poloneses aos Polenschriften*

No contexto do Império Prussiano e da República de Weimar, Bucholc (2014) destaca que as opiniões emitidas por Weber sobre os poloneses, apesar de inaceitáveis na contemporaneidade eram típicas do cenário político e acadêmico da segunda metade do século XIX em diante e, embora, tenha-se clareza hoje sobre esse o fator estereotípico, as respostas colocadas às opiniões de antipolonesas Weber eram respondidas não como a uma posição individual, mas a uma posição do Estado Prussiano em geral. Durante as Partições, não havia possibilidade de os poloneses se organizarem intelectualmente a partir da academia, o que gerou poucos debates na época. Após 1918 e a formação do Estado Polonês, com a reestruturação universitária, surge uma nova cultura acadêmica naquele país e, com ela, a oportunidade de um questionamento mais amplo às ideias de Weber,

principalmente no campo da sociologia, que obteve desenvolvimento e institucionalidade na Polônia do período Entre Guerras, com destaque para o Instituto Sociológico de Paznan, que já ensinava a disciplina no ano de 1920<sup>100</sup>.

Para demonstrar uma ausência de crítica a Weber no período, que a força da necessidade de personalidades interessadas em recepção e propagação de ideias, Bucholc (2014, p. 114) cita “os pais da sociologia polonesa” que apesar de eminentes, ocuparam-se de problemas próprios e abordagens próprias da *Polenfrage*. Citam-se o sociólogo francês, **Stefan Czarnowski** e o americano **Florian Znaniecki** que, de acordo com Bucholc (2014), devido às origens não polonesas ou germânicas não teriam aberto espaço ou interesse a uma discussão weberiana, sendo que Znaniecki, mesmo diante das evidências de ter lido Weber, nunca foi provocado ou teve interesse em suas teorias. De mesma importância para a sociologia polonesa, o “terceiro pai” citado é **Leon Petrażycki**, que lia e escrevia em alemão e estudou na Alemanha na década de 1890, chegando mesmo a se envolver na vida política alemã, pouco interesse deu a Weber, buscando vias originais e independentes para formular suas ideias e não demonstrava interesse na *Polenfrage*. A sociologia polonesa também demonstrava maior interesse de filiação aos ramos americano e francês, muito adeptos de uma sociologia quantitativa e factual durkheimiana do que de um sistema qualitativo e histórico–compreensivo weberiano. Bucholc (2014) indica, ainda, que os poucos pensadores que mais persistentemente tentaram lidar com os problemas sociológicos em uma corrente mais histórica, como **Norbert Elias** ou o aluno de Petrażycki, **Pitrim Sorokin**, tinham um *status* de *outsiders* e não eram populares entre os sociólogos poloneses. Esse tipo de sociologia teria persistido na Polônia até depois da Segunda Guerra Mundial, com uma leve mudança de tom até 1956, pelo chamado “outubro polonês” [*polnischen Oktober*] com a força do stalinismo, momento descrito por Bucholc (2014, p. 115) como “um dos capítulos mais tristes da história da sociologia

---

<sup>100</sup> Bucholc (2014, p. 113) destaca que à época, já havia potencial intelectual suficiente na sociologia polonesa para lidar com os escritos poloneses de Weber e com base científica sobre a qual seus pontos de vista poderiam ter sido questionados. No entanto, essa oportunidade foi perdida, uma vez que, no período, os *Polenschriften* weberianos foram gradualmente esquecidos.

polonesa”<sup>101</sup>. Passado o “outubro polonês”, a academia refloresce no país e a sociologia volta a estar na vanguarda, aberta para o mundo de maneira moderna e entusiástica no que tange à teoria e ao método e, ainda assim, as décadas de 1950 e 1960 não foram promissoras para Weber na Polônia. Algumas tentativas de recepção foram feitas no período, citam-se **Maria Ossowska**, com *Moralność mieszczańska* [A moralidade burguesa], de 1956; **Stanisław Ossowski**, para quem Weber era considerado uma fonte de inspiração; e as interpretações de **Jan Józef Szczepański** e **Władysław Markiewicz**. Na virada das décadas de 1960 para 1970, o interesse em Weber se aviva e há uma recepção mais ampla, apesar de insuficiente, pois as ideias de Weber eram lidas discutidas e comentadas, mas não foram de fato adotada por serem percebidas “como uma fonte de inovações terminológicas da moda” [*eine Quelle von modischen terminologischen Innovationen betrachtet wurden*] (BUCHOLC, 2014, p. 116), mesmo que houvesse exceções, como **Stanislaw Kozyr–Korvalski** que, embora fosse “o melhor especialista no pensamento de Weber da Polônia” [Polens bester Kenner des Weberschen Denkens] (BUCHOLC, *idem*) não conseguiu estabelecer a institucionalização das teorias de Weber.

No século XXI, a recepção de Weber trouxe as primeiras obras mais bem traduzidas e organizadas. Só então foram publicados os três volumes de *Wirtschaftsethik von Weltreligionen*<sup>102</sup> [Etyka gospodarcza religii światowych], de 2000) e, mais tarde, *Wirtschaft und Gesellschaft*<sup>103</sup> [Gospodarka i społeczeństwo. Zarys socjologii rozumiejącej], de 2002, *A Ética Protestante... [Etyka protestancka a duch kapitalizmu*, de 2011]. Contudo, Bucholc (2014) admite que estas obras foram relativamente despercebidas, por conta da recepção anterior que apresentou Weber em partes, trechos e antologias, partes pelas quais Weber foi lido e citado por

---

<sup>101</sup> Citação completa: „Die Nacht des Stalinismus war in Polen wahrscheinlich nicht so dunkel wie in manchen anderen Ländern der Sowjetunion, sie zählt aber zu den traurigsten Kapiteln der Geschichte der polnischen Soziologie“. [“A noite do stalinismo na Polônia provavelmente não foi tão escura como em alguns outros países da União Soviética, mas é um dos capítulos mais tristes da história da sociologia polonesa”] (BUCHOLC, 2014, p. 115).

<sup>102</sup> *Ética econômica das religiões mundiais*.

<sup>103</sup> *Economia e Sociedade*.

aqueles estudantes e pesquisadores das áreas de ciências humanas que não eram leitores ou falantes do idioma alemão ou que não tiveram acesso aos textos originais. Uma das referências mais importantes do período, *Szkice z socjologii religii* [Esboços sobre a sociologia da religião] publicado por **Kozyr-Kowalski**, ainda hoje é a principal fonte da sociologia da religião de Weber na Polônia.

Como resultado deste pouco interesse na obra e na pessoa de Weber, Bucholc (2014) apresenta o diagnóstico de um cenário em que se escreveu ou falou sobre Weber até a década de 1980 exceto por uma ou outra investida individual, tratando mais sobre questões relevantes para o presente e não para a contribuição da história da sociologia. No período, houve foco sociologia da religião de Weber — especialmente as teses de *A Ética Protestante...* —, na teoria da racionalização de Weber, na burocracia, e também nas teorias do poder e sua legitimação, contudo, sem aprofundar nos problemas fundamentais em torno destes temas. De acordo com Bucholc (2014, p. 117), a tendência propagada por Szacki no período Entre Guerras — de Weber de escreveria “generalidades vagas” [*vague generalities*] — prevaleceu, com poucas exceções até hoje, citam-se os nomes de **Jerzy Szacki**, **Cezary Olbromski**, e **Zdzisław Krasnodębski**. Como analistas do pensamento de Weber na sociologia polonesa contemporânea. Em conclusão, Bucholc (2014) atesta que os *Polenschriften* foram essenciais para que Weber caísse no ostracismo na Polônia até a década de 1960 e, ainda assim, fracassasse na recepção devido à dificuldade dos intelectuais poloneses em traçar uma leitura objetiva e desapaixonada do trabalho de Weber. No entendimento de Bucholc há uma enorme perda no campo intelectual da sociologia polonesa, uma vez que Weber poderia dar contribuição à *Polenfrage* em um cenário de racionalização e o desenvolvimento do capitalismo mundial e ao que diz respeito ao choque da tradição polonesa com o “desencantamento do mundo” [*Entzauberung der Welt*], além dos próprios debates que envolvem a *Polenfrage* e as ideis de “Estado-nação” e “a dimensão cultural da política” [*Nationalstaat und die kulturelle Dimension der Politik*] (BUCHOLC, 2014, p. 122).

### 2.3 RECEPÇÃO NAS AMÉRICAS

### A) Estados Unidos da América

Junto ao Japão e México, os EUA são um dos grandes polos de propagação do pensamento e das obras de Weber fora da Alemanha (HANKE, 2014).

Sobre este assunto, Scaff (2014) considera que a força da propagação das ideias de Weber não reside apenas na qualidade e na relevância moderna de seus questionamentos e argumentos e que as circunstâncias históricas reais, a recepção das obras de Weber não pode ser afastada do seu contexto cultural, político e social, ponto que, claramente, também valeria para a recepção norte-americana.

#### *A institucionalização das ideias sociológicas. Max Weber nos Estados Unidos*

A institucionalização das ideias de Max Weber nos EUA passa pela recepção de obras e autores europeus e, neste grupo, de obras e autores alemães. Para esclarecer este cenário de recepção de ideias intelectuais, Morcillo (2008) evoca um artigo longínquo de Edward Shils (1970, apud MORCILLO, 2008), artigo no qual seu autor argumenta que pensadores europeus como Weber, Durkheim ou Ferdinand Tönnies, tiveram as suas ideias processadas e institucionalizadas, primeiramente, na Universidade de Chicago e (junto a outras do Meio-Oeste norte-americano), mesclando-se à própria constituição da origem da sociologia americana.

Neste cenário, uma combinação de fatores, como a falta de tradições fortes — como as que existiam nas antigas universidades da Nova Inglaterra — e a grande disponibilidade de dinheiro privado permitiu a criação de cátedras e departamentos dedicados à disciplina sociológica nascente. Processos semelhantes se dariam mais tarde em universidades mais tradicionais, como Harvard e Columbia, quando estabeleceram novos departamentos de sociologia. Morcillo (2008) observa — sempre *a partir de e em diálogo com* Shils (1970, apud MORCILLO, 2008) — que para uma recepção bem-sucedida, fazem-se necessários um ou mais de três fatores: i) a adaptação das ideias aos problemas considerados pelo meio-receptor como interessantes; ii) a compatibilidade destas ideias com as disposições ou ideias pré-existentes; iii) ou a existência de um intermediário que possa adaptar aquelas ideias de tal forma que a sua relevância no novo contexto seja clara.



A partir deste ponto, Morcillo (2008) passa a examinar como as ideias de Weber se institucionalizaram nos EUA, as organizações e os intermediários estiveram envolvidos nesse processo.

Já no final da década de 1920, indica Morcillo (2008), acontece o primeiro contato de mais relevante, e com alguma consequência, entre as ideias de Weber e a sociologia norte-americana. Este tangenciamento ocorre pela mediação de um tipo muito específico de acadêmicos com alguma habilidade no idioma alemão e que tiveram estadas na Alemanha, em universidades como a de Heidelberg ou em outras. Morcillo (2008) cita, além de **Parsons, Frank Knight; Louis Wirth** e seu aluno, **Edward Shils; Henry A. Finch** e **C. Wright Mills**. Mais tarde, com a chegada dos exilados da Europa, a importância de Weber na sociologia norte-americana é intensificada, dando origem a “dificiles y controvertidas traducciones de Weber al inglés” (MORCILLO, 2008, p. 154). São citados por Morcillo (2008) os nomes de **Hans Gerth** ou **Alexander von Schelting**, **Franz Neumann**, **Otto Kirchheimer**, **Paul Lazarsfeld**, **Joseph Schumpeter** ou os membros do Instituto de Pesquisa Social, **Theodor W. Adorno** e **Max Horkheimer**. Por estes nomes fortes, pontua Morcillo (2008), já nos anos de 1930, Weber tinha seu nome assegurado nos currículos das escolas de sociologia mais importantes.

No entanto, assinala Morcillo (2008), o triunfo de Weber nos Estados Unidos se deu menos pela disponibilidade de traduções da sua inclusão em programas de curso do que à publicação da tradução parsoniana de *A Ética Protestante* que apresentou um Weber *ahistórico*, adaptando o pensamento weberiano ao contexto e aos problemas acadêmicos americanos, sobretudo em *Estrutura da Ação Social*, marco histórico da recepção de Weber em que “Parsons presenta la tesis de la convergencia, según la cual las teorías de Marshall, Pareto, Durkheim y, finalmente, Weber, constituyen los escalones previos de la síntesis presentada por él mismo” (MORCILLO, 2008, p. 155). Este livro como um divisor de águas, Pondera Morcillo (2008), atrelaria permanentemente, nos EUA, as ideias de Weber a Parsons, que ainda publicaria um estudo de oitenta páginas em forma de “introdução” aos trechos compilados de *Wirtschaft & Gesellschaft*, publicados por **Talcott Parsons** (e Alexander Henderson), com o título de *The Theory of Social and Economic Organization*, em 1947, em que Parsons adaptaria **WuG** “a su propia agenda

epistemológica, la cual incluía explicar la acción humana sin hacer referencias al orden legal, al contexto histórico o a la toma individual de decisiones” (MORCILLO, 2008, p. 156). Por outro lado, com a passagem de 40 anos em que Parsons trabalhou em Harvard, e mais de 400 alunos doutorados no período, a permanência institucional de Weber esteve garantida.

A compreensão do que Scaff (2014) chama *Weber phenomenon*, uma espécie de fascínio que o autor alemão exerceu sobre o “espírito” americano, remete aos anos de 1920 e ao início das traduções de Weber nos EUA, no México e no Japão, contando, indispensavelmente, com a institucionalização de sua leitura no mundo acadêmico. Complementando esta ideia que é explorada e corroborada por diversos pesquisadores e pesquisadoras abordados neste capítulo<sup>104</sup>, Scaff adiciona a tese que o sucesso de Weber está condicionado a duas “viagens” que ele realiza aos EUA, a *Amerikareise*, isto é, a real *viagem a América* de Weber e Marianne<sup>105</sup>, por ocasião do *Congress of Arts and Science* de St. Louis, em 1904 — jornada indispensável para a substantiva compreensão de Weber do *ethos* protestante norte-americano, que também definiu “subsequente apropriação ‘espiritual’ nos Estados Unidos” do próprio Weber que, assim, também “consolidou, ampliou e institucionalizou o trabalho nas ciências humanas” (SCAFF, 2014, p. 273)<sup>106</sup>; e a *Rezeptionsgeschichte*, qual seja, a “viagem” de suas ideias através do *histórico de recepção* intelectual do seu pensamento desde os anos de 1920.

#### *Rezeptionsgeschichte, um histórico de recepção*

Na análise de Scaff (2014), o *histórico da recepção* do trabalho de Max Weber nos EUA, *from its beginnings down to the presente*, precisa ser lida em três chaves bem definidas: i) pela importância das primeiras traduções, tanto aquelas realizadas por autores americanos de destaque, sobretudo por aqueles que estudaram na

---

<sup>104</sup> Ver, por exemplo Schwinn (2020) e Morcillo Laiz e WEISZ (2016).

<sup>105</sup> Contando, também, com a companhia de Ernst Troeltsch (ELIAESON, 2005).

<sup>106</sup> *The subsequent “spiritual” appropriation in the United States consolidated, extended, and institutionalized the work in the human sciences* (SCAFF, 2014, 272).

Alemanha; ii) pelo papel dos emigrantes exilados nos EUA dos anos do Pós-guerra que trouxeram em suas bagagens a familiaridade com o trabalho de Weber; e iii) a institucionalização de dos textos de Weber na forma de leitura obrigatória dos currículos das faculdades.

A primeira chave é situada a partir primeira tradução de Weber para o inglês. Scaff (2014) aponta a vanguarda de **Frank Knight**, pioneiro fundador da primeira escola de teoria econômica de Chicago e aficionado pelo tema das origens históricas dos sistemas econômicos, que publicou as palestras que Weber proferiu em Munique, compiladas por Hellman e Palyi como *General Economic History*, de 1927. De acordo com Scaff (2014), o jovem **Parsons**, compartilhava de interesses investigativos próximos aos de Knight — embora Parsons tenha conhecido Weber diretamente na fonte, durante sua estada em Heidelberg, onde teve aulas com Estudando com Alfred Weber, Karl Jaspers e Karl Mannheim, antes de se graduar em 1925. Como de conhecimento geral, Parsons foi o primeiro tradutor para o inglês de *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, já 1930, a partir de um incentivo direto de Marianne Weber. Enquanto estes dois textos traduzidos foram majoritários por vinte anos no campo da tradução de Weber nos EUA, na década de 1930, **Edward Shils** empreendia a tradução de textos variados de Weber 275. Destes fragmentos, Scaff (2014) destaca que Shils guardava interesse mais profundo pelos ensaios temáticos sobre filosofia da ciência, constantes nos *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*, incluindo os conhecidos *Wissenschaft als Beruf* e o primeiro capítulo de **WuG**. Conforme relatado por Scaff (2014), inicialmente, Shils empreendeu sua imersão nos escritos de Weber por *personal edification* e, com o tempo, passou a distribuir traduções mimeografadas de fragmentos weberianos entre professore e alunos da Universidade de Chicago dos anos de 1930, um dos gatilhos de composição do esforço de reforma do currículo do curso de *social science* naquela instituição. Neste sentido, Scaff (2014) contextualiza que a introdução de textos traduzidos de Weber nas salas de aula ia além de interesses docentes, ligando-se a uma série de disputas acadêmicas e exigências pedagógicas práticas, de uma época na qual as ciências sociais definindo as suas fronteiras disciplinares, o que fomentava intenso debate em universidades como Chicago e Harvard, mas, também, em instituições públicas como a Universidade de Wisconsin.

Scaff (2014) indica, ainda, Frank Knight, em particular — como cultor dos escritos metodológicos de Weber e um dos introdutores das traduções de Shils nos programas disciplinares —, olhava para além das distinções entre as disciplinas, preocupando-se em fazer frente ao pensamento escolástico, ou às tendências paroquiais acadêmicas [*parochial tendencies*] e integrar o conhecimento nas ciências sociais.

Ainda assim, alerta Scaff (2014), é preciso lembrar que o processo de tradução e recepção é sempre um ato de interpretação ou “or more strongly, *mis*interpretation” (SCAFF, 2014, p. 276, grifo do autor) — como no caso no qual as interpretações de Parsons e Shils seguiram a tendência de pôr maior ênfase no lado comportamental [*behavioral*] e causal das formulações conceituais de Weber, dando mínimo enfoque a elaborações mais complexas, assevera Scaff (2014), como nos conceitos de *Entzauberung* [*disenchantment, demagification* (desencanto, desmagificação)] ou *Lebensführung* [*life-conduct* (condução, ou conduta, de vida)]. O custo de escolhas de Parsons e Shils geraram “numerous debates [that] have been triggered by such choices and their intellectual consequences” (SCAFF, 2014, p. 276).

A segunda chave proposta por Scaff (2014) ainda considera o empenho de nomes como Frank Knight, Parsons e Edward Shils na propagação das ideias de Weber no meio acadêmico de Chicago e além, mas complementa esse esforço de tradução e transmissão de Weber com o papel desempenhado pelos intelectuais alemães exilados, emigrados da Alemanha nos anos de 1930, que atuaram como fontes, tradutores e difusores do arcabouço weberiano em diversos departamentos das mais variadas instituições não só americanas, mas também anglófonas, em geral, avançando dos anos de 1930 para uma consolidação weberiana dos anos do Pós-guerra.

Destacam-se por Scaff (2014) os nomes de como **Karl Mannheim** e **Friedrich von Hayek**, na London School of Economics; **Franz Neumann** e **Paul Lazarsfeld** na Columbia University, em Nova York; cidade que também abrigava outros professores concentrados na New School for Social Research; outras instituições como Chicago, Harvard, Columbia, New School e Wisconsin, que recebeu intelectuais migrados “who knew Weber personally or knew his work well”.

Scaff (2014) enumera os nomes exemplares de **Paul Honigsheim**, na Michigan State University; **Arthur Salz**, na Ohio State University; **Eric Voegelin**, na Louisiana State University; **Karl Loewenstein**, na University of Massachusetts; **Carl Landauer**, na University of California, em Berkeley; e **Melchoir Palyi**, na Southern Illinois University.

A terceira e a segunda chaves encontram-se profundamente entrelaçada, uma vez que os intelectuais emigrados são o grande catalisador da institucionalização weberiana, como um impulso às ideias comparadas e às novas interpretações e aplicações de Weber, para além da fonte parsoniana. Novos interlocutores arejam o ambiente weberiano com outras fontes e ideias novas ou desconhecidas das academias americanas. Naquele contexto de primeira recepção, Scaff (2014) destaca o nome de intelectuais emigrados que ajudaram diretamente na interpretação, mediação, extensão e aplicação das ideias de Weber, como **Alexander von Schelting**, colega de Parsons em Heidelberg e, como bolsista do Rockefeller, voltou a reencontrá-lo nos EUA, além de associar-se com Howard Becker, em Wisconsin e, mais tarde, encontrar um cargo na Columbia, onde ministrou um seminário conjunto do Weber com Shils. Scaff (2014) aponta que von Schelting foi uma figura de ponte do foco metodológico da era Weimar, para a reinterpretção da metodologia de Weber e concepção de ação social, “quadro de referência” [*frame of reference*] da ação social, escopo de Talcott Parsons, para quem, von Schelting tornou-se a principal autoridade e interlocutor, influenciando diretamente os capítulos sobre Weber em *The Structure of Social Action*.

Outro nome destacado por Scaff (2014) no contexto de primeira recepção é o de **Hans Gerth** que, ainda na Alemanha, associou-se a Mannheim — com quem, mais tarde, esteve em exílio londrino em 1937 — e a membros do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, como Theodor Adorno. Em 1940, relata Scaff (2014), com apoio de Parsons e Shils, Gerth adentra ao departamento de sociologia de Howard Becker em Madison, Wisconsin, onde encontrou C. Wright Mills e Don Martindale, então estudantes de graduação, com quem estabeleceu parcerias frutíferas tanto para ambos quanto para a weberologia americana, rendendo o volume *reader From Max Weber: Essays in Sociology*, de 1946, e as traduções de

*Ancient Judaism and The Religion of India*, como parte dos *Collected Essays in the Sociology of Religion*.

Outro importante espaço acadêmico para os intelectuais emigrados relatado por Scaff (2014) foi a New School for Social Research. Scaff (2014) destaca os nomes de **Emil Lederer**, que conheceu Weber pessoalmente, como um jovem economista de Heidelberg que auxiliou na publicação do *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*;

**Albert Salomon**, que também conheceu Weber em Heidelberg, e formulou o *slogan* de “Marx burguês” a Weber, pela longa extensão das obras que o sociólogo de Heidelberg realizou em vida, contudo, já na New School Salomon empreende uma elaboração sistêmica do pensamento weberiano em torno de suas concepções metodológicas, políticas e sociológicas para o público geral que Scaff (2014) surpreende a audiência weberiana por anunciar “the emergence of a rather different Weber from the professional sociologist and specialized historical economist put forward by American authors” (SCAFF, 2014, p. 278). Conforme Scaff (2014), pelas mãos de Salomon, era apresentado ao público weberiano dos EUA um Weber bastante abrangente, que fora acionado por Alfred Schuetz na fenomenologia, por Arnold Brecht na teoria política ou Frieda Wunderlich na economia agrária. Contudo, Scaff (2014) sinaliza que embora houvesse uma virada weberiana no horizonte entre os emigrados, essa virada muito se deu pelo fato de Weber ser um “pensador do momento” nos EUA e, se por um lado estas viradas revelam um Weber não percebido pela audiência americana, por outro lado, “in Germany Weber’s work had been reduced to its least inspiring dimensions” (SCAFF, 2014, p. 279). Surpreendentemente, é na América que Weber entra em ebulição e ganha vida, sentencia Scaff (2014), para, a partir dos anos de 1960, ser reimportado à Alemanha.

Outros emigrados faziam seu caminho weberiano nos EUA, Scaff (2014) cita os nomes de **Franz Neumann**, **Paul Lazarsfeld**, **Karl Wittfogel**, **Peter Gay** e **Theodore Abel**, participantes dos ciclos de discussão da New School, em Lower Manhattan, NYC. Merton, participante e herdeiro destes debates na Columbia, apresenta em seu *Reader in Bureaucracy*, de 1952, uma nova perspectiva weberiana: “no longer interpretation of the work as such, but an application of useful

ideas drawn from Weber's texts and extended to novel problems and various research domains" (SCAFF, 2014, p. 280), dito de outra maneira, Merton propõe a reelaboração atualizada e a aplicação útil de Weber, renovando e ampliando seu fôlego na década de 1950 tanto entre um público assíduo, quanto para toda uma nova geração.

### *Os frutos da Amerikareise: um lugar no imaginário americano*

O sucesso com que Max Weber capturou um lugar no imaginário americano, embora imprevisto, não é gratuito. Segundo Scaff (2014), são três as narrativas que cativaram este imaginário: i) a **narrativa do voluntarismo** [*the narrative of voluntarism*], ligada à forma como Weber desenvolveu sua concepção da seita [*sect*] e seus efeitos no indivíduo e na sociedade; ii) a **narrativa de conquistas** [*the narrative of achievement*], o "domínio de si" e o conseqüente "domínio do mundo"; e iii) a **narrativa da redenção** [*the narrative of redemption*], potente mito fundador da experiência americana.

Conforme indicado por Scaff (2014), Edward Tiryakian, a partir do artigo "Neither Marx nor Durkheim... Perhaps Weber", publicado no *American Journal of Sociology* em 1975, faz uma interessante proposição a respeito da assimilação de Weber nos EUA. Para Edward Tiryakian, o grande mérito heurístico [*greater heuristic merit*] (TIRYAKIAN, 1975 apud SCAFF, 2014, p. 281) de Weber em relação aos outros clássicos da sociologia é ele ter tido uma maior exposição à sociedade americana — já a partir de sua vivência na jornada de 1904 —, o que lhe teria causado uma maior compreensão daquele modo de vida, sobretudo no tocante ao protestantismo ascético.

A força de impressão em Weber da excursão pelos EUA em 1904, de acordo com Scaff (2014), é justificada, já que Weber teria aproveitado para observar os dois lados dessa relação entre protestantismo ascético e o capitalismo, tanto na observação das inúmeras formas de expressão da vida espiritual que permeia em comunidades sociais, instituições educacionais e eventos religiosos, quanto na observação do *ethos*, da cultura e das expressões cotidianas do capitalismo moderno "in its most massive and unconstrained forms" (SCAFF, 2014, p. 282), por

consequência, os leitores americanos puderam se reconhecer na investigação weberiana. E é a partir dos efeitos dessa viagem de Weber aos EUA e do seu engajamento com questões cotidianas do protestantismo, do capitalismo e além que Scaff (2014) aponta a emergência dos textos weberianos dos três tipos de narrativas que capitariam a audiência americana.

#### *A narrativa do voluntarismo*

O desenvolvimento da concepção de “seita” por Weber, bem como os efeitos práticos desta concepção sobre os indivíduos e a sociedade nas análises weberianas são questões que Scaff (2014) coloca no centro do que ele chama “a narrativa do voluntarismo”. Para o analista weberólogo, não foram apenas as características formais da seita que atraíram Weber, como filiação voluntária, supremacia congregacional, eleição do ministro, uma política religiosa e cargos legitimados pela autoridade popular, mas, também, suas consequências na vida social, tanto para o indivíduo quanto para os grupos: “The sect was essentially the social mechanism for the ‘testing’ and ‘proof’ of a person’s character, honesty, trustworthiness, and overall moral standing” e, muito além disso, “a regime of testing the self-performed by one’s peers. It served as the crucible in which the moral personality of the Berufsmensch was formed” (SCAFF, 2014, p. 283). Scaff (2014) observa que uma sociedade fundada nas associações sectárias é voluntarista, pois enfatiza a formação de uma sociedade civil como uma teia densa de relações sociais pessoais e associações voluntárias. Segundo Scaff (2014), trata-se de uma visão da seita como livre associação religiosa que, como observado por Weber, permeia o livre associativismo público presente na sociedade civil americana, fonte de uma versão de “individualismo” e das predisposições antiautoritárias de nos EUA, uma narrativa palatável aos leitores weberianos mais treinados na cultura profissional, o exemplo arrolado por Scaff (2014) é um primeiro olhar de Parsons sobre a sociologia weberiana como uma teoria voluntarista da ação.

#### *A narrativa de conquistas*



A própria ideia da *Ética Protestante* como uma formação social com consequências históricas tece, conforme Scaff (2014), a narrativa de conquistas a partir da ênfase dada ao poder disciplinador e de formação de caráter da ascese intramundana. Neste sentido, pondera Scaff (2014), orientação para um ativo domínio do mundo [*world–mastery*] — com suas normas de realização mundana — é transferida para a concepção do espírito capitalista que Weber encontrou incorporado na figura de Benjamin Franklin, independentemente de o retrato de Franklin ser ou não historicamente acurado. É a mentalidade, o “espírito” que Franklin representa que é apresentado por Weber, de modo que “Mastery of the world presupposed mastery of the self, and when put into practice it entailed the conquest of the New World’s primordial wilderness” (SCAFF, 2014, p. 284,). A natureza apresentou enigmas e mistérios que poderiam ser resolvidos de forma pragmática. Mesmo que *o domínio do mundo pressuponha o domínio de si mesmo*, relembra Scaff (2014), Weber sinaliza que há consequências: o pragmatismo na orientação para a resolução de problemas mundanos não vem sem alguma ambiguidade moral: a natureza é subjugada e despojada para fins utilitários, ou é construída uma “jaula de ferro” de dominação autoinfligida, ou — de modo um pouco mais positivo e ecológico — é promovida a administração e o cuidado da natureza como uma necessidade espiritual.

### *A narrativa da redenção*

Por outro lado, acena Scaff (2014), há uma resposta para o problema que pode ser encontrada em uma didática contranarrativa de redenção, expiação e renovação que apareceria tanto na *Ética Protestante* quanto no *The Protestant Sects and the Spirit of Capitalism*, de 1906<sup>107</sup>, um ensaio mais voltado aos EUA. Ali, Scaff

---

<sup>107</sup> „Die protestantischen Sekten und der Geist des Kapitalismus“. Texto de 1906, revisado e publicado entre 1920-1921 em *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* [GARS I] (pp. 17-236).

(2014) observa a captura que Weber faz do que seria o *topos* mais fundamental da cultura dos Estados Unidos:

The quest for salvation that began as a religiously inspired message became transformed into a secularized cultural theme: the search for the possibility of breaking free from constraints in order to create a better life, to renew the self, to gain a second chance by atoning for moral failures, and to find reconciliation with God, humankind, and the world (SCAFF, 2014, p. 284).

Weber reproduziu essa narrativa cultural alternativa nas páginas da *Ética Protestante* e ofereceu, conforme Scaff (2014), algo diferente ao público dos Estados Unidos que superava um relato das forças sociais, como aqueles elaborados por Tocqueville muito antes da viagem de Weber à América. Scaff (2014) propõe a própria maneira de se investigar os fundamentos morais e espirituais de uma sociedade emergente como o epítome da cultura capitalista moderna tivesse sido demarcado de um modo totalmente novo: “What Tocqueville saw as a patterned relationship, Weber began to view as a paradoxical linking of spiritual ideals with material ambitions” (SCAFF, 2014, p. 285), a contribuição de Weber iria além oferecendo ao público dos EUA, arremata Scaff (2014), mais do que um relato de forças sociais, e sim uma tríade de narrativas com conotações didáticas e um esboço caracterológico de figuras conhecidas e tipos sociais reconhecíveis.

#### *Pós-guerra e renascimento americano de Weber*

A fase do período Pós-guerra é apontada por Scaff (2014) como o início das grandes divulgações do *imprimatur* weberiano, em especial, com a ampliação de irradiação da obra de Weber no período da década dos anos de 1950 a 1960, com notória amplificação de traduções, além de consolidação de escritos traduzidos no final da década de 1940 (Figura 4).

**Figura 4** — Max Weber traduzido para o inglês: os principais livros e artigos, 1927–1960

Date	Title	Translator/Editor
1927	<i>General Economic History</i>	Frank Knight
1930	<i>The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism</i> (GARS I, pp. 1-206)	Talcott Parsons
1946	<i>From Max Weber: Essays in Sociology</i>	Hans Gerth & C. Wright Mills
1947	<i>The Theory of Social and Economic Organization</i> (EaS, part I, chs. 1-4)	A.M. Henderson & Talcott Parsons
1949	<i>The Methodology of the Social Sciences</i> (GAW, pp. 146-290, 451-502)	Edward Shils
1951	<i>The Religion of China: Confucianism and Taoism</i> (GARS I, pp. 276-536)	Hans Gerth
1952	<i>Ancient Judaism</i> (GARS III)	Hans Gerth & Don Martindale
1954	<i>On Law in Economy and Society</i> (EaS, ch. 8)	Max Rheinstein & Edward Shils
1958	<i>The Religion of India</i> (GARS II)	Hans Gerth & Don Martindale
1958	<i>The City</i> (EaS, ch. 16)	Don Martindale & Gertrud Neuwirth
1958	<i>The Rational and Social Foundations of Music</i>	Don Martindale, Johannes Riedel & Gertrud Neuwirth

**Fonte:** compilação extraída de Scaff (2014, p. 290).

Scaff (2014) considera a relevância de quatro principais publicações. Enumeram-se: i) a já repercutida compilação do *reader* conhecido como *From Max Weber: Essays in Sociology*, por **Hans Gerth** e **C. Wright Mills**. Se a publicação original de 1946 obteve relativo prestígio entre acadêmicos, tornando-se o *source book* oficial sobre Weber, Scaff (2014) indica que a nova década apresenta uma republicação com o formato perfeitamente adaptado para o uso em sala de aula, popularizando o volume; ii) *The Theory of Social and Economic Organization*, que **Parsons** publicou com algum atraso, em 1947, por conta da Segunda Grande Guerra. Neste tomo, Parsons anuncia quatro capítulos de **WuG**. Na década de 1950, o volume alcança grande fôlego, apresentando ao público o “Weber teórico” de Parsons — que o apropriou, segundo Scaff (2014), para tentar formular uma teoria geral da sociedade. A obra vem em formato conciso, dispendo a única parte de **WuG** preparada por Weber para ser publicada no **GdS**<sup>108</sup> antes de sua morte; iii) *Max Weber on The Methodology of the Social Sciences*, de 1949, traduzido e

<sup>108</sup> Cf. Capítulo I e a história do GdS – *Grundriss der Sozialökonomik*.

editado por **Edward Shils** e **Henry Finch**. A obra introduz os escritos metodológicos de Weber à década de 1950, colocando em nota conceitos como *ideal type* e *value neutrality* [*Wertfreiheit*]; e, iv) em 1958, a publicação dos últimos escritos dos *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* [**GARS I, II e III**] que até então não foram traduzidos nos EUA, ou em língua inglesa. Apesar de que as publicações tivessem alguns problemas — alerta Scaff (2014), os três volumes originais foram publicados fora de sequência e em cinco livros diferentes —, na década seguinte colocaram à disposição do leitor anglófono um corpo substancial dos escritos de Weber com ampla divulgação e baixo custo.

A partir dos da década de 1960, o interesse em Weber ganha novo fôlego e aparecem novas traduções e mesmo retraduições mais refinadas. Destes trabalhos publicados até o ano de 2012 (Figura 5), Scaff (2014) dá um destaque significativo à publicação da tradução completa para o inglês de WuG, em 1968, compilada e editada por Guenther Roth e Claus Wittich — mas, ainda mantendo incorporado à versão americana de WuG o extenso texto anterior de Parsons, que apresentava e comentava os quatro capítulos de WuG na forma de *The Theory of Social and Economic Organization*, de 1947.

A década de 1970 é, de fato, bastante frutífera para o weberianismo americano. A este respeito, como amostragem Rijks (2012) traz um estudo de caso da presença de Max Weber no *American Journal of Sociology* (AJS), onde cerca de 75% dos artigos sobre Weber publicados entre 1950 e 2010 estiveram concentrados entre as décadas de 1970 e 1980. Para além da explicação de que novas traduções e publicações renovam o interesse em Weber, Rijks (2012) argumenta que o renascimento de Weber é, em si, um caso de circulação de conhecimento e que alguns problemas historicamente bem definidos levaram a uma reorientação de Weber, tornando o conhecimento sobre o autor era movimentado, estendido e transformado, conectado a mudanças sociais mais amplas.

**Figura 5** — Max Weber traduzido para o inglês: os principais livros e artigos, 1960–1912

Date	Title	Translator/Editor
1963	<i>The Sociology of Religion</i> (from WuG, Part 2)	Ephraim Fischhoff
1968	<i>Max Weber on Charisma and Institution Building</i>	S. N. Eisenstadt Guenther Roth & Klaus Wittich
1968	<i>Economy and Society</i> (WuG)	Wittich
1973	<i>Max Weber on Universities</i>	Edward Shils
1975	<i>Roscher and Knies</i> (GAW, pp. 1-145)	Guy Oakes
1976	<i>The Agrarian Sociology of Ancient Civilizations</i> (GASW, pp. 1-311)	R. I. Frank
1977	<i>Critique of Stammer</i> (GAW, pp. 291-383)	Guy Oakes
1979	'Developmental Tendencies in the Situation of East Elbian Rural Labourers' (GASW, pp. 470-507)	Keith Tribe
1980	'The National State and Economic Policy' (GPS, pp. 1-25)	Ben Fowkes & Keith Tribe
1981	'Some Categories of Interpretive Sociology' (GAW, pp. 427-74.	Edith Graber
1985	"Churches" and "Sects" in North America'	Colin Loader
1994	<i>Political Writings</i> (selections from GPS)	Peter Lassman & Ronald Speirs
1995	<i>The Russian Revolutions</i>	Gordon Wells & Peter Baehr
1998	'Preliminary Report on a Proposed Survey for a Sociology of the Press' (from GASS)	Keith Tribe
1999	<i>Essays in Economic Sociology</i>	Richard Swedberg
2000	'Stock and Commodity Exchanges' (from GASS)	Steven Lestition
2001	<i>The Protestant Ethic Debate: Max Weber's Replies to His Critics, 1907-1910</i>	David Chalcraft & Austin Harrington
2001	<i>The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism</i>	Stephen Kalberg
2002	<i>The Protestant Ethic and the 'Spirit' of Capitalism &amp; Other Writings</i> (the 1904/05 text)	Peter Baehr & Gordon Wells
2002	<i>The History of Commercial Partnerships in the Middle Ages</i>	Lutz Kaelber
2002	'Voluntary Associational Life' (from GASS)	Sung Ho Kim
2004	'Introduction to the Economic Ethics of the World Religions' (from GARS I)	Sam Whimster
2004	'The "Objectivity" of Knowledge in Social Science and Social Policy' (from GAW)	Keith Tribe
2005	'The Relations of the Rural Community to Other Branches of Social Science'	Peter Ghosh
2012	<i>Collected Methodological Writings</i> (GAW)	H. H. Bruun & Sam Whimster

Fonte: compilação extraída de Scaff (2014, p. 290–291).

Sobre as traduções da obra de Weber para o inglês, Rijks (2012) segue a mesma interpretação de Scaff (2014), de que foram publicadas apenas esporadicamente entre 1930 e 1970, e relaciona uma forte marca da influência da interpretação de Parsons no período. Pós anos de 1970, com as transformações e mudanças de eixo nos tópicos acadêmicos, surge a abertura para novas interpretações de Weber. Rijks (2012) exemplifica o caso dos *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*, que não tinham recebido uma tradução anglófona até

1975<sup>109</sup>. Em uma análise qualitativa sobre os artigos sobre Weber no AJS, Rijks (2012) identifica dois vetores que catalisaram o *revival* do pensador alemão: mudanças na sociedade e mudanças na própria sociologia americana.

As mudanças na sociedade percebidas por Rijks (2012) são de três tipos: de ordem social, econômica e religiosa. Tanto a ordem social quanto a sua contraparte, a revolução social, analisa Rijks (2012) formam uma questão que ocupou grande espaço do debate a partir da década de 1970, conjugando ceticismo em relação à imposição da ordem social e ao aumento do papel dos sociólogos nesta ordenação com uma desilusão com as perspectivas de uma revolução social e a emergência de lutas identitárias. Um mundo social que “*seemed more chaotic — and harder to control than ever before*” (RIJKS, 2012, p. 61), de modo que se considerou que a relação entre ação social e valores deveria ser estudada de uma nova maneira, o que levou alguns estudiosos a pensarem que a teoria da ação de Weber poderia auxiliar no propósito.

A mudança na economia se deu no final da década de 1970, com a interrupção do sistema monetário de Bretton Woods e na geração de uma grande crise econômica, seguida pela emergência do [neo] liberalismo econômico de Friedman. Para Rijks (2012), questões diretamente ligadas a tópicos de poder e realismo — que pareciam estar na vanguarda da economia e da política, que se alinhavam com o *knowledge without illusions* de Weber, que entendia a dominação era um fator central no estudo sobre o mundo social —, além de tópicos sobre liderança, carisma e especialização profissional.

Quanto às mudanças sociais no campo da religião, Rijks (2012) observa uma importância renovada dos tópicos sobre religião: os fatores religiosos se tornaram mais influentes na sociologia, de modo que a religião tornou-se, também, um tópico acionado para explicar as características únicas e dinâmicas da sociedade americana.

---

<sup>109</sup> *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre* [GAW], Tübingen 1922, 7. Auflage. 1988, ISBN 3-8252-1492-3.

Esta interconexão de temas e tópicos de processos de mudanças sociais garante uma dinâmica ao renascimento e à permanência de Weber na América, gerando interlocuções calorosas e conexões cruzadas dentro de um espectro maior e interdisciplinar.

Em retroalimentação com esta dinâmica do mundo social, as novas circunstâncias apresentadas aos sociólogos e a procura de novos métodos desembocou, conforme Rijks (2012), em uma redescoberta da história [*rediscovery of history*], de modo que o trabalho de Weber foi usado para legitimar novas abordagens e métodos interdisciplinares, como a sociologia histórica, ultrapassando as expressões de um *local knowledge*.

Ainda em mudanças na sociologia, Rijks (2012) pergunta se há uma ligação entre o renascimento de Weber no AJS e alterações editoriais na revista. Em resposta e afastando ideias de um enviesamento por políticas editoriais, Rijks (2012) sinaliza que a AJS passa por uma reestruturação e profissionalização no período, tornando-se sociologicamente mais disciplinar e menos departamental, resultando em um progressismo de abordagens, expresso, por exemplo, em artigos sobre marxismo, ou sobre mulheres.

Neste sentido, conclui Rijks (2012), tanto as mudanças na sociedade e na sociologia quanto o renascimento de Weber podem ser percebidos como ilustrações do funcionamento da circulação do conhecimento — isto é, as dinâmicas e os meios de movimento, extensão e transformação do próprio conhecimento —, contudo, no caso de Weber, junto a estas dinâmicas, deve-se acrescentar a continuidade e a permanência.

## B) México

Em pensamento weberiano no México, Morcillo (2008) atribui ao papel dos exilados espanhóis o mesmo peso que os exilados alemães tiveram para a sociologia weberiana nos EUA. Contudo, se naquele país o nome de Weber é aclamado e fez a carreira de nomes como Talcott Parsons, Reinhard Bendix ou C. Wright Mills, o mesmo não se deu no México. Ponto que levou Morcillo (2008), a considerar a recepção primária de Weber no México (1937–1957) uma história de *un*

*fracaso*, ao analisar os primeiros mediadores, as organizações e a (não) institucionalização do sociólogo de Heidelberg na academia mexicana naquele período. Parte da explicação deste problema estaria no fato de a sociologia mexicana, em seus primeiros anos, favorecer as abordagens marcadas pelo positivismo (inclusive em sua vertente mais empírica) e pelo evolucionismo, muito herdados de um viés antropológico, enquanto, em outra via, a sociologia americana combinava o historicismo alemão com a sociologia empírica.

O pouco calor na recepção de Weber residiria, assim, em três pontos elencados por Morcillo (2008): i) as ciências sociais mexicanas foram gestadas a partir da abordagem antropológica, herdando desta disciplina o espírito epistemológico de sua época, teorizado no positivismo de forma geral e do positivismo francês em particular; ii) a mentalidade de pesquisa sociológica mexicana, em sua fase inicial, estava fortemente ligada às demandas de Estado, pautadas pelas ideias de modernização e miscigenação; e iii) neste mesmo período de recepção inicial, o positivismo empírico ganhava força na academia mexicana. Além destes filtros de recepção acadêmica, Morcillo (2008) ainda indica que, paralelamente a este contexto epistemológico complexo, o marxismo contava com influente presença entre o meio artístico e intelectual fora dos muros das universidades.

Seguindo esta trilha de história das ideias, Morcillo (2008) avança e, com base em Edward Shils (1970 apud MORCILLO, 2008), complementa a estas teses com a ideia de que Weber não recebeu a devida atenção no México por conta da falta de institucionalização de seus pensamentos, diferentemente do que teria ocorrido com intelectuais como Weber, Durkheim ou Tönnies, assimilados e institucionalizados nos currículos da Universidade de Chicago em pleno nascimento da Sociologia americana, e jamais chegou a acontecer, de fato, no México (cf. ZABLUDOVSKY, 1998).

El primer contacto intenso de la sociología estadounidense con Weber tuvo lugar en los últimos años de la década de los veinte con consecuencias importantísimas para la disciplina. Este contacto se produjo a través de varios académicos estadounidenses con conocimientos básicos del alemán, algunos de los cuales habían estudiado en Heidelberg u otras universidades germanas. A este grupo de intermediarios pertenecían, además de Parsons, Frank Knight (1927), Louis Wirth y uno de sus estudiantes, Edward Shils, así como Henry A. Finch y C. Wright Mills, pero la importancia de Weber



para la sociología estadounidense se intensificó con la llegada de los exiliados europeos, con quienes se hicieron las difíciles y controvertidas traducciones de Weber al inglés (Oakes y Vidich, 1999a y 1999b; Parsons, 1947b; Weber, 1947; Weber, Gerth y Mills, 1946; Weber, Shils y Finch, 1949). Entre éstos se encontraban, claro está, Hans Gerth o Alexander von Schelting, pero también Franz Neumann, Otto Kirchheimer, Paul Lazarsfeld, Joseph Schumpeter o los miembros del Institute for Social Research, Theodor W. Adorno y Max Horkheimer, con su ambigua actitud frente a Weber (Offe, 2004). La simple mención de estos nombres ya sugiere la fuerza de Weber en Estados Unidos, cuya obra era ya, a finales de los años treinta, parte de los planes de estudio en las facultades de sociología más importantes (Scaff, 2006: 57, 61; Shils, 1970: 823, nota 21). En aquel tiempo, Reinhard Bendix estudió a Max Weber en Chicago, quien era a su vez parte de manuales tan populares como el Robert Maclver (Roth y Bendix, 1959: 40). En Columbia estaban no sólo Lazarsfeld (1965) y varios exiliados más, sino también algunos graduados de Harvard, como Robert K. Merton, los cuales conocían a Weber a través de Parsons. Cuando en los años cincuenta Seymour M. Lipset, Juan Linz y otros llegaron a Columbia, Weber era ya una parte consolidada del programa (MORCILLO, 2008, p. 154).

Como visto no tópico sobre os Estados Unidos, Morcillo (2008) atribui o triunfo de Weber nos EUA menos pela disponibilidade de traduções e da sua inclusão em programas de curso do que à publicação da tradução parsoniana de *A Ética Protestante*. Por agora, este dado sobre o perfil da recepção nos Estados Unidos serve ao contraste na pista da recepção mexicana.

O processo de institucionalização das ideias de um autor é inviável, sustenta Morcillo (2008), se não encontra respaldo entre membros da comunidade de recepção, os mediadores, e é preciso, ainda, que um ou mais membros desta comunidade possuam algum conhecimento e trânsito mais aprofundado sobre o autor e a obra que se recepciona.

Como já indicado por La Fuente (2007), **José Medina Echavarría** é o grande nome da recepção weberiana no México. Muito antes do exílio por conta da Ditadura Franquista, ao concluir seus estudos com trânsito por Valência, Madrid e Paris, entre 1924 e 1929, Echavarría aponta sua bússola para a Alemanha, mais especificamente para a cidade de Marburg, e consagra a engrossa a tese de que Weber sai da Alemanha, inicialmente, pelas mãos de estrangeiros que tiveram alguma vivência naquele país. No período no qual esteve em Marburg, conforme elencado por Morcillo (2008), Echavarría dedicou-se à continuidade de sua formação no campo da filosofia jurídica. É em Marburg que ele entra em contato com Karl Löwith e Gerhard Krüger, “discípulos de Heidegger” (MORCILLO, 2008, p. 157), ao

participar de um de seus cursos e, por extensão, toma contato com as ideias de Weber, afinal, sustenta Morcillo (2008), Löwith estava entre o grupo de estudantes de Munique que pediram a Weber que falasse sobre *Wissenschaft als Beruf*, em 1919 (LÖWITH, 1986, 16 apud MORCILLO, 2008) e o mesmo Löwith já havia publicado um trabalho de comparação entre Marx e Weber. Em 1932, Löwith exilou-se no Japão, levando Max Weber na bagagem (como será exposto mais detalhadamente no tópico sobre Japão e Ásia), mesmo ano em que Echavarría solicita estadia na Alemanha para 1933. A década de 1930 leva Medina Echavarría a uma série de transições Espanha–Alemanha, Espanha–Londres, Londres–EUA e, finalmente, na virada dos anos de 1930 a 1940, EUA–México (1939).

Assim como aconteceu a **Karl Loewenstein**, que se deslocou para os Estados Unidos em 1931, e com a maioria dos exilados que migrou para as Américas durante os conflitos e totalitarismos europeus das décadas de 1930 e 1940, Medina Echavarría precisou se submeter às agendas impostas pelo governo de Estado do México, seu anfitrião.

Karl Loewenstein, a serviço do Departamento de Estado Norte-americano, partiu em missão científica pela América Latina, recolhendo dados e informando o governo americano sobre as condições institucionais e econômicas da região, compondo, inclusive, um extenso e detalhado relatório de campo sobre o Brasil, publicado nos EUA, em 1941, o título *Brasil under Vargas* (v. MATA, 2013a; VILLAS BÔAS, 2014).

O destino de Medina Echavarría não o leva tão longe em missões de campo, como ocorrido com Loewenstein, mas o mantém preso a uma série de compromissos que o afastavam da pesquisa e o alienavam a uma trajetória de docência incompleta, “dictando una variedad de cursos no sólo en las escuelas nacionales de Jurisprudencia y de Economía y en algunas universidades de provincia, sino también cursos para funcionarios” (MOYA LÓPEZ, 2007, p. 773–774, apud MORCILLO, 2008).

Mais tarde, em 1943, como informa Morcillo (2008), Echavarría consegue apoio para iniciar um projeto mais amplo, fundando *Centro de Estudios Sociales de El Colegio de México*, no qual, lecionou a maior parte das disciplinas de Sociologia constantes no programa muito inspirado pelas experiências de ensino das tradições

alemã e americana. Morcillo (2008) relata que o Centro de Estudos Sociais oferecia um programa de pós-graduação de quatro anos em regime de período integral, pelo qual, os estudantes recebiam uma bolsa e os professores d'*El Colegio de México* recebiam um salário mensal, com condições para dedicação ao ensino e à pesquisa em tempo integral. O centro foi basilar na formação de toda uma geração de importantes sociólogos mexicanos, instituição tão fundamental à época, que Morcillo (2008) equipara apenas ao estabelecimento de Escola Paulista de Sociologia e Política (no Brasil, em 1941), liderada por Florestan Fernandez, com apoio dos insumos da Fundação Rockefeller.

Por outro lado, o Centro acabou por se mostrar pouco efetivo e apenas dois dos 17 alunos da primeira e única turma concluíram a suas Teses e se formaram, além disso, o Centro acabou por se isolar de questões mais urgentes na agenda política mexicana, perdendo espaço para iniciativas mais praxiológicas e com algum descompromisso com o caráter formativo da profissão de cientista social, como a *Escuela Nacional de Ciencias Políticas y Sociales*, fundada por Lucio Mendieta y Núñez, de quem a opinião sobre a profissionalização do fazer sociológico era de que, conforme relata Morcillo (2008), a sociologia não seria um tipo de conhecimento especializado, podendo ser cultivado por pessoas com outro tipo de formação:

Es un error creer que porque un hecho es social basta con ser sociólogo para investigarlo y estudiarlo. Hay aspectos sociales que solamente el psiquiatra o el médico, el ingeniero, el jurista, el economista, el etnólogo o el antropólogo pueden advertir, desentrañar y notar en su justa medida (Mendieta y Núñez, 1955, p. 234 apud MORCILLO, 2008);

Morcillo (2008) indica que a vida intelectual de Mendieta y Núñez foi influenciada pelo biologismo e positivismo e, com eles, pela ideia de que a ciência e a universidade eram aliadas naturais do Estado, e que as ciências sociais eram um instrumento para melhorar os problemas do país, para criar “engenheiros sociais” (CASTAÑEDA, 1990, p. 413 apud MORCILLO 2008). Na *Escuela Nacional de Ciencias Políticas y Sociales*, descreve Morcillo (2008), disciplinas sociológicas, como estatística, métodos de pesquisa, teoria sociológica ou sociologias especializadas, “ocupaban menos de un cuarto de las horas lectivas totales de una licenciatura de cuatro años, más o menos la misma atención que recibían la historia de las ideas sociológicas, políticas y económicas; y el derecho” (MORCILLO 2008, p.

167), além de manter vínculos entre a sociologia mexicana, a antropologia e o biologismo, por temas como Antropologia física e biotipologia.

Colocado de outra forma, no campo da institucionalidade, Morcillo (2008) condiciona parte da falta de uma institucionalização mexicana de Weber à derrocada do *Centro de Estudios Sociales de El Colegio de México* — que representaria uma possibilidade de profissionalização das ciências sociais fundadas em teorias, métodos e autonomia — pela manutenção de uma agenda de Estado, pela qual, a *Escuela Nacional de Ciencias Políticas y Sociales* se colocou a serviço, com êxito no seu programa, o que prejudicou, em parte, a recepção *temprana* do sociólogo de Heidelberg em meio à circulação intelectual do México.

Ao menos uma consequência deste processo incompleto é apontada por Morcillo Laiz e Weisz (2016): absorção acrítica que dependeu de certas interpretações de Weber, em especial, aquelas importadas dos Estados Unidos e uma, e, posteriormente, “una contundente falta de atención” (MORCILLO LAIZ; WEISZ, 2016, p. 21) às novas leituras propostas já a partir da década de 1970, tanto na Alemanha quanto nos Estados Unidos. Conforme Morcillo Laiz e Weisz (2016), aos mediadores escaparam as novas e sofisticadas interpretações conduzidas pelo círculo virtuoso de exegetas de Weber conduziam desde a Alemanha, em língua vernácula e em inglês. Se, por um lado, os leitores de língua espanhola tinham acesso maior a Weber nos idos anos de 1950 do que os leitores de língua inglesa ou francesa, a partir da década de 1970, “no sólo habían perdido el tren de las traducciones sino también el de las interpretaciones” (MORCILLO LAIZ; WEISZ, 2016, p. 21), o que indicaria tanto i) a ausência de estudos mais *lúcidos* sobre a obra weberiana, que emancipariam a dependência de fontes secundárias (como Parsons ou Shils), quanto ii) diminuí o protagonismo da língua espanhola na propagação do pensamento de Weber, cujos melhores subsídios estão disponíveis em alemão e inglês.

### C) Argentina e O Cone Sul

Repetindo a tendência macro da recepção weberiana em língua espanhola, a recepção de Weber no chamado Cone Sul da América Latina deriva de duas formas

de recepção que em alguns casos se mesclam: a chegada de intelectuais exilados da Espanha e o trânsito pela Europa. A este respeito, Morales Martín (2016) elenca, além dos nomes já citados nesta seção, o nome de **Ernesto Quesada** que muito cedo, entre 1879 e 1880, teve formação em nas universidades de Berlim e Leipzig, retornando à última em 1909, para em seguida ocupar uma cátedra de sociologia da *Universidad de Buenos Aires*. Outros nomes são citados por Morales Martín (2016), de autores em circulação pela Espanha, que tomaram contato com o pensamento alemão através da *Revista de Occidente*, editada por **José Ortega y Gasset** na Espanha em modernização dos anos de 1920. Aliás, a *Revista de Occidente* foi profícua em traduzir autores alemães para o espanhol no período entre 1925 e 1930. Morales Martín (2016) elenca os nomes de Hans Freyer (1931), Max Scheler (1926 e 1935), de Georg Simmel (1927), Werner Sombart (1928), Ferdinand Tönnies (1932) e até mesmo Alfred Weber (1932). Assim como a *Revista de Occidente* foi importante no papel de difusão das ideias alemãs, outras editorias espenholas são enumeradas por Morales Martín (2016), contam-se *Aguilar, Espasa-Calpe y Labor*, e a revista *Tierra Firme*, editada entre 1935 e 1937 pela *Sección Hispanoamericana* do *Centro de Estudios Históricos* da *Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas* (JAE).

Graças a este canal aberto entre América Latina e Espanha, a disseminação e fortalecimento do pensamento de Weber no Cone Sul, indica Morales Martín (2016) vai ganhar força no início dos anos de 1940, além de José Medina Echavarría, também nos nomes de **Francisco Ayala** e **Luis Recasens Siches** que, na Espanha dos anos de 1920, obtiveram formação na Alemanha a partir de financiamento concedido pelos JAE, orientados para formação de pessoal no exterior com vistas a melhorias e renovações pedagógicas e científicas.

Este canal aberto abre caminho de contínua circulação para a sociologia alemã na ponte Espanha–América Latina acaba por se configurar, também, em um itinerário regional latino-americano. Ou, mais precisamente, um corredor de colaboração entre o México e Argentina.

Como já citado, Medina Echevarría ocupa posição docente no México já desde sua chegada, em 1933, quando se torna Professor Titular de Sociologia da Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Escuela Nacional (subordinada a

Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM) e desempenha funções como Professor de Sociología da Facultad de Economía de la Escuela Nacional de Economía, passando à frente do *Centro de Estudios Sociales de El Colegio de México*, em 1943. Quanto a Ayala, Morales Martín (2016) relata que aquele se tornou membro titular do Instituto Argentino de Filosofía Jurídica y Social, em 1940 e, em 1941, assumiu a cátedra de sociologia da Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales de la Universidad Nacional del Litoral. Exerce o cargo de professor até 1943 (ESCOBAR, 2011, p. 75).

Com estas condições relativamente favoráveis de presença editorial, os primeiros anos de presença dos exilados espanhóis ensejam bons ventos para a sociologia alemã na América Latina, tornando-a “en la referencia intelectual indispensable de este camino de ida y vuelta entre Argentina y México” (MORALES MARTÍN, 2016, p. 615).

É neste contexto que a ação editorial de Losada (Argentina) e Fondo de Cultura Económica (México) acaba por se tornar o grande marco regional de publicação não só para a sociologia weberiana, mas para própria sociologia alemã. A este respeito, Morales Martín (2016) reafirma que Ayala e Medina Echavarría acabam ocupando o papel de grandes promotores do pensamento sociológico alemão por ativa presença editorial nestes veículos, cobrindo o público latino-americano do que *para* “ellos era sinónimo de excelente sociologia” (MORALES MARTÍN, 2016, p. 615).

Já em 1941, relata Morales Martín (2016), Ayala passou a dirigir o acervo da Biblioteca de Sociología de Losada, endossando a publicação do livro *Sociología y Filosofía Social*, de Renato Treves, em 1941, com um capítulo todo dedicado aos tipos ideais weberianos e, em 1944, foi responsável pela tradução do livro, *La sociología, ciencia de la realidad. Fundamentacion logica del sistema de la sociologia*, de Hans Freyer. Em outra frente, Medina Echavarría, veio a assumir a Sección de Sociología del Fondo de Cultura Económica, em 1939, abrindo espaço para autores alemães, como Mannheim, Tönnies ou Alfred Weber (MOYA, 2007 apud MORALES MARTÍN, 2016, p. 615); em 1948, publicou *Historia econômica general*, de Max Weber, com tradução de Manuel Sánchez Sarto; finalmente, em 1944, publica a impactante *Economía y sociedade*, que ressoa estrondosamente por

toda a América hispânica, e também no Brasil. Conforme Morales Martín (2016), a edição é vertida ao espanhol por uma equipe de tradutores chefiada pelo próprio Medina Echavarría, são eles: **Juan Roura Parella**, **Eugenio Ímaz**, **José Ferrater Mora** e o mexicano **Eduardo García Máynez**.

Ao término da Segunda Grande Guerra, a sociologia argentina passa por mudanças. Morales Martín (2016) distingue dois fatores principais para esta transição: i) primeiramente, por seguir a tendência de internacionalização e difusão de estudos sociológicos que era corrente à época, abrindo caminho a uma suposta superação *sociologías nacionales*, pelo aparecimento de uma *sociología latinoamericana*, com problemas, métodos e conceitos que teorizavam e refletem a realidade regional; ii) o segundo fator de transição estaria ligado à onda de transformação pela qual os próprios países da América Latina estariam passando, sobretudo com o desenvolvimento e a modernização de algumas regiões, que trariam à sociologia local uma nova gama de problemas de pesquisa, que demandavam por novos conceitos, métodos e teorias, colocando em tensão referenciais teóricos anteriores ao período em questão. A partir deste cenário, Morales Martín (2016) arremata que a gênese de uma sociologia latino-americana esteve ligada desde o princípio a estes problemas, modernização e desenvolvimento, que balizaram desde a “Teoria centro-periferia” de **Raúl Prebisch**, passando pelos exames analíticos do brasileiro **Celso Furtado**, até a “Teoria da dependência”, de **Cardoso** e **Faletto**, cuja influência de Weber é justificada (MORALES MARTÍN, 2016, p. 625).

Sobre esta nova demanda de interpretação regional, Blanco (2007) ao analisar o desenvolvimento da sociologia argentina, sinaliza que a divulgação de Weber em língua espanhola acabou por se dar em um momento de transição, na qual se buscavam tentativas de renovação das ideias intelectuais da disciplina em um projeto de formalizar a sociologia uma ciência empírica e analítica. Neste caso, mesmo a sociologia weberiana fica subordinada a uma disputa teórica e metodológica entre a sociologia alemã e a norte-americana, em cujo cenário o próprio Weber teria sido um catalizador da institucionalização de uma “sociologia científica”, mais empírica e analítica, pós anos de 1950, mesmo não tendo sobrevivido em meio a esta institucionalização.

## 2.4 RECEPÇÃO NA ÁSIA

Em se partindo das reflexões de Max Weber sobre o capitalismo, torna-se central a discussão sobre a afinidade entre o *ethos* das seitas protestantes e o “espírito” do capitalismo e o desenvolvimento das “formas de racionalização essenciais ao surgimento do capitalismo moderno” [formes de rationalisation indispensables à l’émergence du capitalisme moderne] (BRISSON, 2016, p. 304). Ao examinar o deslocamento e a recepção das teses Max Weber sobre sociologia das religiões no Japão pelo Sudeste Asiático entre os anos de 1930 e 1980, Brisson (2016) conclui que intelectuais asiáticos e especialistas japoneses leram as teses weberianas sobre o confucionismo em duas vias, uma formal e outra substantiva, sendo que a aceitação de Weber em nível formal acaba “por andar de mãos dadas” [sont ainsi allés de pair] à rejeição que o cerca em termos substantivos (BRISSON, 2016, p. 303).

Por dentro do argumento, Brisson (2016) observa um papel central das teses sobre o confucionismo dentro do debate sobre o capitalismo e a modernidade na Ásia, mas um papel que se explica mais pela estrutura de relações que ela organiza do que pelo seu conteúdo, o que levaria a uma invalidação gradual da tese weberiana “que fazia do confucionismo um obstáculo ao desenvolvimento do capitalismo [qui faisait du confucianisme un obstacle au développement du capitalisme]” (BRISSON, 2016, p. 303), na mesma medida em que o confucionismo acaba por tornar-se um fator no sucesso do capitalismo asiático, porém, dentro do quadro, o vínculo que se estabeleceria entre religião e modernidade emergiu como um esquema intelectual central no debate.

As teses sobre o confucionismo passaram a ser mais debatidas por intelectuais não ocidentais na mesma medida em que iam se familiarizando com as ciências sociais europeias, expõe Brisson (2016), exatamente como teria acontecido no Japão, país que Brisson (2016) destaca como o primeiro país não ocidental que “embarcou” no caminho da modernização e, por consequência, traduziu Max Weber de forma bastante antecipada, “como um dos símbolos de uma modernidade ocidental de que era necessário apropriar-se [comme l’un des symboles d’une



modernité occidentale qu'il fallait s'approprier]" (BRISSON, 2016, p. 304). Entretanto, pondera Brisson (2016), os intelectuais japoneses também serão sensíveis aos numerosos escritos de Weber sobre o confucionismo e as religiões asiáticas. De tal modo, que em meados do século passado, após um longo processo de interpretação teórico-crítica, as teses sobre confucionismo passam por um processo de reversão que se alinha com o desenvolvimento do milagre econômico e a súbita afirmação de prosperidade dos anos de 1970 por parte dos grandes "Dragões Asiáticos"<sup>110</sup> (Taiwan, Hong Kong, Cingapura e Coréia do Sul), que daria "uma dimensão global a uma tese weberiana transfigurada, servindo de base para a ideia de um 'modelo de capitalismo asiático' [donnera une dimension globale à une thèse wébérienne transfigurée, servant de base à l'idée d'un 'modèle de capitalisme asiatique'.]" (BRISSON, 2016, p. 304).

#### A) Japão

Do ponto de vista editorial, Max Weber configura um sucesso no Japão. A esse respeito, Roth (1999) sinalizou que, nos idos de 1988, quando a editor Mohr Siebeck abriu para o mercado as assinaturas da MWG, dois terços dos pedidos vieram do Japão. Citando Wolfgang Schwentker — um dos coeditores da MWG que, pessoalmente, debruçou-se de forma atenta sobre a recepção weberiana — Roth (1999) destaca que o impacto da obra de Weber no Japão, remetendo à década de 1920, deu-se muito pelo fato de que um grande seguimento das ciências sociais e culturais interpretou a história moderna da sociedade japonesa "as a special case of partial modernization or, in Weberian terms, of partial rationalization", tudo isso enquanto os *modernists* japoneses viam em Weber uma que referência que lhes mostrou "a path out of the magic garden of religious and political salvation doctrines and let them see with new eyes the world from which they came and which they entered" (SCHWENTKER, [c.a. 1990] apud ROTH, 1999, p. 518).

---

<sup>110</sup> Algumas vezes, também chamados "Tigres Asiáticos" (cf. FÖLSTER, 2020).

Aliás, o próprio Schwentker (2014) aponta que as ciências sociais japonesas têm mais de 100 anos de envolvimento com Max Weber. O sucesso é tamanho que os textos mais famosos de Weber, como *Protestantische Ethik; Wissenschaft als Beruf; Politik als Beruf; Konfuzianismus und Taoismus; Musiksoziologie*; além de partes de *Wissenschaftslehre* e de *Wirtschaft und Gesellschaft*, “já estavam disponíveis em tradução japonesa antes do final da Segunda Guerra Mundial [lagen bereits vor Ende des zweiten weltkriegs in japanischer Übersetzung vor]” (SCHWENTKER, 2014, p. 128).

O grande envolvimento do Japão com os processos de modernização, analisa Brisson (2016), remete ao início da Era Meiji (1867–1912)<sup>111</sup>, período no qual o Japão empreendeu o desenlace tradicional com o sistema feudal. Estudantes foram enviados a Europa para aprender sobre seu modo de vida e “de modo a adquirir conhecimentos que se acreditava serem a base de seu poder [afin d’y acquérir des savoirs dont on pense qu’ils sont la base de sa puissance]” (BRISSEON, 2016, p. 306). De acordo com Brisson (2016), o caso alemão despertou interesse particular dos japoneses por compartilharem uma condição de modernizadores tardios [*late modernizers*], condição que gerou comparações e foi um dos impulsionadores de uma recepção de Weber de primeira hora. Em resumo, a tese de Brisson (2016) aponta para um profundo interesse por parte dos japoneses para a compreensão das ciências sociais alemãs porque, ali, enxergavam a possibilidade real de compreender a essência da modernidade e as condições para uma importação bem-sucedida, mesmo a atenção não sendo exclusivamente ao pensamento weberiano.

São quatro, as fases mais marcantes da recepção de Weber no Japão elencadas por Schwentker (2014): i) a partir de 1900 — A descoberta de Max Weber em vida e da sua obra se deu com a passagem uma série de jovens economistas e reformadores sociais japoneses que foram estudar economia na Alemanha com foco em lidar com o problema de uma condição feudal do Estado japonês. Schwentker

---

<sup>111</sup> Época de modernização acelerada do Japão sob a liderança de Mutsuhito, o Imperador Meiji. A Era Meiji substituiu a Era Edo (1603-1868), na qual, o país ainda se encontrava em condições majoritariamente feudais e se mantinha relativamente fechado para o exterior.

(2014) destaca os nomes de **Fukuda Tokuzō** — aluno de Lujo Brentano e que fez o doutorado em Munique em 1900, com um estudo sobre a história social e econômica do Japão na Era Edo — e **Shiro Kawada**, economista que lecionava na Universidade Imperial de Kyoto e, em 1910, apresentou no livro *Shihonshugiteki seishin* [*The capitalist mind handles*] as posições de Sombart, Brentano, Weber e outros no debate sobre a emergência do capitalismo moderno, mas mantendo algumas reservas em relação a Weber; ii) entre os anos de 1920 e 1945 — no período, o Japão retoma o debate sobre o capitalismo sob um novo prisma, buscando determinar com mais precisão as origens do capitalismo japonês. Destaca-se um protagonismo de intelectuais marxistas ao longo da década de 1920 e meados da década de 1930, legando pouca atenção ao pensamento de Weber até a projeção do livro *Toyo ni okeru shionshugi no keisei* [*A Origem do Capitalismo na Ásia*], de 1923, do historiador que transitou por Heidelberg na década de 1920, **Hani Gorō**, que resgatou Weber a partir de questões econômicas, mas que também apresenta tópicos sobre as ideias religiosas e sociais na implementação do capitalismo industrial moderno. No período, o nome de Weber também começa a circular com mais força entre os sociólogos japoneses, desta vez, levando-o em consideração como um dos fundadores da disciplina. A este respeito, Schwentker (2014), considera que a nova ancoragem de Weber é tributária do papel dos intelectuais alemães que circularam em exílio temporário no Japão, após a ascensão do regime nazista em seu país de origem. Schwentker (2014) cita os nomes do filósofo **Karl Löwith** e do também filósofo e economista **Kurt Singer**, que deram bastante destaque a *Wirtschaft und Gesellschaft* e a *Protestantischen Ethik* em suas publicações para uma nova geração de acadêmicos japoneses, incluindo um artigo de Karl Löwith, de 1932 que, Schwentker (2014) teve mais de 50 edições entre os anos de 1949 e 2014, trata-se de *Wēbā to Marukusu*, no qual Löwith a explorar as ideias de Weber e de Max; iii) a partir de 1945 a 1964 — uma geração de intelectuais que sobrevivem à Segunda Guerra Mundial e que “poderia tirar o Japão do suposto jardim mágico da magia religiosa e política e rumo a uma sociedade democrática [die Japan aus dem vermeintlichen Zaubergarten religiöser und politischer Magie heraus– und auf den Weg zu einer demokratischen Gesellschaft hinführen konnten]”, uma vez que o país já havia passado por mudanças bruscas em

tão pouco tempo, como “regime militarista–autoritário, com imperialismo, guerra e devastação nuclear [mit einem militaristisch–autoritären Regime, mit Imperialismus, Krieg und atomarer Verwüstung]” (SCHWENTKER, 2014, p. 130). É neste contexto que as teses weberianas da racionalização ganham o centro da reflexão político–cultural. Destacam-se os nomes de **Hisao Ōtsuka** — que, apesar de defender uma visão evolucionista d’*A Ética Protestante*, colocava em questão o surgimento de um indivíduo autorresponsável [*selbstverantwortlichen*] — e **Michio Morishima**, que junto a outros economistas, de acordo com Schwentker (2014), apontou as peculiaridades do confucionismo japonês que desde o período Tokugawa enfatizou mais a lealdade do que o cuidado e o respeito pelos pais, algo que colocava o indivíduo em tensão com o Estado e a sociedade; iv) da década de 1970 aos dias atuais — se até a década de 1970 as leituras de Weber no Japão colocavam–no em complemento a Marx, Schwentker (2014) analisa que a partir deste período, Weber passa a ser lido em oposição ao teórico do socialismo. Uma curiosidade sobre a influência de Friedrich Nietzsche em Weber também é alimentada no período. Schwentker (2014) destaca a apresentação que o sociólogo e historiador **Yasushi Yamanouchi** faz em uma introdução de Weber como um intelectual “Não mais interpretado como a encarnação de um espírito protestante, mas junto com Nietzsche como uma tentativa de uma revolta violenta contra o mundo moderno [nicht mehr als Inkarnation eines protestantischen Geistes interpretieren, sondern zusammen mit Nietzsche als Versuch einer scharfen Revolte gegen die moderne Welt]” (SCHWENTKER, 2014, p. 132). Outro nome destacado por Schwentker (2014) é o de **Hideharu Andō** que tem, desde 1969, rastreado a vida de Max Weber, realizando entrevistas com contemporâneos do sociólogo alemão e compilados de inúmeras fontes, incluindo cartas de Max Weber.

Até 1945, Marx ocupava um lugar de bastante prestígio entre os japoneses, situa Brisson (2016), por ser um autor que fornecia ferramentas heurísticas para a para entender as transformações introduzidas pela economia de tipo capitalista. *A Ética protestante...* foi traduzida para o idioma japonês em 1936, por **Tsutomu Kajiyama**, “um intelectual solitário, convertido ao cristianismo e socialmente degradado, que se matou (literalmente) no trabalho [un intellectuel solitaire, converti au christianisme et socialement déclassé, qui se tua (littéralement) à la tâche]”

(BRISSEON, 2016, p. 307), contudo, a versão de Kajiyama logra pouco êxito, pois Weber desperta mais interesse entre economistas do que entre cientistas sociais ou da história econômica. Uma primeira tradução de *Confucianisme et Taoïsme* aparece em 1940, obtendo ainda menos atenção do que a *Ética Protestante*<sup>112</sup>.

Conforme Brisson (2016), nos anos de 1950 a 1960 uma nova tendência intelectual ganha força: após os eventos devastadores que assolaram o Japão ao final da Segunda Grande Guerra, o segundo milagre econômico japonês dá à nação japonesa o *status* de grande potência econômica poucos anos após sua quase destruição, despertando os interesses dos observadores internacionais sobre as raízes de sua cultura e a explicação de sua modernização bem-sucedida, movimento que, de acordo com Brisson (2016), proporcionou que a ideia de um vínculo positivo entre as religiões da Ásia e a modernidade encontrasse um eco importante na comunidade científica.

Esta foi uma tendência que, como analisado por Brisson (2016), ganhou força e repercussão a partir da realização de uma série de conferências entre intelectuais americanos e japoneses realizadas na cidade de Hakone (mais tardes conhecidas como *Conferências de Hakone*), entre os anos de 1960 e 1969. A questão central das conferências era a compreensão de como a busca de acesso à modernidade pôde significar para o Japão — em tão pouco tempo — tanto uma relação com o fascismo (cuja repetição deveria ser evitada) como uma conseguinte guinada exemplar à modernização plena. No grupo de americanos, figuram especialistas do Japão ou da Ásia cuja *expertise* recebeu atenção especial por conta da ocupação americana no Pós-guerra; No grupo de intelectuais japoneses, quase sempre ligados a universidades americanas, Brisson (2016) destaca os nomes de **Shūichi Katō** e **Maruyama Masao**.

Para Brisson (2016), as conferências são realizadas em cenário de prosperidade para as teorias de modernização, em muito alimentada por “generosos

---

<sup>112</sup> Cf. Schwentker ([a.c. 1990, p. 31] apud Roth, 1999, p. 521), que indica: “between 1925 and 1945 almost all the important works of Max Weber were translated [...]. We must therefore insist on the significant fact that by 1945 the Japanese cultural and social scientists had available essential parts of the the oeuvre”.

fundos americanos” [alimentées par des financements américains généreux] (GILLMAN, 2004 apud BRISSON, 2016, p. 308) que infundem uma série de obras na Ásia, tanto por tensionar questões sobre as controvérsias sobre a modernização, quanto por oferecer novo arcabouço no esforço de promover para a região uma alternativa ao marxismo. E é neste cenário que Weber prospera, principalmente, sustenta Brisson (2016), pelos recursos apresentados a partir da sociologia das religiões weberiana para se pensar a questão da modernidade em espaços não europeus. As Conferências de Hakone lançaram novo olhar sobre a história do Japão, avaliando as tendências endógenas e exógenas para o desenvolvimento cultural de sua modernização. Ganham forças as teses sobre uma modernidade que não teria surgido do caso “de uma sociedade irremediavelmente tradicional que de repente teria despertado contato com o Ocidente” [d’une société irrémédiablement traditionnelle qui se serait soudainement éveillée au contact de l’Occident], mas da visão endógena de que “as idéias comumente associadas ao confucionismo parecem conter elementos que foram fundamentais para o surgimento de um *ethos* moderno” [les idées communément associées au confucianisme se révèlent contenir des éléments qui ont été déterminants pour l’émergence d’un *ethos* moderne] (JANSEN, 1965, p. 40 apud BRISSON, 2016, p. 309). Conforme Brisson (2016), as hipóteses de Weber serão envolvidas, então, em um profundo debate de vinculação da tradição e da modernização, observando tanto fatores exógenos (influência do Ocidente e um *ethos* europeu internalizado) quanto fatores endógenos (fundamentos da cultura, sobretudo *ethos* confucionista que desdobraria em alguns alinhamentos com a modernização).

Os debates que se desenrolaram nas Conferências de Hakone são contextualizados por Brisson (2016) como parte de uma reflexão mais ampla que ora se aproxima de Weber, ora se distancia. Neste contexto, Brisson (2016) cita: **Robert Bellah**, um ex-aluno de Parsons, que apresentou uma correlação positiva entre as religiões do período Tokugawa e a “decolagem econômica [le décollage économique]” do final do século XIX (Bellah, 1957 apud BRISSON, 2016, p. 309) e, referindo-se diretamente isso, defende a reavaliação do caso japonês à luz d’*A Ética Protestante*; **Norman Jacobs**, outro ex-aluno de Parsons que se apoia na Sociologia das religiões para comparar a entrada bem-sucedida do Japão na modernidade em

oposição ao caso da China, com a hipótese de uma especificidade do sistema sociorreligioso do Japão; **Robert Scalapino**, para quem a existência de um “sistema confucionista de valores” torna possível entender melhor o crescimento econômico a partir da aclimatação na Ásia de um *ethos* baseado no sentido de “dignidade interna”; **Hisao Ōtsuka**, que se opõe a ideia de um *ethos* asiático (apoiado por uma dignidade externa e social) e um *ethos* europeu (internalizado), cujo desenvolvimento ele recomendaria na sociedade japonesa como antídoto para um possível retorno ao militarismo.

Entretanto, adverte Brisson (2016), os pesquisadores japoneses parecem paradoxalmente os mais inclinados a compartilhar no debate o que as teses weberianas têm de mais etnocêntricas, como interpretar que o olhar de Weber sobre a relação religião-capitalismo fosse algo a ser extrapolado a outros contextos histórico-compreensivos. Uma visão de Weber originada, segundo Brisson (2016), por pensadores japoneses cujas socializações intelectual e política se deram em um contexto em que as principais tentativas de relativizar a centralidade da referência ocidental partiram de correntes nacionalistas. Brisson (2016) cita Ōtsuka, Maruyama e Katō que reivindicam essa inspiração europeia. O que se dará de modo diferente no caso de pesquisadores geração seguinte, abordarão a questão sob um novo ponto de vista disciplinar. Brisson (2016) cita **Makoto Hayashi** e **Hiroshi Yamanaka**, antropólogos e estudiosos religiosos japoneses que fizeram amplo uso dos estudos weberianos na década de 1960 para reavaliar o tipo de racionalidade em ação em vários cultos no arquipélago. Eles emprestaram de Weber muitos de seus conceitos, mas criticaram os preconceitos etnocêntricos de certas análises, em favor de uma visão plural do fato religioso.

É aí que nasce a interpretação corroborada por Brisson (2016), de que há uma aceitação formal de Weber em oposição a uma negação substantiva: pesquisadores japoneses levaram a Weber a ideia de que a origem da modernidade se encontra do lado da cultura e da religião, porém, defenderam que o Ocidente não tem prerrogativa desse vínculo, já que o Japão encontra em suas influências confucionista e zen algumas das causas de seu bem-sucedido desenvolvimento. Neste sentido, Brisson (2016), o aspecto formal da tese weberiana acaba se tornando mais importante que seu aspecto substantivo, avaliando que, para além do

elo substancial entre capitalismo e protestantismo, é o elo estrutural entre capitalismo e religião que serão interessantes para os intelectuais japoneses que, posteriormente, enxertariam estas ideias nas próprias teses locais sobre a modernidade e na rejeição e aceitação de aspectos selecionados da afinidade confucionista, rejeição, sobretudo, quando em comparação ao caso chinês.

### *B) O Sudoeste asiático*

Entre os anos de 1970 e 1980, um grupo de países do Sudoeste Asiático experiência uma intensa catalisação de seu sistema econômico. Hong Kong, Taiwan, Cingapura e Coréia do Sul tornam-se economias de referência tanto para o setor econômico da Ásia, quanto mercado internacional.

Ao interpretar estes fenômenos econômicos relacionados aos países que, junto ao Japão, ficaram conhecidos no período como “Dragões Asiáticos”, Brisson (2016) continua atento ao *ethos* que permeou os processos de modernização da região. Os Dragões tiveram seu sucesso econômico assentado na modernização industrial. Junto ao Reino Unido e aos EUA, o Japão compunha o terceiro coração do capitalismo no mundo.

Neste ponto, Brisson (2016) reconhece uma terceira fase da implantação da hipótese confucionista no Japão e Sudeste Asiático, movimento que fornecerá uma explicação coerente sobre como estes países alcançaram sucesso pertencendo à “China cultural” mesmo sem estarem alinhados com Pequim. Em um contramovimento, assinala Brisson (2016), enquanto a China comunista trabalhava para se modernizar a partir de um rompimento com a tradição e o passado feudal, Taiwan, Hong Kong e Cingapura acabaram por se tornar receptáculos de preservação da herança histórica e filosófica da China clássica e, principalmente, do confucionismo, traço cultural ainda mais marcante na Coréia do Sul. Nesse contexto, sublinha Brisson (2016), a hipótese confucionista assumirá uma nova escala, porque já não se trata apenas do Japão, são os países centrais do confucionismo que estão no centro da análise. E, aqui, Brisson (2016) estende sua tese de uma releitura do capitalismo via confucionismo a todo o grupo dos Dragões. Para o pesquisador,



Além do grupo de participantes das Conferências de Hakone, textos, conceitos e reflexões do período anterior serão resgatados para servir como base, dando, por sua continuidade, a permanência a hipótese weberiana que continua e se transforma. Dado que o exemplo japonês já havia levado a uma reversão, mesmo que parcial, do estigma associado ao confucionismo, com os quatro Dragões, “a reversão chega ao fim de sua lógica, já que o confucionismo passa a ser visto como um fator de modernização” e, desta maneira, “a hipótese agora pode ser generalizada para todos os países com os quais teria permeado a estrutura social” [le retournement va au bout de sa logique puisque le confucianisme en vient à être vu comme un facteur de modernisation à part entière, l’hypothèse pouvant désormais être généralisée à tous les pays dont il aurait imprégné la structure sociale]” (BRISSON, 2016, p. 313).

Nesse contexto, conforme Brisson (2016), a hipótese weberiana é novamente colocada no centro da análise, mas dessa vez passando por uma mudança radical diante da busca no confucionismo por um equivalente d’*A Ética Protestante...* na explicação do “milagre econômico” dos Dragões. Contudo, Brisson (2016) alerta que não se trata de mera transposição de um *ethos* a outro: “não é tanto que o confucionismo tenha criado uma ética ascética orientada para o domínio racional do mundo” [ce n’est pas tant que le confucianisme aurait créé une éthique ascétique orientée vers la maîtrise rationnelle du monde], mas, em outro sentido “os diferentes autores se propuseram a mostrar como o confucionismo favorecia um conjunto de determinações específicas que explicam o desenvolvimento do capitalismo asiático” [les différents auteurs s’attachent à montrer comment le confucianisme a favorisé un ensemble de déterminations propres qui expliquent le développement du capitalisme asiatique] (BRISSON, 2016, p. 309). Esclarecendo contra ambiguidades, Brisson (2016) realça que os trabalhos realizados no período entre os anos de 1970 e 1980 consistiram em esforços para estabelecer a natureza dessa conexão, partindo-se da clareza de que o confucionismo não pode ser concebido como um estrito equivalente funcional do protestantismo e, *au contraire*, a maioria dos autores adota cuidadosa postura em manter a especificidade de cada uma dessas experiências. Embora estas experiências sejam arriscadas, conclui Brisson (2016), permanece o fato de que o trabalho de Weber é objeto de uma leitura renovada, como na releitura

em que se descobre um Max Weber para além da visão de Parsons, sob outra ótica hermenêutica do texto weberiano e a redescoberta de “um Weber preocupado com as ambivalências da modernidade, longe da imagem mais suave que o funcionalismo lhe dera” [un Weber inquiet devant les ambivalences de la modernité, loin de l’image plus lisse qu’en avait donné le fonctionnalisme] (BRISSON, 2016, p. 315).

### C) *China e Taiwan*

A recepção de Weber na China também esteve sujeita a condições políticas e econômicas, como no caso dos Dragões Asiáticos. Sobre este caso, Tsai (2016) enuncia que as obras de Weber — principalmente seu pensamento sociológico — tiveram suas primeiras traduções introduzidas nas décadas de 1930 e 1940, sujeitando-se a um *vacuum* durante os anos 1950 e 1960, sofrendo novas tensões nos anos 1980, pois, apesar do renascimento weberiano datar dos anos de 1960 e 1970, a renovação do interesse na sociologia weberiana entre as comunidades acadêmicas chinesas em Taiwan, Hong Kong e na própria China continental só retornaria nos anos de 1980, seguindo a tendência do desenvolvimento econômico do Leste Asiático.

De acordo com Tsai (2016), a sociologia chinesa se estabelece por volta do início do século XX, com pouquíssima atenção dispensada a Weber em um contexto em que os sociólogos chineses estavam em tensão com os intelectuais tradicionais em questões disciplinares de renovação do conhecimento nos campos da literatura, história e filosofia, num embate direto com “filósofos culturais” do Novo Confucionismo e em alinhamento com antropólogos contemporâneos debateram a sociedade chinesa partindo de análises funcionalistas e comunitárias (TSAI, 2016, p. 119). Neste cenário, as obras de Weber foram caracterizadas de duas maneiras diferentes: como uma subsidiária da *systematic sociology* alemã, aparecendo primeiro na década de 1920 em periódicos acadêmicos como a *Eastern Miscellany*, e depois nos livros publicados nas décadas de 1930 e 1940; e, tomando como referência uma interpretação resumida em um ensaio de 1947, de **Lin He**, como tratados morais e espirituais, em vez de reflexões sobre as dimensões institucionais

e materiais da modernização. Tsai (2016) indica que há, tanto nos artigos da *Eastern Miscellany*, quanto em artigos de **Wen-Zao Wu**, de 1934, e de **Ben-Wen Sun**, de 1947, uma defesa acentuada da sociologia alemã como uma alternativa à sociologia britânica, francesa e americana e uma rejeição aos fundamentos biológicos [*biological underpinnings*] das sociologias ocidentais. Foi exatamente a ênfase nos elementos culturais, sustenta Tsai (2016), que atraiu os sociólogos chineses para a sociologia alemã.

De acordo com Tsai (2016), a sociologia chinesa deste período concentrava bastante atenção nos trabalhos de Tönnies ou Simmel, contudo, a sociologia compreensiva de Weber foi introduzida por conta de sua análise histórica comparativa das religiões mundiais e dos usos metodológicos da *verstehen* e dos tipos ideais. Frequentemente, encontravam-se referências aos *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* [**GARS**], contudo, discorre Tsai (2016), pouca identificação se deu por parte dos sociólogos chineses com a natureza do trabalho de Weber à época. O sociólogo alemão e seus trabalhos sobre as religiões mundiais pareciam um tanto sistemáticos aos olhos dos intelectuais chineses, equilibrando diferentes posições dentro do debate sobre culturas chinesas e culturas ocidentais, pareciam “ostensibly equal treatments of different civilizations” (TSAI, 2016, p. 120).

Nesta fase, argumenta Tsai (2016), embora alguns conceitos-chave da sociologia weberiana, como “tipos ideais”, tenham caído no gosto dos sociólogos chineses, a falta de uma contextualização avançada dos debates pelos quais Max Weber se engajou — sobre economia, sociologia e filosofia — impediu um aprofundamento substancial ao pensamento do alemão, limitando-o a usos pontuais e bastante introdutórios como um pensador suplementar [*supplementary thinker*] (TSAI, 2016, p. 120). Além disso, alguns intelectuais tradicionais chineses “*who had been forced to subordinate their national studies to modern humanities*” (TSAI, 2016, p. 120), enquadraram Weber dentro da luta entre tradição e modernidade, como no caso de *Wenhua yu Rensheng* [*Cultura e Vida*] de **Lin He**, publicado em 1947, espelho de uma reflexão ocorrida ao longo de toda década de 1930 no qual, esclarece Tsai (2016), os intelectuais chineses transitam da discussão sobre os prós e contras da modernização diretamente para o debate sobre como realizar a modernização ao estilo chinês, tornando a discussão uma questão entre a

moralidade deliberativa [*deliberative morality*] e o estabelecimento da infraestrutura correspondente. O resultado é, sentencia Tsai (2016), uma crítica parcial de Weber nos anos de 1940, segundo a qual, as teorias de Weber eram aceitas *point-by-point* pelos intelectuais chineses e nunca tomadas como um todo, situação oposta à “invenção” da teoria weberiana por Parsons ou à posterior “canonização” transatlântica dos conceitos de Weber (DERMAN, 2012; SCAFF, 2011 apud TSAI, 2016, p. 121).

Nos primeiros anos dos escritos weberianos na China, conforme Tsai (2016), Weber era visto como um *sociological historian* e não como um teórico social, muito mais conhecido por suas obras históricas e empíricas, como a *Ética Protestante*, introduzida ao público chinês na década de 1930, ou *General Economic History*, traduzida em 1936 pelo físico-matemático **Tai-Pu Zheng** que já havia traduzido em 1931 *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* de Isaac Newton; nos anos de 1960, mais duas obras de Weber são traduzidas para o chinês publicadas separadamente em Taiwan e na China: uma tradução parcial de *A Ética Protestante*, em 1960, realizada por um professor de economia especialista em mercantilismo inglês na *National Taiwan University*, **Han-Yu Chang**, que já houvera traduzido outras obras influentes na história econômica ocidental, como *The Wealth of Nations* de Adam Smith, e *Land and Labour in China* na China, de R.H Tawney; ao final da década de 1960, a outra publicação era esboço informal de uma nova versão para *General Economic History* (que só seria publicada oficialmente em 1981), traduzida por **Ceng-Yi Yao**, que ocupou cargo de professor de ciência política na *Soochow University* e, depois, trabalhou como editor e tradutor profissional.

A mudança na recepção de Weber se dá em meio as grandes mudanças nas dinâmicas econômicas da China e, como visto anteriormente em Brisson (2016), no Sudeste Asiático. Tsai (2016) detalha o processo de “reinvenção” de Weber como um teórico da cultura em meio aos anos de 1980 como “an unintended consequence worthy of note” (TSAI, 2016, p. 122). Como explica Tsai (2016), a *Weber fever* foi disparada em Taiwan por intelectuais midiáticos desenvolvendo suas análises “about economic growth in East Asia in newspaper columns and journalistic commentaries” (BARBALET, 2014; HUANG; CHENG, 2013 apud TSAI, 2016, p. 122), de tal modo que a ideia de que haveria um componente “espiritual” ou cultural que explicasse tal

fenômeno de crescimento econômico passou a nortear as questões elaboradas por muitos estudiosos chineses estrangeiros e por especialistas ocidentais pesquisadores sobre o Leste da Ásia. É neste cenário que a recepção de Weber sofre uma mutação e, de acordo com Tsai (2016), o sociólogo de Heidelberg vai de historiador econômico do capitalismo a analista da cultura moderna “as a prophet who seemed to foresee the relationship between economic development and ethical orientation”, mas que, apesar de todos os esforços intelectuais, “failed to apprehend some key characteristics of Chinese culture”, uma interpretação (TSAI, 2016, p. 122).

No entanto, Tsai (2016) demonstra que esta recuperação simplista [*simplistic recovery*] do pensamento de Weber causou desconforto entre os sociólogos e, em meio a muitas discussões, foi substituída por interpretações mais avançadas de Weber, gestadas em Taiwan e China, que buscavam uma percepção além da questão da “the Confucian ethic and economic development” (TSAI, 2016, p. 123) e que estivesse engajada com a percepção de Weber como um teórico social da modernidade. Tsai (2016) enumera três abordagens que se tornaram mais influentes no período, partindo de diferentes comunidades acadêmicas com suas próprias maneiras de reconstruir Weber como um teórico social: **Cheng-Shu Kao** da Universidade de Tunghai com seus colaboradores, **Gary Hamilton** e discípulos (CHANG, 1995; CHEN ET AL., 1989; HAMILTON, 1990; JAI ET AL., 1989; KAO, 1988 apud TSAI, 2016, p. 123); **Chung-Hwa Ku** e **Duan Lin**, supervisionados por Wolfgang Schluchter e simpáticos à sua interpretação de Weber (KU, 1992; 1997; LIN, 1994; 2003; SCHLUCHTER, 1986; 2014 apud TSAI, 2016, p. 123); e **Guo-Xun Su**, atualmente professor na *Chinese Academy of Sciences*, e seus seguidores, que procuram integrar as implicações teóricas da tradição weberiana com o paradigma marxista dominante na China (LI, 2001; 2010; SU, 1988; 2007; 2011; YING; LI, 2012 apud TSAI, 2016, p. 123). Dentro destas linhas, Tsai (2016) reconhece os esforços dos tradutores para fornecer uma infraestrutura interpretativa direcionada aos estudos de Weber e que, por conta destes esforços, ainda há espaço para diferentes abordagens de leitura, compreensão e interpretação de Weber. Tsai (2016), ainda, observa como um exemplo bem-sucedido o círculo de Tunghai criado por Cheng-Shu Kao, capaz de inspirar colaborações entre estudiosos internacionais e sociólogos nativos e transformar ideias teóricas de Weber em pesquisa empírica; o

mérito de **Chung-Hwa Ku** e **Duan Lin** estaria em partir do trabalho de Weber diretamente do texto e contexto originais da Alemanha importando-os para Taiwan, ao mesmo tempo em que as abordagens de Schluchter seriam alçadas à interpretação dominante entre os estudiosos de Taiwan; Após a reforma e a abertura da China, a introdução de Weber por Guo-Xun Su causou grande impacto nos sociólogos chineses e outros cientistas sociais, em parte porque sua leitura de Weber partiu de uma problemática centrada na própria China, conclui Tsai (2016).

Passados os anos mais “formativos” da abertura weberiana das décadas de 1980 e 1990, Tsai (2016) elucida que a recepção de Weber entre acadêmicos de língua chinesa extrapolou o campo da sociologia de Taiwan e da China, desconcentrando das mãos dos sociólogos sobre Weber que o confinava ao campo das ciências sociais. É do campo do direito e do campo das humanidades que vieram as discussões mais recorrentes: os teóricos do direito na China estavam debatendo o tratamento de Weber das leis e sistemas jurídicos tradicionais chineses como “antimodernos” (ZANG, 2014; ZHENG, 2006 apud TSAI, 2016, p. 130), exatamente quando os estudiosos de literatura, história e filosofia discutiram as traduções do trabalho de Weber como exemplos do Orientalismo (LUO, 2006; WANG, 2011; ZHANG, 2003 apud TSAI, 2016, p. 130). Diante deste cenário competitivo, discute Tsai (2016) os sociólogos ficaram preocupados com os estudos de Weber e, a partir daí, precisavam ir além da convenção do “um ou outro” [*either-or*] na pesquisa sociológica e seria necessário provar as ideias de Weber construindo uma estrutura weberiana viável para pesquisa empírica ou “*or abstracting Weber’s theories from his enormous and complicated works*” (LUO, 2006; WANG, 2011; ZHANG, 2003 apud TSAI, 2016, p. 130), pois, avalia Tsai (2016), nem a crítica textual, nem a verificação empírica poderia suportar a tarefa dos estudos de Weber no futuro.

#### *A atualidade de Max Weber na China*

O interesse por Max Weber na tem se renovado na China e Fölster (2020) indica comprovação através da grande gama de artigos e livros sobre as teorias de Max Weber e através do atual interesse de se traduzir MWG para o idioma chinês e,

apesar de que várias traduções já estejam disponíveis no mercado editorial da China e muitos trabalhos já tenham sido republicados várias vezes<sup>113</sup>, grande parte da obra de Weber ainda não está disponível ao público chinês e, além disso, ainda há muito interesse por parte da China pela *Weberforschung* ocidental.

Sobre os temas mais importantes, Fölster (2020) indica que *Konfuzianismus und Taoismus*, de 1919, ainda ocupa centralidade no debate, pois, mesmo que Weber tenha lidado diretamente com a ética religiosa confucionista, suas investigações não tinham um “interesse genuíno na China [...] ou em outras regiões não europeias”, uma vez que “seu foco principal sempre foi explicar o desenvolvimento histórico do capitalismo moderno na Europa” (FRÖHLICH; VAN ESS, 2017 apud FÖLSTER, 2020, *on-line*)<sup>114</sup>. Assim, analisa Fölster (2020), o tratamento que Weber teria dado à China serviria ao propósito de calibrar sua tese sobre os fatores culturais para o surgimento de um “espírito” capitalista europeu e ocidental e, diferentemente do caso da ética protestante — conforme as teses de Weber, um fator decisivo para o surgimento de um “espírito” capitalista na Europa —, no caso da China, Weber chega à conclusão de que no confucionismo histórico não existiram fatores correspondentes e, portanto, não existindo fatores correspondentes, nenhum tipo de capitalismo moderno se desenvolveu na China. Com o rápido crescimento econômico, prossegue Fölster (2020), e o surto de modernização no Leste Asiático — começando com o Japão na década de 1960, seguido pelos chamados “Tigres Asiáticos” (Coréia, Taiwan, Hong Kong e Cingapura) e, desde os anos 1980, a República Popular da China (RPC) —, sempre existiram aqueles que colocaram esse desenvolvimento em conexão com uma ética confucionista e um capitalismo explicitamente do Leste Asiático e, assim, postularam a refutação das teses de Weber.

---

<sup>113</sup> Conforme Fölster (2020, *on-line*), o caso mais exemplar é *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus* que, entre 1960 e 2020, teve dezenove edições no idioma chinês.

<sup>114</sup> No original: „Weber kein genuines Interesse an China (und auch nicht an anderen außereuropäischen Regionen) hatte. Sein Hauptaugenmerk war stets darauf gerichtet, die historische Entwicklung des modernen Kapitalismus in Europa zu erklären.“ (FRÖHLICH; VAN ESS, 2017 apud FÖLSTER, 2020, *on-line*).

O exemplo elencado por Fölster (2020) é o caso de **Guo-Xun Su**, professor da Academia Chinesa de Ciências, que desempenhou um papel importante no *boom* weberiano dos anos 1980. Fölster (2020) indica que, mesmo tendo uma clara admiração por Weber, em sua contribuição para a conferência realizada em 2018<sup>115</sup>, criticou Weber equivocadamente, acusando-o de eurocentrismo, como se Weber houvera visto o objetivo de uma história universal no desenvolvimento do ocidente e, além disso, Fölster (2020) assevera que o Professor **Su** também parte de sua crítica para fazer uma comparação um tanto grosseira entre o pensamento chinês tradicional e a racionalidade ocidental, com “tom ideológico dificilmente pode ser ignorado [ist der ideologische Unterton kaum zu überhören]” (FÖLSTER, 2020, *on-line*) e elogio explícito à cultura tradicional chinesa de orientação holística que, supostamente, quando colocada em contraste com a racionalidade ocidental, representaria a ordem, a paz e a coexistência de diferenças. Fölster (2020) descreve que as proposições de **Guo-Xun Su** causaram algum desconforto em muitos críticos na China que se posicionaram queixosos de que “muitos autores chineses analisam menos as teses de Weber, mas as usam apenas como ponto de partida para apresentar suas próprias ideias tingidas de ideologicamente”<sup>116</sup> (FÖLSTER, 2020, *on-line*), sobretudo na representação de uma ética confucionista como uma heurística equivalente à ética protestante de Weber, “seja como uma causa para o desenvolvimento do capitalismo ou como um remédio para as queixas sociais de uma sociedade capitalista moderna”<sup>117</sup>, o que teria quase nada a ver com o “confucionismo histórico”, de interesse de Weber, ao contrário, seriam tentativas de

---

<sup>115</sup> Conferência “Between Appropriation and Refutation – On the Significance and Reception of Max Weber in China”, que aconteceu em Pequim nos dias 20 e 21 de março de 2018, e destacou a importância de Weber *na e para a* China. A conferência organizada pela Fundação Max Weber (MWS) em conjunto com a Universidade de Pequim foi também o “evento de abertura” [Eröffnungsveranstaltung] China Branch Office der MWS, chefiada por Max Jakob Fölster (FÖLSTER, 2020, *on-line*).

<sup>116</sup> No original: „[...] gibt es viele chinesische Autoren, die weniger Webers Thesen analysieren, sondern sie lediglich als Ausgangspunkt nutzen, um ihre eigenen sehr ideologisch gefärbten Ideen darzulegen.“ (FÖLSTER, 2020, n.p, *on-line*).

<sup>117</sup> No original: „[...] entweder als Ursache für die Entwicklung eines Kapitalismus oder aber als Heilmittel für die sozialen Missstände einer modernen kapitalistischen Gesellschaft darzustellen“ (op cit, n.p).



reviver o confucionismo no presente e dar-lhe um significado que há muito não tinha (FRÖHLICH; VAN ESS, 2017 apud FÖLSTER, 2020, *on-line*).

Se estas abordagens ideológicas surpreendem, outras interpretações seguem por caminhos frutíferos. Fölster (2020) recorre a uma leitura completamente diferente da elencada acima. Trata-se da obra de é **Ying-shih Yü**, 中國近世宗教倫理與商人精神 [*Religious Ethics and Trade Spirit in Modern China*], de 1987, publicado apenas em chinês, mas com uma tradução em inglês em andamento. Segundo Fölster (2020), Yü nasceu na China em 1930, mas depois foi para os EUA via Hong Kong e, mais tarde, foi professor em Yale, Harvard e Princeton. De acordo com Fölster (2020), o estudo de Yü é inspirado na tese de Weber de que as crenças religiosas foram um fator crucial no desenvolvimento de uma ética de trabalho subjacente ao capitalismo moderno e com base em extensos estudos de fontes, Yü chega à conclusão de que o Confucionismo, o Taoísmo e o Budismo na China desenvolveram uma ética de trabalho correspondente, Yü enfatiza, ainda, que o ascetismo mundano de Weber não é uma singularidade da Europa, porém, Yü não duvida do desenvolvimento único do capitalismo moderno na Europa, no entanto, ele argumenta que a incorreção de Weber estaria na explicação de por qual motivo nenhum espírito capitalista se desenvolveu na China. Para Fölster (2020), diferentemente de Guo–Xun Su — e buscando uma abordagem multicausal — Ying-shih Yü está ciente de que Weber não via o ascetismo intramundano [*innerweltliche Askese*] como a única causa para o desenvolvimento do espírito capitalista.

## 2.5 RECEPÇÃO NO MÉDIO-ORIENTE E “MUNDO ÁRABE” <sup>118</sup>

Em se tratando da circulação de Weber pelo Oriente Médio e o “Mundo árabe”, não apenas a recepção de sua obra é discutida, mas, também, o tema em torno da sua validade norteia intensamente o debate. Está em questão, explicita Leder (2014), uma dupla via de avaliação: por um lado, a avaliação acerca da

---

<sup>118</sup> Opta-se pela classificação sugerida e elencada por Edith Hanke (2014, p. 03), conforme Figura 3.

recepção de Max Weber em árabe, por si mesma e, por outro lado, uma avaliação das declarações de Weber sobre o Islã e a sociedade no mundo árabe. Leder (2014) também vincula o pensamento de Weber ao horizonte contemporâneo do orientalismo, como uma herança própria do orientalismo da república de Weimar. Ainda assim, pondera Leder (2014), é nomear as diferenças para ler o trabalho de Weber [também] à luz de outras abordagens<sup>119</sup>. O que significaria adotar uma abordagem científica regional [*regionalwissenschaftliche*] que compreenderia as percepções individuais e coletivas dos grupos regionais, no passado como no presente, uma vez que, de acordo com Leder (2014), cientistas regionais podem estar sujeitos às dificuldades de apreensão e transmissão de *insights* em uma terminologia comum e universalmente concebida, o que vem a requerer uma abordagem que penetre à complexa hermenêutica destas relações, sempre a partir de uma contextualização crítica e autorreflexiva.

#### A) Mundo árabe

É contextualizado por Leder (2014) que, sob o olhar de Weber, as sociedades orientais podem ser percebidas — e também o servem — de duas formas: i) primeiramente, como uma referência em comparação e contraste, que permitiria apresentar a singularidade — não no sentido de *exemplar*, mas no sentido de *ser única* — da história de alguns países europeus; e ii) depois, como evidência da aplicabilidade de suas categorias analíticas à história fora da Europa, o que Leder (2014) considera um aspecto menos autorreflexivo do que apodítico.

Ainda assim, elucida Leder (2014), à luz da pesquisa realizada nos últimos 100 anos, algumas das avaliações que Weber fez da história do Islã devem inevitavelmente parecer desatualizadas, como o foco nos primeiros dias do Islã em Meca, que resultou em uma série de generalizações que são não é mais sustentável hoje. Como consequência regional [médio-oriental] apontada por Leder (2014) sobre

---

<sup>119</sup> No original: „Trotzdem müssen die Differenzen genannt werden, um Webers Werk auch in das Gegenlicht anderer Ansätze zu stellen“ (Leder, 2014, p. 24).

este quadro Weber não ocupa um lugar central na literatura primária e nem receber grande atenção na literatura especializada. Se existe a falta de um espaço de transmissão regional de Weber, há também um fundo histórico e social no processo de sua recepção.

Três aspectos inter-relacionais são considerados por Leder (2014) para que se entenda a presença de Weber no “mundo árabe” [*arabischen Welt*]: a difusão de seu trabalho em traduções adequadas; a importância de seu trabalho na “ciência Oriental” [*Wissenschaft vom Orient*] ou nas ciências regionais de hoje; e a recepção de seus conceitos e abordagens na região (LEDER, 2014, p. 25).

São tardias as traduções dos trabalhos de Weber que constam direto do alemão no *arabischen Welt* são raras, avalia Leder (2014). *A Ética protestante...*, por exemplo, aparece em árabe por volta de 1980; o capítulo de **WuG** *Die Stadt*<sup>120</sup> é publicado em 1982 como “uma versão resumida e simplificada” [*zusammenfassenden und vereinfachenden*], *Wissenschaft als Beruf*, bem como, *Politik als Beruf*, foram publicadas apenas em 2011, traduzida a partir do volume 17 dos *Schriften und Reden*, de 1992 [**MWG**]<sup>121</sup>, seria o primeiro volume de outros planejados, contendo, além das notas originais, um glossário árabe-alemão comentado com os principais conceitos da weberologia (por exemplo: *Entzauberung* — *fakk as-sihr* [Desencantamento]; *Askese* — *zuhd/taqaššuf* [ascetismo]; *Rationalismus* — *‘aqlāniyya* [racionalismo]); e mais uma lista de palavras traduzidas entre o alemão-francês-árabe (LEDER, 2014, p. 25).

Por outro lado, como informa Leder (2014), a fonte de traduções por via secundária traz novas opções, citam-se Julien Freund, *Sociologie de Max Weber*, de 1968, traduzido para a versão árabe em 1983; Bryan Turner, *Max Weber and Islam. A critical study*, de 1974, traduzido em 1987; e outros estudos como de Catherine Colliot-Thelene, *Max Weber et l’histoire*, de 1990, traduzido em 1994; Philippe

<sup>120</sup> “A cidade”. Texto pertencente ao Espólio, publicado em WuG, atualmente ele compõe o volume [I/22,5] da MWG: *Wirtschaft und Gesellschaft. Die Stadt* Hrsg. v. Wilfried Nippel. 1999. XXVI, 390 pgs. ISBN 978-3-16-146821-6

<sup>121</sup> MWG I/17: *Schriften und Reden. Wissenschaft als Beruf. 1917-1919/Politik als Beruf 1919*. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen, Wolfgang Schluchter, in Zus.-Arb. m. Birgitt Morgenbrod, XIII, 296 pgs. ISBN 978-3-16-145765-4

Raynaud, *Max Weber et le dilemmes de la raison modernes*, de 1987 traduzido em 2009; contam-se na lista, também, títulos avulsos que tratam de outros autores da sociologia, incluindo Max Weber.

No contexto historicista, Leder (2014) não vê com surpresa uma flagrante preferência no mundo árabe por traduções weberianas derivadas de versões anglófonas ou francófonas, uma vez que nos séculos XIX e XX, a Alemanha teria desempenhado *um papel subordinado [eine nachgeordnete Rolle]* no mundo árabe entre as esferas de poder britânicas, francesas e americanas<sup>122 123</sup>.

Há certa tensão em torno da recepção de Weber no mundo árabe. Leder (2014) indica que a leitura que Weber fez da ética religiosa islâmica é julgada como controversa, porque nega ao Islã precisamente essa ligação constitutiva entre ética religiosa e racionalismo e também de uma ética religiosa de ligação com o desenvolvimento do capitalismo regional. Leder (2014) esclarece, contudo, que não era objetivo de Weber estabelecer um paralelismo mecanicista entre as formas de doutrina religiosa e do comportamento econômico e nem visar apenas os efeitos seculares da ética religiosa para distinguir a cultura islâmica do racionalismo de expressão ocidental, já que se tomados de maneira isolada, cada um desses aspectos seria insuficiente. O que está em jogo para Weber, sustenta Leder (2014), é que o Islã careceria de uma conexão dialética entre uma visão de mundo prática e uma introspecção direcionada para o além, efeito proporcionado pelo puritanismo, não se tratando, assim, de um movimento religioso com efeito sacular, mas uma parte do desencanto do mundo que ainda não teria se estabeleceu no mundo islâmico. Sobre a percepção de Weber sobre as sociedades islâmicas, Toumarkine (2014) assume que no contexto turco e, aparentemente, em todo contexto islâmico, se tomados os “mal-entendidos” [*misunderstandings*] de Weber, os argumentos, muitas vezes, acabam por se transformar em um elogio às peculiaridades nativas.

---

<sup>122</sup> No original: „Deutschland spielte im 19. und 20. Jahrhundert in der arabischen Welt zwischen den britischen, französischen und amerikanischen Machtbereichen eine nachgeordnete Rolle“ [“Nos séculos 19 e 20, a Alemanha desempenhou um papel subordinado no mundo árabe entre as esferas de poder britânicas, francesas e americanas”] (LEDER, 2014, p. 26).

<sup>123</sup> Fenômeno similar também teria ocorrido no Egito, conforme Ali (2014).

Ainda que não se adentre na minúcia de cada uma destas críticas, registra-se, com base em Leder (2014), que ela é tomada de maneira diferente dentro do espectro mais conservador ou mais esclarecido da *intelligentsia* islâmica, e é mediada por posturas muito tributárias de uma resistência ao orientalismo europeu.

Além deste intenso debate, Leder (2014) propõe que não se trata de saber se o ponto de vista de Weber é aceito ou rejeitado, modificado ou invalidado, mas do entendimento de que lidar com ele pode levar a novas abordagens em estudos culturais no mundo árabe também, experiências que dependeriam largamente da aproximação com o texto original, de modo a tornar a conexão entre as abordagens e as ideias de Weber mais transparente sob o escrutínio.

### B) Turquia

O aparecimento em uma movimentada cidade provinciana da Turquia, Kayseri, Anatólia, de uma tendência nomeada entre os locais de “calvinismo islâmico” chama a atenção no artigo *The introduction of Max Weber thought and its uses in Turkey. National stakes and foreign actors* (TOUMARKINE, 2014). Em seu artigo, Toumarkine (2014) relata um mapeamento de 2005, realizado pelo instituto de pesquisa e política sem fins lucrativos *European Stability Initiative* (ESI). No relatório do ESI, Max Weber tem um capítulo próprio e é apontado como a principal referência entre os comerciantes e políticos locais, principalmente em se tratando de *A Ética Protestante*. Embora os pesquisadores olhassem com alguma desconfiança — como se os entrevistados citassem Weber para impressioná-los — não foi descartado que, ainda assim, os entrevistados tinham como referência em algum lugar do seu *mindset* a relação ética de trabalho protestante e capitalismo.

Esta referência, na análise de Toumarkine (2014), de fato, fora internalizada pelos comerciantes Turcos de Kayseri como uma referência que lhes fazia sentido. Na ocasião, por um lado, o relatório disparou um amplo debate na sociedade em relação a uma reforma dentro do Islã, resultado de uma polarização ideológica entre as elites seculares e os islâmicos, por outro lado, no ambiente acadêmico, este era debate bastante familiar entre sociólogos e cientistas políticos turcos, que não viam

na fé islâmica obstáculos para o desenvolvimento econômico ou modernização social.

Mas não é só em círculos mais liberais, como no meio acadêmico, ou entre a classe mais emergente de comerciantes e políticos que o nome de Weber transita. Toumarkine (2014) cita o discurso público proferido pelo **General Başbuğ**, o então Chefe do Estado-Maior Turco, no encontro anual do Comando das Academias de Guerra em Istambul, em 2009. Ali, junto a outras referências bibliográficas orientadas pela OTAN e pelo Pentágono, aparece o nome de Max Weber e sua *Sociology of Religion*. Weber é apresentado pelo General como “one of the thinkers of modernity” (TOUMARKINE, 2014, p. 34) e a sua sugestão é de que a sociologia interpretativa de Weber força todos a olhar para a religião vivida [*lived religion*], algo às vezes deixado de ser levado em consideração pelas elites seculares, mas também considerou o quanto certo grau de liberalização é importante para o desenvolvimento das organizações modernas, como no importante trabalho de mediação realizado pelas ONGs.

Estes dois casos citados por Toumarkine (2014) não são gratuitos. Servem como um bom apontamento de que Weber é uma referência — mesmo que superficial — bastante significativa nos debates políticos na Turquia contemporânea, além de ser indicativo de um interesse dos turcos pelo papel social da religião em Weber, ponto que Toumarkine (2014) não considera incomum em uma Turquia contemporânea envolvida em debates sobre modernização e secularização.

As origens da sociologia turca remetem às últimas décadas do Império Otomano (1299–1822) e ao nome do **Príncipe Sabaheddin de Neuchâtel**<sup>124</sup>, sociólogo e pensador político de origem nas casas nobres otomanas que esteve presente como na fundação do Partido da Liberdade Otomano (*Osmanlı Ahrar Fırkası*, 1908–10) e na causa dos Jovens Turcos [*Jön Türkler*], uma iniciativa de coligação militante em diversas frentes, com foco na contestação e na reforma frente à centralidade do regime imperial. Conforme Toumarkine (2014), o Príncipe

---

<sup>124</sup> Sultanzade Mehmed Sabâhaddin 1877-1948, conhecido por Sabaheddin de Neuchâtel, devido ao seu exílio em Neuchâtel, Suíça.

Sabaheddin fora muito influenciado em seus primeiros momentos de ativismo público pelas ideias do sociólogo de viés *conservador* (em termos franceses) Frederic Le Play (1806–1882), cujo nome caiu nas graças dos *liberais* (“liberais” em Império Otomano). Já nos anos da República Turca — seguidos a 1923, portanto, posteriores ao Império Otomano — a sociologia turca continua alinhada com a sociologia francesa, contudo, melhor elaborada a partir da presença intelectual de acadêmicos e professores franceses alinhados ao pensamento durkheimiano. São citados por Toumarkine (2014) os nomes de **Max Bonnafous** e **Georges Dumézil**, “who never mentioned the name ‘Weber’ in his courses”, da mesma forma que o sociólogo turco Hilmi Ziya Ülken ignorou os escritos de Weber em *Handbook for General Sociology. Umumi İçtimaiyat* [*Manual de Sociologia Gera. Comunidade pública (?)*] (TOUMARKINE, 2014, p. 36).

*A recepção de Weber na Turquia por fontes alemãs e americanas (1930–2000). Três fases e três vias de introdução*

Weber é introduzido na Turquia por Professores alemães que, diferentemente da maioria das circunstâncias de trânsito de Weber, estiveram naquele país desde a década de 1930, portanto, antes da ascensão nazista que, mais tarde e de fato, os obrigou a deixar o território turco. São destacados por Toumarkine (2014) os nomes de **Alexander Rüstow** e **Gerhard Kessler**, residentes na Turquia nos anos entre 1930 e 1940, ambos “more involved with economics than sociology” (TOUMARKINE, 2014, p. 37), sendo que o primeiro seguiu trabalhando entre os nomes de Sombart e Weber, enquanto o segundo seguia por uma orientação de frente mais weberiana. Toumarkine (2014) salienta, ainda, Embora Kessler tenha escrito vários manuais para a disciplina sociológica, o nome de Weber não figurou nos programas de ensino do curso de sociologia do *Department of Sociology (Faculty of Letters)*, devido às contribuições weberianas que contrariavam uma sociologia de viés determinista, sendo que a acolhida a Weber veio exatamente da Faculty of Economics. Dentre os manuais escritos por Kessler, Toumarkine (2014) destaca *Sociology for Beginners*, publicada em versão turca sob o título de *İçtimaiyata Başlangıç* [*Introdução ao Social (?)*], de 1938. Em advertência, Toumarkine (2014)

notifica que nem toda contribuição alemã naquele período era apenas de orientação weberiana, contudo, para aquela geração e em sociologia, foi o que se deu.

A introdução dos pensamentos alemão e weberiano na França por Raymond Aron em *Les étapes de la pensée sociologique*, de 1967, também repercutiu na Turquia, em anos mais tarde. Três capítulos deste livro, incluindo aquele dedicado a Weber, foram traduzidos por **Fevzi Yalim** em 1973, sob o título: *Toplumbilim Düşüncesinde Ana Akımlar. Pareto, Weber, Durkheim* [A corrente principal do pensamento sociológico. Pareto, Weber, Durkheim]. Naquela década, assinala Toumarkine (2014), o livro publicado na cidade de Ancara pela Ağaç-İş — uma seção do Türk İş Workers Trade Union [Sindicato Turco dos trabalhadores do comércio/empresas] — com baixa distribuição, não obteve sucesso editorial. Em 1986, o livro de Aron foi integralmente traduzido por Korkmaz Alemdar com publicação pela *Publishing House of İş Bankası*, sendo reimpresso várias vezes, consecutivamente, por outras três editoras, alcançou *status* de manual para estudantes turcos de Sociologia.

É da América que vem a terceira e mais atual influencia na disseminação do pensamento weberiano na Turquia. Para interpretar este fenômeno, Toumarkine (2014) lança mão das ideias de Lawrence Scaff, expressas em seu relativamente recente *Max Weber in América*, de 2011. Toumarkine (2014) interpreta que Scaff, ao examinar como, após a Segunda Guerra Mundial, as obras de Weber não foram apenas traduzidas nos EUA, mas também interpretadas como textos canônicos, antes de serem reenviadas à Europa é uma pista contundente de como a Turquia conheceu esse weberianismo americanizado ao aderir à OTAN: “Turkey was introduced to this Americanized Weberianism on joining NATO” (TOUMARKINE, 2014, p. 38), um weberianismo que assumiu a forma de teorias sobre as transições para a democracia. Aqui, Toumarkine (2014) dirige uma crítica maior ao filho de Alexander Rüstow, **Dankwart Rüstow**,

[...] who had many epigones in Turkey, is an example of a Turkish academic who lectured on Americanised Weberianism. As in this case, the Turkish universities, especially the English speaking ones (Boğaziçi and Bilkent), acted as an intermediary of American influence, However, with the number of universities in Turkey being limited until the 1980s, imported American-English translations and an ever increasing number of Turkish students trained in the United States may have played an even more important role in furthering this trend (TOUMARKINE, 2014, p. 38).



Tomando, então, esta base de referência, Toumarkine (2014) indica que a primeira tradução dos escritos de Weber do inglês para o turco fora concluída em 1985 — portanto, cinco anos após o Golpe de Estado que instaurou uma ditadura militar na Turquia (1980–1983) — trata-se de *Max Weber: Essays on Sociology* que foi traduzido do alemão para o inglês, por Hans Heinrich Gerth e C. Wright Mills (publicada pela Oxford University Press, em 1946). Toumarkine (2014) sublinha que a tradução foi provavelmente (*sic*) realizada por recomendação de **Şerif Mardin**, um sociólogo turco que escreveu o prefácio da primeira edição e foi preparado nos Estados Unidos (Stanford, John Hopkins e Princeton Universities), onde mais tarde ensinou como professor visitante e foi membro do conselho editorial da *Hürriyet Vakfı Publishing*. O prefácio de Martin, de acordo com Toumarkine (2014) presta tributo a Parsons e seu *The Structure of Social Action*, de 1937 e encampa uma discussão sobre o papel do idealismo e o não idealismo em Weber as lacunas entre os pressupostos marxistas e weberianos. A tradução de *Max Weber: Essays on Sociology* realizada por **Taha Parla**, que então lecionava Ciência Política na Universidade Boğaziçi, de língua inglesa. Em uma nota de apresentação à tradução descrita por Toumarkine (2014), Parla apresenta Weber como um pensador “sometimes contradictory” e um “typical example of thinkers who embodied the social and political crisis of European thought” (PARLA apud TOUMARKINE, 2014, p. 39). Por último, Toumarkine (2014) relata que Parla recomenda a leitura de Weber reduzindo-o pelo uso que os sociólogos americanos fizeram do sociólogo alemão como chave no combate a influência marxista.

Em sua leitura do cenário de recepção de Weber na Turquia, Toumarkine (2014) vê neste caso uma situação exemplar de como a introdução de Weber por uma esquerda local [*leftists*]. Outras traduções começam a aparecer nos anos de 1990 e de 2000, privilegiando, ainda que tardiamente, fontes em alemão. São partes de *Wirtschaft und Gesellschaft* e, no todo, *Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus* (três traduções de duas pessoas diferentes), e mais as duas palestras proferidas na Universidade de Munique em 1917 e 1919, *Wissenschaft als Beruf* e *Politik als Beruf*. Inicia-se, então, um processo que Toumarkine (2014) trata como trilingue (*trilingual*), no qual, obras começam a ser traduzidas e retraduzidas,

com alguns intrincados cotejamentos entre os idiomas alemão, turco e mais uma língua secundária, como o francês e o inglês (sendo o inglês a língua que ainda recebe prioridade nas traduções).

Além destas questões formais, a recepção de Weber ainda enfrentou mais algumas barreiras substantivas para além da desidratação frente à rusga entre conservadores e liberais turcos do início do século XX ou do atrito com o marxismo contemporâneo do final do mesmo século. Durante os embates entre o crescimento de visibilidade de Weber e o descontentamento com o arcabouço marxista, relata Toumarkine (2014), muitos intelectuais marxistas mudaram de lado, ainda que esta dinâmica entre os pensamentos de Marx e Weber seja entendida de uma maneira completamente diferente por diferentes sociólogos turcos<sup>125</sup>.

No final da década de 1990, as interpretações sobre Marx e Weber de **Cemil Meriç**, intelectual-base no pensamento conservador turco, ganham mais força. Toumarkine (2014) aponta que Meriç via Marx e Weber a partir de uma perspectiva crítica que não os enxergava como antagonistas ideológicos, mas como pensadores próximos um do outro e que abordavam civilizações não ocidentais com um viés orientalista. Com a maior propagação nos anos de 1990 a 2000 de *Islam and Capitalism*, um estudo crítico, de **Maxime Rodinson**, que foi traduzido para o turco no final dos anos 1970, a crítica de Meriç a Weber foi se propagou entre os intelectuais turcos nas décadas finais dos anos 2000, independentemente de sua orientação política, como colocado por Toumarkine (2014). Em 1991, recebe uma tradução para o turco o livro de Bryan Turner, *Weber and Islam. A critical approach*, de 1974. Toumarkine (2014) define que o tradutor da obra, **Yasin Aktay**, era um jovem sociólogo com orientação tanto islâmica quanto liberal, que em 2001 partiu para os EUA, para conduzir um estudo comparativo na Universidade de Utah sobre as diferentes éticas de trabalho dos mórmons americanos e a nova burguesia

---

<sup>125</sup> No original: "It was during this period (1990s and 2000s) that Weber's influence on contemporary Turkish sociologists became visible (apart from the contributions made by the earlier Sabri F. Ülgener, who was trained as an economist). Some of these contemporary scholars (e. g. Ayda Yörükan or Cahit Tanyol) switched from a Marxian influence to a Weberian one. However, the dynamics between the thoughts of Marx and Weber are understood in a completely different manner by different Turkish sociologists" (TOUMARKINE, 2014, p. 42).

conservadora islâmica emergente na Turquia, posteriormente, chefiando *think tank* bastante representativo politicamente, tornando-o uma espécie de intelectual que se sente atraído por Weber e, ao mesmo tempo, é decididamente crítico em relação a seu suposto orientalismo<sup>126</sup>. Condição sob a qual Toumarkine (2014) também coloca o economista **Sabri Ülgener**, considerado “*The Turkish Weber*” (TOUMARKINE, 2014, p. 44) que, Toumarkine (2014), embora tenha internalizado a perspectiva weberiana e o método de análise — olhando para o processo de transição entre eras como uma questão de mudança de mentalidade —, ao focar na sociedade islâmica e especialmente na otomana, destacou que o motivo da ausência do capitalismo não era o fato de o Islã ser uma religião guerreira — como argumentou o próprio Weber —, mas devido a uma “*idle idiosyncratic mentality*”, o que explicaria a ausência de uma ética de trabalho comparável à dos protestantes; e enfatizou o papel desempenhado pelo surgimento de um misticismo islâmico ascético nas sociedades do *Near Eastern* (TOUMARKINE, 2014, p. 45).

Em retrospecto, Toumarkine (2014) aponta para a existência de um paradigma democrático [*democracy paradigm*] que poderia ser o principal obstáculo para um uso mais amplo da metodologia de Weber: ao partir de uma crítica que se apropria dos mal-entendidos de Weber sobre as sociedades islâmicas, os argumentos muitas vezes se transformam em um elogio às peculiaridades nativas primordiais [*indigenous peculiarities*] o que poderia posteriormente levar a uma espécie de essencialização das sociedades orientais, ao mesmo tempo em que os usuários das ideias de Weber na Turquia tendem a explicar a formação social otomano-turca pela ausência dos fatores que deram origem ao desenvolvimento de um estado democrático nos países ocidentais.

### C) Egito

---

<sup>126</sup> No original: “Thus Aktay represents a kind of intellectual who is both attracted to Weber and at the same time decidedly critical towards his presumed orientalism” (TOUMARKINE, 2014, p. 44).

A recepção de escritos originais de Weber, especialmente em traduções diretas, inicia-se tardiamente no Egito. A questão é discutida pelo pesquisador egípcio, Haggag Ali (ALI, 2014), da *Columbia University in the City of New York*. Sobre o período anterior a esta recepção, Ali nos informa que a importação de Weber estava, basicamente, dependente de traduções do inglês e do francês, sendo que a primeira tradução árabe de *Soziologische Grundbegriffe*<sup>127</sup>, por exemplo, só aconteceu às vésperas dos protestos e movimentos revolucionários de janeiro de 2011. O livro foi traduzido por **Salah Hilal** e publicado pelo *Centro Nacional Egípcio de Tradução*, pela iniciativa do *Instituto Goethe* do Cairo e ao financiamento do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, o *Auswärtiges Amt* (ALI, 2014). O tradutor, Salah Hilal, descreve, conforme relatado por Ali (2014), que antes de traduzir a obra, recorreu à Biblioteca Nacional Árabe e descobriu não existir, até então, nenhuma tradução de Weber para o leitor de língua árabe, considerando noventa anos de atraso histórico no conhecimento de Weber e suas ideias, já o editor da tradução foi o professor **Mohammed Al Jouhary**, um professor egípcio de sociologia que estudou Max Weber enquanto morou na Alemanha por mais de cinquenta anos, onde recebeu seu doutorado pela Universidade de Bonn e que teve profundo contato com a obra de Weber já nos primeiros dias de academia, e que planejou, sem levar a cabo, uma tradução de **WuG** para o idioma árabe.

---

<sup>127</sup> *Soziologische Grundbegriffe* (1918). O texto, original de 1918, foi publicado em 1921 em *Wirtschaft und Gesellschaft* [WuG], pela organização de Mariane Weber como textos selecionados para fazer parte dos *Grundriss der Sozialökonomik* [Fundamentos de economia social] (WEBER, Mne. 2012a [1921]; 2012b [1925]; 2012, [1955]). Os famosos dezessete parágrafos escritos por Weber como uma sistematização mais madura da apresentação de 1913, *Über einige Kategorien der verstehenden Soziologie* [Sobre algumas categorias de sociologia compreensiva], também foram publicados em *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre* [GAW], no ano de 1922, como parte dos *Ensaio Reunidos de teoria da ciência* (cf. SCHLUCHTER, 2104b; LEPSIUS, 2012). No Brasil, *Conceitos sociológicos fundamentais* (1973 [1966]) foi introduzido como parte da coletânea apresentada por Maurício Tragtenberg com prefácio de Johannes Winckelmann, *Metodologia das Ciências Sociais* (vol. 2, Cap. XI), além de ser parte da edição brasileira de *Economia e Sociedade*, traduzida direto da quinta edição alemã (WEBER, 2012 [1922] (v. Seção 3.5 do presente trabalho: “Economia e Sociedade: Um estudo de caso”). Atualmente, com o desmembramento de WuG em cinco volumes da MWG, *Soziologische Grundbegriffe* é apresentada no Capítulo I, página 147, do volume MWG I / 23, *Max Weber: Wirtschaft und Gesellschaft. Soziologie. Unvollendet* [textos inacabados] 1919–1920, lançado em 2013, com edição de Knut Borchardt, Edith Hanke e Wolfgang Schluchter (Mohr Siebeck GmbH & Co. KG, 2020).

Mesmo com a chegada tardia de Weber ao Egito, o intelectual egípcio **Abdelwahab Elmessiri** (*sic*) [Abdel–Wahab El–Messiri, *عبد الوهاب المسيري*] — *expert* em Literatura Inglesa e Comparada pela Columbia University, em 1964 (MA), na Rutgers University, em 1969 (PhD) —, empreendeu uma larga discussão sobre secularização e tomou a iniciativa de analisar o que as teses da racionalização weberianas teriam a dizer sobre o seu tema de interesse. Adotando a ideia de secularismo como paradigma e, ao mesmo tempo, como um *tipo ideal* weberiano, Elmessiri dividiu o tema da secularização em duas formas: a primeira forma, um secularismo de tipo parcial e, a segunda, um secularismo abrangente de tipo. Enquanto o primeiro é — nos termos de Elmessiri interpretados por Ali (2014) — visto como compatível e totalmente reconciliável com o Islã, o segundo é representado como uma celebração radical da política secular, da ciência sem valores e de um mundo totalmente livre de valores (o que Elmessiri não consideraria uma coisa que, necessariamente, deveria ser abraçada enquanto *ethos*). O intelectual egípcio equipara os processos de racionalização e de secularização, embora Ali (2014) considere importante demarcar que Weber não sobreviveu para ver a brutalidade da generalização do uso da racionalidade nos genocídios do século XX. Embora este não seja o espaço para se desenvolver a fundo as teses de Elmessiri, convém explicar que, conforme relata Ali (2014), Elmessiri partiria de uma visão fatalista e desesperançada da racionalização. Baseando-se em teóricos ocidentais, sobretudo Zygmunt Bauman em *Modernity and the Holocaust*, de 1989, e Hannah Arendt, em *Eichmann in Jerusalem: A Report of the Triviality of Evil*, de 1963, Elmessiri veria a busca da eficiência em processos de extermínio como resultado direto do afastamento da humanização na aplicação dos meios, dos quais, os fins passam a ser ignorados. Tomando como referência crítica e heurística o conceito weberiano de *stahlhartes Gehäuse*<sup>128</sup>, Elmessiri veria na racionalização que coloniza e remodela a vida cotidiana a concha monolítica blindada em que a

---

<sup>128</sup> Haggag Ali traduz o conceito como “*iron cage*” [“gaiola de ferro”] forma corrente na literatura anglo-americana. Contudo, o conceito alemão remete mais à ideia de uma “crosta”, “concha”, “carcaça”, sempre expressando a ideia de “invólucro” que, na alegoria em questão, é feito de “aço” rígido. (v. p. ex., Dicionários *Pons*; *Michaelis*; *Linguee*; e *Bab.la*. Todos disponíveis *on-line*).

civilização ocidental moderna meteu a si mesma. Evocando Stephen Kalberg (2001), Ali (2014) lembra que a alegoria de *stahlhartes Gehäuse* está mais fundamentada nos ensaios políticos e sociofilosóficos de Weber do que em seus escritos sociológicos específicos e não valorativos. Trata-se, assim, do sociólogo liberal em defesa de uma modernidade em celebração das noções de liberdade individuais, institucionais e cívicas.

Também de 2011, *The Long Shadow of Max Weber: The Notion of Transcendence and the Spirit of Mystical Islam*, de **Salman Bashier**, analisa as noções de “racionalidade” e “transcendência” e a sua apropriação no discurso árabe e / ou islâmico contemporâneo como formas de “imitação irônica” e, sem citar Weber diretamente, Bashier consegue explicar esse mecanismo de imitação irônica em sua exploração crítica dos discursos do intelectual marroquino **Mohammed Abed al-Jabri** e do intelectual turco e o político **Ahmet Davutoğlu**. Conforme Ali (2014), as conclusões de Bashier podem ser resumidas da seguinte forma:

[...] (1) rationality is originally Islamic, yet Muslims abandoned it, and (2) rationality within the Islamic worldview remains transcendent, traditional and value-oriented as opposed to the emerging Western goal-oriented and value-free rationalization which has lost its religious foundations in Western civilization over centuries (ALI, 2014, p. 51).

Nesta via de interpretação revisionista das percepções de Weber sobre a sociedade moderna, ecoaria um Weber do início do século XX a possibilidade dos horrores da aplicação que a sociedade ocidental fez *na* e *com* a racionalização, de modo que a “imanência espiritual ou materialista” [*spiritual or materialist immanence*], ocupando o lugar da transcendência — supostamente preservada no Islã —, foi o que abriu a porta para um processo crescente de racionalização abrangente e secularização da sociedade ocidental, culminando, por exemplo, nos horrores do século XX, incluindo o Holocausto [em uma linha que se aproxima bastante daquela evocada por Elmessiri (apud ALI, 2014)].

## 2.6 BALANÇO GERAL

*Os períodos e os graus de recepção*

Para fins analíticos, nove categorias conceituais descritivas foram elaboradas na forma tipologias de modo a se obter um balanço dos dados informados na literatura sobre a recepção de Weber. Estas tipologias descrevem os períodos e graus de recepção que podem ser encontrados nos casos estudados. Estas tipologias podem ocorrer de modo *contigente* em mais de uma forma ou grau partindo de um quadro específico analisado e não ocorrer de *modo necessário* em todos os quadros.

As tipologias dos períodos são construídas a partir da ideia de “aglutinação”. A ideia de “aglutinação temporal” é posta em oposição a qualquer ideia “etapista”. Não se trata de análise linear sincrônica, mas de eventos com “afinidades” dentro do contexto pesquisado. Estas tipologias estão relacionadas a situações observadas na própria Alemanha, demonstrando como a recepção de Weber afetada pelo contexto local, dialoga com o contexto global. Citam-se:

(1) “Início de Importação”, que descreve o período em que se deu o fluxo inicial (ou retomada posterior do fluxo) de recepção em dado país. Estas importações estão classificadas temporalmente na seguinte ordem: i) Período do Império Alemão<sup>129</sup>; ii) Período da República de Weimar<sup>130</sup>; iii) Período da WW2<sup>131</sup>; iv) Período Pós-guerras<sup>132</sup>; e v) Período Pós 1970<sup>133</sup>;

(2) “Comunicação Científica Inicial com a Alemanha”, que retrata o tipo de comunicação científica que houve entre o “campo de origem” e o “campo de chegada” no período (ou períodos) que a recepção ocorreu. Esta comunicação pode estar classificada em graus de intensidade, como “Fraca”, “Parcial” ou “Forte” e, em alguns casos específicos, podem aparecer em transição, (“De fraca para forte”, por exemplo).

(3) “Tipo de Recepção Inicial”, esta categoria também apresenta graus de intensidade, podendo representar intensidade “Fraca”, “Parcial” ou “Forte” e também está sujeita exceções de transição.

(4) “Resistência” descreve o grau de óbices enfrentados pela importação no campo de chegada, ocorrendo em grau “Fraco”, “Parcial”, ou “Forte” e podendo apresentar

---

<sup>129</sup> 1871-1918.

<sup>130</sup> 1919-1933.

<sup>131</sup> 1939-1945 (Segunda Guerra Mundial [WW2])

<sup>132</sup> 1945-1960.

<sup>133</sup> Período associado tanto à queda do paradigma marxista quanto ao projeto MWG, que colaborou para o aquecimento do debate e da pesquisa em torno do pensamento de Weber, catalisando, desde a década de 1970 até os dias atuais, o fenômeno que tem sido conhecido internacionalmente como *Weber-Renaissance* (cf. HANKE, 2012; 2014; 2016, entre outros).

transição de uma para outra, ou uma classificação exclusiva (“Forte e/ou censurada”, p. ex.).

(5) “Foco da Recepção” é uma categoria que descreve os tipos de interesses observados nos “campos de chegada”. Estes interesses podem ser de tipo metodológico, teórico, epistemológico, heurístico, etc.

(6) “Grau Institucional Gerado” descreve o tipo de consolidação que as ideias encontraram no “campo de chegada”, podendo variar em grau de inexistente para “Mínimo”, “Médio” ou “Máximo”.

(7) “Principal Tipo de Mediação” apresenta os tipos de agentes envolvidos no processo de importação e recepção.

(8) “Principais Mediadores” apresenta alguns dos agentes principais descritos como mediadores no processo de importação e recepção; e

(9) “Tipo Analítico de Recepção”, que classifica a linha de majoritária de interpretação lançada sobre a obra no “campo de chegada”, podendo variar ou combinar os seguintes tipos: os “intérpretes”, que intentam aprofundar seus conhecimentos na epistemologia weberiana, sobretudo na diligência de “modernizar”, ou ampliar, os processos teórico–metodológicos das ciências sociais em seus países; os “metateóricos”, que discutem o contexto de elaboração e publicação das ideias de Weber e a transposição destas ideias para o seu próprio campo intelectual, pensando discrepâncias e idiosincrasias entre as ideias originais e as adaptações concedidas à importação de Weber; e os debatedores sob “Tensão Crítica” que, em uma virada exegética, empreendem algum grau de repreensão sobre a interpretação que Weber fez de seus sistemas culturais.

### *Tabulação e sistematização dos dados qualitativos*

A seguir (Tabelas 6, 7, 8 e 9), são apresentados os dados qualitativos levantados na pesquisa sobre a recepção de Weber nas principais ocorrências encontradas na literatura.

- A Tabela 6 descreve a situação relatada em alguns países da Europa: França, Itália, UK, Espanha, Rússia, Polônia.
- A Tabela 7 descreve a situação relatada em alguns países das Américas: EUA, México e Argentina.
- A Tabela 8 descreve a situação relatada em alguns países do “Mundo Árabe”, ou de arabofonia, e inclui mais detalhes sobre a Turquia e o Egito em particular.
- A Tabela 9 descreve a situação relatada em alguns países da Ásia, incluindo o Sudoeste asiático (Hong Kong, Taiwan, Cingapura e Coreia do Sul) e o Japão e a China, em particular.



**Tabela 6** — Análise descritiva dos tipos de recepção: Europa

EUROPA	FRANÇA	ITÁLIA	UK	ESPANHA	RÚSSIA	POLÔNIA
<b>INÍCIO DE IMPORTAÇÃO</b>	Período Weimar	Período Weimar e Pós-guerras	Weimar e Pós-guerras.	Weimar e Pós 1970	Império Alemão; Período Weimar e Pós 1970.	Império Alemão; Período Weimar e Pós 1970.
<b>COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA INICIAL COM A ALEMANHA</b>	Fraca	Fraca	Fraca	Fraca	Parcial	Fraca
<b>TIPO DE RECEPÇÃO INICIAL</b>	De Fraca para Parcial	Fraca	Fraca	Fraca	Fraca	Fraca
<b>RESISTÊNCIA</b>	De Forte para Fraca	Parcial	Parcial	Parcial	Forte e/ou censurada	Forte
<b>FOCO DA RECEPÇÃO</b>	Teoria; Metodologia; e Historiografia; choque com o funcionalismo e o positivismo.	Choque com o funcionalismo e o positivismo.	Teoria e Metodologia	Modernização o acadêmica e urbana; Perspectiva Liberal x Conservadora	Metodologia; modernização acadêmica; e Historiografia; Choque com o Marxismo pós década de 1960.	A “Questão Polonesa” em geral e os “Escritos Poloneses” de Weber em particular
<b>GRAU INSTIT. GERADO</b>	De mínimo para Média	Mínimo	De mínimo para Médio	Mínimo	—	—
<b>PRINCIPAL TIPO DE MEDIAÇÃO</b>	Intelectuais Nacionais.	Intelectuais Nacionais em Intercâmbio na Alemanha.	Intelectuais Internacionais e Exilados da Alemanha.	Intelectuais Nacionais; e Intelectuais Nacionais em Intercâmbio na Alemanha.	Intelectuais Nacionais; Intelectuais Nacionais em Intercâmbio na Alemanha.	Intelectuais Internacionais; Intelectuais Nacionais; Intelectuais Nacionais em Intercâmbio na Alemanha.
<b>PRINCIPAIS MEDIADORES</b>	Raymond Aron	Pietro Rossi; Francesco Tuccari	Talcott Parsons, C. Wright Mills Edward Shils (EUA); Hans H. Gerth (ALE).	Ramiro de Maeztu; Francisco Ayala; José Ortega y Gasset	Dmitrij M. Petruševskij; Ivan M. Grevs; A. Kustarev; Jurij N. Davydov; Piama P. Gajdenko; (Entre outros)	Stefan Czarnowski; Florian Znaniecki (EUA); Pitrim Sorokin; Maria Ossowska; (Entre outros)
<b>TIPO ANALÍTICO DE RECEPÇÃO</b>	<i>Intérpretes e Metateóricos</i>	<i>Intérpretes</i>	<i>Intérpretes</i>	<i>Intérpretes</i>	<i>Tensão Crítica</i>	<i>Tensão Crítica</i>

**Fonte:** adaptado de Pollak (1988); Ouédraogo (2010); Bruhns (1995); Grossein (2005); Oßwald-Bargende (2014); Marra (2009); Schmitt (2007); Schögler (2011); Morcillo Laiz e Weisz (2016); La Fuente (2007); Dahlmann (2014); Bucholc (2014).

**Tabela 7** — Análise descritiva dos tipos de recepção: Américas

AMÉRICAS <sup>134</sup>	EUA	MÉXICO	ARGENTINA
<b>INÍCIO DE IMPORTAÇÃO</b>	Período Weimar; Período WW2; e Pós-guerras	Período WW2	Período WW2; e Pós-guerras
<b>COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA INICIAL COM A ALEMANHA</b>	Parcial	Parcial	Parcial (através dos exilados) Comunicação maior com Espanha
<b>TIPO DE RECEPÇÃO INICIAL</b>	Forte	De Parcial para Fraca	Fraca
<b>RESISTÊNCIA</b>	Forte	Forte	Forte
<b>FOCO DA RECEPÇÃO</b>	Teoria e Metodologia; Modernização institucional Sociologia e das humanidades como um todo.	Teoria-metodologia; Demandas da Modernidade; choque com o positivismo e o biologismo, com as políticas de estado e a antropologia física.	Teorias de modernização e desenvolvimento; Metodologia
<b>GRAU INSTIT. GERADO</b>	Máximo	—	Mínimo
<b>PRINCIPAL TIPO DE MEDIAÇÃO</b>	Intelectuais Internacionais; Intelectuais Nacionais; Intelectuais Nacionais em Intercâmbio na Alemanha; e Exilados da Alemanha.	Intelectuais Internacionais; Exilados Espanhóis (alguns com Intercâmbio na Alemanha antes do Exílio)	Intelectuais Internacionais; Exilados Espanhóis (alguns com Intercâmbio na Alemanha antes do Exílio).
<b>PRINCIPAIS MEDIADORES</b>	Talcott Parsons; Frank Knight; Louis Wirth, Edward Shils; C. Wright Mills (EUA); Hans H. Gerth; Reinhard Bendix; Alexander von Schelting; Friedrich von Hayek; Karl Loewenstein; Eric Voegelin; Melchoir Palyi; Franz Neumann; Otto Kirchheimer; Paul Lazarsfeld; Joseph Schumpeter; Theodor W. Adorno; e Max Horkheimer (ALE); (Entre outros).	José Medina Echavarría; Eduardo García Máynez.	José Medina Echavarría; Ernesto Quesada; Francisco Ayala; Luis Recasens Siches.
<b>TIPO ANALÍTICO DE RECEPÇÃO</b>	<i>Intérpretes e Metateóricos</i>	<i>Intérpretes</i>	<i>Intérpretes</i>

**Fonte:** adaptado de Scaff (2014); Morcillo (2008); Scaff (2014); Rijks (2012); Morcillo (2008); La Fuente (2007); Morcillo Laiz e Weisz (2016); Escobar (2011); Morales Martín (2016).

<sup>134</sup> A recepção Brasileira será tratada em capítulo próprio (Capítulo III).

**Tabela 8** — Análise descritiva dos tipos de recepção: Oriente Médio e “Mundo Árabe”

MUNDO ÁRABE	ORIENTE MÉDIO	TURQUIA	EGITO
<b>INÍCIO DE IMPORTAÇÃO</b>	Período Weimar; Período Pós-guerras; e Pós 1970	Período Weimar; Período Pós-guerras; e Pós 1970	Pós 1970
<b>COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA INICIAL COM A ALEMANHA</b>	Fraca	Fraca	Fraca
<b>TIPO DE RECEPÇÃO INICIAL</b>	Fraca	Forte	Fraca
<b>RESISTÊNCIA</b>	Forte	Parcial	Forte
<b>FOCO DA RECEPÇÃO</b>	Ética econômica das religiões mundiais; Escritos sobre ética religiosa islâmica.	Ética Protestante; papel social da religião; modernização; confronto com sociologia francesa (Durkheim)	Método; Modernidade ocidental; teses sobre a ética das religiões mundiais; Racionalização; Secularização; Escritos sobre ética religiosa islâmica.
<b>GRAU INSTIT. GERADO</b>	—	Máximo	Mínimo
<b>PRINCIPAL TIPO DE MEDIAÇÃO</b>	Intelectuais alemães em trânsito antes da WW2; Intelectuais Internacionais; Intelectuais Nacionais em Intercâmbio na Alemanha.	Intelectuais alemães em trânsito antes da WW2; Intelectuais Internacionais; influenciadores estrangeiros (como a OTAN e o Pentágono, conforme Toumarkine, (2014)); e intelectuais turcos em trânsito pelos EUA.	Intelectuais Internacionais Intelectuais Nacionais; Intelectuais Nacionais em Intercâmbio na Alemanha.
<b>PRINCIPAIS MEDIADORES</b>	—	Alexander Rüstow; Gerhard Kessler (ALE); Alexander Rüstow; Dankwart Rüstow; Şerif Mardin; Taha Parla; Cemil Meriç; Maxime Rodinson (TUR); entre outros.	Salah Hilal; Mohammed Al Jouhary; Abdelwahab Elmessiri; Salman Bashier; Mohammed Abed al-Jabri; Ahmet Davutoğlu.
<b>TIPO ANALÍTICO DE RECEPÇÃO</b>	<i>Tensão Crítica</i>	<i>Tensão Crítica</i>	<i>Tensão Crítica</i>

**Fonte:** adaptado de Leder (2014); Toumarkine (2014); Ali (2014).

**Tabela 9** — Análise descritiva dos tipos de recepção: Ásia

ÁSIA	SUDOESTE ASIÁTICO <sup>135</sup>	CHINA	JAPÃO
<b>INÍCIO DE IMPORTAÇÃO</b>	Pós 1970	Período Weimar; Pós 1970	Império Alemão
<b>COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA INICIAL COM A ALEMANHA</b>	Parcial	Fraca	Forte
<b>TIPO DE RECEPÇÃO INICIAL</b>	Parcial	Parcial	Parcial
<b>RESISTÊNCIA</b>	Parcial	Parcial para forte e/ou censurada	Parcial para nenhuma
<b>FOCO DA RECEPÇÃO</b>	Método; Modernidade e modernização; teses sobre a ética das religiões mundiais (principalmente as asiáticas).	História econômica; modernização; sociologia da cultura; alternativa ao marxismo; Ética das religiões asiáticas; choque com o Marxismo pós década de 1960.	Teoria; Método; Modernidade; Capitalismo; Racionalização; Rejeição/apropriação das teses sobre a ética protestante em contraste com o a ética confucionista e das religiões asiáticas.
<b>GRAU INSTIT. GERADO</b>	Médio	—	De Médio para Máximo
<b>PRINCIPAL TIPO DE MEDIAÇÃO</b>	Intelectuais Internacionais; intelectuais nacionais em trânsito pela Alemanha.	Intelectuais Internacionais; intelectuais nacionais em trânsito pela Alemanha.	Intelectuais Internacionais; Exilados da Alemanha; intelectuais nacionais em trânsito pela Alemanha.
<b>PRINCIPAIS MEDIADORES</b>	Gary Hamilton; Wen-Zao Wu; Ben-Wen Sun (Entre outros)	Chung-Hwa Ku; Duan Lin Lin He; Tai-Pu Zheng; Han-Yu Chang; Ceng-Yi Yao; (Entre outros)	Karl Löwith; Kurt Singer; Fukuda Tokuzō; Shiro Kawada; Hani Gorō, Hisao Ōtsuka, Michio Morishima (entre outros).
<b>TIPO ANALÍTICO DE RECEPÇÃO</b>	<i>Intérpretes e Tensão Crítica</i>	<i>Intérpretes e Tensão Crítica</i>	<i>Intérpretes, Metateóricos e Tensão Crítica</i>

**Fonte:** adaptado de Brisson (2016); Roth (1999); Schwentker (2014); Tsai (2016); Fölster (2020).

<sup>135</sup> Hong Kong, Taiwan, Cingapura e Coréia do Sul.

### **CAPÍTULO III — A RECEPÇÃO DE MAX WEBER NO BRASIL**

Para se obter um retrato da importação, recepção e permanência de Weber no Brasil, este Capítulo começa (Seção 3.1) justamente retomando as “tendências gerais” de irradiação das ideias weberianas para o mundo.

Na Seção 3.2, realiza-se uma análise socioestrutural que coloca em perspectiva uma interpretação histórico–sociológica da recepção local, organizando os escritos weberianos traduzidos no Brasil, dando tratamento às fontes destas traduções, distinguindo-as em originais (alemãs) ou secundárias (outros idiomas ou intérpretes); avançando na revisão e explicação dos marcos temporais da recepção local; e apresentando os principais agentes (mediadores) e interesses (temáticas) envolvidos no processo de importações das ideias de Weber. A biblioteca weberiana brasileira é esmiuçada em detalhes: a análise cronológica das publicações no Brasil é individualizada e especificada, observando item a item. O período coberto conta 34 publicações brasileiras (dentre as quais, algumas reedições) da década de 1960 até o ano de 2020.

Já na Seção 3.3, propõem-se uma análise histórico-diacrônica e histórico-sociológica, com foco na recepção do pensamento de Max Weber no Brasil. Abordam-se as “As três ondas de recepção de Weber no Brasil”, cobrindo o período entre 1925 e 2010, nos quais se expõem a primeira onda (1925–1951), que trata do problema do “atraso” brasileiro frente às nações modernas e do trânsito de intelectuais alemães exilados pelo Brasil; a segunda onda (1951–1980) que aborda a consolidação das ciências sociais na academia brasileira; e a terceira onda (1980–2010) que trata da “reinterpretação analítica e crítica e a retomada da sociologia weberiana da religião no Brasil” (1980–2010).

Na Seção 3.4, propõe-se uma recepção comparada das recepções de Weber no Brasil e no mundo delineando suas aproximações e distanciamentos, peculiaridades e generalidades.

Por fim, a última Seção deste trabalho (3.5) propõe um estudo de caso em torno da recepção da obra *Economia e Sociedade*, emblemático e muito ilustrativo sobre o tipo de leitura que se faz no Brasil sobre a obra de Weber: fragmentada, seccionada e, sobretudo, defasada.

### 3.1 TENDÊNCIAS GERAIS

Contra um suposto espontaneísmo da circulação internacional das ideias, é posto que, como qualquer outro produto social, as ideias — quando transitam de um *campo intelectual de origem* para outro *campo intelectual de recepção* — estão sujeitas a operações de seleção (o que é publicado, quem é publicado, quem traduz o publicado), de leitura (sujeita à percepção e à adequação de problemática feita pelos leitores, visto que os textos trafegam sem contexto, sem levar consigo o campo intelectual de formação e de produção das ideias do qual é produto), e de marcação (quem edita, em qual coleção se insere, quem faz o prefácio), uma dinâmica que faz parte da própria complexidade da “circulação internacional das ideias” (BOURDIEU, 2002a; 2002b).

A circulação, recepção e permanência de um autor — seja em seu campo de origem ou no de recepção — também depende do que Schwinn (2020) chama *eventos-chave*. Apesar de trabalhar em uma linha diferente da proposta por Bourdieu (BOURDIEU, 2002a; 2002b), Schwinn (2020) considera que a sobrevivência das ideias de Weber tempo suficiente para que elas se tornassem um clássico não seria possível senão por um encontro entre pessoas e eventos-chave.

No caso específico de Weber, outro ponto a se considerar é que Schwinn (2020) relaciona o crescimento do interesse mundial no autor, ao crescimento no interesse internacional em sociologia, juntamente ao desenvolvimento transcontinental da institucionalização da disciplina, após os anos de 1960. Dentre estes eventos-chave, estão aqueles ligados aos fenômenos editoriais que ajudaram a demarcar a consolidação de Weber na circulação internacional<sup>136</sup>.

---

<sup>136</sup> Como visto no Capítulo II, eventos mundiais externos às disposições editoriais também precisam ser levados em conta, por exemplo, o cenário Entre-Guerras ou a polarização Oriente-Occidente / Socialismo-Capitalismo que desembocou na Guerra Fria. Em relação ao contexto local, situações como estas serão abordadas com mais detalhes na Seção 3.4, *Weber no Brasil e no mundo: uma recepção comparada*.

Dos marcos editoriais internacionais no cerne da irradiação do pensamento de Max Weber pelo mundo (ou, da circulação internacional), Villas Bôas (2014) seleciona cinco grandes eventos editoriais que teriam sido, também, os principais motores de propulsão da chegada de Weber ao Brasil. A seguir (Quadro 18), sistematizam-se estes cinco eventos para uma melhor visualização.

**Quadro 18** — Grandes eventos editoriais em torno da obra de Max Weber

O projeto de organização e publicação da obra de Max Weber por Marianne Weber entre **1920** a **1924**, publicada pela J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) / Mohr Siebeck (edit.), atual editora Mohr Siebeck GmbH & Co. KG.

A tradução para o inglês de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, por Talcott Parsons, publicada em 1930, por George Allen & Unwin.

As traduções de **WuG** para: espanhol (por José Medina Echavarría: *Economía y Sociedad*, publicação de **1944**, editora Fondo de Cultura Económica, México); Italiano, 1ª. ed. **1961**, 2ª. ed. 1968; Inglês, **1968**; e frances, **1971**.

A compilação feita por Hans Gerth e Charles Wright Mills, *From Max Weber*, editado, em **1946**, pela Oxford University Press. Traduzido para o português, no Brasil, em 1969, com revisão técnica de Fernando Henrique Cardoso.

O atual projeto de reedição da obra do sociólogo, a *Max Weber-Gesamtausgabe* – **MWG** [Max Weber: Obra Completa], que vem sendo meticulosamente realizado por especialistas, desde os anos de 1970.

**Fonte:** Carvalho 2016, a partir de Villas Bôas (2014, p. 08).

As ideias de Weber têm circulado no Brasil desde a década de 1920. A recepção de seu pensamento passa por diferentes fases neste país. Se observadas apenas da perspectiva local, estas fases enquadram um conjunto de peculiaridades historiográficas próprias dos *mindsets* que norteavam o meio intelectual brasileiro. Como apontado por Bourdieu (2002a; 2002b), ao circular pelos diversos *campos* intelectuais internacionais as ideias passam por operações mediadoras de seleção, marcação e leitura para se adequarem às percepções que o campo receptor tem sobre suas problemáticas próprias.

Por outro lado, e como se demonstrará neste Capítulo, quando articuladas com a compreensão do quadro maior, global, percebe-se que estas fases se não se diferenciam muito de uma tendência geral da circulação de Weber pelo mundo (vista no Capítulo II). No Brasil, as operações de mediação das ideias de Weber acabam passando por chaves interpretativas correlatas a outras experiências de recepção

localizadas. São os casos mais emblemáticos, as chaves de leitura sobre o “atraso” diante dos processos de modernização e a chave da atualização teórica e metodológica para o desenvolvimento e a institucionalização das ciências sociais locais. Mesmo a emergência de Weber no Brasil entre os anos de 1960 e 2000 acompanha uma tendência geral de recepção.

Contudo, como sugerido por Sell (2021), é preciso “superar uma visão difusionista e unidirecional para adotar uma hermenêutica global e multi-direcional” para se compreender que “adotada esta perspectiva, a seleção, adaptação e modificação de conceitos de Weber”, quando analisados no contexto da realidade local, “não são entendidas apenas como aplicações: tais processos representam também um desenvolvimento teórico rico, criativo e original da sociologia weberiana” (SELL, 2021, p. 02). Isto implica aceitar que, embora a recepção siga tendências gerais em relação às tendências de circulação global, a realidade brasileira traz, em si, elementos próprios e peculiares o bastante para obterem relevância e contribuir para a sociologia da circulação global de Weber<sup>137</sup>.

## 3.2 ANÁLISE SOCIOESTRUTURAL: FONTES E MEDIADORES SOCIAIS

### 3.2.1 Fontes-base, idiomas e interesses em publicações brasileiras <sup>138</sup>

Nesta Subseção, toma-se a análise das publicações brasileiras das obras de Weber de modo a se identificar quais as fontes utilizadas no processo de importação do pensamento do autor. Listam-se as edições brasileiras “fechadas”, quais sejam, aquelas com conteúdo exclusivamente weberiano e que tenham o nome de Max

---

<sup>137</sup> Mesmo não sendo este o objetivo primário de Sell (2021) que, de partida, se propôs responder a seguinte questão, “O que a recepção de Weber no Brasil pode contribuir com o desenvolvimento do Paradigma Weber?” (SELL, 2021, p. 1), suas contribuições sobre a leitura local de Weber são impreteríveis para o tema da articulação entre recepção local e global das obras e ideias do autor alemão.

<sup>138</sup> Parte dos detalhes de pesquisa apresentada neste tópico já foi publicada em outra ocasião (cf. CARVALHO, 2019). A forma apresentada aqui recebe uma organização atualizada.



Weber como autor (ou autor primário), exclusivamente. Textos publicados de forma avulsa ou em coletâneas multiautorais não serão contemplados nesta relação.

A seguir, enumeram-se, qualitativa e quantitativamente, as fontes utilizadas nas traduções dos escritos de Weber conforme estes XXX critérios de observação. Iniciando-se da referência menos presente para aquela que se mostra mais volumosa (da menor para a maior), inicialmente, apresentam-se as **fontes em francês**. Classificando-a em um **Grau I**, pode-se citar uma base principal:

1) O compilado de artigos publicados entre por Weber em 1904 e 1917, extraídos da organização de *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre* [**GAW**], traduzidos do alemão e introduzido na França por Julien Freund, *Essais sur la théorie de la Science* (Ed. Librairie Plon, Coleção: *Recherches en sciences humaines*, n.º 19.), 1965. No Brasil, a coletânea foi apresentada como *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais*, pela extinta editora Moraes, em 1991. Além do “Prefácio do autor”, contém: *A objetividade do conhecimento na ciência e na política social* (1904); *Estudos críticos no campo da lógica das ciências da cultura* (1905–6); *Ensaio sobre algumas categorias da sociologia compreensiva* (1913); *Ensaio sobre o significado de “neutralidade ética” nas ciências sociológicas, econômicas e ciências da cultura* (1917).

A seguir, apresentam-se a bases de influência de **Grau II**, em termos de fontes de tradução, trata-se do conjunto de **fontes em espanhol**, têm-se três bases:

1) A famosa tradução de *Economía y Sociedad*, publicada no México, pela ed. Fondo de Cultura, em 1944;

2) A tradução da versão em espanhol de *Los fundamentos Racionales y Sociológicos de la música*, publicada em 1964, como parte *Economía y Sociedad*, e cotejada por Leopoldo Waizbort com a versão norte-americana *Rational and Social Foundations of Music*, de 1958; e

3) A versão espanhola de *Römische agrargeschichte* (*História agrária romana*, de 1892).

Em se tratando do segundo maior volume de traduções, **Grau III**, pela diversidade de fontes weberianas consultadas e utilizadas, têm-se as **fontes em inglês**, das quais, destacam-se três bases traduzidas e acolhidas no meio editorial brasileiro:

1) *The Power of the State and the Dignity of the Academic Calling in Imperial Germany*, de 1973, ed. Minerva, Vol. 11; e a sua reimpressão *On Universities: The power of the state and the dignity of the academic calling in imperial Germany*, Pela editora Chicago Press, de 1974, fontes em inglês utilizadas em *Sobre a universidade: o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica*, pela editora Cortez, em 1989, Volume 1, parte da coleção Pensamento & ação. Direitos de publicação de Lólio Lourenço de Oliveira, com Introdução de Maurício Tragtenberg à edição brasileira e Nota Introdutória (edição norte-americana) e notas complementares de Edward Shils In: *The Writings of Max Weber on University Problems*. As fontes originais em alemão usadas em *The Power of the State...* derivam de textos públicos de Weber, principalmente em jornais diários: *Frankfurter Zeitung*, quatro textos (de 10/07/1908; 20/09/1908; 03/11/1908 [1908]; e 10/05/1917); *Tägliche Rundschau* um textos (n. 497, de 22/11/1911); e *Berliner Tageblatt*, um texto (n. 548 de 27/10/1911); além do artigo *Dendsschirift an die Handelshochchuden* ([?], de 07/11/1911); também *Der Sinn der ‚Wertfreiheit‘ der soziologischen und ökonomischen Wissenschaften*, de 1917; *Wissenschaften als Beruf*, de 1919 (versão da *Duncker und Humblot*), ambos extraídos de **GAW**.

2) Coletânea *From Max Weber: Essays in Sociology*, organizada por H. H. Gerth, e C. Wright Mills, publicada pela Oxford University Press (reimp, Galax Book, 1963 [1946]). A obra ficou conhecida no Brasil como *Ensaio de Sociologia*, publicada originalmente pela Zahar, em 1967, com tradução de Waltensir Dutra revisão técnica de Fernando Henrique Cardoso. A coletânea *From Max Weber* se vale de variadas fontes nos originais alemães, como as coletâneas **GAW**, **GARS**, **GPS** e **WuG**, além de textos publicados por Weber de forma avulsa.

3) conhecida versão de Talcott Parsons (pela ed. Harvard University) para *Die Protestantische Ethik und der Geits des Kapitalismus* (1904–5 e 1920), tradução em 1930. A versão de Parsons recebeu diversas traduções para o português, como *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, publicada pela Martin Claret, em 2002. Além disso, é possível constatar que a edição parsoniana também influenciou indiretamente a primeira tradução brasileira de *A Ética Protestante...*, traduzida direto do idioma alemão, em 1967. A evidência é facilmente observada, uma vez que a inclusão da *Vorbemerkung* (ou, *Observação Preliminar*) como introdução d'A *Ética*

*Protestante...* para esta versão americana foi uma “invenção” de Parsons, e a tradução alemão–português de 1967 cometeu o mesmo equívoco de trazer a *Vorbemerkung* sem qualquer motivo prático, já que este texto não faz parte de suas fontes elencadas<sup>139</sup>.

Sobre o volume de obras com tradução direta da língua vernácula de Weber, as fontes em alemão ocupam o **Grau IV**, pois, citam-se cinco fontes-base a seguir:

1) [**GARS I**]: *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* [*Ensaio reunidos de Sociologia da Religião*]. Textos de 1904 a 1920, publicados em três volumes, entre os anos de 1920 e 1921: **a)** *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus* [*A Ética Protestantista e o Espírito do Capitalismo*] Tübingen 1920, com origem bibliográfica traduzida direto do idioma alemão, indicando como fonte original *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*, em [**GARS I**], publicada pela editora J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), em Tübingen, 1947. Há também a possibilidade de esta edição brasileira ter sido cotejada com a edição americana de Parsons, ainda que não esclareça isso, pois apresenta a *Vorbemerkung*<sup>140</sup>; **b)** *Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen, I: Konfuzianismus und Taoismus*, (1915–1919), Tübingen 1920, (*Ética Econômica das Religiões Mundiais, I: Confucionismo e Taoísmo* ed. Vozes, 2016); e [**GARS III**]: **c)** *Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen, III Das antike Judentum*, Tübingen 1921 [*Ética econômica das religiões mundiais: ensaios comparados de sociologia da religião. Volume 3: Judaísmo antigo*. ed. Vozes, 2019.]

2) *Wirtschaftsgeschichte* [*História geral da economia*]. Compilação por Siegmund Hellmann e Melchior Palyi de notas de Weber e as transcrições de seus

---

<sup>139</sup> Weber redigiu a *Observação Preliminar* como nota introdutória à totalidade da coletânea de textos que viria a ser chamada *Gesammelte Aufsätze Zur Religionssoziologie* [*Ensaio reunidos de sociologia da religião*] [**GARS I, II E III**]. O equívoco se tornou uma espécie de tradição editorial do mercado brasileiro, pois, à exceção da tradução alemã de (2004), com cuidadosa revisão técnica de Pierucci (2004), todas as versões brasileiras d’*a Ética Protestante...* trazem a relevante, porém desencaixada, *Vorbemerkung*, incluindo a versão mais recente edição da editora Vozes, de 2020, que ressucita equivocadamente a *Observação Preliminar* como uma introdução ao dois artigos D’*a Ética Protestante...* (Ver Seção 3.2 deste Capítulo, Item “Década de 2010”, Ano 2020).

<sup>140</sup> Descrita no “Item 3”, das fontes em inglês.

alunos das suas últimas palestras realizadas em 1919–20 (Berlin, 1923), publicada no Brasil pela editora Mestre Jou, em 1968, e pela editora Centauro, em 2006.

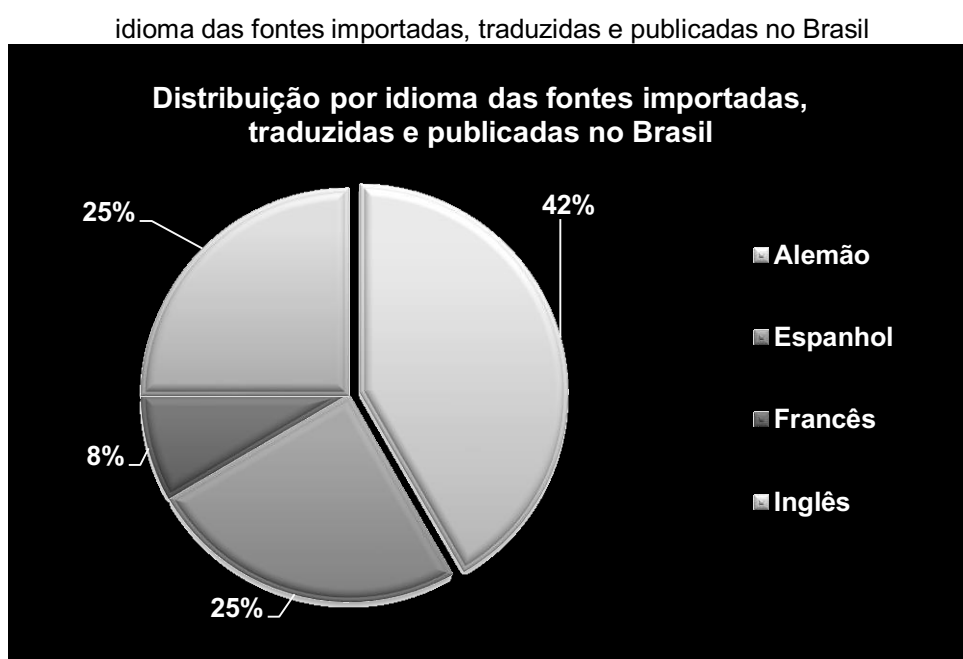
**3) [GPS]:** *Gesammelte Politische Schriften* [Coletânea de Escritos Políticos]. Coletânea de 1921 de ensaios políticos e artigos livres que Weber publicou em jornais. No Brasil, foram traduzidos: **a)** *Parlament und Regierung im Neugeordneten Deutschland* [Parlamento e Governo em uma Alemanha Reordenada] originalmente publicado nos “Escritos políticos” *Gesammelte Politische Schriften*, ed. J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1958 [1921]; e, finalmente, **b)** a coletânea completa dos “Escritos políticos”, *Os Gesammelte Politische Schriften*, editados pela ed. Martins Fontes, em 2013, lançada em 2014 (536p.), com relançamento em 2015 para o volume “Weber”, da coleção “Grandes nomes do Pensamento”, da Folha de São Paulo; **c)** *Politik als Beruf* (1919) [Política como Profissão/Vocação], editadas a partir das versões de 1967 e 1968, da ed. Dunker & Humblot, de Berlim;

**4) [WuG]:** *Wirtschaft und Gesellschaft* [Economia e Sociedade]. **a)** Recebida entre nós como “Economia e Sociedade (**EeS**): fundamentos da sociologia compreensiva” (de 1921–2), a coletânea de textos foi publicada pela editora da Universidade de Brasília e finalizada na Imprensa Oficial do Estado de São Paulo UNB, em 1991. Essa primeira edição foi, originalmente, publicada em volume único, e equivale à quinta edição alemã de 1976 (direitos autorais de 1972, da editora da cidade de Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), a tradução é de Régis Brabosa e Karen E. Barbosa, com revisão técnica de Gabriel Cohn e, atualmente, é vendida em dois volumes separados; **b)** *Conceitos básicos de sociologia*, publicada pela Editora Moraes, em 1987 tendo como fonte e edição de **WuG** (**EeS**) de 1925; **c)** *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*, edição da EdUSP, de 1995, com Prefácio de Gabriel Cohn e tradução e notas de Leopoldo Waizbort<sup>141</sup>; e

---

<sup>141</sup> O texto de *Fundamentos...* era parte do espólio e não fazia parte do projeto original de WuG, sendo incorporado, tardiamente, à 2ª edição de (v. Seção 3.5). *Fundamentos sociológicos e racionais da música*. Munique, 1921. Apêndice incluído à [WuG] [Economia e Sociedade], desde a 2ª edição, em 1925, até a 4ª edição, em 1956. Com mais uma publicação separada, em 1972, Tübingen, ISBN 3-16-533351-3.

5) [GAW]: *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre* [*Ensaio Reunidos da 'doutrina' da ciência*], organizados por Johannes Winckelmann: a) *Metodologia das ciências sociais*, publicado em duas partes pela ed. Cortez e Ed. da UNICAMP, com Introdução à edição brasileira de Maurício Tragtenberg e tradução Augustin Wernet (partes 1 e 2); a coletânea *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais*, Ed. Martins Fontes, 1977 (com impressão em Lisboa), que contém: b) publicado pela Ed. Ática, em 2006, *A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais*, original de 1904, com tradução autoria secundária, apresentação e comentários Gabriel Cohn; c) *Sobre o significado de "neutralidade axiológica" nas ciências sociais* (1917); e d) *Wissenschaft als Beruf*, [*Ciência como Profissão*], de 1919, que fecha a coletânea que conta com outros tantos artigos.



Fonte: Elaborado pelo autor

Mesmo que não seja possível quantificar em volume absoluto (número de páginas) as fontes weberianas estrangeiras que têm maior correspondência em se tratando de importação e publicação no Brasil, é possível quantificar os números de forma relativa<sup>142</sup> a fim de se obter um quadro comparativo (Gráfico 1). Considerando-

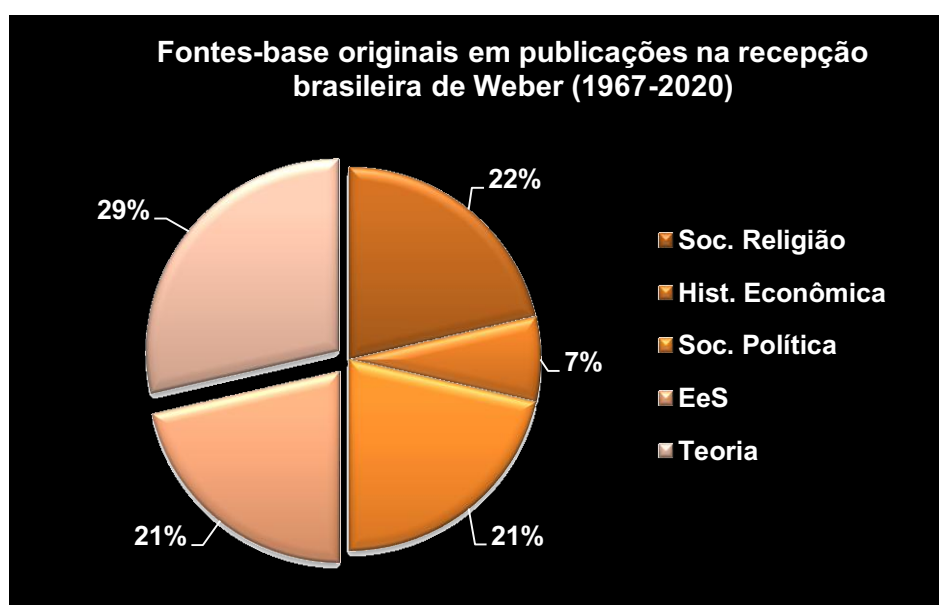
<sup>142</sup> Consideram-se obras "fechadas" como a WuG e coletâneas de ensaios como GAW ou GPS.

se apenas obras completas (livros) <sup>143</sup>, que configuram traduções de obras ou de coleções de compilações de textos de Weber, obtêm-se cinco fontes em alemão, três em inglês, três em espanhol e uma em francês.

Embora as traduções originais no idioma alemão superem individualmente as fontes secundárias, quando comparadas à totalidade formada pelas publicações em outras línguas, em termos percentuais relativos, ficam em segundo plano (58% x 42%). As fontes secundárias (58%) encontram-se divididas entre os idiomas inglês (25%), espanhol (25%) e francês (8%), enquanto 42% das fontes utilizadas pelos editores brasileiros são fontes originais alemãs.

Se tomadas separadamente, as fontes originais estão centradas em cinco obras principais. Percebeu-se que os textos de Weber publicados no Brasil se restringem a umas poucas fontes-base de aquisição, o que já demonstra o maior grau de interesse dos falantes do idioma alemão no campo importador em determinados seguimentos das ideias weberianas (Gráfico 2).

**Gráfico 1** — Fontes-base originais em publicações na recepção brasileira de Weber (1967–2020)



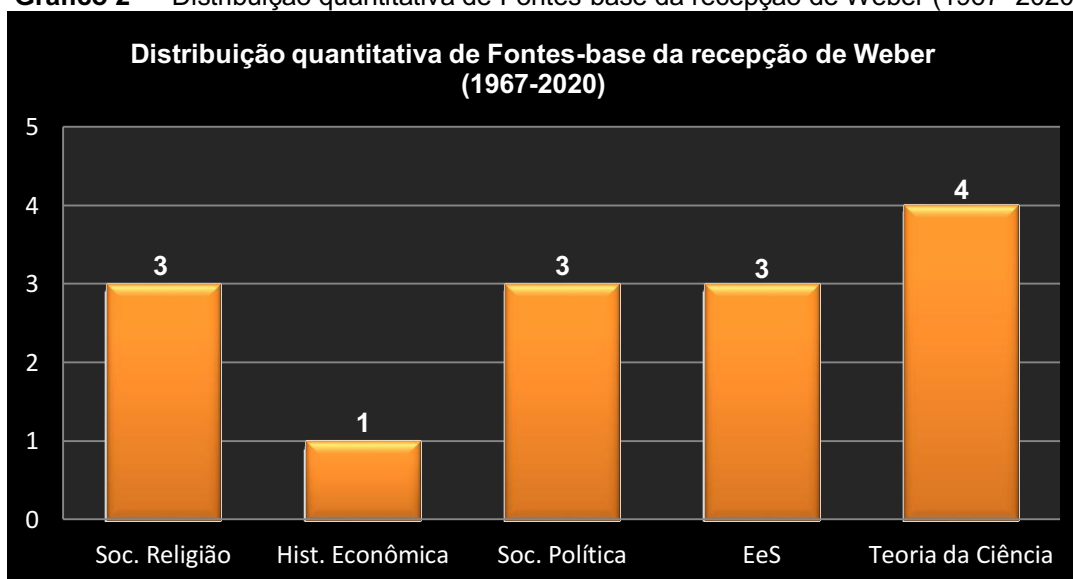
Fonte: Elaborado pelo autor

<sup>143</sup> O rol analisado não contempla os escritos avulsos, como artigos ou excertos, publicados em coletâneas gerais.

Como se pode observar no Gráfico 2, há uma tendência geral na importação brasileira falante, ou conhecedora, do idioma alemão que prioriza quase que equilibradamente os estudos de Weber de sociologia da religião (**GARS I e III**), economia [*Wirtschaftsgeschichte*], sociologia política (**GPS**), textos e obra de *Economia e Sociedade* (**WuG**), e teoria da ciência e o problema axiológico (**GAW**).

Distribuídos quantitativamente (Gráfico 3), este equilíbrio fica mais evidente. Há uma espécie de “empate técnico” no uso das fontes de estudos de sociologia da religião, sociologia política e teoria da ciência. Os pontos que desequilibram as referências são as coletâneas *Wirtschaftsgeschichte* [História geral da economia] e **WuG**<sup>144</sup>. Ambas, por serem traduzidas e apresentadas ao público brasileiro, em determinado momento, como obras integrais e por passarem por um processo adicional de desmembramento de partes publicadas individualmente no Brasil, mesmo não fazendo parte do arranjo dos originais alemães<sup>145</sup>.

**Gráfico 2** — Distribuição quantitativa de Fontes-base da recepção de Weber (1967–2020)



Fonte: Elaborado pelo autor

<sup>144</sup> Atualmente, WuG é tratada mais como um compilado de textos avulsos, na maioria inacabados, de Weber, principalmente após a revisão exegética e hermenêutica empreendida pelo projeto MWG. Submetida a escrutínio, WuG não se sustenta como uma obra fechada e coesa (v. Seção 3.5).

<sup>145</sup> Como no caso já indicado de *Fundamentos...* que Johannes Winkelmann inclui na segunda edição de WuG. Mas, também os casos de *Wissenschaft als Beruf* (*Ciência como Profissão*), e partes de WuG, textos que Johannes Winkelmann inclui na organização de GAW.

É possível perceber estudos weberianos especializados como historiografia<sup>146</sup>, direito<sup>147</sup>, administração<sup>148</sup>, questão agrária<sup>149</sup> não despertaram ou despertam grande apelo no meio brasileiro interessado nos originais alemães.

Contudo, convém lembrar que alguns destes temas aparecem de modo transversal na obra de Weber que, por ser arranjada largamente em compilados dos dois primeiros grandes ciclos editoriais — fontes das publicações brasileiras<sup>150</sup> —, mesclam temáticas diversas. De modo que a questão agrária é discutida no texto sobre *As condições dos trabalhadores agrários na Alemanha a Leste Elba, de 1892*, uma sociologia do direito e da administração pode ser encontrada em **WuG** e tanto *História geral da economia* quanto *A Ética Protestante...* podem ser considerados trabalhos historiográficos, assim como os trabalhos sobre a ética econômica das religiões mundiais podem ser também considerados trabalhos de economia ou economia social.

Independentemente da abordagem temática dada às importações, nota-se que há uma predominância das vias indiretas na maior parte dos escritos de Max Weber traduzidos no Brasil. O que significa dizer que a maior parte da literatura weberiana local é fruto de traduções por vias secundárias, compreendendo mais da metade do volume das publicações nas editorias nacionais.

### 3.2.2 Análise por ordem cronológica das publicações nacionais

A seguir, apresenta-se de modo descritivo, qualitativo e quantitativo, o conjunto das obras de Weber publicadas no Brasil, colocando-se ênfase no ano de

---

<sup>146</sup> *Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte* [Ensaio Reunidos de história social e econômica], de 1924, por exemplo.

<sup>147</sup> *V. Die römische Agrargeschichte in ihrer Bedeutung für das Staats- und Privatrecht* (A história agrária romana e sua importância para o direito público [constitucional] e privado), de 1891, por exemplo.

<sup>148</sup> *Zur Geschichte der Handelsgesellschaften im Mittelalter* [Sobre a história das sociedades [empresas] comerciais, na Idade Média]; por exemplo.

<sup>149</sup> *Agrarverhältnisse im Altertum* [Condições agrárias na antiguidade], de 1909, por exemplo.

<sup>150</sup> Até o momento, não há traduções do terceiro grande ciclo editorial no Brasil (ciclo MWG, v. Capítulo I, Seção 1.2).



lançamento e detalhando-se as fontes utilizadas para as traduções apresentadas na seção anterior (Seção 3.1), destacando-se a natureza da origem destas fontes. Para compor este rol, recorre-se, sempre que possível, às primeiras edições nacionais de cada obra. Os Quadros 19 a 54 oferecerão um sobrevoo por este conjunto, de modo a se obter uma visão panorâmica do histórico de publicações das partes traduzidas e seus dados. Como se demonstrou seção anterior, a maior parte do material de Weber chega ao Brasil via fontes indiretas (não alemãs) e por de coletâneas.

Para uma aquisição mais detalhada, apresenta-se uma análise descritiva dessas publicações em blocos. Organizados em décadas, cada bloco descreve detalhes técnicos das recepções, como dados das fichas catalográficas, editoras, tradutores, prefaciadores e apresentadores, comentaristas, ano de publicação e dados da fonte utilizada na importação. Devido à carência de sistematização de dados bibliográficos, sobretudo os precedentes à década de 1990, não foi possível padronizar os dados coletados. Portanto, nem todos os “detalhes técnicos” mencionados estão disponíveis a todas as referências, conforme as possibilidades de acesso. Nas tabulações enquadradas abaixo, pode-se conferir detalhadamente os dados catalográficos de cada obra, bem com detalhes das fontes originais usadas em cada uma das traduções publicadas. Informações como quem traduziu cada obra também aparecem e, sempre que possível, indica-se quem prefaciou, comentou ou trouxe cada obra para a versão brasileira. Cada quadro é detalhado qualitativamente e em sequência. A lista arrolada a seguir, inicia-se pela década dos anos de 1960 até o tempo atual (ano de 2020).

#### a) *Década de 1960*

Nos anos de 1960 três obras fundamentais apresentavam o pensamento de Weber ao Brasil, a saber: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (Pioneira, de 1967); *Ensaio de Sociologia* (Zahar, de 1967); e *História Geral da Economia* (Mestre Jou, de 1968). No quadro abaixo (Quadro 19), apresenta-se o detalhamento das fichas catalográficas das edições da década de 1960, estrategicamente organizadas no formato de referências bibliográficas, facilitando a navegação pelas

informações. Esse padrão de apresentação se repetirá nas descrições dos demais períodos.

A edição de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* [EP] é apresentada como parte da coleção *Biblioteca Pioneira de ciências sociais: Sociologia*. A edição vem em um encadernado (brochura) contendo uma apresentação da editora na contracapa. A base original do texto na tradução brasileira são os escritos (1904–1905) inicialmente organizados por Max Weber e, após seu falecimento, finalizados por Marianne Weber, publicados por J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) em **GARS I** (1920–1921) (a edição utilizada data de 1947). O texto original, em si, foi editado por Weber para a segunda edição de **EP**, em 1920, como um único artigo.

**Quadro 19** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1960.01)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
01	WEBER, Max. <i>A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo</i> . São Paulo: Pioneira, 1967. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. Sociologia). Apresentação da editora Pioneira (contracapa). Com “Introdução do Autor” ( <i>Vorbemerkung</i> ). Contém notas acrescentadas pelo autor na 2.ª edição, de 1920, <b>GARS I</b> .
1967	<b>FONTE ORIGINAL EM ALEMÃO. Tradução:</b> M. Irene de Q. F. Szmrecsanyi, Tamas J. M. K. Szmrecsanyi. (tradução direta do alemão, com notas do autor acrescentadas na segunda ed. Alemã). <b>Tradução</b> do grego (conceitos): José Cavalcanti de Souza. <b>Tradução</b> e transliteração do hebraico (conceitos): Isaac Nicolau Salum.  WEBER, Max. Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião]. Band I: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck). Tübingen, 1947. [ <b>GARS I</b> ]

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016) com base em pesquisa bibliográfica em acervos digitais, como o Portal de Rede Pergamum, o Portal HEBSCOhost, Biblioteca Nacional, bibliotecas universitárias (várias), Google Books, entre outros, e fichas catalográficas de obras físicas. Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual. Os próximos quadros apresentam a mesma metodologia e serão descritos de maneira sucinta.

Esta segunda versão alemã (1920) — em relação à primeira, editada originalmente em duas partes (1904–1905) — é a que traz o acréscimo de uma gama de notas complementares, nas quais, Weber edita alguns pontos revisados. Um corpo de especialistas trabalhou na tradução do volume brasileiro, cita-se: M. Irene de Q. F. Szmrecsanyi, Tamas J. M. K. Szmrecsanyi (tradução direto do alemão), José Cavalcanti de Souza, (tradução do grego), e Isaac Nicolau Salum (tradução e transliteração do hebraico).

Nesta edição nacional da editora Pioneira inicia-se um mal-entendido que iria perdurar na história da edição brasileira d'*A Ética Protestante*. No volume traduzido, acrescentou-se a *Vorbemerkung* (ou, *Observação Preliminar*) que Weber redigiu como nota prefatória à totalidade da coletânea de textos que viria a ser chamada *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* [GARS I, II e III].

Embora a fonte-base para tradução indicada pela editora seja de textos originais em alemão, *possivelmente* (carece de confirmação), este erro tenha sido induzido por consulta à edição norte-americana de **EP**, traduzida e editada por Talcot parsons, em 1930. A afirmação é verificável, uma vez que foi Parsons quem primeiro adotou a *Vorbemerkung* como uma espécie de preâmbulo para *A Ética Protestante*, chamando-a *Author's Introduction*, ou Introdução do Autor. Como se notará, ao longo deste capítulo, com rara exceção, esta é uma situação que se repetiu e ainda se repete nas versões brasileiras de **EP**.

Também do ano de 1967 é a primeira edição brasileira de *Ensaio de Sociologia* (Zahar, de 1967). O espesso volume é integrante da coleção *Biblioteca de Ciências Sociais*. A fonte original de *Ensaio* é o material organizado por Hans Heinrich Gerth e Charles Wright Mills, *From Max Weber: Essays in Sociology*, editado pela Oxford University Press Inc., em 1946.

**Quadro 20** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1960.02)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
02	WEBER, Max. <i>Ensaio de Sociologia</i> . Rio de Janeiro: Zahar, 1. ed. 1967. 530p., 22cm. (Biblioteca de ciências sociais). Autorias secundárias, organização e introdução de Hans Heinrich Gerth e Charles Wright. Revisão técnica à ed. nacional de Fernando Henrique Cardoso.
1967	<b>FONTE SECUNDÁRIA EM INGLÊS. Tradução:</b> Waltensir Dutra WEBER, Max. GERTH, H. H.; MILLS, C. Wright. <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i> . Oxford University Press, Inc. sixth reprint [sexta reimpressão] (Galax Book, 1963 [1946]).

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

A versão nacional, com tradução de Waltensir Dutra, é editada a partir da sexta edição norte-americana da Galax Book e data de 1963. O livro traz textos de

Weber inéditos no mercado editorial brasileiro, como *Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções* (WEBER, 1967 [1920]). Publicado originalmente em **GARS I**, sob o título *Zwischenbetrachtung: Theorie der Stufen und Richtungen religiöser Weltablehnung*<sup>151</sup> (*Consideração intermediária: Teoria dos graus e orientações da rejeição religiosa do mundo*), editado por J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), em 1921. A fonte da edição norte-americana para esse texto é a publicação de **GARS I**, de 1947.

O terceiro título da década de 1960 é *História Geral da Economia*, publicado pela editora Mestre Jou, de 1968. A obra é apresentada por um “Prefácio do tradutor”, Calógeras A. Pajuaba, que realizou a tradução a partir do original *Wirtschaftsgeschichte. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte* (*História geral da economia: resumo da história social e econômica universal*), compilação de notas de Weber e as transcrições de seus alunos para a sua última palestra realizada em 1919–20, organizadas por Siegmund Hellmann e Melchior Palyi.

**Quadro 21** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1960.03)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
03	WEBER, Max. <i>História Geral da Economia</i> . São Paulo, Mestre Jou (1968): [s.n.]. 367 p. Prefácio do tradutor.
1968	<p><b>FONTE ORIGINAL EM ALEMÃO. Tradução:</b> Calógeras A. Pajuaba</p> <p><i>Wirtschaftsgeschichte. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte</i> (von Siegmund Hellmann und Melchior Palyi zusammengestelltes Werk aus Webers Notizen und den Mitschriften seiner Studenten zu seiner letzten vollständig gehaltenen Vorlesung 1919/1920)*. Berlin 1923.</p> <p>*[<b>História geral da economia</b>. Compilação por Siegmund Hellmann e Melchior Palyi de notas de Weber e as transcrições de seus alunos de sua última palestra realizada em 1919–20].</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

## b) Década de 70

<sup>151</sup> (Cf. Weber, 2006).

A década dos anos de 1970 foi marcada para a biblioteca weberiana brasileira pela publicação de três coletâneas. A primeira é o lançamento da celebrada edição temática das profissões, *Ciência e política, duas vocações* (Cultrix, de 1972). Já no ano de 1974, a Abril Cultural lança *Ensaio de sociologia e outros escritos. Textos selecionados*, coletânea integrante da coleção *Os Pensadores* (volume 37). Por último, no ano de 1979, é lançada simultaneamente no Brasil e em Portugal a coetânea de *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais*, (Martins Fontes, São Paulo e Editorial Presença, Lisboa). A seguir, os dados editoriais complementares de cada obra.

No início da década, a editora Cultrix prepara uma edição brasileira dos compilados *Wissenschaft als Beruf* (1917–1919) e *Politik als Beruf* (1919). Duas transcrições independentes de palestras proferidas por Weber a jovens estudantes, unificadas sobre a temática profissional. A versão nacional traduz os títulos como *Política como vocação* e *Ciência como vocação*, conceitos em atualização, uma vez que a tradução para o termo alemão *Beruf* é “trabalho”, ou “profissão”. A versão foi elaborada pela editora paulista desde uma tradução de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota chega às livrarias em 1972, prefaciada por Manoel T. Berlinck. As fontes originais em alemão datam de 1967 e 1968, publicadas por Dunker & Hunblot, Berlim.

**Quadro 22** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1970.01)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
01	WEBER, Max. <i>Ciência e política, duas vocações</i> . São Paulo, Ed. Cultrix. 1. ed. 1972. 124 p. Prefácio de Manoel T. Berlinck
1972	<b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO. Tradução:</b> Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. Tradução dos textos originais: <i>Wissenschaft als Beruf</i> (1917–1919)/ <i>Politik als Beruf</i> (1919). Publicações editadas a partir das versões de 1967 e 1968, de Dunker & Hunblot, Berlim.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

**Quadro 23** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1970.02)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
02	<p>WEBER, M. <i>Ensaio de sociologia e outros escritos. Textos selecionados</i>. São Paulo, Abril Cultural. 1974. 1 ed. 268p. (Os Pensadores, 37). Autoria secundária e apresentação: Maurício Tragtenberg. Trad. Maurício Tragtenberg, Waltensir Dutra (et al).</p> <p><sup>1</sup> <i>Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída</i>.  <sup>2</sup> <i>Capitalismo e sociedade rural na Alemanha</i>.  <sup>3</sup> <i>O caráter nacional e os “Junkers”</i>  <sup>4</sup> <i>História Geral da Economia (Cap. IV)</i> (reimpressão Mestre Jou [1968])  <sup>5</sup> <i>A Ética protestante e o espírito do capitalismo</i> (reimpressão Pioneira [1967])  <sup>6</sup> <i>Rejeições religiosas do mundo e suas direções</i></p> <p><b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO:</b></p> <p><sup>1</sup> <b>Traduções:</b> Maurício Tragtenberg:</p> <p>WEBER, Max. <i>Parlament und Regierung im Neugeordneten Deutschland. In: Gesammelte Politische Schriften</i>, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958, 2. Auflage. v. J. Winkelmann. p. 294–394. [GPS]</p> <p><b>REIMPRESSÕES (1967 e 1968). Traduções:</b> Waltensir Dutra (reimpressão):</p> <p><sup>2</sup> Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i> (C. XIII). Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963) [Capitalismo e sociedade rural na Alemanha].  <sup>3</sup> Op. Cit. [O caráter nacional e os “Junkers”].  <sup>6</sup> Op. Cit. [Rejeições religiosas do mundo e suas direções].</p> <p><sup>4</sup> <b>Traduções:</b> Calógeras A. Pajuaba (reimpressão):</p>
1974	<p>WEBER, Max. <i>História geral da economia</i>. São Paulo, Mestre Jou [1968]: [s.n.]. p.367.</p> <p><i>Wirtschaftsgeschichte. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte</i> (von Siegmund Hellmann und Melchior Palyi zusammengestelltes Werk aus Webers Notizen und den Mitschriften seiner Studenten zu seiner letzten vollständig gehaltenen Vorlesung 1919/1920)*. Berlin 1923.</p> <p>*[<b>História geral da economia</b>. Compilação por Siegmund Hellmann e Melchior Palyi de notas de Weber e as transcrições de seus alunos de sua última palestra realizada em 1919–20].</p> <p><sup>5</sup> <b>Traduções:</b> Irene de Q. F. Szmrecsanyi e Tamas J. M. K. Szmrecsanyi (reimpressão):</p> <p>WEBER, Max. <i>A ética protestante e o espírito do capitalismo</i>. São Paulo: Pioneira, 1967. (Biblioteca Pioneira de ciências sociais. Sociologia). Apresentação da editora Pioneira (contracapa). Introdução do Autor (<i>Vorbemerkung</i>). Contém notas acrescentadas pelo autor na 2.<sup>a</sup> edição, de 1920, GARS I.</p> <p>WEBER, Max. <i>Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus</i> [Cap. II e V]. In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i>. Band I: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck).Tübingen, 1947. M. [GARS I].</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

Em 1974, Maurício Tragtenberg publica pela Editora Abril Cultural uma seleção de textos weberianos sob o título *Ensaio de sociologia e outros escritos*<sup>152</sup>. A edição compõe o 37.º volume da coleção Os Pensadores. O livro apresenta logo na abertura um texto inédito, traduzido pelo próprio Tragtenberg direto da versão alemã. Trata-se de:

- 1) *Parlament und Regierung im Neugeordneten Deutschland (Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída)*, extraído da segunda edição de *Gesammelte Politische Schriften*, GPS, datada de 1958, e editada por Johannes Winckelmamm, publicado pela J. C. B. Mohr (Paul Siebeck). Além dessa tradução, o livro traz as seguintes reimpressões:
- 2) *Capitalismo e sociedade rural na Alemanha*, reimpressão do Capítulo XIII de *Ensaio de Sociologia* (Zahar, 1967, Tradução de Waltensir Dutra);
- 3) *O caráter nacional e os “Junkers”*, reimpressão do Capítulo XIV de *Ensaio de Sociologia* (Zahar, 1967, Tradução de Waltensir Dutra);
- 4) *História Geral da Economia*, reimpressão do Capítulo IV (Mestre Jou, 1968, Tradução de Calógeras A. Pajuaba);
- 5) *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*, reimpressão dos Capítulos II e V (Pioneira, 1967, Tradução de Irene de Q. F. Szmrecsanyi e Tamas J. M. K. Szmrecsanyi);
- 6) *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*, reimpressão do Capítulo XV de *Ensaio de Sociologia* (Zahar, 1967, Tradução de Waltensir Dutra).

**Quadro 24** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1970.03)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
03	WEBER, Max. <i>Ensaio sobre a teoria das ciências sociais</i> . São Paulo: Martins Fontes, Lisboa: Editorial Presença, imp. 1977. 132p., 21 cm. (broch.).
1977	<p><b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO. Tradução:</b> Carlos Grifo Babo</p> <p>Dados editoriais e ficha catalográfica insuficientes. Fonte original não indicada na edição. Textos referidos como 1904–1917. Contém: “A objetividade do conhecimento nas ciências sociais” (1904); “Sobre o significado de ‘neutralidade axiológica’ nas ciências sociais” (1917).</p> <p>Apesar de não podermos checar a fonte original em alemão, os dados editoriais parciais sugerem que a fonte seja mesmo <b>GAW</b> (os “Ensaio Reunidos da ‘doutrina’ da ciência”). Data de impressão 1977.</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

<sup>152</sup> Eventualmente, é possível encontrar referências que citam o livro com o subtítulo “textos selecionados”.

**Quadro 25** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1970.04)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
04	<p>WEBER, Max: <i>sociologia</i>. 6. ed. São Paulo: Ática, 1979. 22cm. (Grandes cientistas sociais, 13) Coordenador: Florestan Fernandes. Textos diversos. Inclui índice. ISBN 8508011458 (broch.). Autoria secundária, introdução, organização: Gabriel Cohn.</p> <p><sup>1</sup> <i>As causas [razões] sociais do declínio da cultura antiga</i>  <sup>2</sup> <i>O Estado nacional e a política econômica</i>  <sup>3</sup> <i>A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais</i>  <sup>4</sup> <i>Os três tipos puros de dominação legítima</i>  <sup>5</sup> <i>Religião e racionalidade econômica</i></p>
1979	<p><b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO. Tradução:</b> Amélia Cohn e Gabriel Cohn</p> <p><sup>1</sup> WEBER, Max. Die sozialen Grunde des Untergangs der antiken Kultur. In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte</i>. [Ensaio Reunidos de história social e econômica], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1. ed., 1924. p. 289–331 [GASW].</p> <p><b>Tradução cotejada com:</b> La decadencia de la cultura antigua — sus causas sociales. <i>Revista de Occidente</i>. v. XIII, p. 25–59, 1926. Trad. por Amélia Cohn e revisto conforme o original por Gabriel Cohn.</p> <p><sup>2</sup> WEBER, Max. Der Nationalstaat und die Volkswirtschaftspolitik. In: <i>Gesammelte Politische Schriften, München</i> [Escritos políticos], 3. ed. ampliada. Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1971 [1921]. p. 2–25 [GPS].</p> <p><sup>3</sup> WEBER, Max. Die ‘Objektivität’ Sozialwissenschaftlicher und Sozialpolitischer Erkenntnis. In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i>. 4. ed., organizada e revista por Johannes Winckelmann. Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1973 [1922]. p. 161–214. Não foi incluída a seção introdutória do ensaio (p. 146–61). Trad. por Gabriel Cohn [GAW].</p> <p><sup>4</sup> WEBER, Max. Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft. In: <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i>. 4. ed., organizada e revista por Johannes Winckelmann. Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1956 [1921]. v. II, p. 551–8. Trad. por Gabriel Cohn. [WuG]</p> <p><sup>5</sup> WEBER, Max. Die asiatische Sekten und Heilandsreligiosität” e „Konfuzianismus und Taoismus.” In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i>. 5. ed. (6. ed. 1972 [1920]. v. I). Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1972 [1920]. v. II, p. 363–78, v. I, p. 528–36. Trad. por Gabriel Cohn. [GARS I e GARS II].</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

Do ano de 1977, uma publicação conjunta entre a Martins Fontes, de São Paulo, e a Editorial Presença, de Lisboa, do título *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais*. Na consulta à obra física (acesso à 2.<sup>a</sup> edição impressa, 1979), encontramos dados editoriais e ficha catalográfica insuficientes. A fonte original, por



exemplo, não estava indicada na edição. Havia apenas uma indicação da natureza dos textos: “1904–1917”. O Volume contém: *A objetividade do conhecimento nas ciências sociais* (1904); e *Sobre o significado de “neutralidade axiológica” nas ciências sociais* (1917). A Tradução é de Carlos Grifo Babo. Ainda que parciais, os dados editoriais sugerem que a fonte seja mesmo **GAW**, os *Ensaio Reunidos da ‘doutrina’ da ciência*, organizados em 1922.

No ano de 1979, a editora Ática apresenta o 13.º volume da coleção *Grandes Cientistas Sociais*, Coordenada pelo Florestan Fernandes. Trata-se da publicação organizada por Gabriel Cohn, *Max Weber: sociologia*. A tradução foi assinada pelo organizador junto a Amélia Cohn, que indicam na abertura da publicação as seguintes fontes-base dos originais alemães:

- 1) *Die sozialen Gründe des Untergangs der antiken Kultur* [As razões sociais do declínio da cultura antiga] **GASW**, 1. ed., de 1924;
- 2) *Der Nationalstaat und die Volkswirtschaftspolitik* [O Estado nacional e a política econômica] **GPS** 3. ed., de 1971 [1921];
- 3) *Die ‘Objektivität’ Sozialwissenschaftlicher und Sozialpolitischer Erkenntnis* [A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais] **GAW** 4. ed., de 1973 [1922];
- 4) *Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft* [Os três tipos puros de dominação legítima] **WuG** v. II, 4. ed., de 1956 [1921]; e
- 5) *Die asiatische Sekten und Heilandsreligiosität e Konfuzianismus und Taoismus* [Religião e racionalidade econômica] **GARS I** 6. ed. e **GARS II**. 5. ed., de 1972 [1920–1921].

### c) Década de 80

Após quatro edições brasileiras bem-sucedidas (1967, 1971, 1974, 1979) a tradução de Waltensir Dutra, com revisão técnica do, à época, professor Fernando Henrique Cardoso para *From Max Weber: Essays in Sociology*, da Oxford University Press Inc. tem seus direitos de comercialização e de impressão transferidos a editora Guanabara que, em 1982, lança uma edição “definitiva” de *Ensaio de sociologia*. É a reimpressão periódica dessa quinta edição que chega até nós nos dias atuais. Em seguida, a editora LTC passou a possuir os direitos e tem comercializado a reimpressão da 5.ª edição. Atualmente a Guanabara Koogan e a LTC são partes do Grupo Editorial Nacional (GEN) — criado em 2007, e controlado pelas famílias fundadoras das duas editoras.

No ano de 1987, a Editora Moraes toma como fonte-base a segunda edição de *Wirtschaft und Gesellschaft*, de 1925 [1921] — organizada por Marianne Weber a

partir do material do espólio para compor a Seção III (*Abteilung III*, como apresentado no Capítulo I) — e publica o livro *Conceitos básicos de sociologia*, com tradução de Rubens E. F. Frias e Gerard Georges Delaunay. Além do “Prefácio da editora”. O volume também apresenta um Prefácio com a rubrica do autor acrescido de notas bibliográficas contextuais.

**Quadro 26** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1980.04)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
01	WEBER, Max; GERTH, Hans Heinrich; MILLS, C. Wright (Charles Wright). <i>Ensaio de sociologia</i> . 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982. 530p. (Biblioteca de ciências sociais). Autorias secundárias, organização e introdução de Gerth, Hans Heinrich, Mills, C. Wright (Charles Wright). Revisão téc. à ed. nac. de Fernando Henrique Cardoso.
1982	<b>FONTES SECUNDÁRIAS EM INGLÊS. Tradução:</b> Waltensir Dutra Traduzido de: Weber, Max. Gerth, H. H.; Mills, C. Wright. <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i> . Oxford University Press, Inc. sixth reprint (Galax Book, 1963 [1946]).

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

**Quadro 27** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1980.02)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
02	WEBER, Max. <i>Conceitos básicos de sociologia</i> . São Paulo. Editora Moraes. 1. ed. 1987. 113p. ISSN 85-882-0826-1. Contém: Prefácio “do autor” e “da editora”.
1987	<b>FONTE ORIGINAL EM ALEMÃO. Tradução:</b> Rubens E. F. Frias e Gerard G. Delaunay. Wirtschaft und Gesellschaft. In: <i>Grundriss der verstehenden Soziologie</i> . Seção III. J. C. B. Mohr. Editado por Marianne Weber. 2. ed. 1925 [1921]. [WuG]

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

No ano de 1989, Lólio Lourenço de Oliveira traduz, edita e publica pela Editora Cortez uma coletânea temática de textos intitulada *Sobre a universidade: o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica*. Obteve-se acesso à primeira edição, que contava com a apresentação de Maurício Tragtenberg, na ocasião, editor da coleção *Pensamento & Ação*, coleção da qual *Sobre a universidade* figurava exatamente como seu “Volume 1”.

**Quadro 28** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1980.03)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
03	<p>WEBER, Max. <i>Sobre a universidade: o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica</i>. São Paulo: Cortez, 1989. 149p., 21cm. (Pensamento &amp; ação, v.1).1.<sup>a</sup> ed. Direitos de publicação de Lólio Lourenço de Oliveira. Introdução à edição brasileira de Maurício Tragtenberg. Nota introdutória (edição norte-americana) e notas complementares: Edward Shils In: <i>The Writings of Max Weber on University Problems</i>, XI, 4 (October 1973), 571–573.</p> <p><b>FONTES SECUNDÁRIAS EM INGLÊS. Tradução:</b> Lólio Lourenço de Oliveira</p> <p>* WEBER, Max. <i>The Power of the State and the Dignity of the Academic Calling in Imperial Germany</i>. In: <i>Minerva</i>. October 1973, Volume 11, Issue 4, pp 571–632.</p> <p>* WEBER, Max. <i>On Universities: The power of the state and the dignity of the academic calling in imperial Germany</i>. (Chicago Press, 1974) reprinted from <i>Minerva</i>, XI, 4 (October, 1973), pp. 571–632.</p> <p><b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO:</b></p> <p>* WEBER, Max. <i>Der „Fall Bernhard“ und Prof. Delbrück</i> — Frankfurter Zeitung vom 10/07/1908.</p> <p>* WEBER, Max. <i>Die sogenannte „Lehrfreiheit“ an den deutschen Universitäten</i> — Frankfurter Zeitung vom 20/09/1908, 3. Morgen blarr.</p> <p>* WEBER, Max. <i>Die Lehrfreiheit der Universitäten</i>, 1909, Wiederalgedruckt — Frankfurter Zeitung vom 03/11/1973.</p> <p>* WEBER, Max. <i>Stellungnahme zum Fall Althoff</i> — „Tägliche Rundschau“, n. 497 vom 22/11/1911.</p> <p>* WEBER, Max. <i>Die Handelshochchuden</i> — Berliner Tageblatt, n. 548 vom 27/10/1911.</p> <p>* WEBER, Max. <i>Dendsschirift an die Handelshochchuden</i> — vom 07/11/1911.</p> <p>* WEBER, Max. <i>Eine Katolisch Universitat in Salzburg</i> — Frankfurter Zeitung vom 10/05/1917.</p> <p>* WEBER, Max. <i>Der Sinn der ‚Wertfreiheit‘ der soziologischen und ökonomischen Wissenschaften (O sentido da ‘neutralidade axiológica’ nas ciências sociais e econômicas)</i>, de 1917 [GAW 1922]; e</p> <p>* WEBER, Max. <i>Wissenschaften als Beruf (Ciência como Profissão)</i>, publicado pela Duncker und Humblot, em 1919.</p>
1989	

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

As fontes em língua alemã, privilegiadas por Shils, abarcam os debates em torno do papel da ciência e da universidade, nos quais, Weber se envolveu publicamente. Embora a ficha catalográfica apresentasse as fontes originais alemãs,

não explicava a origem do conjunto de edição no todo. O volume traz, contudo, uma segunda “Nota introdutória”: trata-se de uma apresentação redigida pelo organizador da coletânea original (edição norte-americana), Edward Shils. A compilação de textos de Weber havia sido organizada e publicada por Shils sob o título *The Power of the State and the Dignity of the Academic Calling in Imperial Germany*, no décimo primeiro volume da revista *Minerva*, em Outubro de 1973, ganhando uma reimpressão pela Chicago Press, em 1974.

#### d) Década de 90

Do ano de 1991, publicado pela extinta editora Moraes, *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais* se destaca das recepções anteriores por utilizar fontes em francês — diferentemente dos trabalhos que priorizaram fontes ou na língua materna de Weber ou fontes na língua inglesa.

**Quadro 29** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.01)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
01	WEBER, Max. <i>Ensaio sobre a teoria das ciências sociais</i> . [1. ed.]. São Paulo: Moraes, 1991. 132p., 21 cm. (broch.). Prefácio do autor.
1991	<p><b>FONTES SECUNDÁRIAS EM FRANCÊS. Tradução:</b> Rubens Eduardo Ferreira Frias.</p> <p>Coleção de artigos publicados entre 1904 e 1917 [GAW], traduzidos do alemão para a língua francesa e introduzido na França por Julien Freund. Paris: Librairie Plon, 1965. 539 páginas. Coleção: <i>Recherches en sciences humaines</i>, No. 19.</p> <p>Contém: “A objetividade do conhecimento na ciência e na política social” (1904); “Estudos críticos no campo da lógica das ciências da cultura” (1905–6); “Ensaio sobre algumas categorias da sociologia compreensiva” (1913); “Ensaio sobre o significado de ‘neutralidade ética’ nas ciências sociológicas, econômicas e ciências da cultura” (1917).</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

É a partir da coletânea de artigos weberianos apresentada à França por Julien Freund (como parte da Coleção *Recherches en sciences humaines*) que a tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias nos introduz a quatro artigos de teoria assinados por Max Weber. São contemplados quatro artigos de Weber na edição francesa (editora Librairie Plon, de 1965), a citar: *L'objectivité de la connaissance dans les sciences et la politique sociales* (Na edição brasileira, *A objetividade do*

*conhecimento na ciência e na política social*, texto original de 1904); *Études critiques pour servir à la logique des sciences de la culture* (Na edição brasileira, *Estudos críticos no campo da lógica das ciências da cultura*, de 1905–1906); *Essai sur quelques catégories de la sociologie compréhensive* (Na edição brasileira, *Ensaio sobre algumas categorias da sociologia compreensiva*, de 1913); e *Essai sur le sens de la “neutralité axiologique” dans les sciences sociologiques et économiques* (Na edição brasileira, *Ensaio sobre o significado de ‘neutralidade ética’ nas ciências sociológicas, econômicas e ciências da cultura*, de 1917). A fonte original de referência é a coletânea de ensaios **GAW**, de 1922.

Também de 1991, outra publicação singular chega até o público brasileiro, é a primeira ocasião em que uma “obra fechada” do espólio de Weber chega ao público brasileiro exatamente como sua editora, Marianne Weber a concebeu. Trata-se da primeira edição nacional de *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, traduzida diretamente do idioma alemão a cargo dos tradutores Régis Barbosa e Karen E. Barbosa. Até então, a audiência brasileira precisava recorrer a edições estrangeiras, como a celebrada tradução de **WuG** para o espanhol (por José Medina Echavarría et al., como *Economia y Sociedad*, publicação de 1944, pela editora Fondo de Cultura Económica, México) ou a edição “definitiva” de **WuG** em alemão, de 1976 (5.<sup>a</sup> edição), além de traduções para o Italiano, 1.<sup>a</sup> ed. 1961, 2.<sup>a</sup> ed. 1968; para o Inglês “americano”, de 1968; e o francês, de 1971.

**Quadro 30** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.02)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
02	WEBER, Max. <i>Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva</i> . 1. ed. = 5.ed. rev. alemã Brasília, DF: Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1991 – Obra completa (volume único) ISBN 8523003142. Revisão técnica de Gabriel Cohn.
1991	<b>FONTE ORIGINAL EM ALEMÃO. Tradução:</b> Régis Barbosa e Karen E. Barbosa (vls. 1 e 2). <i>Wirtschaft und Gesellschaft : Grundriss der verstehenden Soziologie</i> 5. Auf. Johannes Winckelmann. 1976. [ <b>WuG</b> ]

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

A base textual tomada como referência é a citada 5.<sup>a</sup> edição alemã de *Wirtschaft und Gesellschaft: Grundriss der verstehenden Soziologie*, de 1976 [**WuG**]

1921], revista e organizada por Johannes Winckelmann. A Revisão técnica da edição brasileira fica aos cuidados de Gabriel Cohn e a publicação a encargo da Editora da Universidade de Brasília. A primeira edição é rodada da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, em volume único. Nas edições posteriores, a obra seria dividida em dois volumes. A edição, além de expor uma apresentação de Gabriel Cohn, traz os prefácios à primeira e à segunda edições, assinados por Marianne Weber [1921; 1925], e os prefácios à quarta e à quinta edições, assinados por Johannes Winckelmann [1955; 1976].

No ano de 1992, mais uma edição completa e de destaque é recebida no Brasil. A editora paulistana Cortez lança, em parceria com a editora da Unicamp, *Metodologia das ciências sociais* (partes 1 e 2). É a segunda “obra fechada” com base no espólio a ser publicada integralmente em nosso mercado editorial.

**Quadro 31** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.03)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
03	WEBER, Max. <i>Metodologia das ciências sociais</i> : partes 1 e 2. 1. ed. São Paulo: Cortez, Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992 (broch.). Introdução à edição brasileira de Maurício Tragtenberg. Tradução de Augustin Wernet. Apresenta Prefácio à edição alemã de 1973, redigido pelo editor Johannes Winckelmann para a edição de 1966.
1992	<p><b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO. Tradução:</b> Augustin Wernet (partes 1 e 2).</p> <p>WEBER, Max. <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [Ensaio Reunidos da ‘doutrina’ da ciência], Hrsg. v. Johannes Winckelmann, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1973 [1922]. [<b>GAW</b>]. Inclui Prefácio de J. Winckelmann, datado de 1966.</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

A editoria do original, desta vez, é mantida por Johannes Winckelmann, já havia trabalhado na edição de **WuG**. Abaixo (Figura 6), as fontes originais dos escritos de Weber que compreendem a edição de **GAW**.

A Introdução à edição brasileira fica a cargo de Maurício Tragtenberg e inclui o “Prefácio do editor alemão”, Johannes Winckelmann, datado de 1966. A tradução é de Augustin Wernet, que se valeu da quarta edição de *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre* [**GAW**] (*Ensaio Reunidos da ‘doutrina’ da ciência*), publicada por J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), em 1973 [1922].

**Figura 6** — Fontes originais de **GAW**, em *Metodologia das Ciências Sociais*, vol. 1 e 2

<p><i>Fontes originais</i></p> <p>Schmollers Jahrbuch. 27., 29., 30. Jahrgang. 1903-1906.  Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik. 19. Bd. 1904.  Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik. 22. Bd. 1906.  Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik. 24. Bd. 1907.  Aus dem Nachlass.  Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik. 27. Bd. 1908.  Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik. 29. Bd. 1909.  Logos. Band 4. 1913.  Aus dem Nachlass. Preussische Jahrbücher. 187. Bd. 1922.  Logos. Band 7. 1918.  Grundriss der Sozialökonomik. III. Abteilung: Wirtschaft und Gesellschaft, I. Teil. Kapitel I, §§ 1-7. 1921.  Vortrag. 1919.</p>
--

**Fonte:** Ficha catalográfica de *Metodologia das ciências sociais* para os Partes 1 e 2 (de 2001).

A seguir (Quadro 32), a disposição dos capítulos traduzidos de **GAW** em *Metodologia das ciências sociais* (Weber, 2001), conforme as Partes 1 e 2.

**Quadro 32** — Partes de GAW em *Metodologia das Ciências Sociais*, vol. 1 e 2

<i>Metodologia das ciências sociais</i> — Partes 1 e 2
<p><b>Parte 1</b></p> <p>I. Roscher e Knies e os Problemas lógicos de Economia Política Histórica  II. A “Objetividade” do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política  III. Estudos Críticos sobre a lógica das Ciências da Cultura</p>
<p><b>Parte 2</b></p> <p>IV. Stammler e a Superação Materialista da Historia  V. Suplemento ao Artigo: Rudolf Stammler e a Superação Materialista da Historia.  VI. A teoria sobre o Limite do Aproveitamento e a “Lei fundamental psicofísica”  VII. Teorias Culturais “Energéticas”  VIII. Sobre Algumas Categorias da Sociologia compreensiva  IX. Os Três Tipos Puros de Dominação Legítima  X. O Sentido da “Neutralidade Axiológica” nas Ciências Sociais e Econômicas  XI. Conceitos Sociológicos Fundamentais  XII. A Ciência como Vocação</p>

**Fonte:** Retirado do “Sumário” de *Metodologia das ciências sociais* para os Partes 1 e 2 (de 2001).

No ano de 1993, a Editora Vozes publica o artigo *Parlamento e governo na Alemanha reordenada: crítica política da burocracia e da natureza dos partidos*. A publicação é parte da coleção *Clássicos do pensamento político*, sob a marca de “Volume 30”. A tradução é feita por de Karin Bakke de Araújo e não dá indicações da

fonte original. Como não se recuperou essa informação até o fechamento deste trabalho, há, pelo menos, duas possibilidades a explorar. Primeiramente, a indicação do subtítulo “crítica política da burocracia e da natureza dos partidos” remete à publicação original do artigo de Weber *Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland. Zur politischen Kritik des Beamtentums und Parteiwesens*, de maio de 1918. A outra possibilidade é que o artigo tenha sido traduzido a partir organização de *Gesammelte Politische Schriften (GPS)*, publicada por J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), contudo essa edição não apresenta o subtítulo acima descrito<sup>153</sup>.

**Quadro 33** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.04)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
04	WEBER, Max. <i>Parlamento e governo na Alemanha reordenada: crítica política da burocracia e da natureza dos partidos</i> . Petrópolis: Vozes, 1993. 174p., 21cm. (Classicos do pensamento político. v 30). ISBN 85-326-1002-1 (broch.). Introdução do autor.
1993	<b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO. Tradução:</b> Karin Bakke de Araujo. <i>Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland</i> Ano do original: 1918. Fonte da publicação alemã utilizada não identificada.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

Em 1994, a editora Martins Fontes publica *História agrária romana*. O volume de 283 páginas compõe a coleção *O Homem e a história*. Com prefácio do autor, a Tradução de Eduardo Brandão toma como texto de referência a versão em espanhol (não descrita ou referenciada na ficha catalográfica) de *Romische Agrargeschichte* (original de 1892).

<sup>153</sup> A GPS apresenta *Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland* sem indicação de subtítulo, mas com as seguintes subseções: *Vorbemerkung* [Introdução do autor] (p.306); I. *Die Erbschaft BISMARCKS* (p.311); II. *Beamtenherrschaft und politisches Führertum* (320); III. *Verwaltungsöffentlichkeit und Auslese der politischen Führer* (351); IV. *Die Beamtenherrschaft in der auswärtigen Politik* (369); V. *Parlamentarisierung und Demokratisierung* (382); VI. *Parlamentarisierung und Föderalismus* (406). (cf. GPS, org. J. Winckelmann, Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) p. 306-443 (9. edição, de 1988, p. ex.).



**Quadro 34** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.05)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
05	WEBER, Max. <i>História agrária romana</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1994. 283p., 21cm. (O Homem e a história). p. [281]-283. ISBN 8533602685 (broch.). Prefácio do autor.
1994	<b>FONTES SECUNDÁRIAS EM ESPANHOL. Tradução:</b> Eduardo Brandão Tradução da “versão espanhola” de <i>Romische Agrargeschichte</i> (Não referenciada na ficha catalográfica). Ano do original alemão: 1892.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

**Quadro 35** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.06)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
06	WEBER, Max. <i>Os fundamentos racionais e sociológicos da música</i> . São Paulo: EdUSP, 1995. 159p., 26cm. (Clássicos, 1). Bibliografia: p. 151-159. ISBN 85-314-0272-7 (broch.). Prefácio: Gabriel Cohn.
1995	<b>FONTE ORIGINAL EM ALEMÃO. Tradução, introdução e notas:</b> Leopoldo Waizbort (trad. orig. alemão). <i>Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik</i> . Incluído como apêndice em <i>Wirtschaft und Gesellschaft – Grundriss der verstehende Soziologie</i> (org. por J. Winckelmann. Ano do original: 1911. [GAW] 1921: <i>Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik</i> , München 1921. Dann in <i>Wirtschaft und Gesellschaft</i> von der 2. Auflage 1925 bis zur 4. Auflage 1956 enthalten. Erneute Separatveröffentlichung: Tübingen. [GAW] <b>FONTE SECUNDÁRIA EM ESPANHOL. Indicação do tradutor:</b> Cotejamento com a versão mexicana. <i>Los fundamentos Racionales y Sociológicos de la música</i> , Apêndice a “Economía e Sociedad”, México, Fondo de Cultura Económica”, 1964. [WuG] <b>FONTE SECUNDÁRIA EM INGLÊS. Indicação do tradutor:</b> Cotejamento com <i>Rational and Social Foundations of Music</i> , Southern Illinois University Press, 1958.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

Leopoldo Waizbort, em 1995, traduz do idioma alemão *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*, de 1911. O texto publicado pela editora EdUSP como o primeiro volume da coleção *Clássicos* é prefaciado por Gabriel Cohn, e Waizbort, além de escrever a introdução, compõe notas complementares à edição. A principal fonte de Waizbort é o original alemão *Die rationalen und soziologischen Grundlagen der Musik*, publicado de modo adicional e incidental por opção do editor Johannes Winckelmann (v. Capítulo I do presente trabalho) na quarta edição alemã de WuG (1956). Além da fonte alemã, Leopoldo Waizbort cotejou o material com a

versão mexicana *Los fundamentos Racionales y Sociológicos de la música*, de 1964, e com a versão norte-americana *Rational and Social Foundations of Music*, de 1958.

**Quadro 36** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 1990.07)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
07	<p>WEBER, Max. <i>Textos selecionados</i>. São Paulo: Nova Cultural, 1997. 192p., 21cm. (Os Economistas). ISBN 8535109161 (enc.). Apresentação Maurício Tragtenberg. Trad.: Maurício Tragtenberg (<i>et al</i>).</p> <p><sup>1</sup> <i>Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída</i>. Trad.: Maurício Tragtenberg, Revisão de Cássio Gomes</p> <p><sup>2</sup> <i>Capitalismo e sociedade rural na Alemanha</i> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra</p> <p><sup>3</sup> <i>O caráter nacional e os “junkers”</i> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra</p> <p><sup>4</sup> <i>Rejeições religiosas do mundo e suas direções</i> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra</p> <p><b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO</b> (reedição) <sup>1</sup>. Tradução de Maurício Tragtenberg, Revisão de Cássio Gomes</p> <p>Traduzido por Maurício Tragtenberg, com Revisão de Cássio Gomes, a partir de: <i>Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland</i>, in Max Weber, <i>Gesammelte politische Schriften</i>, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958, 2.ª edição, preparada por Johannes Winckelmann, págs. 294–394. [GPS]</p> <p><b>FONTES SECUNDÁRIAS EM INGLÊS</b> (reimpressão). <sup>2</sup> Tradução da versão inglesa por Waltensir Dutra</p>
1997	<p>Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i> (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).</p> <p><sup>3</sup> Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i> (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).</p> <p>Texto original em alemão: “Wahlrecht und Demokratie in Deutschland”, <i>Gesammelte Politische Schriften</i> (Munich, Dreimaskenverlag, 1921). Compreende um trecho de um folheto que “Die Halfe” — o departamento editorial de livros da pequena revista que Naumann dirigia — publicou em dezembro de 1917.</p> <p><sup>4</sup> Traduzido da sexta impressão (Galaxy Book, 1963) da edição publicada em 1946 pela Oxford University Press, Inc.: <i>From Max Weber: Essays in Sociology</i> (translated, edited and with an Introduction by H. H. Gerth and C. Wright Mills).</p> <p><b>Original:</b> De „Zwischenbetrachtung”. <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i>, vol. I, pp. 436–73. Este ensaio foi publicado em novembro de 1915, no <i>Archiv</i>. [GARS I]</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

No ano de 1997, ocorre uma reedição de *Ensaio de sociologia e outros escritos*. *Textos selecionados*, publicado pela Editora Abril Cultural, originalmente,

em 1974 (*Os Pensadores*, 37). Com introdução de Maurício Tragtenberg, a edição reapresenta os textos anteriores, mas acrescenta à tradução de Maurício Tragtenberg de *Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída* e os créditos de revisão a Cássio Gomes. A coletânea reeditada recebeu o título de *Max Weber: textos selecionados* e acompanha a reformulação da editora, que passa agora a se chamar “Nova Cultural”. O volume é parte da coleção *Os Economistas*<sup>154</sup>.

e) *Década de 2000*

Em 2001, a Centauro lança sua edição de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. A tradução é de Vinícius Eduardo Alves, direto do idioma alemão, tomando como fonte a já popular 2.<sup>a</sup> edição alemã, de 1920, publicada em **GARS I** com as notas adicionais de Max Weber.

**Quadro 37** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.01)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
01	WEBER, Max. <i>A ética protestante e o espírito do capitalismo</i> . São Paulo: Centauro, 2001.
2001	<b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO. Tradução:</b> Vinícius Eduardo Alves <i>Die Protestantische Ethik und der Geits des Kapitalismus</i> (tradução direta do alemão, com as notas de Max Weber acrescentadas a 2. ed. alemã, de 1920, [GARS I]).

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

Também do ano de 2001 é a publicação de *Ciência e política: duas vocações*, pela Editora Martin Claret. A edição tem tradução de Jean Melville e é parte da Coleção *A Obra–Prima de Cada Autor*. Melville utilizou fontes em alemão, com base nos textos originais: *Wissenschaft als Beruf*, de 1917–1919, e *Politik als Beruf*, de 1919, em suas edições alemãs de 1967 e 1968, da editora de Dunker & Humblot, de Berlim.

<sup>154</sup> cf. alínea b) “década de 70”.

**Quadro 38** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.02)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
02	WEBER, Max. <i>Ciência e política: duas vocações</i> . Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2001. 128 p. (Coleção A Obra–Prima de Cada Autor).
2001	<b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO. Tradução:</b> Jean Melville Tradução dos textos originais: <i>Wissenschaft als Beruf</i> (1917–1919)/ <i>Politik als Beruf</i> (1919). Edições realizadas a partir das versões de 1967 e 1968, de Dunker & Humblot, Berlim.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

Outra adição weberiana à coleção *A Obra–Prima de Cada Autor* da editora Martin Claret é a sua versão de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. A organização do volume é de Sílvio L. Sant’Anna, que assina a Introdução. A tradução é de Pietro Nassetti, que utiliza fontes em inglês e alemão. Durante o processo de tradução, a versão americana de Talcott Parsons editada pela *Harvard University* foi cotejada por Pietro Nassetti em relação à versão alemã, de 1920, em **GARS I**.

**Quadro 39** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.03)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
03	WEBER, Max. <i>A ética protestante e o espírito do capitalismo</i> . São Paulo: Martin Claret, 2002. (A Obra–Prima de Cada Autor). Organização e Introdução: Sílvio L. Sant’Anna
2002	<b>FONTES SECUNDÁRIAS EM INGLÊS. Tradução:</b> Pietro Nassetti. WEBER, Max. <i>Die Protestantische Ethik und der Geits des Kapitalismus</i> . 1904–5 und 1920 (tradução da versão inglesa de Talcott Parsons, Harvard University, cotejada com a versão alemã. Contém as notas de Max Weber acrescentadas a 2. ed. alemã, de 1920, [GARS I]).

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

No ano de 2003, a Editora UnB lança *A política como vocação*. Com Tradução de Maurício Tragtenberg. A fonte utilizada é a *Gesammelte Politische Schriften*, em **GPS**, que contém a versão de *Politik als Beruf*, de 1919.

**Quadro 40** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.04)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
04	WEBER, Max. A política como vocação. Brasília, UnB. 2003. Revisão técnica Oliver Tolle. Direitos exclusivos para esta edição: Editora UnB.
2003	<b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO. Tradução:</b> Maurício Tragtenberg Politik als Beruf [1919]. In: <i>Gesammelte Politische Schriften</i> [Escritos políticos]. [GPS]

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

Também em 2003, a Centauro Editora (antiga Editora Moraes) reedita *Ensaio sobre a Teoria das Ciências Sociais*, com Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias, que já havia sido editada no catálogo da Editora Moraes em 1991<sup>155</sup>.

**Quadro 41** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.05)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
05	WEBER, Max. Ensaio sobre a Teoria das Ciências Sociais. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Centauro Editora, 2. ed. 2003. 106 p. ISBN: 8588208482. Número de Páginas: 132. Formato: 14.00 x 21.00 cm, Acabamento: brochura. Prefácio do autor.
2003	<b>FONTES SECUNDÁRIAS EM FRANCÊS</b> (reedição). <b>Tradução:</b> Rubens E. Ferreira Frias  Coleção de artigos publicados entre 1904 e 1917 [GAW], traduzidos do alemão para a língua francesa e introduzido na França por Julien Freund. Paris: Librairie Plon, 1965. 539 páginas. Coleção: Recherches en sciences humaines, No. 19.  Contém: “A objetividade do conhecimento na ciência e na política social” (1904); “Estudos críticos no campo da lógica das ciências da cultura” (1905–6); “Ensaio sobre algumas categorias da sociologia compreensiva” (1913); “Ensaio sobre o significado de ‘neutralidade ética’ nas ciências sociológicas, econômicas e ciências da cultura” (1917).

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

No ano de 2004, a Companhia das Letras apresenta outra edição de *A Ética e o “Espírito” do Capitalismo*. A apresentação, a edição e a revisão técnica são de Antônio Flávio Pierucci, que recupera as aspas do título, como na primeira edição em que o artigo apareceu no *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, em

<sup>155</sup> Cf. Alínea b), “Década de 90”.

1904–1905. A grafia do título *Die protestantische Ethik und der 'Geist' des Kapitalismus* foi alterada pelo próprio Weber, que excluiu as aspas do título para a edição de 1920, publicada em **GARS I**. Além disso, Pierucci mantém as notas de Weber para a edição de 1920, mas dispensa a equivocada *Vorbemerkung* (ou, *Observação Preliminar*), extensa nota que Weber redigiu à maneira de prefácio para o conjunto de coletânea *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* [**GARS I, II e III**]<sup>156</sup>. A tradução desta edição é de José Marcos Mariani de Macedo, com cotejamentos entre a edição de 1904–1905 (Archiv) e 1920 (**GARS I**).

**Quadro 42** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.06)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
06	WEBER, Max. A Ética e o “Espírito” do Capitalismo. São Paulo, Companhia das Letras. 12. reimp., 2004. Apresentação, edição e revisão técnica: Antônio Flávio Pierucci.
	<b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO. Tradução:</b> José Marcos Mariani de Macedo.
2004	WEBER, Max. Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie</i> [Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião]. Band I: J. C. B. Mohr. Tübingen, 1920. [ <b>GARS I</b> ] de Max Weber acrescentadas a 2. ed. alemã, de 1920, [ <b>GARS I</b> ].

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

**Quadro 43** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.07)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
07	WEBER, Max. Estudos políticos: Rússia 1905 e 1917. Apresentação e tradução: Maurício Tragtenberg. S. Paulo: Azougue Editorial. Data 2005. 216 páginas.
	<b>Tradução:</b> Maurício Tragtenberg
2005	<b>Fonte:</b> Sem acesso a informações complementares

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

Em 2005, a Editora Azougue Editorial publica *Estudos políticos: Rússia 1905 e 1917*, com apresentação e tradução de Maurício Tragtenberg. A edição apresenta três artigos inéditos no Brasil, nos quais Weber acompanha e comenta as tensões

<sup>156</sup> Cf. Alínea a), “Década de 60”.

políticas na Rússia que culminariam na Revolução de 1917. Não se teve acesso às fontes do texto.

De 2006, tem-se outra publicação de *História geral da Economia*, pela Centauro, com tradução de Klaus von Puschen, direto de *Wirtschaftsgeschichte. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*, editado na Alemanha por Siegmund Hellmann e Melchior Palyi, em Berlim, 1923. O texto traz compilações a partir das anotações de Weber e das transcrições de seus alunos de seu último curso oferecido integralmente, entre 1919–1920. Na edição nacional, o tradutor toma como base a terceira edição alemã revista por Johannes Winckelmann.

**Quadro 44** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.08)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
08	WEBER, Max. <i>História geral da Economia</i> . São Paulo: Centauro, 2006. 336p., 21 cm. Bibliografia: p. 335-336. ISBN 8588208784 (broch.).
	<b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO. Tradução:</b> Edição consultada sem indicação de tradutor.
2006	<i>Wirtschaftsgeschichte. Abriß der universalen Sozial- und Wirtschaftsgeschichte</i> [ (von Siegmund Hellmann und Melchior Palyi zusammengestelltes Werk aus Webers Notizen und den Mitschriften seiner Studenten zu seiner letzten vollständig gehaltenen Vorlesung 1919/1920)*. Berlin 1923. [Edição com base na 3 ed. Revista (J. Winckelmann)].

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

**Quadro 45** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.09)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
09	WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais. São Paulo: Ática, 2006. Autoria secundária, apresentação, comentários Gabriel Cohn.
	<b>FONTES ORIGINAIS EM ALEMÃO. Tradução:</b> Gabriel Cohn.
2006	WEBER, M. Die „Objektivität“ Sozialwissenschaftslehre und sozial politischer Erkenntnis. In: <i>Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre</i> [Ensaio Reunidos da ‘doutrina’ da ciência], J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 4. Auflage. 1973 [1922]. pp. 146–214 [GAW].

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

Também no ano de 2006 é publicada da edição comentada de *A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais*, pela editora Ática, na coleção *Ensaio Comentado*. Autorias secundárias, apresentação, comentários e tradução

são assinados por Gabriel Cohn, que utiliza como fonte-base os escritos publicados em **GAW**, *Die "Objektivität" Sozialwissenschaftslehre und sozial politischer Erkenntnis*, especificamente a quarta edição, de 1973 [1922], publicada por J. C. B. Mohr (Paul Siebeck).

Em 2007, a Editora Ática oferece mais um artigo de Weber como parte da coleção *Ensaio Comentados*. Trata-se de *A gênese do capitalismo moderno*. O texto é acompanhado de apresentação e comentários de Jessé Souza, que também é responsável pela organização do volume; já a tradução é de Rainer Domschke. Não se teve acesso à obra física para checar outras informações.

**Quadro 46** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.10)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
10	WEBER, Max. <i>A gênese do capitalismo moderno</i> . Organização, apresentação e comentários: Jessé Souza. Tradução: Rainer Domschke. São Paulo: Ática, 2006. Coleção <i>Ensaio Comentados</i> . 136p.
2006	<b>Tradução:</b> Rainer Domschke. <b>Fonte:</b> Sem acesso a informações complementares

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

#### e) Década de 2010

Com data de 2011, a Editora Ícone apresenta *O direito na economia e na sociedade*, como integrante da coleção *Fundamentos do Direito*. A coletânea de textos é traduzida por Marsely de Marco Martins.

**Quadro 47** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2000.01)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
01	WEBER, Max. <i>O direito na economia e na sociedade</i> . Trad. Marsely de Marco Martins Dantas. 1. ed. São Paulo: Ícone, 2011 (Fundamentos do Direito). 336p. ISBN: 978-85-274-1144-8.
2011	<b>Tradução:</b> Marsely de Marco Martins <b>Fonte:</b> Sem acesso a informações complementares

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.



A coletânea da Editora Ícone apresenta os textos traduzidos por Marsely de Marco Martins em catorze capítulos listados a seguir (Quadro 48), juntamente com a apresentação do volume disponível no site da editora. Não se teve acesso à edição física ou digital.

**Quadro 48** — Apresentação da coletânea *O direito na economia e na sociedade*

*O Direito na Economia e na Sociedade* de Max Weber constitui a maior pesquisa sociológica já escrita. Originalmente publicado em alemão, tornou-se, com o tempo, parte constitutiva do imaginário sociológico moderno por abordar a primeira comparação das estruturas sociais e das regras normativas de maneira profunda, além de estritamente empírica, dentro do contexto histórico mundial. Os temas discutidos são ação social, religião, burocracia, carisma, estado, comunidade política e suas dimensões de classe, autoridade e poder; sempre dentro de uma ótica legal. A obra destina-se ao público geral, porém é profundamente enriquecedora aos que vivem o universo jurídico em seu dia a dia.

Capítulo I — CONCEITOS BÁSICOS DA SOCIOLOGIA  
 Capítulo II — O SISTEMA ECONÔMICO E AS ORDENS NORMATIVAS  
 Capítulo III — ÁREAS DO DIREITO SUBSTANTIVO  
 Capítulo IV — AS CATEGORIAS DO PENSAMENTO JURÍDICO  
 Capítulo V — SURGIMENTO E CRIAÇÃO DE NORMAS JURÍDICAS  
 Capítulo VI — FORMAS DE CRIAÇÃO DOS DIREITOS  
 Capítulo VII — OS HONORATÓRIOS E OS TIPOS DE PENSAMENTO JURÍDICO  
 Capítulo VIII — A RACIONALIZAÇÃO SUBSTANTIVA E FORMAL NA LEI  
 Capítulo IX — O IMPERIUM E O PODER MONÁRQUICO PATRIMONIAL E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE AS QUALIDADES FORMAIS DA LEI: AS CODIFICAÇÕES  
 Capítulo X — DIREITO NATURAL: AS QUALIDADES FORMAIS DO DIREITO REVOLUCIONÁRIO  
 Capítulo XI — AS QUALIDADES FORMAIS DO DIREITO MODERNO  
 Capítulo XII — DOMINAÇÃO  
 Capítulo XIII — COMUNIDADES POLÍTICAS  
 Capítulo XIV — ADMINISTRAÇÃO RACIONAL E IRRACIONAL DA JUSTIÇA

**Fonte:** Extraído de Ícone Editora (2021).

Em 2014, a editora Martins Fontes lança *Escritos Políticos* (edição datada de 2013, 536p.). Trata-se da primeira publicação nacional completa do título. Até o fechamento deste trabalho, não se teve acesso a nenhum exemplar físico ou digital da edição, tampouco informações mais detalhadas que confirmassem a edição original de Peter Lassman e Ronald Speirs, bem como a tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa<sup>157</sup>. Destarte, reproduz-se a sinopse oficial apresentada pela editora:

<sup>157</sup> Exceto por duas fontes aleatórias e “não oficiais”: um indexador de livros e arquivos digitais, WordCat, que indica os nomes dos editores originais e dos tradutores brasileiros (Disponíveis em: [http://www.worldcat.org/title/escritos-politicos/oclc/894714111\\_](http://www.worldcat.org/title/escritos-politicos/oclc/894714111_)) e uma nota promocional de jornal, publicada em 07/06/2014, indicando os nomes de Peter Lassman e Ronald Speirs (Disponível em:

Os textos presentes nesta edição abarcam a carreira de Weber e incluem suas primeiras palestras, além de outros textos mais curtos. Juntos, eles ilustram o desenvolvimento de seu pensamento acerca do destino da Alemanha e a natureza da política no Estado moderno ocidental em uma era de “desencantamento” cultural. A Introdução discute os temas centrais no pensamento político de Weber, e uma cronologia, notas e bibliografia anotada o posicionam em seu contexto intelectual e político (Editora Martins Fontes Paulista)<sup>158</sup>.

**Quadro 49** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2010.02)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
02	Weber, M. <i>Escritos Políticos</i> , de 2014. Martins Fontes (edição datada de 2013, 536p.), A introdução, seleção e edição é de Peter Lassman e Ronald Speirs (Universidade de Birmingham). Trad. Regis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa e Rita de Cássia Machado. Série de <i>Clássicos Cambridge</i> . Direitos da tradução: Editora WMF Martins Fontes Ltda.
2014	<b>FONTE ORIGINAL EM ALEMÃO. Tradução do alemão:</b> Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa <b>FONTE EM INGLÊS. Tradução do inglês:</b> Rita de Cássia Machado WEBER, Max. <i>Political Writings</i> . Lassman, Peter, Speirs, Ronald (Orgs). Cambridge University Press, Jun 24, 1994 – History – 390p.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

Problemas semelhantes foram encontrados ao se tentar recuperar informações a respeito de outra edição de *Escritos Políticos*, lançada em outubro de 2015, editada pela Folha de São Paulo como parte de coleção *Grandes Nomes do Pensamento*, n.º 19, trata-se de uma reimpressão da edição da Martins Fontes (detentora dos direitos de tradução). Abaixo, reproduz-se o *realese* da editora<sup>159</sup>:

*A modernidade, para Max Weber (1864–1920), é a cristalização de um longo processo histórico caracterizado pela progressiva racionalização do mundo ou, visto do avesso, pelo seu desencantamento. Na religião, o protestantismo europeu, com seus rebentos no norte da América, é a forma mais desenvolvida dessa lenta decantação. Na economia, prevalece o capitalismo industrial das grandes corporações. Seu paralelo na política é o Estado impessoal, dominado pelas leis e por um profundo e extenso aparato burocrático, cujo funcionamento depende de um corpo de funcionários regular e especializado. Como equacionar a ebulição e o dinamismo da sociedade de massas com o fato institucional da dominação legal–burocrática, em especial na conflagrada Alemanha da virada para o século XX, é a difícil questão que o autor enfrenta nestes escritos.*

[http://divirta-](http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2014/06/07/noticia_pensar,155838/lancamentos.shtml)

[se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2014/06/07/noticia\\_pensar,155838/lancamentos.shtml](http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2014/06/07/noticia_pensar,155838/lancamentos.shtml).

<sup>158</sup> Disponível em: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/escritos-politicos-468842.aspx/p>.

<sup>159</sup> disponível em: [http://nomesdopensamento.folha.com.br/weber-volume\\_19.html](http://nomesdopensamento.folha.com.br/weber-volume_19.html).

Vinícius Mota, Secretário de Redação da Folha.

A tradução do volume é de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, que já haviam trabalhado na tradução de *Economia e Sociedade* (WEBER, 1991 [1921]) organizada por Gabriel Cohn. A mencionada tradução indica uma reimpressão da edição da Martins Fontes, que possui os direitos de tradução da versão.

O volume publicado pela Folha (*Folha Grandes Nomes do Pensamento*, v. 19) foi desenvolvido pela Levoir, Marketing e Conteúdos Multimídia, mantendo os direitos da tradução da Editora WMF Martins Fontes Ltda. Copyright da edição 2015. Nesta versão da Folha, foi possível obter confirmação pela Ficha Catalográfica

Diferentemente da edição da Martins Fontes, pode-se confirmar em volume físico a tradução de Regis Barbosa e Karen E. Barbosa para idioma alemão e a tradução de Rita de Cássia Machado para a versão inglesa de Peter Lassman e Ronald Speirs.

**Quadro 50** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2010.03)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
03	Weber, Max. <i>Escritos Políticos</i> . Introdução, seleção e edição são de Peter Lassman e Ronald Speirs (Universidade de Birmingham). Trad. Regis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa e Rita de Cássia Machado. ( <i>Folha Grandes Nomes do Pensamento</i> , v. 19). São Paulo: LEVOIR, Marketing e Conteúdos Multimídia S.A para Folha de São Paulo. 2015. 385p. Direitos da tradução©: Editora WMF Martins Fontes Ltda. Edição 2015.
2015	<p><b>Mesma edição da Martins Fontes.</b></p> <p><b>FONTE ORIGINAL EM ALEMÃO. Tradução do alemão:</b> Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa</p> <p><b>FONTE EM INGLÊS. Tradução do inglês:</b> Rita de Cássia Machado</p> <p>WEBER, Max. <i>Political Writings</i>. Lassman, Peter, Speirs, Ronald (Orgs). Cambridge University Press, Jun 24, 1994 – History – 390p.</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

No ano de 2015, a Editora Ícone traz *Sociologia das Religiões*. Edição em formato leve, de 112 páginas. A edição é uma tradução de *Essais de sociologie des religions*. Traduzido do idioma alemão e apresentado à França por Jean–Pierre Grossein, 1992.

**Quadro 51** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2010.04)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
04	Weber, Max. <i>Sociologia das Religiões</i> . São Paulo: Ícone Editora. (Fundamentos da Filosofia) 2015. 112p. ISBN: 978–85–274–1145–5
2015	<b> FONTE EM FRANCÊS.</b> Tradução: Cláudio J. A. Rogrigues. <i>Essais de sociologie des religions</i> . Traduzido do idioma alemão e apresentado à França por Jean–Pierre Grossein, 1992.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016).

Nos anos de 2016 e 2019 a editora Vozes apresenta, respectivamente, dois volumes dos *Ensaio comparados de sociologia da religião*. Trata-se de: 1) *Ética econômica das religiões mundiais: ensaios comparados de sociologia da religião. Volume 1: Confucionismo e Taoismo*, de 2016, com prefácio de Gabriel Cohn, que também executa a revisão técnica junto a Antonio Flávio Pierucci. A tradução é de Tradução Antonio Luz Costa e Gilberto Calcagnotto; e 2) *Ética econômica das religiões mundiais: ensaios comparados de sociologia da religião. Volume 3: Judaísmo antigo*, de 2019. Com prefácio de Gabriel Cohn e Tradução Tomas da Costa.

As duas publicações marcam história ao trazer os textos traduzidos dos originais em alemão de *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* [**GARS**].

**Quadro 52** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2010.05)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
05	Weber, Max. <i>Ética econômica das religiões mundiais: ensaios comparados de sociologia da religião. Volume 1: Confucionismo e Taoismo</i> . Petrópolis: Vozes, 2016. Revisão técnica Antonio Flávio Pierucci e Gabriel Cohn. Com prefácio de Gabriel Cohn e Tradução Antonio Luz Costa e Gilberto Calcagnotto. ISBN 978–85–326–5119–8
2016	<b> FONTE EM ALEMÃO.</b> Tradução: Antonio Luz Costa Gilberto Calcagnotto <i>Introdução e Consideração Intermediária</i> . <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie. *Band 1:</i> (Einleitung; Teil 1: Konfuzianismus und Taoismus); Tübingen 1920, 9. Auflage. 1988, ISBN 3–8252–1488–5 [ <b>GARS I</b> ] 1920–1921.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

**Quadro 53** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2010.06)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
06	Weber, Max. <i>Ética econômica das religiões mundiais: ensaios comparados de sociologia da religião</i> . Volume 3: Judaísmo antigo. Petrópolis: Vozes, 2019. Com prefácio de Gabriel Cohn e Tradução Tomas da Costa. ISBN 978-85-326-6124-1
2019	<b>FORTE EM ALEMÃO.</b> Tradução: Tomas da Costa. <i>Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie [GARS II] / Band 3: (Teil 3: Das antike Judentum)</i> , Tübingen 1921, 8. Auflage. 1988, ISBN 3-8252-1490-7 [GARS III] 1921.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

Em 2020, a Editora Vozes publica uma nova edição de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Nesta edição perpetua-se o infeliz equívoco de inserção da *Vorbemerkung*, ou “Observação preliminar”. A inserção deste texto em “*A Ética Protestante...*” é um erro recorrente no Brasil desde a década de 1960 (WEBER, 1967), em edição de publicada pela Pioneira (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. Sociologia) que também que trazia estas notas introdutórias. Originalmente, a *Vorbemerkung* foi acrescentada pelo autor como um preâmbulo à edição total coligida de *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie [GARS I, II e III]*, em 1920, e nada tem a ver com *A ética protestante e o espírito do capitalismo* além do fato de o texto fazer parte do primeiro volume da coetânea de ensaios [GARS I].

**Quadro 54** — Livros nacionais com traduções dos escritos de Weber (Década de 2010.07)

Ano	Obras traduzidas e dados bibliográficos
07	WEBER, MAX. <b>A ética protestante e o espírito do capitalismo</b> . Edição incluindo: Anticríticas, Igrejas e seitas na América do Norte. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. Tradução de Tomas da Costa. Petrópolis: Vozes, 2020. ISBN 978-85-326-6124-1
2020	Tradução: Tomas da Costa. Sem acesso ao original.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (CARVALHO, 2016). Dados atualizados e descrições reelaboradas a partir da pesquisa atual.

Embora a edição traga como referência dos textos em alemão “Band I: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck). Tüsdedsbingen, 1947. [GARS I]” este problema, provavelmente, deriva de uma consulta à publicação norte-americana editada por Parsons em 1930, uma vez que foi o autor americano o primeiro a usar

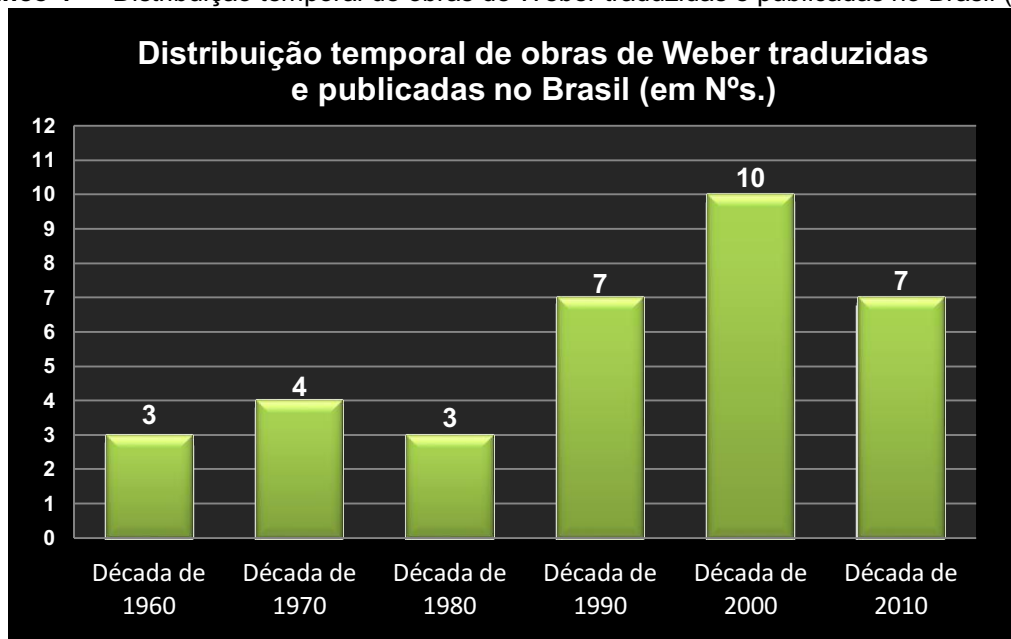
*Vorbemerkung* a como uma “Introdução do autor” para *A Ética Protestante...* Antônio Flávio Pierucci enfrentou a questão e dispensou a *Vorbemerkung* da sua edição de da obra, publicada pela Cia das Letras (PIERUCCI, 2004, 12.<sup>a</sup> reimp.). Surpreendentemente, em 2020, a Editora Vozes ressuscita a *Vorbemerkung* em sua reedição, com tradução e notas de Tomas da Costa (WEBER, 2020).

**Gráfico 3** — Distribuição temporal de obras de Weber traduzidas e publicadas no Brasil (%)



Fonte: Elaborado pelo autor

**Gráfico 4** — Distribuição temporal de obras de Weber traduzidas e publicadas no Brasil (N.ºs.)



Fonte: Elaborado pelo autor

Como se demonstrou seção anterior, a maior parte do material de Weber chega ao Brasil via fontes indiretas (não alemãs) e através de coletâneas. Se bem que a própria gênese com base no **espólio** é em si uma “coleção de coletâneas”<sup>160</sup>. Ainda assim, é notório que muitos casos das traduções de Weber se dão por recortes das “coleções” originais, compondo compilações muito particulares, como no caso de *Sobre a universidade: o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica, de 1989*.

Em outras ocasiões, isso foi chamado pelo autor do presente trabalho de recepção “fragmentada” e/ou “seccionada” de Weber no Brasil<sup>161</sup>. O conceito de “fragmentação” da obra de Weber já foi usado por Strazzeri (2016) e Schwinn (2020). Mesmo que o conceito seja usado em acepção semântica e taxinômica familiar ao primeiro, *piecemeal* (STRAZZERI, 2016), e em articulação analítica idêntica ao segundo, *fragmentiert* (SCHWINN, 2020), esta pesquisa — iniciada em 2012, continuada em 2014 e em fase atual de conclusão<sup>162</sup> — chegou a este conceito por conclusões e caminhos próprios.

De modo um tanto drástico, Strazzeri (2016) indica que “when at all read, Weber is done so piecemeal and more as a matter of historical interest than due to the perception of his continued relevance to social thought”, contudo, pondera que “[...] One can safely say, however, that at least one key aspect of researching Max Weber is much improved in comparison to the mid-1960s, i.e., the sources.” (STRAZZERI, 2016, p. 89). E, ainda, que o problema da fragmentação não é exclusiva de Weber: “It could be argued, however, that a fragmentary reception and overwhelming amount of secondary literature affect other classical thinkers with similar results.” (STRAZZERI, 2016, p. 90). Diferentemente de Strazzeri (2016) e do ponto de vista da construção desta Tese, o que se considera não é Weber seja lido de forma fragmentada (e apenas em uma chave de interesse histórico) por suposta perda da relevância para o pensamento social no presente (ou no passado recente),

---

<sup>160</sup> Ver Capítulo I, Seção 1.2.

<sup>161</sup> Por exemplo, Carvalho (2018; 2019a, 2019b; 2019c).

<sup>162</sup> Bacharelado (2013), Mestrado (2016) e, atualmente, no Doutorado.

o que se considera, aqui, é que em sua recepção primeva ou na recepção contemporânea, Weber sempre foi — e ainda o é — importado de modo fragmentado para o Brasil.

Quanto a Schwinn (2020), o pesquisador weberiano articula o conceito de recepção fragmentada [*fragmentierte Rezeption*] para pensar, por um lado, a recepção fraca e desarticulada de Weber na própria Alemanha, em afinidade com o próprio estatuto da sociologia no ambiente acadêmico alemão à época e, por outro lado, devendo-se à natureza fragmentária própria dos escritos de Weber, que se tornaram mais acessíveis apenas pós-1925:

O trabalho de Weber sempre esteve presente no início da sociologia alemã, mas sua recepção foi altamente seletiva e fragmentária e focada em peças de ensino individuais [...]. Além disso, a própria obra de Weber estava fragmentada, partes essenciais dela só ficaram acessíveis depois de 1925 e seu caráter não era facilmente acessível. Uma recepção sistemática não era esperada antes da década de 1930. (SCHWINN, 2020, p. 358).

Webers Arbeiten waren in der frühen deutschen Soziologie zwar immer gegenwärtig, aber die Rezeption verlief stark selektiv und fragmentarisch auf einzelne Lehrstücke fixiert [...]. Zudem war das Werk Webers selbst fragmentiert, erst nach 1925 in wesentlichen Teilen gut zugänglich und von seinem Charakter her nicht leicht erschließbar. Eine systematische Rezeption war nicht vor den 1930er-Jahren erwartbar. (SCHWINN, 2020, p. 358).

Sobre o fato, Schwinn (2020) lembra que esta recepção de fragmentada de Weber foi dominada por uma seleção igualmente fragmentada em outras partes do mundo, com Weber sendo levado por emigrantes alemães em exílio, como Hans H. Gerth, ou com o auxílio de importadores, como Parsons ou Shils. Schwinn (2020) acrescenta, ainda, que mesmo a recepção tardia de Weber na Alemanha dos tempos da Guerra Fria seguiu um padrão seccionado, atendendo às reivindicações da sociologia em ter acesso ao autor, o que só se estabeleceu em eventos e publicações por volta de 1964. Neste sentido, há forte afinidade neste trabalho com as recentes posições de Schwinn (2020) no entendimento do processo de exportação e importação fragmentário de Weber do desenho brasileiro, em partes, derivando da própria natureza material de suas obras, mas, também, pelo interesse seccionado da recepção no Brasil.



Já neste trabalho, assim como no anterior (CARVALHO, 2016), chega-se a ideia de fragmentação e seccionamento das obras de Weber já a partir das críticas em Schluchter (2014b) e em LEPSIUS (2012), ao discutirem a natureza conturbada de WuG<sup>163</sup> e as subjacentes confirmações de Gabriel Cohn (2012 [1991]) sobre o quanto uma organização controversa pode subverter a compreensão das ideias do autor. Aplicada esta *ratio* às principais fontes das quais a audiência weberiana brasileira ainda se nutre, percebe-se da importação de obras fragmentárias tomadas como obras integrais e a não rara importação seccionada de partes destas mesmas obras fragmentárias tomadas como obras integrais.

### 3.2.3 Mediadores Sociais da recepção de Weber no Brasil

Como demonstrado por Schluchter (2014a), as ideias que perduram no tempo seguiram a tendência de formar e se mesclar a interesses e a instituições<sup>164</sup>.

Essa *ratio* ampliaria nossas possibilidades de compreender a circulação, permanência e manutenção de ideias por vias não necessárias, mas contingentes e cognoscíveis, entre espaços transnacionais e dentro de dada relação social entre o *campo intelectual “de origem”* e o *campo “de chegada”*, como proposto por Bourdieu (2002a, 2002b). Como apontado por Gláucia Villas Bôas, ao evocar Roth (1995, p. 11–55 apud VILLAS BÔAS, 2014, p. 7), “embora se acredite que a qualidade intrínseca das obras dos grandes mestres seja o motivo de sua permanência ao longo do tempo”, os motivos dessa permanência são dependentes” das orientações e interesses de grupos e indivíduos” (VILLAS BOAS, 2014, p. 7).

Por seu valor heurístico, estas inflexões teóricas são importantes ferramentas conceituais na abordagem de uma sociologia da recepção e da tradução das obras intelectuais, uma vez que as “trocas culturais internacionais” podem “assumir

---

<sup>163</sup> Ver Seção 3.5.

<sup>164</sup> Uma versão preliminar e bastante simplificada desta Subseção foi apresentada em Carvalho (2016).

diferentes funções, conforme as condições de circulação transnacional dos bens culturais” (SAPIRO, HEILBRON; 2009)<sup>165</sup>.

Com base no mapeamento que apresentado ao longo do Capítulo III, é possível delinear um traçado sobre os principais centros acadêmicos irradiadores do pensamento de Weber no Brasil. Para tanto, inicia-se com uma leitura feita por Sell (2014) acerca da *dinâmica de conteúdo* das discussões weberológicas no país, em atenção aos elementos de ordem socioinstitucional:

Neste caso, refiro-me aos centros de pesquisas em que esta discussão foi realizada. Mesmo partindo de um procedimento simples, como o levantamento bibliográfico, descortina-se logo como a pesquisa brasileira sobre Weber tem como seu centro irradiador o Estado de São Paulo, mormente em instituições ligadas à própria origem do campo das ciências sociais no Brasil: USP e UNICAMP. Em ambos os centros de pesquisa o estudo das premissas metodológicas da obra de Weber foi uma preocupação compartilhada (e ainda constante), mas é especialmente na UNICAMP que o debate sobre a dimensão política da obra de Weber foi mais saliente, destacando-se a Universidade de São Paulo na discussão sobre sua sociologia da religião. Mais recentemente, contudo, a produção especializada sobre Max Weber vem se tornando mais descentralizada e pluralizada, e novos centros de difusão emergem, como é o caso de Brasília (UnB), Belo Horizonte (UFMG), Florianópolis (UFSC) e Rio de Janeiro (IUPERJ/UERJ), Rio Grande do Sul, Sergipe (UFS), além de diversos trabalhos que surgem esporadicamente nos mais diversos âmbitos acadêmicos (SELL, 2014, p. 13).

Quando se realizou (Subseção 3.2.2) uma incursão sobre os aspectos editoriais da recepção de Weber no meio nacional, os nomes de profissionais envolvidos (mediadores) estiveram em segundo plano em relação às obras importadas; contudo, nesta Subseção se adentrará às redes de pessoas (agentes) envolvidas na importação, tradução, recepção e apresentação tradução daquelas obras listadas. Dito de modo mais claro, nesta Subseção se dedica atenção aos atores diretamente ligados à introdução da obra de Weber no Brasil e, sempre que possível, dá-se indicativos da filiação de tais atores a estruturas institucionais e, principalmente, acadêmicas. Considera-se que o histórico biográfico de cada um desses atores é também pertinente para uma análise mais aprofundada das relações sociais e correlações sociológicas estabelecidas no âmbito do envolvimento

---

<sup>165</sup> Cf. *Les agents de la globalisation éditoriale. Stratégies de conquête et de résistance*. (SAPIRO; LEPELIER, 2021).

institucional. Para fins deste trabalho apontam-se informações mais diretamente referentes às ligações técnico-profissionais, principalmente aquelas informadas pelos próprios agentes em meios formais.

O primeiro especialista que citado é **Maurício Tragtenberg**. Preocupado com as consequências dos excessos da organização burocrática e do capitalismo (MISOCZKY, 2013; SELL, 2014), Tragtenberg, intelectual de orientação trotskista (SELL, 2014), procurou sempre vincular seus trabalhos à realidade material e à *práxis*. Como informa Misoczky (2013, p. 16), na década de 40 Tragtenberg “já se encontrava atuando no movimento libertário de São Paulo, e assim se manteve ao longo de sua vida”. Intelectual autodidata, Maurício Tragtenberg frequentava os cursos do então professor Antonio Candido, na USP e, segundo sua esposa Beatriz (FERRAZ, 2013), sob forte incentivo de Candido, juntou “todas as suas ideias até então, e fez um livro<sup>166</sup>”, em seguida, entrou na FFLCH/USP, a única que possibilitava esse tipo de acesso (TRAGTENBERG, B. apud FERRAZ, 2013, p. 5).

Desde os 20 anos que ele reviu todas as posições. Ele se dizia, brincando, ser um marxista–anarquista, o que, claro, é uma aberração. E era isso mesmo que ele era uma aberração. E ele acreditava em Weber. E o Max Weber, que era um pensador liberal, era um genial pensador, que conseguiu dar uma excelente contribuição para o estudo da sociedade. Então, era uma coisa um pouco estranha ao academicismo. E como dizia o professor Antonio Candido, onde perpassava uma “formosa” liberdade, foi com aquele livro que ele entrou na faculdade. Porque ele entrou pra faculdade fazendo um livro. Ele não tinha tido nem colégio nem ginásio, ele só tinha o primário (TRAGTENBERG, B. apud FERRAZ, 2013, p. 6).

Após 12 anos de instabilidade profissional, devido a perseguições de cunho político–ideológico nos Anos da Repressão, Tragtenberg consegue relativa estabilidade, tornando-se professor efetivo em três instituições: na UNICAMP, onde foi convidado a dar aulas e ficou até sua aposentar, na PUC e na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Além da vida acadêmica, Tragtenberg também participou de debates da vida pública, manifestando abertamente suas análises em jornais de grande

---

<sup>166</sup> Reeditado dentro das *Obras Completas*, a Coleção Maurício Tragtenberg, atualizou o título da obra. Originalmente, o livro se chamava *Planificação: desafio do século XX*, e o título novo ficou *O capitalismo no século XX* (Cf. TRAGTENBERG, B. apud FERRAZ, 2013).

circulação, como *Notícias Populares* (SP), *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* (FERRAZ, 2013).

A influência de Tragtenberg para a entrada e repercussão de Weber no Brasil é decisiva. Em 1974, ele lança pela Editora Abril Cultural a coletânea de artigos de Weber *Ensaios de sociologia e outros escritos: textos selecionados*, como parte da coleção *Os pensadores*. Além de algumas reedições de material já publicado no Brasil, a coletânea inclui uma tradução, realizada pelo próprio Tragtenberg, de *Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída*<sup>167</sup>. No ano de 1989, Tragtenberg assina a introdução de uma coletânea de artigos traduzidos por Lólio Lourenço de Oliveira, sociólogo e tradutor, nos quais, Weber enfrenta as dificuldades do sistema acadêmico frente a uma Alemanha em processo de modernização. Os artigos são publicados pela Cortez, sob o título nacional *Sobre a universidade: o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica*. Já na sua estada na UNICAMP, Maurício Tragtenberg realiza e apresenta a primeira edição brasileira integral dos escritos epistemológicos de Weber, *Ensaios Reunidos da 'doutrina' da ciência*, ensaios organizados por Marianne Weber e publicados em 1922 (**GaW**). Os dois volumes, publicados em 1992 e 1995, respectivamente, foram traduzidos por Augustin Wernet e trazem o título nacional *Metodologia das ciências sociais*. Wernet possui graduação em Filosofia, História e Latim pela Albert-Universität (1959), graduação em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (1970), especialização em Filosofia pela Escola Superior de Filosofia e Teologia da Congregação do Espírito Santo (1963), especialização em Teologia pela Escola Superior de Filosofia e Teologia da Congregação do Espírito Santo (1965), doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1973) e Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo (1986). A publicação é uma parceria entre as editoras Cortez, de São Paulo, e a Editora da UNICAMP, de Campinas.

---

<sup>167</sup> Fonte do original: WEBER, Max. *Parlament und Regierung im Neugeordneten Deutschland*. In: *Gesammelte Politische Schriften*, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1958, 2. ed. v. J. Winkelmann. p. 294-394. (GPS).

Do ano de 2003, surge a publicação avulsa da tradução de Tragtenberg para *A política como vocação*, lançada pela editora da UnB. Por fim, cita-se a tradução mais recente de escritos de Weber realizada por Tragtenberg, uma obra tardia que revela em muito a afinidade do intelectual brasileiro com as preocupações que Weber tinha a respeito dos excessos da formação burocrática estatal. Trata-se de *Estudos políticos: Rússia 1905 e 1917*, publicada pela paulistana Azougue Editorial, em 2005.

O próximo nome que se aborda é de um pesquisador dono de trajetória intelectual muito ativa e de uma carreira consolidada como cientista social. **Gabriel Cohn**, um filho da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), graduou-se naquela casa em Ciências Sociais, em 1964, lá obteve os títulos de Mestre em Ciências Sociais (Sociologia), em 1967, e de Doutor em Sociologia, em 1971; obteve sua livre-docência em Sociologia, em 1977; tornou-se Professor Adjunto em 1982, Professor Titular em 1985 e Professor Emérito em 2011. Esteve à frente, ou diretamente conectado, a diversas instituições e agências ligadas a interesses acadêmicos e científicos. Foi presidente da Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo (1983–85); presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia (1985–87) e presidente da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (2005–2006). Foi diretor da FFLCH/USP (2006–2008). Cohn foi editor da revista *Lua Nova* do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec) (1991–2003). Aposentou-se em 2008 e atualmente é Professor Visitante na Universidade Federal de São Paulo, na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Campus de Guarulhos, pelo Programa Professor Visitante Nacional Sênior da CAPES.

O Cohn assinou alguns trabalhos em parceria com sua esposa, também socióloga, professora e pesquisadora, Amélia Cohn. Amélia Cohn igualmente se destaca por uma carreira frutífera: formou-se em Ciências Sociais em 1968, pela FFLCH/USP, concluiu o Mestrado em Sociologia em 1972, e o Doutorado em 1980. É professora aposentada da USP, onde lecionou de 1971 até 2009, no Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina, pesquisadora do Cedec desde 1980. De agosto de 2008 até dezembro de 2013 foi professora permanente do Programa de Mestrado (e a partir de 2013 também do de Doutorado)

em Saúde Coletiva da Unisantos. Foi Professora Visitante da UFRJ em 2007. É membro da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco) e da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs).

O nome de Gabriel Cohn esteve ligado à introdução nacional de várias obras de Max Weber, seja como tradutor, apresentador, comentador ou organizador. Cita-se a coletânea organizada por Gabriel Cohn — cuja tradução foi um dos trabalhos assinados em parceria com sua esposa, Amélia Cohn — com textos integralmente atribuídos a Weber, *Max Weber: sociologia*, de 1979 (mesmo ano em que Cohn lança seu livro *Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber*, que recebeu, em 2003, uma edição atualizada, pela Martins Fontes, sob o título *Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social*). O título *Max Weber: sociologia* era o 13.º volume da coleção *Grandes cientistas sociais*, coordenada por Florestan Fernandes. Além da organização do volume, Cohn redige uma introdução que não apenas apresenta o Weber ao público nacional, mas situa-o no contexto temático da produção dos trabalhos apresentados naquele volume.

Há outras obras de Weber no meio nacional cuja rubrica final é de Gabriel Cohn. A edição brasileira de *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, datada de 1991 (1.ª ed. em volume único), traz a tradução completa de Leopoldo Waizbort, baseada na 5.ª edição alemã. Revisada por Johannes Winckelmann, com a tradução nacional de Régis Barbosa e Karen E. Barbosa, a obra encerra toda a revisão técnica aos cuidados de Cohn. Waizbort também fez sua trajetória na USP, graduado em Ciências Sociais, em 1987, mestrado em sociologia em 1992 e doutorado em sociologia em 1996. Obteve a livre-docência em 2003, e em 2010 tornou-se professor titular daquela instituição.

Em 2006, a editora Ática publica o famoso ensaio de Weber *A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais*, apresentado, traduzido e comentado por Gabriel Cohn. Pode-se citar, também, o prefácio que Cohn escreve à tradução brasileira (de Leopoldo Waizbort) de *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*, lançada pela EdUSP em 1995. O prefácio de Cohn, *Como um hobby ajuda a entender um grande tema*, dá orientação ao leitor de como a questão da racionalização da música ocidental traz em si os mesmos traços culturais característicos do Ocidente que deram origem ao capitalismo ocidental moderno, de

tipo racional. As duas traduções nacionais dos textos dos Ensaio reunidos de sociologia da religião [GARS] — *Ética econômica das religiões mundiais: ensaios comparados de sociologia da religião. Volume 1: Confucionismo e Taoismo*, de 2016, e *Ética econômica das religiões mundiais: ensaios comparados de sociologia da religião. Volume 3: Judaísmo antigo*, de 2019 (ambos publicados pela Editora Vozes) — contam com a presença de Cohn. No volume de 2016, assina a revisão técnica da tradução junto a Antonio Flávio Pierucci, além de prefaciar a obra. No volume de 2019, também assina o Prefácio.

Figura aqui também **Fernando Henrique Cardoso**, bastante conhecido cenário nacional, não apenas por seu trabalho acadêmico, mas também pela longa carreira política, iniciada em 1978, quando de sua eleição para Suplente de Senador da República pelo Estado de São Paulo, pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Como acadêmico, Fernando Henrique teve uma carreira marcada por colaborações internacionais e pluri-institucionais. Realizou pesquisas de cunho étnico, como *Relações raciais entre negros e brancos no Brasil Meridional*, de 1955, e ligadas a questões de desenvolvimento do mundo do trabalho, como *A estrutura da empresa industrial em São Paulo*, de 1961, e *Emprego e marginalidade*, de 1969. Sua trajetória como pesquisador e docente tem início em 1952, com seu Licenciamento em Ciências Sociais, seguido de Especialização em Sociologia, 1953, Doutorado em Ciências, 1961, todos pela FFLCH/USP, e curso de pós-graduação no Laboratoire de Sociologie Industrielle, na Universidade de Paris, 1962/63. Obteve a livre-docência em Sociologia pela FFLCH/USP, em 1963, e em 1968 tornou-se Professor Titular da cátedra de Ciência Política, também daquela instituição. O nome de Fernando Henrique Cardoso está ligado à recepção de Weber no Brasil, sobretudo, pela revisão técnica que realizou da coletânea *Max Weber: ensaios de sociologia*, publicada pela editora Zahar, do Rio de Janeiro, em 1967. O volume é parte da coleção *Biblioteca de ciências sociais* e é traduzido a partir da coletânea organizada por Hans Heinrich Gerth e C. Wright Mills, *From Max Weber*<sup>168</sup>. Essa tradução é feita por Waltensir Dutra, que foi membro diretor da Associação Brasileira

---

<sup>168</sup> Editado em 1946, pela Oxford University Press

de Tradutores (ABRATES) e presidente do Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA)<sup>169</sup>. A quinta edição nacional revista é a que chega até os dias atuais, publicada pela LTC. À época do lançamento da obra, Fernando Henrique Cardoso ocupava a função de Diretor Adjunto e Coordenador de Pesquisas da Divisão Social do Instituto Latinoamericano de Planificación Económica y Social (ILPES), Nações Unidas, Santiago, Chile.

Ao lado de Fernando Henrique Cardoso e Roberto Schwarz, e outros professores afastados da atividade acadêmica pela Ditadura Civil–Militar, está o nome de **Manoel T. Berlinck** como o da primeira geração de pesquisadores do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Manoel T. Berlinck graduou-se Bacharel em Ciências Sociais em 1961, e Mestre em Ciências Sociais em 1964, ambos pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo; PhD. pela Cornell University, em 1969, e Pós–Doutorado em 1975. Como professor de Sociologia, atuou na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, entre 1969 e 1972, e no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), entre 1972 e 1992. Foi também diretor do IFCH da UNICAMP (1972–1976). A essa época, Manoel T. Berlinck assinou o prefácio de *Ciência e política: duas vocações*, publicado pela Cultrix em 1972. A edição encontra-se, atualmente, em sua 18.<sup>a</sup> edição, com 2.<sup>a</sup> reimpressão de 2011, e foi traduzida por Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. Hegenberg, que possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (1958), graduação em Matemática e Física pela Universidade Mackenzie (1950), especialização em Lógica e Filosofia da Ciência pela University of Califórnia (1962) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1968), tem diversos trabalhos traduzidos em parceria com Octanny Silveira da Mota.

Outro notório estudioso do pensamento de Weber, **Jessé Souza**, professor titular de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF), tem discutido o

---

<sup>169</sup> Fonte: ABRATES <<http://abrates.com.br/>>.



pensamento de Weber em diversas ocasiões<sup>170</sup>. Pela organização, cita-se, aqui, a edição de *A gênese do capitalismo moderno*, de 2006, publicada pela editora Ática como parte da Coleção Ensaios Comentados. O artigo de Weber é apresentado e comentado por Jessé Souza, já a tradução é do profissional alemão, residente em Portugal, Rainer Domschke. Jessé Souza é graduado em Direito (1981) e titulado Mestre em Sociologia (1986) pela Universidade de Brasília (UnB). Seu doutorado em Sociologia foi realizado na Karl Ruprecht Universität, de Heidelberg, na Alemanha (1991), sob a orientação direta do professor Wolfgang Schluchter — um dos maiores especialistas atuais em Max Weber e um dos organizadores da **MWG**. Jessé Souza também tem um pós-doutorado em filosofia e psicanálise na New School for Social Research, de Nova Iorque (1994–1995), e livre-docência em sociologia pela Universität Flensburg, Alemanha (2006). Tem um largo histórico de cooperações científicas nacionais e internacionais e tem dado atenção a estudos em teoria social, pensamento social brasileiro e estudos teórico/empíricos sobre desigualdade e classes sociais no Brasil contemporâneo.

Em 2004, **Antônio Flávio Pierucci** apresentou, com os cuidados de sua revisão técnica, uma nova edição para o conhecido ensaio de Weber, *A ética e o “espírito” do capitalismo*, lançado pela Companhia das Letras, com tradução de José Marcos Mariani de Macedo, que é graduado em Direito pela Universidade de São Paulo (1992), com Mestrado em Letras: Língua e Literatura Alemã (1997) e doutorado em Letras Clássicas (2007) pela Universidade de São Paulo. Já o professor Pierucci, realizou sua graduação em Filosofia, em 1973, defendeu o título de Mestre em Ciências Sociais, em 1977, ambos pela PUC–SP, e de Doutor em Sociologia, em 1985, pela USP. Também nessa instituição, obteve sua livre-docência, em 2001. Foi Professor Titular do Departamento de Sociologia da USP. Esteve como secretário executivo da ANPOCS por dois mandatos (1992–1996) e foi Secretário Geral da SBPC, Sociedade Brasileira para o Progresso Ciência (2001–2003). Foi pesquisador do CEBRAP (SP) por 17 anos (1971–1987), com participação nos mais diferentes projetos de pesquisa empírica e teórica. Seus

---

<sup>170</sup> Por exemplo, Souza (1994; 1998; 1999).

interesses de pesquisa incluem Sociologia da Religião, Teoria Sociológica Alemã, Sociologia Urbana e Sociologia Política com foco em Comportamento Eleitoral.

Com pesquisas ligadas à Educação, Sociologia da Religião e do Conhecimento, **Sílvio Luiz Sant'Anna** assina a organização e a Introdução de *A ética protestante e o espírito do capitalismo* editada pela Martin Claret, em 2002, como parte da coleção *A Obra–Prima de Cada Autor*. Na ocasião da publicação, ocupava a função de diretor-executivo do Centro de Estudos Ásia/Pacífico (CEAP), e coordenava o grupo de pesquisa Religião, Estado e Sociedade da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Sílvio Luiz Sant'Anna é Graduado em Estudos Sociais com habilitação em História, pela Faculdade de Ciências e Letras Teresa Martin (1994), possui Especialização em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1995) e Especialização em MBA – Gestão de Marketing (2006); obteve Mestrado em Ciências da Religião (2002), Doutorado em Antropologia (2013), ambos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. Ele também organizou, pela Martin Claret, *O Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels.

Quatro nomes estiveram envolvidos com a tradução de *A ética protestante e o espírito do capitalismo* de 1967, pela editora Pioneira, com base na versão de 1920 de Marianne Weber (**GARS I**). A tradução direta do alemão esteve a cargo de **Tamás J. M. K. Szmrecsanyi** e **Irene de Q. F. Szmrecsanyi**. Tamás Szmrecsanyi possui formação em Filosofia pela USP (1961), Mestrado em Economia pela New School for Social Research, New York (1969) e Doutorado em Ciência Econômica pela UNICAMP (1976) e livre–docência em Economia, pela UNICAMP, em 1985. Irene Szmrecsanyi possui Graduação em Ciências Sociais pela USP (1963), Mestrado em Sociologia e Ciência Política na Graduate Faculty of Political and Social Sciences, New School for Social Research (1967), Doutorado em Sociologia pela USP (1980) e Pós-Doutorado na Universidade de Oxford (1990), e aposentou-se pela USP em 2008. A tradução do idioma grego ficou aos cuidados de **José Cavalcanti de Souza**, na ocasião, professor da Faculdade de Letras da USP. Por último, a tradução e transliteração do idioma hebraico foram realizadas por **Isaac Nicolau Salum**, professor titular no curso de Letras Clássicas, da FFLCH/USP, nas disciplinas de Filologia e Linguística Românica.

**Rubens Eduardo Ferreira Frias** tem duas obras de Weber creditadas como tradutor, são elas: *Conceitos básicos de sociologia*, de 1987, pela Editora Moraes e em parceria com **Gerard Georges Delaunay**; e *Ensaio sobre a teoria das ciências sociais*, de 1991, pela editora Moraes. O texto também recebeu uma segunda edição pela editora Centauro, em 2003. Frias é Bacharel e Licenciado em Letras (Português–Espanhol) pela Universidade de São Paulo (1972); Mestre em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (1983) e Doutor em Teoria da Literatura (Letras Modernas) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006) e atualmente é professor efetivo do Depto. de Letras Modernas da UNESP, onde leciona Literatura Hispano–americana e Literatura Espanhola.

A tradução de *Parlamento e governo na Alemanha reordenada: crítica política da burocracia e da natureza dos partidos*, publicada pela Editora Vozes em 1993, foi realizada pela tradutora profissional **Karin Bakke de Araujo**. O texto faz parte da coleção *Clássicos do pensamento político* (v. 30). Em entrevista (ARAÚJO, 2015, p. 02), a tradutora, ligada ao Goethe–Institut, revela que, curiosamente, *Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland*, de Max Weber, foi o primeiro livro traduzido por ela. Hoje, pesquisadora na área, visa dar continuidade exclusiva à experiência de tradutora — que vem praticando paralelamente — com ênfase em humanidades.

Para esta relação não se encontrou fontes seguras relativas indicativos da filiação a estruturas institucionais — acadêmicas ou não — da trajetória de Régis Barbosa e Karen E. Barbosa, Vinícius Eduardo Alves e Eduardo Brandão. Faltaram também informações confiáveis para que se pudesse tratar dos tradutores Calógeras A. Pajuaba, Carlos Grifo Babo, Jean Melville e Pietro Nasseti. Um balanço detalhado estabelecendo relações de pontos de rede seria adequado a esta Subseção, porém, se dá como impraticável nas limitações da ocasião.

### 3.3 ANÁLISE HISTÓRICO–DIACRÔNICA: RECEPÇÃO DAS OBRAS E DO PENSAMENTO DE MAX WEBER NO BRASIL

Se tomada a literatura internacional, como Schwinn (2020) e Hanke (2012; 2014; 2016a) é possível obter pistas sobre a recepção de Weber no mundo, incluindo a própria Alemanha, que passou por drásticos períodos de crise de publicização das ideias sociológicas. Ainda assim, são pistas e não consensos.

Schwinn (2020), por exemplo, relaciona, pelo menos, três momentos críticos para a sociologia alemã: primeiramente, durante a o Império Alemão e a República de Weimar, nos quais a sociologia ainda não era uma disciplina institucionalizada e passava por baixa aceitação e pouco prestígio no meio intelectual; um segundo momento, na ascensão (e durante a permanência) do *Nationalsozialismus* (NS), que impôs uma vigilância policial às ideias intelectuais; e, por fim, com a demarcação político-econômica gerada pela divisão da Alemanha do Pós-guerra e a emergência e predomínio do paradigma marxista nos anos da Guerra Fria. Para Schwinn (2020), estes fenômenos localizados que abalaram a sociologia local alemã, de alguma forma, também balizaram o fôlego, a exportação/recepção e a permanência de Weber não somente na Alemanha, mas no mundo. Estas balizas, na perspectiva de Schwinn (2020), acabaram por ecoar na recepção mundial de Weber. Mas não se trata de elaborar algo como uma “lei geral de recepção de Weber”, principalmente porque estes processos não se deram de uma maneira síncrona ou episódica em todas as oportunidades. A temporalidade dos eventos, bem como a forma, as intenções e os meios de recepção variam de nação a nação. Contudo, o processo de circulação global apresenta algumas *tendências* gerais alinhadas com a exposição de Schwinn (2020)<sup>171</sup>.

Rememorando de maneira simplificada as condições de recepção de Weber no mundo estruturadas no Capítulo II, podem-se elaborar três ciclos gerais de exportação / importação global de Weber (Tabela 10), com base em Hanke (2012; 2014; 2016); Schwinn (2020).

Para efeito de compreensão, opta-se por se dividir as condições de importação / exportação e recepção de Weber por seus elementos “estruturais”, ou externos, quais sejam, aqueles afetados por situações macroinstitucionais,

---

<sup>171</sup> Ver Capítulo II, Seção 2.3.

históricas, políticas, sociais, culturais e econômicas (Tabela 10); e seus elementos “internos”, isto é, aqueles ligados diretamente às decisões microinstitucionais, ou individuais, relativas a própria obra de Weber e às decisões editoriais tomadas pelos curadores, editores, detentores de direitos, especialistas e membros auxiliares (Tabela 10).

**Tabela 10** — Três ciclos gerais de exportação/importação de Weber

C	PERÍODO	EXTENSÃO	CENÁRIO	SITUAÇÃO ESTRUTURAL (FATORES EXTERNOS)
1.	Império Alemão	1871 1918	Início da recepção alemã e Importação por nações estrangeiras.	No Império, Weber circula por nichos específicos, sem maiores impactos internos; Textos de Weber chegam ao Japão, p.ex.
	República de Weimar	1919 1933	Início da institucionalização da sociologia alemã.	Sistematização de Marianne Weber dá maior visibilidade às ideias weberianas. Acadêmicos de vários países em trânsito na Alemanha levam Weber no retorno para casa.
2.	Segunda Guerra Mundial (WW2)	1939 1945	Perseguição étnica e repressão político-ideológica pelo NS.	Emigração de cientistas e intelectuais judeus e judeu-alemães em fuga do Regime NS. No processo, muitos deles levam Weber para o exílio.
	Pós-guerras	1945 1960	Divisão da Alemanha; e escalada da tensão na Guerra Fria.	Emergência do paradigma marxista nas nações socialistas com forte influência no ocidente. Weber desponta na academia como “alternativa” ao marxismo e ao viés “axiológico”.
3.	Declínio do paradigma marxista	Pós 1970	Período de expansão, institucionalização e internacionalização da sociologia.	Início do projeto MWG; <i>Weber-Renaissance</i> ; retomada do interesse em Weber; a alternativa “Weber” se torna a grande referência de metodologia nas Ciências Sociais.
	Atualidade	Século XXI	Expansão da global da <i>Weberforschung</i> ;	Avanço das metarreflexões; e buscas pelo “Weber local” e o Weber cosmopolita.

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em Hanke (2012; 2014; 2016); Schwinn (2020).

Comparativamente, estes três ciclos (C) também se mesclam e se interligam aos “três grandes ciclos editoriais de Max Weber”, formulados no Capítulo I. A seguir (Tabela 11), apresenta-se a mesma classificação tabulada acima, porém, a partir da perspectiva microinstitucional.

Tabela 11 — Três ciclos gerais de exportação/importação de Weber

C	PERÍODO	EXTENSÃO	EDITORIA	CICLO EDITORIAL (FATORES INTERNOS)
1.	Período do Império Alemão	1871–1918	1889–1920	<b>Primeiro Ciclo Editorial:</b> “Auto–Organização”. Em 1899, Weber defende sua habilitação em Direito Comercial e publica diversos trabalhos de forma livre até 1920, quando começa trabalhar no <b>GdS</b> e em <b>GARS</b> , falecendo antes de concluir as publicações.
	Período da República de Weimar	1919–1933	1920–1954	<b>Segundo Ciclo Editorial:</b> “Publicações Póstumas”.  Com o falecimento de Max, Marianne Weber assume a curadoria de seus manuscritos, cuja liderança exerceu até a sua morte, em 1954.
2.	Período da Segunda Guerra Mundial (WW2)	1939–1945	Interlúdio	Emigração de cientistas e intelectuais judeus e judeu–alemães em fuga do Regime NS. No processo, muitos deles levam Weber para o e exílio.
	Período Pós–guerras	1945–1960	1954	No processo de organização e publicação dos manuscritos, Marianne Weber formou parceria com Siegmund Hellmann, Melchior Palyi e Johannes Winckelmann. Este último deu continuidade aos trabalhos de Marianne e conectou o Espólio Weber ao projeto MWG. <b>Terceiro Ciclo Editorial:</b> projeto MWG.
3.	Declínio do paradigma marxista	Período Pós–1970	1970	Johannes Winckelmann é convidado a integrar a equipe de especialistas composta por Horst Baier, Gangolf Hübinger, Mario Rainer Lepsius, Wolfgang J. Mommsen e Wolfgang Schluchter.
	Atualidade	Século XXI	1970–2020	Em 2020 conclui-se a publicação da MWG <sup>172</sup> .

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em Hanke (2012; 2014; 2016), Hübinger (2012), Schwentker (2012) e Schwinn (2020).

Ao longo desta Seção, apresentam-se os ciclos de recepção de Weber no Brasil, colocando-se em perspectiva a recepção regional em relação à recepção internacional. Mas não se trata da adoção de um perspectivismo puro ou sua contraparte, o relativismo. Também não se trata de adotar uma abordagem

<sup>172</sup> Atualmente, há um esforço para manter o impulso catalizador da MWG que provocou o renascimento weberiano. Ações de recrutamento e renovação geracional em torno do círculo de pesquisadores weberianos pelo mundo têm sido estimuladas, como o projeto de formação de uma rede internacional de trabalho, a “Young Weber Scholars” (STRAZZERI, 2016).

subjetivista ou sua contraposição, o objetivismo. Adota-se uma postura mais alinhada às novas tendências teóricas da sociologia, que compreendem que agência (elementos microinstitucionais ou individuais) e estrutura (elementos macroinstitucionais) são forças dinâmicas que movimentam e retroalimentam o mundo social<sup>173</sup>, ou seja, aplicada esta compreensão à sociologia da recepção, pode-se livremente indagar sobre os elementos micro e macro, os locais e globais, e as múltiplas modernidades<sup>174</sup> em recepção de ideias.

### *A recepção brasileira*

Não há um consenso na literatura brasileira sobre as principais fases de recepção da obra de Max Weber no Brasil ou a dimensão exata quanto à forma (institucionalidade), volume (publicização) ou durabilidade (temporalidade) destas fases (VIANNA, 1999; WAIZBORT, 2012; MATA, 2013; 2016; VILLAS BÔAS, 2014; SELL, 2014; 2021, p. ex.), ainda assim, pode-se identificar com base na literatura um tênue entendimento acerca dos conteúdos e também das demandas teóricas mobilizadas a cada ciclo temporal.

Com base na literatura, adotam-se a perspectiva sociológica, com Gláucia Villas Bôas (1997; 2014) e Sell (2014; 2021) e a perspectiva histórica, com Sérgio da Mata (2013; 2016). Dentro da perspectiva sociológica, Villas Bôas (2014), sugere um recorte do período de 1940 e 1980, neste caso, as pistas da recepção de Weber no Brasil podem ser rastreadas até à geração de ensaístas, passando por um desenvolvimento posterior até a consolidação das Ciências Sociais brasileiras e a institucionalização de uma sociologia local.

Também na perspectiva sociológica, adota-se o sistema de interpretação proposto por Sell (2021) para se compreender a recepção de Weber no Brasil. Trata-se de dois modelos explicativos que predominam como linhas de interpretação, a

---

<sup>173</sup> P. ex., a síntese entre objetividade e subjetividade, vista em Bourdieu (1983; 1989; 1996), e a dualidade da estrutura encontrada em Giddens (1979; 1989; 1991).

<sup>174</sup> Cf. a ideia de "modernidade múltipla", qual seja a trajetória ocidental é apenas uma das formas possíveis de desenvolvimento (BRISSON, 2016, p. 313).

saber: um modelo que busca interpretar o Brasil a partir de Weber (sociologia histórica, iniciada nos anos de 1930) e outro modelo que inverte a interpretação para compreender Weber no Brasil (metateoria, iniciada na virada dos anos de 1960 para 1970). Atualmente, de acordo com Sell (2021), estaria ocorrendo uma terceira fase da recepção de Weber, iniciada nos anos de 1990, na qual ainda há um predomínio das tipologias da sociologia histórica e da metateoria, mas com diferentes focos temáticos que reorientam a recepção brasileira.

Como analisado por Sell (2021), a recepção brasileira de Weber, mais centrada na Europa e nos EUA, segue uma trajetória diferente da recepção ocorrida na América hispânica<sup>175</sup>. Neste sentido, Sell (2021) propõe uma divisão desta recepção em três fases, sendo que as duas primeiras têm, cada uma, seu próprio modelo analítico, enquanto a terceira mantém a manutenção destes dois modelos e amplia o escopo.

A primeira fase, na qual “foram elaboradas grandes interpretações weberianas do Brasil”, de acordo com Sell (2021, p. 03), está ligada aos processos de industrialização e urbanização do país, à fundação das primeiras universidades<sup>176</sup> e dos primeiros cursos nacionais de Ciências Sociais e tem como marco a década de 1930. É neste ponto que aparecem as primeiras grandes interpretações do Brasil com bases weberianas (modelo sócio-histórico).

Já a segunda fase está ligada, conforme demonstra Sell (2021, p. 04) “ao processo de expansão e institucionalização da indústria cultural e do sistema universitário brasileiros (anos 60 e 70)”, catalisadores de maior interesse de importação (tradução) das obras de Weber e a interpretação teórica de suas ideias (modelo metateórico). Mesmo que estes modelos estejam tipificados, uma vez que eles podem ocorrer em uma ou outra fase, Sell (2021) demonstra que o peso da

---

<sup>175</sup> V. Capítulo II.

<sup>176</sup> Embora, com a vinda da Família Real Portuguesa no início do século XIX, fossem fundadas as primeiras faculdades nacionais e o Brasil já contasse com instituições de formação superior, o modelo universitário atual, com graduação e pós-graduação e o tripé “ensino pesquisa e extensão” só teve início na primeira metade do século XX.



recepção para compreender a realidade social do Brasil está mais concentrado na primeira fase.

Quanto à terceira fase, iniciada nos anos de 1990 e em contínua atividade, ainda há um predomínio destes dois modelos, porém, Sell (2021) identifica importantes mudanças nos conteúdos abordados e nas orientações da recepção<sup>177</sup>.

O historiador Sérgio da Mata (2013) concorda com o argumento em torno da entrada de Weber por demanda na consolidação do estatuto científico das Ciências Sociais brasileiras e em trabalho mais recente (MATA, 2016) também inclui os períodos da década de 1920 — pela identificação de ensaios articulados em veículos de imprensa — e de 1930, nos primórdios da recepção brasileira de Weber, além de aprofundar a década de 1940 pela breve, porém importante, passagem de intelectuais alemães exilados pelo Brasil. Neste sentido, pode-se identificar registros uma sociologia weberiana “no Brasil” e “sobre o Brasil”, já na virada do primeiro para o segundo quarto do século XX.

Neste trabalho, opta-se pela elaboração de um recorte específico que contemple uma seleção longitudinal tipificada em três fases de recepção de Weber no Brasil (de 1920 à década de 2010)<sup>178</sup>, mesclando elementos encontrados na literatura indicada e elementos encontrados na pesquisa. Em conciliação e complemento a estas abordagens, propõe-se outro corte temporal, na qual se divida o período entre as décadas de 1920 e 1980 em dois ciclos de recepção (1925 a 1951 e 1951 a 1980), e se acrescente um terceiro ciclo, do início da década de 1980 até meados da década de 2010.

### **3.3.1 A primeira onda: o “atraso” brasileiro e o trânsito dos exilados (1925–1951)**

---

<sup>177</sup> Como no caso do interesse crescente de uma sociologia da religião de Weber a partir de releituras de *A Ética Protestante...* (WEBER, 2004; 2020) e do conceito de “desencantamento do mundo” (PIERUCCI, 2004a; 2004b) ou das recentes traduções dos Ensaios comparados de sociologia da religião (WEBER, 2016; 2019).

<sup>178</sup> Esta tipificação equivale a um valor conceitual e heurístico, já que esta divisão não é encontrada de forma rígida na linha cronológica.

Neste sentido, para fins conceituais, demarca-se a primeira onda de recepção de Weber no Brasil no período entre os anos de 1925 e 1951. Trata-se de uma fase que pode ser subdividida em dois momentos: no primeiro, depreende-se uma sociologia weberiana em circulação pelo país de forma quase espontânea. Trabalhos deste tipo são elencados por Mata, (2016) que indica que as primeiras citações brasileiras ao trabalho de Weber não chegam pelas academias, mas por apresentações e citações na imprensa. E um segundo momento que demarca uma apropriação de Weber como referência científica.

De acordo com Mata (2016), o processo de recepção não começou com traduções e as primeiras menções de Weber no Brasil ocorreram muito cedo, uma recepção primária de Weber no Brasil que não é iniciada pela via da tradução de textos, tampouco é feita por cientistas sociais, mas por certos círculos intelectuais com acesso privilegiado a este autor bastante conhecido da audiência brasileira (MATA, 2016). Como destacado por Mata (2016), é na imprensa que aparecem as primeiras citações, por volta de 1925, antes mesmo da fundação das primeiras universidades brasileiras modernas de humanidades, na década de 1930, como a Universidade de São Paulo em 1934 e a Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1935. Mata lembra, também, que o intercâmbio intelectual entre a Alemanha e o Brasil era na época muito limitado, uma vez que “*Of the 10,000 foreign students graduating in German universities from 1926 to 1927, there were only 89 Latin Americans and most of them studied medicine and natural sciences*” (Goebel, 2009, p. 234 apud MATA, 2016, p. 53).

O primeiro registro de uma abordagem das ideias de Weber no Brasil é indicado por Mata (2016) esse trata de uma resenha em publicada em 1925 no periódico carioca *O Jornal*, pelo literário **Alceu Amoroso Lima**. Lima, intelectual de formação em direito, foi introduzido ao exercício profissional da crítica literária por Renato Lopes, fundador do periódico *O Jornal*, que buscava por articulistas não profissionais, “Amadores de boa vontade” (LIMA, 1944, apud HELENA, p. 24) e capitalizou bastante credibilidade com os artigos e resenhas de Lima (RODRIGUES, 2014). Lima costumava assinar seus textos sagazes com o pseudônimo de **Tristão de Athayde**, nome que circulou nos escritos para *O Jornal* nas colunas dominicais intituladas “Vida Literária” nas quais, Lima colaborou regularmente por nove anos,

entre 1919 e 1928, dialogando diretamente com o público e a elite literária do Brasil (RODRIGUES, 2014; HELENA, 2014). Intensos foram os debates entre Lima e Mário de Andrade, após a adesão de Lima ao movimento modernista em 1922, ao final da década de 1930, Lima se converteu ao catolicismo e esteve engajado institucionalmente à igreja católica, participando, em 1941, da fundação da PUC–RJ, onde lecionou até 1963 (RODRIGUES, 2014), e sendo enviado como representante brasileiro no Segundo Concílio do Vaticano (CVII), em 1962, às vésperas de sua aposentadoria (GORGÔNIO, 2012).

Como indicado por Mata (2016), Lima foi o primeiro autor a citar Weber no Brasil, em resenha publicada em setembro de 1925, discutindo relações entre religião e capitalismo, citando tanto Weber quanto Sombart, voltando a este tema via sociologia weberiana em, pelo menos, mais uma ocasião, um ano mais tarde.

De acordo com Mata (2016), poucos anos depois, em 1931, **Lúcio dos Santos**, psicólogo português residente no Brasil, profere uma palestra no Rio de Janeiro com tema vinculado ao debate entre questões criacionistas e questões sociológicas, “The creationist solution to a sociological problem” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1931, apud MATA, 2016, p. 52). Um ano mais tarde, em 1932, segundo Mata (2016), também no Diário de Notícias, **Soares** (*sic*) cita um artigo publicado no New York Times sobre uma fala de Weber por ocasião do Tratado de Versalhes, assinado pelas grandes potências europeias em 28 de junho de 1919, encerrando a Primeira Guerra Mundial. À época, Weber teria afirmado que “In ten years we’ll all be nationalists”, (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1932, apud MATA, 2016, p. 52). Outras citações indiretas a Weber podem ser identificadas na imprensa nacional da época, como uma menção ao falecimento de Oskar Siebeck, apresentado o editor responsável, pelas obras de Ernst Troeltsch, do economista Emil Lederer e do sociólogo Max Weber (DIÁRIO CARIOCA, 1936, apud MATA, 2016, p. 52).

No segundo momento da recepção de Weber durante a primeira onda — marcadamente o período entre as décadas de 1930 e 1940 — inicia-se aquilo que Mata (2016) chamou “the arrival of the first creative use of Weberian ideas and concepts in the historical analysis of Brazilian society” (MATA, 2016, p. 53). Como Mata (2016) esclarece, este marco de um “uso criativo” das ideias de Weber no Brasil foi inaugurado por Sérgio Buarque de Holanda que, além de lançar a obra de

fundo weberiano de *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1995 [1936]), protagonizou com José Honório Rodrigues em um longo debate torno das ideias de Weber que se estendeu até o início da década de 1950, com a publicação de *O pecado danado da usura* (RODRIGUES, 1976 [1951]).

De acordo com Sell (2015), na linha do tempo, a sociologia histórica é, tipologicamente, anterior ao segundo modelo (metateoria), de modo que cobre as interpretações clássicas da teoria social no Brasil, a partir de Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro. O primeiro adotou uma metodologia comparativa de Weber, enquanto o segundo adotou a sociologia política weberiana. Estas perspectivas teóricas extraídas de Weber serviram aos clássicos como modelo heurístico para compreensão das “condições de partida do Brasil na transição do tradicional para o moderno” (SELL, 2021, p. 15), e se pautaram, sobretudo, pelos temas do Estado e do patrimonialismo, um tipo de sociologia que, de acordo com Sell, tem perdido força na atualidade, desidratando-se sob críticas fortes. Esta sociologia do patrimonialismo tem mudado seu foco dos fatores que dificultam a modernização do Brasil para pensar “as causas e consequências das transformações culturais do Brasil, além de destacar o caráter moderno, mas também desigual e injusto do país”, o que significaria a transição de uma sociologia genética, interessada no peso da tradição, para uma sociologia da mudança, interessada na “direção da compreensão do tipo de modernidade existente no Brasil” (SELL, 2021, p. 16).

Como indicado por Sell (2021), Holanda também se destaca na abordagem do problema do patrimonialismo, com um foco diferente daquele dado por Raymundo Faoro em *Os donos do poder*, em 1958, sendo que o primeiro entenderia o patrimonialismo como um prolongamento do *Oikos*, e o segundo teria pensado o patrimonialismo em uma chave estamental e como modelo de Estado. Sell (2021) também indica que cada autor também se filia a uma identificação do conceito em Weber, o primeiro ligado à primeira definição do conceito oferecida por Weber, enquanto o segundo já toma pra si a definição apresentada na segunda fase de *Economia e Sociedade*.

Um dos mais aclamados nomes da literatura brasileira, **Sérgio Buarque de Holanda** inicia sua trajetória intelectual após sua formação em direito, na

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cujo ingresso havia se dado no ano de 1921. Barreto (2009) indica que, no Rio de Janeiro, Holanda trabalhou ativamente como colunista do *Jornal do Brasil* e colaborou com *O Jornal, com o Rio–Jornal* e com *A Ideia Ilustrada*, além de enviar colaborações internacionais para a agência *United Press International* (UPI); no Espírito Santo, dirigiu o jornal *O Progresso* e, ainda na década de 1920, junto ao amigo Prudente de Moraes Neto fundou a revista *Estética*, engajando-se no calor do movimento modernista. No ano de 1929, Holanda foi morar em Berlim, na Alemanha, iniciando sua trajetória de três anos como correspondente internacional dos *Diários Associados*. Foi durante esta experiência que Holanda travou contato com as obras de Max Weber.

Ao retornar para o Brasil na década de 1930, como exposto por Mata (2016), Holanda já voltou da Alemanha com um manuscrito que, após revisão, se tornaria *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1995 [1936]). Contudo, Barreto (2009) sublinha que, de volta ao país, Holanda continuou com suas contribuições jornalísticas e foi na revista *Espelho*, em 1935, que Holanda publicou o estudo ensaístico *Corpo e Alma do Brasil*, uma espécie de teste para o que viria a ser, em 1936, seu primeiro e mais conhecido livro, seguido por obras como *Cobra de vidro*, de 1944, *Monções*, de 1945, *Caminhos e fronteiras* de 1957, e *Visão do paraíso*, de 1958 (BARRETO, 2009).

Na década de 1940, conforme Barreto (2009), Holanda assume um cargo de diretor da Divisão de Consulta da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em seguida tornou-se o presidente da seção do então Distrito Federal da Associação Brasileira de Escritores; já no ano de 1947, filiou-se ao Partido Socialista e passou a lecionar História Econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política. Já na década de 1950, fixou residência na Itália, atuando como professor convidado na Universidade de Roma, mantendo, ainda, funções de correspondente para o jornal *Folha de S. Paulo*. No retorno ao Brasil, nos anos de 1960, passou a lecionar na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e tornou-se o primeiro diretor do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), eleito em 1962 (BARRETO, 2009). No engajamento político, de acordo, ainda, com Barreto (2009), Holanda foi um dos fundadores da Esquerda Democrática, em 1945 [agremiação

que assumiria o nome de Partido Socialista Brasileiro, em 1947] e esteve, posteriormente, ligado à fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), em 1980.

A obra *Raízes do Brasil* apresenta Weber aos brasileiros. Segundo Mata (2016) Weber é citado no livro como “the most famous modern sociologist” (Holanda 1936, 114 apud MATA, 2016, p. 53). Holanda toma conceitos de Weber e, segundo Mata, o adota como “a kind of counter–model which he used to investigate Brazilian history” (MATA, 2016, p. 53). Na percepção de Mata (2016) que o racionalismo protestante acaba por se apresentar como o modelo a ser seguido, ainda que o livro não seja isento e não escape à tentação romântica de recusar para os problemas brasileiros soluções importadas (MATA, 2016).

Quanto às suas referências, Sell (2021) indica que, embora ecléticas, o papel analítico desempenhado por Weber na obra é central, combinando estudos sobre a ética protestante com a sociologia da dominação e da cidade, além de lançar mão expansivamente do método weberiano tipológico e comparativo.

Conforme apontado por Mata (2016), na percepção de Holanda, o Brasil era um caso de falha em praticamente tudo o que uma cosmovisão racionalizada e ascética havia produzido na Europa e na América do Norte e no âmago da questão, estaria a ideia de que para os brasileiros, o princípio condutor da vida [“the leading principle in life” (MATA, 2016, p. 53) ] não era a ideia de vocação, mas a do aventureiro, uma herança legada pelos colonizadores portugueses que preteriam o culto ao trabalho às recompensas da sanha desbravadora. Além disso, argumenta Mata (2016), a tese da racionalização, mais do que simplesmente seu uso como tipo ideal, forma a espinha dorsal de *Raízes do Brasil*. Ao contrapor a formação das cidades hispano–americanas com as do Brasil lusófono, por exemplo, Holanda concluiu que estas últimas não ofereciam resistência ao ambiente natural, desenvolvendo-se “no rigor, no method, no forethought, always this casualness, this *laissez-faire*” (Holanda 1995, 124 apud MATA, 2016, p. 54).

*Raízes do Brasil* é um livro que chega ao mercado editorial Brasileiro embalado pelo *mindset* do *atraso brasileiro*, frente às nações modernas. Essa questão marcada no espírito do tempo foi um potente gatilho para a primeira disputa brasileira em torno dos referenciais weberianos. De um lado, Sérgio Buarque de Holanda e, de outro, José Honório Rodrigues, de acordo com a leitura de Mata

(2013; 2016), esses dois autores protagonizariam a primeira querela epistemológica em torno da obra de Weber no Brasil. Trata-se de uma longa disputa originada a partir da publicação de *Raízes do Brasil* cheia de réplicas e trélicas públicas, que perduraram até a publicação de *O pecado danado da usura* (RODRIGUES, 1976 [1951]), a última resposta de Rodrigues, em forma de artigo, a Holanda (MATA, 2013a, p. 199). Além do pano de fundo do “atraso”, Mata (2016) vê, também, nesta disputa o primeiro debate no Brasil sobre a relação entre o protestantismo ascético e o capitalismo (MATA, 2016).

Na força da presença de Holanda e Rodrigues, Mata (2016) registra o protagonismo de dois dos fundadores da escrita histórica brasileira, mas que não escapam na fase inicial de suas carreiras ao que Nelson Werneck Sodré, segundo Mata (2016) teria, criticamente, chamado posteriormente de “fascinação weberiana” [*Weberian fascination*] (MATA, 2016, p. 57).

Também graduado em direito, **José Honório Rodrigues** formou-se com pretensão à participação na vida política, contudo, suas expectativas se viram frustradas pela emergência do Estado Novo (ABL, 2016). Aos 24 anos foi contemplado com o 1.<sup>o</sup> Prêmio de Erudição da Academia Brasileira de Letras (ABL), garantindo assim a continuidade de seus estudos (ABL, 2016) pelo livro *Civilização holandesa no Brasil*, um estudo sobre a presença holandesa na província de Pernambuco no século XVII (MATA, 2016). Mata (2016) indica que Rodrigues, em seu livro sobre a presença da civilização holandesa no Brasil, já se manifestava certo interesse de Rodrigues pela distinção entre a ética calvinista e a católica, com certa centralidade do calvinismo na formação da cultura holandesa, incluindo seu aspecto econômico e político (MATA, 2016), e, neste sentido, Rodrigues teria considerado o período da presença holandesa em Pernambuco como algo oposto à tradicional colonização portuguesa, já que os holandeses desenvolveram povoamento do tipo urbano, tolerância religiosa como e os avanços nos campos tanto da arte quanto da ciência, o que seriam 24 anos de uma experiência de uma cultura “more refined, more intellectual, more artistic, and more bourgeois and industrial” (RODRIGUES, 1940, p. 324 apud MATA, 2016, p. 58).

Depois do lançamento de *Civilização holandesa no Brasil*, Rodrigues passou o período entre 1943 e 1944 nos Estados Unidos com subsídios da Fundação

Rockefeller, frequentando cursos da Universidade de Colúmbia (ABL, 2016). De volta ao Brasil, cultivou profundos laços com instituições e ambientes acadêmicos nacionais e estrangeiros. Trabalhou no Instituto Nacional do Livro e atuou como diretor da Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional entre 1946 e 1958, assumiu a direção da Seção de Pesquisas do Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores entre 1948 e 1951; depois, a direção do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro entre 1958 e 1964; e tornou-se secretário executivo do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais entre 1964 e 1968, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de outros institutos históricos estaduais, e esteve como editor da *Revista Brasileira de Estados Internacionais* (ABL, 2016).

De acordo com os arquivos da ABL, Rodrigues exerceu a docência também de maneira frutífera, atuando como professor de História do Brasil, História Diplomática do Brasil, História Econômica do Brasil e Historiografia Brasileira. Esteve como professor do Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores entre 1946 e 1956; foi professor do Ensino Superior do Estado da Guanabara, de 1949 até a sua aposentadoria; atuou como professor da PUC–RJ e professor de Pós–Graduação na Universidade Federal Fluminense e de Doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ABL, 2016). Circulou como professor visitante em diversas universidades norte-americanas; da Sociedade Capistrano de Abreu, da Academia Portuguesa da História, da *American Historical Association* dos EUA, da *Royal Academy of History* na Inglaterra e da Sociedade Histórica de *Utrecht* da Holanda (ABL, 2016).

As linhas que conectam Rodrigues ao pensamento de Weber, de acordo com Mata (2016), são difíceis de serem traçadas em comparação com o caso de Sérgio Buarque de Holanda. Mata (2016) considera que esse contato pode ter ocorrido pela passagem de Rodrigues pelos EUA, sobretudo porque à época, Columbia — junto às universidades de Chicago, Harvard, Wisconsin e New School for Social Research — era uma das cinco universidades responsáveis pela disseminação do pensamento de Weber nos Estados Unidos (SCAFF, 2006, 57 apud MATA, 2016).

De acordo com Mata (2016), Rodrigues e Holanda trabalharam juntos na Biblioteca Nacional entre 1943 e 1946, ano em que Holanda se transferiu para São Paulo para ocupar a direção do Museu Paulista. É naquele ano que se iniciou uma



intensa disputa historiográfica entre Holanda e Rodrigues em torno do pensamento de Weber, algo até então inédito no Brasil (MATA, 2016).

Foi em 1946 que Rodrigues publicou o ensaio *Capitalismo e Protestantismo*, no jornal *Digesto Econômico* e, de acordo com Mata (2016), o texto expressava o amplo conhecimento de Rodrigues a cerca da literatura internacional sobre a Ética Protestante, estudo de Weber do qual Rodrigues se mostra bastante simpático.

A disputa se deu em torno do problema do “atraso” brasileiro. Diferentemente de Holanda, que encontrava na má administração de recursos e manutenção das riquezas a razão do debilitado desenvolvimento econômico brasileiro, Rodrigues, por seu turno, concentrava sua atenção no problema do crédito e proibição da usura por parte da igreja católica para explicar o “atraso” econômico referenciado nos países ibéricos, formando a opção por um capitalismo de estado que impediria o desenvolvimento do individualismo econômico e do acúmulo de capital “due to laziness, greed and economic incompetence, which the historical hour held out” (RODRIGUES, 1976, p. 252 apud MATA, 2016, p. 58).

Interpretando a abordagem, Mata (2016) assevera que apesar de aplicação mecanicista e pouco criativa dos argumentos *d'Ética Protestante*, Rodrigues mostrou mais familiaridade com as bases conceituais weberianas do que Holanda.

A resposta de Buarque de Holanda veio no ano de 1947, também no *Digesto Econômico*. O ensaio *Mentalidade capitalista e personalismo*, explica Mata (2016), o nome de Weber figurava apenas como um parceiro oculto e nunca citado e parte de sua composição incorporada à segunda edição de *Raízes do Brasil*, lançada em 1948. No argumento, Holanda contesta a validade dos pressupostos de Rodrigues acerca da usura, atribuindo a ela uma condição de pouca importância para o desenvolvimento do capital financeiro na Península Ibérica, uma vez que os povos ibéricos não se distinguiam em produção de riqueza, mas, sim, em uso perdulário de excessos e luxos (MATA, 2016).

Mata já havia se manifestado sobre isso em outra ocasião (MATA, 2013), considerando que para José Honório Rodrigues o problema central do “atraso” não é uma questão de ética profissional (*Berufsethik*), como teorizada por Weber e reverberada em Sérgio Buarque, mas sim um problema de crédito que remonta à metrópole portuguesa:

Não seria na obtenção da riqueza que os ibéricos se distinguiriam de outros povos, mas no emprego improdutivo da riqueza — que se voltaria para a “ostentação ou o luxo” (HOLANDA, 2004, 56). Este deslocamento da discussão sobre a realidade brasileira para a ibérica se explica facilmente. Via-se a explicação das razões do “atraso” de Portugal e da Espanha como uma tarefa prévia para a explicação do nosso próprio “atraso” [...] José Honório [1976] conclui que a história das finanças públicas em Portugal estava condenada a ser uma história “sem esperança [e] de crises contínuas”, haja vista “a falta de racionalização da vida pública, um dos fatores mais importantes, segundo Weber, na formação do capitalismo” (MATA, 2013, p. 198–200).

Agora era a vez de Rodrigues replicar, via *Digesto Econômico*, em 1948, com o ensaio *Expansão capitalista versus ideologia canônica em Portugal*.

À influência de Weber, contextualiza Mata (2016) foi adicionada a presença teórica de Werner Sombart e, partindo desta leitura, Rodrigues reforçou o argumento de seu livro de 1940, entendendo que Portugal foi prejudicado pela proibição da usura e pela expulsão dos judeus (RODRIGUES 1940, apud MATA, 2016).

E aqui, Mata (2016) recupera seu argumento anterior Mata (2013), sustentando que, para Rodrigues, o problema não residia na ausência de um *Berufsethik*, mas na esfera do crédito, pois Rodrigues chegou à conclusão de que a história das finanças públicas em Portugal estava condenada, uma história de profundas e contínuas crises e escassa de racionalização na esfera da vida pública, ou seja, um dos fatores de maior importância para Weber no que tange à formação do capitalismo (RODRIGUES, 1976 apud MATA, 2016).

Foi em uma coletânea de ensaios lançada mais tarde, em 1951, que Rodrigues retornou ao argumento no ensaio inédito *O pecado danado da usura* (RODRIGUES, 1976 apud MATA, 2016), no qual, ao analisar a dinâmica econômica de Espanha e Portugal no período moderno, Rodrigues asseverou: “the structure never had the strength to build a new superstructure” (RODRIGUES, 1976, p. 286 apud MATA, p. 60), assertiva que recebeu, ainda, críticas de Holanda que a considerou “idealistas” e “unilaterais”, ligadas “intimamente” às primeiras teorias de Weber (HOLANDA, 1979 apud MATA, 2016, p. 60).

Passados quinze anos desde o lançamento de *Raízes do Brasil*, em 1936, o afastamento de Holanda do “idealismo” explicativo weberiano torna-se patente (MATA, 2016). Sobre este afastamento, Mata (2016) explora duas teses, a primeira, de que a maior influência da historiografia francesa na historiografia brasileira

(LEFEBVRE, 1990; PERRONE–MOISÉS, 2004 apud MATA, 2016), causando uma “desweberianização” de Holanda (MATA, 2016, p. 60), o que poderia ser observado, de acordo com Mata (2016), tanto na polêmica com Rodrigues quanto nas diversas mudanças que Holanda realizou na segunda edição de *Raízes do Brasil*; e a segunda de que uma crescente influência do marxismo acabou por criar um ambiente menos favorável para a recepção de Weber entre os historiadores brasileiros (MATA, 2016).

De acordo com Sell (2021), Holanda promoveu alterações substanciais que modificaram suas posições políticas, entre a primeira versão, de 1936, e a segunda, de 1958 — por exemplo, uma oposição ao liberalismo na primeira versão e uma adesão “pró-liberal” na segunda —, mas, teria mantido a tese de que o Estado brasileiro não se orienta pela “racionalidade formal–burocrática”, mas, sim, pelo princípio patrimonial, segundo o qual, para o “funcionário patrimonial” a própria gestão política é de interesse particular (SELL, 2021, p. 05).

Do ano de 1942, no Rio de Janeiro, Mata (2016) destaca a publicação do livro do crítico literário austríaco imigrante **Otto Maria Carpeaux**, *A Cinza do Purgatório*. Uma coletânea de ensaios sobre literatura, que traz uma resenha com o título *Weber e a catástrofe* — como lembrado por Mata (2016), provavelmente a primeira apresentação de Max Weber e sua obra no Brasil. Trata-se de resumo crítico que introduz o público a algumas das principais ideias de Weber, em particular sua sociologia da religião e seu pensamento político. Weber é apresentado como um apaixonado que é lido e interpretado de maneira bastante instrutiva Mata (2016).

Outro nome de destaque da recepção weberiana no período é o de **Karl Loewenstein**. O cientista político esteve de passagem pelo Brasil em 1942, em uma jornada de pesquisa se campo pela América Latina, quando organizou um relatório científico sobre as condições políticas do Brasil sob o comando de Getúlio Vargas, trabalho que se fundamentou em categorias tipológicas e estrutura metodológicas weberianas. Embora não seja uma referência de “tipo puro” quanto à recepção de Weber no Brasil, o nome de Loewenstein precisa ser citado como um significativo “importador” de Weber para as Américas, além do evidente fato, é claro, de ter produzido materiais analíticos sobre o Brasil.

Como visto no Capítulo II, Karl Loewenstein é um dos intelectuais exilados que deixaram a Alemanha prematuramente por conta da dominação totalitária nazista. Jurista e cientista político, Loewenstein frequentou o círculo intelectual da residência dos Webers, em Heidelberg, com relativa frequência.

De acordo com Mata (2016), Loewenstein, judeu-alemão de posições liberais, deixou a Alemanha logo após perder sua posição como *Privatdozent* em Munique e, de acordo com (HANKE, 2012 apud MATA, 2016), provavelmente trazendo consigo os manuscritos da Sociologia do Direito de Weber que, mais tarde, foi incluído em Economia e Sociedade.

Nos Estados Unidos, Loewenstein foi professor na Amherst University, Massachusetts e, de acordo com Mata (2016), depois de publicar uma monografia sobre a Alemanha hitlerista, muito provavelmente Loewenstein passou a estar a serviço do Departamento de Estado norte-americano. Esta atribuição teria sido o motivo que o levou a viajar pela América Latina organizando um levantamento sobre as condições político–governamentais da região. A parte de sua pesquisa dedicada ao Brasil rendeu–lhe um volume individual, publicado nos EUA em 1942, sob o título *Brasil under Vargas* e é considerada por Mata (2013, p. 193; 2016, p. 55) “o primeiro estudo weberiano *avant la lettre* sobre o Brasil”, que se situa entre a sociologia e a ciência política com o propósito de indagar qual a verdadeira natureza do Estado Novo de Getúlio Vargas e quais as chances de o Brasil entrar na esfera de influência da Alemanha nacional-socialista? (MATA, 2016).

Mata (2016) vê certas simetrias entre a pesquisa de Loewenstein e os escritos de Weber sobre a Revolução Russa de 1905. Em uma primeira parte de do texto sobre Vargas, Loewenstein aborda a formação histórica do sistema político nacional e identifica traços históricos do governo personalista assentado no caudilhismo (LOEWENSTEIN, 1942 apud MATA, 2016), além do papel excessivo da burocracia, na figura dos interventores de Estado, o que “confirmava a tendência geral de perda de importância relativa dos políticos profissionais” (MATA, 2013, p. 194); e de uma cultura jurídica brasileira “curiosamente marcada não apenas pelo probabilismo, mas igualmente pelo seu oposto, o judicialismo”, que impõe “de um lado, uma eterna dúvida sobre a efetividade do dispositivo legal e, de outro, a crença cega em seus superpoderes” (MATA, 2013b, p. 195). Além desses pontos,

Loewenstein destaca a “baixa competência e integridade” do funcionalismo público brasileiro à época, bem como a insuficiência de formação técnica e profissional, os baixos salários, bem como “a ausência de um sistema racional de admissão” que, juntamente a “indiferença da opinião pública”, contribuíam para as vicissitudes, como “a corrupção, a venalidade e o nepotismo” (LOEWENSTEIN, 1942 p. 98 apud MATA, 2013b, p. 196).

Conforme Mata (2016), mesmo sem mostrar qualquer simpatia pelo Estado Novo, Loewenstein admite que não houve outro líder, além de Vargas, que fosse capaz de evitar a “nazificação” do Brasil (LOEWENSTEIN 1942, p. 38 apud MATA, 2016, p. 55) tanto em virtude dos estatutos constitucionais que lhe davam plenas liberdades de ação, quanto pela aprovação de que gozava junto ao povo e aos os bons resultados alcançados pelo regime, tributário, sobretudo, ao progresso alcançado pelos processos da ordem burocrática estatal, mas com a contrapartida de se estabelecer uma significativa perda do papel do político profissional em favor do trabalho feito pela administração (MATA, 2016).

Ainda assim, diante de suas constatações citadas anteriormente a cerca das vicissitudes do serviço público, Mata (2016) afirma que Loewenstein estava ciente de que o Brasil sofria cronicamente de incompetência, falta de integridade e qualificação insuficiente e profissional dos servidores públicos. De acordo com Mata (2016), o Brasil carecia da disciplina e do senso de honra que Weber via na burocracia prussiana e Loewenstein comparou a situação brasileira com a da Áustria na época do *Anschluss*, o que ele caracterizou como “Despotism mitigated by sloppiness” (LOWENSTEIN, 1942, 99 apud MATA, 2016, p. 56).

Contudo, Mata (2016) destaca que o objetivo principal do livro de Loewenstein é o diagnóstico de um regime político, não de toda uma civilização e que ele teria visto em Vargas um político pragmático e oportunista, mas não um líder carismático.

Apesar Loewenstein lidar com uma agenda de pesquisa típica de um programa weberiano, lidando com temas como a organização política e jurídica do Estado, como a dominação e a burocracia, Mata (2013, p. 197) registra uma crítica ao “seu esforço no sentido de ressaltar um liberalismo desde-sempre-existente no Brasil”, por acreditar em uma alegada natureza “tolerante e conciliatória”, em um alegado temperamento “liberal e individualista” dos brasileiros, indo tão longe para

defender a ideia de que “the dictatorship cannot obliterate liberal tradition” (LOEWENSTEIN, 1942, p. 359 apud MATA, 2016, p. 56):

Loewenstein comete o mesmo erro de Sérgio Buarque. Mas se este tende à naturalização do nosso personalismo, o cientista político e sociólogo teuto-americano reifica a atitude oposta: a suposta natureza “tolerante e conciliatória”, o suposto temperamento “liberal e individualista” dos brasileiros. E isso a ponto de defender a ideia de que “a ditadura não é capaz de obliterar a tradição liberal” aqui existente (LOEWENSTEIN, 1942, p. 359). É bastante provável que isso se explique, em larga medida, mais pelas injunções geopolíticas do momento que pelas convicções pessoais de Loewenstein (MATA, 2013, p. 197).

Apesar da ressalva, Mata (2013; 2016) reconhece o senso de equilíbrio e o empenho preocupado de Loewenstein em estabelecer uma análise sem valores, filiada à própria natureza weberiana de seu estudo. Além disso, Mata (2016) sublinha a relevância do trabalho Loewenstein que, apesar de produzido em um espaço de tempo muito curto, ofereceu um retrato bastante fiel da sociedade e da política do Brasil no momento em que o país estava fazendo seu primeiro passos na direção da modernização socioeconômica e burocrática.

O primeiro cientista social no Brasil que mencionou Weber pela primeira vez foi um imigrante alemão, nascido em Colônia, em 1905, chamado **Emilio Willems** (MATA, 2016).

No ano de 1931, Willems contava seus 26 anos de idade e tinha acabado de obter o título de doutor em Filosofia pela Universidade de Berlim — onde foi aluno do sociólogo Alfred Vierkandt e teve contato direto com Theodor Geiger, Karl Dunkmann e Werner Sombart — cidade que deixou para dirigir-se ao Sul do Brasil, “para lecionar grego, latim e francês em um seminário católico, localizado na cidade de Brusque, em Santa Catarina” (VILLAS BÔAS, 2010 [2000], p. 171). Sobre esta mudança extraordinária, Villas Bôas cita as memórias de Willems:

[...] Nesse ano (1930), a grande depressão econômica, que assolava o mundo inteiro, havia atingido sua fase mais crítica. A situação era tal que não havia a menor possibilidade de achar emprego. Ao mesmo tempo, a situação política deteriorava-se a olhos vistos. Naquele momento, a Alemanha havia entrado, quase imperceptivelmente, numa fase de guerra civil entre nazistas e comunistas que, apesar do policiamento intenso, se combatiam em arruaças quase diárias. Eu já não tinha a menor dúvida de que, mais cedo ou mais tarde, o radicalismo da direita ou da esquerda haveria de prevalecer. Como repórter de tribunal — atividade que exercia em 1930 — assisti a muitos processos contra nazistas acusados de crimes de violência, notáveis pela crueldade bárbara com que foram executados. Como eu já não tinha ilusões quanto à natureza bestial de um possível regime nazista, estava decidido a aproveitar-me da primeira oportunidade

para escapar ao cataclismo iminente. Um conhecido meu, que tinha passado alguns anos como professor primário no Rio Grande do Sul, me deu alguns endereços de pessoas e instituições que poderiam se interessar pelos meus serviços. Sem esperar respostas a minhas cartas iniciei imediatamente o estudo intensivo do português. Ao cabo de alguns meses recebi um convite para lecionar num seminário de padres em Brusque, Santa Catarina. Aceitei sem a menor hesitação e, em agosto de 1931, embarquei num vapor com destino a Santos. Tudo isto naturalmente foi improvisação [...] (WILLEMS, 1983, p. 04 apud VILLAS BÔAS, 2010 [2000], p. 176).

Em sua longa estada de 18 anos no Brasil, Willems marcou forte presença institucional no país, tanto transitando como docente por importantes organizações acadêmicas, quanto colaborando para a institucionalização e a consolidação das ciências sociais no Brasil, ligando-se à Universidade de São Paulo como professor de Antropologia e à Escola Livre de Sociologia e Política, como professor de Sociologia e Antropologia Social, atuando como docente e pesquisador ativo, resultando em publicações bastante relevantes, como as citadas por Villas Bôas (2010 [2000]): *Assimilação e populações marginais; Aculturação dos alemães no Brasil — estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes; Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo; Cunha — Tradição e transição em uma cultura rural do Brasil; e Buzios Island. A caiçara community in Southern Brazil*. Dentre seus alunos, citam-se os destacados nomes de Alceu de Maynard Araújo, Florestan Fernandes, Carlos Borges Schmidt, Gioconda Mussolini, Miriam Lifchitz Moreira Leite (VILLAS BÔAS, 2010 [2000], p. 172).

Além das contribuições dadas por Willems como docente e pesquisador, Villas Boas (2010 [2000]) também destaca a importância do intelectual na organização do campo teórico das ciências sociais que apenas começavam a se firmar nas universidades brasileiras. Neste sentido,

Willems foi uma figura chave na organização do campo teórico e conceitual da Sociologia e Antropologia como tradutor de conceitos que integram os verbetes do *Dicionário de Sociologia e Etnologia*, organizado em parceria com Herbert Baldus, do *Dicionário de Sociologia*, atualizado e publicado por Armand Cuvillier em Paris. Com Romano Barreto organizou o livro *Leituras Sociológicas* e criou a Revista *Sociologia*, primeiro periódico voltado exclusivamente para a divulgação de correntes sociológicas e da pesquisa dos especialistas brasileiros. A tradução de *Ideologia e Utopia* de Karl Mannheim, feita por ele, teve tamanha repercussão na definição do papel intelectual e político dos cientistas sociais brasileiros, que Willems certamente não podia supor nem prever [...] (VILLAS BÔAS, 2010 [2000], p. 172).

Um novo ponto de virada surgiria na carreira de Willems em 1948, com um convite para lecionar por um curto período de seis semanas no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Vanderbilt, nos Estados Unidos, proposta que levou Willems a priorizar as “vantagens que o centro de pesquisas norte-americano lhe oferecia para prosseguir seu trabalho de pesquisa sobre o Brasil” (VILLAS BÔAS, 2010 [2000], p. 172). Sua partida para Nashville se consolidou no ano de 1949, local onde continuou produzindo até o final de sua vida, em 1997 (VILLAS BÔAS, 2010 [2000]).

De acordo com Mata (2016), os primeiros trabalhos de Willems seguiram os passos de seu mestre Alfred Vierkandt, versando sobre o processo de aculturação dos alemães no sul do Brasil (VILLAS BÔAS, 2006 apud MATA, 2016). Mata considera que grande contribuição de Willems à recepção weberiana no Brasil veio na forma de um ensaio publicado na revista *Administração Pública*, em 1945, *Burocracia e patrimonialismo*, ensaio que apresentou as categorias básicas do weberianismo ao público brasileiro.

Mata (2016) enfatiza o fato de que apenas ano antes, em 1944, foi lançada uma tradução para o espanhol de *Wirtschaft und Gesellschaft* [WuG]. Até então, os leitores brasileiros contavam apenas com o ensaio de Otto Maria Carpeaux, de 1942. Estimulados pelo lançamento da versão em espanhol de WuG, anos mais tarde, Alberto Guerreira Ramos, em 1946, e Juarez Brandão Lopes, em 1956, tentaram apresentar uma síntese do pensamento de Weber (MATA, 2016).

### **3.3.2 A segunda onda: a consolidação das ciências sociais no Brasil (1951–1980)**

Para se falar de uma segunda onda weberiana no Brasil, também é preciso se levar em conta o impacto causado nas Américas pela publicação da versão em espanhol de WuG no México, em 1944, bem como do lançamento da coletânea *From Max Weber*, nos EUA, 1946.

À época, o *mindset* norteador que era predominante no campo intelectual brasileiro — importador das ideias de Weber — poderia ser definido como uma *urgência de fundamentação teórica e empírica para a Sociologia e as Ciências*



*Sociais*. Esse impacto herda parte dos esforços acadêmicos de Willems e reverbera diretamente na próxima geração a assumir, podendo ser identificado nos trabalhos de nomes como Raymundo Faoro, Florestan Fernandes, Maria Sylvia de Carvalho Franco e, mais tarde, Gabriel Cohn (SELL, 2014; MATA, 2013).

Sérgio da Mata trata, também, da “influência crescente do marxismo e da história econômica” entre os historicistas na década de 1950, bem como da “gradativa profissionalização dos historiadores brasileiros”, fatores que “acabaram produzindo um clima pouco favorável à recepção de Weber, autor no qual se via cada vez mais o sociólogo e cada vez menos o historiador” (MATA, 2013, p. 201). Este seria um cenário propenso ao surgimento de uma crítica aos estudos weberianos. Um trabalho exemplar, indicado por Mata (2013), é o do historiador **Fernando Sgarbi Lima**, tese de livre-docência, intitulada *Fundamentos históricos do espírito capitalista*, que surge em 1956 (MATA, 2013, p. 201).

Conforme descrito por Mata (2013), o conjunto das preocupações de Lima trazia em seu cerne a busca pelas origens históricas do “espírito do capitalismo”, indo de encontro a Weber e Sombart e suas teses — que Lima “qualifica de insustentáveis e arbitrárias” —, movimento que o alinha “de forma particularmente nítida” à gênese de uma perspectiva crítica “que se tornará recorrente nos meios historiográficos, dentro e fora do Brasil: a de que a explicação do advento do capitalismo em Weber seria essencialmente ‘idealista’”, um “mal-entendido” que já nublava também “os últimos lances da polêmica entre Sérgio Buarque e José Honório” (MATA, 2013, p. 201):

Para Sgarbi Lima, o advento do espírito capitalista só pode ser respondido adequadamente pelos historiadores. É verdade que, em nome de um maior rigor no exame da questão, seu argumento adquire num dado momento uma tonalidade positivista: “uma análise das origens do capitalismo e do espírito capitalista deve partir do fato histórico puro [...]. Procuramos ater-nos ao domínio do acontecido, nunca ao do provável” (LIMA, 1957:6). De uma forma geral, porém, esta profissão de fé objetivista não chega a comprometer o seu trabalho, cuja tese central é a de que uma mentalidade capitalista poderia ser encontrada já na Idade Média (MATA, 2013, p. 201).

Mata (2013) demonstra a incorreção de Lima ao alimentar a premissa de que, em Weber e Sombart, a abordagem do capitalismo estaria presa “exclusivamente ao domínio do religioso” (LIMA, 1957, p. 08 apud MATA, 2013, p. 202), incompreensão vítima da chamada “interpretação espiritualista da História” (LIMA, 1957, p. 11 apud

MATA, 2013, p. 202). Quanto a essas queixas, Sérgio da Mata as considera reveladoras de

[...] uma incapacidade crescente da historiografia do século XX em reconhecer na religião, ou antes, nas ideias religiosas, uma potência capaz de produzir efeitos históricos em contextos que não apenas os pré-modernos. *A historiografia secularizou-se, não o mundo* (MATA, 2013, p. 202).

Apesar de Sgarbi Lima subestimar o papel da religião e, principalmente, das “ideias religiosas” em sua leitura, deixando de “reconhecer nelas *potências históricas*”, para Mata é inegável o valor de sua tese por apresentar uma complexificação do quadro analítico, demonstrando, ao recuar no tempo, “tudo o que havia de inócuo nas limitações impostas pela Igreja à atividade econômica e, sobretudo, colocando em dúvida o peso que o calvinismo eventualmente possa ter tido na inversão desse estado de coisas” (MATA, 2013, p. 202). Nas palavras de Mata (MATA, 2013):

Fernando Sgarbi Lima identifica no século XIII a ocorrência de transformações intelectuais, sociais e econômicas que lhe permitem falar numa verdadeira “revolução”. Ele acredita que o *ethos* econômico da burguesia “se formara em outras esferas que não a da teologia”. Ademais, o irrefreável desenvolvimento do comércio faz com que a usura fosse praticada “a despeito de todas as restrições” (LIMA, 1957:21). Toda tentativa nesta direção, emanada tanto do poder civil quanto do eclesiástico, não passava de letra morta. Mesmo porque as finanças da própria Igreja dependiam, em escala crescente, dos grandes banqueiros e diretores das companhias de comércio (LIMA, 1957:47). O *espírito burguês* já se encontrava desenvolvido quando Calvino elaborou sua teologia. Mais: a atitude predominante desta classe ascendente em face da religião não era nem de submissão, nem de recusa cética. A burguesia viveria, antes, “uma religião prosaica, teologicamente empírica” (LIMA, 1957:50) — proposição que coincide inteiramente com a do clássico artigo de Rachfahl (1909:1290), mas que, todavia nosso autor não chegou a conhecer. Enfim, conclui-se que “o espírito capitalista dos tempos modernos é produto do próprio mundo em que se movimenta o empresário burguês” (LIMA, 1957, p. 58) (MATA, 2013, p. 202).

Não obstante, apesar das críticas direcionadas ao repertório teórico-crítico de Sgarbi Lima, Sérgio da Mata considera que sua contribuição, embora modesta, “é uma contribuição que não encontra equivalente no contexto da historiografia brasileira de meados do século passado”, o que já seria o suficiente para considerá-lo o “primeiro representante digno de nota” para um “antiweberianismo tropical” em “um momento decisivo na história da recepção de Weber no Brasil” (MATA, 2013b, p. 202).

É apenas no ano de 1958 que surge aquela que Mata (2013; 2016) percebeu como a primeira obra brasileira de sociologia que traz a influência e a metodologia weberianas na compreensão das origens e desenvolvimento do estamento burocrático brasileiro. Trata-se de *Os donos do Poder*, escrita pelo jurista **Raymondo Faoro**, expondo um conjunto de teses sobre o patrimonialismo no Brasil. Mata assinala que a principal tese de Faoro é a de que, no curso da história brasileira, os detentores do poder político inseriram no Estado uma lógica patrimonial que contribuiu para o desenvolvimento de um grupo de *status* autônomo, cuja custosa manutenção estrangulou o pleno desenvolvimento capitalista e, neste sentido, esse patrimonialismo observa Faoro, carregaria consigo “*the germ of economic suicide*” (FAORO, 1958, p. 41 apud MATA, 2016, p. 61) e tinha bases na história de Portugal e do Brasil,

[...] laboratório onde Faoro pretende confirmar as teses de Weber sobre a relação parasitária entre funcionários e aparato Estatal, bem como o efeito inibidor deste tipo de dominação sobre o processo econômico (MATA, 2013, p. 204).

Uma segunda edição de *Os donos do poder* foi lançada, em 1975, com triplo do número de páginas do original, o lançamento ampliou sua popularidade e causou novo impacto no Brasil que, desde 1964, estava emerso em um regime militar autoritário. De acordo com Mata (2016), *Os donos do Poder* foi absorvido por uma parte da intelectualidade brasileira que viu no clima antidemocrático e totalitário do poder militar a nova face de um estamento patrimonial.

Os fundamentos da tese de Faoro, de acordo com Sell (2021), estão assentados no combate a duas teses muito presentes na historiografia brasileira com viés marxista da época, primeiramente, a tese de que Portugal e colônia brasileira eram feudais e, em segundo lugar, a ideia de que o Estado representa os interesses das classes sociais, motivo pelo qual, ainda de acordo com Sell (2021), o conceito de “patrimonialismo” central na interpretação de Faoro não é um patrimonialismo de tipo puro e sim um patrimonialismo estamental, definido por Weber como um tipo de dominação em que “*der Verwaltende ist im Besitz der Verwaltungsmittel, aller oder mindestens eines wesentlichen Teils*” [“o administrador detém a posse de todos os recursos administrativos ou, pelo menos, uma parte substancial”] (MWG, I/23, p.167 apud SELL, 2021, p. 06). Além disso, na leitura de

Sell (2021), para Faoro o Estado patrimonial estaria em afinidade e teria favorecido o desenvolvimento de um tipo de capitalismo politicamente orientado, de modo que nem a transição do capitalismo comercial para o industrial teria abalado esta estrutura política, que operaria, ainda hoje, a racionalidade matéria do patrimonialismo “por detrás de uma ordem política legal–burocrática” (SELL, 2021, p. 06).

É aqui, também, neste período que se inicia o segundo modelo de recepção elencado por Sell (2021), o modelo metateórico, é mais tardio, remetendo à década de 1960. Este tipo de reflexão é marcado por um denso processo de interpretação teórica de Weber. Este tipo de recepção está atrelado à “consolidação do sistema universitário brasileiro e a expansão de um mercado consumidor de bens culturais” (SELL, 2021, p. 17). É nos anos da década de 1960 que boa parte das obras de Weber ganha tradução para o português. Os temas mais abordados no período correspondiam, inicialmente, a discussões teóricas sobre os tipos ideais ou sobre o liberalismo weberiano de “natureza ambígua” e, também, os pontos de contato ou repulsa em relação a Marx, “questões que perduram até hoje”, compartilhando atenção com a atualidade de uma emergência de interesse ampliado nos conceitos mais importantes da sociologia da religião de Weber (SELL, 2021, p. 18).

No ano seguinte à publicação de *Os donos do poder*, surge outra influente obra dentro do arcabouço da sociologia. Trata-se dos *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* (1959), de **Florestan Fernandes**, um dos mais influentes sociólogos brasileiros nas décadas de 1950 e 1960 (MATA, 2016). Esta publicação traria pela primeira vez a audiência brasileira uma apresentação de Weber que o colocasse em pé de igualdade às imagens já conhecidas de Durkheim e Marx (SELL, 2014).

De acordo com Sell (2014), o aparecimento dos Fundamentos pode ser analisado em um contexto muito específico do histórico de um dos mais antigos cursos brasileiros de pós–graduação em Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo (USP), o livro seria fruto de um tratamento dado por Fernandes ao problema da indução na sociologia, igualando em peso teórico–metodológico ao outros dois patriarcas da disciplina (FERNANDES, 1959 apud SELL, 2014, p.06).

Conforme Mata (2016), Weber sempre ocupara uma centralidade para Fernandes como referencial teórico. Com a formação acadêmica ligada ao sociólogo francês Roger Bastide — fortemente interessado na sociologia da religião —, Fernandes fez carreira como pesquisador e ficou famoso por seus estudos sobre a estrutura social dos índios Tupinambá e a condição dos negros no Brasil. Há um capítulo inteiro de *Fundamentos* dedicado a Weber, com discussões, inclusive sobre liberdade de valores e tipos ideais (MATA, 2016).

A herança intelectual de Fernandes perpassa a carreira de seus alunos da Universidade de São Paulo, os quais tiveram acesso à recepção de Weber já na graduação e, no grupo, Mata (2016) destaca alguns nomes vultosos das ciências sociais brasileiras da segunda metade do século XX, como Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Joarez Brandão Lopes, Roberto Cardoso de Oliveira e Gabriel Cohn (MATA, 2016).

A abordagem das peculiaridades e anomalias na formação da classe média empresarial brasileira é considerada por Mata (2013; 2016) um dos temas recorrentes do “weberianismo tropical”. É nesta linha de estudo que **Fernando Henrique Cardoso** desenvolveu suas importantes teses expostas em obras como *Empresário Industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*, de 1972 (MATA, 2016), obra ligada à fase de Cardoso em torno do tema da dependência e do desenvolvimento, temas trabalhados em *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, de 1970, *Política e desenvolvimento em sociedades dependentes*, de 1971.

De acordo com Mata (2016), a preparação acadêmica de Cardoso o colocava em uma posição de candidato à sucessão de Florestan Fernandes na Universidade de São Paulo e, seguindo os passos de seu mestre, procurou combinar os sistemas teóricos de Marx e Weber (MATA, 2016).

Neste sentido, Mata (2016) exemplifica a abordagem escolhida por Cardoso em *Empresário Industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*, na qual, apesar de não haver uma menção direta ao nome de Weber, as referências teóricas podem ser observadas, sobretudo na observação do tradicionalismo entre a classe média industrial brasileira em meados do século XX e na construção do tipo ideal de *empresários e capitães da indústria* brasileiros, sendo o primeiro relativo ao

empresário moderno que entende a dinâmica entre trabalho capital, enxergando no Estado o papel de mecanismo regulador, enquanto o segundo seria um tipo com mentalidade econômica tradicional e, de acordo com Mata (2016), coincidente com o tipo do “homem cordial” elaborado por Holanda em *Raízes do Brasil* (MATA, 2016).

Anos depois de seus primeiros escritos, Cardoso consolida sua carreira na política eleito como Presidente da República em 1994 e Mata (2016) vê em ambos os mandatos exercidos por Cardoso (1995–1998 e 1999–2002) um domínio político do weberianismo no Brasil, caracterizados na fidelidade de Cardoso aos seus ideais de modernização da economia e do Estado brasileiros, se bem que, de acordo com Mata (2016), estivesse obrigado a fazer concessões aos setores tradicionalistas da política e da sociedade brasileira, *realpolitik* que seria justificada em suas memórias recorrendo ao conceito weberiano de ética da responsabilidade (CARDOSO, 2006 apud MATA, 2016).

Do ano de 1964, publicada em 1969, surge *Homens livres na ordem escravocrata*, a partir da Tese de Doutorado de **Maria Sylvia de Carvalho Franco**, outro trabalho relevante no pioneirismo de uma metodologia weberiana no Brasil que Mata (2013, p. 204) identifica como “uma espécie de correlato” de *Os donos do poder*, de Faoro, ainda que tomasse outra direção explicativa.

Para Mata (2016) uma das principais fragilidades que podem ser observadas na obra de Faoro é a sua visão a-histórica do patrimonialismo brasileiro. No trabalho de Carvalho Franco é possível observar a argumentação em outra direção, mostrando como a formação da burocracia moderna no Brasil no século XIX não se deveu a um fracasso inicial, mas aos interesses pecuniários das unidades políticas administrativas locais e — o que nunca havia sido pensado antes — porque do duplo padrão dos funcionários, que, mesmo que não necessariamente o considerassem, estavam sempre dispostos a subordinar as funções de seu cargo aos seus interesses pessoais (FRANCO, 1969 apud MATA, 2016).

Ainda sobre a recepção de Weber no meio acadêmico, Mata (2013; 2016) cita a Universidade Federal de Minas Gerais, que teve nas Ciências Políticas um importante vetor de divulgação das ideias de Weber no Brasil, sobretudo através do círculo de **Júlio Barbosa** e alguns de seus alunos, como Simon Schwartzman, José

Murilo de Carvalho e Fábio Wanderley Reis, nomes importantes na Ciência Política brasileira contemporânea (MATA, 2016).

Por fim, citando o campo dos Estudos de História Urbana, o autor faz referência a um estudo de 1964, *Evolução urbana do Brasil: 1500–1720*, de **Nestor Goulart Reis**, livro que encontrou em Weber sua “âncora teórica” (REIS, 2000, p. 207 apud MATA, 2013b, p. 206).

No final dos anos de 1970, **Gabriel Cohn** inaugura “um novo patamar de discussão” (SELL, 2014, p. 06) a partir de uma análise minuciosa das categorias weberianas. Trata-se da tese de livre–docência de Cohn, *Crítica e resignação*, de 1979, trabalho que discute em profundidade os fundamentos epistemológicos do sistema weberiano e dá ampla perspectiva sobre as influências intelectuais diretas de Weber, como Dilthey, Simmel, Rickert, Nietzsche etc., e conduzindo a discussão com ênfase analítica nos conceitos metodológicos mais centrais do arcabouço weberiano, “compreensão”, “sentido” e “tipo ideal”.

### **3.3.3 A terceira onda: a reinterpretação analítica e crítica e a retomada da sociologia weberiana da religião no Brasil (1980– 2010)**

A partir dos anos 90 e início dos anos 2000, inicia-se um movimento que pode ser considerado a terceira onda de recepção de Max Weber no Brasil. Essa fase vem estimulada pela emergente ação dos revisionistas da obra de Weber na Europa, com desta que para o núcleo de Heidelberg e pela publicação da reorganização das obras completas de Max Weber, a *Max Weber–Gesamtsgabem*<sup>179</sup> (MWG). Neste ciclo, Conforme Sell (2021) são renovadas, criticamente, leituras weberianas sobre o país e aparecem novas tendências de recepção e leituras originais sobre o pensamento do autor alemão, com uma retomada brasileira do interesse de sua sociologia histórico–comparada das religiões

---

<sup>179</sup> Obras completas de Max Weber, em franca edição e publicação na Alemanha desde a década de 1970.

universais, ou leituras que realizam uma interpretação metateórica de suas obras e conceitos privilegiando a *reinterpretação analítica e crítica*.

A expansão da recepção e usos de Weber durante as décadas de 1980 e 1990 acompanharam o próprio processo de expansão e institucionalização de cursos de graduação e pós-graduação das universidades brasileiras e já nos anos de 1990, Sell (2014) destaca algumas reflexões que marcaram o programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no qual a abordagem de questões metodológicas e epistemológicas teve maior atenção, sublinhando-se a tese de livre-docência de **Héctor Sant-Pierre**, de 1994, que explorou, de acordo com Sell (2014), o tema da paixão e da razão em Weber, passando pela discussão de temas filosóficos, dos tipos de ação, dos tipos de dominação e ainda dos tipos éticos encontrados em Weber.

Sell (2014) ressalta, que produção teórica da Unicamp sobre Weber ganha destaque por residir especialmente nos temas relativos à política, destacando-se as leituras de **Maurício Tragtenberg**, **Marco Aurélio Nogueira** e **Edmundo Fernandes**. Alias, de acordo com Sell (2014), foi Unicamp, a sob a direção editorial de Maurício Tragtenberg, que se realizou a primeira tradução integral dos escritos epistemológicos de Weber — organizados por Marianne Weber como os *Wissenschaftslehre*, que foram publicados em dois volumes, respectivamente, o primeiro de 1992 e o segundo de 1995 (SELL, 2014), outras universidades começam a figurar com comentários à obra weberiana (SELL, 2014).

Esta tendência de expansão de Weber junto à expansão e institucionalização dos programas de pós-graduação nas disciplinas no campo das ciências sociais continua pela década de 1990. É o caso da Universidade de Brasília (UnB), na qual se destacam os nomes de **Vamireh Chacon** e **Bárbara Freitag**, que “prepararam o solo para que, em Brasília, em meados dos anos 90, já se fizesse sentir uma nova onda de estudos weberológicos de inspiração europeia, em particular da Alemanha” (SELL, 2014, p. 09). Essa fase foi catalisada pela importante influência dos estudos de Wolfgang Schluchter, de Heidelberg (um dos editores da MWG), que orientou **Eurico Cursino dos Santos** em seu estágio de doutorado entre 1991 e 1993, e **Jessé Souza** em seus estudos de doutorado, concluído em 1991. Dois trabalhos de destaque aparecem no final da década de 90 sob a assinatura de Jessé Souza. Do



ano de 1999, *O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira* e, do ano 2000, *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Trabalhos nos quais Jessé Souza empreende uma releitura crítica da questão do “atraso” brasileiro e das expectativas de modernização do Brasil (SELL, 2014).

Relativamente aos anos 90, Sell (2014) destaca a emergência de uma leitura crítica de Weber que despertou o interesse de estudiosos do Direito em Santa Catarina “feita à luz da Escola de Frankfurt, em especial à luz da Jürgen Habermas, “ensejando importantes aproximações entre a temática do racionalismo jurídico weberiano e as tendências do webero–marxismo” (SELL, 2014, p. 11), dos quais, citam-se os trabalhos organizados por **Edmundo Lima de Arruda Jr.**, *Max Weber: direito e modernidade*, de 1996; **Aluizio Bezerra de Amorim**, com *Elementos de sociologia do direito em Max Weber*, de 2001; e **Katie Argüello**, com *Direito e política em Max Weber*, 1997. Conforme Sell (2014), essa tendência pode ser sentida, também, em Belo Horizonte, “lugar em que **Leonardo Avritzer**, também em diálogo direto com Habermas, realiza importantes críticas do elitismo democrático nas análises políticas de Weber”, no trabalho *A moralidade da democracia*, de 1996, (SELL, 2014, p. 11). Há destaque, também, para as críticas e contribuições ao estudo teórico da obra de Weber surgidas na UFMG, com destaque para o trabalho de **Renarde Freire Nobre**, em uma reflexão sobre a relação entre Weber e Nietzsche sob o título *Perspectivas da razão: Nietzsche, Weber e o conhecimento*, de 2004.

Ainda de acordo com Sell (2014), a tendência de uma vertente europeia acaba por deslocar o interesse na obra de Weber para o campo de sua sociologia *histórico–comparada* das religiões universais.

Na USP, portanto, uma nova tendência de leitura de Weber já se encontrava em curso e seus resultados mais substantivos foram apresentados por Antônio Flávio Pierucci que, em sua tese de livre–docência (defendida em 2002), tratou ampla e sistematicamente da categoria weberiana do desencantamento do mundo. Os estudos de **Pierucci**, relacionando as temáticas da secularização e do desencantamento, consolidaram a centralidade da sociologia da religião de Weber como núcleo de sua teoria da modernidade e desencadearam importantes discussões teóricas e empíricas (quanto ao tema da religião na sociedade brasileira) [...]. Na capital paulista, enfim, já estamos em tempos de uma segunda onda de estudos weberianos (SELL, 2014, p. 09–10).

A retomada do interesse na sociologia da religião de Weber é representada pela Tese de Livre-docência de **Antônio Flávio Pierucci**, defendida em 2001, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, e apresentada no formato livro no ano de 2003, sob o título *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. Esta retomada de interesse sobre a sociologia da religião também incita uma nova tradução de *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, de 2004, com revisão técnica e apresentação do próprio Pierucci (2004a).

Além disso, embora o escopo desta Seção delimite-se até os anos de 2010, é importante citar que na última década estas releituras legaram novo vigor também ao tema do desencantamento do mundo e à sociologia da racionalização. Citam-se: *Max Weber e a racionalização da vida*, de 2013, de autoria de Carlos E. Sell; e a coletânea de artigos de Wolfgang Schluchter *O desencantamento do mundo: seis estudos sobre Max Weber*, de 2014, traduzida e apresentada por Carlos E. Sell. Além destes trabalhos, o Brasil recebeu as traduções de *a Ética Econômica das religiões mundiais*, com os volumes *Confucionismo e Taoísmo*, de 2017, e *O judaísmo antigo*, traduzido em 2018; outra tradução de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, juntamente com suas quatro *Anticríticas* e os dois ensaios sobre o as seitas religiosas nos EUA, de 2020.

### 3.3.4 Uma perspectiva histórico-sociológica

No centro das atenções dos importadores de Weber da primeira fase estão mais as discussões sobre a formação do Brasil do que uma discussão sobre o seu desenvolvimento. É como se os teóricos da formação do país buscassem por uma explicação genética da identidade cultural brasileira. Assim sendo, o interesse destes intelectuais estava em compreender as raízes e os legados culturais herdados de um passado ibérico, portanto, partindo de uma ancoragem que remete ao vínculo fundador luso-brasileiro.

Dentro da tipologia histórico-sociológica predominante nesta fase, Sell (2021) indica que alguns temas prevaleceram sobre outros. É o caso dos “tópicos esquecidos: catolicismo e capitalismo” (SELL, 2021, p. 04). Ou seja, os processos

de transição do Brasil para o capitalismo ou a relação de um *ethos* capitalista a partir de uma ética religiosa católica nunca foram temas centrais.

Sell (2021) destaca que, ainda estes temas tenham aparecido em discussões relevantes, estes episódios foram pontuais. Citam-se: a discussão proposta por **José Honório Rodrigues**, em *Civilização holandesa no Brasil*, de 1940, a cerca das diferenças entre a ética de formação católica e a ética de formação calvinista, com influências deixadas pela presença holandesa após a invasão e ocupação de Pernambuco, no século XVII (1630–1654); a interpretação de **Vianna Moog**, em *Bandeirantes e Pioneiros: paralelos entre duas culturas*, de 1954, sobre o bandeirante como a vanguarda do *ethos* capitalista no Brasil, ponto contestado por Sell (2021, p. 05) que indica que “esta figura está muito mais próxima de um capitalista aventureiro do que de um sóbrio capitalista burguês”; a identificação que **Florestan Fernandes** fez, em *A revolução burguesa no Brasil*, de 1975(76), sobre a vinculação da gênese do *ethos* capitalista no Brasil com a transição do regime escravocrata para um mercado de trabalho livre. A este respeito, Sell (2021) complementa que “somente com o surgimento de novos tipos humanos como o ‘fazendeiro de café’ e do ‘imigrante’ que”, no século XIX “se criaram as condições psicossociais para o surgimento da mentalidade capitalista no Brasil” (SELL, 2021, p. 06).

Já a análise do catolicismo no Brasil a partir de uma perspectiva de influência ao desenvolvimento (ou à dormência) do capitalismo brasileiro, como relatado por Sell (2021), nunca foi um tema nuclear na *intelligentsia* nacional e, quando percebido, não era um tema que revelasse uma barreira para a formação de um capitalismo no Brasil. Sell (2021) cita duas análises pertinentes ao debate: a do brasilianista **Richard Morse**, em *O espelho do Próspero*, de 1988, que vê o catolicismo como uma importante composição na estrutura de uma modernidade tipicamente local e distinta do modelo protestante norte americano, uma modernidade ibero-americana; e um trabalho mais recente de **Cursino dos Santos**, em sua tese de doutorado *Magia e Mercadoria: Fundamentos Religiosos do Racionalismo Prático do Brasil Colonial*, de 1993, sobre a persistência do pensamento mágico no Brasil contemporâneo decorrente do papel do catolicismo na era colonial. Uma imersão mais abrangente de uma teoria weberiana que

contemplasse a relação entre catolicismo e capitalismo foi bloqueada no Brasil, explica Sell (2021), por conta da discussão sobre o capitalismo estar predominantemente sob o domínio das correntes marxistas, das quais, Florestam Fernandes o nome brasileiro de maior destaque, legando a sociologia weberiana a buscar espaço de expressão na sociologia da dominação e do patrimonialismo. (orientações das importações pelo debate).

É neste caminho que se desenvolvem as análises de Sérgio Buarque de Holanda, nos anos de 1930, e Raymundo Faoro, na década de 1950. A interpretação de cada um deles sobre a ideia de “patrimonialismo” é diferente. Conforme Sell (2021), **Sérgio Buarque de Holanda** tem um entendimento mais próximo com a primeira definição de Weber, que percebia o patrimonialismo como uma extensão do *Oikos*, além de adotar em *Raízes do Brasil*, pontos analíticos que Weber interpreta sobre a ética do protestantismo, da sociologia da dominação e da cidade, também faz uso descritivo do método tipológico e comparativo de Weber, tomando como referência a cultura do personalismo que Holanda vê como típica dos povos ibéricos na explicação de como a comunidade doméstica e patriarcal predomina sobre o Estado e estende o domínio do privado sobre o público. Já **Raymundo Faoro**, ficaria mais próximo da definição de patrimonialismo que Weber expos na revisão dos textos mais maduros, publicados em *Economia e Sociedade*, cuja tradução de José Medina Echevarría para o idioma espanhol, de 1944, tornou-se a base dos estudos de Faoro. O autor de *Os donos do poder*, como descrito por Sell (2021) fez frente à historiografia marxista ativa no Brasil dos anos de 1950. Primeiramente, contrariando a tese de que tanto Portugal quanto a colônia brasileira eram feudais e, em segundo lugar, a mentalidade de que o Estado está a serviço dos interesses de classe. É aí que Sell (2021) encontra as bases da escolha de Faoro por tornar nuclear a proposição do conceito de “patrimonialismo estamental” em oposição ao “patrimonialismo de tipo puro” em sua análise da formação do Brasil. O patrimonialismo estamental, conforme Weber (apud Sell, 2021, p. 07) é um tipo de dominação em que „der *Verwaltende* ist im Besitz der *Verwaltungsmittel*, aller oder mindestens eines wesentlichen Teils” [o administrador está na posse dos recursos administrativos, todos ou pelo menos uma parte substancial] (MWG, I/23, p. 167 apud Sell, 2021, p. 07).

Além destas diferenças na abordagem do problema do patrimonialismo, Sell (2021) também destaca as diferenças de abordagem sociológica. Em Holanda há uma “sociologia do tipo síncrona (comparativa)”, em outra via, Faoro desenvolve uma “sociologia de tipo diacrônica” analisando processos de longa duração (SELL, 2021, p. 08). Em comum, destaca Sell (2021), ambos desenvolvem uma sociologia genética, partindo da formação do Brasil para explicar o seu desenvolvimento e as possibilidades de modernização.

### *Max Weber lido no Brasil*

Ao tratar da recepção de Weber para a leitura brasileira, Sell (2021) adota uma posição de mediação — entre uma perspectiva *internalista*, que exaltaria o peso dos fatores nacionais, e outra puramente *externalista*, que trataria a recepção brasileira como um reflexo do que acontece no mundo — para compreender como os fatores peculiares da importação de Weber no Brasil se relacionam com os padrões nas variadas recepções internacionais.

O ponto mais importante da segunda fase compreendida por Sell (2021) na recepção nacional de Weber, inaugurando uma nova fase de interpretação dos escritos weberianos, seria o ano de 1967, no qual chegaram ao Brasil, via EUA, duas importantes traduções: a versão em português da tradução americana de Parsons para *A Ética Protestante...* E a tradução da coletânea *From Max Weber*, de Gerth e Mills, original de 1947, cujo título nacional é *Ensaios de Sociologia*.

Esta segunda fase abre e acelera a importação de Weber no país, coincidindo com a expansão da Universidade Brasileira e com a ampliação da profissionalização das ciências sociais no Brasil e traz um novo fôlego para a interpretação de Weber, do qual, teóricos brasileiros passam a se debruçar mais sobre os escritos do alemão abrindo espaço na academia para discussões de cunho metateórico.

Após os anos de 1990, a terceira fase amplia o escopo de leitura de Weber, os dois volumes de *Economia e Sociedade*, em 1991 e 1999, são traduzidos direto do idioma alemão, bem como a *Wissenschaftstheorie*, em 1992 e 1995. Sell (2021) enumera, também, a coletânea de textos organizada por Gabriel Cohn, em 1991, para a coleção *Grandes Cientistas Sociais*; a nova tradução de *Parlamento e*

*governo na Alemanha reordenada*, em 1993, bem como traduções de *A história agrária romana*, de 1994; e *Os fundamentos racionais e sociológicos da música*, de 1995. A partir dos anos 2000, Sell (2021) localiza no centro dos interesses a sociologia da religião e a sociologia política de Max Weber. No campo da sociologia da religião, citam-se: a nova tradução de *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, de 2004, com revisão técnica e apresentação de Antônio Flávio Pierucci (PIERUCCI, 2004a); *A Ética Econômica das religiões mundiais*, com os volumes *Confucionismo e Taoísmo*, traduzido em 2017, *O judaísmo antigo*, traduzido em 2018; outra tradução de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, juntamente com suas quatro *Anticríticas* e os dois ensaios sobre o as seitas nos EUA, de 2020. Sobre os escritos políticos, citam-se as partes dos escritos sobre a Rússia (pertencentes aos *Estudos políticos*), traduzidos em 2005, e a tradução da coletânea de *Escritos Políticos*, em 2015, organizada na Inglaterra Peter Lassmann e Ronald Spears (SELL, 2021, p. 09).

Sobre o cenário regional, Sell (2021) indica que há semelhanças entre a recepção de Weber no Brasil e na América Latina, contudo, apesar destas semelhanças e entrelaçamentos, a recepção brasileira é autônoma, tomando suas próprias vias. Sell (2021) compreende que este processo local, no Brasil, não se limita a expressar um processo global, verticalizado e em uma única via. Ao contrário, a recepção local expressa um uso criativo e original que contribui com o paradigma Weber de pesquisa <sup>180</sup>. Sell (2021) demonstra pelo menos uma ocorrência no plano teórico e outra no plano empírico: primeiramente, o caso de Holanda e seu conceito original de “homem cordial”, interessante à análise microsociológica para se entender o conjunto da sociedade brasileira; em seguida, é a sociologia do patrimonialismo brasileiro de Faoro que, empiricamente, oferece bons subsídios para a análise e compreensão “do capitalismo politicamente orientado e do Estado patrimonial na América Latina” (SELL, 2021, p. 19).

---

<sup>180</sup> A ideia de “paradigma Weber” deve figura, aqui, como um “programa de pesquisa de orientação weberiana” (SCHLUCHTER, apud SELL, 2014, p. 32).

Em última instância, a análise sociológica local encontra suas peculiaridades formadas pela modernidade luso-brasileira, o que é o seu próprio elemento distintivo e pode, de acordo com Sell (2021), contribuir para a interpretação do “Weber global”.

### 3.4 WEBER NO BRASIL E NO MUNDO: UMA RECEPÇÃO COMPARADA

Ao se tratar de percepções entre o Weber “local” e o “global”, compreende-se que há pouca variação entre a recepção brasileira e a recepção mundial. Quando tomados de modo assíncrono e heurístico, os elementos de recepção entre estas duas dimensões se aproximam ainda mais, demonstrando que não há uma coisa como “um Weber brasileiro”. Além disso, as três fases da recepção nacional, também se mesclam e se interligam aos “três grandes ciclos editoriais de Max Weber”, formulados no Capítulo I.

Retomando-se os elementos das duas recepções (local e global), é possível ter uma visão geral da correlação entre os elementos macro (fatores externos) e micro (fatores internos) da exportação / importação de Weber, bem como a tabulação das ondas de recepção no Brasil e suas principais temáticas. Da esquerda para a direita (Colunas 01 a 09), é possível navegar pelas tabelas (12 a 14) decompondo as informações pelo método dedutivo (dos níveis macro-históricos e macrorregionais para os níveis micro-históricos e microrregionais).

**Tabela 12 — Três ciclos editoriais de Weber e as três fases da recepção brasileira (1)**

MUNDO							BRASIL	
01	02	03	04	05	06	07	08	09
C	PERÍODO	ANOS	CENÁRIO	SITUAÇÃO ESTRUTURAL (FATORES EXTERNOS)	EDITORIA	CICLO EDITORIAL (FATORES INTERNOS)	ONDAS DE RECEPÇÃO	TEMÁTICA
1.	Império Alemão	1871 1918	Início da recepção alemã e Importação por nações estrangeiras.	No Império, Weber circula por nichos específicos, sem maiores impactos internos; Textos de Weber chegam ao Japão, p.ex.	1889 1920	Primeiro Ciclo Editorial: “Auto–Organização”. Em 1899, Weber defende sua habilitação em Direito Comercial e publica diversos trabalhos de forma livre até 1920, quando começa trabalhar no <b>GdS</b> e em <b>GARS</b> , falecendo antes de concluir as publicações.	A primeira onda:  1925 1951	Abordagem tangencial de Weber no Brasil.  <i>Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde); Lúcio dos Santos.</i>  Intelectuais brasileiros transitam pela Alemanha e EUA; Aparece o problema do “atraso” brasileiro.  <i>Sérgio Buarque de Holanda (ALE) e José Honório Rodrigues (EUA); Raymundo Faoro.</i>
	República de Weimar	1919 1933	Início da institucionalização da sociologia alemã.	Sistematização de Marianne Weber dá maior visibilidade às ideias weberianas. Acadêmicos de vários países em trânsito na Alemanha levam Weber no retorno para casa.	1920 1954	Segundo Ciclo Editorial: “Publicações Póstumas”.  Com o falecimento de Max, Marianne Weber assume a curadoria de seus manuscritos, cuja liderança exerceu até a sua morte, em 1954.	1925 1951	Intelectuais alemães — ou que transitaram pela cultura germânica — exilados ou de passagem pelo Brasil e que exploraram questões locais  <i>Otto M. Carpeaux (Austriaco); Karl Loewenstein; Emilio Willems;</i>

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em Hanke (2012; 2014; 2016), Hübinger (2012), Schwentker (2012), Schwinn (2020); Barreto (2009), Mata (2013; 2016), Sell (2014; 2021) e Villas Bôas (2014; 1997; 2010).



**Tabela 13** — Três ciclos editoriais de Weber e as três fases da recepção brasileira (2)

MUNDO							BRASIL	
01	02	03	04	05	06	07	08	09
C	PERÍODO	ANOS	CENÁRIO	SITUAÇÃO ESTRUTURAL (FATORES EXTERNOS)	EDITORIA	CICLO EDITORIAL (FATORES INTERNOS)	ONDAS DE RECEPÇÃO	TEMÁTICA
2.	Segunda Guerra Mundial (WW2)	1939 1945	Repressão étnica e político-ideológica pelo NS.	Emigração de cientistas e intelectuais judeus e judeu-alemães em fuga do Regime NS. No processo, muitos deles levam Weber para o exílio.	Interlúdio		—	Problema do “atraso” do Brasil em relação à modernização da Europa e dos EUA se destaca como tema das teorias sociais brasileiras.  <i>Sérgio Buarque de Holanda; José Honório Rodrigues; e Raymundo Faoro.</i>
	Pós-Guerras	1945 1960	Divisão da Alemanha; e escalada da tensão na Guerra Fria.	Emergência do paradigma marxista nas nações socialistas com forte influência no ocidente. Weber desponta na academia como “alternativa” ao marxismo e ao viés “axiológico”.	1954	No processo de organização e publicação dos manuscritos, Marianne Weber formou parceria com Siegmund Hellmann, Melchior Palyi e Johannes Winckelmann. Este último deu continuidade aos trabalhos de Marianne e conectou o Espólio Weber ao projeto MWG.	A segunda onda:  1951 1980	Institucionalização da sociologia como disciplina e demarcação do método das ciências sociais no Brasil.  <i>Raymundo Faoro, F. Fernandes; Maria S. de C. Franco; e Gabriel Cohn.</i> (entre outros).

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em Hanke (2012; 2014; 2016), Hübinger (2012), Schwentker (2012), Schwinn (2020); Barreto (2009), Mata (2013; 2016), Sell (2014; 2021) e Villas Bôas (1997; 2010; 2014).

**Tabela 14** — Três ciclos editoriais de Weber e as três fases da recepção brasileira (3)

MUNDO							BRASIL	
01	02	03	04	05	06	07	08	09
C	PERÍODO	ANOS	CENÁRIO	SITUAÇÃO ESTRUTURAL (FATORES EXTERNOS)	EDITORIA	CICLO EDITORIAL (FATORES INTERNOS)	ONDAS DE RECEPÇÃO	TEMÁTICA
2.	Declínio do paradigma marxista	Período Pós 1970	Período de expansão global e institucionalização da sociologia como ciência.	Início do projeto MWG; <i>Weber-Renaissance</i> ; retomada do interesse em Weber; a alternativa “Weber” se torna a grande referência de metodologia nas Ciências Sociais.	1970	Terceiro Ciclo Editorial: projeto MWG.  Johannes Winckelmann é convidado a integrar a equipe de especialistas composta por Horst Baier, Gangolf Hübinger, Mario Rainer Lepsius, Wolfgang J. Mommsen e Wolfgang Schluchter.	A terceira onda:  1980 2010	Reinterpretação analítica e crítica; expansão das Graduações e Pós-Grads. no Brasil.  <i>Maurício Tragtenberg; Héctor S. Pierre; Vamireh Chacon; Bárbara Freitag.</i> (Entre outros).
	Atualidade	Século XXI	Expansão da global da <i>Weberforschung</i>	Avanço das metarreflexões; e buscas pelo “Weber local” e o “Weber cosmopolita”.	1970 2020	Em 2020 conclui-se a publicação da MWG. Atualmente, pesquisadores weberianos pelo mundo têm sido estimulados, como o projeto de formação de uma rede de trabalho internacional, a “Young Weber Scholars” (STRAZZERI, 2016).	1980 2010	Influência de Heidelberg.  <i>Eurico Cursino dos Santos; Jessé Souza.*</i>  Impulso à sociologia da religião.  <i>Antônio Flávio Pierucci.</i>

\*Para fins de registro, *en passant*, citam-se os próprios referenciais teóricos deste trabalho Carlos E. Sell na sociologia e Sergio da Mata na história.

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em Hanke (2012; 2014; 2016), Hübinger (2012), Schwentker (2012), Schwinn (2020); Barreto (2009), Mata (2013; 2016), Sell (2014; 2021) e Villas Bôas (2014; 1997; 2010).

As tabelas 12 a 14 indicam uma forte conciliação entre os eventos regionais da recepção de Weber e os eventos globais.

Em um primeiro momento e vista da perspectiva local, a recepção de Weber no Brasil apresenta ter elementos originais. Citam-se: i) a entrada inicial via intelectuais estrangeiros em trânsito pelo país; ii) uma reflexão primeva em relação a um alegado “atraso” nacional na retaguarda dos processos de modernização e industrialização da Europa e dos EUA; iii) a utilização de Weber como marco teórico–metodológico para a sociologia e as ciências sociais locais; iv) o uso ativo e ostensivo deste marco teórico na consolidação destas ciências na academia, bem como na institucionalização delas nos âmbitos de graduação e pós-graduação nacionais. Se comparados a seus correlatos Marx e Durkheim (o primeiro alcançou alto grau de penetração acadêmica em seus anos gloriosos) <sup>181</sup>, Weber foi bastante exitoso em se estabelecer como uma referência segura para a objetividade das ciências sociais no Brasil.

Contudo, do ponto de vista macro, estas manifestações nacionais seriam algo peculiar?

Guardadas as peculiaridades internas de cada processo na exportação e importação internacional das ideias de Weber, a recepção brasileira traz pontos bastante similares à recepção internacional. Estes não seguem um padrão sincrônico, mas podem ser observados em várias situações similares.

Recorrendo-se aos elementos descritivos da recepção internacional de Weber, elencados no Capítulo II, Tabelas 6 a 9, em uma leitura comparada com os elementos dispostos acima nas Tabelas 12 a 14, estes pontos de similaridade ficam mais evidentes.

O “Início de Importação” de Weber para o Brasil se deu de maneira bastante tangencial na década de 1920, com citações pontuais e, praticamente, casuais (Tabela 12, Coluna 09). Este é um padrão de fluxo inicial de recepção observado na maioria dos países e estão temporalmente mais associadas aos períodos do Império Alemão, da República de Weimar e da *WW2*. Contudo, a condição temporal não é

---

<sup>181</sup> Cf. Cohn (2010); Sell (2014; 2021); e Villas Bôas (1997; 2010; 2014).

uma “lei” na difusão e recepção de Weber no mundo; Algumas recepções, como no Sudoeste Asiático se deram mais tardiamente, no período Pós-1970 e, até mesmo na era atual, como nos países árabes.

A “Comunicação Científica” inicial com a Alemanha pode ser observada também no Brasil. Há contato com o “campo de origem” e o “campo de chegada” antes da recepção de Weber no país em pelo menos duas frentes: “Intelectuais brasileiros transitam pela Alemanha”, como no caso de Sérgio Buarque de Holanda e Intelectuais alemães — ou que transitaram pela cultura germânica — exilados ou de passagem pelo Brasil e que exploraram questões locais como Otto M. Carpeaux (Austríaco), Emilio Willems e Karl Loewenstein.

O “Tipo de Recepção Inicial” no Brasil é do tipo “fraco”. E vai ganhando força no decorrer dos anos de 1930 a 1950, principalmente com a visibilidade dos trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda, José Honório Rodrigues e Raymundo Faoro.

A “Resistência” enfrentada pela importação no “campo de chegada” ocorreu em grau “Parcial”. Diferentemente de países como a Alemanha dividida, a URSS e a China, o Brasil — mesmo acompanhando a tendência influente do pensamento marxista na América Latina — não apresentou grande resistência às ideias de Weber, muito pela apresentação conciliatória entre as duas correntes pelo talento criativo de Florestan Fernandes. O esforço de Fernandes contornou de forma diversa os problemas do México, país em que Weber não conseguiu fôlego institucional, perdendo o espaço para o marxismo e as demandas de Estado.

O “Foco da Recepção” apareceu como uma categoria que descreve os tipos de interesses observados nos “campos de chegada”, e que podem ser de tipo metodológico, teórico, epistemológico, heurístico, etc. No Brasil, a recepção nacional de Weber se fortalece quando ele é “convocado” como o teórico da modernidade para lidar com os problemas da modernização. A preocupação com o problema do “atraso” nos processos de modernização, industrialização, gestão pública e urbanização não é uma exclusividade brasileira. Esta preocupação já era manifesta no Japão da década de 1900, cujos estudos de Weber atenderam ao mesmo tipo de convocação: explicar os caminhos da modernização e da formação de um mercado

capitalista. No Brasil, os maiores representantes desta vertente ainda são Holanda e Faoro.

Sobre o “Grau Institucional Gerado” é possível afirmar que Weber conseguiu uma posição consolidada nas universidades brasileiras, não se limitando aos cursos de ciências sociais ou de sociologia, sendo acolhido, também, em cursos de economia, direito, administração, serviço social, entre outros. Nas ciências sociais, Weber se apresentou como uma alternativa ao marxismo e como uma expressão metodológica adequada a expansão das universidades brasileiras e dos cursos de Pós-graduação, principalmente no período pós anos de 1980–1990 e com a cooperação entre intelectuais brasileiros e alemães do círculo de Heidelberg pós anos 2000.

Os “Principais Tipos de Mediação” e “Principais Mediadores” envolvidos no processo de importação e recepção são, em sua maioria, agentes com circulação pela Alemanha ou algum domínio da língua alemã e são hegemonicamente pesquisadores acadêmicos. Os mediadores de primeira hora são historiadores e juristas, mas com a demarcação da presença das ciências sociais e da sociologia brasileiras, sociólogos e cientistas políticos começaram a ter mais acesso a Weber e a busca-lo mais e, além destes, administradores e economistas.

O “Tipo Analítico de Recepção” no “campo de chegada” brasileiro varia entre dois dos três tipos observados no mundo: os “intérpretes”, que intentam aprofundar seus conhecimentos na epistemologia weberiana, enfrentando problemas de atraso na modernização local — quer na implantação do capitalismo, quer na ampliação dos processos teórico-metodológicos das ciências sociais; e os “metateóricos”, que discutem o contexto de elaboração e publicação das ideias de Weber em sua origem e a transposição destas ideias para o *campo intelectual*, pensando as adaptações concedidas nas mediações à importação de Weber; já o tipo “Tensão Crítica” não pode ser encontrado de forma substancial, uma vez que a interpretação que Weber fez dos sistemas culturais do ocidente compartilham códigos semelhantes ao sistema cultural local.

### 3.5 “ECONOMIA E SOCIEDADE”: UM ESTUDO DE CASO

Nesta Seção, apresenta-se um estudo de caso dos principais fatos editoriais envolvendo a publicação da obra conhecida no mercado livreiro e nos meios acadêmicos nacionais como “Economia e Sociedade” (**EeS**), a *Wirtschaft und Gesellschaft* [**WuG**]<sup>182</sup>, desde sua primeira edição, em 1921. O ponto de partida deste estudo é historicização que os editores fizeram elencando os problemas da publicação. Para tanto, recorre-se aos “Prefácios” de **EeS** (WEBER, 2012 [1921]), compostos por Marianne Weber (2012a; 2012b [1921, 1925]) e por Johannes Winckelmann (2012a; 2012b [1955, 1976]). Também são apreciadas as posições dos editores da **MWG**, Wolfgang Schluchter (2014b) e em Mário Rainer Lepsius (2012)<sup>183</sup>, além das perspectivas dos coeditores da **MWG**, Wolfgang J. Mommsen (2000), Edith Hanke (2012) e Friedrich Tenbruck (apud PIERUCCI, 2008). Para um entendimento do cenário nacional, adotam-se as posições de Gabriel Cohn (2012 [1991]) e de Antônio Flávio Pierucci (2008).

Uma vez que o Brasil ainda não conheceu traduções diretas da **MWG**, como se mostrou na Seção 3.1 do Capítulo corrente, não seria demasiado dizer que a **WuG** ainda é, ao lado dos *Gesammelte* (1921–1924), a *fonte primária* dos textos de Weber lidos e discutidos no cenário local. Não se objetiva com este estudo esgotar as polêmicas envolvendo as decisões editoriais em torno de **WuG**, objetiva-se levantar subsídios para compreendermos a chegada dessa obra ao Brasil dentro da abordagem da sociologia da recepção para, ao final, demonstrar como se está trabalhando com material fragmentado, seccionado e defasado, quando o já se vão quase 50 anos desde Friedrich Tenbruck (1975; 1977 apud PIERUCCI, 2008) decretou a falência e a despedida da “obra principal” de Max Weber.

Um dos fatores de tensão em torno da recepção de **EeS** se deve à qual tradução da obra foi contemplada para o mercado livreiro do Brasil. A tradução sobre a qual se debruça na academia brasileira está baseada na 5.<sup>a</sup> edição alemã. Tal

---

<sup>182</sup> As formas abreviadas EeS e WuG serão usadas quando se fizer referência à edição em português ou à edição original, respectivamente.

<sup>183</sup> Mario Rainer Lepsius (1928-2014) e Wolfgang Schluchter foram dois dos especialistas responsáveis técnicos pela edição da coleção *Max Weber- Gesantasgauben* (MWG), que atualiza e reordena os escritos de Max Weber. Os outros especialistas são Horst Baier, Gangolf Hübinger, Wolfgang J. Mommsen (1930-2004), e Johannes Winckelmann (1900-1985).

edição foi organizada por Johannes Winckelmann de modo a transmitir uma ideia de unidade e coesão à obra (2012b [1976]).

Winckelmann esteve à frente da edição de **WuG** desde 1955 e, voluntariamente, tentou de amarrar ao material publicado primeiramente por Marianne Weber, em 1922, alguns textos avulsos ou não acabados encontrados dentre os manuscritos e anotações do espólio. Note-se que a própria Marianne Weber já havia operado de forma semelhante em sua versão de 1922. Como detentora e curadora do espólio intelectual do autor, Marianne Weber juntou textos inacabados, superados e até incompatíveis entre si para formular uma “segunda parte” em complemento aos quatro capítulos deixados pelo autor para compor os *Grundriss der Sozialökonomik [Fundamentos de economia social]*.

As circunstâncias de primeira organização de **WuG** são controversas quanto ao sentido da coerência histórica e epistemológica de seu conteúdo. No “Prefácio” à primeira edição alemã (2012 [1921]) a própria organizadora indica o tamanho de sua dificuldade em estabelecer um início para a organização daqueles escritos, pois “para a estruturação de todo o material não existiu plano algum, e o plano original”, que oferecia alguns pontos de referência, “fora abandonado” quanto às questões substanciais (WEBER, [Marianne], 2012a [1921], p. xxxix). Já a segunda edição sofreu alterações de forma e conteúdo, ainda sob os cuidados de Marianne Weber. A começar pela divisão do volume em dois tomos “para mais fácil manuseio”, sofrendo alterações e correções, incluindo-se o *Tratado músico-sociológico* (apenas como apêndice), como um “primeiro elemento de uma sociologia da arte planejada pelo autor” (WEBER, [Marianne], 2012b [1925], p. xii). Outras alterações contundentes viriam acontecer à obra sob a tutela editorial de Johannes Winckelmann, conforme colocado por Lepsius (2012).

Marianne Weber apresenta **WuG** como a “a obra principal do autor”<sup>184</sup>, ou seja, sua obra prima. O mesmo ponto é reforçado nos prefácio às edições discutíveis e que sempre esteve longe de ser um todo “coesos e unificados” (LEPSIUS, 2012, p. 137), ponto que pode ser aprofundado no “Prefácio” à 4.<sup>a</sup> edição

---

<sup>184</sup> Cf. a crítica espirituosa empreendida por Pierucci (2008, p. 43).

alemã de Economia e Sociedade (WINCKELMANN, 2012a [1955], p. xxxi), nas próprias palavras de Marianne Weber (2012a; 2012b [1925], p. xxxix–xli). Como se verá adiante, assim nasce a primeira edição de **WuG**, em 1922.

### 3.5.1 A natureza editorial de WuG

Para compreender essa complexa relação, é necessária uma digressão sobre os *Grundriss der Sozialökonomik* [**GdS**]. Como se demonstrará nesta Subseção, Max Weber participou como redator de um projeto editorial maior, chamado *Grundriss der Sozialökonomik* [*Fundamentos de economia social*], publicado pela primeira vez em 1915, pela JCB Mohr (Paul Siebeck).

No papel de redator, Weber deixou preparado um índice sistematizado para a publicação pluriautorial. Seriam cinco livros divididos em nove seções. Esta sumarização se deu por sugestão do próprio Weber ao seu editor, em 1914, em oposição a um sumário formulado anteriormente, em 1910, o *Stoffverteilungsplan* [*Plano de distribuição das matérias*], que só viria se tornado público pelas mãos de Johannes Winckelmann, em 1986, e possuía uma “dicção econômica” mais acentuada (PIERUCCI, 2008, p. 44).

No Livro I, *Fundamentos da Economia*, estava prevista uma Seção III, chamada *Economia e sociedade* (WINCKELMANN, 2012 [1976], p. xix), que deveria ser assumida por dois autores, o próprio Max Weber, estaria encarregado da Seção I, da Parte III, *A Economia e as ordens e poderes sociais*, enquanto Eugen Von Philippovich ficaria responsável pela Seção II, *Desenvolvimento dos sistemas e ideais político-econômicos e político-sociais*, na qual, lançaria reeditada uma coletânea de conferências de sua autoria, material publicado originalmente em 1910.

A edição sofreu diversos atrasos. Arquitetada em 1910, foi protelada pelos próprios autores algumas vezes, e teve de enfrentar as circunstâncias turbulentas da Primeira Guerra Mundial. Retomados os trabalhos, duas perdas irreparáveis abateram o projeto. Num curto intervalo de tempo, a edição do volume fica abalada pelo falecimento de Philippovich, em 1917. A solução encontrada pelos editores foi atrasar o material de Philippovich, pois carecia de nova redação atualizada, publicando-o, apenas em 1924, na Seção I, do Livro I e não mais na Seção III,



*Wirtschaft und Gesellschaft* [Economia e Sociedade]. Coube a Weber assumir todo o conteúdo da Seção III, ao qual se dedicou entre os anos de 1917 e 1920, conseguindo entregar os Capítulos I, II, III, e a introdução ao Capítulo IV. Com o falecimento de Weber, o editor resolve publicar todo este material inacabado, mas canônico, em volume único, sob o título reaproveitado de *Wirtschaft und Gesellschaft*, complementado com textos de outras fases do autor, organizados por Marianne Weber e Melchior Palyi. Assim nasceu o tomo que se conhece por *Economia e sociedade* (WINCKELMANN, 2012, [1976], p. xix).

O segundo sumário, de 1914, já apresenta as noções de teoria sociológica que Weber gostaria de encaminhar, como um primeiro esboço de uma abordagem criativa, na qual ele colocou em relação as diversas formas de relações comunitárias com a economia. Este fato é confirmado na transcrição que Pierucci (2008) faz do trecho de uma carta que Weber remeteu ao seu editor, em 1913:

[...] elaborei uma teoria e uma apresentação sociológicas que formam um todo abrangente e põem em relação todas as principais formas de comunidade com a economia: desde a família e a comunidade doméstica até a “empresa”, o clã, a comunidade étnica, a religião (abrangendo todas as grandes religiões do mundo: uma Sociologia das doutrinas de salvação e das várias éticas religiosas — semelhante ao que Troeltsch fez, só que desta vez para todas as religiões, e de forma bem mais concisa); por fim, uma teoria sociológica geral do Estado e da dominação. Estou no direito de afirmar que não existe ainda nada de equivalente, nem sequer algum “modelo” (Carta de Max Weber ao editor Paul Siebeck, 30.12.1913, apud Pierucci, 2008, p. 48).

Devido à natureza descontinuada e contingente da organização desses escritos, Gabriel Cohn (2012 [1991]), no prefácio à edição brasileira, afirma que **EeS** “é em grande medida uma obra póstuma”, sofrida da “carência de uma unidade terminológica, resultado da circunstância de que nela se associam escritos de períodos diferentes da produção weberiana, numa sequência definida pela ordem dos temas e não pela ordem cronológica da redação” (COHN, 2012 [1991], p. xiii–xiv).

Um problema citado por Cohn é o fato de a *tábua de conceitos* trabalhados por Weber ser elaborada em dois momentos diferentes: 1913, em *Sobre algumas categorias da Sociologia Compreensiva*, e 1918, em *Conceitos sociológicos fundamentais*, texto que figura como capítulo de abertura de **EeS**. Mommsen (2000) enfrenta a questão com severidade, entendendo que a ação de Marianne Weber foi

um equívoco, uma vez que nunca teria sido a intenção de Weber publicar os manuscritos pré-1914:

The first four chapters, comprising the so-called *Basic Sociological Categories* (“Kategorienlehre”), were written in 1919—1920 and brought to publication by Weber himself immediately before his premature death. The other segments, written for the most part between 1909 and 1914, were published posthumously by Marianne Weber on the basis of the manuscripts [...] Marianne Weber’s assumption that the so-called older section of *Economy and Society* which she edited from Weber’s papers constituted part of one comprehensive project was obviously mistaken. In fact, the earlier texts were little more than a heap of manuscripts, many of them incomplete, most without definite titles or no titles at all. She found in his desk (MOMMSEN, 2000, pp. 365–366).

Deste caso, Cohn pinça como exemplo de discrepância terminológica e conceitual o seguinte registro: “a circunstância de que aquilo que em 1918 se denomina ‘ação social’ era ‘ação comunitária’ em 1913” (COHN, 2012 [1991], p. xiii–xiv). Por sua vez, Mommsen (2000) faz referências aos usos diferentes que Weber faz nas duas versões do conceito de “carisma” e da transição de uso do conceito “comunidade” [*Gemeinschaft*] e “ação comunitária” [*Gemeinschaftshandeln*] para “sociedade” [*Gesellschaft*] e “ação social” [*soziales Handeln* (sic)].

This can be demonstrated, for example, in the different usage of the concept “charisma” in the earlier and the later texts. More importantly, the shift from community (*Gemeinschaft*) and community action (*Gemeinschaftshandeln*) to society (*Gesellschaft*) and social action (*soziales Handeln*) initiated in the famous essay on *Some Categories of Interpretative Sociology* (“*Einige Kategorien der verstehenden Soziologie*”)—written in its final version late in 1912 or early 1913 and marking a major step forward in his sociological thought—is hard to ascertain.

A esse respeito, Lepsius também é crítico: “O que temos diante de nós são versões inacabadas, originadas em diferentes fases de trabalho” (LEPSIUS, 2012, p. 137). E, ainda, a seção “‘Conceitos sociológicos fundamentais’ não faz mais parte do contexto do *Grundriss der Sozialökonomik*”; é, contudo, um texto típico de sociologia que “constitui fundamentação da sociologia compreensiva de Weber, que tem seu ponto de partida nas orientações da ação e progride sistematicamente, passando pelas relações e ordenações sociais, até as associações” (LEPSIUS, 2012, p. 139). Se comparado à versão conceitual de 1913, *Sobre algumas categorias da Sociologia Compreensiva*, afirma Lepsius: “Esta última, utilizada em parte nos manuscritos do espólio, precisa ser vista como superada. Os conceitos de ‘ação comunitária’ foi substituídos pelo de ‘ação social’” (LEPSIUS, 2012, p. 140).

Como sinalizado acima, Mario Rainer Lepsius (2012) sentencia que a **WuG**, como organizada por Marianne Weber e com as intervenções tardias de Johannes Winckelmann, “é um torso” (LEPSIUS, 2012, p. 137). Embora a imagem seja forte, convém adentrar aos meandros e sentidos desta afirmação. Para Lepsius (2012), a situação ganhou complexidade com as mudanças feitas por Johannes Winckelmann, em 1956 (para 4.<sup>a</sup> edição), pois ele parte dos textos deixados por Weber, mas acrescenta uma “Sociologia do Estado”:

Embora Weber a tenha planejado, não foi encontrado no espólio um manuscrito correspondente. Winckelmann compilou a seção 8 do capítulo “Sociologia da dominação” a partir de outras publicações de Weber, em suas palavras, a “complementando dentro do possível” a partir de “propósitos conscientemente didáticos” (Winckelmann, 1972, p. xix). [...] Em primeiro lugar, as compilações de Winckelmann foram retiradas do texto e editadas no âmbito dos escritos originais de Weber, a saber: os textos “Política como profissão” e “Parlamento e governo na Alemanha reordenada”, assim como a “História econômica” (LEPSIUS, 2012, p. 139).

Por último, Lepsius considera que “*Economia e sociedade* em sua versão tradicional não existe e, menos ainda, na versão de estudo difundida pela quinta edição de 1972” (LEPSIUS, 2012, p. 138). Como se demonstrará adiante, no Quadro 55, os textos que compõem **EeS** foram, desmembrados pelos organizadores da **MWG** em três acervos de textos: “1) os textos que o próprio Weber, entre 1919–1920, entregou para impressão e corrigiu; 2) os textos que não se encontravam ordenados no espólio; e 3) a ‘Sociologia do Estado’ compilada por Winckelmann”, sendo estes últimos alocados, na MWG, na coletânea de “Originais” de Weber (LEPSIUS, 2012, p. 140).

Como Marianne Weber comenta no “Prefácio” à primeira edição alemã (WEBER, [Marianne], 2012 [1921]), ela teve de tomar algum ponto de partida para levar a fim a tarefa de publicar o espólio intelectual de seu falecido marido. Escolhas e arranjos foram necessários para dar corpo a uma enorme quantidade de materiais separados e independentes que ela tinha em mãos:

[...] para a estruturação de todo o material não existiu plano algum. O plano original, esboçado nas páginas X e XI do primeiro volume de *Grundriss der Soziolökonomik (GdS)* [*Fundamentos de Economia Social*] ofereceu alguns pontos de referência, mas em aspectos substanciais já fora abandonado (WEBER, [Marianne], 2012 [1921], p. xxxix).

Como lembrado por Lepsius (2012), o material entregue por Weber para impressão, em 1920, corresponderia apenas aos capítulos I, II e III e ao início do IV de **WuG**. Destarte, com base na entrega de Weber, ele concebe que “somente estes são ‘autorizados’”. Contudo, a partir de seus pontos de vista, Marianne Weber e Johannes Winckelmann teriam considerado “que esses capítulos e os textos encontrados no espólio formavam uma obra coesa e os apresentaram como uma unidade. Mas não é esse o caso” (LEPSIUS, 2012, p. 137).

Desde sua primeira edição, a maneira como **WuG** foi *complementada* também suscita controvérsias. No “Prefácio à primeira edição”, Marianne Weber indica que os demais adendos conceituais da obra (à primeira parte da Seção III do **GdS**) também são produtos dos escritos póstumos de Weber. Curiosamente, esses escritos se encontravam organizados antes da “primeira entrega”. Trata-se dos textos da “Teoria sistemática dos conceitos sociológicos”, organizados no período entre 1911 e 1913; contudo, esse material havia ficado “reservado”, pois, segundo Marianne Weber, o autor continuava a complementar esses conceitos conforme consumava o domínio sobre a “matéria empírica” e, provavelmente, sua intenção era a de amadurecer os conceitos e torná-los uma *tábua de referência* conceitual (WEBER, [Marianne], 2012a [1921], p. xxxix). De fato, como se demonstrará adiante, a tendência dos editores posteriores a Marianne Weber foi de privilegiar o texto “Conceitos sociológicos fundamentais”, de 1918, em que Weber traz de maneira mais acabada os fundamentos conceituais de sua obra e que também está arrolado em **WuG**.

A segunda edição, ainda sob os cuidados de Marianne, sofreu alterações de forma e conteúdo. O grosso fardo foi dividido em dois volumes “para mais fácil manuseio” e, para além das alterações e correções, incluiu-se o “Tratado músico-sociológico” (apenas como apêndice, sem incremento ao índice da obra), como um “primeiro elemento de uma sociologia da arte planejada pelo autor” (WEBER, [Marianne], 2012b [1925], p. xli).

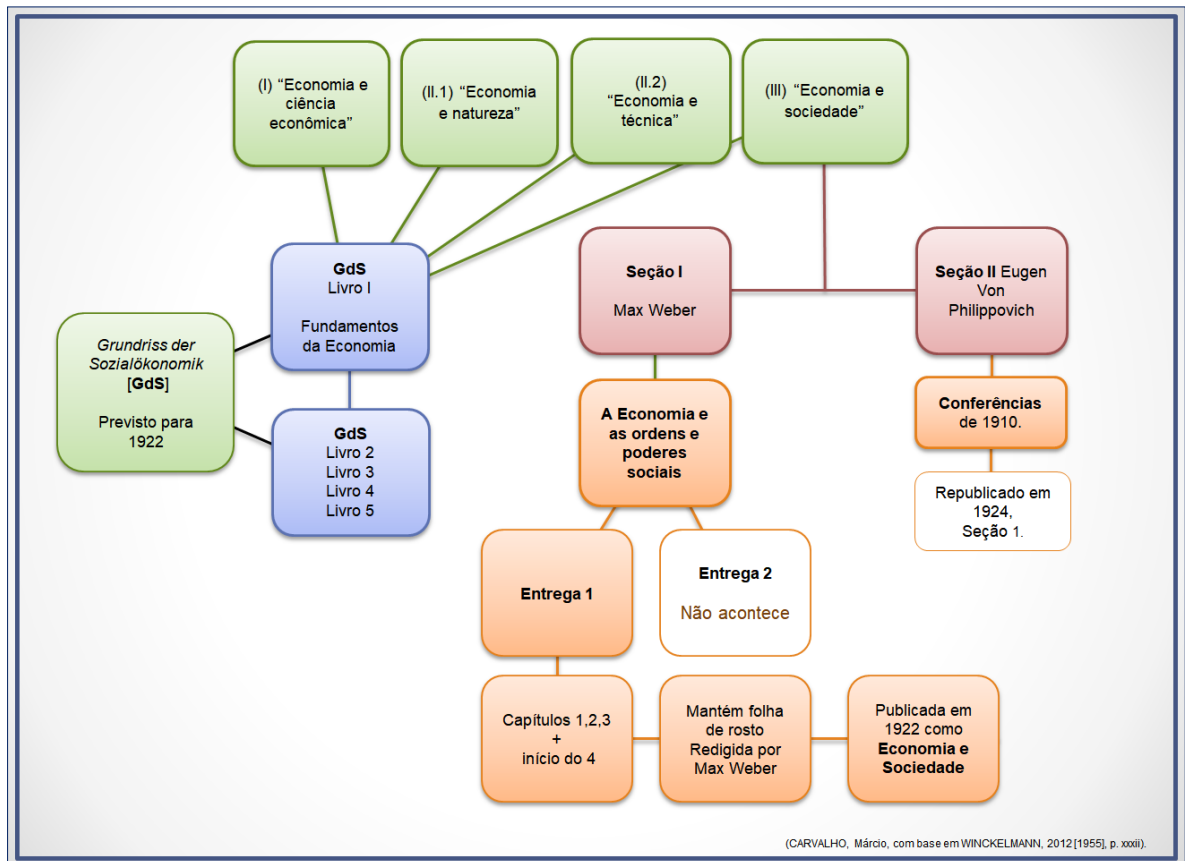
É em sua 4.<sup>a</sup> edição que EeS aparece, finalmente, e conforme seu editor Johannes Winckelmann “de forma modificada e desprendida do contexto da obra coletiva *Grundriss der Soziökonomik (GdS)*, da qual constituía a seção III” (WINCKELMANN, 2012 [1955], p. xxxi).

No prefácio à 5.<sup>a</sup> edição alemã de **WuG**, Johannes Winckelmann nos explica que Weber, como redator da coletânea de textos **GdS** (publicada pela primeira vez em 1915, pela JCB Mohr), havia deixado um “programa global” de edição, um sumário sistemático para a obra completa. Cada contribuição à obra completa do **GdS** estava vinculada a um autor previsto (WINCKELMANN, 2012 [1976], p. xviii):

O *Grundriss der Sozialökonomik* completo foi dividido em cinco livros e subdividido em nove seções. Dentro do primeiro livro, “Fundamentos da Economia”, as primeiras seções traziam títulos como “Economia e ciência econômica” (I), “Economia e natureza” (II.1), “Economia e técnica” (II.2), e assim, conseqüentemente, o título da seção III era: “Economia e sociedade” (WINCKELMANN, 2012 [1976], p. xix).

Como se pode observar (Figura 7), a Seção III da obra **GdS** trazia o título geral de “Economia e Sociedade”. Mas, como explica Winckelmann (2012 [1955; 1976]), essa seção estava dividida em duas subseções principais.

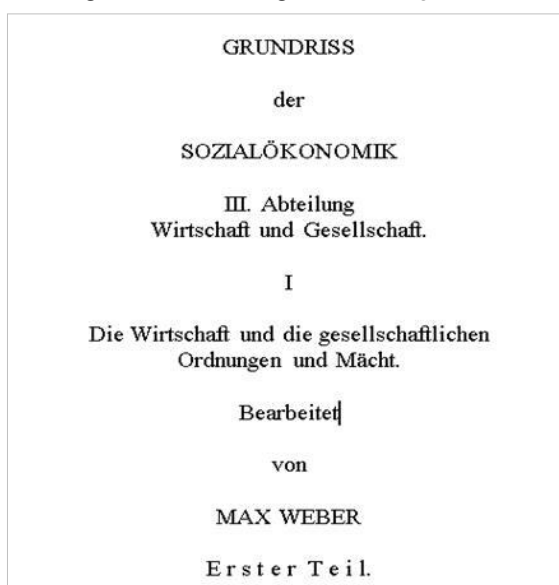
**Figura 7** — Mapa do fluxo editorial de *Grundriss der Sozialökonomik* (GdS)



**Fonte:** com base em Winckelmann (2012 [1955], p. xxxii).

A princípio, a primeira seção seria assinada pelo próprio Weber, sob o título previsto “A Economia e as ordens e poderes sociais”, e a segunda seção estava destinada a ser assinada por Eugen Von Philippovich, sob o título “Desenvolvimento dos sistemas e ideais político-econômicos e político-sociais” (Figura 8).

**Figura 8** — Página de rosto original da “Seção III” de **GdS** (1922)



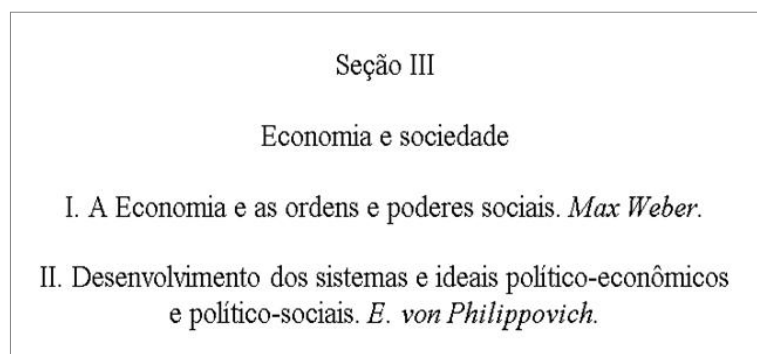
**Fonte:** com base em Winckelmann (2012b [1976], p. xviii).

Conforme Winckelmann (2012b [1976]), com o falecimento de Weber, em 1922, abandonou-se o plano original de dividir a Seção III em duas partes para dois autores. Além disso, Weber havia preparado e dividido seu próprio material em duas entregas, das quais apenas a primeira se efetivou (os capítulos I, II e III e o início do IV), o que levou os editores a manter a folha de rosto indicativa de “parte I” (representada graficamente por “I”), como pode ser visto a seguir, na Figura 9 (WINCKELMANN, 2012b, [1976], p. xix).

O fato de a seção assinada por Weber ter atingido “fama mundial” sob o título *Economia e Sociedade* é explicado por Winckelmann:

[...] com a publicação da página de rosto original, modificada da primeira edição, abandonara-se a ideia de incorporar a segunda contribuição [de Philippovich] à seção III, e o título rezava então: “Seção III. Economia e Sociedade. Redigida por Max Weber” (WINCKELMANN, 2012a [1955], p. xxxii).

**Figura 9** — Simulacro da divisão de subseções da “Seção III” de GdS



**Fonte:** com base em Winckelmann (2012b [1976], p. xix).

Dada esta pequena, porém necessária, digressão para tratar da construção de **GdS**, volta-se à natureza de **EeS**. É no Prefácio à 4.<sup>a</sup> edição que Winckelmann (2012a [1955]) anuncia duas condições não usuais para a primeira revisão completa da publicação. A primeira delas é que, ali, ele dá conta do desaparecimento do manuscrito original de **EeS**, o que impossibilitava verificar anotações minuciosas de Weber. A segunda condição trata de uma série de intervenções (e complementações) feitas no material original, conforme os critérios eleitos pelo próprio Winckelmann<sup>185</sup> (2012a [1955], p. xxxiii).

Convém lembrar que, como já citado, Weber entregara apenas os capítulos I, II e III e o início do IV, conforme o que nos foi demonstrado por Lepsius (2012, p. 137). Uma vez que os originais de **WuG** estavam perdidos e não havia indicações acabadas de Weber para a segunda parte de sua colaboração em **GdS**, Winckelmann recorre a outras fontes, sobretudo aos escritos sobre metodologia das ciências culturais e sociais, organizados sob o título *Aufsätze zur Wissenschaftslehre*, ou *Exposições sobre a teoria das ciências*, publicados em 1922 (Winckelmann, 2012b [1976], p. xx).

Embora este não seja espaço para desdobrar em minúcias as consequências dessas escolhas de Winckelmann<sup>186</sup>, podemos citar três importantes intervenções: a retomada e revisão técnica do texto apêndiculado “Tratado músico-sociológico”; a

<sup>185</sup> Para maiores detalhes, v. o Prefácio de Winckelmann à 4.<sup>a</sup> edição alemã de *Economia e Sociedade* (WINCKELMANN, 2012 [1955], p. xxxi).

<sup>186</sup> V. Lepsius (2012).

inversão da lógica de apresentação dos textos de Weber, privilegiando uma organização temática a uma ordem de temporalidade; e a adição de uma última seção, no último capítulo, “para concluir a segunda parte [do **GdS**]” — como Weber não deixara pronta uma “Sociologia do Estado”, Winckelmann, “essencialmente com intenções didáticas”, constrói toda uma seção em torno do tema a partir de excertos de outros escritos avulsos de Weber (a saber, *Parlament und Regierung im neugeordneten Deutschland* (Parlamento e governo na Alemanha reordenada, 1917), *Politik als Beruf* (Política como Profissão, 1919) e *Wirtschaftsgeschichte* (História da Economia, 1923) (WINCKELMANN, 2012a [1955], p. xxxiv). Por fim, se Winckelmann já havia se ressentido, no prefácio à 4.<sup>a</sup> edição, da ausência dos manuscritos originais de **WuG**, para seu júbilo, no ínterim da 4.<sup>a</sup> e da 5.<sup>a</sup> edições (1955–1976), foram encontrados os capítulos I a VII da segunda parte de **WuG**, o que proporcionou revisões mais completas, inclusive de Cunhos conceitual e metodológicos.

### 3.5.2 A diluição da **WuG** na **MWG**

Desde os anos 70, com a nova estruturação das obras completas de Weber na Alemanha, a **WuG** sofreu releituras analíticas e mudanças formais.

O denso apanhado de texto foi desmembrado e reorganizado em uma nova ordem de leitura que está dividida em quatro volumes (**MWG band I/22–25**) separados em oito tomos (Quadro 55), sendo o sétimo tomo sobre a gênese da obra e oitavo tomo que corresponde a um índice completo, acompanhado de uma versão digital.

Sobre o aporte de reedição, Hank (2012) acentua que o processo de se elaborar a revisão das obras completas de Max Weber teve seus desafios potencializados em **WuG**, principalmente no que diz respeito ao tratamento das partes. Tamanha a envergadura e a necessidade de correção (e extinção) desta obra que, conforme Hanke (2012), os editores se viram obrigados a lançar no ano de 1999 uma nota justificativa pública fundamentando os procedimentos aplicados ao desmembramento de **WuG**.



Quadro 55 — A Wirtschaft und Gesellschaft (WuG) diluída na MWG

Descrição		Títulos em tradução livre
	Max Weber–Gesamtausgabe (nas Obras Completas)	Produção de Max Weber (Publicação equivalente original)
VO L.	(I) ESCRITOS E DISCURSOS	
I/22	<b>Band I/22,1:</b> Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte. <b>Nachlass. Gemeinschaften. Hrsg. v. Wolfgang J. Mommsen in Zus.–Arb. m. Michael Meyer. 2001. XXVI, 401 pgs. ISBN 978–3–16–147558–0</b>	(EeS). <b>A Economia e as ordens e poderes sociais.</b> Espólio. Comunidades. (2001)
	<b>Band I/22,2:</b> Wirtschaft und Gesellschaft. Religiöse Gemeinschaften. <b>Hrsg. v. Hans G. Kippenberg in Zus.–Arb. m. Petra Schilm, unter Mitw. v. Jutta Niemeier. 2001. XXV, 584 pgs. ISBN 978–3–16–147562–7</b>	(EeS). <b>A Economia e as ordens e poderes sociais.</b> Espólio. Comunidades religiosas. (2001)
	<b>Band I/22,3:</b> Wirtschaft und Gesellschaft. <b>Recht. Hrsg. v. Werner Gephart u. Siegfried Hermes. 2010. XXIX, 813 pgs. ISBN 978–3–16–150356–6</b>	(EeS). <b>A Economia e as ordens e poderes sociais.</b> Espólio. Direito. (2010)
	<b>Band I/22,4:</b> Wirtschaft und Gesellschaft. Herrschaft. <b>Hrsg. v. Edith Hanke in Zus.–Arb. m. Thomas Kroll. 2005. XXX, 944 pgs. ISBN 978–3–16–148694–4</b>	(EeS). <b>A Economia e as ordens e poderes sociais.</b> Espólio. Dominação. (2005)
	<b>Band I/22,5:</b> Wirtschaft und Gesellschaft. Die Stadt <b>Hrsg. v. Wilfried Nippel. 1999. XXVI, 390 pgs. ISBN 978–3–16–146821–6</b>	(EeS). <b>A Economia e as ordens e poderes sociais.</b> Espólio. A cidade. (1999)
I/23	Wirtschaft und Gesellschaft. Soziologie. <b>Unvollendet. 1919–1920. Hrsg. v. Knut Borchardt, Edith Hanke u. Wolfgang Schluchter 2013. XXVI, 847 pgs. ISBN 978–3–16–150292–7</b>	(EeS). Sociologia. <b>Inacabados. 1919–1920. (2013)</b>
I/24	Wirtschaft und Gesellschaft. Entstehungsgeschichte und Dokumente. <b>Hrsg. v. Wolfgang Schluchter. 2009. XI, 285 pgs. ISBN 978–3–16–150058–9</b>	(EeS). História da Gênese e documentos. (2009)
I/25	Wirtschaft und Gesellschaft. Gesamtregister. <b>Bearb. v. Edith Hanke u. Christoph Morlok. 2015. XXIV, 479 pgs (+ CD–ROM). ISBN 978–3–16–152997–9</b>	<b>Economia e sociedade.</b> Índices. [+ CD–ROM]. (2005)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Mohr Siebeck (editora).

As mais conhecidas versões de **WuG** no mundo, até então, eram exatamente aquelas que sofreram maior intervenções e adições por parte de Johannes Winckelmann. Pierucci (2008) relembra que Marianne morreu no ano de 1954, com Johannes Winckelmann que a assessorou assumindo a editoria dos textos de Weber para, em 1956, publicar a quarta edição de **Wug**, apresentando-se na capa como uma “nova” edição. Nas palavras de Pierucci, a edição “trazia mudanças significativas resultantes das intervenções mais ousadas do novo organizador — e primeiro *promoter*, como logo se perceberá — na composição e organização do

texto”. A começar pela modificação do título. De outrora, foi eliminado o título *Grundriss der Sozialökonomik* [*Elementos de economia social*], seguido do subtítulo *III Abteilung. Wirtschaft und Gesellschaft*. [Seção III: *Economia e sociedade*], ficando apenas a nova forma *Wirtschaft und Gesellschaft* [*Economia e sociedade*] e um subtítulo inédito: *Grundriss der verstehenden Soziologie* [*Elementos da sociologia compreensiva*] (PIERUCCI, 2008, p. 44). De acordo com Pierucci, é já na quarta edição que Winckelmann retroalimenta a ideia cravada por Marianne Weber na primeira edição **WuG** — considerando-a em prefácio a “obra principal” do autor —, a este epíteto mariano, Winckelmann agregaria a ideia hipostática de “a grande sociologia de Max Weber” (PIERUCCI, 2008, p. 45). Mas quais as implicações disto?

Primeiramente, como colocado pelo próprio Pierucci (2008), a ideia transmitida de que o leitor tem em suas mãos uma obra completa, acabada, coerente e definitiva. Cujas forças organizacionais transmitiria “A” sociologia de Max Weber.

Se tomadas estas duas edições em comparação “à primeira edição de Marianne Weber e Melchior Palyi, Winckelmann interveio muito fortemente nos textos, nos títulos e na estrutura” (HANKE, 2012, p. 110). Para exemplificar Hanke (2012) cita a própria Seção 8, de “sociologia da dominação” que ele acrescentou ao corpo de **WuG** de modo totalmente arbitrário: *A instituição racional do Estado e os parlamentos e partidos políticos modernos* (Sociologia do Estado). Edith Hanke (2012) aponta que mesmo atualmente, “há especialistas que dão mais credibilidade a esse pecado editorial do que à nova edição da MWG, na qual falta esse capítulo estranho” (HANKE, 2012, 109).

A redição dos textos de **WuG** em materiais separados, cada um deles com sua própria coerência exegética, histórica e epistemológica passou por cortes de textos sobressalentes ou excedentes, mas, também por adições colaterais necessárias ao delineamento do contexto de produção dos originais e de facilitação na compreensão leitora.

Neste sentido, Hanke (2012) pontua que os volumes parciais **I/22,1** a **I/22,5** — que compreendiam originalmente o volume conhecido *Wirtschaft und Gesellschaft* — “é um exemplo de como se teve que afastar a longa sombra editorial de Johannes Winckelmann”, uma vez que demandando por “fundamentos textuais”, os editores

precisaram realizar uma imersão intensa nos manuscritos originais de *Sociologia do direito* e da seção “A economia e as ordenações”, assim como à tradição textual da primeira edição (HANKE, 2012, 110) além de precisarem vasculhar documentos transversais às temáticas abordadas, cartas e outros registros importantes anunciavam elementos que poderiam anunciar ou revelar consistências, ou inconsistências nas novas organizações empreendidas.

Para exemplificar adições que podem ser esclarecedoras na aquisição textual, Hanke (2012) cita o volume de documentação I/24, no qual foram incluídos de modo suplementar documentos selecionados que demonstram as “intervenções redacionais no planejamento, nos contratos editoriais ou nas contribuições apresentadas para o Grundriss der Sozialökonomik”, de modo a dar ênfase na participação que Weber tomava frente a suas publicações e para “evidenciar a abrangência de sua atividade como editor” (HANKE, 2012, 110).

\*\*\*

### *Considerações ao Capítulo III*

A recepção de Weber no Brasil encontra elementos próprios e seu próprio fluxo de tempo. O que não significa dizer que ela seja uma “jabuticaba”, isto é, um produto exclusivamente nacional, uma weberologia tipicamente brasileira. Embora seja identificável na recepção local aquilo que Sell (2021, p. 02) chamou “um desenvolvimento teórico rico, criativo e original da sociologia weberiana”, muitos elementos desta recepção local que, ao serem articulados com os elementos macros da circulação internacional, demonstram correlações, causalidades, imbricações, implicações e entrelaces com o fluxo internacional de exportação, importação, recepção, assimilação, institucionalização e permanência do autor — independentemente de estes elementos desta recepção local representarem expansão ou convolução do fluxo global.

Isto pode ser demonstrado já a partir da visualização das tendências gerais da recepção internacional das ideias weberianas pelo mundo. Problemáticas típicas da primeira fase de recepção nacional, como o “atraso” brasileiro frente aos

processos de racionalização, modernização, institucionalização e administração pública (Estado burocrático) foram enfrentados por outros países à sua própria maneira e ao seu próprio tempo. O mesmo se deu com as outras duas ondas de recepção: um movimento crescente de expansão, modernização, institucionalização, profissionalização e internacionalização das ciências sociais nacionais demandou a aquisição de referências metodológicas sólidas, algo que ocorreu em parte nos EUA já nas décadas de 1940 e 1950; já a terceira onda, acompanha uma tendência geral, mais ou menos sincrônica em relação à reinterpretação analítica e crítica de Weber no mundo, com o detalhe de que o Brasil está mais ligado à participação de intérpretes “metateóricos” do que àqueles que promovem uma “tensão crítica”, muito pelo fato de Weber não ter enunciado considerações conhecidas sobre a realidade brasileira que possam ser dignas de uma produção intelectual exclusiva na elaboração de uma réplica, como nos casos polônês, russo e asiático. Quanto à retomada da sociologia weberiana da religião no Brasil, uma tendência do aumento do interesse a partir dos anos de 1980–1990 (acompanhando os fluxos da globalização) também se mostrou em outros países. Em geral, procurando estabelecer relações locais entre o ethos religioso e o desenvolvimento do capitalismo, como no Sudoeste Asiático e em alguns países do Mundo Árabe. No Brasil, obras especializadas no tema, como *A ética econômica das religiões mundiais* só começam a chegar nos últimos três anos. Se se perdeu o trem da análise das relações entre catolicismo e capitalismo no Brasil, como percebido por Sell (2021), é possível que com o aumento da população autodeclarada “evangélica” no último censo do IBGE em 2010 e a chegada dos volumes sobre a relação entre relações comunitárias e economia este quadro de interesse seja ampliado em breve, como aconteceu em Taiwan, Turquia, Egito, China, Japão e Tailândia, que têm atualmente aprofundado as relações entre a ética religiosa local (Budismo, Taoísmo e Islamismo, principalmente) e os processos de modernização retratados por Weber aos quais estes países tiveram acesso antecipado (como o Japão do início do século XX) ou tardio (como o Egito contemporâneo).

\*\*\*

A respeito do estudo de caso sobre Economia e Sociedade, a versão de **EeS** lida no Brasil data de 1991, correspondendo à tradução da quinta edição, de 1972, também organizada por Winckelmann.

Em se tratando de Brasil, Weber é leitura obrigatória nos cursos de formação de cientistas sociais no Brasil, que estão pouco familiarizados com este tema caro às suas formações. Um problema restrito a um pequeno grupo de especialistas mais dedicados ao pensamento weberiano. Além disso, Weber não é lido apenas nos cursos de ciências sociais, nos quais existe a possibilidade de alguns estudantes cruzarem em um semestre ou outro com um destes especialistas dedicados a do sociólogo de Heidelberg. Weber também é lido nos cursos de administração, economia, direito, saúde, história, serviço social, entre outros tantos de igual importância.

Essa defasagem anunciada por Friedrich Tenbruck, em 1975, (apud PIERUCCI, 2008), pode trazer consequências embaraçosas na compreensão das ideias do autor. Em relação à falta de acesso às atualizações *Economia e Sociedade* que se lê no Brasil — uma vez que a nova organização dos escritos de **WuG** já vem sendo reeditada e recontextualizada desde 1999 [MWG].

Esta polêmica em torno da incoerência editorial de organização de **EeS** passa ao largo da audiência acadêmica brasileira não especializada que lida diariamente com Max Weber. A obra original dos volumes organizados por Marianne Weber ainda é um dos pontos fortes do weberianismo nacional. Como demonstrado pelos especialistas internacionais, este não é somente um problema local, dado o largo prestígio entre pesquisadores de todo o mundo.

## CONCLUSÕES

Conforme Edith Hanke (2014), a circulação e a recepção (ou pelo menos a recepção de Weber local [Alemanha] ou global [mundo]) possui alguns marcadores característicos que podem ser elencados em três chaves: i) A recepção não se dá apenas como aprovação (validação), mas também em situações de tensão consciente, objetiva e crítica. Hanke (2014) cita como caso exemplar na recepção alemã em que Georg Lukács, quando jovem, pertencia ao grupo Weber e, mais tarde, adotando a perspectiva marxista se tornou se adversário intelectual [Pode-se citar, também, a recepção tensa de Weber (observada no Capítulo II) no imaginário árabe, russo e polonês, em relação às leituras que Weber fez destes sistemas culturais]; ii) A recepção não está vinculada a uma determinada direção política *a priori*. Por exemplo, na Espanha, aconteceu de não apenas do lado liberal–europeu, mas também do lado conservador–nacionalista–católico importar e adotar algumas ideias de Weber [O foco estava nos processos de modernização do país, cujos interesses dividiam ideologicamente as vontades em torno do problema e do método]; A recepção intelectual de Weber também não está ligada a fronteiras disciplinares mais estreitas. E esta recepção pode ser encontrada entre sociólogos, historiadores, economistas, filósofos, acadêmicos políticos e religiosos.

Com base nesta pesquisa, pode-se acrescentar que a circulação e a recepção de Weber pelo mundo não se dá de forma suave e harmoniosa. Conflitos de interesses dentro do campo importador podem ser observados em diversos casos. A recepção de Weber também não possui características fixas. Cada local, com sua própria configuração epistemológica trata da recepção de Weber a sua própria maneira e a seu próprio tempo. O que significa dizer, também, que embora haja correlações causas e temporais que entrelaçam seus eventos pelo mundo, não há nenhuma marcação causal ou temporal que sirva de padrão comparativo inerente a todas as recepções. A circulação global e a recepção local se misturam ao próprio tempo histórico.

É notório que grandes eventos transnacionais afetam as linhas históricas e organizações das formas de condutas de vida de forma a se sentir nos rincões continentais. A transição da predominância do feudalismo para a exortação das

revoluções política, econômica e científica; os ideais iluministas de cidadania e cosmopolitismo; a transição do colonialismo imperialista e escravista para as relações comerciais e diplomáticas liberais do mercado capitalista; o amplo emprego da racionalidade para obtenção de melhores resultados; a era da máquina a vapor, do jornal, do telégrafo, da fotografia e da fonografia; o cinema e o rádio; as Guerras Mundiais; o motor a jato; o telefone e a televisão; o computador e a internet; a conversa nos chats e as *fake news*. Todos estes eventos de escalada mundial produzem impactos sociais, políticos, culturais, históricos, econômicos e espirituais de toda forma. Mas, mesmo eventos de proporções internacionais (globais) — como a Segunda Guerra Mundial ou a consolidação do sistema financeiro de remessas de fundos transnacionais, ou, ainda, a formação de uma economia de mercado global — geram (e se estabelecem a partir de) múltiplas causas com os mais diversos efeitos em cada território (local).

No âmbito do mercado das trocas simbólicas mundiais, ou se preferir — para não ser tão tributário de Bourdieu —, no âmbito das trocas culturais / abstratas globais, os impactos locais não são reduzidos. A emergência contemporânea da globalização e da interpenetração cultural, política e econômica nas relações internacionais também retroalimentam movimentos resistentes que têm se formado com vistas a proteger internamente seus elementos simbólicos que consideram típicos de uma conduta de vida muito próprias do local. Estes elementos simbólicos — manifestos em formas de identidades culturais, mas, também, em elementos da economia formal e valores políticos — tornam-se produtos de exportação por parte das nações mais influentes ou produtos de resistência por parte das nações que não estão dispostas a aderir tão facilmente a costumes, tradições, valores ou influências externas. Algumas nações internacionais têm considerado esta influência externa como uma imposição condicional para a participação do mercado internacional e para a convivência global. Como a posição destas nações é de resistência, não reconhecem o conceito de “globalização”, tomando, em contrapartida, o conceito de “globalismo” [que em si mesmo não tem uma aderência política, estando ligado a movimentos conservadores de direita e de esquerda]. Como consequência, algumas destas posições de proteção interna se manifestam através do nacionalismo (cultura), conservadorismo (política) e protecionismo (economia). E as vias inversas

são válidas, em uma série de ações em fluxo oposto, espontâneas ou projetadas, ações locais também influenciam e retroalimentam a dinâmica das trocas simbólicas das macroestruturas (CARVALHO, 2020).

### I. Gênese: de frente com burocracia alemã

A formação de Weber na Alemanha também estava sujeita as variações externas do cenário europeu dos últimos fôlegos do imperialismo colonial — ainda que esta força tenha se estendido por parte do século XX, culminando no redesenho geopolítico polarizado pela ascensão das novas grandes potências Pós-guerra. Além destas questões externas, a própria situação interna da Alemanha, demandando por uma modernização imediata das suas instituições econômicas, políticas e culturais formou um tipo de cenário intelectual incomum e profícuo. Não se pretendendo cair em um contextualismo, e apenas como exercício de pensamento, é possível se especular o que aconteceria se Weber tivesse nascido 20 anos antes, vivendo o auge da sua formação intelectual no pináculo da unificação da Alemanha pouco liberal e bastante Estatal-burocrática, sob a dura liderança do Chanceler Bismarck; ou, em outra via, se Weber, um liberal nacionalista moderado nascesse 20 anos depois, com o ponto auto de sua vida intelectual cruzando com a emergência do Terceiro *Reich*.

Estes pontos de inflexão sem respostas incitam à compreensão de que os contextos históricos e as estruturas sociais externas compõem um campo de influência sob os indivíduos. Contudo, como bem indicam as novas teorias conciliatórias da sociologia<sup>187</sup> ficar só nas estruturas e só nos elementos externos é uma solução manca. Considera-se a força dos agentes transformadores, sem cair em um psicologismo, afinal, quando se fala em “agentes” há que se considerar, também, a força das instituições que, embora estruturadas, compõem indivíduos

---

<sup>187</sup> P. ex., a síntese entre objetividade e subjetividade, vista em Bourdieu (1983; 1989; 1996), e a dualidade da estrutura encontrada em Giddens (1979; 1989; 1991).



jurídicos com sentidos de ação e interesses próprios que produzem ou aderem a estruturas mais gerais.

As transformações que emergiram no *campo* intelectual de formação social, política e acadêmica de Max Weber forjaram as tendências de surgimento de um tipo de pensadores liberais e autônomos, em geral, ligados aos estamentos burgueses e pouco interessados no prestígio já datado das carreiras estatais<sup>188</sup>. Weber, por seu entorno e sociabilidade, não fugiu a esta tendência. Mas adotou pra si um modo próprio de lidar com estas questões. Junto a uma sólida formação escolar e a incorporação estoica da disciplina militar e do serviço na Primeira Guerra, direcionou seus interesses aos complexos assuntos do Estado nacional em seus arranjos internos e externos, e à compreensão de qual o papel que os indivíduos desempenhavam na formação instituições no desenrolar da história.

É claro que as coisas não se deram de modo organizado e de uma só vez. Tampouco Weber foi imediatamente celebrado e aclamado como uma estrela ascendente em seu próprio país, nem mesmo havia indícios de que se tornaria importante nos campo das ciências da cultura<sup>189</sup>.

Dentre este cenário de mudança na Alemanha de seu tempo e, fortuitamente, a partir de uma condição economicamente confortável, Weber encontrou algum grau de liberdade para trabalhar de acordo com sua própria vontade, unindo temas interesse particular com temas de interesse geral. Ainda assim, sentiu a necessidade de mais objetividade no campo das ciências da cultura e refletiu as demandas da sociologia como uma ciência emergente na Alemanha de seu tempo, impondo-se o desafio de organizar e propor teoria e método para esta ciência com potencial, mas ainda na primeira infância no início dos anos de 1900.

Após sua morte, Marianne Weber organizou as bases fortes da preservação de suas ideias em memória. Embora muito se fale no papel editorial de Marianne Weber, é preciso levar em conta a proteção jurídica que ela preparou em torno da preservação do espólio de Weber. Além destas disposições, Marianne Weber

---

<sup>188</sup> Cf. Ringer (2000).

<sup>189</sup> Cf. Schwinn (2020)

também foi cuidadosa ao estabelecer parcerias editoriais com Melchior Palyi, Siegmund Hellmann Johannes Winckelmann — e também com a Editora Mohr Siebeck (Paul Siebeck) — o que garantiu não somente a preservação do nome de Weber no mercado editorial, mas, também, garantiu que sua liderança editorial de Marianne Weber fosse legada. Após sua morte em 1954, Johannes Winckelmann assume o protagonismo frente às obras do espólio para, nos anos de 1970, integrar a equipe de especialistas que fundou o projeto MWG.

A estrutura de execução e desenvolvimento do projeto MWG se desenrola a partir da adesão de agentes em parceria público–privada. Trata-se de um arranjo jurídico envolvendo; i) um conselho editorial de intelectuais especialistas nas ideias e nas obras de Weber e cientificamente muito produtivos, ligados a instituições acadêmicas; ii) o fomento institucional oferecido pela Bayerische Akademie der Wissenschaften (BADW); e a iniciativa comercial e logística (distribuição) oferecida pela Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. — outrora Mohr Siebeck (Paul Siebeck) —, é um acordo consistente, firmado a aproximadamente meio século e que se sustenta de maneira excelente, segundo a BADW (2021).

Todo este jogo intenso de leituras de mundo e de necessidade de desenhar os conceitos mais adequados tanto para aprimorar estas leituras quanto para expressar sua compreensão sobre elas, fez de Weber um intelectual ativo, articulador e analista contumaz de ideias. Pouco publicou em vida e a maioria de seus escritos foram organizados e reorganizados postumamente (uma vez, outra vez, e mais outra).

Estas edições foram apresentadas, aqui, como “Os três grandes ciclos editoriais de Max Weber”, tomando como recorte de categorização cada transição na “linhagem editorial” do legado de Max Weber <sup>190</sup> e considerando que a continuidade da “tradição weberiana” não foi rompida — apesar de alguns abusos de seus editores, tema que se retomará adiante. As lideranças editoriais que estiveram à frente das publicações dos trabalhos de Weber seguiram um fluxo praticamente ininterrupto, com certos agentes colaborando na transição entre um ciclo e outro.

---

<sup>190</sup> Voltar à Figura 2.

Pensando em termos macro, a hipótese central Schwinn (2020) é de que a propagação e a recepção de Weber estão ligadas diretamente à história da consolidação e da expansão da sociologia. Como se pode conferir no Capítulo I, é possível se estabelecer correlação entre temporariedade e circunstâncias. Mas correlação não é o mesmo que causalidade. Observe-se novamente a Tabela 5 do Capítulo I (atual Tabela 15, a seguir).

**Tabela 15** — Diferenciação de períodos: Gênese e exportação

<b>CICLO EDITORIAL</b> (Gênese)	<b>EDITORIA</b>
Auto-Organização	<b>Weber</b> (1889–1920)
Publicações Póstumas	<b>Marianne Weber</b> (1920–1954–1970)
MWG	<b>Especialistas</b> (Pós 1970)
<b>CICLO DE RECEPÇÃO</b> <sup>191</sup> (exportação)	<b>IMPULSO</b> <sup>192</sup>
Império Alemão e República de Weimar	<b>Max e Marianne Weber</b> (1889–1924)
Pós-Segunda Guerra	<b>Intelectuais alemães exilados</b> (Décadas de 1940 a 60)
Baixa do paradigma marxista; <i>Renascimento Weberiano</i>	<b>Institucionalização global da sociologia</b> (Pós 1970–)

**Fonte:** tipologias elaboradas pelo autor em diálogo com Schwinn (2020)

Como se pode notar na Tabela 15, os “ciclos genealógicos” de “Max e Marianne Weber” tangenciam o período proposto por Schwinn (2020) como aquele em que a recepção acontece nos ciclos de exportação do “Império Alemão” e da “República de Weimar”. Já o ciclo dos “Intelectuais alemães exilados”, tangencia a fase de organização de Marianne Weber (1920 a 1954), enquanto o ciclo de recepção associado à queda do paradigma marxista e ao *Renascimento Weberiano* está diretamente ligado à movimentação provocada pelo vetor científico de criação

<sup>191</sup> Tipologias elaboradas com base em pesquisa própria (Cf. CARVALHO, 2018).

<sup>192</sup> Tipologias elaboradas por Schwinn (2020).

da MWG, o que não contradiz o ponto defendido por Schwinn (2020) de que a propagação das ideias de Weber no período foi diretamente impulsionada pela institucionalização global da sociologia como disciplina acadêmica.

Entretanto, embora haja pontos de contato e correlações diretas — por exemplo, a baixa do paradigma marxista, a Institucionalização global da sociologia, o início do projeto MWG e o Renascimento Weberiano — nem todos estes eventos configuram causalidade entre si. O enfraquecimento do paradigma marxista pode ter aberto o caminho para “alternativas” no campo da teoria e método da sociologia, mas não se pode afirmar com confiança de que esta mudança tenha proporcionado, por exemplo, a institucionalização da sociologia. Ao contrário, uma sociologia marxista já era praticada por países comunistas como a China, a URSS, Cuba e Vietnã do Norte. Além de gozar de grande força institucional na América Latina (MORCILLO, 2008). Schwinn (2020) tenta correlacionar coerentemente os eventos e as tendências de propagação das ideias de Weber com a institucionalização da sociologia, mas é somente na história da sociologia alemã que esta correlação faz sentido por inteiro, ainda assim, na forma de tendências gerais.

## **II. Circulação global: difusão e renascimento**

Em que se pese a relação de Weber e a internacionalização e institucionalização da sociologia pelo mundo, os “Três Ciclos Editoriais de Max Weber” parecem se relacionar melhor com as fases da história da sociologia alemã — se pensados dentro do modelo proposto por Schwinn (2020).

Contudo, isso não quer dizer que haja equívoco por parte de Schwinn. Muitas de suas suposições são úteis para a observação do espectro macro. Primeiramente, torna-se necessário um olhar mais abrangente que amplie aquilo que o próprio Schwinn (2020) chamou de importância de pessoas e eventos—chave.

Isto fica mais claro quando, ao final do Capítulo II, apresenta-se “Um balanço da literatura e dos tipos de recepção informados” no cenário global. Não se trata de criar um contextualismo excitado pelo personalismo causal, do tipo “a renúncia de Guilherme II foi um propulsor do espírito weberiano”, ou de uma hiper—historicização da contingência, como se o fato de cientistas judeus e judeu—alemães levarem

Weber no exílio fosse um fato auspicioso, quando, na verdade, o evento decorre de violência trágica e perseguição letal.

A adoção de eventos de referência tomam contextos de mudança global que, no limite, afetaram a Alemanha e também parte do mundo e a própria circulação internacional de Weber. Dentro das tipologias elaboradas para se sistematizar os dados levantados em condições cronológicas, foram formulados cinco categorias de aglutinação temporal<sup>193</sup>. A lembrar:

[...] “Início de Importação”, que descreve o período em que se deu o fluxo inicial (ou retomada posterior do fluxo) de recepção em dado país. Estas importações estão classificadas temporalmente na seguinte ordem: i) Período do Império Alemão (1871–1918); ii) Período da República de Weimar (1919–1933); iii) Período da WW2 (1939–1945); iv) Período Pós-guerras (1945–1960); e v) Período Pós 1970 (1970– )<sup>194</sup> (Capítulo II, Seção 2.3).

Estas tipologias estão relacionadas a situações observadas dentro da própria Alemanha, demonstrando como a recepção de Weber afetada pelo contexto local, dialoga com o contexto global e vice-versa.

Apesar de serem lidas de maneira bastante simples durante o período do Império Alemão (SCHWINN, 2020), as ideias de Weber já estavam no circuito de exportação e circulação internacional. Weber sai da Alemanha, inicialmente, pelas mãos de estrangeiros que tiveram alguma vivência naquele país. Já era lido com bastante atenção, p. ex., no Japão entre 1904 e 1909, fruto do trânsito de intelectuais estrangeiros em formação ou passagem pela Alemanha.

É durante a República de Weimar que Weber sente que precisa organizar o que tem a dizer e começa a sistematizar os ensaios de **GARS** e, finalmente, a concluir o programa do **GdS**, pensado no início de 1910. Diante do fatídico evento de conhecimento geral, em 1920, Weber não teve a oportunidade de organizar e

---

<sup>193</sup> A ideia de “aglutinação temporal” é posta em oposição a qualquer ideia “etapista”. Não se trata de análise linear sincrônica, mas de eventos “afinidades” dentro do contexto pesquisado.

<sup>194</sup> Período associado tanto à queda do paradigma marxista quanto ao projeto MWG, que colaborou para o aquecimento do debate e da pesquisa em torno do pensamento de Weber, catalisando, desde a década de 1970 até os dias atuais, o fenômeno que tem sido conhecido internacionalmente como *Weber-Renaissance* (cf. HANKE, 2012; 2014; 2016, entre outros).

amadurecer seus outros escritos. Porém, eles prosperaram pelas mãos de Marianne Weber.

No período da WW2, exatamente quando Weber começava a ganhar visibilidade “doméstica”, a ascensão do *Nationalsozialismus* coloca os escritos de Weber em uma situação ambígua: Weber não nacionalista o bastante ser adotado pelo NS e não era liberal demais para ser considerado “subversivo” em relação ao nacionalismo alemão. O resultado foi que Weber não entrou para o Index e, ainda que identificado com o pensamento liberal, por pouco, seus escritos se livraram da Grande Queima de Livros [*Bücherverbrennung*], de 1933.

Mas as ideias de Weber já tinham “escapado” do Terceiro Reich nas malas dos cientistas e intelectuais judeus e judeu-alemães que conseguiram fugir em exílio para salvar suas vidas, como nos casos de Karl Löwith (Itália e Japão); Hans H. Gerth, Reinhard Bendix, Karl Loewenstein, e outros (EUA); Karl Mannheim (ENG); Emílio Willems (BRA), entre tantos outros. As traduções iniciais acompanham o fluxo migratório de intelectuais em situação de exílio não só na Alemanha. É o caso de José Medina Echavarría, que migrou para a América no esforço de sua sobrevivência à ditadura franquista espanhola.

Não tardou para que a sociologia alemã passasse a refletir, ela mesma, sobre as demandas teórico-metodológicas de Weber por uma profissionalização objetiva e técnica das ciências sociais. Mas é só nos anos do Pós-Guerra que Weber começa a ser reimportado para a Alemanha. De início, lenta e timidamente e com mais força após os anos de 1960. Há um deslocamento no interesse pelo pensamento alemão e Weber — antes apropriado pelos *Parsons*, *Freunds* e *Echavarrías* — do mundo, volta para casa para ser reposicionado e tomar nova proporção.

O começo da superação do paradigma marxista nos anos de 1960 e a inauguração do projeto MWG nos anos de 1970 trazem novo fôlego a Weber. Agora, Estados Unidos, Japão e México, os grandes difusores históricos de Weber fora da Europa acompanham com interesse o que se faz com a MWG. E esta onda se propaga, renovando a *Weberforschung* no mundo. Novos talentos são atraídos e as metateorias começa a se formar nos mais diferentes lugares. Não se trata mais, apenas, de interpretar Weber e pensar a validade de suas proposições, mas de

dobrar Weber sobre si, especializar-se, compreender o impacto da chegada de Weber a seu local ou questionar o que Weber enunciou sobre sua cultura.

Em geral, e curiosamente, quase todos os autores analisados na literatura internacional se queixam de que há muito pouca atenção local dada a Weber. Difícil definir se isso faz parte da tradição da comunicação científica de enunciar os *gaps* que cada cientista pretende preencher com suas pesquisas ou se esta “pouca atenção” se inscreve no lastro do empuxo que as pesquisas metateóricas trazem como elemento digital inovador nas ciências sociais do século XXI.

Weber passa por seu terceiro renascimento, nos anos 70 e 80, mas desta vez em nível mundial. Suas ideias acompanham o imaginário da modernidade onde quer que ela ancore, seja em perspectivas críticas ou como referência a se apropriar. São os casos dos países árabes, que discutem a dicotomia entre um estado laico e modernização, como no Egito dos anos 2000, que desencadeou a recente Primavera Árabe (2010–2012), ou a Turquia que vem discutindo relações entre mercado e *ethos* islâmico. Ou nos já citados questionamentos críticos empreendidos na Polônia, Rússia, China e Sudoeste Asiático sobre o olhar que Weber lançara sobre suas condutas de vida, ou, ainda, as releituras criativas que, assim como no caso turco, tentam validar ou invalidar a possibilidade de uma ética budista e o espírito do capitalismo, ou uma ética taoísta.

### III. Recepção local

A recepção de Weber no Brasil tem suas peculiaridades e segue o seu próprio fluxo de tempo, embora seja possível estabelecer correlações com os ciclos de eventos discutidos acima. Mas não se encontram elementos suficientes para eleger um “weberianismo brasileiro”. Embora, do ponto de vista local, existam discussões próprias e instigantes, como as controvérsias em torno da ideia de patrimonialismo (VILLAS BÔAS, 2014) e aquilo que Sell (2021, p. 02) chamou “um desenvolvimento teórico rico, criativo e original da sociologia weberiana”.

Porém, externamente, ao serem articulados com os elementos macros da circulação internacional, muitos elementos desta recepção local demonstram correlações, causalidades, imbricações, implicações e entrelaces com o fluxo

internacional de exportação, importação, recepção, assimilação, institucionalização e permanência do autor — independentemente de se os elementos desta recepção local representam expansão ou convolução do fluxo global, ou se se harmonizam ou conflitam internamente com as ideias de Weber. O que significa dizer **que não há uma recepção peculiar de um Weber tipicamente “brasileiro”, distorcido pela importação local**. Pelo menos não do ponto de vista de uma sociologia da recepção.

Como demonstrado no Capítulo III, as fases de recepção de Weber no Brasil não se diferenciam muito de uma tendência geral da recepção de Weber pelo mundo (vista no Capítulo II), sobretudo se articuladas em compreensão do quadro global.

O *mindset* brasileiro (“agenda” seria uma palavra muito temerária) de importação weberiana passou por operações de mediação das ideias e chaves interpretativas correlatas a várias experiências de recepção weberológica. Mesmo que estes *mindsets* tenham orientado as “Três ondas de recepção” de Weber no país, eles não ocorrem em isolacionismo, e há uma projeção observável do acompanhamento das tendências gerais de irradiação das ideias de Weber pelo mundo, desde o trânsito de intelectuais nacionais pela Alemanha (Sergio Buarque de Holanda é, talvez, o caso mais emblemático da primeira fase) e a recepção via intelectuais exilados (caso de Emilio Willems), até as tendências de recepção de fontes secundárias (como a tradução para o inglês de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, por Talcott Parsons, publicada em 1930; A tradução de **WuG** para o espanhol, por José Medina Echavarría, em **1944**, ou a tradução feita, em 1969, da compilação editada por Hans Gerth e Charles Wright Mills, *From Max Weber*, editado, de 1946).

Ao se tratar de percepções entre o Weber “local” e o “global”, compreende-se que há pouca variação entre a recepção brasileira e a recepção mundial. Quando tomados de modo assíncrono e heurístico, os elementos de recepção entre estas duas dimensões se aproximam ainda mais, demonstrando que não há uma coisa como “um Weber local”. Além disso, as três fases da recepção nacional, também se mesclam e se interligam aos “três grandes ciclos editoriais de Max Weber”, formulados no Capítulo I, o que ficou demonstrado nas Tabelas 12 a 14: há uma



forte conciliação entre os eventos regionais da recepção de Weber e os eventos globais (Cf. Considerações ao Capítulo III).

Ainda que Sell (2021) assuma com sucesso que quando analisados no contexto da realidade local, as ideias de Weber “não são entendidas apenas como aplicações: tais processos representam também um desenvolvimento teórico rico, criativo e original da sociologia weberiana” (SELL, 2021, p. 02), é possível demonstrar que, em outra mão, as chaves de leitura sobre o “atraso” diante dos processos de modernização europeu e norte-americano e a chave da atualização teórica e metodológica para o desenvolvimento e a institucionalização das ciências sociais locais, e mesmo a emergência de Weber no Brasil entre os anos de 1960 a 2000 acompanham uma tendência geral de recepção. Contudo, uma coisa não descarta a outra e mesmo que se aceite que a recepção siga tendências gerais em relação às tendências de circulação global, a realidade brasileira traz, em si, elementos próprios e peculiares o bastante para obterem relevância e contribuir para a sociologia da circulação global de Weber. Mesmo não sendo suficientes estas peculiaridades para se falar em um “Weber local”, um “Weber brasileiro”, ou “abrasileirado”.

Em se tratando das tendências gerais da recepção internacional das ideias weberianas pelo mundo. Problemáticas típicas da primeira fase de recepção nacional, como o “atraso” brasileiro frente aos processos de racionalização, modernização, institucionalização e administração pública (Estado burocrático) foram enfrentados por outros países à sua própria maneira e ao seu próprio tempo. O mesmo se deu com as outras duas ondas de recepção: um movimento crescente de expansão, modernização, institucionalização, profissionalização e internacionalização das ciências sociais nacionais demandou a aquisição de referências metodológicas sólidas, algo que ocorreu em parte nos EUA já nas décadas de 1940 e 1950; já a terceira onda, acompanha uma tendência geral, mais ou menos sincrônica em relação à reinterpretação analítica e crítica de Weber no mundo, com o detalhe de que o Brasil está mais ligado à participação de intérpretes “metateóricos” do que àqueles que promovem uma “tensão crítica”, muito pelo fato de Weber não ter enunciado considerações conhecidas sobre a realidade brasileira que possam ser dignas de uma produção intelectual exclusiva na elaboração de

uma réplica, como nos casos polonês, russo e asiático. Quanto à retomada da sociologia weberiana da religião no Brasil, uma tendência do aumento do interesse a partir dos anos de 1980–1990 (acompanhando os fluxos da globalização) também se mostrou em outros países. Em geral, procurando estabelecer relações locais entre o *ethos* religioso e o desenvolvimento do capitalismo, como no Sudoeste Asiático e em alguns países do Mundo Árabe. No Brasil, obras especializadas no tema, como *A ética econômica das religiões mundiais* só começam a chegar nos últimos três anos. Se se perdeu o trem da análise das relações entre catolicismo e capitalismo no Brasil, como percebido por Sell (2021), é possível que com o aumento da população autodeclarada “evangélica” no último censo do IBGE em 2010 e a chegada dos volumes sobre a relação entre relações comunitárias e economia este quadro de interesse seja ampliado em breve, como aconteceu em Taiwan, Turquia, Egito, China, Japão e Tailândia, que atualmente têm aprofundado as relações entre a ética religiosa local (Budismo, Taoísmo e Islamismo, principalmente) e os processos de modernização retratados por Weber aos quais estes países tiveram acesso antecipado (como o Japão do início do século XX) ou tardio (como o Egito contemporâneo).

Em síntese, a circulação internacional das ideias de Weber pode ser diferenciada por seus processos internos e externos. **Guardadas as peculiaridades internas de cada processo de importação para os contextos locais específicos (recepção), os processos externos de exportação (circulação) internacional apresentam tendências próprias que não seguem um padrão sincrônico, mas podem ser observados em várias situações similares.** O Brasil, pelos processos de importação (recepção) busca adaptações criativas a partir de suas próprias temáticas locais, mas do ponto de vista da exportação (circulação) mesmo este processo pode ser observado em outras recepções.

\*\*\*

Em se tratando da importação das ideias weberianas, a partir do Capítulo III, são observáveis certos problemas na importação bibliográfica: **No Brasil, trabalha-se majoritariamente com fontes secundárias e defasadas.** O predomínio de vias

indiretas de tradução de Weber ocupa mais da metade dos materiais traduzidos atualmente (Gráficos 2 e 3). As primeiras traduções de Weber chegam ao Brasil apenas no final da década de 1970 (há mais de meio século!) e, ainda assim, as importações literárias de Weber no Brasil estão sujeitas a interesses pontuais e tempestivos.

Sobre o estudo de caso, (Seção 3.5) pode-se afirmar com tranquilidade que **a obra conhecida como *Economia e Sociedade* está superada, defasada e desatualizada**. A compilação de textos avulsos ajuntados aos textos organizados por Weber para a composição dos *Grundriss der Sozialökonomik* traz um arranjo que leva a ilusão de unidade da obra, proporcionando equívocos terminológicos e induzindo a erros de compreensão aos leitores não iniciados ou não especializados no pensamento de Weber. Torna-se urgente anunciar notadamente que *Economia e Sociedade* tem uma história particular errática, e que há mais de 20 anos ela foi desmontada, sem que a maioria dos cientistas sociais em formação (e muitos já formados) tenham conhecimento deste fato. Uma das compilações weberianas mais lidas no Brasil, a 5.<sup>a</sup> edição organizada por Johannes Winckelmann ainda é um dos pontos fortes do weberianismo nacional. Como demonstrado pelos especialistas internacionais, este não é somente um problema local, dado o largo prestígio entre pesquisadores de todo o mundo.

Trata-se de uma avaliação empírica das condições de recepção da obra de Weber no Brasil, a partir da análise da história de uma de suas mais prestigiadas obras quanto à origem, ao amadurecimento e ao vaticínio de uma de inevitável “falência” que se apronta no horizonte após o seu desmantelamento pela **MWG**. Na Alemanha, Japão e EUA **EeS** já enfrenta o desengano e encara sua própria extinção para dar passagem ao novo. Mas os livros têm seus próprios caminhos, a difusão do conhecimento tem o seu próprio tempo e as editoras têm seus próprios interesses. De modo que não é de todo estranho a persistência de uma obra que chegou ao nosso mercado com meio século de atraso (1976), quase um ano depois que sua “morte” editorial foi decretada Friedrich Tenbruck (1975; 1977 apud PIERUCCI, 2008). Novamente, meio século depois, o ciclo editorial da **MWG** foi finalizado e, formalmente, a EeS não existe mais. No Brasil, ainda se está preparando a comemoração do centenário da “obra”.

O tom é o da anunciação histriônica e fatalista do Corvo da Procela, mas o caso é emblemático e muito ilustrativo sobre o tipo de leitura que se faz no Brasil sobre as fontes weberianas com que estamos lidando — sejam elas originais ou secundárias. Trata-se de uma constatação realista frente ao déficit brasileiro de materiais weberianos atualizados. É preciso reafirmar o que se foi repetido<sup>195</sup> em outras ocasiões: **As ciências sociais brasileiras (e áreas afins) estão trabalhando majoritariamente com a aquisição de Max Weber através de materiais datados, fragmentados, seccionados e, majoritariamente, através vias secundárias.**

Iniciado há mais de 50 anos e concluído em 2020, o projeto MWG vem atualizando paulatinamente a compreensão das ideias de Weber pelo mundo. Nenhum de seus volumes foi traduzido para a língua portuguesa até o momento. Neste quesito, o Brasil e a lusofonia estão, de fato, em atraso.

---

<sup>195</sup> Cf. Carvalho (2018; 2019a; 2019b; 2019c; 2021).

## REFERÊNCIAS

ABL. **Biografia**: José Honório Rodrigues. 2016. Publicado pela Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/jose-honorio-rodrigues/biografia>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ABL. **Biografia**: Raymundo Faoro. 2018. Publicado pela Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/raymundo-faoro/biografia>. Acesso em: 26 ago. 2021.

ADAIR-TOTTEFF, C. Protestant ethics and the spirit of politics: Weber on conscience, conviction and conflict. **History of the Human Sciences**, v. 24, Issue 1, p. 19–35, 2 jan. 2011. DOI: 10.1177/0952695110392278.

ALEXANDER, J. C. A importância dos clássicos. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1999. p. 23–89.

ALEXANDER, J. C. Ação coletiva, cultura e sociedade civil: secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 13, n. 37, jun. 1998.

ALI, Haggag. Max Weber and the revision of secularism in Egypt. In: KAISER, Michael. ROSENBAACH, Harald. (Max Weber Stiftung, Alemanha) (ed.). **Max Weber in der Welt: Rezeption und Wirkung**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014. p. 47–64. ISBN 978-3-16-152469-1.

ARAÚJO, Karin Bakke de [Entrevista]. 7 perguntas para... **Goethe-Institut**, Munique, [201-]. Literatura Alemã no Brasil. Seção Tradução. Disponível em: <http://www.goethe.de/ins/br/lp/prj/dgb/uek/uep/ara/ptindex.htm>. Acesso em: 22 nov. 2015.

AVELINO FILHO, George. As raízes de Raízes do Brasil. In: **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n. 18, set., 1987.

AVELINO FILHO, George. *Cordialidade e civilidade em raízes do Brasil*. 2016 [1988]. Arquivos FGV. Disponível em: [https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/avelino\\_-\\_cordialidade\\_e\\_civilidade\\_em\\_raizes\\_do\\_brasil\\_.pdf](https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/avelino_-_cordialidade_e_civilidade_em_raizes_do_brasil_.pdf). Acesso em: 05 ago. 2018.

BADW, Bayerische Akademie der Wissenschaften – Max Weber Complete Edition (MWG): people. People. 2021. Em Inglês. Disponível em: <https://mwg.BADW.de/en/people.html#c796>. Acesso em: 05 jun. 2021.

BARBOSA, Francisco de Assis. (Org.). Introdução. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 11–35.

BARRETO, Pedro Henrique. **O homem que explicou o Brasil**. 2009. Publicado originalmente em IPEA – Desafios do Desenvolvimento. 2009. Ano 6. Edição 50 – 21/05/2009. Disponível em: [http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2252:catid=28&Itemid=23](http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2252:catid=28&Itemid=23). Acesso em: 05 jul. 2018.

BENTHIEN, Rafael F. **A Metodologia de Max Weber**: unificação das ciências culturais e sociais (resenha). *Mana*, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 314–317, abr. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-93132005000100012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/K5jbbqfsXCXLzBSnVVk4DM4J/?lang=pt>. Acesso em: 30 fev. 2021.

BLANCO, Alejandro. La temprana recepción de Max Weber en la sociología argentina (1930–1950). **Perfiles Latinoamericanos**, México, v. 15, n. 30, p. 9–38, dic. 2007. Disponible en: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0188-76532007000200002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-76532007000200002&lng=es&nrm=iso). accedido en 22 mayo 2019.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. p. 46–81.

BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de habitus e campo. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 59–73

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, P. A causa da ciência: como a história das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências. Trad. Gabriel Fernandes. **Política & Sociedade**, Florianópolis, n. 1, p. 143–161, set. 2002c.

BOURDIEU, P. As condições sociais da circulação internacional das ideias. Trad. Fernanda Abreu. Rev. **Enfoques**. PPGSA/IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 04–15, dez. 2002a.

BOURDIEU, P. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 145, p. 3–8, dez. 2002b.  
Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss\\_0335-5322\\_2002\\_num\\_145\\_1\\_2793](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_2002_num_145_1_2793)>. Acesso em: 30 jun. 2019.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Trad. Denise Barbara Catani. São Paulo: Ed. UNESP, 2004a.

BOURDIEU, P. **Para uma sociologia da ciência**. Trad. Pedro Duarte. Lisboa: Edições 70, 2004b.

BOURDIEU, P. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Org. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, P. O mercado de bens simbólicos. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Org. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva. 6. ed. 2007b. p. 99–182.

BOURDIEU, P. Uma interpretação da teoria da religião de Max Weber. Apêndice I. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Org. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva. 6. ed. 2007a. p. 79–98

BRISSON, Thomas. La réception des écrits de Max Weber sur le confucianisme au Japon et en Asie du Sud–Est: Contextes socio–politiques et dynamique formelle d’une thèse (années 1930–1980). **Revue d’Anthropologie des Connaissances**. December 2016/2. no. 10, v. 2: pp. 303– 320. DOI: 10.3917/rac.031.0303.  
<https://www.cairn.info/revue-anthropologie-des-connaissances-2016-2.htm>  
Acesso: 24 nov. 2020

BRUHNS, H. One language, one history? On the uncertain future of social sciences in Europe. **Portuguese Journal Of Social Science**, Lisbon, v. 11, Issue 1, p. 55–69, 1º dez. 2012. DOI: 10.1386/pjss.11.1.55\_1.

BRUHNS, Hinnerk. Max Weber en France et en Allemagne. **Revue Européenne Des Sciences Sociales**: Max Weber Politique et histoire, Genebra, v. 33, n. 101, p.

107–121, 1995. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40370103>. Acesso em: 23 out. 2020.

BUCHOLC, Marta. Die Reaktion polnischer Soziologen auf Max Webers Polenschriften – der Verlust an Schärfentiefe. In: KAISER, Michael. ROSENBAACH, Harald. (Max Weber Stiftung, Alemanha) (ed.). **Max Weber in der Welt: Rezeption und Wirkung**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014. p. 103–124. ISBN 978–3–16–152469–1.

CANDIDO; Antonio. Introdução à parte II. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 119–129.

CARPEAUX, Otto Maria. (1942), Max Weber e a Catástrofe. In: **A Cinza do Purgatório**. Ensaios. Rio de Janeiro, Edição Casa do Estudante do Brasil, pp. 301–320.

CARVALHO, Márcio J. R. de. **O conceito de racionalidade e racionalização nos estudos histórico-comparados de sociologia da religião de Max Weber**: análise da literatura internacional. Florianópolis, 2010. Apresentação de painel no 20.º Seminário de Iniciação Científica da UFSC. Disponível em: <<http://formulario.pibic.ufsc.br/pub/ver/Resumo/67611>>. Acesso em: 09 dez. 2011.

CARVALHO, Márcio J. R. de. **O pensamento de Max Weber na literatura internacional**: um estudo temático da produção de seus comentadores a partir do Portal de Periódicos EBSCOhost. 2013. 135 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Curso de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia Política, Universidade Federal de Sta. Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/105023> Acesso em: 10 Ago 2020.

CARVALHO, Marcio J. R de. **Max Weber em dimensões temporal e espacial**: um relato de pesquisa sobre a repercussão do pensamento weberiano no período de 1934 a 2012 através do portal de periódicos EBSCOhost (Painel). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 17., 2015, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Sbs, 2015.

CARVALHO, Márcio J. R. de. **Caminhos da compreensão**: condicionantes sociointelectuais da recepção das obras de Max Weber no Brasil. 2016. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-graduação em Sociologia Política, Prog. de Pós-graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167721>>. Acesso em: 05 mar 2019.



CARVALHO, Marcio J. R. de. Max Weber no Brasil: subsídios e apontamentos para uma sociologia da recepção de obras intelectuais. CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA – SBS, 18., 2017, Brasília. GT01 – TEORIAS SOCIOLOGICAS: DESAFIOS PERENES E QUESTÕES EMERGENTES. São Paulo: Sociedade Brasileira de Sociologia – **Anais...** Brasília: Sbs, 2018. 20 p. Disponível em: <http://www.adaltech.com.br/anais/sociologia2017/busca.htm?query=marcio+de+carvalho> Acesso em: 12 ago. 2019.

CARVALHO, Márcio J. R. de. Max Weber fragmentado: apontamentos para análise da importação seccionada das ideias intelectuais. In: SEMINÁRIO DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DA UFSC, 1., 2018, Florianópolis. **Anais do I Seminário de Sociologia e Política da UFSC**: Ufsc, 2018. p. 466 – 483. Disponível em: <<http://ppgsp.posgrad.ufsc.br/files/2018/11/ANAIS-COMPLETOS-FINAL-compressed.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2020.

CARVALHO, Márcio J. R. de; VALARINI, Elizangela. A história da sociologia alemã e sua recepção no contexto brasileiro. **Em Tese**, v. 15, p. 07-18, 2018b. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/issue/view/2670> Acesso em 23 Jul 2022.

CARVALHO, Marcio J. R. de. Max Weber fragmentado: análise sobre a importação seccionada de ideias intelectuais. In: VASCONCELOS, Adaylson W. S. de (Org.). **A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019a. p. 01–15. Disponível em: <<https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/08/Ebook-A-Sociologia-e-as-Questoes-Interpostas-ao-Desenvolvimento-Humano.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2019. DOI: 10.22533/at.ed.3581914081.

CARVALHO, Marcio J. R. de. A sociologia da recepção de obras intelectuais: um estudo sobre fontes de tradução e *mindsets* que nortearam a importação das ideias de Max Weber. In: MOURA JR., Cosme O. (org.). **Os novos desafios da sociologia brasileira**. São Luís: Pascal, 2019b. Cap. 4. p. 62–80. ISBN: 978–65–80751–09–9. Disponível em: <https://editorapascal.com.br/wp-content/uploads/2019/11/SOCIOLOGIA-BRASILEIRA.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2021

CARVALHO, Marcio J. R. de. Max Weber: um tecelão de modernidades. In: GONÇALVES, Israel Ap. (org.). **Ensaio de Sociologia e Direito**: uma análise do Brasil contemporâneo no biênio 2019–2020. Joinville: Editora Areia, 2021. Cap. 1. p. 11–24. ISBN 978–65–86150–48–3 Disponível em: <https://amzn.to/3jzFztk>

CARVALHO, Marcio J. R. de. Um clássico fragmentado: Sobre a importação seccionada das ideias de Max Weber. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE

SOCIOLOGIA – SBS, 19., 2019c, **Anais...** Florianópolis. **Grupo de Trabalho 01:** Teoria Sociológica. Florianópolis: SBS, 2019. 20 p

CARVALHO, Marcio J. R. de. **Teorias da Globalização**. Indaial: Uniasselvi, 2020. 244 p. ISBN 978–65–5663–171–4 / ISBN Digital 978–65–5663–166–0.l

CATAÑO, G. Max Weber y la educación. **Espacio Abierto:** Cuaderno Venezolano de Sociología, Caracas, v. 13, Issue 3, p. 395–404, 1º jul. 2004. DOI: 10.1111/j.1467–9299.2011.01957.x.

CHACON, V. **Max Weber:** a crise da ciência e da política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

COHN, G. Alguns problemas conceituais de tradução em Economia e Sociedade. In: WEBER, Max. **Economia e sociedade**. 3. ed. Brasília: UnB, 2012 [1991], p. xiii–xiv.

COHN, G. Apresentação: o sentido da ciência. In: WEBER, M. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. Org. Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2010. p. 7–12.

COSTA, Sérgio. Teoria por adição. In: MARTINS, Carlos Benedito; MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza (Org.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Sociologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010, p. 25–52.

DAHLMANN, Dittmar. Max Weber und Russland. In: KAISER, Michael. ROSENBAACH, Harald. (Max Weber Stiftung, Alemanha) (ed.). **Max Weber in der Welt: Rezeption und Wirkung**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014. p. 81–102. ISBN 978–3–16–152469–1.

DESTRERI, L. G. Max Weber and the Sociology of Music. **Studi di Sociologia**, Roma, v. 20, Issue 1, p. 55–62.

DEUTSCHE BIOGRAPHIE. **Siegmund Hellmann**. 2020. (Em Alemão). Disponível em: <https://www.deutsche-biographie.de/sfz29535.html>. Acesso em: 16 mar. 2020.

DUNCKER & HUMBLOT. **Melchior Palyi**. 2019. (Em Alemão). Disponível em: [https://www.duncker-humblot.de/person/melchior-palyi-7394/?page\\_id=1](https://www.duncker-humblot.de/person/melchior-palyi-7394/?page_id=1) Acesso em: 05 dez. 2020.

DUNCKER & HUMBLOT. **Siegmund Hellmann**. 2020. (Em Alemão). Disponível em: [https://www.duncker-humblot.de/person/siegmund-hellmann-7299/?page\\_id=1](https://www.duncker-humblot.de/person/siegmund-hellmann-7299/?page_id=1). Acesso em: 05 dez. 2020.

ELIAESON, Sven. Max Weber – Made in the USA? **Ethics & Politics**, Uppsala, v. 37, n. 3/4, p. 1–31, jun. 2005. Também em: **Sociologisk Forskning**. Disponível em: [http://www.units.it/etica/2005\\_2/ELIAESON.htm](http://www.units.it/etica/2005_2/ELIAESON.htm). Acesso em: 7 out. 2019.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. São Paulo: Globo. 5. ed., 2012.

FERES JÚNIOR, João; JASMIM, Marcelo (org.). **História dos Conceitos: diálogos transatlânticos**. Rio de Janeiro: EDPUC–RJ/Loyola/IUPERJ, 2007.

FERRAZ, D. L. da S. Maurício, por Beatriz Tragtenberg: transcrição de palestra proferida por Beatriz Tragtenberg, em novembro de 2011, no I Simpósio Cátedra Maurício Tragtenberg. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 13, n. 150, p. 01–08, nov. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/marcio/Documents/GD.2014.2/1 A Dissertação/Recepção bibliográfica de Weber/Pesquisa/Mauricio Tragtenberg 2.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2015.

FÖLSTER, Max Jakob. **Max Weber in China. Ein Gespräch mit Max Jakob Fölster** [Max Weber na China. Uma conversa com Max Jakob Fölster]. 2020. *Max Weber Foundation* para o site *Hypotheses*. Disponível em: <https://maxweber.hypotheses.org/1134rg/1134>. Acesso em: 14 dez. 2020.

FREITAG, B. Florestan Fernandes: revisitado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 230–247, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n55/15.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. CASTRO e COSTA, Luís Cláudio.(Trad.) de. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2010 [1966].

GERTH, H. H.; WRIGTH–MILLS, C. Escorço Biográfico. In: **Ensaio de sociologia**. DUTRA, Waltensir (Trad.). 5. ed. [reimp.]. Rio de Janeiro: LTC, 2010. p. 03–22.

GORGÔNIO, Clóvis. **Os caminhos de Alceu Amoroso Lima**. 2012. Crônica publicada no Jornal da PUC em 18/05/2012, Edição 255. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/perfil/saudade/alceu-amoroso-lima-1893-1983>. Acesso em: 14 jun. 2018.

GROSSEIN, Jean-Pierre. Max Weber “à la française” ? : de la nécessité d’une critique des traductions. **Revue Française de Sociologie**: Editions Technip & Ophrys, [s. l.], v. 46, p. 883–904, 2005. Distribution électronique Cairn.info pour Editions Technip & Ophrys.. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-sociologie-1-2005-4-page-883.htm>. Acesso em: 30 out. 2020.

HANKE, E. **A obra completa de Max Weber – MWG**: um retrato. Trad. Sibele Paulino. Tempo soc., São Paulo, v. 24, n. 1, p. 99–118, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702012000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 28 ago. 2018.

HANKE, Edith. Max Weber in Zeiten des Umbruchs: zur aktualität und weltweiten rezeption eines klassikers. In: KAISER, Michael. ROSENBAACH, Harald. (Max Weber Stiftung, Alemanha) (ed.). **Max Weber in der Welt**: Rezeption und Wirkung. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014. p. 1–22. ISBN 978–3–16–152469–1.

HANKE, Edith. Max Weber Worldwide: The Reception of a Classic in Times of Change. **Max Weber Studies**, vol. 16, no. 1, 2016, pp. 70—88. Disponível em: [www.jstor.org/stable/10.15543/maxweberstudies.16.1.70](http://www.jstor.org/stable/10.15543/maxweberstudies.16.1.70). Accessed 22 Jul. 2020.

HANKE, Edith; HÜBINGER, Gangolf; SCHWENTKER, Wolfgang. **The genesis of the Max Weber-Gesamtausgabe and the contribution of Wolfgang J. Mommsen**. *Max Weber Studies* 12, no. 1, 2012. pp. 59–94. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/24579988>. Acesso em 19 Jun, 2021.

HELENA, L. (2014). A atuação de Alceu Amoroso Lima e de Mário de Andrade como intelectuais e críticos literários nos anos 20–30: ponto e contraponto no modernismo. **Letras De Hoje**, 19(3). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17571>.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Org. e intro. Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

HOLANDA, Sérgio B. de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995 [1936]. 22.<sup>a</sup> reimpressão.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. 3.0. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva Ltda, 2009. Versão digital correspondente à versão integral impressa. Desenvolvimento e concepção do software FL Gama Design Ltda.

ÍCONE EDITORA (Brasil) (ed.). **O direito na economia e na sociedade (Sinopse)**. 2021. Disponível em: <https://www.iconeeditora.com.br/direito-na-economia-e-na-sociedade-o-356.html>. Acesso em: 6 out. 2021.

KALBERG, Stephen. The Modern World as a Monolithic Iron Cage? Utilizing Max Weber to Define the Internal Dynamics of the American Political Culture Today. **Max Weber Studies**, vol. 1, no. 2, 2001, pp. 178–95, disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24579557> . Acesso em 16 Jul 2021.

KOSELLECK, R. **Uma História dos Conceitos**: problemas teóricos e práticos. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.134–146.

LA FUENTE, María Yolanda Ruano de. La Presencia de Max Weber en el pensamiento español: historia de una doble recepción. **Arbor**: Ciencia, Pensamiento y Cultura, [s. l], p. 545–566, 2007. Julio–Agosto. Disponível em: <http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/126>. Acesso em: 18 mar. 2020.

LALLEMENT, Michel. **História das idéias sociológicas**: das origens a Max Weber. 3. ed. Trad. Ephraim. F. ALVES. Petrópolis: Vozes, 2003. Volume I.

LALLEMENT, Michel. **História das idéias sociológicas**: de Parsons aos contemporâneos. 2. ed. Trad. Ephraim. F. ALVES. Petrópolis: Vozes, 2004. Volume II.

LEDER, Stefan. Max Weber in der arabischen Welt. In: KAISER, Michael. ROSENBAACH, Harald. (Max Weber Stiftung, Alemanha) (ed.). **Max Weber in der Welt**: Rezeption und Wirkung. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014. p. 23–31. ISBN 978–3–16–152469–1.

LEPSIUS, M. R. “Economia e sociedade”: a herança de Max Weber à luz da edição de sua obra completa (MWG). **Tempo soc.**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 137–145, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702012000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 dez. 2018.

LITOWITZ, D. Max Weber and Franz Kafka: a shared vision of modern law. **Law, Culture & Humanities**, v. 7, Issue 1, p. 48–65.

MARRA, Realino. Pietro Rossi e l'opera di Weber in Italia. **Sociologia del Diritto**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 183–193, jul. 2009. FrancoAngeli.

<http://dx.doi.org/10.3280/SD2009-001007>. Disponível em:  
<https://www.francoangeli.it/Riviste/Schedarivista.aspx?IDarticolo=36591>. Acesso em:  
14 nov. 2020.

MATA, S. da. **A fascinação weberiana: As origens da obra de Max Weber**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

MATA, S. da. Anos de aprendizagem de um jurista formado numa perspectiva histórica: Max Weber e o historicismo. **História da Historiografia**, v. 6, p. 64–80, 2011.

MATA, S. da. Modernity as fate or as utopia: Max Weber's reception in Brazil. **Max Weber Studies**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 51–69, 2016. Max Weber Studies.  
<http://dx.doi.org/10.15543/mws/2016/1/5>. Disponível em:  
<https://www.jstor.org/stable/10.15543/maxweberstudies.16.1.51?seq=1>. Acesso em:  
30 fev. 2017.

MATTEDI, M. **Sociologia e conhecimento**. Chapecó: Argos, 2006.

MERTON, R. K. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MICELI, S. Apresentação. In: SAPIRO, Gisèle. **Sociologia da literatura**. VALENTINO, Juçara (Trad). Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019a. 05-10 pp.

MISOCZKY, M. C. Homenagear Tragtenberg retomando as ideias e conceitos da matriz revolucionária. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 13, n. 150, p. 09–16, nov. 2013.

Mohr Siebeck GmbH & Co. KG. **Max Weber; Max Weber-Gesamtausgabe (MWG): alle bände. Alle Bände**. 2020. (Em Alemão). Disponível em:  
[https://www.mohrsiebeck.com/mehrbaendiges-werk/max-weber-gesamtausgabe-mwg-alle-baende-323700000?no\\_cache=1](https://www.mohrsiebeck.com/mehrbaendiges-werk/max-weber-gesamtausgabe-mwg-alle-baende-323700000?no_cache=1). Acesso em: 30 abr. 2020.

MOMMSEN, Wolfgang J. Max Weber's "Grand Sociology": the origins and composition of *wirtschaft und gesellschaft: soziologie*. **History and Theory**. Wesleyan University. Middletown (Connecticut), v. 39, n. 3, p. 364–383. 2000. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/0018-2656.00136>. Acesso em: 14 jun. 2021.

MOMMSEN, Wolfgang J. **Max Weber und die deutsche Politik: 1890–1920**. 2. ed. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1974 [1959].

MORALES MARTÍN, J. J. Max Weber en el Cono Sur (1939–1973). In: MORCILLO LAIZ, Álvaro; WEISZ, Eduardo. **Max Weber en Iberoamérica: nuevas interpretaciones, estudios empíricos y recepción**. México: Fondo de Cultura Económica, 2016. p. 607–634.

MORCILLO LAIZ, Álvaro; WEISZ, Eduardo. La relevancia para Iberoamérica de las interpretaciones sobre Max Weber. In: MORCILLO LAIZ, Álvaro; WEISZ, Eduardo. **Max Weber en Iberoamérica: nuevas interpretaciones, estudios empíricos y recepción**. México: Fondo de Cultura Económica, 2016. p. 19–46.

MORCILLO, Álvaro. Historia de un fracaso: intermediarios, organizaciones y la institucionalización de Weber en México (1937–1957). **Sociológica (Méx.)**, México, v. 23, n. 67, p. 149–190, agosto 2008. Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0187-01732008000200007&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0187-01732008000200007&lng=es&nrm=iso) Acesso em: 21 nov. 2020.

NORD, C. Lealdade em vez de fidelidade: proposta de uma tipologia funcional da tradução. KILIAN C. K. (Trad.). **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. especial, p. 9–24, 2016b. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4660665/mod\\_resource/content/1/NORD\\_Lealdade%20em%20vez%20de%20fidelidade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4660665/mod_resource/content/1/NORD_Lealdade%20em%20vez%20de%20fidelidade.pdf) Acesso em: 10 Jan. 2021.

OSSWALD–BARGENDE, Sybille, Unterwegs — Max Weber in Italien. **Akademie aktuell**. Revista da Bayerische Akademie der Wissenschaften (Academia de Ciências da Baviera), München, Caderno 1, 2014, S. 25—27. Disponível em: [https://BADW.de/fileadmin/pub/akademieAktuell/2014/48/0114\\_06\\_osswald.pdf](https://BADW.de/fileadmin/pub/akademieAktuell/2014/48/0114_06_osswald.pdf) Acesso em: 30 out. 2018.

OUÉDRAOGO, Jean Martin. Quelques considérations sur la réception de Max Weber en France. **Publié dans Sociologia Internationalis**, vol. 48, 2010, No. 1, pp. 29–63. On line. Disponível em <https://elibrary.duncker-humblot.com/journals/id/31/vol/48/iss/1331/art/4794>. Acesso em 04 abr. 2020.

PIERUCCI, A. F. **A ética e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José M. M. Macedo. Ed. Antônio F. Pierucci. 12. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PIERUCCI, A. F. Apresentação. In: WEBER, Max. **A ética e o “espírito” do capitalismo**. MACEDO, José M. M. (Trad.); PIERUCCI, Antônio F. (Ed.). 12. reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 2004b.

PIERUCCI, Antônio F. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo, Editora 34, 2004a.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Economia e sociedade: últimos achados sobre a “grande obra” de Max Weber. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 68, p. 41–51, 2008.

POLLAK, Michael. La place de Max Weber dans le champ intellectuel français. **Droit Et Société**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 189–201, 1988. PERSEE Program. <http://dx.doi.org/10.3406/dreso.1988.1000>. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/dreso\\_0769-3362\\_1988\\_num\\_9\\_1\\_1000](https://www.persee.fr/doc/dreso_0769-3362_1988_num_9_1_1000). Acesso em: 14 nov. 2020.

RICHTER, Melvin. Mais do que uma via de mão dupla: analisando traduzindo e comparando os conceitos políticos de outras culturas. In: FERES JÚNIOR, João; JASMIM, Marcelo (org.). **História dos Conceitos**: diálogos transatlânticos. Rio de Janeiro: EDPUC–RJ/Loyola/IUPERJ, 2007, p. 21–30.

RIJKS, Marlise. MAX WEBER IN THE AMERICAN JOURNAL OF SOCIOLOGY: a case of circulating knowledge. **Journal Of The History Of The Behavioral Sciences**, [S.L.], v. 48, n. 1, p. 55–63, jan. 2012. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/jhbs.21528>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/jhbs.21528>. Acesso em: 23 fev. 2017.

RINGER, Fritz K. **A Metodologia de Max Weber**: A Unificação das Ciências Culturais e Sociais. São Paulo: Edusp. 2004. 186pp.

RINGER, Fritz K. O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890–1933. São Paulo: Edusp. (Col. Clássicos). 2000.

RODRIGUES, José H. **História e historiografia**. Petrópolis: Vozes. 1976.

RODRIGUES, Leandro Garcia. Mário de Andrade e Alceu Amoroso Lima: correspondência, (des)harmonia e vida literária. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 154–214, 30 abr. 2014. Abr–Jun. Disponível em:



<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/15551/11360/>. Acesso em: 30 fev. 2019.

ROTH, Guenther. “Max Weber: Family History, Economic Policy, Exchange Reform. **International Journal of Politics, Culture, and Society**, Berna, n. 15, 2002, pp. 509–520. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-69922002000100005> Acesso em 14 Mai 2020.

ROTH, Guenther. Max Weber at Home and in Japan: on the troubled genesis and successful reception of his work. **International Journal of Politics, Culture, And Society**, Berna, v. 3, n. 12, pp. 515–525, 1999. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20019983>. Acesso em: 21 mar. 2019.

SAINT-PIERRE, H. L. **Max Weber**: entre a paixão e a razão. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

SAPIRO, G., HEILBRON, J.; Por uma sociologia da tradução: balanço e perspectivas. Dantas, M. P.; Costa, A. C. de S. (Trad.). **Graphos**, v. 11, n. 2, João Pessoa: Dez. 2009. pp. 13–28 — ISSN 1516–1536.

SAPIRO, Gisèle. ¿Cómo las obras literarias atraviesan fronteras (o no)? Una aproximación sociológica a la literatura mundial. **El taco en la brea**. No. 7, 182—194. 2018a. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/publicaciones/index.php/EITacoenlaBrea/article/download/7363/10789?inline=1> Acesso em: 12 nov. 2019. DOI: <https://doi.org/10.14409/tb.v0i7.7363>

SAPIRO, Gisèle. ¿Cuáles factores determinan la circulación internacional de los libros académicos? El ejemplo de traducciones entre inglés y francés en la era de la globalización. **En Contraportada**. No. 03, pp. 06–39. 2018b. Disponível em: <https://pt.calameo.com/books/00415073701c8d44b6b3d> Acesso em: 28 ago. 2019.

SAPIRO, Gisèle. Quels facteurs favorisent la traduction des livres de sciences humaines? Le cas des traductions de l’anglais en français et du français en anglais à l’heure de la mondialisation. **Palimpsestes**. No. 33, 1, pp. 19–42. 2019b. Disponível em: <http://journals.openedition.org/palimpsestes/3827> Acesso em: 30 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/palimpsestes.3827>

SAPIRO, Gisèle. **Sociologia da literatura**. VALENTINO, Juçara (Trad). Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019a

SAPIRO, Gisèle; LEPELIER, Tristan. Les agents de la globalisation éditoriale. Stratégies de conquête et de résistance. **Réseaux**, vol. 226–227, no. 02–03, 2021, pp. 127–153. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-reseaux-2021-2-page-127.htm> Acesso em: 17 out. 2021. DOI: 10.3917/res.226.0127.

SCAFF, Lawrence A. Max Weber in the United States. In: 1864–2014, Max Weber: a Contemporary Sociologist [Dossiê temático]. **Società Mutamento Politica**: Rivista Italiana di Sociologia vol. 5, n. 9, pp. 271–291, 2014 <https://doi.org/10.13128/SMP-14495> . Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/228549046.pdf> acesso em 16 Dez 2019

SCHLUCHTER, W. O desencantamento do mundo: a visão da modernidade em Max Weber. In: SCHLUCHTER, W. **desencantamento do mundo**: seis estudos sobre Max Weber. Trad. e Apres. Carlos E. Sell. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2014. p. 36–56.

SCHLUCHTER, W. Ideias, interesses e instituições: conceitos centrais de uma sociologia de orientação weberiana. In: SCHLUCHTER, W. **O desencantamento do mundo**: seis estudos sobre Max Weber. Trad. e Apres. Sell, Carlos E. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2104a. p. 57–87.

SCHLUCHTER, W. Ideias, interesses e instituições: conceitos centrais de uma sociologia de orientação weberiana. In: SCHLUCHTER, W. **O desencantamento do mundo**: seis estudos sobre Max Weber. Trad. e Apres. SELL, Carlos E. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2104. p. 57–87.

SCHLUCHTER, W. Os conceitos sociológicos fundamentais: a fundamentação da sociologia compreensiva de Max Weber. In: SCHLUCHTER, W. **O desencantamento do mundo**: seis estudos sobre Max Weber. Trad. e Apres. Sell, Carlos E. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2104b. p. 193–227.

SCHMITT, Silke. Roma. Relatório de Conferência: **Max Weber in Italien. Die Rezeption seines Werks nach 1945**. Roma: Deutsches Historisches Institut, 2006. Publicação: 2007. Disponível em: [www.hsozkult.de/conferencereport/id/tagungsberichte-1525](http://www.hsozkult.de/conferencereport/id/tagungsberichte-1525). Acesso em: 30 dez. 2020.

SCHÖGLER, Rafael Yann. **Die Übersetzung(en) Max Webers im sozialwissenschaftlichen Feld in Großbritannien. Was passiert, wenn soziologinnen soziologie übersetzen?** (Tradução (ões) de Max Weber no campo das ciências sociais na Grã-Bretanha: O que acontece quando os sociólogos traduzem a sociologia?) 2011. 112 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Filosofia,

Institut Für Theoretische Und Angewandte Translationswissenschaft, Franzens-Universität Graz, Graz, 2011. Disponível em: <https://unipub.uni-graz.at/obvugrhs/content/titleinfo/213338>. Acesso em: 16 mar. 2018.

SCHWENTKER, Wolfgang. **Japanische Kontroversen über Max Webers Protestantische Ethik**. In: KAISER, Michael. ROSENBAACH, Harald. (Max Weber Stiftung, Alemanha) (ed.). *Max Weber in der Welt: Rezeption und Wirkung*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014. p. 125–143. ISBN 978–3–16–152469–1.

SCHWINN, T. Klassikerdämmerung. 100 Jahre Max Weber im Kontext der Soziologiegeschichte und des aktuellen Zustandes unserer Disziplin. **KZfSS Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie**. 72, 351–381 (2020). <https://doi.org/10.1007/s11577-020-00709-9>

SCHWINN, T. Klassikerdämmerung. 100 Jahre Max Weber im Kontext der Soziologiegeschichte und des aktuellen Zustandes unserer Disziplin. **Köln Z Soziol**, 72, 351–381 (2020). <https://doi.org/10.1007/s11577-020-00709-9>

SEGRE, S. Understanding lived experience: Max Weber's intellectual relationship to Simmel, Husserl, James, Starbuck, and Jaspers. **Max Weber Studies**, v. 4, Issue 1, p. 77–99, 1º jan. 2004.

SELL, C. E. **Max Weber no Brasil: a interpretação do pensamento weberiano na pesquisa brasileira. Relatório de bolsa de produtividade em pesquisa 2010–2013**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2014. 51 p.

SELL, Carlos Eduardo. Weber no Século XXI: Desafios e Dilemas de um Paradigma weberiano. **Dados**, 57, p. 35–71, 2014.

SELL, Carlos. E. Imagens de Weber: esboço de uma tipologia das interpretações do pensamento weberiano. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Sbs, 2009.

SELL, Carlos. E. Leituras de Weber e do Brasil: da política à religião, do atraso à modernidade. **Cienc. Soc. Unisinos**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 241–248, dez. 2007.

SELL, Carlos. E. Max Weber e a sociologia da educação. **Contrapontos**, Itajaí, v. 2, n. 5, p. 237–250, maio/ago. 2002.

SELL, Carlos. E. Sistemática dos conceitos: entre ideias e interesses. In: SELL, Carlos. E. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis: Vozes, 2013b. p. 85–88.

SELL, Carlos. E. Teoria da modernidade. In: SELL, Carlos. E. **Sociologia clássica**. 4. ed. Itajaí: Ed. Univali, 2006. p. 187–217.

SELL, Carlos. E. Um paradigma weberiano? Anotações sobre um programa de pesquisa. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36., 2012, Águas de Lindoia. GT 24 — **O Pluralismo na teoria social contemporânea**. Águas de Lindoia: Anpocs, 2012. p. 1–38. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=8108&Itemid=76](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=8108&Itemid=76)>. Acesso em: 10 jan. 2013.

SELL, Carlos. E. A sociologia weberiana da ciência. **Política & Sociedade**, Florianópolis, Edufsc, v. 11, n. 20, abr. 2012b.

SOARES, G. A. D. Ascensão e queda do marxismo: os dados que saem dos livros. **Revista Insight Inteligência**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 59, p. 54–62, 10 dez. 2012. 4º trimestre. Versão modificada para publicação. Disponível em: <<http://www.insightinteligencia.com.br/59/PDFs/pdf3.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

SOUZA, J. Max Weber e a ideologia do atraso brasileiro publicado. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 38, 1998.

SOUZA, J. A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro. In: J. SOUZA (org.), **O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira**. Brasília, UnB, 1999.

SOUZA, J. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília, UnB, 2000.

SOUZA, J. Homem, cidadão: ética e modernidade em Weber. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 33, n. 32, p. 135–143, 1994.

STEINER, Philippe. L'Année sociologique et la réception de l'oeuvre de Max Weber. **European Journal of Sociology**, 33, pp 329–349.1992. doi:10.1017/S0003975600006494 Disponível em [http://journals.cambridge.org/abstract\\_S0003975600006494](http://journals.cambridge.org/abstract_S0003975600006494). Acesso em 08 Jun. 2020.

STRAZZERI, Victor. What Comes next in the Global Max Weber Reception? Call for Participation in the Young Weber Scholars Network. **Max Weber Studies** 16, no. 1 (2016): 89–99. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.15543/maxweberstudies.16.1.89>. Accessed 17 Feb. 2020.

TENBRUCK, F. H. La obra de Max Weber. En Morcillo Laiz, A. y Weisz, E. (Eds.), In: MORCILLO LAIZ, Álvaro; WEISZ, Eduardo. **Max Weber en Iberoamérica: nuevas interpretaciones, estudios empíricos y recepción**. México: Fondo de Cultura Económica, 2016. (pp. 47–93).

TOUMARKINE, Alexandre. The introduction of Max Weber thought and its uses in Turkey. National stakes and foreign actors. In: KAISER, Michael. ROSENBACH, Harald. (Max Weber Stiftung, Alemanha) (ed.). **Max Weber in der Welt: Rezeption und Wirkung**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014. p. 33–46. ISBN 978–3–16–152469–1.

TSAI, Po–Fang. The introduction and reception of Max Weber’s sociology in Taiwan and China. **Journal Of Sociology**, [S.L.], v. 52, n. 1, p. 118–133, 16 fev. 2016. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1440783315589152>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1440783315589152>. Acesso em: 14 jun. 2019.

TURNER, B. S. Max Weber and the spirit of resentment: the Nietzsche legacy. **Journal of Classical Sociology**, v. 11, Issue 1, p. 75–92, 3 jan. 2011. DOI: 10.1177/1468795X10391458

VIANNA, L. J. W. Weber e a interpretação do Brasil. **Novos Estudos CEBRAP** [Impresso], São Paulo, v. 53, p. 33–48, 1999.

VILLAS BÔAS, G. **A Recepção da Sociologia Alemã no Brasil**. Rio de Janeiro, Topbooks, 2006.

VILLAS BÔAS, G. K. A Recepção controversa de Max Weber no Brasil (1940–1980). **Rev. Dados** [on–line], v. 57, n. 1, p. 5–33. 2014.

VILLAS BÔAS, G. K. A recepção da sociologia alemã no Brasil: notas para uma discussão. **BIB — Revista de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, p. 73–80, 1997.

VILLAS BOAS, Glaucia. De Berlim a Brusque, de São Paulo a Nashville: a sociologia de Emílio Willems entre fronteiras. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(2):

171–188, 03 Nov 2010 [2000]. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pts/a/QjGctWSSLnrcTNLPmWBDNLL/?lang=pt>. Acesso em 16 Mai 2019.

WAIZBORT, L. Apresentação: Max Weber hoje. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 9–18, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702012000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000100001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 ago. 2018.

WANDY CZ, Piotr S. The polish question in the Nineteenth Century. **The United States and Poland**. Harvard University Press. Cambridge, 1980. pp. 58–103. ISBN 978-0-674-92685-1.

WEBER, Marianne. Prefácio à primeira edição. In: WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012a [1921]. p. xxxix–xi.

WEBER, Marianne. Prefácio à quinta edição. In: WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. (Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012 [1955]. p. xxxiii–xxxvi.

WEBER, Marianne. Prefácio à segunda edição. In: WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012b [1925]. p. xii.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1967. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. Sociologia). Apresentação da editora Pioneira (contracapa). Com “Introdução do Autor” (*Vorbemerkung*). Contém notas acrescentadas pelo autor na 2.<sup>a</sup> edição, de 1920, **GARS I**.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. 3. ed. Brasília: UnB, 1994.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. Trad. Augustin Wernet. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, G. (Org.). **Max Weber**: sociologia. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

WEBER, Max. O espírito do capitalismo, In: WEBER, M. **A ética e o “espírito” do capitalismo**. MACEDO, José M. M. (Trad.). PIERUCCI, Antônio F. (Ed. e Rev. Téc.). 12. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. Consideração intermediária. Teoria dos graus e orientações da rejeição religiosa do mundo. In: WEBER, Max. **Sociologia das religiões**. Trad. Osório P. Castro. Lisboa: Relógio D’Água, 2006. p. 317–358.

WEBER, M. Os letrados chineses. In: GERTH, H. H.; WRIGTH–MILLS, C. (Orgs.). **Ensaio de sociologia**. DUTRA, Waltensir (Trad.). 5. ed. [reimp.]. Rio de Janeiro: LTC, 2010. p. 288–306.

WEBER, Max. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: GERTH, H. H.; WRIGTH–MILLS, C. (Orgs.). **Ensaio de sociologia**. 5. ed. reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2010b. p. 226–249.

WEBER, Max. A psicologia social das religiões mundiais. In: WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2010c. p. 189–210.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012a. [1921]. 464 p.

WEBER, Max. Sociologia da Religião (tipos de relações comunitárias religiosas). In: WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012b. p. 279–418.

WEBER, Max. **Escritos Políticos**. (Org.) LASSMAN, P.; RONALD S. (Trad.) BARBOSA, R.; et all. São Paulo: LEVOIR, Marketing e Conteúdos Multimídia S.A / 2015. Folha de São Paulo. Direitos da tradução: Editora WMF Martins Fontes© Ltda. Edição 2015. 385p. (Folha Grandes Nomes do Pensamento, v. 19).

WEBER, Max. **Ética econômica das religiões mundiais**: ensaios comparados de sociologia da religião. Volume 1: Confucionismo e Taoísmo. Petrópolis: Vozes, 2016. Revisão técnica Antonio Flávio Pierucci e Gabriel Cohn. Com prefácio de Gabriel Cohn e Tradução Antonio Luz Costa e Gilberto Calcagnotto. ISBN 978–85–326–5119–8.

WEBER, Max. **Ética econômica das religiões mundiais**: ensaios comparados de sociologia da religião. Volume 3: Judaísmo antigo. Petrópolis: Vozes, 2019. Com prefácio de Gabriel Cohn e Tradução Tomas da Costa. ISBN 978–85–326–6124–1

WEBER, MAX. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Edição incluindo: Anticríticas, Igrejas e seitas na América do Norte. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. COSTA, Tomás da (Trad). Petrópolis: Vozes, 2020. ISBN 978–85–326–6124–1

WEI, Qingguang. A Sociology of Translation: from text world to life world. **Theory And Practice In Language Studies**, Finland, v. 4, n. 1, p. 88–92, 6 jan. 2014. Disponível em: <http://www.academypublication.com/issues/past/tpls/vol04/01/13.pdf>. Acesso em: 30 out. 2021.

WINCKELMANN, J. Prefácio à quinta edição. In: WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. (Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012. p. xxxiii–xxxvi.

WINCKELMANN, J. Prefácio à quarta edição. In: WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Barbosa. 4. ed. Brasília: Unb, 2012a [1955]. p. xxxi–xxxviii.

ZABLUDOVSKY, Gina. La Recepción de Weber en México (1939–1964). In: Zabludovsky, Gina (Org.) **Teoría sociológica y modernidade**: balance del pensamiento clásico. Ciudad de México, Edit. de la Universidad Nacional Autónoma de México y Plaza y Yaldés Editores, 1998. pp. 327–352. Disponível em: <https://alangrabsky.files.wordpress.com/2011/03/la-recepcic3b3n-de-max-weber-en-mc3a9xico.pdf> Acesso em 10 Jun. 2020

ZWEIG, Jason. The Man Who Called the Financial Crisis: 70 years early. **The Wall Street Journal**. Nova York, [on line]. 6 nov. 2010. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/SB1000142405274870440570457559638234><https://www.wsj.com/articles/SB100014240527487044057045755963823450852585085258>. Acesso em: 14 maio 2021.